A VIDA ALÉM DO VÉU

Reverendo G. VALE OWEN

A VIDA ALÉM DO VÉU

Reverendo G. VALE OWEN

Tradução de
LIFE BEYOND THE VEIL

© 2010 - Brasil

www.luzsspirita.org.br

A VIDA ALÉM DO VÉU

MENSAGENS DE ESPÍRITOS RECEBIDAS E ORDENADAS POR

Reverendo G. VALE OWEN

Índice

Prefácio
Como vieram as mensagens
Introdução - por Sir A. Conan Doyle

LIVRO I
OS BAIXOS PLANOS DO CÉU

I. OS BAIXOS PLANOS DO CÉU
II. CENAS MAIS BRILHANTES
III. DA TREVA PARA A LUZ
IV. A CIDADE E O REINO DE CASTREL
V. MINISTÉRIO ANGÉLICO
VI. MENSAGENS DE ASTRIEL

LIVRO II
AS ALTAS ESFERAS DO CÉU

I. INTRODUTÓRIO
II. HOMENS E ANJOS
III. O TERRENO E O CELESTE
IV. TERRA, O VESTÍBULO DO CÉU
V. A CIÊNCIA DOS CÉUS
VI. O DIVINO ETERNO PRESENTE
VII. OS ALTOS PLANOS DO CÉU
VIII. VINDE, VÓS ABENÇOADOS, E HERDAI

LIVRO III
O MINISTÉRIO DO CÉU

I. O MINISTÉRIO ANGÉLICO PARA A TERRA

II. O SAPATEIRO
III. COMUNICAÇÃO CONCERNENTE
IV. O MINISTÉRIO ANGÉLICO NAS ESFERAS INFERIORES
V. O SACRAMENTO DO CRISTO, DO CASAMENTO E DA MORTE
VI. CHEGADAS À VIDA ESPIRITUAL E UMA MANIFESTAÇÃO DO CRISTO VENCEDOR
VII. A DESCIDA E A ASCENSÃO DO CRISTO
VIII. EM DIREÇÃO À TERRA DA ESCURIDÃO. UMA MANIFESTAÇÃO DO CRISTO PIEDOSO E GLORIFICADO. UM CRISTO MENOR
IX. NA ESCURIDÃO MAIS PROFUNDA. A CIDADE DA BLASFÊMIA. A CIDADE DAS MINAS
X. O RETORNO AO TEMPLO DA MONTANHA SAGRADA. UMA MANIFESTAÇÃO DO RÉGIO CRISTO. O POVO DE BARNABÁS

LIVRO IV

OS BATALHÕES DO CÉU

I. O TEMPLO DO MONTE SAGRADO
II. ANJOS GÊMEOS - CRIANÇAS NATIMORTAS
III. A UNIVERSIDADE DAS CINCO TORRES
IV. ALGUNS PRINCÍPIOS DA CIÊNCIA CRIADORA
V. AS HIERARQUIAS CRIADORAS E O CRISTO CRIADOR - O HINO DE LAMEL - TERRA, MARTE E OUTROS PLANETAS - A ESFERA CRÍSTICA - PARÁBOLA: O GATO E O FUNILEIRO - O PURGAR NAS ESFERAS INFERIORES
VI. OS EXÉRCITOS CELESTES DO CRISTO - A GUARDA AVANÇADA - O ARAUTO - A PASSAGEM DO CRISTO EM DIREÇÃO À TERRA
VII. COMO OS BATALHÕES DO CÉU LIDAM COM: A CIÊNCIA TERRESTRE - RELIGIÃO - CRISTANDADE - O CRISTO DA TERRA - PARÁBOLA: VOVÓ E OS PLANETAS
VIII. POR QUE O CRISTO VEIO COMO HOMEM E NÃO COMO MULHER - O FUTURO DA FEMINIDADE - PARÁBOLA: O OURIVES E O DIAMANTE - A FEMINIDADE DO FUTURO - A MANIFESTAÇÃO CONTINUOU - O JOVEM CONQUISTADOR

E SUA AMADA
IX. A EVOLUÇÃO FUTURA DA TERRA - PSICOMETRIA CÓSMICA - PLANETAS ETÉREOS - MANIFESTAÇÃO DO CRISTO CONSUMADO - O HINO CÓSMICO DAS COISAS NOS CÉUS, E COISAS NA TERRA E COISAS DEBAIXO DA TERRA (Filipenses, 2, 10; Apoc. 5, 13)

LIVRO V
OS PLANOS EXTERIORES DO CÉU

Prefácio do Livro V

Primeira Parte - AS CRIANÇAS DO CÉU

I. INTRODUTÓRIO: PARÁBOLA DO DA ESTRADA DO REI
II. FESTAS NATALINAS: UM SANTUÁRIO CELESTE
III. FESTA DE JESUS MENINO
IV. REVERÊNCIA E SERVIÇO
V. O EPISÓDIO DA FONTE
VI. CRIAÇÃO E CRESCIMENTO
VII. COMO AS CRIANÇAS SÃO TREINADAS
VIII. JOGOS COM QUE AS CRIANÇAS BRINCAM
IX. A ESTRADA PARA O REINO DO CRISTO

Segunda Parte - OS PLANOS EXTERIORES DO CÉU

I. O PODER DE WULFHERE SUBJUGA A REBELIÃO
II. O HOMEM E SEU AMBIENTE
III. A COLHEITA DE UMA TRAGÉDIA NA TERRA
IV. DIAGNOSTICANDO OS RECÉM CHEGADOS DA TERRA
V. O POVO DA CLAREIRA
VI. AS RELIGIÕES DA TERRA: UMA CENA NO LEITO DE MORTE
VII. COMO UMA COLÔNIA PROGREDIU
VIII. CRESCENDO E CONSTRUINDO
IX. O TRABALHO NOS PLANOS ESCUROS
X. O FERREIRO FAZ MELHORIA
XI A VIDA DENTRO DA FORTALEZA

XII. FORA DOS LIMITES

GLOSSÁRIO

PREFÁCIO

Estes Escritos - transmitidos por escrita automática ou, mais corretamente, por escrita inspirada - apresenta quatro partes distintas, todas, entretanto, formando um todo progressivo. Foi bem evidentemente, tudo planejado anteriormente por aqueles que se incumbiram de sua transmissão.

O elo entre mãe e filho foi, sem dúvida, considerado como a via mais desejada pela qual se abririam as comunicações em primeira instância. Foram, portanto, minha mãe e um grupo de amigos que me transmitiram a primeira parte.

Em se provando que o experimento foi um sucesso, apresentou-se outro professor, chamado Astriel, um dos de maior graduação, de pensamento mais filosófico e melhor dicção. As mensagens transmitidas pelo grupo de minha mãe e Astriel formam o primeiro livro dos Escritos, Os Planos Inferiores do Céu.

Tendo passado por este teste, fui guiado por Zabdiel, cujas mensagens estão num nível superior àquelas narrativas simples de minha mãe. Estas formam Os Altos Planos do Céu.

A fase seguinte foi O Ministério do Céu, transmitido por aquele que identificou a si próprio como Líder, e seu grupo. Subsequentemente, ele parece ter assumido, mais ou menos, o controle exclusivo da comunicação. Aí, ele fala de si mesmo como sendo "Arnel". Sob este nome, sua narrativa, a qual forma o quarto livro, Os Batalhões do Céu, é o clímax do todo. Suas mensagens são de uma natureza mais intensa que qualquer outra precedente, as quais foram, evidentemente, preparatórias.

Será óbvio que, para se obter a verdadeira perspectiva, os livros devam ser lidos na sequência dada acima. De outro modo, algumas das referências nos volumes posteriores aos incidentes narrados anteriormente podem não

ficar bem claros.

No que concerne aos personagens na transmissão das mensagens: minha mãe passou para a vida maior em 1909, com 63 anos de idade. Astriel foi Diretor de uma escola em Warwick nos meados do século XVIII. Da vida terrestre de Zabdiel, sei pouco e nada certo. Arnel dá alguma explicação dele mesmo nos textos. Kathleen, que atuou como amanuense no lado espiritual, viveu em Anfield, Liverpool. Ela foi costureira e morreu com a idade de 28 anos, aproximadamente 3 anos antes de minha filha Ruby, a qual é mencionada no texto e que passou para o outro lado em 1896, com a idade de 15 meses.

Outubro, 1925.

G. Vale Owen

COMO VIERAM AS MENSAGENS

Há uma opinião generalizada de que os clérigos sejam pessoas muito crédulas. Mas nosso treino no exercício das faculdades críticas coloca-nos entre os mais difíceis de se convencer quando alguma nova verdade está em questão. Levou um quarto de século para que me convencessem: dez anos de que as comunicações espirituais eram um fato, e quinze de que o fato era legítimo e bom.

Desde o momento em que tomei esta decisão, a resposta começou a aparecer. Primeiro, minha esposa desenvolveu a capacidade da escrita automática. Aí, através dela, recebi ordens de que deveria sentar silenciosamente, lápis na mão, e externar quaisquer pensamentos que parecessem vir à minha mente, projetados ali por alguma personalidade exterior, e não consequentes do exercício de minha própria mente. A relutância retardou tudo por um longo tempo, mas finalmente senti que amigos estavam perto, e que queriam, muito seriamente, falar comigo. De nenhuma forma sobrepuseram ou compeliram minha vontade - isto teria resolvido o assunto rapidamente, tanto quanto posso compreender -, mas suas vontades eram mais claras ainda.

Senti finalmente que deveria dar-lhes uma oportunidade, porque estava tomado pelo sentimento de que a influência era boa, portanto, enfim, muito cheio de dúvida, decidi me sentar em minha batina, na sacristia, depois das vésperas.

As primeiras quatro ou cinco mensagens vagaram, sem rumo certo, de um assunto a outro. Mas gradualmente as sentenças começaram a tomar forma consecutiva, e finalmente obtive algumas que eram compreensíveis. Daquele tempo em diante, a desenvoltura melhorou com a prática. O leitor

encontrará o resultado nas páginas seguintes.
Outono, 1925

G. Vale Owen

***

Antes de começar a escrever, o senhor Vale Owen numerava uma quantidade de folhas de papel, que colocava diante dele, na mesa da sacristia. Então, usando uma pálida luz de vela para iluminar a primeira folha de papel, ele esperava, com o lápis em sua mão, até sentir as influências que o faziam escrever. Uma vez começada, a influência mantinha-se ininterrupta até que a mensagem daquela noite fosse concluída pelo comunicador. As palavras da mensagem vinham numa corrente que fluía e eram postas juntas como se o escritor estivesse tentando acompanhar o ritmo da comunicação que estava sendo impressa na mente dele. Uma reprodução de uma página dos escritos foi dada no volume I de "A Vida Além do Véu", que é "Os Baixos Planos do Céu".

H.W.E.

Sobre Zabdiel, que se comunicou

No transcurso destas comunicações, Zabdiel não deu indicações sobre quem teria sido durante sua vida na terra, ou em que período da nossa história ele viveu aqui. Ao senhor Vale Owen, ele sempre se apresentou como um amigo dele e guardião, e sua presença sempre foi atuante junto ao vigário de Orford.

Sou privilegiado por poder dar, pela primeira vez nestas notas, a história completa de uma experiência que aconteceu com uma jovem que ajudava nos serviços noturnos numa igreja paroquial de Orford, no Domingo de Ramos de 1917, e parece apontar diretamente a presença de Zabdiel nesta ocasião. Eu mesmo questionei profundamente esta jovem, Maria A., e sua

história conferia com o apelo expressado pelo senhor Vale Owen por Zabdiel nesta mesma noite, mostrando bem claramente o fato de que Zabdiel é que foi visto pela garota, ao vir ajudar o senhor Vale Owen em resposta ao seu apelo. Passo minha história através das notas do Senhor Vale Owen naquela hora, com suas próprias palavras:

"Depois do atendimento do Domingo de Ramos, 1917, uma garota de aproximadamente 18 anos veio a mim na sacristia. Sem preliminares, ela perguntou:

"Senhor Owen, existem anjos visíveis?"

Eu respondi, "Certamente, por quê?"

"Porque eu vi um deles."

"Quando?"

"Nesta noite, na igreja."

"Ela então, em resposta às perguntas seguintes, explicou que assim que eu entrei no púlpito, ela viu um anjo perto do brasão, e que passou por cima das cabeças dos congregados. À medida que ele passou, ele se voltou e sorriu - um lindo e doce sorriso - e parecia ir em minha direção no púlpito, e ali desapareceu. Esta foi a primeira experiência dela deste tipo, e com isso ficou muito chocada, não conseguindo se recobrar durante os trabalhos. Realmente, enquanto ele falava comigo, ainda tremia muito. Eu lhe disse então que se não tivesse dado lugar ao medo, ela provavelmente poderia tê-lo visto comigo no púlpito.

"Quanto à referência dela ao brasão, há seis deles em cada lado da nave, colocados em suportes. Os do sul têm a insígnia eclesiástica; os do norte têm as armas das famílias locais. O terceiro da arcada da capela do coral no sul está bem no meio da nave, o púlpito fica em frente a esta capela, no lado norte.

"O ocorrido que ela relatou interessou-me nesta noite em particular por causa da seguinte razão:

"Dado o trabalho extra por causa da guerra, eu estava me sentindo mal naquelas últimas semanas. O Domingo de Ramos é um dia cheio, na maioria das paróquias, e naquela noite eu estava me sentindo exausto. Como se aproximava a hora do sermão, comecei a temer que seria uma experiência penosa, e fiquei imaginando o que aconteceria. Depois de fazer minhas preces usuais, antes de me encaminhar ao púlpito, entretanto, fiz um apelo ao meu guia, Zabdiel. Disse-lhe que realmente precisava de sua ajuda porque não me sentia competente para um sermão sem minhas anotações, e estava com dores agudas. Por isso eu pedi a ele que me desse sua ajuda num grau especial naquela noite. O que aquela garota me disse, fez-me ter certeza de que meu apelo não foi em vão, e mostrou-me quem me trouxera a ajuda que eu já tinha certeza que chegara. Durante todo o tempo no púlpito, minhas dores cessaram por completo, e pregar não foi um esforço, afinal. A preocupação poderia explicar, mas o efeito não poderia ter sido tão marcante e instantâneo. Antes que Maria A. tivesse me contado, eu já tinha decidido que o efeito tinha sido muito grande demais para tal causa, e já havia agradecido a Zabdiel por ter acedido ao meu apelo."

***

Quando entrevistei Maria A. com referência à experiência exposta, fiquei muito impressionado pela óbvia honestidade da garota. Ela é uma garota típica classe operária baixa, ganhando sua vida em trabalho numa metalúrgica. Ela me contou que diante da visão do anjo, como ela classificou a visão, ela ficara tão profundamente apavorada que inclinou sua cabeça e se aconchegou numa amiga que estava ao seu lado, e não ousou levantar o olhar até que terminasse o trabalho. Por sua maneira de contar, está claro a mim que ela jamais esquecerá.

Uma mensagem de Zabdiel

No Sábado à noite, 31 de janeiro de 1920, a esposa do senhor Vale Owen recebeu uma mensagem pela prancheta, instrumento que foi operado por ela várias vezes e através do qual um número considerável de mensagens foram dadas de vez em quando, que provaram serem úteis e instrutivas ao senhor Vale Owen quando ele estava recebendo as diversas comunicações agora publicadas.

Esta ocasião era a véspera da publicação do primeiro escrito da série publicada no "THE WEEKLY DISPATCH". A mensagem foi soletrada por um apontador da prancheta, andando letra por letra do alfabeto, escrita na placa sobre a qual o instrumento era propelido. Passo-lhe exatamente como foi recebida; assim se lê:

"Zabdiel. Meu filho, seus escritos serão uma bênção ao mundo. Zabdiel abençoa-o. Meu filho, nós recentemente acertamos bastante, transmitindo-lhe o que pudemos, trabalhando silenciosamente com você. Quando eu transmiti aquelas primeiras comunicações, combináramos há muito o que teria de ser feito para que fossem publicadas. Longas horas de trabalho você me deu. Você pensa que eu o deixaria lutar a grande batalha sozinho? Mais alguma coisa de Zabdiel? Não tenho mais mensagens para transmitir exceto, que Deus abençoe a todos. As bênçãos de Deus estejam sobre você em seus esforços em passar a verdade ao mundo".

A realidade de Zabdiel

Durante a primeira semana de publicação dos Escritos no "THE WEEKLY DISPATCH", os pensamentos de milhares de pessoas estiveram focalizados em Orford. Esta vila quase insignificante tornou-se famosa em um dia, e estava destinada a ser conhecida pelo mundo. Ninguém percebeu isso mais que o senhor Vale Owen durante aquela semana monumental quando virou as costas mais uma vez para tudo o que era antigo, e viu com

sua própria visão que a vida jamais seria a mesma de novo. As controvérsias sobre os escritos já haviam começado a surgir por todo o país, e as malas postais para o Vicariato foram mais pesadas que as jamais recebidas na vila pacata de Lancashire. No meio desta nova condição das coisas, recebi uma carta do Vigário. Um documento escrito do fundo da alma de um homem que percebe a natureza da enorme tarefa diante dele, e de sua tremenda importância ao mundo. Eu a publico porque sinto que poderá ajudar aos muitos que lerão estas mensagens de Zabdiel pela primeira vez.

Extraído de carta endereçada para H. W. Engholm,

11 de fevereiro de 1920.

"Tenho pensado profundamente sobre as coisas há anos. Fiz isso, e resolvi. Estive lá embaixo, no Vale da Decisão, e lutei corpo a corpo com tudo por ali. Em algumas ocasiões, tudo era bem escuro. Mas agora saí de lá, e estou postado no topo da colina, sob a luz ardente do dia. Por fim, entreguei-me totalmente apenas para a Grande Causa, e qualquer sentimento pessoal não conta mais, de forma nenhuma, para mim. Por isso, não hesite nunca em me dizer o que fazer e eu o farei, feliz. Quando cheguei à nossa pequena igreja hoje de manhã, estava ainda bem escuro. Ajoelhei-me no meu cantinho, e ali havia tanta força espiritual espargida em torno, que tive que me levantar e andar para cima e para baixo na igreja, com palpitação. Finalmente fiz uma parada no coral e percebi algo. Era bem distinto e real.

"Todo o mundo espiritual em torno da Terra estava em movimento. Era imenso, como o oceano batendo contra rochas. Bem no alto estava Nosso Senhor, o Cristo. Ele estava austero e imóvel, mas olhava para baixo, em nosso caminho, e com Ele havia uma enorme hoste de guerreiros, todos prontos para a batalha, e alguns estavam ligados ao inimigo. Entre Ele e eu,

estava Zabdiel. Parado ali, ereto e alto - mais alto e mais majestático como jamais havia visto antes. Suas mãos estavam ao longo do corpo, cerradas e determinadas, enquanto vertia para baixo, em minha direção, uma corrente de poder e determinação que ele, por sua vez, parecia receber dos superiores. Durante todo este tempo as forças fluíram e caíram sobre ele e sobre mim, mas ele esteve bem calmo, bastante imóvel, como o Cristo. Como eu ainda estivesse ali, mas ainda com palpitação - porque o poder era realmente dominador - ele desceu gradualmente e ficou ao meu lado direito. Mas elevou-se sobre mim para que ficássemos juntos ali".

Ao Senhor Vale Owen, eu sei, a vida porvindoura é uma realidade vívida. Eles sentem que agora está levando adiante sua humilde tarefa em relação àqueles puros amigos anjos, cuja presença contínua fortalece-o e sustenta-o dia e noite, e ele continuará a fazê-lo até que seja chamado à presença do Cristo, a quem ele diariamente esforça-se a servi-lo como um servo fiel e amoroso.

W. E.

INTRODUÇÃO

Por Sir Arthur Conan Doyle

A longa batalha está próxima do fim. O futuro pode ser sondado. Pode ser retardado a muitos, e a muitos ser um desapontamento, mas o fim é certo.

Sempre pareceu certo àqueles que estão em contato com a verdade que, se os documentos inspirados das novas revelações realmente chegassem às mãos do público em massa, todos teriam ainda mais certeza, por sua beleza inata e pela racionalidade que varre para longe todas as dúvidas e todos os preconceitos.

Agora a publicidade mundial já os está levando a todos, tendo sido selecionados dentre eles os mais puros, os mais elevados, os mais completos, os mais dignos provindos da fonte. Verdadeiramente, a mão de Deus está aqui!

A narrativa está à sua frente, e pronta para falar por si própria. Não a julgue meramente pelo folhear das páginas, arrogantemente como isso poderia ser, mas note cada beleza que flui da narrativa e firmemente vai tomando volume até alcançar um nível de grandeza substancial.

Não censure por detalhes ínfimos, mas julgue-a pela impressão geral. Evite encarar algo indevidamente por ser tudo novo ou estranho.

Lembre-se de que não há narrativa na Terra, nem mesmo a mais sagrada de todas, que não deixaria de tornar-se ridícula pela extração de passagens de seu contexto e por se adensar o que é imaterial. O efeito total em sua mente e em sua alma é o único parâmetro para se julgar o alcance e poder desta revelação.

Por que Deus teria selado as fontes de inspiração de dois mil anos atrás? Que garantia temos nós, em qualquer lugar, para uma convicção tão

sobrenatural?

Não é infinitamente mais razoável que um Deus vivo continuasse mostrando uma força atuante, e aquele saudável socorro e a sabedoria que emanam d'Ele para fomentar a evolução e o poder, aumentados em compreensão por uma natureza humana mais receptiva, agora purificada pelo sofrimento?

Todas estas maravilhas e prodígios, estes acontecimentos sobrenaturais dos últimos 70 anos, tão óbvios e notórios que somente olhos fechados não os veriam, são triviais por si próprias, mas são sinais que chamaram à atenção nossas mentes materialistas e direcionaram-nas a estas mensagens, das quais estes escritos em particular podem ser tidos como sendo o mais completo exemplo.

Há muitas outras, variando em detalhes, de acordo com a esfera descrita ou a opacidade de seu transmissor, pois cada um dá toques de luz para maior ou menor intensidade, conforme vai passando a mensagem. Somente com espírito puro será possível que os ensinamentos sejam recebidos absolutamente puros, e então esta história de Céu deverá estar, podemos pensar, tão próxima a isto quanto a nossa condição de mortais permite.

E são subversivos às velhas crenças? Milhares de vezes, Não**!** Ampliam-nas definindo-as, embelezando-as, completando os vazios que sempre nos desnortearam, mas também, exceto aos pedantes de mente estreita para palavras esclarecedoras e que perderam o contato com o espiritual, são infinitamente renovadores e iluminados.

Quantas frases efêmeras das Velhas Escrituras têm agora sentido e formato palpável? Não começamos a entender aquela "Casa com muitas moradas" e perceber de Paulo "a Casa que não é feita por mãos", mesmo quando captamos algumas fugazes percepções daquela glória que a mente humana não concebeu nem sua boca pronunciou?

Tudo isto cessa de ser uma visão longínqua e torna-se real, sólida,

garantida, uma luz à frente enquanto singramos as águas escuras do Tempo, acrescentando uma alegria profunda a nossas horas de tristeza e secando a lágrima do pranto de dor ao assegurar-nos de que não há palavras que expressam a alegria que nos espera se formos apenas verdadeiros perante a Lei de Deus e nossos maiores instintos.

Aqueles que interpretam mal as palavras usadas dirão que Mr. Vale Owen obteve tudo de seu subconsciente. Podem tais pessoas explicar por que tantos outros tiveram a mesma experiência, num grau menos elevado?

Eu mesmo sintetizei em dois pequenos volumes a descrição geral do outro mundo, delineada por um grande número de fontes. Foi feita tão independentemente da narrativa de Mr.Vale Owen quanto sua narrativa foi independente da minha. Nenhum teve acesso possível ao outro. E ainda agora, enquanto leio esta, de concepção maior e mais detalhada, não encontro nem um simples ponto relevante no qual eu tenha cometido alguma incorreção.

Como, então, esta concordância é possível se o esquema geral não estiver baseado numa verdade inspirada?

O mundo precisa de uma força condutora mais poderosa. Tem sido regido por velhas inspirações da mesma forma que um trem anda quando a sua máquina é removida. É necessário um novo impulso. Se a religião tem sido um fator impulsor, então ela própria deveria ter se imposto no maior assunto de todos - os relacionamentos entre as nações, e a recente guerra teria sido impossível. Qual igreja há que se saia bem neste supremo teste? Não está manifesto que as coisas do espírito precisam ser restabelecidas e religadas aos fatos da vida?

Uma nova era está começando. Aqueles que estejam trabalhando por isto podem ser desculpados se sentirem alguma sensação de satisfação reverente à medida que veem as verdades pelas quais trabalharam e testificaram ganhando atenção mais ampla no mundo. Não é ocasião para

uma auto declaração, pois cada homem ou mulher que foi honrado por ter sido permitido a eles trabalharem por tal causa é bem consciente de que ele ou ela é nada mais que um agente nas mãos das invisíveis mas muito reais, amplas e dominadoras forças. E ainda, não seríamos humanos se não ficássemos aliviados ao vermos novas fontes de poder, e ao percebermos que a toda preciosa embarcação está segura, mais firme do que nunca, em seu curso.

Arthur Conan Doyle

LIVRO I - OS BAIXOS PLANOS DO CÉU

I - OS BAIXOS PLANOS DO CÉU

Terça, 23 de setembro de 1913.

Quem está aí?

Mamãe e outros amigos que vieram ajudar. Estamos progredindo muito bem, mas não podemos transmitir-lhe todas as palavras que gostaríamos ainda, pois sua mente não está relaxada e passiva como gostaríamos.

Diga-me alguma coisa sobre seu lar e sua ocupação.

Nossa ocupação varia de acordo com a necessidade daqueles a quem auxiliamos. É variado, mas dirigido para a elevação dos que ainda estão na vida terrena. Por exemplo, fomos nós que sugerimos a Rose a criação de um grupo de pessoas para virem auxiliá-la no caso de ela sentir qualquer perigo quando estivesse no quarto escrevendo enquanto movíamos sua mão, e este grupo está agora encarregado do caso dela. Ela não sente, às vezes, a presença deles próximos a ela? Ela deveria, porque eles estão sempre alerta ao seu chamado.

Sobre nosso lar. É muito brilhante e lindo, e nossos companheiros das esferas mais altas têm sempre vindo a nós para nos animarem a seguirmos em nosso caminho para frente.

Comentário de G. Owen: Ocorreu um pensamento em minha mente. Eles podem ver estes seres dos planos mais altos, ou acontece a eles o mesmo que conosco? Posso dizer que aqui e ali, ao longo destes registros, o leitor chegará a passagens que são obviamente respostas para meus pensamentos não expressos, usualmente começando com “Sim” ou “Não”. Ficando isso entendido, não haverá necessidade para que eu as indique, a menos que alguma ilustração em particular requeira.

Sim, podemos vê-los quando desejam que assim aconteça, mas depende do estado de nossa evolução e do próprio poder deles de servir a nós.

Poderia agora, por favor, descrever a sua casa, paisagens, etc.?

A terra aperfeiçoada. Mas é claro que realmente existe aqui o que chamam de quarta dimensão, de certa forma, e que nos impede descrevê-la adequadamente. Temos colinas, rios e lindas florestas, e casas também, e todo o trabalho daqueles que vieram para cá antes de nós, para deixarem tudo pronto. Estamos agora a trabalho, na nossa vez, construindo e arrumando para aqueles que ainda devem continuar sua batalha na terra, e quando vierem para cá encontrarão todas as coisas prontas e a festa preparada.

Contaremos a você uma cena que presenciamos não faz muito tempo. Sim, uma cena em nosso plano. Avisaram-nos que uma cerimônia iria acontecer numa certa planície não muito longe de casa, à qual deveríamos estar presentes. Era a cerimônia de iniciação de alguém que havia atravessado o portal do que chamamos preconceito, isto é, do preconceito contra aqueles que não eram de seu próprio modo de entendimento, e que estava para seguir para uma esfera mais ampla e plena de benefícios.

Fomos para lá, conforme o convite, e encontramos multidões chegando de todos os lados. Alguns vieram em... por que hesita? Estamos descrevendo literalmente o que vimos - carruagens; chame-as de outra forma, se quiser. Elas eram puxadas por cavalos, e seus condutores pareciam saber exatamente o que dizer a eles, já que não eram guiados com arreios como são na terra, mas pareciam ir para onde os condutores desejavam. Alguns chegaram a pé e alguns através do espaço por voo aéreo. Não, sem asas, que não são necessárias.

Quando estavam todos reunidos, formou-se um círculo; usavam roupagem de cor laranja, mas brilhante, não como aquele que se adiantou, o que estava para ser iniciado, ele usou a cor como você a conhece; nenhuma de nossas cores é conhecida, mas temos que lhe contar em nossa antiga linguagem. Aquele que havia sido seu guardião, então, levou-o pelas mãos e

colocou-o num outeiro verde no meio do espaço aberto, e orou. E então uma coisa linda aconteceu.

O céu pareceu ter intensificado sua cor - principalmente azul e dourado - e de fora dele desceu uma nuvem semelhante a um véu, mas que parecia ser feito de uma fina renda, e as figuras dominantes eram pássaros e flores - não brancos, mas todos dourados e irradiantes. Isto lentamente se expandiu e desceu sobre os dois, e eles pareceram se tornar parte dele, e ele deles, e, à medida que esvaneceu lentamente, deixou ambos mais belos que anteriormente - permanentemente belos, porque ambos haviam sido elevados para uma esfera mais alta de luz.

Então começamos a cantar, e, apesar de que não podíamos ver instrumentos, mesmo assim a música instrumental misturou-se com nosso canto e uniu-se a ele. Foi muito bonito, e serviu tanto para galardão aos que mereceram, como também um estímulo para os que ainda devem marchar no caminho que estes dois já marcharam. A música, como mais tarde descobri, vinha de um templo instalado fora do círculo, mas sem dúvida não parecia vir de nenhum ponto. Esta é uma qualidade da música por aqui. Frequentemente parece fazer parte da atmosfera.

Nem a joia faltou. Quando a nuvem saiu, ou dissolveu, nós a vimos na testa do iniciado, dourada e vermelha, e seu guia, que já tinha uma, usava a dele em seu ombro - ombro esquerdo - e percebemos que havia aumentado de tamanho e em brilho. Não sei como isso acontece, mas faço uma ideia, não o suficientemente definida para lhe contar, entretanto, e é difícil de explicar o que nós entendemos por nós mesmos. Quando a cerimônia acabou, todos nós nos separamos, indo para os nossos trabalhos novamente. Foi mais longa do que lhe descrevi, e teve um efeito muito encorajador em todos nós.

Acima da colina, no lado mais distante da planície onde estávamos, percebi uma luz intensificar-se e apareceu-nos um contorno lindo de uma

forma humana. Não penso que tenha sido uma aparição de nosso Senhor, mas de algum grande Anjo Mestre que veio para nos dar forças, e para cumprir Sua vontade. Sem dúvida alguns ali puderam ver mais claramente que eu, porque conseguiam ver, e também entender, na proporção do estágio
de evolução de cada um.

Não, meu menino, apenas pense por um momento. É de sua mente ou através dela, como dizem vocês? Quando você se sentou para escrever, como sabe, nada estava mais longe de seus pensamentos que isso, porque tivemos o cuidado de não o impressionar, e mesmo assim você saiu rapidamente com a hipótese de que nós o influenciamos. Não foi assim?

Sim, admito-o fracamente.

Muito bem. E agora sairemos... Mas não o deixaremos, já que estamos sempre com você, de uma forma que não pode compreender - mas deixaremos esta escrita, com nossa oração e bênçãos sobre você e os seus. Boa noite e até logo, até amanhã.

Quarta, 24 de setembro de 1913.

Suponha que quiséssemos pedir-lhe para olhar um pouco adiante, e tentasse imaginar o efeito de nossas comunicações, vistas a partir de seu atual estado mental. Pense, então, qual teria sido o resultado dos acontecimentos, se vistos de nossa esfera no mundo espiritual? Seria algo parecido com o efeito da luz do sol quando é projetada na bruma marítima, que gradualmente se esvai e a cena que ela envolvia torna-se mais clara à visão, e mais bela do que era quando foi sombriamente discernida através da bruma envolvente.

Assim é que nós vemos suas mentes e, mesmo quando o sol fugazmente ofusca e confunde mais do que clareia a visão, você sabe que no final será mesmo a luz, e no fim de tudo, a Luz em Quem não há escuridão jamais.

Mas a luz nem sempre conduz à paz, porém em sua passagem frequentemente cria uma série de vibrações que trazem destruição àquelas espécies de criaturas viventes que não foram criadas para sobreviverem à luz do sol. Deixe-as irem e, por você, siga em frente, e enquanto seguir, seus olhos vão tornar acostumados à luz mais intensa, à beleza maior do Amor de Deus, à verdadeira intensidade dela que, misturada como está, com a Sabedoria infinita, confunde os que não estão pertinentes a ela.

Agora, querido filho, escute enquanto contamos a você mais uma cena que muito nos alegrou aqui, nestas regiões da luz de Deus.

Estávamos passeando, pouco tempo atrás, num local bonito, numa floresta; e enquanto andávamos conversávamos um pouquinho, nada mais que um pouquinho, por causa da sensação musical que parecia absorver tudo o mais em seu sacro silêncio. Então, num caminho diante de nós, estava aquele que pudemos interpretar como sendo um anjo das esferas mais altas. Ele ali estava olhando para nós com um sorriso na face, mas nada dizia, então ficamos esperando que ele entregasse alguma mensagem para algum de nós em especial. Era isso mesmo, já que quando paramos e ficamos ali na expectativa, ele veio em nossa direção e, levantando o manto que usava - era da cor do âmbar - colocou seu braço e rodeou meu ombro e, colocando sua face em meu cabelo - já que ele era muito mais alto que eu - disse suavemente, "Minha criança, fui enviado a você por seu Mestre, em Quem você aprendeu a crer, e a estrada à sua frente é vista por Ele, mas não por você. A você serão dadas as forças necessárias para o que tiver que fazer; e você foi escolhida para uma missão que lhe é nova, em seu serviço aqui. Você poderá, claro, visitar estes seus amigos se desejar, mas agora deve deixá-los por um tempo, e eu lhe mostrarei sua nova moradia e as novas incumbências".

Então os outros se aproximaram em torno de mim, beijaram-me e seguraram minha mão na deles. Estavam tão contentes quanto eu - apesar

de que não seja a melhor palavra para ser usada em meu caso, não contém a paz suficiente. Depois de um tempo, depois que ele nos deixou falar e imaginar o que a mensagem significaria, veio em nossa direção mais uma vez e desta vez tomou-me pela mão e guiou-me para fora dali.

Andamos por um tempo e então senti meus pés deixarem o chão e seguimos pelo ar. Não estava com medo, pois era passado a mim um pouco de seu poder. Passamos por cima de uma alta montanha onda havia muitas localidades, e finalmente, depois de uma jornada bem longa, descemos numa cidade onde jamais tinha estado antes.

A luz não era ofuscante, mas meus olhos não estavam acostumados a tal grau de brilho. Entretanto, logo percebi que estávamos num jardim que cercava um amplo edifício, com degraus em toda sua frente, até ele que estava no topo de uma espécie de terraço. O prédio parecia todo de uma só peça de um material de vários matizes - rosa, azul, vermelho e amarelo - que brilhava como ouro, mas suavemente. Subimos, e na enorme portaria, sem nenhuma porta nela, encontramos uma linda senhora, elegante, porém não orgulhosa. Ela era o Anjo da Casa da Tristeza. Você cogita sobre a palavra usada neste contexto. Significa isso:

A tristeza não é dos que habitam aqui, este é o local dos que os auxiliam. Os tristes são os que estão na terra, e o encargo dos residentes nesta Casa é mandar a eles vibrações que terão o efeito de neutralizar as vibrações dos corações entristecidos na terra. Você deve entender que aqui temos que alcançar a profundidade das coisas e aprender as causas de tudo, e é um estudo muito profundo, aprendido apenas em estágios graduais, passo a passo. Eu, portanto, falo das causas das coisas quando uso a palavra "vibrações", como sendo a palavra que você melhor compreenderá.

Ela me recebeu muito gentilmente e levou-me para dentro, onde mostrou-me cada parte do lugar. Tudo era bem diferente de qualquer coisa da terra, por isso é bastante difícil de descrever. Mas posso dizer que toda a

Casa parecia vibrar com vida e responder às nossas vontades e nossa vitalidade.

Esta é, então, minha atual e recente fase de serviço, e muito promissora para mim. Mas apenas acabei de começar a entender que as orações que são trazidas a nós aqui e registradas, e temos as visões dos que estão em problemas - ou melhor, elas também são registradas, e nós as vemos ou sentimos, como aconteceram, e enviamos nossas vibrações em retorno. Isso com o tempo torna-se involuntário, mas requer um grande esforço no início. Penso que é assim. Mas mesmo o esforço tem um abençoado reflexo sobre os que trabalham desta forma.

Há muitos lugares por aqui, como aprendi, todos em contato com a terra, o que para mim pareceria impossível, só que, como os efeitos são também registrados e retornam a nós, fico sabendo de quanto conforto e ajuda enviamos. Fico em serviço pouco tempo de cada vez, e então saio e vejo as vistas da cidade e sua vizinhança. E toda ela é muito gloriosa, mais bela ainda que minha antiga esfera, a qual também volto a visitar, para rever meus amigos. Por isso você pode imaginar as conversas que temos quando nos encontramos. Dá quase que a mesma alegria que o trabalho em si. A Paz de Jesus nosso Senhor é a atmosfera em torno de nós. E esta é a terra onde não há escuridão, e quando a treva estiver no passado, querido, você virá para cá, e vou mostrar-lhe tudo isso - ou talvez possa tomar-me pela mão, como ele fez, e levar-me para ver o trabalho em sua própria esfera. Você está pensando que sou ambiciosa por você, querido rapaz. Bem, sou mesmo, e esta é a maternal... fraqueza, eu diria, ou até mesmo uma bênção?

Até logo, meu querido. Seu próprio coração é testemunha de que tudo isso é real, pois posso vê-lo brilhando feliz, e isso também é alegria para mim, sua mãe, meu querido filho. Boa noite então, e Deus manterá você e os seus em paz.

Quinta, 25 de setembro de 1913.

O que mais queremos lhe dizer esta noite é para ser entendido como uma tentativa imperfeita de transmitir-lhe do que é o significado daquela passagem da qual você sempre se lembra, onde nosso Senhor diz a São Pedro que ele é um adversário d'Ele. Ele, como você se recordará, estava a caminho da Cidade Santa, e esteve dizendo a Seus Apóstolos que seria assassinado ali. Agora, o que Ele evidentemente queria passar a eles era o fato de que, apesar de que para os homens Sua missão parecesse terminar em falha, ainda assim aos olhos que pudessem ver, como Ele faria que os deles vissem, Seu fim era apenas o começo de uma evolução muito mais poderosa e gloriosa da missão que lhe foi confiada pelo Pai, para a elevação do mundo.

Pedro, por sua atitude, mostrou que não entendera isso. Está tudo claro e simples o suficiente, pelo menos, para ser entendido. Mas o que está frequentemente fora da visão é o fato de que o Cristo estava seguindo uma linha reta de progresso, e Sua morte foi apenas um incidente em sua estrada progressiva, e que aquela tristeza, como o mundo a entende, não é a antítese da alegria, mas pode ser parte dela, porque, se corretamente usada, torna- se o fulcro no qual a alavanca pode se apoiar para aliviar um peso para fora do coração daqueles que entendem que tudo é parte de um planejamento de Deus para o nosso bem. É somente conhecendo o real "valor" da tristeza que compreenderemos o quão limitado é em seu efeito, enquanto nos faz infelizes. Bem, Ele estava por infligir aos apóstolos a maior das tristezas que Ele poderia e, a menos que eles entendessem isso, seriam incapazes de usarem a tristeza para elevarem-se a si mesmos acima da turbulência do mundo, e portanto, incapazes de realizarem o trabalhão que Ele tinha para eles cumprirem. "Sua dor deve ser convertida em alegria", disse-lhes Ele, e assim aconteceu, mas apenas quando eles aprenderam o valor científico da tristeza - apesar de que numa medida limitada, entretanto razoável.

Tudo isso soa muito simples quando está escrito deste jeito, e sem

dúvida é, de certa forma, porque todos os fundamentos da economia de Deus são simples. Mas para nós, e agora para mim, tem uma importância que pode não ser aparente a vocês. Pois o problema que é principalmente estudado na Casa na qual gasto a maior parte de meu tempo é este mesmo tema, isto é, transformar, ou converter, as vibrações de tristeza em vibrações que produzam alegria no coração humano. É um estudo maravilhoso, mas muitas dúvidas entram nele por causa das restrições impostas a nós pelo sagrado livre arbítrio. Nós não podemos derrogar o arbítrio de ninguém, mas temos que trabalhar através de suas vontades para produzirmos o efeito desejado e ainda deixá-los livres todo o tempo, e assim, irem merecendo, de uma forma e em certa medida, as bênçãos recebidas. Canso-me às vezes, mas passa, conforme vou me fortalecendo no trabalho. Qual é a sua pergunta? Penso que quer formular uma.

Não, obrigado. Não tenho nenhuma pergunta em particular em mente.

Não havia algo que queria perguntar sobre... algo a ver com o método pelo qual o impressionamos?

Realmente pensei em perguntar-lhe isso pela manhã. Mas havia esquecido. Suponho que não haja mais nada a ser esclarecido, não é? Eu chamaria de impressão mental.

Sim, é correto, tanto quanto alcance, mas não vai muito longe. Impressão mental é uma expressão que encobre muita coisa que não é compreendida. Nós impressionamos você através destas mesmas vibrações, algumas de natureza diversa das outras, todas direcionadas à sua vontade. Mas vejo que não está muito interessado neste tema agora. Retornaremos a ele, se quiser, em outra ocasião. Quero falar daquelas coisas que são de seu atual interesse.

Então conte-me mais sobre aquela sua Casa e sobre seu novo trabalho.

Então, muito bem, tentarei fazê-lo o melhor que puder. Ela é lindamente acabada, por dentro e por fora. Internamente temos banheiros e uma sala de

música e o aparato que nos ajuda nos registros de nossos trabalhos. É um lugar bem amplo. Chamei de casa, mas realmente é uma série de casas, cada uma destinada a um certo tipo de trabalho, progressivos como numa série. Passamos de uma a outra conforme aprendemos tudo o que podemos de cada uma delas. Mas tudo é tão magnífico que as pessoas não entenderiam, nem acreditariam; portanto prefiro contar-lhe de coisas mais simples.

Os terrenos são bem amplos, e todos têm uma espécie de relação com os prédios, uma espécie de sensibilidade recíproca. Por exemplo, as árvores são árvores verdadeiras, e crescem mais que as árvores da terra, e têm um relacionamento com os prédios, e tipos diferentes de árvores respondem mais a uma casa que outros, e ajudam no efeito e no trabalho para os quais aquela casa em particular foi construída. Assim é também com grupos de árvores nos bosques, e as flores nos canteiros dos caminhos, e os arranjo dos regatos e cachoeiras que são encontrados em diversas partes do local. Tudo isso foi pensado com imensa sabedoria, e o efeito produzido é muito belo.

A mesma coisa se obtém na terra, mas as vibrações lá são tão pesadas, comparativamente, tanto dos que emitem quanto dos que recebem, que o efeito é quase invisível. Apesar disso, assim é. Por exemplo, você sabe que algumas pessoas conseguem plantar com sucesso mais flores e árvores que outras, e que as flores permanecem vivas mais tempo em algumas casas - e suas famílias - que em outras; quero dizer das flores colhidas. Tudo isso aqui é a mesma coisa, de uma forma geral. Aqui estas influências são mais potentes em suas ações, e também os receptores são mais sensíveis na percepção. E isso, veja, é uma das coisas que nos ajudam em diagnósticos acurados dos casos que são registrados aqui a fim de que sejam lidados por nós.

A atmosfera também é naturalmente afetada pela vegetação e pelas construções, já que, deixe-me repetir, estas casas não foram construídas

meramente de forma mecânica, mas são o desenvolvimento - fruto, se preferir - da ação da vontade dos mais evoluídos na hierarquia destes reinos, e portanto de mais poderosa vontade criativa.

A atmosfera tem também um efeito em nossas vestimentas, e influencia as nossas próprias personalidades por seu efeito na textura e coloração. Desta forma, se fôssemos espiritualmente do mesmo grau, nossa roupagem seria da mesma cor e textura, por causa da influência atmosférica; de fato ela é modificada na mesma graduação em que nossas características diferem uns dos outros.

Também o matiz de nossas roupas muda de acordo com a parte do terreno em que estejamos. É muito interessante e instrutivo, e também muito bonito, vê-las variando de cor conforme percorremos uma estrada onde floresce vegetação diferente, ou onde o conjunto das várias espécies de plantas é diferente.

A água também é muito bonita. Vocês ouvem das ninfas das águas e sobre seres semelhantes, na vida terrena. Bem, posso dizer-lhe que, de certa forma, são reais. Todo o lugar é envolvido e interpenetrado com vida, o que significa criaturas viventes. Eu tinha alguma ideia disso na esfera de onde recentemente cheguei, mas aqui, assim que me acostumei a tudo que era estranho e novo por aqui, vejo tudo mais amplamente e começo a imaginar o que haverá em algumas esferas adiante. Pois o que se imagina deste lugar parece ser o máximo que um lugar poderia conter.

Mas, deixe estar. Ele, que é Quem nos favorece em uma parte de Seu maravilhoso reino, favorecer-nos-á em outra. Isto é um conselho a você, meu filho querido, com o qual eu o deixo agora, com minhas bênçãos.

Nota de George Vale Owen: Enquanto escrevia a primeira parte desta mensagem, não pude perceber a linha do argumento, que me parecia fraca e confusa. Ao lê-la por completo, entretanto, não posso mais dizer isso.

Tomando o que é dito das vibrações de tristeza como sendo meramente

uma sugestão sobre os “fundamentos”, e aplicando nisso alguns destes raciocínios como os da teoria que é aplicada na irradiação ondulatória de luz e calor, o resultado seria algo como:

Ao se lidar com aquela combinação de vibrações que causam tristeza, o método não é tanto o de substituição como o de reajuste. Ao direcionarmos à alma triste outras categorias de vibrações, aquelas de tristeza são, algumas delas, neutralizadas; e outras são modificadas e convertidas em outras vibrações, o efeito disso é alegria ou paz.

Vista dessa forma, a mensagem acima parece realmente ter significação, e pode talvez lançar alguma luz na forma pelos quais os problemas são realmente tratados na vida. Certamente parecem ser parte de um método divino, não que o aspecto exterior e as circunstâncias de tristeza devessem ser remediadas (exceto em casos extremamente raros), mas que outros elementos deveriam ser infundidos, os quais deveriam ter o efeito de converter a tristeza em alegria. Isto é apenas uma questão de observação diária. Para a mente não científica, parecerá que está se dando uma grande volta. A outros parecerá razoável sugerir que estas “outras vibrações” são vibrações reais de outra categoria ou “valores”.

A passagem referida está em João, 16, 20: “Eu vos afirmo, e esta é verdade chorareis e gemereis, enquanto o mundo se alegrará. Vós estareis na tristeza; mas vossa tristeza se converterá em alegria”.

Sexta, 26 de setembro de 1913.

Nossa última afirmação foi dada em resposta a um pedido de alguém de nosso grupo, para que tentássemos impressioná-lo numa forma mais profunda que antes, mas conseguimos apenas começar, como aconteceu, e não acabamos nossa explanação. Se a deseja, continuaremos no tema agora.

Sim, obrigado.

Então você deve, por uns momentos, tentar pensar conosco como se

estivesse do nosso lado do Véu. As coisas, você deve entender, aqui tomam um aspecto muito diferente do que elas têm quando são vistas a partir do plano terrestre, e um aspecto, temo, que os que ainda na terra desejam, pelo menos em muitos casos, que é usar um semblante de irrealidade e romance. E as mínimas coisas aqui são forradas com tanta dúvida pelos que são recém-chegados que, até que eles tenham perdido o hábito de pensar em termos tridimensionais, ficam impedidos de progredir para longe. E isso, creia-me, é assunto de muita dificuldade.

Agora, o termo "vibrações" deverá servir, mas está longe de ser adequado para as coisas materiais serem entendidas. Pois tais vibrações, como estas que mencionamos, não são meramente mecânicas quanto ao seu movimento e qualidade, mas têm nelas uma essência de vitalidade, e é dessa vitalidade que nos apropriamos e usamos. Esta é a ligação que conecta nossas vontades e a manifestação exterior em vibrações, já que é realmente isso que são todas elas. São apenas fenômenos da vida mais profunda que nos envolve e a todas as coisas. Com elas, como material básico, somos capazes de executar coisas, e construir coisas que têm uma durabilidade que o termo em si pareceria não corresponder.

Por exemplo, é por este método que a ponte sobre o abismo entre as esferas de luz e de trevas é construída, e aquela ponte não é toda de uma cor só. No lado mais distante ela está imersa na escuridão e, conforme vai emergindo gradualmente, em direção à região de luz, assume um matiz cada vez mais brilhante, e, onde ela está assentada nas alturas em que começam os planos mais luminosos, é o matiz de cor de rosa e raios de luz que a envolvem como uma prata rara ou ainda o alabastro.

Sim, claro, há uma ponte sobre o abismo. De outra forma, como poderiam sair aqueles que venceram os caminhos acima, através da escuridão? Verdadeiramente - e eu havia esquecido isso - há alguns que vêm dos terríveis reinos da escuridão, e escalam as regiões deste lado do abismo.

Mas estes são poucos, e são os obstinados que rejeitam ajuda e guia dos guardiães do caminho que ficam parados no lado mais distante, para mostrar a saída aos que se qualificaram a isso.

Também, devem saber, estes guardiães somente são visíveis a estas pobres pessoas na proporção em que a luz foi gerada em seus corações; e por isso uma certa cota de confiança é necessária se se entregarem à sua guarda. Esta confiança também acontece quando atingem uma mentalidade melhor, pela qual se tornaram, em certo grau, capazes de discernir entre luz e treva. Bem, as complicações do espírito humano são múltiplas e espantosas, portanto vamos a algo mais fácil de ser colocado em palavras. Eu acabo de chamar de ponte, mas.. eu deveria ter me referido a uma passagem, "A luz do corpo é o vosso olhar". Leia isso ligando a tudo, e verá que faz parte do caso, não somente na terra, mas dos daqui também.

Eu chamei de ponte mas, de fato, tem pouco a ver com uma ponte na terra. Estas regiões são muito vastas, e a ponte é mais uma variação do terreno que outra coisa a mais que eu pudesse pensar para expressar a você. E lembre-se de que eu apenas vi uma pequena parte destas esferas, e por isso conto a você da parte que conheço. Sem dúvida há outros abismos e pontes - provavelmente numerosos. Através do precipício, ou da ponte, então, aqueles que buscam a luz empreendem sua jornada, e a jornada é bem lenta, e há muitas casas de repouso onde eles podem descansar, de vez em quando, em sua viagem progressiva; mudam de um para outro grupo de anjos mantenedores, até que o último estágio entregue-os aqui deste lado. Nosso trabalho na casa, ou colônia, à qual agora pertenço, é também direcionado a estes espíritos que progrediram até aqui, tanto quanto aos da terra. Mas este é um departamento diferente do meu, atualmente. Ainda não fui tão longe em meus estudos. É mais difícil, porque as influências em torno dos que estão nas trevas aqui são muito mais danosas que as influências na terra, onde boas influências estão sempre se mesclando com

as más. Somente quando as pessoas carecentes e enfraquecidas chegam até aqui é que percebem a terrível tarefa diante delas, e este é o porquê de tantos permanecerem por tanto tempo numa condição de desesperança e desespero.

Quando estão a salvo sobre a ponte, eles são recebidos por esses nas encostas onde a grama e as árvores crescem, e ficam estupefatos pelo prazer, em vez de se prepararem gradualmente. Pois ainda não estão acostumados ao amor e sua doçura, depois das experiências adversas lá embaixo.

Eu disse que esta ponte se assentava nas alturas; falava comparativamente. O local da chegada é mais alto comparando com as regiões de escuridão lá embaixo. Mas, de fato, é região baixa; o plano mais baixo sem dúvida, da região celeste.

Você está pensando na "garganta profunda", ou precipício, "descritos" na Parábola. Está quase de acordo com o que lhe descrevi, e você já teve esta explanação em outro local. Também a razão pela qual estes que chegam fazem isso, em vez de atingirem este lado por viagem aérea, ou "voo", como talvez você chamaria, é porque eles não são capazes de completar a jornada desta forma por causa de sua fraca espiritualidade. Se eles tentassem isso, cairiam no vale escuro, perdendo então seu caminho.

Não fui longe nestas regiões escuras, mas fiz uma pequena parte do percurso, e a miséria que vi foi mais que suficiente por bastante tempo. Quando eu progredir no atual trabalho, e tiver por algum tempo ajudado estas pobres almas lá do ponto avantajado daquela casa, e tiver permissão, e provavelmente terei, irei mais adiante entre eles. Mas não é para agora.

Uma coisa mais eu posso dizer - já que por agora devemos parar. Quando eles surgem e chegam até a outra extremidade da ponte, devo dizer-lhe que o barulho que é ouvido, vindo por detrás deles, é horrível, e fagulhas vermelhas incandescentes são vistas. O que causa isso, não sou

capaz de explicar claramente, mas nos dizem que os gritos, uivos e lamentações, e também as fagulhas, são enviadas por aqueles que ficaram para trás, que ficam enraivecidos por sua impotência de recapturar o fugitivo, ou de retê-lo em sua fuga; porque o mal é sempre impotente diante do bem, mesmo que o bem seja bem pequeno ao final das contas. Mas não devo continuar mais por agora, e o que estou dizendo agora não é o que vi pessoalmente, mas ouvi dizer, que quer dizer, foi dado a você de segunda mão, mas é verdadeiro, apesar de tudo.

Boa noite, meu querido filho, e possa o Pai de Todos cobrir com Sua luz e paz a você e aos seus. Possa você ver luz na Sua luz, e o brilho daquela luz seja de uma aurora de paz.

Sábado, 27 de setembro de 1913.

Eu pediria aos meus amigos para que tentassem impressionar-me mais vividamente...

Quase não é necessário que tenhamos o cuidado de impressioná-lo mais vividamente do que já fizemos, pois direcionamos as mensagens da forma como as desejamos para ajudá-lo a conceber alguma coisa de nossas vidas, das condições que por aqui prevalecem. Apenas acrescentaríamos algo que precisa estar bem claro a você: é que quando chegamos até aqui, não estamos em nosso elemento próprio, mas num elemento que é natural a você e bruma para nós, e é através dela temos que trabalhar o melhor que podemos.

Vocês podem me ver enquanto estou aqui sentado escrevendo?

Realmente vemos você, mas com olhos diferentes dos seus. Nossos olhos não estão acostumados ao efeito da luz que vocês têm na terra. Nossa luz é de um tipo diferente, uma espécie de elemento interpenetrante pelo qual somos capazes de discernir o mais íntimo de sua mente, e é por ela que conversamos - com você mesmo, e não, é claro, com os seus ouvidos

exteriores. Por isso é você mesmo que vemos, e não seu corpo material, o qual é apenas uma vestimenta envolvente. Quando o tocamos, entretanto, você não sente o toque fisicamente, mas espiritualmente, e se deseja apreender nosso toque, terá que mantê-lo na mente e olhar mais profundamente que o corpo e o cérebro mecânico dele.

Você gostaria de saber algo mais sobre a forma que trabalhamos aqui e as condições em que usamos nossa vida. Não são todos os que vêm para cá que podem entender uma das verdades elementares que é necessário assimilar para se progredir: que Deus não é mais visível aqui do que na vida terrena. Esperam encontrá-Lo pessoalmente, e ficam muito desapontados quando lhes contam que esta é uma ideia errônea sobre a forma com que Ele age sobre nós. A vida e a beleza d'Ele são quase aparentes na terra para aqueles que conseguem olhar mais profundo que a aparência externa. Assim é aqui também, com esta modificação: a vida aqui é mais tangível, e mais fácil de ser percebida e usada por aqueles que estudam sua natureza, e em tudo em torno de nós ela palpita, e nós, estando num estado mais sensível, podemos senti-la mais que quando estivemos na vida da terra. Ainda mais, tendo dito isso de forma genérica, é verdadeiro dizer que, de vez em quando, manifestações da Presença Divina nos são dadas, quando por algum propósito em particular se faz necessário; e uma dessas, passo a contar-lhe agora.

Fomos chamados a uma parte desta região onde muitas pessoas deveriam estar reunidas, de diferentes credos, doutrinas e localidades. Quando chegamos, vimos que um grupo de Espíritos missionários havia retornado de seu período de compromissos numa região fronteiriça da esfera terrestre, onde estiveram trabalhando com almas recém- chegadas que não percebiam que haviam atravessado a linha demarcatória entre a terra e o mundo espiritual. Muitos eram luminosos, mas foram trazidos ao local para que se encontrassem conosco numa ação de graças, antes de

seguirem aos seus próprios planos. Eram de idade variada, já que os velhos não haviam progredido ainda para tornarem-se jovens e vigorosos novamente; os jovens não haviam atingido a idade plena. Todos estavam reunidos com muita expectativa, e, conforme os grupos destes novos companheiros nesta vida chegavam uns após outros, eles observavam maravilhados suas faces e as diferentes cores de roupagens usadas pelas várias ordens e hierarquias.

Aos poucos, ficamos todos reunidos e então ouvimos um acorde de música que pareceu nos invadir a todos, unindo toda esta multidão em uma só grande família. Então vimos uma grande cruz de luz aparecer. Parecia estar apoiada na encosta da grande montanha que delineava a planície e, enquanto a observávamos, ela começou a se desmanchar em centelhas de luz brilhante, e em pouco tempo percebemos que era uma enorme falange de anjos de uma esfera mais alta que ficou ali, formando uma cruz perto da montanha; tudo em torno deles cintilava em dourado, e podíamos sentir, mesmo à distância, suas cálidas emanações amorosas.

Gradualmente eles foram ficando mais nítidos para a nossa visão, conforme tornaram-se mais presentes neste ambiente inferior ao deles, e então vimos, parado na parte onde está o cruzamento dos dois braços da cruz, um Ser maior. Parecia que instintivamente todos sabíamos que era Ele. Era uma manifestação do Cristo naquilo que conhecem como Forma Presente.

Ele ficou ali, silencioso e estático, por algum tempo, e então levantou Sua mão direita ao alto, e vimos uma coluna de luz descer e ficar ali enquanto Ele ali a mantinha. A coluna era um caminho, e nele vimos outra falange descendo e, quando chegaram até o braço levantado, ali pararam e ficaram silentes com suas mãos cruzadas sobre o peito e cabeças inclinadas. Então a mão moveu-se até que tivesse rodeado tudo até embaixo, os dedos apontando a planície, e vimos a coluna estender-se em nossa direção a meia

altura, até que ligou o espaço entre a montanha e a planície, e a extremidade dela ficou sobre a multidão agrupada ali.

Ao longo desta coluna caminhou a falange que se tornara visível por último, e pairaram sobre nós. Abriram seus braços então, e todos vagarosamente voltaram-se em direção à montanha, e suavemente ouvimos suavemente suas vozes, uma parte declamando e outra cantando um hino de devoção a Ele Que ali estava, tudo tão belo e tão sagrado que primeiramente ficamos em silêncio. Mas depois nós também aprendemos suas palavras e cantamos, ou declamamos com eles; já que, evidentemente, era esse o propósito deles ao virem até nós. Enquanto cantávamos, elevou-se entre nós e a montanha uma neblina de matiz azulado que tinha um efeito muito curioso. Parecia agir como uma lente telescópica, trazendo a visão d'Ele para mais perto, até que pudemos ver a expressão de Sua face. Aquilo agia assim também nas formas daqueles que ficaram bem abaixo d'Ele. Mas nós não tínhamos olhos para eles, somente para a Sua face e forma, tão graciosas. Não posso descrever a expressão. Era um misto de coisas que as palavras não traduzem, a não ser em pequena parte. Havia mesclados o amor, a piedade, a alegria e a majestade, e eu senti que a vida era uma coisa muito sagrada, quando unia a Ele e a nós em um só laço. Penso que os outros sentiram a mesma coisa também, mas não nos falávamos, estando toda a nossa atenção voltada para a visão d'Ele.

Então, lentamente a neblina esvaneceu na atmosfera, e vimos a cruz na montanha e Ele como antes, apenas visto com mais dificuldade; e os anjos que haviam se aproximado de nós foram em embora, pairando agora sobre Ele. Então, gradualmente tudo sumiu. Mas o efeito foi um sentimento muito definido de Sua Presença muito atuante e perpétua. Talvez tenha sido esse o objetivo desta visão ser oferecida aos recém-chegados que, apesar de não poderem ver tão claramente como nós que estávamos aqui há mais tempo, mesmo assim puderam ver o suficiente para que os encorajasse e lhes desse

paz.

Ficamos por ali por mais algum tempo, e então, silenciosamente, seguimos nosso caminho, não conversando muito porque estávamos impressionados com o que havíamos testemunhado. E também, depois de todas estas manifestações sempre havia muito em que pensar. É tão glorioso que ninguém pode captar todo seu significado enquanto ela esteja acontecendo. Deve-se pensar sobre ela gradualmente; e conversamos entre nós sobre tudo, cada um dando suas impressões, e agrupando todas, descobrimos que uma revelação havia sido feita, sobre algo que não entendíamos muito bem. Naquele momento o que mais parecia haver nos impressionado foi o poder que Ele tinha de falar a nós silenciosamente. Não pronunciara uma só palavra, mas nos pareceu estarmos ouvindo Sua voz conversando conosco a cada movimento que fizesse, e entendemos muito bem o que a voz dizia, apesar de que realmente nada falara.

Isso é tudo o que lhe posso contar por agora, portanto, adeus, querido filho, e possa você ver, como realmente verá, um dia, o que nosso Senhor, tem guardado para aqueles que O amam.

Segunda, 29 de setembro de 1913.

A ideia de ver as coisas do ponto de vista de uma esfera mais elevada que a sua, é para que se dê o verdadeiro valor quando se lê o que acabamos de escrever. De outra forma, você estará sempre enganado pela aparência de incongruência na associação das ideias que temos lhe passado. A nós é perfeitamente normal unir a chegada de nosso Senhor com o outro evento da formação daquela ponte que é a expansão da grande região do precipício. O que lá é visto concretamente - isto é, claro, concretamente para nós aqui - é apenas um fenômeno do mesmo poder invisível pelo qual o Senhor e suas legiões angélicas cobriram a abóbada celeste entre a esfera na qual agora nos movemos e aquelas de onde vieram eles.

Você compreenderá que aquela manifestação foi, para nós, muito mais que uma materialização é, para vocês. Foi a ligação entre dois estados do Reino do Pai pela união no espaço através das vibrações mais elevadas do que as que podemos usar nestas esferas mais baixas. Como tudo acontece, nós apenas podemos imaginar, mas, ao passarmos de sua esfera terrestre para esta, a conexão entre esta e a próxima não parece estranha.

Desejamos que você pudesse ser melhor esclarecido ao observar algumas das maravilhas de nosso plano, pois então tudo lhe pareceria mais natural, tanto em sua jornada na terra, quanto também quando vier para cá e nada soar estranho em sua mente. A primeira coisa que veria é que a terra é o embrião do céu, e que o céu é apenas a terra purgada e aperfeiçoada; e em seguida veria que as razões são bem óbvias.

Para ajudá-lo neste assunto, portanto, tentaremos contar-lhe de um sistema que temos aqui para separar e discernir entre as coisas que importam e as de menor importância. Quando estamos com alguma dúvida - e falo apenas de nosso círculo imediato - vamos ao topo de algum edifício, ou montanha, ou algum lugar elevado de onde possamos avistar as terras distantes que nos cercam. Então, expomos nossas dificuldades, e quando acabamos de completar o raciocínio, ficamos em silêncio por um tempo, esforçando-nos por retratar tudo dentro de nós, da forma como as coisas são. Depois de algum tempo começamos a ver e ouvir algum lugar mais alto que o nosso, e vemos que as coisas importantes são as que nos mostram, pela visão e audição, que ainda persistem naquele plano mais elevado, naquelas esferas mais altas. Mas não ouvimos ou vemos as coisas que não importam tanto, e é desta forma conseguimos separar uma categoria de outra.

Parece tudo certo, querida, mas poderia dar-me um caso mais específico, a fim de exemplificar?

Penso que sim. Tivemos que lidar com uma dúvida, e não sabíamos

como agir da melhor forma. Foi sobre uma mulher que estava aqui por um bom tempo e não parecia capaz de progredir muito. Não era má pessoa, mas parecia ser insegura a respeito de si mesma e de todos os que a cercavam. Sua principal dúvida era sobre os anjos - se eles eram todos de luz e bondade, ou se alguns eram de um estado angelical e outros da escuridão. Por algum tempo não conseguimos ver o porquê disto estar perturbando-a tanto, já que tudo por aqui parecia ser amoroso e brilhante. Mas descobrimos que ela tinha alguns parentes que haviam vindo para cá antes dela, e a quem ela não vira e não conseguia encontrar seu paradeiro. Quando descobrimos o principal problema dela, discutimos entre nós e fomos ao topo da colina, colocando nosso desejo de ajudá-la e pedindo que nos fosse mostrada a melhor maneira. Uma coisa memorável aconteceu, tão inesperada quanto útil.

Quando ficamos ajoelhados ali, todo o topo da colina pareceu tornar-se transparente e, enquanto estávamos ajoelhados, com as cabeças inclinadas, enxergamos diretamente através dela, e uma parte das regiões abaixo foi trazida a nós muito nitidamente. A cena que vimos - e todos nós a vimos, portanto não poderia ser ilusão - era numa planície obscura, árida e nua, e, encostado numa rocha, estava um homem de alta estatura. Diante dele, ajoelhada no chão, com as faces cobertas pelas mãos, havia uma outra pessoa. Era um homem, e parecia estar implorando algo ao outro, que continuava ali, com aparência de estar em dúvida. Então, finalmente, num impulso súbito, ele se abaixou e levantou em suas costas aquele que estava ajoelhado e o conduziu pela planície, em direção ao horizonte onde refulgia a luz pálida do crepúsculo.

Ele andou uma longa jornada com aquela carga e então, quando chegaram a um lugar onde a luz era mais forte, ele o largou e apontou um caminho a ele; então vimos que este agradeceu muito e muito, então voltou-se e correu rumo à luz. Nós o seguimos com nossos olhos, e então vimos

que lhe havia sido apontado o caminho da ponte, da qual já lhe falei - na extremidade que está no outro lado do precipício. Ainda não entendíamos por que esta visão estava sendo mostrada a nós, e continuamos seguindo o homem até que ele alcançou o enorme prédio que está no começo da ponte - não para guardá-la, mas para auxiliar os que chegam até ali, necessitando de descanso e ajuda.

Vimos que o homem havia sido observado pelo guardião, pois um facho de luz sinalizou-o aos que estavam embaixo, mostrando-o ao guardião seguinte, ao longo da ponte. E então a colina reassumiu seu aspecto normal de novo, e nada mais foi visto por nós.

Estávamos perplexos, mais que antes, e estávamos descendo a colina quando nossa Senhora Diretora veio ao nosso encontro, e em sua companhia estava alguém que parecia um alto servidor de alguma parte de nossa esfera, mas que não havíamos conhecido ainda. Ela disse que ele veio para nos explicar a instrução que acabáramos de receber. Aquele homem menor era o marido da mulher a quem estávamos tentando ajudar, e deveríamos dizer a ela que fosse até a ponte, pois lhe seria dado alojamento ali, onde então poderia esperar até que seu querido chegasse. O homem mais alto que vimos era o que a mulher chamou de anjo das trevas, já que ele era um dos mais poderosos Espíritos nos planos trevosos. Mas, conforme observamos, ele era capaz de uma boa ação. Por que, então, perguntamos, ele ainda estava nas regiões de trevas?

O servidor sorriu e respondeu, "Meus queridos amigos, o Reino de Deus Nosso Pai é um lugar muito mais maravilhoso do que podem imaginar. Vocês jamais se defrontaram ainda com um reino ou esfera que fosse completo por si mesmo, independente e separado dos demais. Nem há nenhum assim. Aquele anjo trevoso mescla, em si, muitas esferas de conhecimento, bondade e maldade. Ele permanece onde está, primeiro por causa da maldade remanescente nele, que o incapacita para as regiões de

luz. Ele permanece ali também porque ele poderia progredir se quisesse, mas mesmo assim ele não o deseja por enquanto, em parte por causa de sua obstinação, e parte porque ele ainda odeia a luz, e acha que os que partem para a horrível montanha são loucos, pois a dor e as agonias são mais intensas ali, em razão do contraste com o que veem entre a luz e a escuridão. Então ele fica, e há multidões como ele, a quem uma espécie de desespero embrutecedor e estonteante impede de seguirem adiante. Também em suas horas de raiva e loucura, ele é cruel. Ele torturou e maltratou algumas vezes este mesmo homem a quem vocês viram com ele, e o fez com a crueldade de um fanfarrão covarde. Mas, como viram, isto foi superado e quando o homem implorou nesta última vez, alguma corda sensível no coração do outro vibrou um pouquinho só, e, num impulso, temendo uma reversão em suas intenções, liberou sua vítima que desejou empreender a jornada, e apontou-lhe o caminho, sem dúvida pensando em seu coração no quanto ele era estúpido e contudo, talvez, um estúpido mais inteligente que ele, afinal de contas".

Isso era novidade para nós. Não percebêramos antes que havia bondade naquelas regiões de trevas; mas agora vimos que era natural que assim fosse, ou, se todos ali fossem totalmente ruins, nenhum deles jamais desejaria estar conosco deste lado.

Mas o que tem a ver tudo isso com o discernimento entre as coisas que importam e as que têm menor importância?

Tudo que é do bem é de Deus, e a luz e a treva, quando aplicadas aos Seus filhos, não são, e não podem ser, absolutas. Elas devem ser entendidas como relativas. Há, como sabemos, muitos "anjos das trevas" que estão na escuridão por causa de algum desvio em seu comportamento, algum traço de obstinação que os previne contra o que é bom dentro deles, fazendo esse efeito. E estes, um dia, podem nos ultrapassar na estrada das eras, e, no Reino dos Céus, tornarem-se maiores que nós, que hoje somos mais

abençoados que eles.

Boa noite, meu querido filho. Pense sobre o que escrevemos. Tem sido uma lição proveitosa a nós, e seria bom que muitos em sua vida atual pudessem aprendê-la.

II - CENAS MAIS BRILHANTES

Terça, 30 de setembro de 1913.

Dificilmente você compreenderia tudo o que sentimos quando chegamos à terra desta maneira, comungando com alguém que ainda caminha em sua estrada através do vale. Sentimos que somos mais privilegiados, pois, uma vez que sejamos capazes de convencer as pessoas do quanto têm em suas mãos para usarem na evolução da raça, parece não haver fronteiras para as possibilidades do bem e da ilustração. Apesar disso, somos capazes de fazer pouco, e devemos ficar felizes até que outros venham cooperar conosco, como você fez, sem medo, sabendo que nenhum mal pode sobrevir àqueles que amam a Deus, e servem-No por Seu Filho, nosso Senhor Redentor.

Para ajudar aqueles que ainda duvidam de nós, de nossa mensagem e missão, deixe-me dizer que não saímos de nossas lindas casas para descer para as brumas que envolvem a terra por nada. Temos uma missão e um trabalho em curso, e alguém deve cumpri-la, e nos alegramos por fazê-lo.

Há pouco tempo atrás - se usarmos a linguagem da terra - fomos mandados a uma região onde as águas eram captadas num grande lago, ou bacia, e em torno do lago, à alguma distância de cada lado, foram erigidos alguns prédios enormes com torres. Eles eram de arquitetura e projetos variados, e não eram construídos com apenas um material. Jardins espaçosos e bosques circundavam-nos, alguns deles de milhas de extensão, e plenos de lindas flora e fauna, a maioria com espécies conhecidas na terra, mas também com o que seria estranho a vocês agora, apesar de que acho que uma parte deles já viveu um dia na terra. Isso são detalhes. O que quer explicar-lhe é o propósito destas colônias.

Elas são para nada mais que a composição de músicas e manufatura de

instrumentos. Os que vivem ali entregam-se aos estudos da música e suas combinações e efeitos, e não somente ao que você conhece como som, mas também em outras conexões. Visitamos várias das casas maiores, e encontramos faces sorridentes e felizes a nos cumprimentar e nos mostrar o lugar; e também para nos explicar o que somos capazes de entender, e francamente confesso que não era muito. Aquilo que eu pessoalmente entendi, tentarei explicar a você.

Uma casa - ou colégio, já que eles eram mais colégios que fábricas, pelo que vi - era devotada ao estudo do melhor método de inspiração musical infundida aos que, na terra, tinham o talento para a composição; e outra casa dava mais atenção aos que eram aptos à música tocada, e outras à cantada, e ainda outros faziam um estudo especial da música sacra, e outros de concertos, e outros de composição de óperas, e assim por diante.

Os resultados de seus estudos eram tabulados, e ali suas funções acabam. Estes resultados são estudados de novo por outra classe, que considerará o melhor método de comunicá-los aos compositores musicais em geral, e então outro corpo fará o real trabalho da transmissão, através do Véu, para a esfera da terra. Aqui são apontados a eles os objetivos de seus esforços, isto é, os que provam estar mais prontos para corresponderem à sua inspiração. Estes foram cuidadosamente selecionados por outros que são treinados para esta seleção. Tudo está em perfeita ordem; dos colégios em torno do lago até a igreja, ou o hall de concertos, ou a casa de óperas na terra, há uma corrente de trabalhadores treinados que estão constantemente ativos, dando à terra um pequeno presente de sua música celestial. E é assim que todas as suas melhores músicas chegam até vocês... Sim, você está bem certo. Muito de suas músicas não é nosso, e muito é alterado em sua passagem. Mas isso não é culpa dos trabalhadores destas esferas, mas fica na porta dos que estão do seu lado do Véu, é destes deste lado que são de regiões escuras, a quem o caráter do compositor lhes permite obscurecer

aquilo que vem de nós aqui.

Para que serviam as torres?

Eu já ia lhe explicar isso.

O lago é muito extenso, e os prédios estão a alguma distância dele, por todos os lados. Mas algumas vezes, previamente combinados, os trabalhadores de alguns destes colégios, alternadamente, mandam certos conjuntos para o alto da torre e, quando estão reunidos, então um concerto, literalmente digno do nome, acontece. Eles todos ensaiam alguma coisa já previamente combinada entre eles. Em uma torre estarão os instrumentos de uma categoria; em outra delas, outra categoria, e na terceira, os vocalistas; e em outra, outra classe de vocalistas; pois há muitos tipos, não somente quatro, como é usual a vocês, mas muitos tons de vozes. E outras torres são destinadas a outros trabalhadores cujas funções reais não pude entender. Pelo que percebi, alguns deles eram especialistas em harmonizar o todo, ou partes, do volume do som combinado das diferentes torres.

Mas quero continuar na descrição do fato em si - o concerto ou festival, ou seja lá o nome que queira dar. Fomos levados a uma ilha no meio, e ali, numa linda paisagem de árvores, gramado e flores, terraços e bosquetes de árvores, pequenos recantos e bancos de madeira ou pedra, ali ouvimos o festival.

Inicialmente veio um acorde, longo e sustentado, ficando cada vez mais intenso, até que pareceu invadir toda a paisagem e as águas, e cada folha de cada uma das árvores. Era o tom dado aos músicos das várias torres. Tudo ficou imerso em silêncio e parecia estático. Então, gradualmente, ouvimos a orquestra. Vinha de muitas torres, mas não podíamos reparar em nenhuma parte em separado. Estava em harmonia perfeita, e o equilíbrio era sublime.

Então os cantores iniciaram sua parte. Nem vou tentar descrever esta música das esferas celestiais na linguagem terrena, mas posso talvez ser capaz de dar-lhe alguma ideia do efeito. Resumidamente, tudo se fez mais

pleno de amor - não só de beleza, mas de amor também - pois há uma diferença entre estas duas palavras conforme as uso aqui. Todas as nossas faces tomaram uma expressão e matizes de um amor maior, e as árvores ficaram com as cores mais profundas, e a atmosfera lentamente ficou como num vapor de tonalidades, como um arco íris. Mas este vapor nada escondia, em vez disso parecia aproximar tudo. A água refletia as tonalidades do arco íris, e nossa roupagem também
intensificou-se em suas cores. Além disso, os animais e os pássaros sobre nós correspondiam. Lembro-me especialmente de um pássaro branco. Suas peninhas leitosas ficaram cada vez mais brilhantes e, quando o vi pela última vez antes que voasse para um cantinho, brilhava como ouro cintilante, como uma luz transparente, ou fogo. Então, quando esta neblina esvaneceu vagarosamente, todos nós, e tudo, voltamos ao normal mais uma vez. Mas o efeito perdurou, e se eu pudesse dar um nome a ele, eu diria "paz".

Esta, então, é uma pequena experiência que tive na Casa da Música. Aquilo que ouvimos será novamente discutido de novo, e de novo, por conselhos de pessoas experientes, um pouquinho alterado aqui, um pouquinho alterado ali, e então será dado um uso àquela peça; talvez em algum recital de ação de graças por aqui, ou alguma recepção de espíritos chegados da vida terrestre, ou alguma outra função. A música entra em muitas fases de nossa vida aqui e, na verdade, tudo parece musical nestas esferas de luz - música e cores misturadas e beleza, tudo exalando amor entre todos, e a Ele Que nos ama de uma forma que não somos capazes de amar. Mas Seu amor nos leva adiante e, conforme seguimos, ele está em tudo em torno de nós, e devemos inspirá-lo na respiração, assim como a beleza de Sua Presença. Não temos outra escolha, já que Ele é Tudo em Tudo por aqui, e amar traz um deleite que só entenderá quando estiver onde estamos, e ouvir o que ouvimos, e tiver visto a beleza de Sua Presença,

suspirando e cintilando em tudo em volta, e atrás, quando aprendemos um pouquinho mais de Seu amor.

Seja forte e viva a valente vida, já que no final valerá a pena, conforme já soubemos.

Boa noite, querido rapaz, e lembre-se que, algumas vezes, durante seu sono nós poderemos fazer-lhe lembrar, nem que seja um leve eco, daquela música pelo seu ambiente espiritual, e não ficará sem o efeito na sensação de sua mente em seu dia seguinte, na vida e no trabalho.

Quarta, 1 de outubro de 1913.

O que dissemos na última noite, relativo à Casa de Música, foi apenas um esboço de tudo o que ouvimos e vimos; e fomos apenas em partes da localidade. Fomos informados, entretanto, de que tem uma extensão maior do que imaginamos naquela ocasião, e estende-se distante, do lago até as montanhas que cortam a planície onde está o lago. Nestas montanhas há outros colégios, tudo interligado com aqueles que vimos através de uma telefonia sem fio, e continuamente há um trabalho em cooperativa.

Em nosso caminho de volta às nossas casas, voltamo-nos para observar outra novidade. Era uma plantação de árvores muito grandes, dentre elas fora construída uma outra torre, não uma simples coluna, mas uma série de salas e saguões, com pináculos, torres e cúpulas de variadas colorações. Tudo isto estava em um edifício apenas, que era muito alto e espaçoso. Foi-nos mostrado com muita cortesia e bondade por um habitante dali, e a primeira coisa que nos chamou à atenção foi o aspecto curioso das paredes. O que havia do lado de fora que aparecia opaco, do lado de dentro era translúcido e, conforme andamos de aposento a aposento, de saguão em saguão, percebemos que a luz que havia em cada um era levemente diferente no matiz do anterior - não de uma cor diferente, já que a variação não era tão marcante, porém apenas uma suave nuance mais profunda ou

mais iluminada.

Na maior parte dos compartimentos menores, a luz era de um matiz definido e delicado, mas de vez em quando, depois de passarmos por um conjunto completo de compartimentos, chegávamos a um enorme saguão e, nele, as colorações das salas em torno agregavam-se ali. Não estou certa se sou exatamente correta ao dizer que todos os aqueles laboratórios menores apenas emanavam uma coloração, mas conto-lhe tão próximo quanto possível do que me lembro. Foi tanta coisa que vimos que é difícil separar em detalhes, e foi a minha primeira visita. Por isso não me permito nada mais que uma real descrição do plano geral.

Um destes grandes saguões era o Saguão Laranja, e nele estavam todas as graduações daquela cor primária, desde o mais esmaecido dourado ao mais profundo tom da cor de laranja profundo. Outro era o Saguão Vermelho, onde os matizes estavam nos ambientes em torno de nós, desde a cor de rosa pálido ao carmim das rosas e das dálias. Outro, o Violeta, era radiante em suas tonalidades que iam do mais delicado heliotropo, ou ametista, ao rico matiz escuro do amor perfeito. E agora devo dizer-lhe que não haviam alguns mais, mas muitos mais destes salões dedicados a estas tonalidades que vocês nem conhecem, mas chamam de ultravioleta e infravermelho, e quão lindas são...

Estas irradiações não se mesclam em apenas uma só cor, mas cada tonalidade ficava distinta em sua graduação, apesar de harmonizada maravilhosa e lindamente.

Você está conjeturando a respeito do propósito destes prédios de cristal. Eles estão ali para se estudar o efeito das cores quando aplicadas aos diferentes departamentos da vida animal, vegetal e mesmo na vida mineral, mas principalmente as duas primeiras, juntamente com as coberturas. Pois tanto a textura como o matiz de nossas vestimentas adquirem suas qualidades do estado espiritual e do caráter daquele que a usa. Nosso

ambiente é parte de nós, assim como de vocês, e a luz é um componente, e muito importante, de nosso ambiente. Portanto é muito poderoso em seu uso, sob certas condições, como vimos nestes painéis.

Dizem-me que os resultados destes estudos são levados aos que são encarregados das árvores e outras partes da vida vegetal, da terra e de outros planetas. Mas há outros resultados que são de tipo refinado demais para tais aplicações no ambiente como um todo na terra e em outro planeta, por isso, claro, somente uma parte muito pequena destes estudos são enviados para vocês.

Sinto só poder falar muito pouco mais, em parte por causa destas mesmas limitações, e em parte porque é muito científico e fora de meu alcance. Mas posso acrescentar isso, que perguntei enquanto estive lá: Eles não agrupam as cores primárias em um salão, naquela colônia. Não sei o porquê. Pode ser, como pensam alguns amigos meus, que entendem destes assuntos mais que eu, que a força gerada por tal combinação seria coletivamente tremenda demais para aquele prédio e requereria uma construção especial, e esta, provavelmente, em alguma montanha distante, se fosse possível, disseram- me eles, pois nenhuma vegetação cresceria no raio de uma longa distância dali. Disseram ainda que eles duvidavam que pessoas do grau em que nos encontramos pudessem controlar com segurança as forças que seriam geradas deste modo. Eles acham que para isso é necessário que sejam pessoas de grau e hierarquia mais elevados. Mas longe daqui, em outra esfera mais alta pode ser, e provavelmente é, o lugar onde isso é realizado, e o lugar está em contato com o que vimos. Julgando pela forma que as coisas são ordenadas aqui, isso é quase certeza.

Deixamos a colônia, ou universidade, como poderia ser chamada, e quando estávamos já a alguma distância na planície, onde poderíamos ver a cúpula central sobre as árvores, nosso guia, que tinha vindo conosco para nos encaminhar, pediu-nos que parássemos e víssemos uma pequena

surpresa de despedida que o Diretor havia prometido nos fazer. Observamos e nada vimos, e, depois de momentos, olhamos para o nosso guia, questionando. Ele sorriu, e nós olhamos de novo.

Naquela hora um do nosso grupo disse: "De que cor era a cúpula quando paramos aqui?" Alguém disse, "Acho que era vermelho." Mas ninguém tinha certeza. De qualquer forma, estava tinta de dourado, então dissemos que iríamos observar. Logo ficou verde, e não havíamos percebido a mudança, tão gradual e suave era a passagem feita de uma cor a outra. Isso aconteceu por algum tempo, e foi extremamente lindo.

Então, subitamente a cúpula desapareceu. Nosso guia disse-nos que ainda estava lá no mesmo lugar, mas o desaparecimento era um dos fatos que conduziram a que acontecesse, pela combinação de certos elementos da luz dos vários saguões. Então, sobre a cúpula e as árvores - estando a cúpula ainda invisível - apareceu uma enorme rosa cor de rosa, que lentamente tornou-se carmim, e por entre todas as suas pétalas apareceram formas de crianças brincando, e homens e mulheres em pé, ou andando e conversando juntos, belos, lindos e felizes; e faunos, antílopes e pássaros, correndo, voando ou deitados entre as pétalas, cujas formas ondulavam como colinas, montes e paisagens. Sobre estas ondulações, as crianças brincavam com os animais, saltitando divertida e alegremente. E então, todos eles lentamente desapareceram, e tudo ficou vazio. Mostraram-nos vários destes quadros enquanto estivemos lá.

Outro era uma coluna de uma luz que brilhava verticalmente de onde sabíamos que estava a cúpula, e permanecia ereta nos céus. Era de uma luz branca a mais límpida, e tão intensa que parecia sólida. Então saiu um raio de um dos saguões e, obliquamente, alcançou suavemente o lado da coluna. Então veio de outro saguão outro raio, de uma cor diferente - vermelho, azul, verde, violeta, laranja; iluminado, sombreado ou profundo, de todas as cores que você conhece, e algumas que não são conhecidas de vocês - e

todas elas foram lançadas sobre a coluna branca, bem no meio do céu.

Então vimos as linhas oblíquas de luz tomando forma, e elas lentamente tornaram-se cada uma avenida com casas, edifícios, castelos, palácios, bosques de árvores, templos e todas as variações disto, tudo ao longo dos amplos caminhos. E por eles vieram multidões de pessoas, algumas a pé, algumas a cavalo, e outras conduzindo carruagens. Todos em um raio de luz estavam com uma cor única, mas em múltiplos matizes dela. Era maravilhoso vê-los. Eles se aproximaram da coluna e permaneceram a uma pequena distância em torno dela.

Então, o topo da coluna lentamente foi se abrindo, como um lindo lírio branco, e as pétalas começaram a se enrolar sobre si mesmas, e mais baixo, cada vez mais baixo, até que se espalharam pelo espaço entre as pessoas e a coluna. Então a base da coluna começou a fazer o mesmo, até que formou uma plataforma de forma circular, da coluna até os lugares distantes que as ruas onde estavam as pessoas alcançavam.

Aí eles puderam mover-se adiante. Mas agora mesclaram-se, e seus cavalos e equipamentos, cada um retendo sua própria cor e tonalidade, mas misturados ao resto. Então percebemos que estávamos observando para uma grande multidão de pessoas felizes e amáveis, reunidas como para uma festa ou um festival, num enorme pavilhão de luzes multicoloridas. Seus matizes estavam agora refletidos contra o teto e o chão, ou pavimento, e o mais bonito era a irradiação de tudo aquilo. Eles se acomodaram lentamente em grupos, e percebemos que o centro da coluna foi transformado em colunas de um enorme órgão, e entendemos o que devíamos esperar.

E tudo começou logo mais - um grande acorde musical, vocal e instrumental, um grande *Gloria in excelsis* a Ele Que habita na luz que é como escuridão a Seus filhos, da mesma forma que nossa escuridão fica como luz quando Ele nos envia uma raio do Seu poder presente; porque Onipotente é o Rei Cuja Luz é vida a Seus filhos, e Cuja glória está refletida

na luz que pudermos suportar. Cantavam algo como isso, e então também tudo aquilo sumiu. Eu esperava que eles voltassem sobre seus passos ao longo dos caminhos, mas estes foram retirados, e aparentemente não eram mais necessários.

Seu tempo está esgotado, querido filho, assim, com pena, devemos parar, com nosso amor de sempre a você, meu querido, e aos que o amam e aos seus, como os amamos. Deus esteja com você, Aquele Que é Luz, e em Quem a escuridão não encontra espaço para ficar.

Quinta, 2 de outubro de 1913.

"Digam aos filhos de Israel que eles sigam em frente". Esta é a mensagem que colocaríamos a você agora. Não fique para trás no caminho, porque a luz é projetada ao longo dela para lhe mostrar o caminho e, se se mantiver firme em sua fé no Pai de Todos e em Seu querido Filho, nosso Senhor, não deverá temer desvios.

Escrevemos isso por conta de certas dúvidas ainda pendentes em você. Você sente a nossa presença, sabemos, mas nossas mensagens ganharam tal complexidade que parecem mais contos de fada do que reais. Saiba, então, que nenhum conto de fada jamais escrito poderá igualar as maravilhas destes Reinos Celestes, ou as belezas neles contidas. Além disso, muitas das descrições que você lê nos livros de contos, sobre os cenários e construções, não são diferentes de muitas coisas que vimos por aqui nestas paragens maravilhosas. Só pudemos aprender muito pouco, mas, por esse pouco, ficamos convencidos de que nada que esteja na imaginação criativa de um homem, enquanto estiver na vida terrena, pode se igualar às glórias que esperam por seu intelecto imaginativo quando ele largar seu corpo terrestre, com suas limitações, e encontrar-se livre sob a luz do Mundo Espiritual.

Agora, o que tentamos contar-lhe esta noite difere de nossas primeiras mensagens, e tem mais ligação com a natureza essencial das coisas que com

os fenômenos da vida, conforme nos são expostos para nossa instrução e prazer.

Se um homem pudesse se postar aqui, em cima de algum dos picos elevados que povoam nossa paisagem, ele teria visões bem estranhas e desconhecidas. Por exemplo, ele provavelmente observaria primeiramente que o ar é límpido, e que a distância tem um aspecto diferente do que tem na terra. Nada pareceria longe do mesmo jeito, pois, se ele desejasse deixar o pico no qual estava, para ir a algum ponto próximo do horizonte, ou mesmo além, ele o faria através de sua vontade, e isso dependeria da qualidade daquela sua vontade, ou de sua natureza, se ele iria rapidamente ou não; e também de quão distante ele poderia penetrar nas regiões que estejam além das várias cordilheiras e cuja atmosfera -suponho que devamos usar a palavra- é de qualidade mais rarefeita que aquela na qual ele atualmente habita.

É por conta disso que nós nem sempre vemos aqueles mensageiros que vêm até nós, vindos das altas esferas. Eles são mais vistos por alguns que por outros, e somente ficam realmente e definitivamente visíveis quando eles condicionam seus corpos para emergirem para a visibilidade. Agora, se andarmos bastante na direção deles - isto é, na direção de suas casas - sentiremos uma exaustão que nos desgasta ao penetrarmos muito, apesar de que alguns podem ir mais adiante que outros.

Agora, estando naquele pico, o observador perceberia que o firmamento não é exatamente opaco à visão, mas com uma certa espécie de luz, porém luz de uma qualidade que se intensifica conforme a distância da superfície da paisagem aumenta. Alguns conseguem ver mais longe que outros para dentro desta luz; e veem ali seres e cenas acontecendo que outros menos evoluídos não conseguem.

Também ele veria, em torno dele, habitações e edifícios de espécies variadas, alguns dos quais descrevi. Mas, para ele, esses prédios não são

meramente casas, ou locais de trabalho, ou colégios. Em cada estrutura ele perceberia nem tanto o caráter dela, mas o caráter dos que a construíram e dos que ali habitam. São permanentes, mas não com a permanência cansativa da terra. Podem ser reformados, modificados e adaptados, em suas cores, forma e material, conforme as necessidades requiserem. Elas não precisam ser demolidas para então o material poder ser usado na reconstrução. Lida-se com o material enquanto o edifício está em pé. O tempo não faz efeito em nossas construções. Elas não ficam decrépitas ou decaídas. A sua durabilidade depende simplesmente das vontades de seus donos e, portanto, tanto quanto eles desejem, o prédio ficará em pé, e será alterado conforme sua vontade.

Outra coisa que notaríamos seria bandos de aves vindos de longa distância, e indo, com precisão perfeita, a algum lugar particular. Há pássaros mensageiros treinados na terra, mas não como esses são treinados. Em primeiro lugar, eles jamais são mortos ou atacados, eles não têm medo de nós. Estes pássaros são um dos meios que usamos para enviarmos mensagens de uma colônia à outra. Eles não são realmente necessários, já que temos meios mais rápidos e mais adequados de comunicação. Usamo-los mais como uma bela forma de enfeite, da mesma forma que usamos cores e ornamentos a fim de nos embelezarmos algumas vezes. Estes pássaros estão sempre voando, e são criaturas queridas e amáveis. Parecem saber qual é a sua obrigação, e amam fazer isso.

Por aqui há uma lenda que diz que uma vez uma destes pássaros, em sua ânsia de sobrepujar seus companheiros, ultrapassou os outros e se projetou na esfera terrestre. Ali ele foi visto por um clarividente que o alvejou, e ele ficou tão transtornado - não pelo tiro, mas pela sensação que sentiu vinda dos pensamentos do homem - que ele percebeu de alguma forma que não estava em seu elemento certo, e tão logo percebeu isso, estava aqui de volta. O que ele sentiu, vindo do cérebro do homem, foi a resolução e o desejo de

matar e, apesar de saber que isso era sinistro, quando tentou contar aos seus amigos pássaros perdeu seu tempo, porque nada disso é conhecido por aqui, e ele não conseguiu descrever, da mesma forma que uma ave deste reino não poderia descrever sua vida a uma ave da terra. Por isso outras aves disseram que, se ele tinha uma historia a contar e não conseguia, que voltasse e encontrasse o homem e perguntasse a ele qual palavra ele poderia usar. Ele assim fez, e o homem, que era fazendeiro, disse que "torta de pombo" seria a melhor palavra para descrever a ideia dele. O pássaro retornou e, como eles não puderam traduzir a palavra em sua linguagem, ou tirar qualquer significado daquilo, deram uma solução para quando alguém desejasse visitar a terra no futuro: deveria colocar-se em guarda até perguntar se estava em sua esfera ou não.

A moral dessa história é: mantenha-se em sua própria tarefa, a qual você compreenderá e onde você será entendido por aqueles que também são servos, companheiros seus de trabalho; e não almeje lançar-se demais à frente de onde tem certeza de que é seu chão, ou "atmosfera", ou, pensando que está seguindo em frente, você pode se encontrar num plano que está abaixo daquele de onde você saiu e onde os seres mais elevados dali são menos evoluídos, de várias formas, que o mais baixo de seu próprio plano, e muito piores como companhia.

Bem, esta é uma pequena história, como um pequeno interlúdio, e servirá para mostrar-lhe que podemos rir aqui, e ser sabiamente tolos, e tolamente sábios às vezes, e que não somos muito maduros em algumas coisas desde que deixamos a terra e viemos para cá.

Até logo, querido; mantenha seu coração feliz.

Sexta, 3 de outubro de 1913.

Quando você estiver com qualquer dúvida sobre a veracidade da comunicação espiritual, pense nas mensagens que já recebeu e verá que em

tudo que escrevemos, nós mantivemos nelas um propósito bem claro. É o propósito de que podemos ajudá-lo, e através de você, a outros também, a entender como tudo é natural por aqui, senão maravilhoso. Algumas vezes, quando olhamos para trás, para nossas vidas na terra, sentimos um desejo de fazer mais clara a estrada dos que ainda estão aí, e mais brilhante do que foi a nossa, quanto aos nossos pensamentos em direção à vida futura. Nada entendíamos, e assim viemos com uma incerteza sobre o que nos aguardava. Muitos, pelo que sabemos, dizem que isso é bom, mas, conforme vemos as coisas de nosso atual ponto de vista, não podemos concordar que a incerteza seja boa quando uma meta definitiva deve ser atingida. Segurança, por outro lado, dá decisão e conduz a ações corajosas, e se a nós foi permitido infundir, aos peregrinos da terra, a certeza da vida e do brilho daqui para aqueles que lutam bem a boa luta, estaremos amplamente contemplados pelas nossas jornadas até aqui, vindos de nossas próprias casas cintilantes em luz.

Agora vejamos se podemos passar-lhe umas poucas palavras sobre as condições que encontramos quando chegamos aqui - as condições, quero dizer, daqueles que chegam aqui pela primeira vez. Eles não estão num grau igual de evolução espiritual, claro, e portanto requerem tratamento diferenciado. Muitos, como você sabe, não percebem por algum tempo o fato de estarem mortos, como vocês chamariam, porque encontram-se vivos e com um corpo, e suas vagas noções anteriores do estado de após-morte não são, por isso, descartadas totalmente.

A primeira coisa a ser feita com eles, então, é ajudá-los a perceberem o fato de que não estão mais na vida terrena e, para isso, empregamos vários métodos.

Um deles é perguntar-lhes se lembram de algum amigo ou parente, e, quando respondem que sim, mas que estes estão mortos, tentamos este encontro para que vejam aquele espírito em particular que, aparecendo vivo,

convenceria o duvidoso de que ele realmente passou para o lado de cá. Mas não é sempre esse o caso, pois as ilusões cravadas são obstinadas, assim tentamos outro método.

Nós o levamos a alguma localidade da terra que lhe é familiar, e mostramos a ele aqueles que ele deixou para trás e a diferença de estado entre ele e os seus. Se isso falhar, fazemo-lo reviver as últimas experiências passadas antes da passagem para cá, e lentamente o levamos ao momento em que ele se sentiu sonolento, e tentamos unir esse momento com seu despertar por aqui.

Todas estas tentativas frequentemente falham - mais frequentemente que você imagina - já que o caráter é moldado ano após ano, e as ideias que concorrem para esta construção tornam-se firmemente imbuídas em seu caráter. Também temos que ser muito cuidadosos para não sobrecarregá-lo, pois retardaria sua instrução. Algumas vezes, entretanto, no caso dos que são mais esclarecidos, estes percebem imediatamente que passaram para o mundo espiritual, e então nosso trabalho fica fácil.

Uma vez fomos enviados para uma grande cidade onde deveríamos encontrar outros socorristas num hospital, a fim de receber o espírito de uma mulher que estava chegando. Estes outros estiveram observando-a durante sua doença, e deviam ajudá-la a sair e ter conosco. Encontramos muitos amigos em torno de sua cama na enfermaria, e eles estavam com rostos que expressavam desgosto, como se algum desastre estivesse por acontecer à sua amiga doente. Parecia tão estranho, já que ela era uma boa mulher, e estava por ser conduzida para a luz, saída de uma vida de labuta e tristezas, e, ultimamente, de muito sofrimento na carne.

Ela se sentiu sonolenta, e o cordão vital foi cortado por nossos atentos amigos, e então, suavemente, eles a acordaram e ela abriu os olhos e sorriu muito docemente para a face bondosa que estava inclinada sobre ela. Ficou ali, muito feliz e contente, até que começou a pensar no porquê destes

rostos estranhos a ela estarem em torno dela, no lugar das enfermeiras e amigos que ela ultimamente estava vendo. Perguntou onde estava e, quando lhe foi dito, um olhar assustado e temeroso cobriu sua face, e ela pediu se poderia ver os amigos que deixara.

Isto lhe foi permitido, e ela os viu através do Véu e balançou tristemente a cabeça, "Se eles pudessem saber", disse ela, "quão livre da dor estou agora, e confortável. Não poderiam dizer a eles?" Tentamos fazer isso, mas apenas um deles nos ouviu, penso eu, e apenas imperfeitamente, e logo afastou a ideia como se fora imaginação.

Nós a levamos daquele lugar, e, depois de ela ter adquirido forças, foi levada a uma escola infantil onde seu filhinho estava e, quando ela o viu, sua alegria foi grande demais para ser colocada em palavras. Ele havia passado para cá alguns anos antes, e foi posto nesta escola onde vivia desde então. Então, a criança passou a ser o instrutor de sua mãe, e esta cena era digna de ser vista. Ele a levou pela escola e pelos campos, e mostrou- lhe os diferentes lugares e seus colegas de escola, e, todo o tempo, sua face brilhava de alegria, assim como a da mãe.

Nós a deixamos por um pouco, e então, quando retornamos, encontramos aqueles dois sentados num bosque, e ela estava contando a ele sobre os que havia deixado para trás, e ele estava dizendo a ela sobre os que vieram para cá antes, e a quem ele encontrara, e de sua vida na escola, e fizemos muito para tirá-la de lá, prometendo-lhe que retornaria logo e sempre, para rever seu menino.

Este é um dos melhores casos, e há muitos outros iguais, mas outros são bem diferentes.

Enquanto esperávamos pela mãezinha que conversava com seu filho, passeamos pelo local e vimos as várias formas de se ensinar a crianças. Uma, em especial, chamou minha atenção. Era um enorme globo de vidro, de seis ou sete pés de diâmetro, mais ou menos. Ficava no cruzamento de

dois caminhos, e os refletia. Mas, à medida que você olhava dentro dele, podia ver não somente as flores, árvores e plantas que ali cresciam, mas também as diferentes ordens das quais derivaram em tempos passados. Era muito mais uma aula de botânica adiantada, como as que devem ser dadas na terra e deduzidas das plantas fossilizadas da geologia. Mas aqui víamos as mesmas plantas vivas e crescendo, e todas as espécies vindas delas, do mesmo ramo original até o atual representante da mesma família.

Aprendemos que a tarefa colocada para as crianças era: considerar este avanço progressivo nesta planta ou árvore ou flor, crescendo de forma real naquele jardim e refletida naquele globo, e então tentar construir em suas mentes a evolução para adiante das mesmas espécies. Este é um excelente treino para suas faculdades mentais, mas os resultados são frequentemente divertidos. É o mesmo estudo em que os mais adiantados se empenham em outros departamentos aqui, mas foi proposto por eles uma finalidade prática. Um deles pensou que seria um método útil ajudar as crianças a usarem suas próprias mentes, e assim construiu a bola para este uso especial. Quando acabam de raciocinar sobre as conclusões deles, eles devem fazer um modelo da planta da forma em que ela aparecerá depois de outro período evolutivo, e alguns destes modelos são temerários e espantosos, e tão impossíveis quanto estranhos.

Não devo me alongar com você, por isso continuaremos quando puder escrever novamente. Deus o abençoe e aos seus. Boa noite.

Segunda, 6 de outubro de 1913.

Bem, querido, você teve uma feliz festa pela "Ação de Graças pela Colheita", e estivemos com você, apesar de que não nos viu, e esteve ocupado demais para pensar em nós. Amamos vir e estar com seus companheiros de culto ainda encarnados, e também darmos o que podemos de ajuda em seus cultos. Pode surpreendê-lo saber que aqui nestes reinos de

Luz, nós também, de vez em quando, fazemos tais reuniões, e nos agrupamos em agradecimento a nosso Pai pela colheita abundante. Fazemos isso para a complementação da ação de graças de nossos companheiros na terra, e também para nossa elevação. Não temos aqui tais colheitas como as de vocês, mas temos reuniões para rendermos graças por outras bênçãos que são, para nós, o que as colheitas são, para vocês.

Por exemplo, nós agradecemos a Ele pela beleza em torno de nós e todas as glórias de luz e amor que nos sustentam em vigor para nosso trabalho e progresso, e temos ações para rendermos graças por tais bênçãos como estas. Em tais ocasiões usualmente nos são dadas algumas Manifestações vindas das mais Altas esferas, uma delas vou contar- lhe agora.

Celebrávamos nossa Eucaristia num vale, onde duas colinas elevadas ficavam um pouco à parte, uma de cada lado, numa das extremidades do vale. Oferecêramos nossas preces e adoração, e estávamos com as cabeças abaixadas, aguardando, naquele silêncio da paz que sempre nos preenche por estas ocasiões, pela palavra de Bênção daquele que havia sido o ministrante principal. Ele ficou um pouco mais no alto na colina, mas não falava, e ficamos pensando no porquê.

Depois de instantes, todos nós elevamos nossas cabeças lentamente, como se alguém consentisse e nos impelisse através de uma voz interior, e vimos que a colina na qual ele estava foi coberta com uma luz dourada que parecia repousar sobre ela como um véu. Isto logo se encolheu e se concentrou em torno da forma do Pastor, que estava ali, parecendo alheio a tudo em torno dele. Então, pareceu voltar a si novamente e, saindo para fora da nuvem, andou em direção a nós, dizendo-nos que deveríamos esperar um pouquinho até que pudéssemos ver um plano mais alto, de onde certos anjos de lá desceram e estavam presentes. Assim, esperamos, felizes, já que aprendemos que quando tais ordenanças nos são dadas, tudo será

justificado.

A nuvem então se elevou e espalhou-se sobre o vale, cada vez mais distante, até que cobriu todo o céu sobre nós, e então gradualmente desceu e nos envolveu, e estávamos num mar de luz muito mais brilhante que a luz de nossa própria esfera. Não ofuscava nossos olhos, já que era suave e doce. Aos poucos pudemos ver mais, por causa dela, e então tivemos a visão preparada para nós.

As duas colinas no final do vale brilharam como fogo, e cada uma era a lateral ou os braços de um Trono, e sobre este trono, todas as cores do arco íris estavam ali, iridescentes, parecendo bastante com a cena que você leu no Livro de Isaías e no Livro das Revelações. Mas nós não vimos Aquele Que estava no Trono, pelo menos não na forma de um corpo. O que nós vimos foi a manifestação d'Ele em Sua Paternidade. No terraço, que agora era o assento do Trono, vimos uma enorme falange de anjos, todos reverentes em adoração a um berço. No berço vimos uma criança que lhes sorria, e finalmente ergueu os braços em direção ao espaço aberto sobre ele, onde uma luz parecia descer de cima.

Então, um globo desceu de lá para as suas mãos, e ele se ergueu e o segurou com a mão esquerda. Parecia vivo com o brilho da vida, e cintilava, e brilhava, e ficou mais e mais iluminado, até que mal podíamos perceber nada mais a não ser a bola e a criança que a segurava, cujo corpo parecia irradiar de si sua luz vívida. Então ele a tomou em suas duas mãos e a abriu em duas metades, e levantou-as, mostrando para nós os círculos abertos. Um estava pleno de irradiação rosa, e o outro de azul. Na primeira vimos os reinos espirituais dispostos em círculos concêntricos, cada círculo repleto dos seres lindos e gloriosos daqueles reinos. Mas os círculos externos não eram tão brilhantes quanto os mais internos, apesar de ali podermos ver mais claramente seus habitantes, porque estavam mais próximos de nosso próprio plano que os outros. À medida que nos aproximávamos dos mais

internos, a luz tornava-se intensa demais para se ver claramente o que continham. Mas o mais externo reconhecemos como sendo o nosso.

A outra bola de luz rósea era diferente. Não havia círculos aparentes nele. Mas, mesmo assim, em perfeita ordem, vimos todas as diferentes espécies de vida animal e vegetal, na forma em que se apresentam nos planetas, inclusive na Terra. Mas nós não os vimos na forma em que se apresentam entre vocês, mas na forma perfeita, desde o homem até a mais baixa forma da vida animal, e desde a maior árvore e a mais suculenta fruta, até a menor semente que germina. Quando acabamos de ver estas cenas, a criança gentilmente ajuntou as duas metades, os Céus Gloriosos e a perfeita Criação Material, e quando ele as agrupou já não era possível ver as marcas da junção, nem dizer qual era uma metade e qual a outra.

Mas enquanto observávamos as metades da bola unidas, vimos que ela aumentou e, finalmente, flutuou, saindo das mãos da criança, e elevou-se espaço acima, e ficou lá, pairando, uma linda bola de luz. Então ali, gradualmente apareceu, em pé na esfera, a figura do Cristo Que, em Sua mão esquerda segurava uma cruz, cuja base repousava no globo e o topo ficava um pouquinho acima de Seus ombros. Em Sua direita, Ele segurava a criança, em cuja testa notamos um círculo dourado usado como um diadema em sua cabeça, e em cima de seu peito uma joia como um grande rubi. Então o globo começou a subir lentamente aos céus, e quanto mais alto subia, mais pequenino se tornava à nossa visão, até que sumiu na distância no espaço acima, entre as duas colinas.

Então voltamos à nossa forma antiga, e nos sentamos para pensarmos no que acabáramos de ver, e o significado de tudo. Mas apesar de que alguém parecesse ter um leve relance quanto ao entendimento de tudo, ninguém o esclareceu. Então nos lembramos de nosso ministrante, que primeiramente havia recebido o batismo vindo da nuvem, e, como nos pareceu, em grau mais intenso que para o resto de nós. Nós o encontramos sentado ali

naquela rocha, com um cálido sorriso em sua face, como se soubesse viríamos até ele no final, e estava esperando que nos lembrássemos dele. Ele nos convidou a nos sentarmos novamente e, ainda sentado na rocha onde podíamos vê-lo bem, falou-nos sobre a Visão.

Foi-lhe explicado em seus significados mais óbvios, e estes ele era capaz de nos transmitir, levando-nos a pensar em tudo e trabalhar nossas mentes pelo ensinamento mais profundo e elevado, cada qual com seu grau de elevação atingido. Isso é o que usualmente se faz, percebi, quando ensinamentos nos são dados por este caminho.

A hemisfera rosa representava a Criação que era inferior à nossa esfera, e a azul o nosso plano e os superiores a nós. Mas não havia duas Criações, apenas uma; não havia descontinuidade entre estas duas hemisferas ou qualquer um de seus departamentos. A criança era a representação do começo, progresso e final, o qual não tinha fim - nosso caminho para adiante. O rubi representa o sacrifício, e o diadema a realização, e a ascensão do globo e do Cristo e a criança guiaram nossas aspirações aos reinos que atualmente estão além de nosso alcance. Mas, é claro, havia em tudo muito mais que este mero esboço, e temos que, como já disse, interpretar por nós mesmos. Isto, de acordo com nossos costumes, conseguiremos, e, em futuras reuniões, tiraremos nossas conclusões de vez em quando, e elas serão discutidas.

Obrigado. Posso fazer-lhe uma pergunta que gostariam que lhes colocasse?

Não há necessidade de colocá-la em palavras. Podemos lê-la em sua mente, e sabíamos dela antes que escrevesse (*Uma pessoa da congregação de All Hallows, Orford, havia me dito que uns poucos dias atrás ela tinha visto uma pomba pairando sobre o altar durante a celebração da Comunhão Sagrada-George Vale Owen*). A pombinha que a senhorita E... viu acima do altar de sua igreja foi uma Manifestação, em forma presente, tal qual esta que acabei de relatar. Era para a sua congregação invisível, e simboliza, de uma forma que eles rapidamente

entenderiam, a simplicidade das presenças sobre o altar, que realmente estavam ali com amor, e prontos para ajudarem os que desejam receber seu auxílio, e, como uma lembrança de sua gentileza, uma pomba foi vista pairando perto deles e sem medo; um estado mental que os que não são muito evoluídos não podem manter na presença dos de plano mais elevado, cujo brilho da santidade algumas vezes, nas mentes dos que não conseguem julgar proporcionalmente, por causa de suas ligações ainda imperfeitas, eclipsa suas outras virtudes e fazem os pobres duvidosos ficarem temerosos.

Quarta, 8 de outubro de 1913.

Por causa de certos assuntos que são importantes aos que entenderão o que dizemos em seu sentido mais íntimo, nesta noite decidimos nos empenhar em transmitir- lhe certas instruções que serão muito úteis e direcionais quando lidarem com o que está abaixo da superfície das coisas, e que geralmente não são levadas em conta pelas mentes comuns.

Uma delas é o aspecto que os pensamentos tomam quando projetados desde a sua esfera, até aqui a nossa. Os pensamentos que são bons aparecem com uma luminosidade que não há nos de menor santidade. Esta luz é emitida pela forma de pensamento daquele que pensa e, através das múltiplas irradiações de cores subdivididas, podemos chegar ao conhecimento de seu estado espiritual, não somente se seu plano é o de luz ou trevas, e qual seria o grau de luz, mas também os pontos nos quais ele se supera ou tem menor alcance, em qualquer que seja a direção. É através disso que podemos colocar-lhe os guardiães que melhor podem ajudá-lo a fomentar o que já é bom nele, e eliminar o que não é bom ou desejável. Através de uma espécie de um sistema prismático, nós o classificamos subdividindo suas características, e desta forma chegamos a nossas conclusões que são baseadas nos resultados.

Na vida daqui, um método como esse não é necessário, já que ele é

concernente ao corpo espiritual, e aqui, claro, este corpo é patente a todos, e, sendo um perfeito relato do espírito, demonstra suas características. Apenas posso dizer que as cores das quais falei aqui se apresentam, em forma graduada, em nossa roupagem, e as que dominam sobre outras servem para nos classificar dentro das mais variadas esferas e graus. Mas os pensamentos, que são o efeito da ação do Espírito, são vistos pelo efeito que, por sua vez, produzem no ambiente daquele que pensa, e não são apenas vistos, mas também sentidos, ou sensibilizados, por nós de uma forma mais acurada e intensa do que entre vocês.

Seguindo esta linha de raciocínio, naturalmente você verá que, quando pensamos qualquer coisa muito intensamente, nossos desejos podem produzir uma manifestação exterior que realmente é objetiva aos que a contemplam. Desta maneira são produzidos muitos efeitos maravilhosos.

Pode me dar um exemplo para ilustrar?

Sim; vai ajudá-lo a perceber o que queremos dizer.

Um grupo de amigos meus e eu, que havíamos sido instruídos neste conhecimento, encontramo-nos para vermos o quanto havíamos progredido, e resolvemos fazer uma experiência para isso. Selecionamos um bosque no meio de uma linda floresta, e, como teste, todos decidimos desejar uma coisa em particular, para vermos se seríamos competentes. O que escolhemos foi a produção de um fenômeno em campo aberto, que deveria ser sólido e permanente para que pudéssemos examinar o resultado depois. Deveria ser uma estátua de um animal como um elefante, mas um pouco diferente; um animal que temos por aqui, mas que não habita mais na terra.

Todos nós nos sentamos em torno do espaço aberto e concentramos nossas vontades no objeto a ser produzido. Este apareceu bem rapidamente e ficou ali diante de nós. Ficamos muito surpresos pela rapidez do resultado. Mas, do nosso ponto de vista, havia dois defeitos. Era grande demais, já que falhamos em não regular a combinação de nossas vontades numa proporção

correta. Também ele parecia muito mais um animal vivo que uma estátua, já que muitos de nós puseram em suas mentes um animal vivo com sua coloração, e então a mistura final resultou em algo entre pedra e carne. Também muitos pontos ficaram desproporcionais - a cabeça grande demais e o corpo pequeno demais, e assim por diante, mostrando que poder demais havia sido concentrado em algumas partes, e de menos em outras. E assim percebemos nossas imperfeições e aprendemos a remediá-las, em todos os nossos estudos. Experimentamos, e então examinamos o resultado, e tentamos de novo. Fizemos isso nesta hora.

Tirando nossos pensamentos da estátua produzida desta forma e conversando juntos, ela gradualmente desapareceu. E então estávamos prontos e ajustados para nossa nova tentativa. Decidimos não selecionar o mesmo modelo de antes, ou nossas mentes provavelmente iriam em direção a aproximadamente o mesmo local. Escolhemos, desta vez, uma árvore com frutas - algo parecido com uma laranjeira, mas não ela em si.

Tivemos mais sucesso desta vez. Os principais pontos de falha foram que algumas frutas estavam maduras e outras ainda não. E as folhas não estavam da cor correta, nem os galhos corretamente proporcionais. E portanto tentamos uma coisa após outra, e nos púnhamos cada vez mais capazes a cada tentativa. Você pode imaginar a festa em um estudo desse, e as risadas e o bom humor que vinha dos nossos erros. Estes, que estão próximos a você e que pensam que nesta vida de cá jamais fazemos piadas, e que nem mesmo rimos, um dia terão que revisar suas ideias, ou estranharão nossas companhias - ou talvez, nós os estranharemos. Mas logo eles aprenderão sobre o amor destas paragens, onde podemos ser perfeitamente naturais e irrestritos, e sem dúvida somos compelidos a isso, se quisermos ser aceitos em grupos respeitáveis, como diriam vocês. Temo que seja o contrário do que acontece na terra, não é? Bem, vivendo e aprendendo, e os que vivem nesta vida - e não meramente existindo, ou pior

- aprendem bem rapidamente. Quanto mais aprendemos, mais nos maravilhamos com as forças a nosso comando.

Astriel que veio ontem, está aqui agora? (*As mensagens de Astriel foram transmitidas em datas variadas, as quais, entretanto, não foram em seguida. A razão pela qual foram transmitidas desta forma não é aparente. O efeito, porém, foi o corte das comunicações da mãe do Sr. Vale Owen de tal forma que interrompiam a continuidade das mensagens dela e também quebravam a sequência das do próprio Astriel. Elas foram, portanto, coletadas e postas num capítulo em separado, no final do livro*),

Não esta noite. Mas estará, sem dúvida, aqui de novo, se assim o desejar.

Obrigado. Mas espero que vocês venham e escrevam também.

Ah, sim, faremos isso, já que é prática tanto para nós quanto para você já que, ao impressionarmos você, estamos aprendendo a usar nossas vontades e poderes numa maneira similar àquela que acabei de descrever. Você não vê as imagens do que estamos contando em sua mente?

Sim, algumas vezes bem vívida, mas não tinha pensado nisso.

Ah, bem, meu menino, você vê agora, não é, que temos um objetivo ao escrevermos o que decidimos? Todo o tempo você esteve pensando que era bem inconsistente (e talvez o fosse - não diremos o contrário), e estava imaginando para que lado tenderia, e, mentalmente, ficou um pouquinho aborrecido. Diga-me, não ficou, querido? Bem, estivemos sorrindo todo o tempo, e agora você entenderá que esteve interpretando nossos pensamentos, mais ou menos, enquanto os enviávamos a você, e o objetivo era explicar-lhe como estas cenas apareciam diante de você tão vívidas e reais, como as descreveu.

Até logo, querido filho, e Deus o abençoe e aos seus, agora e sempre.

III - DA TREVA PARA A LUZ

Sexta, 10 de outubro de 1913.

Se estivéssemos compelindo-o a escrever sobre temas que são do nosso dia a dia, você talvez os compararia com a sua própria vida diária, e perceberia então que todos, nós e vocês, estamos na escola, e que a escola é enorme, com muitas matérias, muitos instrutores, mas com um único esquema vigorando através do curso de instrução, e que há unidade de progresso do simples ao complexo, e que a complexidade não quer dizer dificuldade, pois, enquanto aprendemos mais sobre a Inteligência do Divino Autor de tudo, vemos quão maravilhosamente composto é o reino no qual Ele emana Sua Vontade de Amor para que possamos, pela nossa alegria pelo conhecimento, prestar homenagens à Glória d'Aquele Que sustenta todas as coisas na palma de Sua Mão.

E assim, querido filho, mais uma vez retomaremos nosso tema, e contaremos de nossos afazeres daqui destes reinos de luz, e de como o amor do Pai abrange a nós todos como uma nuvem radiante, na qual todas as coisas aparecem mais plenas conforme progredimos em humildade e amor.

Uma das coisas que importam por aqui é que deve ser mantida uma devida proporção entre sabedoria e amor. Uma não é contrária à outra, mas são duas grandes fases de um grande princípio. O amor está para a sabedoria como a árvore está para as folhas, e se o amor atua e a sabedoria respira, então o fruto é saudável e são. Para ilustrar isso a você, nós daremos um exemplo concreto de como nos ensinam a considerar adequadamente tanto o amor quanto a sabedoria em nossos tratos ente nós e os outros a quem nos permitem auxiliar.

Deram-nos uma tarefa a cumprir, pouco tempo atrás, na qual um grupo

nosso, de cinco pessoas, deveria ir a uma colônia em uma parte bem distante daqui, e ali perguntar a eles qual seria o melhor meio pelo qual a ajuda poderia ser dada aos da terra que estivessem com dúvidas, ou assombrados quanto ao Amor de Deus. Ficamos muitas vezes embaraçados por nossa falta de experiência em tratar de tais casos que, como sabe, são muitos.

O Diretor do Colégio era um homem que na vida terrena havia sido um político de muita competência, mas sua fama não era tão grande, e foi somente quando ele veio para cá que ele achou lugar para seus poderes, e entendeu que a terra não era o único campo no qual o treinamento terrestre poderia ser posto em prática e efetivar-se no reino de Deus.

Apresentamos a ele o objetivo de nossa missão, e ele foi muito cortês e bondoso, apesar de seu cargo elevado. Suponho que vocês o chamariam de grande anjo, e de fato, se ele pudesse vir à terra assumindo visibilidade, seu brilho inspiraria devoção. Ele é muito bonito, tanto em aparência quanto sua face, radiante, brilhante e luminoso seria a melhor forma de descrevê-lo. Ele nos ouviu e nos encorajou, sempre, com sua palavra sutil, a encararmos nossas dificuldades, e nos esquecemos de que estávamos com alguém de tão alto plano e conversamos sem medo ou restrições. Então ele disse, "Bem, meus queridos alunos - já que são bons o bastante para o serem por um tempo -, o que me disseram é muito interessante, e também muito comum no trabalho em que estão se empenhando. Agora, se eu lhes resolvesse todos os problemas, voltariam ao seu trabalho com corações leves, mas achariam que a solução, quando tivessem que decidir por ela, estaria com muitas imperfeições na apresentação, porque justamente estes pontos que são mais necessários para serem lembrados são os pequeninos fatos que podem ser melhor aprendidos pela experiência; e a experiência é a única coisa que pode mostrar-lhes o quão grandiosas estas pequeninas coisas são. Venham, portanto, comigo, e vou ensiná-los o que é necessário para que

aprendam da melhor maneira."

Assim fomos com ele, e ele nos levou para os campos que circundavam a casa, e ali vimos que havia jardineiros que cuidavam das frutas e das árvores frutíferas, fazendo o trabalho normal de um jardim. Ele nos levou longe pelos caminhos, parando aqui e ali, através da plantação de árvores e arbustos, onde pássaros cantavam e pequeninos animais peludos brincavam por toda parte. Finalmente chegamos a um córrego, e ao lado havia um caramanchão de pedra que me fez lembrar uma miniatura de um templo do Egito, e ali entramos com ele. Sentamo-nos num local embaixo de um emaranhado de plantas floridas de diferentes cores, e ele sentou-se em outro banco, perpendicular ao nosso.

Desenhado no chão, em traços entalhados, havia uma planta, e ele apontou para ela dizendo, "Bem, esta é a planta de minha casa e destes campos por onde os conduzi até aqui. Aqui está marcado este pequeno lugar onde estamos sentados. Andamos, como podem ver, uma longa distância desde o portão onde os encontrei, e vocês todos estiveram falando tanto sobre as coisas lindas que viram enquanto caminhavam, que nenhum de vocês prestou atenção no caminho pelo qual vieram. Será de boa prática, por isso, e não faltará prazer apesar de tudo, que encontrem seu caminho de volta a mim, e, quando chegarem, talvez poderei dar-lhes alguma ajuda para instruí-los nas dificuldades que tiverem me apresentado".

Dito isso, ele nos deixou, e ficamos nos olhando, uns aos outros, e então caímos na gargalhada, rindo de nós mesmos, por termos sido tão ingênuos em não nos questionarmos qual seria o propósito dele em nos trazer a este lugar, por caminhos tão tortuosos. Então examinamos a planta muitas vezes, e era toda de traços e triângulos e quadrados e círculos, e pouco podíamos fazer a princípio.

Gradualmente, entretanto, começamos a entender. Era o mapa de um estado, e a clareira estava no centro, ou perto dele, mas não mostrava a

entrada, e como havia quatro caminhos levando a ela, não sabíamos qual deles tomar para voltarmos. Nós, de qualquer forma, raciocinamos que não importava muito (já que todos pareciam levar ao círculo exterior) porque havia muitos caminhos entre nós e lá, e eles se cruzavam, e cruzavam de novo, cada um deles. Não devo contar-lhe sobre todas as nossas tentativas de resolver este problema, já que levaria muito tempo.

Finalmente tive uma ideia, que considerei bem, e então, achando que poderia talvez ajudar, contei aos outros. Eles disseram que era o que eles estavam esperando, e que gostariam de testar esta chave para o enigma. Não era nada demais, apenas seguir em frente e tomar cada caminho que levasse o mais direto desde onde partimos. Não está claro - o que quero dizer é isto: ir pelos caminhos que nos levassem na linha mais reta, desde o caramanchão, em qualquer direção. Então, quando alcançássemos o limite, que havíamos visto pela planta que era um círculo perfeito, poderíamos segui-lo e, inevitavelmente, chegaríamos ao portão, mais cedo ou mais tarde.

Partimos, e foi uma longa e prazerosa jornada, e também não foi sem aventuras, já que o local era amplo, com colinas, vales, florestas e rios, e tudo tão lindo que tínhamos que manter muito firme o nosso objetivo diante de nossa mente, ou nos esqueceríamos de escolher o caminho correto quando chegávamos a uma encruzilhada.

Alcançamos o limite mais externo, entretanto, apesar de que, penso eu, não pegamos a rota melhor e a mais direta. Esta fronteira, digo de passagem, era feita de um amplo campo gramado, e vimos, pelo formato de seu limite, que era circular, apesar de que não conseguíamos ver muito dele. Então voltamo-nos para a esquerda e então, quando seguimos, a volta da região circular pareceu sem fim. Mesmo assim continuamos, e eventualmente chegamos ao portão onde encontramos nosso instrutor pela primeira vez.

Ele nos cumprimentou encorajando, e fomos até um terraço diante da casa, e então contamos a ele nossas aventuras - muitas mais do que as que narrei a você - e ele nos escutou como da primeira vez, e então disse, "Bem, vocês não se saíram tão mal, já que atingiram seu objetivo, retornaram a este portão. E agora devo contar-lhes sobre a lição que aprenderam.

"Antes de mais nada, o primeiro ponto é ter certeza da direção em que querem seguir; e então o ponto seguinte é pegar, não o caminho que pareça mais curto, mas o que pareça dar certeza de que levará vocês direto ao objetivo. O caminho nem sempre será o mais rápido, e poderá levá-los à região fronteiriça onde o infinito obscurece a visão do reino que conhecem. Ainda, quanto mais além das fronteiras estiverem, mais capazes de ver a extensão e os limites da região em que pisam, e como é apenas uma questão de perseverança e paciência, a meta a que almejam é quase certo que seja atingida.

"Também, logo além dos limites entre o local e o infinito poderão ver que, apesar de conterem em si caminhos tortuosos e variados, e vales e bosques de onde não podem ver muito longe, mesmo assim, visto como um todo, é perfeitamente geométrico - de fato, um verdadeiro círculo, o qual, apesar de parecer um labirinto e ser confuso, mesmo assim, sendo círculo, contém em si uma entidade geométrica perfeita, simples por si mesma, considerada como uma unidade de um ponto de vista mais amplo; espantoso quando se ultrapassa sua linha limítrofe em direção aos seus caminhos internos.

"Também perceberam que, enquanto seguiam pela curva no lado mais externo, foram capazes de ver somente uma pequena porção dela de uma só vez. Ainda, sabendo que por seu formato ela os levaria ao local que buscavam, ficaram contentes ao seguirem por ela, numa fé baseada em conclusões raciocinadas, e, suficientemente verdadeiras. Aqui estão vocês, provando por sua presença que seu raciocínio foi, pelo menos no principal,

seguro.

"Agora, eu poderia seguir neste tema consideravelmente mais longe, mas tenho que levá-los agora até alguns de meus amigos que estão aqui comigo e que me ajudam no trabalho, e eles vão lhes mostrar mais de nosso lar e seus arredores, e, se quiserem, ficarão felizes em acompanhá-los pelos campos afora, já que por lá há muito de seu interesse para ser mostrado. Também poderão falar com eles sobre as lições que fiquei feliz em poder lhes passar, e entre vocês, verão, sem dúvida, que haverá algo mais a contarem e a perguntarem para mim quando nos encontrarmos logo mais".

Desta forma ele se despediu de nós, e um grupo de pessoas alegres veio da casa e nos levou dali. Mas, como o tempo está esgotado para que você vá para seus outros compromissos, devemos parar por agora, com nosso amor e a certeza de nosso prazer em vir neste intercâmbio com você assim, mesmo que por estes pequenos momentos. Deus o abençoe, querido filho, e a todos os nossos queridos. Mamãe e seus amigos.

Sábado, 11 de outubro de 1913.

Na noite passada, em nossa visita, pudemos apenas lhe passar um resumo de nossa visita à casa de nosso instrutor, por causa do tempo escasso. Continuaremos agora, e relataremos algumas de nossas experiências naquela região. É uma região onde há muitas daquelas instituições, e a maioria devotada à melhor maneira de ajudar os da terra que estejam com dúvidas e perplexos pelos problemas que surgem nestes reinos além. Você poderá, pela meditação, ampliar nossas instruções se vir o local e nossa experiência ali, à luz de uma parábola. Assim, passamos para outros cenários, e os descreveremos tão bem quanto pudermos.

Nossos guias levaram-nos a um lugar fora dos limites da região da qual já lhe falamos, e descobrimos que o campo gramado é muito extenso. É uma das planícies do Céu onde as Manifestações dos Céus mais elevados

acontecem de vez em quando. O clamor é dado e enormes multidões agrupam-se, e então algumas das glórias das mais altas esferas manifestam-se, tanto quanto seja possível nestes reinos daqui.

Percorremos este local até que, finalmente, começamos a subir, e encontramo-nos num planalto onde havia vários edifícios espalhados, uns mais amplos que outros. No centro havia uma construção enorme, e nesta entramos e nos encontramos num amplo e espaçoso hall, o único compartimento do lugar. Era de forma circular, e em torno das paredes havia gravuras entalhadas de um tipo muito interessante. Nós as examinamos e vimos que representavam os corpos celestes, um deles a terra. Mas não eram fixos, giravam em torno de eixos, metade para dentro e metade para fora da parede. Também havia modelos de animais, árvores e seres humanos, mas todos se movendo, a maioria presos em pedestais, em nichos ou alcovas. Perguntamos o significado de tudo e nos foi explicado que era uma instituição puramente científica.

Fomos levados a um balcão em um dos lados do espaço circular. Ele se projetava da parede, e assim podíamos ver a totalidade do local de uma só vez. Então nos avisaram que uma pequena demonstração seria feita para nosso benefício, a fim de que pudéssemos ter uma ideia do uso para o qual foram dispostas estas peças.

Sentamo-nos ali esperando, e finalmente uma neblina azul começou a preencher o espaço central. Então um raio de luz percorreu o entorno do hall e parou no globo que representava a terra. Conforme ele pairou sobre ela, a esfera pareceu absorver o raio e tornou-se luminosa e, depois de um tempo, ao ser aquele raio absorvido, vimos que um brilho vinha de dentro do interior do globo terrestre. Aí um outro raio foi projetado sobre ele, de um tipo diferente e mais intenso, e o globo lentamente deixou o pedestal, ou eixo, ou seja lá o que fosse onde ele estava encaixado, e começou a flutuar para fora da parede.

Conforme ele se aproximou do centro do espaço, adentrou na neblina azulada e, imediatamente a este contato, começou a crescer até que se tornou uma enorme esfera brilhante com sua luz própria e flutuando no espaço azul. Era maravilhosa demais. Lentamente, bem lentamente, girou em torno de seu eixo, evidentemente da mesma forma que a terra faz, e pudemos ver os continentes e oceanos. Eles eram de forma plana como nos globos terrestres usados na terra. Porém, à medida que girava, as formas começaram a assumir um aspecto diferente.

As montanhas e as colinas começaram a se elevar, e as águas brotaram e fluíram torrenciais, e nesta hora vimos miniaturas de cidades, e cada detalhe das construções. Ainda mais detalhado tornou-se este modelo da terra, até que pudemos ver as próprias pessoas, primeiramente em multidões e depois individualmente. Será muito difícil que você entenda que, num globo de aproximadamente, talvez, oitenta a cem pés de diâmetro, pudéssemos ver os homens e os animais individualmente. Mas isso é parte da ciência desta instituição - permitir que estes detalhes sejam vistos individualmente.

Ainda mais distintas tornaram-se estas maravilhosas cenas, e, enquanto o globo girava, vimos homens apressados nas cidades e outros trabalhando nos campos. Vimos os espaços amplos das campinas, desertos, florestas e os animais rugindo nelas. E conforme o globo girava, vimos os oceanos e os mares, alguns muito plácidos e outros revoltos e ruidosos, aqui e ali um navio. E toda a vida da terra desfilou diante de nossos olhos.

Assistimos a isso durante muito tempo, e nosso amigo que pertencia a este departamento falou conosco, estando ele embaixo do balcão onde nos sentamos. Ele nos contou que o que víramos era a terra da forma que estava naquele momento. Se desejássemos, ele nos mostraria agora a regressão das eras desde o presente até o início do ser humano como um ser inteligente. Respondemos que realmente ficaríamos felizes se víssemos mais deste fenômeno maravilhoso e belo, e ele nos deixou para ir, suponho, até o

aparelho pelo qual controlava estas cenas.

Devo parar por aqui para explicar um tema que vejo presente em sua mente. O local não era escuro, mas iluminado em todos os lugares. Mas o globo em si brilhava com uma intensidade extra tal que, apesar de não ser uma sensação desagradável, obscurecia tudo que fosse exterior à nuvem azul, nuvem esta que parecia ser a circunferência da radiação refulgente emitida pelo globo.

Logo, então, as cenas começaram a mudar na esfera girando, e fomos levados de volta a milhares de anos na vida da terra, com as gerações dos homens, dos animais e da vida vegetal que existiram, desde o presente até a época em que os homens acabavam de sair da floresta para assentarem-se em colônias nas planícies.

Devo explicar aqui que a história não seguiu como os historiadores fazem. Estes fenômenos não foram de nações ou séculos, mas de aeons e espécies. Os períodos geográficos desfilaram diante de nós, e foi muito interessante observar aquilo que os homens chamam de Idade do Ferro e a Idade da Pedra, a Glaciação, as enchentes, e assim por diante. E aqueles de nós que conheciam o suficiente para segui-las, perceberam que estas idades foram arbitrariamente chamadas desta forma. A Glaciação, por exemplo, deve descrever corretamente o estado das coisas em uma ou duas regiões da terra, mas não significa que houve gelo em todos os lugares, como verificamos enquanto girou a esfera. Também percebemos que muito frequentemente um continente estava em uma era, e outro em outra era, na mesma época. A exibição terminou, entretanto, quando a terra já estava bem evoluída, e, como já disse, o advento do homem já era um fato consumado.

Quando já satisfizéramos nossos olhos por uns tempos, vendo a beleza desta joia multicolorida e mutante, e percebêramos que ela era de fato a velha terra que pensávamos conhecer bem, e vimos que conhecemos tão pouco, o globo gradualmente tornou-se menor e flutuou de volta para o

nicho da parede, e então a luz desapareceu dentro dele e ficou como um alabastro encravado, exatamente como havíamos visto no começo, como um ornamento.

Ficamos tão interessados naquilo que havíamos visto, que questionamos nosso bondoso guia, e ele nos contou muitas coisas sobre este hall. A esfera terrestre que acara de ser usada poderia ser colocada para servir a outros propósitos mais do que aquele que havíamos visto. Mas este uso foi selecionado por ser pitoresco para nós que não éramos conhecedores de ciências. Entre os demais usos estava o de ilustrar a relação entre os corpos celestes um com o outro e sua evolução até o presente estágio. Nesse uso, claro, o globo que acabamos de ver funcionando desempenharia seu papel apropriado.

Os animais nas paredes eram também usados para um propósito semelhante. Cada um seria vivificado por estes raios poderosos e trazido até o centro do hall. Quando estivesse pronto, poderia andar por si mesmo, como um animal vivo, o que de fato estaria, por certo tempo, e de uma certa forma restrita. Quando ele subia numa plataforma no espaço central, era tratado pelos raios amplificadores - como posso chamá-los, já que não sei o seu nome científico - e por outros que o tornariam transparente, e todos os órgãos internos do animal tornavam-se plenamente visíveis aos estudantes reunidos. Os que eram daquele departamento disseram que era uma visão muito bonita observar todo o âmbito dos sistemas ativos de um animal, ou de um homem, assim dispostos.

Também era possível promover uma mudança no modelo vivo, para que ele começasse a evoluir para trás - ou deveria dizer "involuir"? - até seu estado mais simples e primário, e assim por diante. A história estrutural dos animais como um todo era mostrado neste processo ao vivo. E frequentemente quando o primeiro período de sua existência como uma criatura distinta era alcançado, o processo revertia-se, e passava através de

eras diferentes de desenvolvimento, desta vez em sua ordem e direção corretas, até que chegasse novamente a ser o que é hoje em dia. Também era possível para qualquer estudante se encarregar disso e continuar o desenvolvimento de acordo com suas ideias, e isto não só com os animais, mas com os corpos celestes e também com as nações e povos, que são tratados em outra ala, entretanto, adaptada especialmente para tal estudo.

Foi um estudante de um destes estabelecimentos, na mesma região, que construiu o globo no jardim das crianças, do qual já lhe falei. Mas é, claro, uma forma mais simplificada, ou pelo menos assim nos pareceu, depois que visitamos esta colônia de belezas e maravilhas.

Isto tudo deverá ser suficiente por agora, apesar de haver muito mais além do que vimos enquanto estivemos lá. Mas não recomeçarei, senão vou ocupá-lo por tempo demais.

Você tem uma pergunta (*A referência ao Círculo de Estudos pede uma nota de explanação. Foi na segunda-feira anterior. Sentei-me no Santuário, entre as grades, e os membros encaravam-se uns aos outros nas cadeiras do coro. A senhorita E... sentou-se à minha direita no final do Santuário da manjedoura. Ela depois havia me contado que, quando eu assumi o debate, viu minha mãe vindo do altar até chegar atrás de mim, com os braços abertos e o rosto expressando uma saudade imensa e amor. Estava bem brilhante e linda, e seu corpo parecia tão materializado quanto o de qualquer um dos presentes. A senhorita E. achou que ela ia me tomar em seus braços, e estava tão vívida que ela esqueceu, por momentos, que a forma não era de carne e sangue, apesar de não ter sido vista pelos outros. Ela esteve por gritar quando rapidamente se recompôs, tendo que disfarçar sua exclamação. Era sobre isto que desejei fazer uma pergunta - George Vale Owen*). Sim, eu estava presente na segunda-feira em seu Círculo de Estudos. Eu soube que ela me viu, mas não consegui fazê-la ouvir-me.

Boa noite, querido. Estaremos juntos amanhã.

Segunda, 13 de outubro de 1913

Nós tivemos mais uma experiência naquela colônia que eu gostaria soubesse. Foi sobre uma coisa que era nova para mim, e muito interessante. Estavam sendo mostrados para nós os estabelecimentos diferentes que

formavam um completo conjunto, quando chegamos a uma espécie de pavilhão a céu aberto. Era composto principalmente de um domo circular alto, apoiado em elevados pilares, e o espaço interior era aberto. No centro da plataforma, à qual subimos por um lance de escadas que estava em torno de todo o prédio, havia uma espécie de altar quadrado, de quatro pés de altura e três pés de aresta na base. Ali estava uma placa, algo como um relógio de sol, enfeitado com linhas, símbolos e figuras geométricas diferentes.

Sobre o centro do domo havia uma abertura que levava, como nos disseram, a uma câmara onde os instrumentos usados ali eram controlados.

Pediram-nos que ficássemos em torno do mostrador (desta forma eu o chamarei) e o nosso guia nos deixou ali e, saindo, subiu em cima do domo, entrando no compartimento acima de nós. Não sabíamos o que ia acontecer, e por isso ficamos encarando o disco.

Nesta hora o lugar mudou de aspecto, o ar pareceu mudar de cor e intensidade. E quando olhamos para cima de nós, vimos que a abóbada desaparecera, e entre os pilares estendeu-se o que pareceu ser uma textura em forma de cortinados. Eles eram de matizes variados, todos entrelaçados, e, quando olhamos em torno, pareceu que se separaram por cores e então tomaram formas mais definitivas. Isto continuou até que nos vimos numa floresta, cercados de árvores balançando-se gentilmente pela brisa.

Então os pássaros começaram a cantar, e vimos sua plumagem brilhante, à medida que voavam de uma a outra árvore. Gradualmente vimos a distância aumentar entre as árvores e pudemos enxergar a floresta por dentro. O domo havia sumido também, e o céu estava aberto sobre nós, exceto onde as árvores cobriam-nos como um dossel.

Voltamos ao altar e ao disco. Estavam ainda em seus lugares, mas as figuras e os signos do altar estavam agora brilhando com uma luz que parecia vir de dentro dele.

Então ouvimos a voz de nosso guia dizendo-nos, lá de cima, que observássemos e tentássemos ler a placa. Quase nada pudemos fazer a princípio, mas finalmente um do nosso grupo que era mais inteligente que os demais, disse que os signos eram verdadeiramente representações dos vários elementos que compunham os corpos animais e vegetais dos reinos espirituais. É difícil explicar o modo pelo qual a conexão entre os dois apareceu a nós. Mas uma vez desvendado, tornou-se claro que assim era.

Agora nosso guia ajuntou-se a nós mais uma vez, e explicou o uso do edifício. Pareceu que antes que os estudantes pudessem progredir bastante na ciência da criação, como é estudada aqui nesta região, eles devem penetrar no conhecimento dos elementos fundamentais com os quais lidarão. Isto, claro, é bem natural. Este prédio é um dos primeiros aonde eles vêm estudar; na mesa, ou mostrador, há uma espécie de registro dos elementos nos quais o estudante lá em cima, na câmara onde os instrumentos de controle estão, pode ver a combinação dos elementos que ele fez, e também a proporção de cada elemento pertinente a esta combinação.

Nosso guia era bem adiantado nesta ciência, e idealizou a cena da floresta com muita perícia. Conforme os alunos vão progredindo, capacitam-se gradualmente a atingir o resultado que esperam sem o aparato científico que no início foi necessário. Instrumento após outro são deixados para trás até que finalmente sejam capazes de dependerem somente de suas vontades.

Perguntamos ao nosso guia qual seria o propósito prático aplicado quando esse conhecimento fosse atingido. Ele nos respondeu que o primeiro uso era treinar a mente e a vontade do aluno. Este treino era excelente e muito extenuante. Quando o aluno se tornasse perito, mudaria para outro colégio nesta região, onde outro ramo da ciência era ensinado, então teria que passar por muitos outros estágios de treinamento. O verdadeiro uso

deste conhecimento não lhe apareceria até que passasse por muitas esferas de progresso. Na mais alta destas esferas, ser-lhe-á permitido que acompanhe algum grande Mestre, ou Arcanjo, ou Poderoso (não conheço o título correto e exato) em uma de suas missões de serviço na Criação Infinita do Pai Único, e ali testemunhará o sublime processo de trabalho. Pensamos que poderia ser a criação de algum novo cosmos ou sistema, material ou espiritual. Mas este reino é tão acima do que estamos agora que temos apenas uma ideia genérica das obrigações destes Seres Elevados, e é para algumas eras de progresso daqui até lá, se nossas estradas estiverem na direção deste sistema particular dos Céus. E as chances indicam que, para nós cinco mulheres que visitamos o lugar que estou descrevendo, nosso caminho progressivo leva-nos a outros rumos.

Mas amamos saber sobre coisas diferentes sobre as esferas diferentes de serviço, mesmo que estejamos destinadas a nunca sermos escolhidas para eles. Não poderemos ser criadoras dos cosmos, suponho, e há outras coisas da mesma forma necessárias, grandiosas e gloriosas, sem dúvida, nestes longínquos alcances além de nós, mais próximos do Trono e da habitação d'Ele Que é tudo em tudo para tudo.

Conforme retornamos através do amplo campo gramado, encontramo-nos com um grupo destes mesmos estudantes que haviam estado em outro colégio, para estudarem outros ramos de ciências. Não eram todos homens, alguns eram mulheres. Perguntei a elas se seus estudos seguiam a mesma linha que de seus irmãos, e elas responderam afirmativamente, mas acrescentaram que enquanto os alunos visavam principalmente a parte puramente criativa, a elas era permitido somar e contornar o trabalho com seu apelo de maternidade, e estes dois aspectos mesclados evidenciava a beleza do trabalho terminado - isto é, terminado tanto quanto possível, condicionado pelas limitações de suas esferas atuais. Porque aqui não eram esferas de muita perfeição nas realizações como eram, com o progresso,

estas esferas mais altas.

Nesta hora voltamos para a primeira colônia onde encontramos nosso instrutor da região circular.

Por que não me dá seu nome?

Seu nome era Arnol, mas estes nomes soam estranhamente aos ouvidos terrestres, e as pessoas estão sempre tentando descobrir-lhe algum significado, eis o porquê de ficarmos sempre constrangidos ao dá-los. Os significados são na maioria incompreensíveis a vocês, por isso diremos apenas o nome no futuro, como você assim deseja, e deixaremos assim.

Bem, isso economiza muito vocabulário, não é?

Sim, e se vocês tivessem entendido as condições sob as quais nós lhes passamos estas narrativas, provavelmente diriam que quanto mais longe, mais certa seria a rota. Lembrem-se de nossa experiência e dos ensinamentos da região de Arnol.

O que torna tão difícil a vocês darem seus nomes? Ouvi dizer desta dificuldade mais de uma vez.

Há também uma dificuldade na explanação desta dificuldade - do seu ponto de vista um tema tão aparentemente simples. Coloquemos desta forma. Você sabe que entre os antigos egípcios o nome de um deus ou deusa era muito mais que um nome, como entendido pelos duramente materialistas anglo-saxônicos, de cuja raça veio o questionamento: "O que há em um nome?" Bem, do nosso ponto de vista, e também dos antigos sábios do Egito, baseados nos dados obtidos deste lado do Véu, há muito em um nome. Mesmo na mera repetição de alguns nomes há poder real, e algumas vezes perigo. Isto sabemos agora, o que não sabíamos na terra. E aqui mantemos uma reverência diante da entidade "o Nome" que, para você, pareceria provavelmente boba. Todavia, é em parte por esta razão que os nomes não chegam a vocês tão fartamente como muitos investigadores bem fracos gostariam.

Também o mero enunciar e transmitir de alguns destes nomes é, quando estamos nesta região da terra, um fato de uma dificuldade maior do que vocês talvez julguem. É um tema, entretanto, que é difícil de explicar a você, e somente alguém será capaz de entender quando estiver familiarizado com a Quarta Dimensão que é alcançada aqui - este termo, também, usamos por falta de melhor. Faremos, a título de exemplo, a referência de dois ou três nomes e deixaremos o assunto.

Um foi a entrega a Moisés do Nome do Grande Oficial do Supremo Que o visitou. Moisés pediu seu Nome, e o obteve - e nem ele, nem ninguém mais até os dias de hoje foi capaz de dizer seu significado.

Aí o Anjo menor que veio a Jacó. Jacó pediu seu nome, e foi-lhe recusado. Os Anjos que vieram a Abraão e aos outros no Velho Testamento raramente deram seus nomes. Da mesma forma no Novo Testamento, a maioria dos Anjos que vieram ministrar aos moradores da terra são chamados assim simplesmente; e onde o nome é dado, como no caso de Gabriel, é pouco entendido quanto ao seu significado mais íntimo.

Arnol, aqui mencionado pela primeira vez, comunicou-se eventualmente através do reverendo George Vale Owen numa série de mensagens que estão colocadas em "O Ministério dos Céus" e em "Os Batalhões do Céus" (livros III e IV desta coleção), porém ali com o nome de Arnel, como será oportunamente explicado.

Qual é o seu nome, mamãe? Quero dizer seu novo nome? É permitido dá-lo?

Permitido, sim, mas não prudente, querido. Você sabe que o daria se pudesse. Mas isso, por ora, devo omitir até de você, sabendo que entenderá meu amor, mesmo que meu motivo não seja muito claro.

Sim, querida, você sabe o que é melhor.

Algum dia, você também saberá, e verá que glórias esperam aqueles cujos nomes estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro, frase que vale a

pena se pensar nela, já que é uma verdade gloriosa e viva, e os que usam este Nome tão levianamente, certamente apreenderam pouco, ou quase nada.

Deus o abençoe, querido, e Rose e as crianças, Ruby mais uma vez me pede, na sua forma tão delicada, que diga que ela virá vê-lo logo mais, e espera que possa seguir seus comandos - esta é a palavra que ela usou, abençoada, ela que é tão graciosamente humilde, e amada por tantos quantos a conheçam. Deus o abençoe, querido. Boa noite.

Quarta, 15 de outubro de 1913.

Como começaríamos a explicar a alguém, que tenha uma pálida ideia de um mundo espiritual acima dele, a verdade da vivência além do túmulo, a realidade desta vida, e todo o seu amor e beleza? A princípio, você provavelmente iria torná-lo ambientado ao fato de sua atual e verdadeira existência como um ser imortal. Então, quando ele tivesse realmente captado a significação disto, de como afeta seu futuro, ele talvez estivesse aberto a umas poucas palavras descritivas sobre a vida em que ele se encontrará inserido e posto em contato, quando puser de lado o Véu e emergir na grande luz do Além.

Assim pensamos que se os homens pudessem apenas entender que a vida que agora vivem é vida sem dúvida, e não uma efêmera existência, eles ficariam mais inclinados em levar mais em conta as palavras dos que provaram por eles mesmos a realidade desta vida eterna e individual, e também a bênção que espera pelos que na terra são capazes de lutar e superar.

Bem, não é pouco querer que os homens vivessem suas vidas na terra de tal forma que, quando atravessassem o limiar para o plano maior e mais livre, se soerguessem e continuassem seu serviço no Reino, sem delongas maiores ou menores em seu progresso. Vimos já a história de muitos, como

é vista como extensão da de seu lado, e sentimos que não podemos enfatizar muito a importância da preparação e do autotreinamento quando a oportunidade aparece. Muitos deixam de lado as considerações sérias sobre isso, com a ideia de que quando chegarem aqui recomeçarão, e quando aqui chegam veem que não haviam percebido no que implicava em recomeçar tudo.

Quem está escrevendo?

Ainda é sua mãe e seus amigos. Astriel não está aqui esta noite, mas estará conosco em outra ocasião. Faremos com que saiba quando for ele e seu grupo se comunicando.

Bem, continuemos. Já lhe falamos sobre a Ponte e o Abismo...

Sim. Mas o que mais sobre sua experiência nos domínios de Arnol, e sobre seu retorno à sua própria esfera? Não tem mais nada para me contar daquele episódio?

Nada mais a não ser que aprendemos muito, fizemos muitos amigos, vimos muitas coisas mais e agora transmitimos, e visitaremos o lugar novamente em breve. Agora, continuemos naquilo que gostaríamos de abordar, e que será talvez mais útil que se continuássemos em nossa descrição da Colônia daquela região.

O Precipício e a Ponte - traga de volta à sua mente o que já lhe falamos deles. Queremos relatar-lhe um episódio que testemunhamos naquele lugar onde a Ponte - como continuarei chamando aquele lugar - emerge para os planos mais elevados de vida e de luz.

Ali fomos enviadas para recebermos uma mulher que tinha sua chegada esperada, tendo já travado sua luta naquelas regiões apavorantes e escuras que ficam baixo da Ponte. Ela não viera pela grande estrada, mas através dos horrores da escuridão e da depressão daquelas regiões inferiores. Conosco viera um alto Anjo de uma esfera acima da nossa, que estava especialmente comissionado para esta tarefa. Era uma das Irmãs Angélicas

que organizam nossos lares quando os socorridos são recolhidos.

Pode dar-me seu nome?

Bearn... não, não conseguimos transmitir-lhe. Deixe assim, e pode ser que consigamos conforme continuamos.

Quando lá chegamos, vimos que uma luz brilhava um pouquinho ali em baixo do caminho de pedra que descia para o vale, e soubemos que algum anjo estava ali observando. Aos poucos tornou-se mais escuro, e percebemos que estava afastando-se de nós, lá embaixo. Depois, passado algum tempo, vimos uma faísca distante no vale, e a ela houve uma resposta imediata através de um facho de luz de uma das torres da Ponte. Não é diferente do que você conhece como farolete, e de fato respondeu a um propósito similar. Foi direcionado para baixo e permaneceu aceso. Então Bea... - nossa Irmã Angelical - pediu-nos que ficássemos onde estávamos por um tempo, e seguiu pelo ar ao topo da torre.

Nós a perdemos na luz, mas uma das minhas companheiras disse que pensava tê- la visto voando ao longo do raio de luz direcionado para aqueles departamentos. Eu não a vi, mas depois vi que ela estava certa.

Devo parar por aqui para explicar que a luz não era para permitir que os Espíritos vissem (já que podiam fazê-lo com seus próprios poderes), mas para dar força para o trabalho e proteção contra as influências maléficas que predominam na região inferior. Foi por esta razão que o primeiro anjo enviou seu sinal, e foi compreendido pelos observadores na Ponte, e respondidos da maneira que lhe descrevi. O raio de luz é, de uma maneira que eu ainda não entendo, impregnado com poder de vida e força - é a melhor descrição que sou capaz de dar - e foi enviado para ajudar aquele em quem estava a vontade de ajudar.

Aos poucos vimos os dois retornando. Ele era um Anjo forte, mas parecia fatigado, e soubemos depois que ele encontrara um grupo de Espíritos muito malignos que fizeram o que podiam para retomarem a

mulher de volta entre eles. Eis o porquê dele ter precisado de ajuda. Ele andava de um lado e ela andava do outro lado da pobre alma torturada e judiada, a meio caminho de desfalecer. Por causa dela vinham vindo bem devagar, andando no raio de luz a caminho da torre da Ponte. Nunca havíamos visto tal coisa antes, exceto uma vez, e eu lhe contei o caso. Estou falando do Pavilhão de luz e a reunião de pessoas de cores muito variadas nas roupagens. Mas aqui, de certa forma, foi muito mais solene; havia angústia em meio à alegria, e lá, apenas alegria. Eles alcançaram a Ponte, e a socorrida foi levada a uma das casas e atendida, e ali ficou até que tivesse se recuperado para ser levada aos nossos cuidados.

Bem, há diversos pontos nesta narrativa que nos trouxeram novos conhecimentos, e alguns que confirmaram o que antes eu meramente supunha naquele tempo desta experiência. Alguns deles passo a relatar.

É um erro pensar que Anjos, mesmo do nível destes dois que foram para lá a fim de socorrer aquela pobre mulher, são incapazes de sofrer. Eles sofrem realmente, e frequentemente. E é possível aos maliciosos feri-los quando estes se aventuram na região daqueles. Teoricamente não vejo por que os malignos prevaleceriam até tê-los sob seu poder. De tal intensidade, entretanto, são os poderes da luz e tão bem organizados, e tão bem vigilantes, que não ouvi que esta catástrofe tenha realmente acontecido. Mas a luta deles foi uma luta real, e fatigante também. Este é o segundo ponto. Mesmo estes elevados Anjos ficam cansados. Mas não se importam nem pelo sofrimento nem pela canseira. Pode soar como paradoxo, mas apesar disso é verdadeiro que seja uma alegria a eles terem sofrido quando alguma alma sofredora estava batalhando por ser salva.

Também aquele raio de luz - ou talvez eu poderia dizer "raio de poder e vitalidade" - era tão forte que se eles não tivessem protegido a mulher através de uma certa cobertura de influência negativa, o raio teria machucado, porque seria um choque grande demais para alguém

despreparado como ela.

Outro ponto é este. Aquele raio foi visto bem distante na região de treva, e ouvimos um murmúrio se aproximando, como se parecesse, de centenas de milhas de distância, vindos através do vale. Foi uma experiência estranha, já que o som foi o de muitas vozes, e algumas de raiva e ódio, e outras de desespero, e outras gritavam por socorro e clemência. E estes e outros gritos diferentes pareciam agrupar-se cada um em uma localidade particular, vindo de diferentes direções. Nós apenas podíamos entender um pouquinho, mas apesar disso, enquanto esperávamos pela socorrida, perguntamos para Beanix (temo não poder fazer melhor que isso, por isso assim ficará. Nós a chamaremos de Beanix, mas não parece correto quando acabo de escrever.), perguntamos a ela sobre estas lamentações e de onde vinham. Ela disse não saber, mas que havia provisão para seus registros, tanto coletivamente quanto individualmente, para serem analisados, e poderiam ser tratados cientificamente na ciência do amor, e então o socorro seria enviado segundo o merecimento dos que se lamentavam, e também da melhor forma que fosse necessária. Cada lamentação era uma evidência do bem ou mal em alguma alma humana naquela região, e receberia sua resposta apropriada.

Quando a mulher nos foi encaminhada, primeiramente a deixamos descansar e a circundamos com uma influência repousante e silenciosa, e então, quando ficou fortalecida o suficiente, nós a levamos a uma casa onde está sendo cuidada e atendida.

Não fizemos perguntas quaisquer, mas deixamos que ela falasse o pouco que pôde. Mas descobri que a pobre coitada tinha estado nas trevas por mais de vinte anos. Sua história de vida na terra eu já havia lido parcialmente, mas não o suficiente para fazer uma narrativa conexa. E não é bom relembrar tão vividamente aos que ela deixou na terra tanto tempo atrás. Eles usualmente têm que se esforçar para voltarem ao presente, vindos de

experiência na vida espiritual, para entenderem-na e a relação com o todo - causa e efeito, semeadura e colheita - tudo explicado.

Isto é o que basta por agora. Boa noite, querido, e as bênçãos de Deus e nossas orações estarão contigo. Possa Ele mantê-lo em Sua paz. Amém.

IV - A CIDADE E O REINO DE CASTREL

Sexta, 17 de outubro de 1913.

Quando chegamos a Casa aonde fomos encarregadas de levar nossa pobre irmã, agora tão abençoada, fomos avisadas de outra missão determinada para nós. Fomos convidadas a irmos para outro distrito em direção ao Leste... Você hesita novamente, mas é a palavra que queremos. Por Leste queremos dizer a direção de onde a Luz Brilhante é vista sobre as montanhas que bordejam a planície onde a Visão do Cristo e da Cruz foi-nos apresentada. Nós sempre nos referimos a esta direção como sendo Leste, porque nos lembra da Aurora.

Saímos, nos cinco, todas mulheres, e mantivemos diante de nós a descrição que recebêramos do lugar que estávamos agora buscando. Devíamos ir a uma grande cidade entre as montanhas, com uma grande cúpula dourada no meio dela, e a cidade em si é rodeada por uma colunata num terraço que cerca a Cidade por todos os lados. Andamos pela planície e depois fomos pelo ar, que requer mais esforço, mas é mais rápido, e, num caso como o nosso, mais conveniente porque nos permitiu ter uma visão da região.

Avistamos a Cidade e descemos diante do pórtico principal, por onde adentramos na principal via de acesso. Ela cortava reto por toda a Cidade e terminava em outra avenida no outro lado. Em cada lado desta ampla rua havia casas enormes, ou palácios, em amplos terrenos, residências dos principais oficiais daquele distrito do qual esta mesma Cidade é a Capital.

À medida que caminhamos em direção à Cidade, havíamos visto pessoas trabalhando nos campos, e muitos edifícios, evidentemente não residenciais, mas erigidos para algum outro propósito útil. E agora que

estávamos dentro dos muros da Cidade podíamos ver a perfeição dos edifícios e da jardinagem. Cada edifício tinha um jardim típico para combinar com suas cores e forma. Seguimos adiante, esperando por alguma sinalização quanto ao nosso destino e a nossa missão, já que nestas ocasiões uma mensagem é sempre enviada na frente, assim os visitantes são esperados.

Quando andamos um bom trecho, entramos numa praça bem grande onde cresciam lindas árvores em campos da mais verde das gramas, e fontes compunham em harmonia o conjunto; isto é só para dizer que havia talvez umas doze fontes, cada uma em seu tom, cada um delas composta de pequeninos jatos d'água dando sua nota. Elas eram manipuladas, em certas ocasiões, de tal forma que uma complicada peça musical poderia ser tocada com o efeito semelhante ao que é produzido por um órgão com muitos foles. Nestas ocasiões há grande quantidade de pessoas reunidas naquela praça, ou parque, como posso chamá-lo, tanto de cidadãos quanto daqueles que habitam fora dali, entre as colinas e pastos. Mas, quando chegamos, as fontes estavam tocando uma simples série de acordes, em perfeita harmonia, com um efeito delicioso.

Aqui permanecemos por um tempo, já que era muito lindo e repousante. Sentamo-nos ou deitamo-nos na grama, e nesta hora veio um homem em nossa direção, o qual sorria enquanto se aproximava, e soubemos que era aquele que nos aguardava. Levantamo-nos e postamo-nos diante dele em silêncio, já que não nos sentíamos à vontade para uma conversação, pois percebemos que ele era um anjo de um grau considerável acima de nós.

Por favor, descreva-o e dê seu nome, se possível.

Tudo a seu tempo, querido. Aprendemos a eliminar a impaciência por aqui, como sendo uma coisa que nos confunde sem acrescentar ímpeto ao tema em pauta.

Ele era alto - mais alto que a média humana na terra. Eu diria que ele

teria sete pés e meio na medida terrestre. Eu estou consideravelmente mais alta do que quando estava com vocês, e ele era muito mais alto que eu. Usava uma túnica da cor creme, quase até seus joelhos, pernas e braços nus, e sem sandálias. Veja que estou respondendo o que você está questionando em sua mente. Não, ele não tinha nada na cabeça, a não ser a linda cobertura de cabelos castanhos e macios, partidos ao meio e ondulados em torno da face e do pescoço. Usava um largo filete de ouro, no centro e nas laterais estavam engastadas três pedras azuis enormes. Ele usava um cinto de prata mesclado com um metal rosado, e seus membros cintilavam com um suave brilho. E estas características, junto a outras, diziam- nos de sua alta hierarquia.

Havia também uma calma benevolência e poder em seu semblante firme mas bondoso, que nos transmitia paz e confiança enquanto estávamos diante dele, mas também nos induzia a uma reverência que nos alegrávamos em prestar a quem realmente merecia, como ele.

Ele finalmente falou, silenciosamente, modulando sua voz para o nosso caso, como instintivamente soubemos. Pudemos, apesar disso, detectar seu poder reverberando naquela tonalidade. Ele disse, "Meu nome é Cast..." Desculpe. Estes nomes parecem ser a minha fraqueza. Eles sempre me deixam perplexa quando eu tento reproduzi-los aqui em baixo. Mas não importa seu nome por enquanto. "Eu sou C...," disse ele. "Vocês já escutaram seus Superiores falarem de mim, e agora nos encontramos pessoalmente. Agora, minhas cinco irmãs, venham comigo, e eu contarei o porquê de terem sido enviadas até esta Cidade e a mim". Então o seguimos, e no caminho conversamos bastante, e ficamos bem à vontade em sua presença.

Ele nos conduziu por uma avenida perpendicular à praça, e então saímos numa outra praça; mas logo percebemos que esta era particular, e aquele grande palácio, que ficava no meio do parque e em torno dele, era a

residência de algum grande Senhor. Fomos levados através do parque até que nos aproximamos do grande prédio que ficava, como um grande templo grego, num platô que tinha um lance de escadarias em todas as suas laterais.

O prédio era imenso e estendia-se diante de nós, para a esquerda e para a direita, e tinha grandes arcos, entradas e pórticos, tudo recoberto por uma grande cúpula. Era a marca que vimos quando nos aproximamos da Cidade, somente que vimos que não era toda de ouro, mas dourada e azul. Perguntamos quem morava ali, e ele respondeu, "Oh, esta é a minha casa: isto é, minha casa da cidade, já que tenho também outras casas nas paragens campestres, aonde vou de vez em quando para visitar meus amigos cujas funções estão naqueles distritos. Entrem e receberão as boas vindas que merecem, vocês que vieram de tão longe para nos ver".

Ele falava bem simples. Vim a saber que a simplicidade aqui é uma das características de grande poder. Alguém pensaria que a maneira apropriada de anunciar alguém na presença de um grande nobre seria mandar servos para nos conduzir pelo Palácio, e então ele nos receberia em seu status. Mas aqui se encaram as coisas de modo diferente. Não haveria propósito em tal cerimonial por aqui, portanto foi dispensado. Nos casos em que o cerimonial é esperado ou desejado, ele é mantido, e algumas vezes com muita grandiosidade. Quando não é necessário, não é usado.

E foi assim que viemos até a Casa de Castrel, agora você já tem seu nome tão bem quanto eu posso transmitir; e de quem falaremos mais em outra ocasião. Agora você tem que sair, portanto boa noite, querido, e todas as bênçãos a você e aos seus, destes lindos e brilhantes reinos.

Querido filho, boa noite.

Sábado, 18 de outubro de 1913.

Assim ele nos fez entrar, e descobrimos que o interior da casa era alto e muito magnífico. O saguão de entrada, no qual paramos, era circular de

formato e aberto acima para a grande cúpula, a qual não ficava no centro da construção, mas um pouco recuada do pórtico da entrada. A rotunda era ricamente cravejada com pedrarias de cores variadas e cortinados de textura semelhante à da seda, a maioria da cor carmim profundo. Portarias levavam a longas passagens à nossa frente e também em nossos lados. Pombos esvoaçavam sob a cúpula, tinham evidentemente como entrar e sair. O material do que era feita a arcada do teto desta cúpula era de uma espécie de pedra semiopaca, que permitia que a luz penetrasse filtrando uma nuance de um brilho suave. Quando olhamos por instantes acima de nós, descobrimos que estávamos a sós, já que Castrel havia nos deixado.

Aos poucos, de uma passagem em nossa direita, escutamos gargalhadas e vozes alegres, e dali naquela hora saiu um grupo de mulheres com algumas crianças entre elas. Totalizavam umas vinte pessoas, e vieram até nós, e pegando nossas mãos em cumprimento de boas vindas, beijaram nossas faces, sorriram para nós e assim ficamos mais contentes que antes, se fosse possível. Então elas se afastaram, ficando a uma pequena distância, exceto uma delas que ficou ali. Ela veio em nossa direção e nos mostrou um recanto da parede, onde poderíamos nos sentar.

Então, ficando em pé diante de nós, ela dirigiu-se a cada uma de nós saudando- nos pelos nossos nomes, e disse, "Devem estar imaginando o porquê de terem vindo até aqui, e que Cidade e que lugar seria este a que foram enviadas. Esta casa onde agora estão é o Palácio de Castrel, como, sem dúvida, já sabem. Ele é o governador deste amplo distrito, onde têm lugar muitas ocupações, e muitos estudos podem estar em curso. Ouvi dizer que vocês já foram até a colônia da Música, e mais ainda, para outros departamentos, onde são estudados outros ramos da ciência. Nós estamos em contato com todos eles, e recebemos constantemente seus relatórios quanto ao progresso neste ou naquele ramo da ciência. Estes relatórios são estudados por Castrel e seus auxiliares, do ponto de vista da harmonia,

como vocês chamariam. Coordenação expressaria melhor, entretanto, o que quero dizer.

"Por exemplo, um relatório chegará da Universidade da Música, e outro da Luz, e outro do estabelecimento onde a faculdade Criativa é estudada, e de outros ramos de serviços. Todos eles serão muito cuidadosamente examinados, analisados e tabulados e, quando houver necessidade, os resultados serão testados aqui, em um ou outro laboratório relacionado a esta Cidade. Vocês já viram alguns deles à medida que se aproximaram daqui. Eles estão espalhados sobre o campo, até uma grande distância. Estes não são tão detalhadamente completos como os que já visitaram em outras localidades, mas, quando algum novo aparato torna-se necessário, uma missão é despachada para inquirir sobre sua construção, e eles retornam e constroem no local mais apropriado em relação aos outros departamentos deste distrito; ou talvez é acrescentado a outros aparatos que já existem em um ou outro dos prédios.

"Vocês entenderão, portanto, que um Super Governador como ele, que controla uma combinação de conhecimento tão variada, deve ser evoluído em sabedoria, e também é muito ocupado em seu trabalho. Este é o trabalho a que foram enviadas para verem, e, enquanto ficam conosco, terão grandes oportunidades de visitarem nossas estações externas. Não entenderão tudo, claro, ou talvez não muito, do lado científico do trabalho, mas será mostrado o suficiente para ajudá-las em seu trabalho futuro. Agora venham, e vou mostrar-lhes esta casa, se quiserem".

Respondemos que sim, e agradecemos pela gentileza. Então percorremos as partes principais daquela moradia magnificente. É a única palavra que encontro para ela. Em todos os lugares as cores mesclavam-se a outras, nítidas mas harmoniosas, e de tal forma que, em vez de serem fulgurantes, tinham algumas vezes um efeito estimulante e algumas vezes um suave efeito repousante. Joias e metais preciosos e lindos ornamentos,

vasos e pedestais e pilares - alguns erigidos apenas para enfeite, uns solitários, outros em grupos -, pendentes de material cintilante que, quando atravessávamos algum pórtico, voltavam ao lugar emitindo um murmúrio musical, fontes com peixes, pátios a céu aberto, nos quais cresciam grama, as mais belas árvores e arbustos floridos, de cores que não são conhecidas na terra.

Então subimos ao teto, e aqui havia novamente um jardim, mas de grande extensão, com grama, bosquetes, arbustos e fontes novamente. Era daqui que a maioria das mensagens e mensageiros eram avistados; e também havia aparatos para se manter correspondência com regiões distantes por uma espécie do que vocês talvez chamassem de telégrafo sem fio, mas realmente é diferente, já que as mensagens chegam na maioria de forma visível, e não em palavras.

Permanecemos nesta mansão por um período considerável, e visitamos a Cidade e também seus distritos em torno, distritos esses que na terra teriam milhares de milhas, mas todos em contato constante com a Cidade e suas estações de comunicação, e com o Palácio central por si mesmo. Não teríamos tempo para contar-lhe tudo. Por isso, vou lhe transmitir apenas alguns detalhes, e deixarei que imagine o restante que, entretanto, sei que não conseguirá.

A primeira coisa que me confundiu foi a presença das crianças, porque eu pensava que todas as crianças estavam recolhidas em Casas especiais destinadas a elas. A senhora que nos recebeu era a Mamãe do local, e aquelas que a atendiam eram algumas de suas ajudantes. Eu perguntei a uma delas sobre estas crianças que pareciam tão felizes e bonitas, e tão à vontade num local tão grandioso. Ela me explicou que estas eram crianças natimortas, que jamais haviam respirado a atmosfera terrestre. Por esta razão, elas tinham características diferentes das que nasceram vivas, mesmo das que sobreviveram apenas alguns minutos. Elas também requeriam

tratamento diferenciado, e eram capazes muito mais cedo de se imbuírem do conhecimento destas esferas. Então eram enviadas a alguma casa como esta, e eram treinadas até que tenham progredido na mente e evolução de tal hierarquia, de tal forma que possam começar seu novo curso de conhecimento. Então, fortes na pureza celeste e em sabedoria, são levadas até as professoras que estão em contato com a terra, e aprenderão o que não puderam aprender antes.

Isso me interessava muito, e então comecei a ver que uma razão pela qual fui mandada para cá era a de aprender estas coisas, para que pudesse ser despertada em mim a consciência do desejo de saber de minha filha que tinha passado para este lado desta forma, e por quem eu não esperava ser chamada de mamãe. Ah, a grande e dulcíssima emoção que se apoderou de mim quando percebi isto. Não ficarei neste assunto, mas confesso que por uns tempos lágrimas de alegria indescritível embaçaram meus olhos por mais esta bênção acrescentada às muitas já recebidas. Sentei-me na grama diante de uma árvore, e cobri minha face com as mãos, inclinando minha cabeça sobre meus joelhos, e ali fiquei desamparada, pelo estranho enlevo que vibrou e preencheu todo o meu ser, até tomá-lo por inteiro. Minha querida amiga não falou comigo, mas sentou-se ao meu lado e colocou seus braços em torno de meus ombros, e deixou que extravasasse minha alegria.

Então, quando me recobrei, ela disse gentilmente, "Querida, eu também sou mãe, a mãe de um, da mesma forma que você encontrará aqui a sua. Por isso sei o que vai em seu coração neste momento, porque já passei por esta sua alegria de agora".

Então levantei meus olhos para ver sua face, e ela leu a pergunta que não pude fazer, e, levando-me pelas mãos, ela me conduziu e, ainda com seus braços em meus ombros, ela me conduziu a um bosque onde ouviam-se crianças brincando, seus gritos alegres e risadas vindos por entre as árvores - e estava tão abalada por toda aquela alegria que me preencheu,

como eu conseguiria me sustentar diante da alegria maior que viria?

Querido, não faz muito tempo que isso aconteceu, e ainda está tão claro em mim que acho difícil escrever através de você com a clareza que gostaria. Mas você deve perdoar-me se pareço tão prolixa, ou tão desconexa em minhas palavras. Eu não conhecia estas verdades, e quando me foram reveladas tão repentinamente, e todo significado - para mim - tremendo de tudo - bem, devo deixá-lo tentar entender. Basta dizer que encontrei naquele bosque aquilo que eu não sabia que possuía, e por estes lugares dádivas como esta são ofertadas mais rapidamente do que somos capazes de nos controlar para recebê-las.

Devo acrescentar, antes que terminemos, o que deveria ter dito antes, mas estive sendo levada por minhas lembranças daquele momento tão doce. É isso: Quando crianças pequeninas chegam aqui, primeiramente elas são ensinadas nesta vida, e depois têm que aprender a experiência que lhes faltou na terra. Quanto mais treinamento tiverem na vida terrena, mais cedo são enviadas para completarem tudo. Os que são natimortos não tiveram treinamento terrestre nenhum. Apesar disso, são crianças da terra e, como tais, devem retornar e adquiri-lo. Não antes da hora em que seja seguro fazê-lo, entretanto, e apenas sob a guarda apropriada até que sejam competentes para seguirem sozinhos. O retorno deles às vizinhanças da esfera terrestre é consequentemente adiada por mais tempo, e alguém que tenha vivido uma vida longa e ocupada na terra tem menos o que aprender da vida terrena quando chegar até aqui, e por isso passa para outros estudos mais elevados.

Claro, estes são os amplos princípios gerais, e, aplicando-se aos indivíduos, tem que se levar em conta suas características pessoais, e a regra será modificada e adaptada se o caso particular requer ou merece.

Mas tudo está bem para os que vivem e amam, e os que amam mais vivem a vida mais amorosa. Isto soa repetitivo, mas deixe assim, porque é a

verdade. Deus o abençoe, querido. Boa noite.

Segunda, 20 de outubro de 1913.

Estávamos caminhando pela avenida principal daquela linda cidade numa viagem de inspeção. Queríamos entender por que estava disposta em tantas quadras, e qual seria a utilidade de alguns daqueles edifícios que percebêramos nos dois lados daquela ampla avenida. Quando chegamos à rua mais distante, vimos que a Cidade estava acima das planícies vizinhas. Nossa guia explicou que a razão para isso é que a visão daquelas torres deveriam alcançar o mais distante possível, e também serem vistas pelos que estavam nos assentamentos mais distantes daquela região. Esta era a Cidade Capital daquela região, e todos os fatos que aconteciam tinham seu foco aqui.

Em nosso caminho de volta visitamos vários destes prédios, e fomos gentilmente recebidas. Encontramos poucas crianças, outras que não as que estão na casa de Castrel. Aqui e ali havia, entretanto, grupos nas praças, onde as fontes tocavam e eram circundadas por espelhos d'água que recolhiam as águas que caíam. Elas eram coletadas numa corrente maior que partia de um lado da Cidade e caía na planície abaixo, uma cascata brilhante de muitas colorações e de um brilho cintilante. Ela continua atravessando a planície, uma correnteza bem larga suavemente fluindo sobre as areias, e vimos, aqui e ali, algumas crianças banhando-se nelas, jogando água em seus corpos lindos com imensa alegria. Não pensei muito nisto até que minha guia fez com que notássemos que estas crianças eram encorajadas a banharem-se nestas águas, pois são carregadas eletricamente e dão força a elas, pois muitas delas vem para cá bem fraquinhas, requerendo este tipo de nutrição.

Expressei minha surpresa diante disso, e ela replicou, "Mas o que queria? Você sabe que, apesar de não serem de carne e sangue, mesmo

assim nossos corpos são sólidos e verdadeiros como os que deixamos para trás. E você sabe que estes corpos do nosso estado atual correspondem ao espírito intimamente, muito mais acuradamente que os outros antes. Agora estes pequenos espíritos estão, na maioria, apenas começando a desenvolver e necessitam de nutrição corporal para ajudar nisso. Por que não?"

Por que não, sem dúvida! Evidentemente, eu era lenta para aprender tudo que a frase que eu já lhe transmiti implicava, "Terra aperfeiçoada." Temo que muitos de vocês, quando vierem para cá, ficarão muito chocados ao verem quão naturais são todas as coisas, mesmo que mais bonitas que as da terra. Pois muitos esperam encontrar um mundo vago e sombrio por aqui, totalmente diverso da terra em todas as formas possíveis. E ainda assim, pense nisto, e com bom senso, o que traria de bom para nós um mundo como esse? Não significaria um progresso gradual para nós, mas uma transição brusca, e este não é o caminho de Deus.

As coisas por aqui, logo que chegamos, estão certamente muito diferentes de quando eram os velhos tempos, mas não tão diferentes para nos fazerem ficar pasmos de tão estranhas. De fato, aqueles que vêm para cá, depois de terem vivido na terra uma vida sem progresso, vão para uma esfera de características tão grosseiras que se torna, para eles, impossível de se diferenciar da própria terra. Esta é uma das razões pelas quais não conseguem perceber que mudaram de estado. Conforme se progride das esferas mais baixas em direção às mais elevadas, estas características gradualmente dão lugar a condições mais sublimadas, e quanto mais alto se sobe, mais sublime é o ambiente. Mas poucos, ou nenhum, passam para aquelas esferas onde não se vê nenhum traço terreno, ou onde não há nenhuma semelhança com a vida na terra. Duvido que, como regra, alguém o faça. Mas a respeito disso não comentarei nada dogmaticamente, porque por mim mesma ainda não lá cheguei, nem visitei, a uma esfera onde não haja absolutamente nenhuma semelhança com a maravilhosa terra de Deus.

Pois ela é linda, e temos que aprender sobre suas belezas e maravilhas por aqui, como parte de nosso treino. E, aprendendo isto, vemos que a terra é apenas uma manifestação exterior de nossa própria esfera, e em sintonia conosco e nosso atual ambiente, em várias formas bem íntimas. Se não fosse assim, não poderíamos estar nos comunicando com você neste momento.

Também... e eu meramente falo da forma que tudo aparece diante de mim, que não sou muito aprofundada nestes temas, não vejo como as pessoas que passam para cá vindas da terra poderiam chegar aqui se houvesse um enorme hiato entre nós, um gigantesco vácuo. Como poderiam atravessá-lo? Mas é simplesmente um raciocínio meu, e ele pode não conter nada. Somente de uma coisa tenho certeza: se as pessoas mantivessem em mente a Unidade de Deus e Seu reino, e o progresso gradual que, por Sua Inteligência, Ele ordenou que assim fosse para nós, então poderiam entender muito melhor o que é a morte e o que há além. Seria, posteriormente, absurdo para muitos, se lhes falassem que aqui nós temos verdadeiras casas sólidas, ruas, montanhas, árvores e animais e pássaros; e que os animais aqui não são apenas para ornamento, mas também têm sua utilidade; e que os cavalos, bois e outros animais são utilizados. Mas estes gostam do trabalho de uma forma que ficamos felizes ao observá-los. Observei um cavalo e seu cavaleiro que estavam caminhando pela rua certa vez, e imaginei qual dos dois estaria gostando mais da cavalgada. Mas temo que muitos não aceitem isso, então mudarei de tema.

Um dos prédios na ampla avenida era uma biblioteca, onde se mantinham os registros de estações externas. Outro era um laboratório onde alguns dos registros poderiam ser testados num experimento real. Outro era um saguão de conferências onde os mestres apresentavam os resultados aos que são do mesmo ramo de ciência e a outros. Outro ainda tinha uma história curiosa.

Ficava bem afastado da rua e era construído em madeira. Parecia mogno polido, com fios de ouro no cerne. Foi erigido há muito tempo, para ser uma Câmara de Conselho para o Diretor daquela época, bem antes de Castrel assumir o posto. Aqui costumavam reunir-se os estudantes, para que cada um pudesse demonstrar seus conhecimentos de forma prática.

Um jovem levantou-se, numa ocasião, e, indo ao centro do auditório, ficou ali e estendeu seus braços, encarando o Presidente. Enquanto permanecia ali, suas formas pareciam mudar e tornarem-se mais radiantes e translúcidas, até que ficou completamente envolto num largo halo de luz, e ali foram vistos muitos Anjos das mais altas esferas. Seu sorriso era enigmático, e nele o Príncipe estava tentando ler algo, mas não conseguia. Quando ele (o Príncipe ou Chefe) estava quase falando algo, entrou pela porta aberta um menino, e olhou surpreso em torno da grande plateia.

Ele parou na beira do círculo e olhou para a multidão de faces dos que ali estavam sentados em fileiras, uma após outra, em torno do círculo, e parecia abatido. Ele estava se voltando para ir embora novamente, quando viu aquele que estava no centro, agora cintilando em luz e glória. Imediatamente o pequeno garoto esqueceu todos à sua volta e, correndo tanto quanto puderam suas pernas, seguiu diretamente ao centro do círculo com braços abertos e um olhar de alegria em sua face.

Aquele que estava ali abaixou, então, seus braços e, abaixando-se, tomou o pequeno e o acomodou em seus ombros, e então, aproximando-se do Príncipe, gentilmente colocou o pequeno companheiro em seu colo e começou a andar para trás, em direção ao lugar onde estava anteriormente. Mas enquanto o fazia, sua forma começou a esmaecer e, antes que alcançasse o lugar que havia deixado, tornou-se quase invisível, e todo o espaço ficou vazio. Mas o menino ficou no colo do Príncipe, e olhou para sua face - era uma linda face - e sorriu.

Então o Príncipe levantou-se e, segurando a criança em seu braço

esquerdo, reverentemente colocou a mão direita sobre sua cabeça, dizendo, "Meus irmãos, está escrito: Uma criança os conduzirá, e estas palavras vieram à minha mente agora. O que vimos é uma Manifestação de nosso Senhor, o Cristo, e este pequeno é dos que são do Reino, como Ele disse. Que mensagem Ele lhe transmitiu, criança, enquanto esteve em Seus braços, e Ele o trouxe aos meus?"

Então, pela primeira vez o menino falou, e disse, com um toque infantil, e ainda muito tímido pela plateia enorme, "Se quer saber, Príncipe, devo ser bom e fazer o que me ensinar, e então Ele vai me mostrar, de vez em quando, coisas novas para sua Cidade e Reino. Mas não sei o que significa".

Nem o Príncipe sabia, menos ainda os alunos. Mas ele os dispensou e levou o pequeno para a sua própria casa e pensou no assunto. Chegou à conclusão de que eram Elias e Samuel novamente, sem maiores comentários. De certa maneira, conforme raciocinou sobre tudo, ele interpretara corretamente. À criança foi permitido que brincasse nos laboratórios e nas escolas científicas, e que observasse o ouvisse. Ele nunca estava no caminho, nem aborrecia questionando ninguém. Mas às vezes, quando alguma tarefa de dificuldade extraordinária estava sendo levada a termos, aí então ele fazia algum apontamento, e quando o fazia, era sempre a chave da solução da questão. Também - e foi considerado, quando o tempo passava, o principal objetivo que Ele tinha ao dar aquela Manifestação - os estudantes aprenderam a simplicidade; isto é, que a solução mais simples que pudessem achar para algum problema em particular seria a que melhor serviria ao plano geral, em outras soluções.

Houve muitas outras lições que eles aprenderam da própria Visão; por exemplo, o fato de a Sua presença estar sempre entre eles, e que a qualquer hora Ele poderia se tornar visível, pois, quando Ele viera naquela época, Ele andara entre a assembleia dos estudantes. Também, os braços abertos lhes deram uma lembrança do autossacrifício, mesmo naqueles reinos felizes

onde as glórias brilhavam sobre eles, como brilhou sobre Sua forma enquanto esteve ali. Mas quanto à Criança, ele cresceu como crescera Seu Divino Protetor, em sabedoria e estatura, e quando o Príncipe daquele tempo foi elevado a uma esfera mais alta, ele o sucedeu naquele alto escalão.

Bem, tudo isso foi há muito tempo atrás, e ainda está lá o antigo saguão. É mantido cuidadosamente e ornamentado interna e externamente com flores. Mas não é mais usado para conferências ou debates, mas para o serviço de reverência. Um dos artistas da Cidade fez uma pintura da cena, e ela foi posta atrás do Altar, como muitos na terra. E de vez em quando são rendidas graças ao Grande Pai de tudo, na santificada Presença de Seu Ungido Filho, e, em algumas ocasiões, o Príncipe, que ali esteve quando aquela Visão apareceu, descia das esferas mais altas com o menino, agora um grande Anjo- Senhor, e outros que estiveram no cargo desde aquele tempo; e os que ali se reúnem agora sabem que alguma grande bênção e uma Manifestação será dada. Mas apenas os que se ajustam por sua evolução estão presentes nestas ocasiões, já que a Manifestação poderia não ser visível aos que não alcançaram um certo estágio de progresso.

As esferas de Deus são maravilhosas por sua beleza de luz e glória, mas mais maravilhoso de tudo é a Presença de Seu Espírito através destes infinitos e eternidades, e Seu suave amor a todos, tão sábio e simples; e a você e a mim, querido, naquilo que Ele ordenou desta forma de cooperação entre os diferentes estados em Seu reino, para que possamos conversar juntos desta forma, você e eu, querido, através deste tênue Véu que pende entre nós.

Terça, 21 de outubro de 1913.

Sobre aquela Cidade eu poderia contar-lhe muito mais do que fiz. Mas tenho outros temas a tratar, entretanto vou transmitir-lhe apenas um item a

mais de nossa estadia ali, e então passarei para outros fatos.

Estávamos habitando num chalé dentro dos campos do Palácio onde as crianças sempre vinham nos ver, a minha pequenina entre eles. Eles pareciam ficar alegres ao nos visitar e ver a mãe do sua pequenina amiga e suas amigas visitantes, e jamais se cansavam de ouvir sobre outros lugares que visitáramos, especialmente as casas de crianças e escolas. Eles teciam guirlandas de flores e traziam para nós de presente, com o desejo escondido em suas mentes de que em retorno nós nos juntássemos a eles em algum jogo deles. Sempre fazíamos isso, e você facilmente imaginará o quanto eu gostava dessas travessuras com estas queridas crianças daquele lugar calmo e feliz.

Estávamos uma vez jogando com eles um jogo que eles mesmos haviam inventado, uma espécie do joguinho Jolly Hooper que você brincava, e nós ganhamos de quase todos, quando os poucos que restavam em frente a nós repentinamente pararam de cantar e ficaram quietos, olhando para trás de nós. Todas nós nos viramos, e ali, parado na entrada de uma ampla alameda de árvores na entrada do bosque, estava nada menos que Castrel.

Ele ali estava, sorrindo para nós, e, apesar de seu aspecto tão majestoso, ali se estampava tanta bondade e humildade se mesclando com seu poder e força, que era adorável de se ver, e de se estar perto. Lentamente ele se aproximou de nós e as crianças correram até ele, e ele acarinhou uma ou outra na cabeça, enquanto vinha vindo. Então falou a nós. "Vocês veem", disse ele, "eu sabia onde poderia encontrá-las, e por isso não precisei de guia. Agora sou obrigado a cortar seu intervalo de brincadeiras, minhas irmãs visitantes, pois há uma cerimônia programada e vocês devem estar presentes. Por isso, meus pequenos, vocês devem continuar seus jogos sozinhos, enquanto estas crianças adultas vêm comigo".

Então elas correram até nós e nos beijaram alegremente, e nos prometeram vir para continuarmos nossos jogos tão cedo quanto nos

liberassem.

Assim seguimos o Príncipe Castrel ao longo da avenida arborizada que formava um túnel de folhas sobre nossas cabeças. Andamos até o fim, e saímos em campo aberto, e aqui nosso guia parou e disse, "Agora quero que olhem para adiante e digam o que veem!"

Nós, uma por uma das cinco, dissemos a ele que víamos uma planície ampla e ondulada, com muitos prédios aqui e ali, e, além, o que parecia ser uma longa cadeia de montanhas.

"Nada mais?" perguntou ele.

Respondemos que não víamos nada mais de importante, e ele continuou, "Não, suponho que esteja acima de suas visões por ora. Mas minha visão, vejam, é mais desenvolvida que a de vocês, e posso ver além destas montanhas. Agora ouçam, e vou contar o que vejo. Além daquela cordilheira, vejo outras montanhas ainda mais altas e, além delas, há picos ainda mais elevados. Em alguns deles há prédios, outros são nus. Estive também naquela região, e sei que entre estas montanhas que deste ponto são vistas com esforço, estão planícies e trechos de terreno tão imensos como este onde a Cidade é a capital.

"Agora estou observando a encosta de uma montanha, não no horizonte que vejo, mas além do alcance de sua visão, e vejo uma grande e gloriosa cidade, muito mais rica, muito maior e mais magnífica que esta. A principal avenida está de frente para esta direção, e diante dela há um amplo local aberto. Através desta avenida estão passando cavalos e carruagens com seus condutores, e outros cavalos com seus cavaleiros. Estão agora reunidos e vão começar. Agora o líder deles sai da multidão e vem para a frente. Dá uma ordem e a multidão de cidadãos levanta suas mãos e acena uma despedida. O Príncipe deles move-se em direção ao topo da rocha onde a cidade foi construída. Sai dali e continua num voo aéreo. A carruagem dele lidera o caminho e os outros o seguem. E eles vêm vindo", disse ele num

sorriso, "nesta direção. Agora nós vamos a outro lugar, e testemunharemos a chegada deles".

Nenhuma de nós perguntou a razão da visita deles. Não era porque tínhamos medo de fazê-lo. Penso que poderíamos perguntar a ele o que quiséssemos. Mas de alguma forma sentimos que, se tudo aquilo fosse para ser sabido por nós, teríamos sido informadas, e assim ficamos contentes em esperar. Mas ele disse, "Estão curiosas para saber a razão de sua chegada. Logo mais será permitido que vejam". Então fomos com ele à muralha da Cidade, e ficamos ali olhando sobre a planície na direção das montanhas. Ainda não conseguíamos ver nada além do que já tínhamos dito.

"Digam-me," disse ele, "qual de vocês será a primeira a vê-los."

Olhamos distante e ansiosas, mas nada podíamos ver. Finalmente pareceu-me ver uma estrela começar a cintilar sobre as montanhas distantes, na profundeza do espaço. Justamente naquele momento uma companheira exclamou, "Penso, meu senhor, que aquela estrela não estava lá assim que chegamos".

"Sim", respondeu ele, "estava lá, mas não visível a vocês. Então você é a primeira a vê-la?"

Eu não ia dizer que já havia visto também. Devia ter dito antes. Mas ele continuou, "Penso que há mais alguém que vê aquela estrela. Não é verdade?" e ele virou-se para mim, sorrindo. Temo ter enrubescido e murmurado algo ininteligível. "Bem", disse ele, "observem. As demais também poderão ver logo mais. Neste momento está distante várias esferas, e não espero que a visão de nenhuma de vocês consiga alcançar aquela região." Então, virando para nós duas, inclinou-se cortesmente, e disse, "Senhoras, congratulo-me por sua evolução. Avançaram rapidamente a um grau mais elevado, e, se continuarem, sua esfera de serviços cedo será ampliada, acreditem-me". Nós ambas ficamos felizes por esta declaração.

Agora a estrela brilhava consideravelmente, e à medida que

observávamos, parecia ampliar-se e expandir-se, e isto continuou por um longo espaço de tempo. Então percebi que não era mais um disco redondo, mas assumia gradualmente outra forma e, finalmente, pude ver que forma tinha. Era uma harpa de luz, algo em forma de lira, parecia ser como uma joia cravejada de muitos brilhantes. Mas conforme chegava cada vez mais perto, pudemos ver que era composta de cavalos e carruagens e homens, ordenados desta forma, cavalgando através do espaço em nossa direção.

Já podíamos ouvir as saudações de boas vindas das populações de outras paragens da Cidade e soubemos que eles também os tinham visto.

"Agora sabem a natureza da ocupação deles naquela Cidade".

"Música", sugeri.

"Sim", ele respondeu, tem a ver com música. É o principal motivo da visita, de qualquer forma".

Conforme se aproximaram, pudemos perceber que o grupo era de centenas de pessoas. Era lindo de se ver. Passaram pelos caminhos do céu, cavalos e carruagens de fogo - você conhece a frase familiar; acredite-me, não é bem entendida - com cavaleiros irradiando sua glória até muito longe deles, à proporção que cruzavam os caminhos nos céus. Oh, os cidadãos dos reinos superiores são todos maravilhosos demais para que possamos descrevê-los a você. O menos elevado em graduação de todos eles, era do mesmo nível que Castrel. Mas a sua própria glória era constrita e escondida, para que pudesse ser o Príncipe da Cidade e também um cidadão. Mas, conforme seus companheiros e pares aproximavam-se, percebemos que também ele começou a mudar. Sua face e formas brilharam com uma radiação cada vez mais cintilante até que, finalmente, brilhava com o brilho dos que vieram pelo céu. Eu podia entender, quando mais tarde pensei nisto, porque era necessário que ele se condicionasse para as esferas mais baixas onde trabalhávamos. Pois, se ele ficasse diante de nós agora, apesar de não ter atingido a intensidade plena de seu brilho natural, nenhuma de nós

ousaria se aproximar dele, mas manteríamos uma distância, e deixaríamos que ficasse sozinho. Não teríamos medo, mas estaríamos desacostumadas -é a melhor forma que tenho para colocar tudo a você.

Os membros da joia em forma de harpa cintilante finalmente sobrevoavam nossa região, e quando chegaram na metade do caminho entre nós e as cadeias de montanhas, diminuíram a velocidade e gradualmente mudaram a formação. Nesta hora o grupo parecia ter a forma de um... Então, descendo, chegaram ao chão no espaço diante do portão principal da Cidade.

Castrel deixou-nos por instantes e, quando desceram, nós o vimos indo a pé ao Portão da Cidade, seguido por seus principais homens. Ele estava vestido de luz - é quase tudo o que podia ver. Mas o diadema que ele usava brilhava mais intensamente do que jamais eu havia visto; assim como o cinturão. Ele se aproximou do líder e se ajoelhou diante dele. Este Anjo era ainda mais brilhante que Castrel. Desceu de sua carruagem e alcançou nosso Príncipe, levantou-o e o abraçou. O gesto era cheio de graciosidade e também de amor, e, pelos segundos que eles estiveram juntos houve um completo silêncio dentro das muralhas. Mas quando se completou o abraço e as palavras de bênçãos foram pronunciadas - numa linguagem que não entendemos -, Castrel inclinou sua cabeça diante do outro e então, levantando-se, olhou para as muralhas da Cidade e elevou sua mãos, e a música e as vozes irromperam num glorioso hino. Eu já havia lhe contado sobre a música em outra região. Esta era muito mais sublime, já que o plano destes era mais evoluído que o outro. Então, eles também entraram na Cidade, seguidos pelos outros visitantes, cercados das saudações da população e o toque dos sinos e acordes da música instrumental e do cantar dos milhares sobre os muros.

Desta forma passaram pelo caminho que vai ao Palácio e, conforme entraram na alameda que saía da avenida principal, o Anjo Príncipe, nosso

visitante, parou e, em pé em sua carruagem, voltou-se e, levantando sua mãos, abençoou as pessoas em sua língua própria, e então voltou ao caminho e ficou, com seus iluminados atendentes, fora de nossa visão.

Querido, tentei fazer o meu melhor para lhe passar uma pálida descrição daquele evento. Falhei miseravelmente. Foi muito mais glorioso do que pude descrever. Gastei tempo na descrição desta cena de chegada porque isso eu pude entender melhor do que a missão a que vieram. Isto é acima de mim, e concernente aos professores da Cidade e os grandes homens da região. Tudo o que pude saber foi que principalmente era concernente aos estudos mais avançados daquela Colônia ligados à música e à faculdade criativa. Não pude entender mais que isso. Mas talvez outros possam dizer mais do que eu sobre isso.

Aquela palavra que não pude transmitir era "planeta" - a segunda formação, quero dizer - não "planeta", mas "sistemas planetários". Não se era o sistema solar, do qual a terra é uma unidade, ou outro - algum outro sistema pensando melhor, mas não sei.

Isto é tudo, querido, por hoje. Está esperando por nossas bênçãos? Deus o abençoe, querido filho. Eleve seu olhar e mantenha seus ideais brilhantes, e creia que a glória mais gloriosa que possa imaginar está para as glórias reais e verdadeiras desta nossa vida, assim como a luz da vela está para a luz do Sol.

Quarta, 22 de outubro de 1913.

Se todo o mundo fosse um grande diamante ou pérola refletindo ou irradiando a luz do sol e das estrelas distantes, quão brilhantes seriam seus arredores. Mas numa certa medida ele o faz, mas somente num grau bem limitado, por causa da falta de brilho de sua superfície. E conforme a capacidade de refletir da terra seja como o mais perfeito espelho que uma pérola pode ser, assim é a vida da terra para a nossa daqui nestes reinos de

luz e belezas, o Eterno Presente de Deus.

À medida que olhamos sobre as vastas planícies e vales das terras Celestes, mal podemos lembrar do efeito da atmosfera da terra na relação que tinha com a nossa visão das coisas terrestres. Mas de fato lembramos de certas qualidades que aqui estão ausentes. A distância não é obscurecida, por exemplo. Ela fica esmaecida. Árvores e plantas não surgem só numa estação para depois morrerem. Elas desabrocham perpetuamente, e então, quando colhidas, ficam frescas por muito tempo, mas não murcham nem secam. Também elas, esmaecem ou desaparecem na atmosfera. Esta mesma atmosfera não é sempre branca. Nas vizinhanças da Cidade do Príncipe Castrel sente-se que há um brilho do sol dourado em tudo. Não é uma névoa, nem tolda, mas banha tudo com sua irradiação dourada sem invadir as variadas cores. Em outros lugares ela é de um rosa claro ou azul. E cada região tem seu matiz particular, ou sentido, na coloração, de acordo com a natureza das pessoas, seu trabalho e inclinação mental.

O matiz da atmosfera parece ser regido por este princípio, mas também é reflexo em sua ação sobre as pessoas. Especialmente, é este caso dos visitantes de outras regiões. Os mais elevados em evolução, ao virem a um novo trecho da região, são capazes de dizerem, só por isso, a característica geral e ocupação das pessoas dali. A influência, entretanto, muito rapidamente se estende a eles. Não os muda nas características, claro, mas realmente afeta seus sentidos, e é quase instantaneamente percebido pela mudança de tonalidade de suas roupagens.

Desta forma, quando alguém visita um distrito estranho, bem rapidamente começa a sentir, interna e externamente, aquela sensação de irmandade e fraternidade que é uma das mais deliciosas bênçãos que encontrei. A todo lugar que se vá, encontra-se irmãos e irmãs. Tente pensar nisto e veja o que seria se fosse assim na terra. Então a saudação de Paz e Boa Vontade do Anjo sem dúvida seria realidade, e a terra seria a

antecâmara da Casa Celestial.

Voltamos daquela Cidade perguntando a nós mesmos sobre a diferença que esta visita fez a nós mesmas, e o que aprendêramos. De minha parte, não era difícil de se ver que o fato real de minha garotinha era o suficiente. Ela é a dádiva que eu não esperava. Mas quando retornamos lentamente pela planície, vimos que recebêramos, cada uma, uma bênção especial.

Nós nos aproximamos da Cidade pelo ar, preferimos agora ir a pé através da planície até alcançarmos as montanhas. Enquanto caminhamos, conversávamos sobre o que presenciamos. Agora, eu poderia preencher muitas páginas com aquela conversa, e asseguro-lhe seria interessante. Mas o tempo e o espaço são para você, e aos editores, e mais valem para nós, e por isso vamos nos apressar naquilo que devo contar-lhe.

Nós chegamos em nosso plano exatamente quando nossa Mamãe Anjo também havia retornado de uma jornada à Ponte da qual já lhe falei. Ela desta vez trouxe com ela alguém que você conhece.

O nome, por favor!

Senhorita S... Ela atravessou uma experiência bem dura. Logo que ela chegou até aqui, foi levada a um lugar onde ela deveria progredir rapidamente. O caso dela causava perplexidade, porque tinha traços tão misturados que era muito difícil localizá-la com exatidão. Assim foi dada a ela uma chance e assistência de todas as maneiras. Mas, você sabe, livre arbítrio e a personalidade são coisas muito importantes por aqui, e jamais são derrogadas quando a ajuda está sendo oferecida. Logo ela ficou inquieta, e foi visto que ela deveria seguir por si mesma. Então ela foi advertida e aconselhada e então levada à saída dos caminhos para que escolhesse sua própria estrada, como desejasse. Um guardião foi destacado para manter guarda constante para que, se precisasse de ajuda, a qualquer hora recebesse.

Bem, ela não pareceu saber onde ir ou o que fazer, para achar o que

queria - paz. Então vagou e ficou um bom período nas vizinhanças da Ponte. Somente quando aprendeu por si mesma que seus próprios desejos levavam de novo e de novo para os lugares onde a escuridão aumentava, e as pessoas, paisagens e sons eram de uma espécie que não emanava felicidade, mas terror, foi que finalmente vagou ao longo dos limites e, aos poucos, virou-se um pouquinho em direção à luz e foi gradualmente ajudada a retornar à Casa que havia deixado. Agora está progredindo lentamente, para ter certeza; mas com um coração suavizado, e mais humilde e confiante, e ela conseguirá vencer a seu tempo. É por isso que a vi tão pouco, e fui tão pouco útil a ela. Mas posso ajudá-la agora e depois, quando o tempo for passando. Talvez seja o porquê de ter sido trazida ao lugar onde estou, para passar um período mais ou menos extenso de serviço. Eu não a conheci na terra, exceto através de você, e sua amizade com seus filhos pode ser a ligação que poderá ajudá- la a receber a pequenina ajuda que eu puder dar.

Você vê, tudo aqui é levado em conta, mesmo as coisas que parecem tão casuais e transitórias na vida da terra. Tudo é registrado e vistoriado na relação de umas às outras, todas as conversas aparentemente casuais ou encontros fortuitos; um livro lido; um aperto de mão na rua, o primeiro e podendo nunca mais haver outro; um encontro com poucos amigos, da mesma forma, numa casa de amigos comuns e depois nunca mais um outro - tudo e cada item é registrado, considerado, coordenado e então usado quando, e se, a ocasião permitir. E assim pode ser este caso.

Seja, portanto, jamais omisso em pesar bem tudo o que faz e cada palavra que profere, não com ansiedade, mas pelo cultivo do hábito do desejar fazer o bem, sempre e em todos os lugares irradiando bondade do coração, pois no Reino isso tem muito peso, e teça roupagens brilhantes para corpos radiantes.

Assim, querido, boa noite mais uma vez - um desejo que tem muita

significação a você, diferentemente para nós, já que aqui tudo está bem para quem ama bondosamente, e a noite se ausenta sempre onde a Verdadeira Luz brilha sempre, e tudo é Paz.

V - MINISTÉRIO ANGÉLICO

Quinta, 23 de outubro de 1913.

Talvez, se contássemos a você de nossos progressos nestas esferas celestes, nós o aborreceríamos, porque muitos detalhes devem ser tratados, e nada é passado para trás, nem pequenos fatos. Mas pode ser útil se completarmos o que escrevemos neste tema da última noite ao dar-lhe agora uns exemplos para ilustrar este ponto.

Recebemos, há pouco tempo atrás, uma mensagem da chegada de uma irmã na Ponte, que havia vindo do outro lado onde estão as regiões de treva, e eu e outra fomos mandadas para conduzi-la até esta Casa. Fomos rapidamente e encontramos nossa guardada nos esperando. Ela estava sozinha, já que seus atendentes a deixaram assim para que pudesse ter um período de meditação e reflexão antes de começar seus progressos para frente.

Estava sentada numa elevação com grama, embaixo de uma árvore cujos galhos se espalhavam como um dossel sobre ela. Seus olhos estavam fechados, e ficamos diante dela, esperando. Quando ela os abriu, olhou para nós durante um certo tempo, de forma inquiridora. Como nada falasse, finalmente disse a ela, "Irmã". Depois desta palavra, ela olhou para nós hesitando, então seus olhos encheram-se de lágrimas, cobriu seu rosto com as mãos, encostou sua cabeça nos joelhos e chorou amargamente.

Fui até ela e impus minhas mãos sobre sua cabeça e disse, "Agora você é nossa irmã, querida, e como não choramos, também você não precisa chorar".

"Como vocês sabem quem, ou o quê, eu sou?" replicou ela, e levantou sua face e tentou reprimir as lágrimas, havendo um toque de desconfiança

em sua voz.

"Não sabemos quem é," respondi. "Sabemos quem foi. Sabemos que sempre foi uma filha do nosso Pai, e portanto, sempre foi nossa irmã. Agora você é uma irmã nossa no sentido mais pleno. O demais, cabe a você. Você também é alguém que tem a face voltada para o Brilho do Sol de Sua Presença, ou alguém que, temendo a tarefa diante de você naquela direção, voltará de novo pela Ponte".

Ela ficou quieta por instantes, e então disse, "Não vou. Tudo é terrível demais por lá".

"Mas," continuei, "você deve escolher, porque não pode continuar onde está. E vai vir pelo caminho ascendente - não vai? - e nós lhe daremos uma mãozinha fraterna, e daremos nosso amor de irmãs ao ajudá-la pelo caminho.

"Oh, imagino o quanto conhecem do que está adiante", disse ela, e havia agonia em sua voz. "Lá chamaram-me de irmã também; chamaram-me de irmã ironizando, enquanto lançavam infâmias e torturas e - oh, não devo pensar mais nisso, ou ficarei louca de novo. Mas não sei como proceder, estou tão maculada, tão fraca e desprezível".

Então vi que isso não ajudaria, então cortei sua fala. Contei a ela que, por ora, ela devia tentar esquecer estas experiências, até que a tivéssemos socorrido, então haveria tempo suficiente para enfrentar sua tarefa com seriedade. Eu sabia que a tarefa seria pesada e amarga; mas há somente um caminho para adiante, nada pode obstar; tudo deve ser visto e entendido como sendo exatamente o que é - cada atitude e palavra até o presente momento - a Justiça de Deus reconhecida, e o Amor de Deus em tudo - e este é o único caminho para frente e para o alto. Mas isto deve ficar um pouco de lado até que ela seja capaz de dar conta de tudo. E assim a reconfortamos e devagar a conduzimos.

Enquanto andávamos, ela começou a olhar em torno e perguntar sobre

as coisas que via, e sobre que espécie de região havia adiante, e que tipo de casa era esta aonde ela estava sendo levada, e assim por diante. Contamos a ela tudo o que ela poderia entender. Falamos de nossa Mamãe Angelical que era encarregada do lugar, e das nossas companheiras de trabalho ali. No meio de nossa conversação ela parou repentinamente e disse que sentia que não poderia seguir mais adiante. "Por quê?", perguntamos. "Está cansada?" E ela respondeu, "Não, estou com medo".

Vimos que alguma coisa estava em sua mente, mas não entendíamos bem como um todo. Havia alguma coisa que não conseguíamos captar. Então deixamos que ela falasse de si mesma, e depois compreendemos a dificuldade.

Parece que quando o guardião da outra extremidade da Ponte ouviu-a gritar por socorro, lá longe na escuridão, ele rapidamente direcionou um raio de sua luz na direção, e enviou um mensageiro para ajudá-la. Este espírito encontrou-a desmaiando ao lado de um rio lodoso cujas águas estavam quentes e fedidas, e trouxe-a até a Casa da Ponte. Aqui ela foi atendida, reanimada e trazida pela Ponte até o lugar onde a encontramos.

Parece que quando este trabalhador espiritual encontrou-a, ela sentiu sua presença mas não pôde ver ninguém por perto. Então ela gritou alto, "Maldito seja se me tocar!" pensando que fosse um dos antigos atormentadores e companhias da escuridão. Então ela não se lembrou mais de nada até que recuperou os sentidos de novo na Casa da Ponte. Enquanto andamos e conversamos sobre os trabalhadores destes reinos, a memória deste incidente voltou repentinamente em sua mente. Ela havia amaldiçoado um dos ministros de Deus, e estava com medo da luz, porque as palavras foram malignas. Verdadeiramente, ela não sabia a quem amaldiçoara, mas uma maldição é uma maldição seja lá contra quem for, e isso estava em seu coração.

Meus companheiros e eu nos consultamos rapidamente e chegamos à

conclusão de que devíamos voltar. Os outros pecados desta pobre alma deviam ser tratados em outra hora. Este, entretanto, era contra um de nossos trabalhadores dos reinos de luz e amor, e vimos que ela não descansaria entre nós, e nossos serviços pouco adiantariam a ela até que este erro pudesse ser acertado. Por isso, voltamos à Ponte, e diretamente à Casa na outra extremidade.

Ali encontramos o espírito trabalhador que a havia trazido até aquele lugar, e ela pediu, e obteve, seu perdão. De fato, ele estava esperando por nós; pois era mais forte e mais evoluído que nós, e era maior em sabedoria, e soube que ela faria tudo para retornar. Assim, à medida que nos aproximamos, ele veio a pé do caminho onde estava, vendo-nos chegar pela estrada e, quando ela viu sua face bondosa e o sorriso de perdão, ela logo soube que era a ele que buscava e, caindo de joelhos, obteve sua bênção.

Temo que esta mensagem desta noite não seja muito excitante. Eu a transmiti para mostrar-lhe como mesmo as coisas aparentemente simples devem ser consideradas aqui. De fato, acredito que alguma inteligência superior à nossa estava nos controlando todo o tempo; pois aquele pequeno incidente promoveu uma importante etapa no progresso daquela pobre mulher pecadora. Foi uma longa jornada de volta, e através da Ponte, estando ela muito fraca e desgastada. Mas quando ela viu o rosto daquele contra quem ela havia pecado, e ouviu suas palavras de amor e perdão, isto mostrou a ela, pela primeira vez, que seja lá o que ela tiver de enfrentar no futuro, será doce no final, e cada tarefa realizada trará em si sua própria bênção. E isso não é pouco para alguém como ela que teve muito para encarar, arrepender-se e envergonhar-se, angustiada pela lembrança do Grande Amor de Deus que ela havia insultado e negado.

O que ela está fazendo agora?

Isto não faz muito tempo, e ela está progredindo, mas vagarosamente. Há muito o que a prende lá atrás. Mas ela progride, apesar de tudo. Ela está

em nossa casa, mas não lhe foi dado nenhum trabalho especial para fazer pelos outros. Ela será colocada eventualmente, mas não falta muito.

O pecado pode ser negativo em suas partes essenciais, mas é uma negação do Amor e da Paternidade de Deus, e é uma coisa mais terrível que a mera ofensa contra um mandamento. É a contaminação da verdadeira natureza e emanação da nossa vida espiritual interior, do Santuário do Espírito de Deus. E a limpeza de um santuário poluído é mais do que a limpeza de uma casa simplesmente. A intensidade da Luz da Presença neste estado espiritual mostra cada ponto ou mancha, e felizes são os que mantém o Santuário limpo e brilhante, porque estes sabem o quão doce é viver e amar n'Ele.

Segunda, 27 de outubro de 1913.

Mais uma vez retomaremos nossa história da Vida Celeste, e esperamos poder contar a você um pouco mais do amor e das bênçãos que experimentamos nestes reinos brilhantes. Nossa Casa está situada na encosta de uma colina muito arborizada, numa clareira, e nossos pacientes - porque realmente o são - são cuidados aqui por nós, em paz e no silêncio, depois das experiências estressantes em uma ou outra parte daqueles planos onde a luz é difusa, e a escuridão parece verdadeiramente penetrar em suas almas. Eles chegam aqui mais ou menos exauridos e fracos, e só lhes é permitido seguir adiante quando se fortalecerem o suficiente para o caminho.

Você talvez gostaria de saber algo de nossos métodos por aqui. Principalmente, eles podem ser resumidos em uma palavra, Amor. Este é o princípio guia de todos os trabalhos. Alguns ficam tão felizes quando percebem o fato de que não procuramos julgar e punir, mas somente queremos ajudá-los, que ficam, por isso, desconcertados por não se sentirem familiarizados com o fato.

Uma de nossas pobres irmãs encontrou nossa Mamãe Angelical certo tempo atrás no jardim, e estava dando uma volta por uma alameda lateral para evitar o encontro com ela, não por medo, mas por reverência. Mas nosso Anjo brilhante foi até ela e conversou bondosamente com ela, e quando viu que já tinha uma certa liberdade para falar, fez então uma pergunta. "Onde está o Juiz? " perguntou, "e quando acontecerá o julgamento? Tremo só de pensar nisso, porque sei que minha punição será terrível, e gostaria de saber logo o pior e acabar logo com isso".

A isso, nossa Mamãe respondeu, "Minha criança, seu julgamento acontecerá quando desejar, e por suas próprias palavras posso dizer que já começou. Porque por si mesma sabe que seu passado é passível de punição, e este é o primeiro passo de seu julgamento. Quanto ao Juiz, bem, ela está aqui; já que você mesma é a juíza, e determinará a si mesma a punição. Fará isso por si mesma, por seu livre arbítrio, revendo toda sua vida vivida e, como já confessou corajosamente um pecado após outro, desta forma progredirá. Muito de sua punição você mesma já infligiu a si mesma, naquelas regiões trevosas de onde acaba de sair. Aquela punição, sem dúvida, foi terrível. Mas já se foi e acabou, e o que tem a enfrentar agora não vai ser mais terrível. Tudo isso é passado. Doloroso, profundamente doloroso, temo que será. Mas através de tudo você sentirá que Ele a está conduzindo; e isto cada vez mais e mais, conforme você siga o caminho certo".

"Mas" - continuou a inquiridora - "estou perplexa porque não vejo o Trono do Grande Juiz Que perdoará alguns e punirá outros".

"Você verá, sem dúvida, aquele Trono, mas não ainda. O julgamento no qual pensa é muito diferente do que imagina. Mas você não deveria ter medo e, à medida que progredir, aprenderá mais, e entenderá mais, sobre o amor de Deus."

Isto é o que espanta muitos que chegam até aqui. Eles esperam

encontrar tudo arrumado para serem despachados da Sua Presença para a tortura, e não conseguem entender as coisas como elas são.

Outros, que cultivaram uma opinião boa sobre si mesmos, ficam muito desapontados quando lhes é destinado um lugar inferior, às vezes um bem inferior, e não foram imediatamente levados à Presença do Cristo Entronado para ser aclamado com o Seu dizer: "Fizeste tudo certo." Oh, acredite-me, querido filho, há muitas surpresas esperando por aqueles que chegam aqui, algumas muito felizes, e outras ao contrário.

Há pouco vi um escritor muito culto, que publicara muitos livros, conversando com um garoto, que na vida terrena foi um alimentador das fornalhas num gasômetro, e sendo instruído por ele. Ele estava feliz em estudar também, pois já havia aprendido a parte sobre a humildade; e era curioso que ele preferia se sentar aos pés deste jovem espírito a sair com seus velhos amigos aqui e confessar seus erros e sua vaidade intelectual em sua vida passada. Isto, entretanto, ele terá que fazer, mais cedo ou mais tarde, e o jovem o está preparando para a tarefa. É extravagante para nós vermos que ele ainda carrega seu velho orgulho, quando sabemos tudo sobre ele, e seu estado passado e atual, sendo que o passado é inferior, e todo o tempo ele está tentando se convencer que esconde seus pensamentos de nós. Com esses tais, os instrutores têm exercitar muito suas paciências, o que é também um treino muito bom a eles.

E agora vejamos se podemos explicar uma dificuldade que está deixando perplexos muitos pesquisadores nas matérias da psique. Quero dizer da dificuldade que eles têm em entender porque não lhes damos as informações que desejam sobre um tema ou outro que tenham em mente.

Você deve perceber que quando chegamos aqui embaixo, não estamos em nosso elemento próprio, e somos cercados com limitações que agora nos são estranhas. Por exemplo, temos de trabalhar de acordo com as leis em voga no reino da terra, ou não poderíamos fazê-lo entender o que queremos

fazer ou dizer. Frequentemente, quando achamos alguém que tem sua mente fixa em alguma pessoa em particular, a quem ele deseja falar ou ouvir, ou algum tema especial sobre o qual ele deseja perguntar, nós somos limitados pelos meios restritos de que dispomos. Outros reservatórios de poder naquele inquiridor fecham-se, e somente são abertos a nós os que ele próprio deseja que estejam abertos. E estes frequentemente não são suficientes para que trabalhemos com eles.

Então, novamente, a atividade de sua vontade encontra a nossa atividade no meio do caminho, como se houvesse, e há, um choque, e o resultado será ou confusão, ou nada. Quase sempre é melhor que nos permitam trabalhar do nosso jeito, confiando, e depois examinar criticamente o que transmitido. Se é desejada uma informação sobre algum ponto em particular, deixe que este ponto esteja em sua mente enquanto fluem suas ocupações diárias. Nós o veremos e daremos conta disto, e, se for possível, útil e legal, acharemos uma oportunidade e meios, mais cedo ou mais tarde, de responder a ele. Se você faz uma pergunta enquanto estamos nos manifestando de uma maneira ou outra, não a pronuncie, apenas exponha seus pensamentos diante de nós, e deixe conosco, faremos o que pudermos. Não insista. Tenha a certeza de que se seu desejo for ajudar, faremos tudo o que pudermos.

E agora neste caso específico. Você esteve querendo saber sobre Ruby e outros. Você não insistiu e, por isso, pudemos usar livremente as condições e podemos dar-lhe algumas informações.

Ruby está feliz como sempre, e melhorando muito no trabalho que está fazendo. Eu a vi apenas recentemente e ela disse que poderá vir para falar a você ou Rose brevemente. Agora você está imaginando por que ela não teria vindo esta noite. Ela tem outros compromissos, e também temos que cumprir os nossos, de acordo com o planejamento. Uma das coisas que ela disse foi: "Diga ao querido papai que suas palavras às pessoas são transmitidas aqui, e algumas das coisas que ele diz a todos são discutidas

entre nós, porque falam sobre aquilo que não aprendemos na vida terrena".

Isto me parece bem impossível. Transmiti direito?

Aí vem você, vê? O que pensa que estes queridos anjos crianças são, para que fale desta forma? Não entende que os estudos destes que vêm para cá bem jovens são principalmente sobre a vida e as condições de sua nova morada, e que somente pouco a pouco lhes é permitido completar seu conhecimento sobre a terra e a vida lá que, apesar de tudo, deve ser aprendida conforme eles vão progredindo? Então todos os meios são usados, com discrição, para ensiná-los. E que meio seria melhor, ou mais adequado, dos que você poderia usar, do que permitir que o pai seja o instrutor de sua própria criança? Não vou falar mais nada sobre isso. É suficiente. Pense nisto com bom senso e talvez esclarecerá mais a sua mente.

Bem, mas se o que diz é verdade, sempre temos que ter medo de se instruir as pessoas. Não se aborreça.

Querido filho, não, não me aborreço. Gratifica-me, pelo menos, ver em você um certo esclarecimento sobre as condições desta vida e de sua naturalidade, e surge uma daquelas suas tolas ideias nebulosas bem no meio de sua mente.

Você está certo, entretanto, ao pensar que devia ser cuidadoso em como dar instruções. Mas isso se aplica não só a você, mas a todos; e a todos os pensamentos, palavras e atos de todos. Tudo é sabido aqui. Uma migalha de conforto você pode ter, entretanto. Esteja certo de que quando algo injusto ou indigno é pensado ou falado, nunca é permitido que encontre caminho até uma esfera como a que Ruby está. Por isso fique à vontade, meu querido, e não tema expor suas ideias; porque algumas vezes o silêncio é menos bem vindo que um ensinamento errôneo, quando tal ensinamento for sincero.

E agora, boa noite, e nosso grande amor a todos. Deus o abençoe,

querido filho, e mantenha-se verdadeiro e destemido.

Terça, 28 de outubro de 1913.

Seja lá o que for que tenhamos conseguido transmitir-lhe nestas mensagens, foi passado a você impressionando sua mente com nossos pensamentos e palavras. Ao fazermos isso, nós tomamos e fazemos uso do que vemos por aí, assim podemos colocar mais facilmente nossos pensamentos. Frequentemente, entretanto, somos obrigados, por necessidade, de tirarmos seu espírito das vizinhanças da terra e oferecermos uma visão dos lugares que estamos descrevendo, e você descreve o que viu.

Não, realmente não tiramos você fora do corpo, porque você ficou consciente todo o tempo. O que fizemos foi prender e absorver sua atenção para que pudesse infundir poder à sua visão interior - a visão de seu corpo espiritual - e naqueles momentos você esteve bem pouco consciente de seu entorno. Você o esqueceu e ficou alheio a ele, então fomos capazes de transmitir-lhe, até certo ponto, o poder da visão à distância; e a isso acrescentamos os acontecimentos que testemunhamos nós mesmos.

Por exemplo, quando descrevemos a chegada da Harpa de Luz à Cidade de Castrel, mostramos a você como é a cidade, mas reconstruímos o acontecimento da multidão nas muralhas e o encontro fora dos portões, e todas as partes da cerimônia que quisemos que transmitisse. Isso é o que foi feito. Como foi feito, algum dia você entenderá, quando vier para cá.

Agora estamos tentando mostrar-lhe outra cena. E aqui podemos dizer que usamos a palavra "tentar" porque, apesar de que com um bom tema não falhamos, nós não somos onipotentes, e há muitas coisas que podem intervir para barrar nossos esforços e impedir o nosso sucesso.

Bem, dê-nos sua atenção por um pouco, e contaremos a você sobre uma cerimônia que testemunhamos quando um grupo de pessoas veio visitar nossa colônia para aprender sobre nosso trabalho. Você deve entender que

nós visitamos as Casas dos outros e aprendemos sobre seus modos de vida, e ficamos sabendo o que podemos sobre os vários aspectos do trabalho que está acontecendo nas diferentes paragens.

Estávamos em pé perto do topo da colina, atrás desta Casa, observando sua chegada. Finalmente os vimos bem alto no céu, e bem distante sobre a planície. O céu atrás deles estava listado com linhas horizontais em cor de carmim, dourado e verde; e através disto soubemos de onde vieram e o tipo de seu trabalho. Eram estudantes de um estabelecimento distante, cujo principal ramo de conhecimento era o próprio uso de cerimonial e rituais, e seus efeitos sobre aqueles que participam.

Nós os observamos chegando através do caminho celeste, e então um grupo dos nossos, que estava esperando na planície, elevou-se no ar e foi ao encontro dos visitantes. Foi muito interessante vê-los se encontrando no ar. Bem alto nos céus, eles se aproximaram uns dos outros, e quando ficaram a uma curta distância, nosso grupo fez soar as boas vindas pelas trombetas, e então outros tocaram outros instrumentos e, enquanto tocaram, os demais cantaram uma canção de recepção.

Pararam, e então vimos que atrás deles estava uma carruagem e dois cavalos. Era bem parecida com as carruagens dos velhos tempos. Não há razão pela qual não devamos usar carruagens de construção moderna; mas não é necessário, os antigos carros abertos persistiram até hoje em dia. Os visitantes pararam ao se aproximarem, e então os dois grupos ficaram frente a frente, pairando no ar. Tente imaginar isto. Parecerá estranho a você, mas um dia você verá que é muito natural em nosso estado atual e, se estivermos evoluídos o suficiente, podemos não só ficar em pé, mas também ajoelhar, deitar ou andar em pleno espaço, como se fosse à sólida terra.

Então, o líder de nosso grupo e o Chefe dos visitantes aproximaram-se, adiantando-se aos demais. Cumprimentaram-se apertando as duas mãos, e beijaram-se nas faces e na testa. Aí, nosso líder tomou a mão esquerda do

visitante na sua mão direita e o conduziu até a carruagem, quando então nosso grupo dividiu-se para dar passagem, curvando-se respeitosamente enquanto passavam. Quando os dois Chefes entraram na carruagem, seus seguidores também vieram de mãos estendidas e saudaram alegremente uns aos outros, como antes acontecera. E, então, todos voltaram-se em nossa direção e vieram numa caminhada lenta, descendo a pé até a base da colina.

Não posso fazê-lo ver o efeito de uma aproximação pelo ar. Tentei fazê-lo mais de uma vez, mas está fora do alcance de sua imaginação. Por isso posso apenas dizer que é muito lindo de se ver. O movimento destes espíritos elevados, como Castrel e Arnol, e outros de suas legiões, quando andam sobre o chão, não é apenas muito gracioso, mas é fascinante na beleza do movimento e seu porte. Mas no ar é mais que isso. A ação suave, graciosa, e deslizante, cheia de quietude, dignidade gentil, força e poder, é nobre e angelical. Assim estes dois vieram a nós.

Desceram e caminharam num caminho sinuoso até a Casa do Chefe. Ele governa aqui com nossa Mamãe Ajo, e não creio que haja muita diferença em seu tamanho ou evolução. Exceto num questionamento direto, o qual hesitamos em fazer, não é fácil dizer qual dos dois excederia o outro em pequeno grau, entre estes tão próximos, se não iguais em evolução. Tão grande é o amor e a harmonia entre eles, que o comando e a obediência parecem se fundir num empenho de servir risonho e cheio de graça, e às vezes não podemos distinguir a hierarquia dos dois, tão altamente evoluídos como eles são.

A residência do Chefe forçosamente relembraria a você um castelo medieval, construído no meio de uma encosta de uma montanha rochosa, circundado por árvores farfalhantes com folhagens multicoloridas - verdes, vermelhas, marrons e douradas - e infindas flores e gramados verdes.

Passaram sob o pórtico e, estando eles já lá dentro, não os vimos mais. Percebemos que a presença daquela legião radiante, estando ali dentro,

iluminava as janelas do castelo como se repentinamente milhares de lâmpadas elétricas fossem acesas. E as luzes coloridas que víamos eram mais lindas ainda, já que não se misturavam formando uma só tonalidade mas, estando juntas, cada uma preservava seu matiz próprio, emanando através das frestas muitos fachos nas cores do arco íris.

Tenho mencionado frequentemente os pórticos, mas observe que não falei de portões. Até aqui ainda não vi nenhum portão em nenhuma das aberturas que observei por aqui. Você leu no Livro das Revelações sobre a Cidade Sagrada e seus portais, mas pensei nisto porque me lembrei deles por causa destes portais que são, evidentemente, de cidades similares àquela que São João viu em Forma Presente, e duvido que aquela cidade tenha portões em seus pórticos. E isto pode ser o que ele queria dizer quando menciona que as portas não serão fechadas durante o dia e - relembrando que nas cidades que ele conhecera na terra, os portões não se fechavam durante o dia exceto em tempos de guerra, mas normalmente eram fechados durante a noite - ele acrescenta, a fim de explicar, que não há noite aqui neste mundo. Estes são apenas pensamentos meus, e podem não estar corretos, mas você pode reler esta passagem, refrescar a memória e decidir por si mesmo.

Não estive presente no festival dentro do Castelo, por isso não vou descrevê-lo, já que apenas escutei de outros, e prefiro contar-lhe sobre coisas que eu mesma presenciei, as quais posso transmitir mais vividamente. Foi um evento muito glorioso, entretanto, como se pode crer que acontece quando se agrupam tantos Espíritos elevados com suas glórias.

Ah, bem, meu querido filho, você as verá todas, algum dia em breve, quando você e seus entes queridos estiverem aqui na boa terra de Deus, na qual Seu amor e Suas bênçãos caem como orvalho nas suaves pradarias, com a fragrância ao redor. Seria estranho se nós, que aprendemos que é

mais abençoado dar que receber, procurássemos assoprar um pouco desta doçura através do Véu, para que os do seu lado possam aspirá-la também, e experimentar quão doce e gracioso é o Senhor, e quanto abençoados são os que n'Ele repousam? Invoco Suas bênçãos a você e aos seus, agora e sempre. Amém.

Quinta, 30 de outubro de 1913.

Apoie sua cabeça na mão e perceberá que assim ficamos mais aptos a falar mais prontamente, ficando você mais capacitado a entender.

Deste jeito?

Sim. Ajuda tanto a você quanto a nós.

Como?

Porque há uma corrente magnética que vem de nós até você, e procedendo desta forma que a sugerimos não se dissipa tão rapidamente.

Não entendo uma só palavra de tudo isso.

Pode ser que não. Há muitas coisas que ainda tem que aprender, querido, e o que dizemos agora é uma delas, pequenina por si, mas grande no contexto. Frequentemente é com estas pequenas coisinhas que alcançamos o sucesso.

Agora, já que não estamos ansiosos demais para explicar os métodos que empregamos na transmissão destas mensagens, porque apenas podemos fazê-lo entender imperfeitamente, mesmo assim diremos isso: o poder que usamos pode ser melhor descrito como magnetismo e, através dele, estas vibrações de nossas mentes são direcionadas à sua. Sua mão colocada desta forma serve tanto como uma espécie de magneto, como reservatório, e nos auxilia. Mas não continuaremos nisto, iremos para algo que possamos ilustrar a você.

Em nossa vida no Eterno Presente nos esforçamos a ajudar tanto os que vêm a nós como também seus amigos ainda na terra. Indubitavelmente, as

duas fases de serviço são inseparáveis, pois os que vêm para cá estão sempre tensos e, por isso mesmo, incapazes de progredirem até que saibam que os que deixaram para trás estão sendo ajudados por este lado. Assim, frequentemente fazemos incursões ao plano terrestre por causa disto.

Na semana passada recebemos uma mulher que havia deixado seu marido e três crianças pequenas, e ela implorava para ir ver como eles estavam passando em casa. Ela estava tão ansiosa que finalmente a levamos, e chegamos exatamente na hora do jantar, quando todos estavam sentados para comer. O homem tinha acabado de chegar do trabalho e ia comer sua refeição antes de colocá-los na cama. As crianças eram duas garotas, de cinco e sete anos de idade, e um garotinho de dois anos. Estavam todos sentados em torno da mesa na cozinha, um aposento bem confortável, e o pai convidou a mais velha para render as graças. Isto foi o que ela disse, "Deus, por Jesus, abençoe-nos a todos, e a mamãe. Amém".

A mulher foi até a menina e colocou sua mão sobre a cabeça dela, falando com ela, mas não conseguiu fazê-la a ouvir. Ficou perturbada com isto, e pedimos que ela esperasse e observasse. Aos poucos, a garota falou, depois de um longo silêncio, durante o qual ela e seu pai estiveram pensando naquela que havia passado para cá, e disse, "Papai, você acha que a mami sabe de nós agora, e da tia Lizzie?"

"Não sei," respondeu ele, "mas penso que sim, porque me senti bem triste nos últimos dias, como se ela estivesse muito preocupada com alguma coisa; e pode ser sobre a tia Lizzie".

"Bem", disse a criança, "então não nos deixe ir. A senhorita cuidará do bebê, e posso ajudar quando chego em casa depois da escola, e então não precisaremos ir."

"Vocês não querem ir?" disse ele.

"Eu não," respondeu a criança. "Bebê e Sissi iriam, mas eu não quero ir."

"Bem, pensarei nisto", disse ele. "por isso, não se preocupe. Aposto que nos arranjaremos bem."

"E mamãe ajudará, e os anjos", persistiu a pequena menina, "porque ela agora pode falar com eles, e eles nos ajudarão se ela pedir."

Nesta hora o pai nada mais acrescentou, mas pudemos ver seu pensamento, e lemos nele que se a pequena criança tinha tanta fé, ele deveria ter pelo menos uma fé igual, e aos poucos ele refez suas ideias para tentar mudar e ver como as coisas ficariam. A partida de seus filhos não estava em sua mente, e ele ficou feliz em achar uma desculpa para mantê-los consigo.

Não posso dizer que a mãe ficou muito confortada com a visita dela. Mas no nosso caminho de volta conversamos sobre a fé daquela criança, e como se ela, reforçada pela do pai, formaria um poderoso meio de ajudar, ou estaríamos muito enganados.

Ao retornarmos, reportamos tudo à Mamãe Anjo, e imediatamente foram tomadas medidas para que esta família não se desfizesse, e a mãe foi levada a começar a sua evolução para que pudesse ajudar também. Então, uma mudança ocorreu com ela. Ela começou a trabalhar com muita vontade, e logo será permitido que ela pertença aos grupos que vão em jornadas em direção à terra de vez em quando, acrescentando o pequenino esforço dela ao serviço maior.

Mas agora devemos deixar este caso e contar-lhe outro. Pouco tempo atrás, um homem veio até a nossa colônia, recentemente vindo para este lado. Ele estava vagando, buscando algum lugar que lhe conviesse, e pensou que este estabelecimento parecia com o que ele queria. Você não pense que ele estava sozinho. Acompanhava-o, mas à distância, um guardião pronto a ajudá-lo se fosse necessário. O homem era de uma destas misturas curiosas que aparecem de vez em quando. Havia uma considerável luz e bondade nele, mas não podia ser usada para sua evolução para adiante,

por causa de outras características que o tolhiam e detinham, e que ele não conseguia mudar.

Ele foi encontrado num caminho algo distante da colina onde fica nossa casa, por um dos trabalhadores de outra casa, e mais tarde foi parado e questionado, porque foi percebido um ar estranho e espantado em sua face. Quando foi parado, recebeu um sinal do guardião que estava a alguma distância, e que foi informado do problema, e por isso, tudo instantaneamente, foi equipado para lidar com tudo. Ele falou bondosamente, e a conversação seguiu assim:

A - Você não parece estar familiarizado com esta região. Posso ajudá-lo de alguma forma?

B - Não creio, apesar de ser muito gentil em se oferecer.

A - Sua dificuldade é tal que podemos lidar com ela por aqui, mas não tão completamente como gostaríamos.

B - Temo que não você não saiba a dificuldade que tenho.

A - Bem, parcialmente, sim. Você está espantado porque não encontrou nenhum de seus amigos por aqui, e imagina o porquê.

B - Certamente, é isso.

A - Mas eles o encontraram.

B - Não os vi; estive vagando por aqui para encontrá-los. Parece tão estranho. Sempre pensei que nossos amigos fossem os primeiros que viessem nos encontrar quando desencarnamos, e não consigo entender tudo.

A - Mas eles realmente o encontraram.

B - Não vi ninguém a quem conheci.

A - Isso está quase certo. Eles o encontraram e você não os reconheceu; não pôde reconhecê-los.

B - Não entendo.

A - Veja o que quero dizer. Quando você chegou aqui, imediatamente foi guardado por seus amigos. Mas seu coração, bom por um lado, e mesmo

iluminado, estava endurecido e cegamente obstinado por outro. Esta é a razão de não ter reconhecido a sua presença.

O homem olhou longa e duvidosamente para seu interlocutor, e ao final indagou.

B - O que está errado comigo, então? Todos que encontro estão felizes e são gentis, e mesmo assim não pareço conseguir me agrupar em nenhum lugar, nem mesmo achar meu próprio lugar. Que está errado comigo?"

A - A primeira coisa que deve aprender é que suas opiniões podem não estar corretas. Falarei de uma que não é certa, para começar. Este mundo não é, como você tenta imaginar, um lugar onde as pessoas são todas boas ou todas más. Elas são bem como eram na terra. Outra coisa: sua esposa, que veio para cá alguns anos atrás, está numa esfera mais elevada que esta em que você será colocado, quando finalmente atingir a verdadeira perspectiva das coisas. Ela não era mentalmente igual a você na terra, e não é assim agora. Mas você está num plano mais baixo que o dela, em linhas gerais e tudo sendo considerado. Esta é a segunda coisa que deve aceitar, e aceitar ex animo. Você não aceita isso, podemos ver em seu rosto. Mas terá de fazê-lo antes de poder progredir. Quando tiver aceitado, então provavelmente haverá permissão de se comunicar com ela. Agora não é possível.

Os olhos do homem ficaram toldados pelas lágrimas, mas ele sorriu bem doce e tristemente, enquanto colocou, "Senhor, percebo que o senhor é um profeta".

A - Bem correto, e isto me leva à terceira coisa que terá que aceitar, que é esta. Há um guardião sempre com você, sempre ao seu lado para ajudá-lo. Ele é um profeta, ou melhor, um vidente, como eu; e foi ele que colocou esta frase em sua mente, para que a repetisse para mim.

Neste instante a face do forasteiro ficou grave e pensativa. Ele estava tentando obter a visão correta e verdadeira das coisas. Perguntou, "Então é a

vaidade, portanto, a minha falha?"

A - Sim, mas a vaidade de uma espécie bem difícil. Em muitas coisas você é doce e humilde, e não sem amor, que é o poder maior de todos. Mas há uma certa dureza em sua mente, mais que em seu coração, que deve ser suavizada. Você tem uma rotina mental, e deve se livrar dela e olhar mais adiante, ou andará como um cego que pode ver: uma contradição e um paradoxo. Há fatos que você pode ver bastante claramente, e para outras você é totalmente cego. Aprenda que mudar de opinião diante das evidências não é fraqueza ou retrocesso, mas um sinal de mente honesta. Digo-lhe mais isto, se seu coração fosse tão duro quanto sua mente, provavelmente não teria vagado até aqui, nos campos ensolarados de Deus, mas até as regiões mais trevosas, mais além destas colinas, longe, além delas. Agora expliquei, tão bem quanto pude, seu caso bem complicado, amigo. O resto, compete a outro fazer.

B - Quem?

A - Aquele de quem já lhe falei; aquele que é encarregado de você.

B - Onde está ele?

A - Um minuto, e ele estará aqui.

A mensagem foi enviada, e o guardião postou-se ao lado de seu guardado que, entretanto, não era capaz de vê-lo.

A - Bem, ele está aqui. Diga-lhe o que quiser.

B olhou cheio de dúvida e ansiedade, e então disse, "Diga-me, meu amigo, se ele está aqui, por que não posso vê-lo?

A - Porque nesta fase de atividade de sua mente você está cego. Esta é a primeira coisa que você tem que se aperceber. Você acredita em mim quando digo que você é, de alguma forma, cego.

B - Posso ver muito bem, e vejo plenamente as coisas, e o campo bem natural e lindo. Não sou cego por este lado. Mas estou começando a pensar que pode haver outras coisas tão reais como estas, e que não posso ver, mas

verei um dia talvez, mas...

A - Agora, pare aqui, e deixe este "mas" aí. E agora olhe, enquanto pego na mão de seu guia.

Ele então pegou a mão direita do anjo guardião em sua própria, dizendo a B. que olhasse intensamente, e contasse se viu alguma coisa. Ele não tinha certeza, entretanto. Ele pensou que viu alguma forma transparente que podia ou não ser real, mas não estava certo disso.

A - Então pegue a mão dele nas suas. Pegue-a de mim.

O homem segurou sua mão e tomou a mão do guardião das mãos de A., e começou a chorar.

Se ele não tivesse progredido tanto para fazer esta ação, ele não teria visto seu guia, nem teria sido capaz de sentir seu toque. O fato de ter tomado suas mãos ao comando de A. mostrava que ele progredira durante a conversação deles, e imediatamente recebera a sua paga. O outro segurou sua mão num aperto firme por algum tempo, e durante este tempo B. o via e sentia-o mais firme e mais claramente. Então A. deixou-os juntos. Logo B. poderia ver e ouvir seu guardião, e sem dúvida ele iria em frente agora, de progresso em progresso.

Isto lhe mostrará os casos difíceis com que às vezes temos que lidar. Luz e treva densa, humildade e dureza, orgulho obstinado, tudo misturado junto, e difícil de ser separado ou tratado com sucesso. Mas tais problemas são interessantes e, quando superados, dão muita alegria aos trabalhadores.

Ruby (*Esta mensagem de Ruby parece se referir às caixas de flores que enviamos para nossa filha, que estava longe, na escola - G. V. O.*) manda seu amor e esta mensagem a seus pais:

"Acreditem-me, meus queridos, a prática de uma boa e bondosa ação, e o pensamento e a pronúncia de palavras bondosas por aqueles a quem amamos na terra são imediatamente telegrafados para cá, e nós as usamos para enfeitar nossos quartos, como Rene enfeita seus quartos com suas

flores".

Deus o abençoe, querido filho. Boa noite.

Nota - Com esta mensagem, as comunicações com a mãe do Senhor Vale Owen cessaram, e as mensagens continuaram por uma entidade espiritual chamada Zabdiel. Elas estão no livro II, Os Altos Planos do Céu.

VI - AS MENSAGENS DE ASTRIEL

Terça, 7 de outubro de 1913.

Pela ajuda de outros, que agora estão aqui conosco pela primeira vez, vamos tentar transmitir-lhe um pouco de instrução sobre as verdades da Fé, como elas aparecem a nós, neste lado do Véu.

Quanto às verdades que os homens incorporaram nos Credos, temos pouco o que dizer, pois muito já foi falado, e mesmo que seja desmentido mais uma vez, os homens estão mal preparados para receber o que deveríamos dizer. Nós, portanto, preferimos, por agora, deixar que espiem por si mesmos estas verdades como as veem por aqui, meramente observando, como de passagem, que todos os artigos são verdadeiros se interpretados corretamente.

Seguiremos, portanto, tratando de falar sobre as coisas que os homens não consideram muito atualmente. Tudo isto prenderá mais a atenção deles quando acabarem suas discussões sobre os aspectos da verdade que, afinal, são meramente aspectos, não a verdade fundamental em si. Se eles se dispusessem a ver as coisas na proporção correta, então muitos daqueles temas que absorvem tanto seu tempo ficariam entre as coisas que menos importam, e aí então ficariam mais capacitados para devotarem suas atenções às verdades mais profundas que estão estabelecidas tanto aqui, quanto entre vocês na terra.

Uma coisa que seria bom perceber é a eficácia da oração e a meditação. Você já recebeu alguma instrução a este respeito, e agora acrescentaremos algo.

Uma oração não é meramente um pedido de alguma coisa que se queira obter. É muito mais que isto, e, por ser assim, deveria receber mais cuidados

do que tem recebido até então. O que vocês têm a fazer, para transformarem uma oração em poder, é deixar de lado o que é temporal, e dirigir sua mente e espírito ao que é eterno. Quando se faz isto, vê- se que muitos dos itens que incluiriam na sua oração são excluídos pela incongruência de sua presença nela, e resultados maiores e mais profundos tornam-se o foco de seu poder criativo. Uma oração é realmente criativa, assim como o exercício da vontade, conforme foi visto nos milagres de nosso Senhor, tal como o Alimento dos Cinco Mil. E quando uma oração é oferecida com esta convicção, então o objeto é criado, e a oração é respondida. Isto é, o objetivo responde ao subjetivo de tal forma que uma criação real acontece.

Isto não acontece quando a oração foi dirigida de forma errada. Então a projeção da vontade sai pela tangente, e o efeito será proporcional aos poucos raios pelos quais o objetivo será tocado. Também, quando a oração está mesclada com pedidos indignos, ela será proporcionalmente enfraquecida, e também encontrará o desejo oposto ou regulador deste lado, como o caso requeira, e por isso o efeito não é obtido como se desejou.

Agora, isto pode soar bem vago, mas de forma alguma é vago para nós. Você deve saber que aqui há guardiães dispostos para as orações, e sua responsabilidade é analisar e selecionar as orações oferecidas pelos da terra, e separá-las em divisões e departamentos, e passá-las para serem examinadas por outros, e lidadas de acordo com seu mérito e poder.

Para que isto seja cumprido perfeitamente, é necessário que estudemos as vibrações da oração da mesma forma que seus cientistas estudam as vibrações do som ou da luz. Como eles são capazes de analisar, separar e classificar os raios de luz, também nós somos capazes de lidar com as suas orações. Da mesma forma que existem raios de luz que eles confessam não saber lidar com eles, assim também muitas orações trazem para nós aqueles matizes mais profundos que estão além do nosso alcance de estudo e conhecimento. Estas são passadas para os de maior hierarquia, para serem

tratadas com sua maior sabedoria. E não pense que estas serão sempre encontradas entre as orações dos cultos. Elas estão entre as orações das crianças, cujas petições e visões são cuidadosamente consideradas aqui, da mesma forma que as das nações.

"Vossas orações e vossos donativos sobem como um memorial diante de Deus". Você se recordará destas palavras pronunciadas pelo Anjo a Cornélio. Elas frequentemente passam sem serem entendidas pela descrição literal dessas orações e donativos, como eles aparecem ao Anjo e são repassadas adiante, provavelmente por ele mesmo e seus companheiros de trabalho, para os reinos superiores. É como se ele dissesse, "Suas orações e donativos chegaram até minha legião, e foram conscienciosamente consideradas pelos seus méritos. Nós as repassamos como merecedoras, e recebemos a notificação dos Oficiais acima de nós de que elas têm um mérito excepcional, e requerem tratamento especial. Por isso fui comissionado para vir até você". Estamos tentando colocar este caso tão enfaticamente quanto pudermos na linguagem de negociações oficiais para ajudá-lo a entender o quanto puder sobre as condições encontradas por aqui.

Se você examinar outros exemplos de oração na Bíblia à luz do mencionado, poderá ter relances da realidade como ela é vista por nós aqui, em nosso próprio plano. E o que se aplica às orações, pode também ser aplicado ao exercício da vontade, em direções não tão legítimas. Ódio, imoralidade, cobiça e outros pecados do Espírito e da mente tomam aqui uma solidez que não é vista ou percebida em sua esfera; e eles também são lidados de acordo com seus méritos. E, ai destes que dizem que os Anjos não podem se entristecer, pouco sabem de nosso amor por nossos companheiros que ainda estão batalhando na terra. Se pudessem nos ver lidando com alguns destes maus usos das maiores dádivas de Deus, eles provavelmente nos amariam mais e nos exaltariam menos.

Agora nós vamos deixá-lo considerando este tema por si só, se achar

que vale a pena, e, quando virmos que deseja continuar, entraremos em outro tema que pode ser de interesse e muito útil a você.

No topo da torre de sua igreja há um cata-vento em forma de galo. Você pensará que foi você mesmo quem decidiu a forma que ele teria. Não é assim?

Eu tinha me esquecido completamente dele até que você me relembrou. Entretanto, está certo. O arquiteto perguntou-me sobre isso, e eu hesitei entre um peixe e um galo, e eventualmente me decidi pelo último. Fico imaginando, portanto, o que teria a dizer sobre isso.

Sem dúvida. Veja, estas coisas são fúteis a você, mas há poucas coisas que são fúteis para nós. Agora, o fato da escolha de um galo para estar em cima de sua torre é consequência direta de certas atividades que estavam em sua mente há cinco anos atrás. Isto é um caso de criação. Muitos ririam disso, mas não nos importamos, pois nós, também, podemos rir, e algumas de nossas risadas deixariam vocês espantados, eu lhe asseguro.

O significado que você tinha em mente quando da sua escolha, aparentemente não muito importante, surgiu para que todos pudessem relembrar que São Pedro negou seu Senhor. Suponho que você queria expor como um aviso para que não se repetisse tal ofensa nos dias de hoje. Mas você não percebeu que aquela decisão aparentemente trivial foi registrada aqui e lidada com bastante seriedade.

Devo dizer-lhe que o prédio de uma nova igreja é um evento que causa muita atividade aqui. Há oficiais que são destacados para atender nos serviços e na guarda do prédio, e toda uma hoste de Espíritos ministrantes são convocados dos diversos departamentos para um compromisso ligado com o novo local de reverência. Seus amigos clarividentes já viram alguns deles, mas, comparativamente, muito poucos. Cada detalhe é levado em consideração, não somente a respeito do caráter do ministro, da congregação, do coro e assim por diante, e o melhor dentre nós, isto é, o

que mais se qualifica, é escolhido para ajudar você de acordo com as características que observamos; não somente estas coisas, mas a estrutura e os detalhes estruturais são considerados minuciosamente, especialmente onde entra o simbolismo, já que tem uma importância que não é sentida entre vocês como é entre nós. Assim aconteceu que o cata-vento foi considerado também, e eu o escolhi como exemplo porque a aparência trivial mostra-lhe que nada é esquecido.

Foi decidido que, como o galo foi escolhido preferencialmente aos outros símbolos, nós responderíamos a esta escolha, de acordo com o nosso costume, dando à igreja uma oferta especial apropriada em troca. E esta oferta foi o sino da igreja, pelo qual o menino do coro recolheu o dinheiro. Vocês não tinham o sino quando a igreja foi consagrada. A ave estava lá em cima, mas não podia soar sua advertência, como o original fez com São Pedro. E então nós lhe demos voz, e seu sino hoje soa - como fez esta noite. Ficamos felizes ao vermos que aquele que escolheu um, faz o outro falar dia após dia, pois ele é com certeza adequado.

Você acha que temos nossas fantasias aqui? Bem, talvez seja assim, e vocês ficaram muito gratos pelo sino, não ficaram, bom amigo?

Com certeza ficamos. E agradeço a você por sua mensagem gentil. Poderia saber quem é, por favor?

Somos ministros espirituais de uma esfera onde seus próprios amigos e sua mãe visitam de vez em quando, e ela nos contou sobre você e disse do quanto gostaria que nós o conhecêssemos pessoalmente e, se possível, transmitir-lhe alguma mensagem. Ela e seus amigos vêm até nós para serem instruídos. Falando de meu próprio plano, alguns membros de lá estão aqui comigo, eu diria que estamos felizes de virmos e por conhecê-lo. Mas conhecíamos você e sua igreja antes que sua mãe nos contasse.

Obrigado por sua gentileza. Seria permitido que eu perguntasse seu nome?

Permitido, sim, mas temo que não o conheça, nem o entenda.

Apesar disso, senhor, diga-me, se o desejar.

Astriel, que o deixa com suas bênçãos +. (*Astriel sempre concluía suas comunicações com o sinal da cruz*).

Quinta, 9 de outubro de 1913.

Viemos novamente para cá, a pedido de sua mãe, e estamos felizes por termos mais esta oportunidade de falarmos a vocês desde este lado. Nunca imagine que ficamos atribulados ao virmos para a esfera terrestre, porque apesar de significar uma experiência de brilho ambiental menos intenso que no nosso plano, mesmo assim é um privilégio que contrabalança tudo, e mais.

Se nós nos esforçarmos para ilustrá-lo sobre a química dos corpos celestes, talvez pudesse ser interessante e útil a vocês. Não queremos dizer o aspecto físico da ciência, como é entendida pelos cientistas astrônomos, mas o estudo mais profundo de sua constituição.

Cada estrela, como sabe, é por si mesma um centro de um sistema que abrange nele não somente os planetas em revolução em torno desta estrela, mas também as partículas de matéria que se espalham naquele sistema, mas que são sublimadas demais para serem conhecidas por qualquer sistema de química possível aos que habitam em corpos físicos, e em suas pesquisas são compelidos a usarem instrumentos materiais e cérebros materiais. Estas partículas estão entre o puramente material e o espiritual, e sem dúvida pode ser usado nos âmbitos material e espiritual. Porque os dois são meramente duas das muitas fases de um âmbito progressivo, e atuam e reagem uns nos outros, como o sol e seus planetas.

A gravitação é aplicável a estas partículas também nos dois lados, e é por meio desta força - como a chamaremos, por ser um nome conhecido, e também pouco entendido - que nós mantemos coesas estas partículas juntas

e podemos, de vez em quando, vestir nossos corpos espirituais, ou tornarmo-nos visíveis à chapa fotográfica, e algumas vezes ao olho humano. Mas fazemos mais que isso, e num campo mais amplo. Se não fossem estas partículas, todo o espaço seria escuro, isto é, nenhuma luz poderia ser transmitida de um planeta, ou do sol, ou de uma estrela para a terra, pois é por causa da reflexão e da refração deles que os raios são visíveis. Não que sejam transmitidos, pois sua transmissão e a passagem dependem de outros elementos dos quais diremos apenas isto: não é o raio de luz, nem é a chamada onda de luz que são visíveis ao olho humano, mas a sua ação nestas partículas minúsculas que, ao impacto destes raios, tornam-se visíveis em ondas.

Seus cientistas têm muito a aprender ainda neste campo, e não é de nossa conta compartilhar aquilo que os homens podem aprender através dos poderes que possuem. Se o fizéssemos, então o benefício derivado de sua escolaridade terrestre seria diminuído materialmente, e este é o porquê de sermos muito cuidadosos ao transmitirmos apenas o que os ajudará a progredir sem neutralizar os bons efeitos dos esforços pessoais e coletivos. Mantenha isto em mente, e talvez isto será tido como pertinente a qualquer coisa que julguemos conveniente explicar a você através de mensagens como esta.

As estrelas, então, emanam sua luz. Mas para que a emanem, primeiramente devem tê-la em si. E como não são personalidades auto constituídas, para que isso tenham, a elas deve ser dado. Quem o faz, e como é feito?

Bem, claro, é fácil responder "Deus, pois Ele é a fonte de tudo". Isto é verdade o suficiente, mas, como sabe, Ele emprega Seus ministros, e eles são inúmeros, e cada um com sua tarefa determinada.

As estrelas recebem seu poder de transmitir luz pela presença de miríades de seres espirituais sobre elas, todos ordenados e regulados em

suas esferas, e todos trabalhando em conjunção. Estes têm a estrela a seu encargo, e é deles que a energia procede, a qual permite a estrela desempenhar seu papel determinado.

O que queremos que entenda é que não há coisas como forças inconscientes ou cegas em todo o Reino da Criação de Deus. Nem um raio de luz, nem um impulso de calor, nem uma onda elétrica procede de seu Sol, ou de outra estrela, mas são efeitos de uma causa, e aquela causa é uma causa consciente; é a Vontade de seres conscientes energizando numa direção certa e positiva. Estes seres são de muitos graus e de muitas espécies. Não são todos da mesma ordem, nem todos da mesma forma. Mas seu trabalho é controlado pelos que são superiores, e estes são controlados por poderes de um grau ainda mais elevado e sublimado.

E assim, estas grandiosas bolas de matéria, tanto gasosas, líquidas ou sólidas, tanto estrelas como planetas, são todas mantidas juntas, e suas forças energizadas e fazendo o efeito, não através da operação de alguma lei mecânica, mas pela consciência de seres viventes por trás disto, trabalhando através destas leis. Nós usamos a palavra conscientes preferivelmente a inteligentes, porque o último termo não descreveria acuradamente todos os ministros do Criador. Como vocês entendem a palavra, sem dúvida descreveria apenas um número bem limitado. E poderia surpreendê-lo saber que aqueles a quem vocês aplicariam o termo estão entre os mais elevados e os mais baixos. Pois enquanto os trabalhadores mais baixos não são realmente seres inteligentes, os mais elevados são mais sublimes do que o termo implicaria.

Entre os dois, há esferas de seres que poderíamos continuar descrevendo como seres inteligentes. Repare bem que não estou falando agora nos termos que usamos aqui, e que vocês usarão quando chegarem aqui e estudarem, de alguma forma, as condições daqui. Estou usando a linguagem da terra, e fazendo empenho para colocar o tema sob o seu ponto de vista.

Agora você poderá, a partir do que já escrevi, ver quanto é íntima a relação entre o Espírito e a matéria, e quando na outra noite falamos de sua própria igreja e da colocação de guardiães e trabalhadores, entre outras coisas, para o cuidado do edifício material, estávamos apenas falando a você sobre o mesmo princípio regente, numa escala diminuta. Apesar disso, é exatamente o mesmo princípio. O esquema que provê a manutenção de todos aqueles milhões de sóis e de seus planetas, também teve lugar no arranjo de certos grupos de átomos - alguns em forma de pedra, outros de madeira ou tijolo - que resultaram naquela entidade nova que chamaram de igreja. Eles foram mantidos próximos, cada átomo em seu lugar, pela emanação do poder da vontade. Eles não são colocados ali e deixados a sós. Se fosse assim, o edifício logo ruiria, caindo em pedaços.

E agora, à luz do que acabamos de escrever, pense naquilo que as pessoas chamam de diferença de sensação ao entrarem na igreja, ou num teatro, ou numa habitação, ou qualquer edifício. Cada um tem suas emanações apropriadas, e elas são consequência deste mesmo princípio regente que tentamos descrever. É Espírito falando a Espírito - os Espíritos de trabalhadores desencarnados falando, através de um médium de partículas materiais e seu arranjo e propósito, aos Espíritos dos que entram naquele lugar.

Você ficou cansado, e achamos difícil impressionar você, por isso, com nossas bênçãos, deixaremos você agora, e se desejar, viremos novamente. Deus esteja com você, seus queridos e seu pessoal, em todas as coisas, e todos os dias.
Astriel +

Quinta, 16 de outubro de 1913.

Se, por acaso, dissermos algo que puder parecer estranho e irreal sobre esta vida nas esferas espirituais, você manterá em sua mente que há poderes

e condições as quais na terra são apartados do conhecimento exterior dos homens. Estes poderes não estão totalmente ausentes de seu ambiente, mas são na maioria mais profundos do que o cérebro físico consegue penetrar. Podem ser sentidos ou pressentidos em algum grau pelos que são mais evoluídos espiritualmente - nada mais que isso. Pois os que se elevam espiritualmente acima do nível geral, estes tocam os limites das esferas que agora são supranormais ao cômputo humano. E nenhuma medida de capacidade mental ou de conhecimento pode atingir esta exaltação de espírito, porque tais coisas são discernidas espiritualmente, e somente assim.

Nós, que agora estamos presentes com você nesta noite, viemos a convite de sua mãe mais uma vez, para falar a você de seu trabalho e da vida como se apresenta a nós, e de como somos privilegiados por conhecê-lo. Isto, até o ponto que pudermos. Quanto ao restante, contamos a você de nossas limitações ao transmitirmos tais conhecimentos os quais, por esta razão, acabam ficando incompletos.

Você é o Astriel?

Astriel e outros amigos.

Primeiramente, meu irmão, nós o saudamos na paz e no amor em nosso comum Salvador e Senhor. Ele é aqui, por nós, e Ele é aí, por vocês. Mas entendemos, agora, mais daquilo que não estava claro quando andávamos entre as brumas da terra. E isto poderíamos dizer com toda a solenidade; deixe os que hoje em dia caminham entre vocês buscando o significado de Sua Divindade e a relação dela com a Sua Humanidade, que o façam sem medo e reverentemente. Pois que eles são guiados, mais do que pensam, a partir destes reinos. E que esteja sempre na mente dos que são sinceros, que eles não sejam irreverentes a Ele, Que é a Verdade, ao inquirir o que é a Verdade, da forma que Ele a revelou.

Apesar disso, amigo, vamos contar-lhe, com este mesmo destemor, e

também com uma grande reverência, que aquilo que acontece sob o nome de Ortodoxia entre os Cristãos na Igreja da Terra não é uma apresentação justa e verdadeira, sob muitas formas, da Verdade, como viemos a conhecê-la aqui. Também vemos entre vocês muito despreparo para seguirem adiante, e falta coragem e fé na providência de Deus, que os guiará, se os homens seguirem, cada vez mais para uma luz mais intensa, a radiante luz cintilante, a que envolve os bravos para mostrar-lhes o certo e o sagrado caminho em direção ao Seu Trono. Deixe que isto relembre a você que o Trono somente será compartilhado pelos bravos que forem fortes para persistirem, e estes são os que foram valentes para cumprirem e suportarem, exemplificando aos que são seus companheiros menos corajosos e menos iluminados.

Agora continuaremos nossa instrução, e você a receberá até onde alcançar. Aquilo que sentir que não é capaz de receber, deixe, e talvez, conforme continuar em seu caminho, verá que tudo vai se encaixando pouco a pouco, até que entenda tudo.

Estivemos lhe contando principalmente sobre os corpos celestes e sua correlação uns aos outros. Agora falaremos alguma coisa sobre sua criação e sobre o aspecto que eles têm para nós, conforme os vemos pelo lado espiritual. Você entenderá que cada estrela ou planeta, e tudo que é material, tem sua contrapartida espiritual. Você realmente entende isto, sabemos, e vamos colocar o que temos que dizer sobre este conhecimento.

Os corpos celestes são a expressão material de ideias originárias dentre aqueles mais hierarquizados nas esferas Celestes do Poder Criativo. Todos eles e cada um deles são efeitos dos pensamentos e dos impulsos procedentes destas esferas. Quando um mundo está em processo de criação, aqueles Seres Elevados energizam constantemente e projetam para a matéria que se forma a sua influência espiritual e, para dizermos desta forma, seu caráter. Desta forma, apesar de os planetas de seu sistema serem

todos conformes a um grande esquema de unidade, eles são diversos em suas características individuais. Estas características correspondem ao caráter dos Grandes Senhores em Cujo encargo elas geralmente estão. Os astrônomos estão certos quando dizem que certos elementos que formam a Terra são encontrados em, digamos, Marte e Júpiter, e no próprio Sol. Mas eles errariam se dissessem que são encontrados na mesma proporção, ou numa combinação similar. Cada planeta difere nestes fatores de seus companheiros, mas estão todos em conformidade com um projeto mais amplo, que os governa como um sistema. O que é dito aqui pode ser aplicado num âmbito mais amplo de coisas. Considerando o reino Solar como uma unidade, ele não é idêntico, nem em composição de elementos nem na constituição planetária, aos outros sistemas. Cada um difere de seus pares também.

Agora, já explicamos a razão para tanto. Vem da mente individual do Senhor Diretor do sistema em particular. Abaixo dele estão outros grandes Senhores que trabalham em uníssono com sua ideia regente única. Mas estes também têm liberdade naquilo que está a seu encargo, e assim por diante até coisas mínimas da criação - as flores, árvores, animais e a formação da face do planeta. É por causa desta variação na criação e no controle que vocês têm tanta diversidade nos detalhes; e por causa dos limites da restrição ao exercício daquela individualidade livre que vocês têm a unidade que encontram interpenetrada em cada departamento e subdepartamento da criação.

Abaixo destes supervisores há miríades de ministros menores, de diferentes graus decrescentes, até que algumas das mais baixas ordens mal podem ser chamadas de pessoas, já que se inserem nas espécies mais baixas de vida, que vocês denominariam sensitivas, para distingui-las dos que, como nós, possuem não só inteligência, mas também a independência de julgamento que conhecemos como livre-arbítrio.

Você está falando de fadas, gnomos e elementais em geral, dos quais alguns autores nos contam?

Sim, eles são reais e, na maioria, benevolentes; mas estão longe, abaixo na esfera humana, e por isso são menos conhecidos que os mais elevados graus de ministério, como os Espíritos dos homens, e os que atingiram o grau angélico.

Agora, um pouco a mais sobre a terra em si. Os geólogos contam como algumas rochas em sua formação são aluviais e outras ígneas, assim por diante. Mas se você examinar cuidadosamente algumas delas, verá que elas exalam um certo vapor, alguém diria uma influência magnética. Este é o efeito da inspiração original delas, a partir daqueles que a formaram originalmente. E estas características são merecedoras de estudos mais profundos do que tiveram até então. A composição química tem sido, mais ou menos, averiguada. Mas as influências mais sutis procedentes das partículas eternamente vibrantes têm sido negligenciadas. Mesmo assim, quando se relembra que nenhum pedaço de rocha ou pedra está inerte, pois todas as suas partículas estão em movimento ordenado e constante, damos apenas um passo adiante para então perceber-se que, para que este movimento seja mantido, deve estar presente uma grande força e, por trás desta força, a personalidade daquele de onde isto é a expressão.

Isto é verdade, e a influência maligna que algumas gemas realmente exercem naqueles cujos sentimentos em direção a elas não são bem governadas, é uma evidência disto. Por outro lado, você ouviu falar de gemas da sorte, que é uma expressão que demonstra uma vaga noção da verdade fundamental. Elimine toda a ideia de acaso destes temas, e substitua por um sistema ordenado de causa e efeito, e lembre-se da consequência da ignorância ao se transgredir todas as leis naturais, e você verá que pode haver algo naquilo que estamos tentando explicar.

Para dar mais ênfase, limitamos nossas considerações à criação mineral,

mas a mesma verdade pode ser adaptada ao reino vegetal e também ao animal. E disto não falaremos nesta noite. O que dissemos foi dito com o objetivo de mostrar que há um campo para os que têm mente científica, e para os que não temem seguir mais adiante do que os cientistas se permitiram até aqui.

O todo pode ser resumido em poucas palavras; se aceitas, então a conclusão a que levamos deve, necessariamente, ser aceita também. Toda a criação material não é nada em si e por si. É apenas a expressão, num plano mais baixo, das personalidades de planos mais elevados; os efeitos dos quais suas vontades são as causas. Como um homem deixa impresso o seu caráter em seu trabalho do dia a dia, assim os grandes Senhores Criativos e seus ministros deixaram as impressões de suas personalidades nestes fenômenos materiais.

Nada está parado, tudo se move constantemente. Este movimento é controlado e ordenado, e isto é uma garantia da energização constante da personalidade. Como os graus menos elevados de serviço são dependentes dos Senhores mais elevados para sua existência e continuidade, assim estes últimos são dependentes dos de maior grau de sublimidade, assim como eles são da Energia Suprema Única, o Ser de Existência Própria, Cuja Vontade é a nossa vida, e Cuja Sabedoria é mais maravilhosa do que podemos expressar em palavras ou pensamentos. Reverenciemos Àquele onde tudo é, reverência de nós que, em Cristo nosso Senhor e Salvador, habitamos n'Ele, e Ele em nós. Amém. +

Sexta, 24 de outubro de 1913.

Viemos esta noite com nossos amigos, sua mãe e as companhias dela, a convite dela novamente, para transmitirmos a você uma mensagem de ajuda amiga e de conselho. E pensando sobre o que mais poderia lhe interessar, concluímos que se fosse para dizermos algo a você sobre os poderes que

velam pelo mundo, deveríamos, talvez, levá-lo, e os que estão querendo segui-lo, um pouquinho mais adiante, em direção ao grande corpo de conhecimento que aguarda a sua pesquisa, quando tiverem deixado de lado aqueles entraves da vida terrena, ficando livres ao progresso em direção às glórias maiores do reino do espírito.

Quem está escrevendo isto, por favor?

Somos os que já estivemos aqui antes, amigo; Astriel, como você me conhece, e meus companheiros de trabalho da Décima Esfera de evolução. Podemos continuar, então?

Por favor, e agradeço pela sua cortesia em descerem até aqui, até este reino escuro, como lhes parece.

Você diz, "descer até aqui", e isso expressa muito bem a condição das coisas do seu ponto de vista. Apesar de não ser completo, nem perfeito. Pois se o planeta no qual você vive sua vida atual é dependente de espaço, então "cima" e "baixo" são termos que devem ser bem restritos em seu significado. Você já anotou isso em sua escrita, ou, aliás, foi pressionado a anotar.

Quando dizemos "os poderes que zelam o mundo", não queríamos, claro, localizar estes poderes em um lado do planeta, mas implica em um envolvimento total da guarda que os poderes celestiais mantêm sobre esta esfera que é chamada de terra. Estes poderes são residentes nas zonas das quais a terra em si é o centro, e elas estão em círculos concêntricos em torno dela. As zonas inferiores são as próximas da superfície do planeta, e progridem em poder e glória à medida que a distância aumenta. Mas, o espaço deve ter seu significado ampliado quando se aplica a estas esferas, pois a distância não tem o sentido obstrutivo para nós, como tem para vocês.

Por exemplo, quando estou na Décima destas zonas, minha cognição é limitada, mais ou menos, pela Décima zona, quanto aos seus limites

exteriores ou superiores. Posso, às vezes e com permissão, visitar a Décima Primeira zona, ou mesmo ir mais alto, mas residir naquelas regiões superiores não me é permitido. Por outro lado, as regiões inferiores à Décima não são impossíveis para mim, já que a zona onde habito, sendo uma esfera, inclui dentro dela, mesmo sendo considerada geometricamente, todas as nove esferas inferiores. Assim, podemos, para ilustrar e entender, colocar desta forma: A Terra é o centro sobre o qual muitas esferas estão, e está incluída nestas esferas todas. E os residentes da vida terrestre estão potencialmente em contato com todas as esferas, e realmente estão, na proporção de sua altitude considerada espiritualmente - espiritualmente, porque estas esferas são espirituais, e não materiais.

Mesmo a esfera material da terra é somente assim fenomenicamente, pois é a manifestação em matéria de todas estas zonas de poder espiritual que a envolvem, e de outras também, de outro grau que a interpenetram. Deixe isto de lado, pelo menos por agora, e considere o tema da forma que o descrevemos.

Você vai agora ter uma ideia do que significam aspiração, oração e culto. Eles são os meios de comunhão com o Criador e os que são Elevados e Sagrados e Que habitam na mais alta, ou mais externa, destas esferas (para se colocar numa forma que você entenda), e incluindo dentro d'Ele e d'Estes todas as zonas inseridas na Zona mais elevada, ou esfera.

E assim a terra é envolta, inclusa e afetada por poderes espirituais, de variados graus e espécies, confiados pelo Criador - Deus - a todos estes ministros de todas as esferas que estão em torno dela.

Mas conforme se progride para adiante, alcança-se um estágio complicado de compromissos. Pois não é só a terra somente, mas cada planeta no Sistema Solar tem como um complemento de zonas espirituais ou esferas. Assim, à medida que se afasta cada vez mais da terra, chega-se a um reino onde as esferas da Terra e dos planetas mais próximos interagem

uns com os outros. Como cada planeta funciona com um assessoramento semelhante, então a complexidade torna-se multiplicada, e você começará a ver que o estudo destas esferas não é tão simples como algumas boas pessoas entre vocês pensam que é, e que demandam de nós as informações quanto ao significado de tudo.

Desenhe um diagrama do Sistema Solar, com o Sol no centro, e os planetas aproximadamente em seus respectivos lugares em torno dele.. Então comece com a terra e circunde-a com, digamos, uns cem círculos. Faça o mesmo com Júpiter, Marte, Vênus e os outros, e trato do Sol da mesma forma, e terá uma pálida ideia de nosso trabalho e de seu interesse empolgante, mas de profundas variações de significado, que incluem em nossos estudos as Esferas de Deus.

Nós ainda nem alcançamos o limite de nosso problema. Porque o que se aplica ao Sistema Solar deve ser aplicado também a cada estrela e seus planetas. Então, cada sistema, tendo sido considerado em separado, cada um e todos devem ser estudados em sua correlação com os demais. Pense nisto uns instantes e entenderá, penso eu, que não haverá falta de uso para as suas energias mentais quando chegar aqui.

Agora, algumas vezes nos perguntam quantas esferas há. Bem, tendo explicado o que acabamos de explicar, não entenderei se você nos questionar desta forma. Se tivesse feito a pergunta, nós, que somos apenas da Décima destas esferas, teríamos que responder: não sabemos, e temos muita dúvida se nossa resposta a você seria diferente se tivesse feito a mesma pergunta a um milhão de milhões de aeons adiante desta nossa época, e tendo nós progredido todo este tempo.

E agora, amigo e Espírito companheiro, desejaríamos pedir que considere um outro aspecto deste tema. Dissemos que estas esferas são esferas de poder espiritual. Bem, dois mundos afetam-se entre si através do que seus cientistas chamam de gravitação. Também, duas esferas de poder

espiritual, entrando em contato, não deixam de agir e reagir umas às outras. Referindo-nos ao seu diagrama mental do Sistema Solar, você verá que a terra é, necessariamente, atuada por um enorme número de esferas, e que um grande número delas são do Sol e de outros planetas.

Sim, amigo, há, afinal de contas, um fundo na ideia astrológica, e talvez seus cientistas fazem bem em ficar bem distantes disso, porque pode não ser bem entendido, e poderia se tornar perigoso, quanto aos que não entendem o que é poder espiritual. É real e tremendo, e cada esfera destas é reforçada ou modificada pelas outras. O estudo disto deveria ser encetado com a maior reverência e devoção, porque estes são reinos aonde os Anjos de mais alta hierarquia vão tranquilamente, e nós de hierarquia menor olhamos e imaginamos a Sublimidade daquele Ser Que unifica tudo isto em Si, e Que não tem Nome que possa ser transmitido a nós, que somente podemos ir até uma pequena parte do caminho e então nossos braços nos são encurtados, nós que apenas podemos ver um pouquinho do caminho e, aí, a luz adiante fica escura, tal é a intensidade dela.

Mas testificamos a vocês, amigo, e aos que pensarão reverentemente nas coisas que não podem entender, que se a admiração nos dá um tempo de pausa e, quando continuamos novamente, não perdemos a sensação da Presença d'Aquele Cuja respiração é amor, e Cujo incentivo é tão gentil quanto o toque de uma mamãe em seu pequenino bebê. Assim nós, como vocês, tomamos a Sua mão e não tememos, e a música das Esferas nos envolve conforme saímos de uma glória para as outras adiante. Siga sempre este caminho, nosso irmão n'Ele. Não esmoreça nem enfraqueça na estrada, porque as brumas se esvaem à medida que se avança, e a luz se intensifica naquela luz mais adiante, que nos impele para o desconhecido, e que jamais é temida. Assim caminhamos gentil e humildemente, como fazem as criancinhas, entre as glórias dos planetas e dos céus dos sóis, das esferas e do amor de Deus!

Amigo e irmão, dizemos boa noite a você, e agradecemos por permitir cumprirmos esta tarefa. Que ela seja útil, muito ou pouco, para poucos ou muitos que buscam a verdade. Boa noite mais uma vez, e esteja certo de nossa abençoada ajuda. +

Sábado, 25 de outubro de 1913.

Continuaremos, se permitir, nossa mensagem de ontem sobre aquelas esferas de poder que afetam a terra.

Ainda concernente ao sistema Solar, diremos que se considerando o que já dissemos, verá que não mencionamos ainda todas as complicações que entram no estudo destas esferas. Pois não somente as zonas em círculos concêntricos sobre todos os planetas e o sol misturam-se com todo o resto, mas também a combinação relativa está continuamente mudando, ao mudarem as posições destes corpos, e com sua consequente proximidade, ou distanciamento, uns dos outros. Por isso é bem correto literalmente dizer que em dois segundos quaisquer do tempo a influência deles imposta sobre a superfície da terra não é a mesma.

Nem é idêntica qualquer combinação de suas influências em seu efeito ou intensidade sobre toda a terra ao mesmo tempo, porém difere nas diferentes localidades. Deve ser levado em consideração em nossos cálculos a corrente de irradiação chegando a este sistema Solar vinda dos sistemas de outras estrelas. Todas estas coisas devem ser consideradas, porque está na mente ainda que estamos falando de zonas e esferas de seres espirituais cujos poderes estão energizando continuamente, e cuja vigilância não falha.

Isto, então, é um simples esboço das condições que se obtêm entre os sistemas planetários cuja manifestação exterior é visível ao olho e ao telescópio do astrônomo. Mas o que se observa desta forma é apenas uma pequenina partícula quando comparada com o todo. É apenas um chuvisco que refresca o viajante, quando ele se põe na proa do navio, e espalha em

gotinhas de névoa em torno dele. Ele vê as minúsculas gotas de água flutuando e refletindo a luz em torno delas, e diz que são inúmeras. Mas se fossem, que diremos do oceano de onde elas vieram, onde estão e aonde retornarão?

O que aquela pequena nuvem de orvalho é para o oceano, o céu recoberto de estrelas, da forma que é visto da superfície da terra, é para o todo. Da mesma forma que as profundezas do oceano se apresentam aos olhos daquele que olha do lado da amurada do navio, assim mesmo são as profundezas do espaço, e tudo que o espaço contém, para a inteligência humana.

Agora raciocinemos um pouquinho mais adiante. Espaço, em si, é apenas um termo usado para descrever o indescritível. Ele não tem, portanto, um significado definido. Um de seus poetas começou um poema sobre o espaço e desistiu, desesperado. Prudente, porque se ele desejasse fazer justiça ao tema, continuaria aquele poema para sempre.

Por que, o que é o espaço, e onde estão os limites dele? É ilimitado? Se é, não há centro. Onde, então, habita Deus? Ele disse estar no Centro de toda a Criação. Mas o que é a Criação? Uma criação que tem relação com o espaço, ou uma criação que é invisível?

Agora, é inútil, para todos os propósitos práticos, especular coisas que não entendemos. É bom raciocinarmos sobre estas coisas algumas vezes, para que descubramos nossas próprias limitações. Feito isto, falemos de coisas que, de certa forma, podemos entender.

Todas estas zonas das quais acabamos de falar são habitadas por seres de acordo com sua evolução, que progridem de uma esfera para outra mais elevada, à medida que acumulam, em si mesmos, conhecimento. A partir do que já escrevemos, você verá que, conforme se avança das mais baixas para as mais elevadas esferas, chega-se a uma região de esferas que são interplanetárias, visto que contém em sua circunferência mais de um

planeta. Avançando ainda, chega-se a um estado onde as esferas são de tal diâmetro que são interestelares, isto é, abarcam em sua circunferência não apenas mais de um planeta, mas mais de uma estrela, ou sóis. Todos eles são cheios de seres, de acordo com seu grau de sublimidade, de santidade e de poder, cuja influência se estende a todos, tanto espirituais, quanto materiais, dentro da esfera ao qual se atêm. Nós apenas avançamos, veja, de planeta para estrela, e de estrela para estrelas agrupadas. Além disso, estão esferas ainda mais colossais, e mais tremendas. Mas delas, nós, nesta Décima esfera, sabemos muito pouco ainda, e nada certo.

Mas você poderá perceber levemente, por um enorme esforço de seus poderes imaginativos, o significado que tínhamos em mente quando escrevemos na última noite sobre Ele, Cujo Nome não é conhecido e impossível de se conhecer. Assim, quando veneram o Criador, vocês não têm, suponho, uma ideia definida da Ordem do Criador que pretendem. É fácil dizer que significa o Criador de tudo. Mas o que querem dizer com tudo?

Agora, saibam disto - porque até aqui, pelo menos, progredimos para saber - vocês acertam ao venerar o Criador e Pai de tudo, seja lá o que signifique - se querem dizer que é alguma coisa definida por esta palavra tão inclusiva. Ainda, sua reverência passa primeiro pelas esferas mais baixas, e através delas para as mais altas, e algumas venerações vão mais além, nas esferas mais altas que as outras venerações vão, de acordo com o merecimento e poder inerente. E algumas vão muito longe de fato. Longe, acima de nós, está a esfera Crística de gloriosa intensidade de luz e beleza incalculável. Sua reverência, então, vai a Deus através d'Ele, isto é, através d'Aquele Que veio para a terra e manifestou o Cristo aos homens.

Agora, tudo o que dissemos é verdade, mesmo que expressa inadequadamente por causa das limitações, nossas, dos que estamos falando com você, e suas, pelo seu estado terreno. Pois você entenderá que quando

falamos de passagens através destas esferas, estamos realmente usando frases de caráter local, como de uma jornada de uma localidade através de outra em direção a uma terceira. E temo, meu amigo, que posso fazer muito pouco agora, a não ser relembrá-lo que estes estados dos quais estivemos pensando são melhor descritos como esferas, não como zonas. Pois, repito, as mais elevadas incluem nelas mesmas todas as inferiores, e aquele que se move em qualquer uma delas está presente em todas as inferiores à dele. Por esta razão, não é sem alguma verdade que falamos d'Ele Que é tudo, e em tudo, e através de tudo; e da Onipresença de Deus.

Agora, achamos que trabalhamos este tema por muito tempo e devemos parar de nos esforçar em colocar no pequeno cálice do conhecimento e sabedoria terrestre para entendam a vindima destes amplos parreirais dos céus. Uma coisa basta que saibamos, vocês e nós: o Agricultor e o Viticultor, ambos, estão certos de seu poder e de sua sabedoria ao lidarem conosco. Nossa jornada é em direção a eles, e devemos fazer o que temos pela frente, completamente, e bem acabado, e então alcançarmos a próxima tarefa, na ordem. Quando esta estiver bem terminada, então outra estará esperando por nós. Jamais devemos achar que chegamos ao fim, penso. Pois quando se progride, chega-se a se sentir mais e mais a possibilidade de ser verdadeira a frase "para sempre," "mundo sem fim." Mas duvidamos que você já o fez, amigo, e pronunciamos isso muito cortesmente.

E agora nós os abençoamos, e o deixamos na esperança de podermos voltar, porque é bom, e há doçura nisto, inclinarmo-nos para sussurrar em ouvidos desejosos de algumas das glórias menores dos Reinos Celestiais. Esteja certo, amigo - e conte a outros que ouvirão - que esta vida que os espera não é meramente um sonho incorpóreo numa região do crepúsculo, em algum lugar além do limite do real e verdadeiro. Não, é extenuante e intensa, esta nossa vida. Ela é cheia de serviços e esforços coroados, um após outro, com sucesso; de impulso paciente para a frente, e de desejos

indômitos sintonizados uns aos outros num serviço fraterno pelo Senhor do Amor, Cuja Vida sentimos e inspiramos, mas a Quem não vemos, e Cuja Residência é sublime demais para que a conheçamos.

Lançamo-nos à frente, e frequentemente tomamos a mão de alguém um pouquinho atrás de nós, e com a outra seguramos a roupagem de alguém um pouquinho mais à frete. E assim seguimos, meu irmão; e também vocês, e outros que trabalham com você. E se estamos um pouquinho à frente, bem, há muitos que se arrastam lá atrás. Tomem as mãos deles nas suas, e gentilmente, lembrando de sua própria relativa fraqueza, e se a tarefa for pesada demais para você, não solte aquela mão que segura, mas alcance outra lá em cima - e aqui está a minha e a de muitos outros conosco. Você não falhará, por isso mantenha puras e brilhantes a sua própria visão e a sua vida. Não somente isso, aquela Visão ficará mais gloriosa, pois não está escrito, amigo, que os que são puros de coração verão a Deus?

Sexta, 31 de outubro de 1913.

Os que dizem que viemos à terra para ajudar estão corretos. Mas os que esperam que ajudemos num grau tal que seus esforços próprios não sejam necessários, estes estão errados. Não nos é permitido ajudá-los diminuindo o valor da escolaridade da terra. E apesar de parecer tão razoável que quase chega a ser uma verdade banal, mesmo assim há muitos que esperam que façamos o que eles mesmos podem fazer, e isso não numa medida ordinária, mas quase, como se fosse, miraculosamente.

Quem está escrevendo, por favor?

Estamos com sua mãe: Astriel e seus amigos.

Obrigado. Reparei que o vocabulário não era como o de minha mãe e de suas companhias.

Não, suponho que não seja. Em parte, claro, porque temos características diferentes, diferentes esferas, e também sexos diferentes, que

não deixa de ter sua característica peculiar aqui, da mesma forma que aí. E em parte, também, porque somos de um período diferente do de sua mãe e de suas amigas.

Você quer dizer que viveu na terra há bastante tempo atrás?

Sim, amigo, na Inglaterra, quando George, o Primeiro, era o rei, e alguns de nós antes disso ainda.

Sobre si mesmo, Astriel - que é, suponho, o líder de seu grupo - poderia por gentileza dizer-me alguma coisa?

Certamente. Mas você não percebe que é mais confuso dar-lhe estes detalhes terrenos do que parece. Direi o que posso, entretanto. Vivi em Warwick, e fui professor numa escola ali - diretor. Não posso precisar o ano exato em que passei para cá, a menos que o procure, e realmente não tem muita significação.

Agora poderemos falar sobre o que está em nossas mentes? Podemos ajudar, mas discretamente. Quando as pessoas supõem que devamos ajudá-los na investigação científica, por exemplo, eles certamente se esquecem de que Deus deu-lhes as mentes próprias para serem usadas a Seu serviço. E para este fim eles são deixados a tentarem seu caminho natural, e quando tiverem realizado o que puderam, nós sempre apontamos o caminho para adiante e os ajudamos no conhecimento adiantado.

Poderia dar-me um exemplo deste ponto?

Lembro-me de que uma vez eu estava impressionando um homem que investigava as leis da psicologia quanto às visões e sonhos. Ele queria descobrir qual era a causa de certos sonhos serem proféticos - a conexão entre o sonho em si e o incidente que é profetizado. Ele apelou por mim, e eu disse-lhe que deveria continuar suas investigações e usar sua própria mente, e, se tudo estivesse bem, ser-lhe-ia dado o entendimento.

Naquela noite eu o encontrei, quando ele adormeceu, e o conduzi a um de nossos observatórios onde fazíamos experiências com o objetivo de

retratar, em forma visível, os eventos que aconteciam naquele momento, isto é, eventos que aconteceram pouco tempo antes, e os que acontecerão logo mais, no futuro. Não podemos seguir longe para trás nem longe para frente naquele estabelecimento em particular. Isto é feito pelos que estão nas esferas mais elevadas.

Acertamos os instrumentos para lançar numa tela uma paisagem da vizinhança do lugar em que ele vivia, e pedimos que ele observasse intensamente. Um item particular era a chegada na cidade de algum personagem importante com um grande séquito. Quando a demonstração acabou, ele nos agradeceu e nós o conduzimos de volta ao seu corpo terrestre novamente.

Ele acordou nesta manhã com uma sensação de que havia estado em companhia de certos homens que faziam experiências em algum ramo da ciência, mas não conseguia rememorar o que acontecera. Mas à medida que continuou seu trabalho naquela manhã, a face do homem que ele vira na projeção veio à sua mente, vividamente, e ele então relembrou vários trechos de sua experiência sonhada.

Ao abrir os jornais alguns dias depois, ele viu uma notícia sobre uma visita daquele personagem programada para esta cidade e para o mesmo distrito. Então ele começou a raciocinar sobre os fatos por si mesmo.

Ele não se lembrou do observatório, nem das figuras na tela que havíamos mostrado a ele. Mas ele lembrou o rosto e o séquito. Então raciocinou desta forma: quando os corpos dormem, nós mesmos, pelo menos algumas vezes, vamos à esfera de quatro dimensões. É esta Quarta Dimensão que permite aos que ali habitam ver o futuro. Mas retornando a este reino de três dimensões, não podemos carregar de volta conosco tudo o que experimentamos quando estivemos nos reinos das quatro. Apesar disso, realmente conseguimos manter alguns itens que sejam naturais nestes reinos mais baixos, como a face de uma habitante terrestre e um séquito em

procissão.

A conexão, então, entre um sonho premonitório e os eventos por si mesmos é a relação de um estado de quatro dimensões e um estado de três. E o primeiro, sendo de maior capacidade que o último, cobre a qualquer momento um âmbito mais amplo de visão, quanto ao tempo e a sequência dos eventos, do que o último cobre.

Agora, através deste uso de suas próprias faculdades mentais, ele atingiu um avanço em conhecimento tão grande quanto o que eu teria dado diretamente, e assim fazendo, ele também avançou em treino mental e poderes. Porque apesar de que sua conclusão não foi das que passariam por aqui sem retificação em vários pontos, mesmo assim estava amplamente correta, e de muita ajuda para todos os propósitos intelectualmente práticos. Eu não teria infundido nele mais do que ele achou por si mesmo.

Este, então, é o método de nosso trabalho, e, quando as pessoas acham que é falho e impacientemente que seja este método alterado para se adequar às ideias deles sobre o que seria a maneira correta, bem, nós os deixamos por si mesmos e, quando suas mentes ficarem mais humildes e receptivas, retornamos e continuamos.

E agora, amigo, deixe-nos contar-lhe o procedimento imediato em seu próprio caso. Você algumas vezes imagina por que não fazemos estas mensagens mais vívidas, como assim você mesmo coloca, para que você não tivesse dúvidas ou dificuldades em acreditar que vêm de nós a você. Bem, pense em tudo à luz do que dissemos, e verá que, de vez em quando, transmitimos a você apenas o que é necessário para ajudar você a se ajudar. Seu treinamento, lembre-se, ainda continua, você ainda não chegou ao fim, nem vai, enquanto estiver na vida terrestre. Mas se continuar confiante e esperançoso, verá as coisas mais plenamente esclarecidas. Aceite o que não é contraditório em si mesmo. Não procure tanto provar ou não comprovar, mas busque mais a consistência destas mensagens. Nós não transmitimos a

você coisas demais, mas tudo o que necessita para ajudá-lo. Seja crítico, certamente, mas não descontrolado. Há muito mais verdades que mentiras em torno de você e sua vida. Busque mais a verdade e a encontrará. Previna-se contra o falso, mas não seja supersticiosamente temeroso. Quando você toma um caminho numa montanha, sua mente está alerta em duas direções - para o caminho certo e a salvo, e contra os lugares perigosos. Mesmo assim, você dá mais atenção ao positivo que ao negativo, e corretamente, ou seguiria muito vagarosamente em sua jornada. Então caminhe sem escorregar, mas também siga em frente sem medo, porque são os que temem que perdem a lucidez, e mais frequentemente se acidentam.

Deus esteja com você, amigo. Sua Presença é gloriosa aqui, e brilha através das brumas que envolvem a terra, e esta radiação pode ser vista por todos - exceto pelos cegos, e estes não podem ver.

Nota: o leitor provavelmente sentirá que o término desta série é abrupta. Eu também achei, e quando da sessão seguinte Zabdiel (*Estas mensagens continuaram mais adiante. A Segunda parte foi transmitida por Zabdiel - da mesma esfera de Astriel - e são mais ou menos do mesmo tamanho que a primeira parte. Foi publicada em* Os Altos Planos do Céu) assumiu o relato, questionei quanto a isso. Sobre isso, a conversação seguiu assim:

O que aconteceu com as mensagens que recebia de minha mãe e de suas amigas? Acabaram? Elas estão incompletas - não há uma conclusão apropriada para elas.

Sim, elas ficarão muito bem como foram dadas a você. Lembre-se de que elas não tinham que ter uma forma de história completa, ou uma novela. São fragmentadas, mas não de pouca utilidade aos que as lerem com mente correta.

Confesso que estou um pouco desapontado no final. Foi abrupto. Ultimamente foi dito algo sobre a publicação. É seu desejo que elas sigam como estão?

Isto deixaremos por sua vontade. Pessoalmente, não vejo por que não

deveriam. Posso dizer-lhe, entretanto, que estes escritos que ultimamente fez, como os primeiros escritos que recebeu de nós, são preparatórios para um avanço para adiante - o qual agora proponho a você.

Esta foi toda a satisfação que obtive. Assim pareceu não haver alternativas, apenas cuidar do recebido como preliminar para futuras mensagens - G. V. O.

LIVRO II. - AS ALTAS ESFERAS DO CÉU

Amor Angélico

I
Abram seu mundo a mim
Puros Anjos amigos
Seu mundo de paz e beleza e prazer
Com pessoas vestidas e adornadas com a cintilação
No rosto, no peito e nos ombros da gema
Da Ordem e Grau de Ministro
E a isto acrescido da Eternidade
Ou daqui embaixo, como lhes é determinado
Abram seu mundo a mim:
Mas não forte demais, faça refulgir o Shekkinah,
Caindo diante de minha pobre visão toldada ainda
A fim de que não perca meu coração pelo contraste;
para que não me impaciente
Deixando meus deveres agora, antes que o tema
Deste meu atual curso esteja completo -
Mas apenas para manter e guiar meus pés
Até que esta vida se mescle
Na Vida Suprema,
Puro anjo amigo.
II
Abram seus corações a mim,
Puros anjos amigos;
Desvendem seu grande e completo amor,
E deixem-me ver o quanto pacificamente se movem,
Entre as maravilhas do Universo,

Onde desejar é ato concluído, onde cada peito
Suspira cintilando em resposta a todos
Os irmanados espíritos buscando contato
Abram seus amores a mim –
Saberão assim, seus olhos mais límpidos verão
O quanto é melhor dar e manter,
Para que eu, sendo mais corajoso na terra, não clame
A licença de sua maior liberdade
Mas apenas uma outorga fulgurante, nem busquem esconder
O quanto abençoados são os amores onde o amor é puro;
O quanto nosso amor vai
Em direção ao amor, para ser
Puro anjo amigo

Nota - Subsequentemente à recepção desta parte dos escritos que são incluídos neste volume, eu recebi os versos acima. Foi colocado a mim, naquela época, que o propósito pelo qual este hino foi transmitido era de que deveria ser observado como chave para esta série de mensagens.

Vale Owen

I - INTRODUTÓRIO

Segunda, 3 de novembro, 1913

Zabdiel, seu guia, está aqui, e gostaria de falar com você.

Ficarei feliz se ele tiver a bondade de fazê-lo.

Estou apto, agora pela primeira vez, amigo, a juntar-me nestas mensagens que sua mãe e seus amigos estão transmitindo através de você a seus companheiros. Agora o tempo é chegado em que posso continuar a desenvolver, com sua ajuda, as instruções dadas a você, se for de sua vontade continuar.

Sou-lhe muito grato, senhor. Por favor, diga qual é seu desejo agora.

Que se sente e transcreva minhas mensagens, aqui e agora, como fez nas poucas semanas passadas, por sua mãe e seus amigos.

Então minha mãe cessará e dará espaço para o senhor?

Sim, este é seu desejo. Entretanto, de vez em quando ouvirá sobre ela, dela e outros do seu círculo de amizades.

E de que tipo é seu curso de instrução projetado?

Aquele do desenvolvimento do mal e do bem, e o propósito presente e futuro de Deus com a Igreja de Cristo e, completando, o ser humano em geral. É para você, meu amigo e tutelado, dizer se continuará, ou cessará por aqui, sem ir adiante. Advirto-o de que, apesar de que observarei a regra aqui colocada de conduzir de forma elevada em vez de revelar por cataclismos, muito daquilo que direi será de natureza tal que o perturbará por um tempo até que tenha assimilado e venha a entender a sequência lógica dos ensinos que devo comunicar.

O que acontecerá com aquelas mensagens que recebi de minha mãe e

seus amigos? (*Refere-se às mensagens recebidas da mãe do Sr. Vale Owen, que são parte de* Os Planos Inferiores do Céu) Cessarão? Estão incompletas - não há uma conclusão apropriada a elas.

Sim, permanecerão muito bem da forma como tenham sido dadas a você. Lembre-se, elas não foram entregues para terem o formato de uma história completa ou uma novela. Podem ser fragmentadas, mas não serão de pouca utilidade para aqueles que as lerem com a mentalidade correta.

Devo confessar que estou um pouco desapontado pelo final, é muito abrupto. Recentemente alguma coisa foi dita a respeito da publicação. É de seu desejo que sigam à frente da forma em que estão?

Isto deixamos para seu próprio arbítrio. Pessoalmente, não vejo porque não deveriam. Posso dizer-lhe, entretanto, que estes escritos que tem feito recentemente, como todos que recebeu de nós, são preparatórios para um avanço para mais adiante, o qual agora proponho a você.

Quando quer começar?

Agora; e você pode continuar como puder no dia a dia, como já tem feito. Sei de seu trabalho e seus compromissos, e deverá chamar pelo meu de acordo com eles, já que meu trabalho com você está acertado.

Sim, farei o melhor de mim. Mas confesso, muito sinceramente, que temo esta tarefa. O que quero dizer é que não me sinto evoluído o suficiente, pois, conforme o que diz, senhor, há bastante trabalho mental duro em ação naquilo que propõe.

Minhas graças deverão ser suficientes no poder de nosso Senhor o Cristo, como até agora.

Bem, então, começará dizendo-me algo a mais daquilo que sei sobre o senhor?

Não é sobre minha pessoa que deveria concentrar sua mente, amigo, mas nas mensagens procedentes de mim para você, e através de você para nossas amizades cristãs que lutam a seu modo através da névoa da

controvérsia e dúvida e zelo mal direcionado. Quero ajudá-los e você, meu tutelado; aos que têm será dado, e estes deverão encaminhar a outros. Ainda é para sua escolha...

Já fiz a escolha. Eu já disse. Por obséquio, Zabdiel, usar uma ferramenta pobre como eu, foi escolha sua, não minha. Farei o que puder. Só posso prometer até este ponto. Agora, que me diz?

Minha missão é mais importante que a minha própria personalidade, que será delineada melhor através dos pensamentos que for capaz de mandar-lhe. O mundo suspeita daquele que reivindica mais do que pode entender. Acreditam quando leem: "Sou Gabriel que estou aqui", porque foi dito muito tempo atrás. Mas se eu disser a você: "Sou Zabdiel, que veio dos Altos Planos com uma mensagem daqueles que são tidos nos Reinos dos Céus como Sagrados e Príncipes do Amor e da Luz", bem, você sabe, meu amigo e tutelado, que formato os lábios deles tomariam. Por isso peço que me deixe falar, e que julguem a mim, e a nós, pela mensagem da qual estou encarregado - se é verdadeira e elevada, ou não - e será suficiente para você e para mim. Um dia, querido amigo, você me verá como sou, conhecer-me-á melhor naquele dia, e ficará feliz.

Muito bem, senhor, deixo com o senhor. O senhor sabe de minhas limitações. Não sou nem clarividente nem clariaudiente, nem fisicamente compreendo de maneira efetiva. Mas o que tenha já sido escrito, admito, convenceu-me de que é externo a mim, penso que já me convenci disto. Portanto, se quer, eu quero. Não posso dizer mais, e sei que não estou oferecendo-lhe muito.

É suficiente, e o que lhe falta devo completar com meu próprio poder. Nada mais direi por hoje, pois sei que deve ir, tem deveres a cumprir. Deus esteja contigo, meu tutelado, no Senhor Cristo. Amém +.

Terça, 4 de novembro de 1913

Que as graças e a paz possam ser suas, amigo, e quietude de mente.

A fim de que aquilo que devo dizer não seja mal compreendido, deveria começar por lhe dizer que nestes reinos nós não nos demoramos muito naquelas coisas que não são de importância imediata, mas procuramos temas que sejam mais concernentes com nosso atual modo vanguardeiro, priorizamo-las, e assim seguimos passo após passo em chão firme e seguro. Verdadeiramente, as coisas do infinito não estão ausentes de nossas mentes - a natureza e a presença do Absoluto e da Finalidade, e aquelas condições que são d'Ele, estas não são postas de lado. Mas estamos felizes por deixá-las não entendidas, saiba, pois julgamos, por nossa própria experiência destes reinos inferiores, que aqueles que estão além de nós devem enviar bênçãos ainda maiores do que as que temos. E assim vamos à frente em perfeita fé e confiança, e contudo sem impaciência pelo futuro que certamente atua. Então, quando eu falar do mal e do bem, tratarei mais das coisas que formos capazes de tornar claras a você, e serão o que uma gota de orvalho é para o arco-íris, e menos que isso, certamente.

Há aqueles que dizem que não há o mal. Erram. Se o mal é o negativo do positivo bem, então ele é real como o bem é real. Se fosse racional se dizer, não haveria uma condição como a noite, mas ela nada mais é que o aspecto negativo da luz e do dia, tanto quanto dizer que o mal não é, mas o bem é. Pois ambos são condições de atitude que seres individuais assumem em direção Àquele Que É, e, conforme cada atitude é um meio qualificado de um efeito apropriado, desta forma a condição de rebeldia é a causa secundária de problemas e desastres ao rebelde.

A verdadeira intensidade do Amor de Deus torna-se terrível quando encontra um obstáculo oponente. Quanto mais veloz é a torrente, tanto maior a arrebentação sobre as rochas oponentes. Quanto mais intenso o calor do fogo, maior é a dissolução do combustível que foi jogado contra ele, e onde se alimenta. E embora para alguns tais palavras possam parecer

terríveis ao serem ditas, contudo é a verdadeira intensidade do Amor que energiza e flui através da Criação do Pai que, quando encontra oposição e obstrução desarmônica, causa a maior dor.

Ainda na vida terrestre vocês podem testar e provar esta verdade. Pois o mais amargo de todos os remorsos e arrependimentos é aquele que se segue à percepção de que o amor trazido a nós veio daquele contra quem erramos.

Este é o fogo do inferno, nada mais. E se isto não faz do inferno uma realidade, então que coisa fará? Nós, que temos observado, sabemos que somente o arrependimento e a percepção de que todas as ações de Deus são atos de amor fazem descer as aflições do inferno sobre o pecador com toda a intensidade, e não antes disso.

Mas se isto fosse assim, se o mal fosse real, então seres maus também o seriam. A cegueira é a inabilidade para ver. Mas não é somente essa a condição para a cegueira; também há pessoas que são cegas. Cegueira também é uma condição negativa, ou menos. É a condição daqueles que têm apenas quatro sentidos, em vez de cinco. Mas é real, apesar disso. Quando alguém nasce cego e lhe falam do sentido da visão, é somente aí que ele sente falta dele, e quanto mais ele entende o que é a falta deste sentido, maior será o sentimento desta falta. Assim é com o pecado. É usual que aqui chamemos os que estão na escuridão de "não evoluídos". Não é um termo negativo, que seria então "retrógrado". Portanto, dos dois, não digo "perda", mas "falta". Aquele que nasceu cego não tem a perda da faculdade de ver, mas a falta dela.

O pecador também antes tem falta, e não perda, de sua faculdade de apreender o bem. Esta sua condição é como aquele que nasceu sem a visão, não é como ficar cego numa fatalidade.

E aqui temos a explicação das palavras de São João, sobre aqueles que, em sendo trazido a eles o conhecimento da verdade, não poderiam pecar - não, se considerado teoricamente, mas na prática, sim. Assim, é difícil

entender como aqueles que entreviram a luz e toda a beleza que ela revela poderiam desviar seus olhos e desta forma tornarem-se cegos.

Estes, entretanto, os que pecam, agem assim pela falta do conhecimento e pela inabilidade de apreciar o bom e o belo, e assim como os cegos caminham a um desastre a menos que sejam avisados por aqueles que podem ver - guias encarnados ou desencarnados - assim é com os que são cegos espiritualmente.

Entretanto pode-se dizer que as pessoas de fato regridem perdendo graças. Estes que assim agem são como aqueles que são parcialmente cegos ou têm a visão imperfeita - cegos a uma ou mais cores. Estes jamais viram perfeitamente, e sua falta é apenas desconhecida por eles, até que lhes seja oferecida uma oportunidade, e então a imperfeição se manifesta. Pois aquele que é cego para as cores é alguém cuja visão é, em maior ou menor medida, subdesenvolvida. Somente posta em uso é que será mantida a visão que se tem, e quando se negligencia o uso, há o retrocesso. Assim é com o pecador.

Mas pode deixá-lo perplexo o fato de saber que muitos dos que aparentemente vivem uma vida boa e direita na terra são encontrados aqui entre os menos evoluídos. Mas é assim. Foram para a vida com muitas de suas maiores faculdades espirituais não desenvolvidas, e quando adentram a um mundo onde tudo é espiritual, esta falta é sentida, e somente gradualmente eles vêm a entender o que deixaram em falta, desconhecendo por tanto tempo - exatamente como muitas pessoas cegas para cores vivem suas vidas e vão embora sem saber de seu estado de visão imperfeita; que também é escondido de seus companheiros.

Poderia dar-me uma caso para efeito de ilustração?

Aquele que ensina a verdade em parte somente, deve aqui aprender a ensiná-la por inteiro. Um enorme número de pessoas aceita o fato da inspiração, mas negam que é um recurso eterno e único da graça de Deus

aos homens. Quando chegam aqui, por sua vez, tornam-se inspiradores, se foram qualificados para tanto, e então aprendem o quanto foram devedores perante aqueles com os quais tinham obrigação de, em sua vida na terra, usar este método com eles. Devem primeiramente desenvolver este conhecimento que lhes falta e aí podem progredir, e não antes disso.

Agora, o mal é a antítese do bem, mas ambos podem estar presentes, como sabe, em uma pessoa. É somente pelo livre arbítrio que alguém se tornará responsável por ambos, bem e mal, em seu coração. Sobre este livre arbítrio, e a natureza dele e seu uso, deverei falar mais adiante, em outra oportunidade.

Deus esteja com você, amigo, e mantenha-o em Sua Graça. Amém. +

Sábado, 8 de novembro, 1913.

Se você der sua mente agora, por pouco tempo, empenhar-me-ei em continuar minhas palavras sobre o problema do mal e sua relação com aquilo que é bem. Na realidade, estes termos são relativos e nenhum pode ser considerado absoluto sob o ponto de vista do homem na terra. Pois não é possível que alguém, em quem ambos estejam fazendo parte integrante, possa ser capaz de defini-los perfeitamente, mas somente, ou principalmente, o efeito de como é visto atuando em cada um.

Também deixe que seja lembrado que o que parece ser bem ou mal para um homem, não aparece necessariamente desta forma diante dos olhos de outro. Especialmente entre aqueles que têm credos e hábitos de pensamento diferentes e modos de viver em comunidade. Entretanto, o que é possível para se distinguir entre estes dois é que os princípios claros e fundamentais que estão subentendidos em cada um sejam captados claramente, e o futuro se encarregará das graduações menores destas qualidades, quando então serão gradualmente mais explicitadas.

Agora, o mal é a rebelião contra aquelas Leis de Deus que estão

manifestas em Sua Criação. É o esforço de um homem sábio que o leva a andar na mesma direção em que estas Leis fluem. Ele, ao se opor com selvageria e ignorância a esta corrente, num átimo percebe que se lhe apresenta um obstáculo, e se persistir nesta oposição, aí então decorrerá uma fatalidade.

Pois a Vida do Supremo, que opera e sustenta a criação, é uma força que se opõe àquilo que é destruição. E se um homem fosse poderoso o suficiente para, por si próprio, enfrentar tal oposição ficando no caminho daquela tremenda força para testar sua torrente, mesmo que por um momento, sua sina seria o aniquilamento assim que irrompesse sobre ele a energia reprimida mais uma vez. Mas nenhum homem é competente para isto, e neste grau, para se opor a Deus; e, portanto, a nossa fraqueza em si é nossa segurança contra uma aniquilação como esta.

Algumas vezes, por períodos mais longos ou mais curtos, e na verdade frequentemente por alguns milhares de anos, da forma como computam o tempo na terra, um homem pode manter sua obstinação. Mas o homem não foi criado para continuar assim para todo o sempre. E é o limite misericordioso que nosso Pai Criador colocou em torno de nós, e em nós, para que Ele não nos perdesse, ou a qualquer um de Seus filhos, para longe d'Ele e sem retorno para sempre.

Deixe-nos, portanto, tendo visto esta fase de aberração da caminhada natural do homem com Deus, agora olhar para o outro caminho, na direção do qual todas as coisas estão tendendo. Verdadeiramente, o mal não é nada mais que uma fase transitória, e se sai de Seu âmbito totalmente ou não, de todos os indivíduos certamente sairá quando a força oponente for empregada, e então eles serão liberados para seguirem na gloriosa carruagem daqueles que brilham cada vez mais, na proporção em que forem de uma glória para uma glória maior e superior.

Por esta razão também o Reino do Cristo um dia também será

expurgado do mal, porque os indivíduos compõem esta Igreja e, quando os últimos tiverem sido reunidos, então estará completa na sua glória radiante para irradiar talvez, e como muitos daqui acreditam, a outros mundos com a mesma necessidade de ajuda e socorro que seu mundo tem hoje.

Enquanto estamos no plano da terra, onde estou agora, e olhamos através do Véu da diferença de condições entre nós e vocês na vida terrestre, nós frequentemente vemos muitas pessoas de uma vez, em outras vezes vemos poucos. Estas pessoas diferem entre si em brilho, de acordo com o grau de santidade de cada uma; isto é, de acordo com o grau no qual cada indivíduo em si mesmo está apto a refletir a luz divina do espírito que flui passando por nós e através de nós para vocês. Alguns aparecem muito escuros, e estes, quando vêm para cá, irão para regiões mais sombrias ou menos sombrias, de acordo com sua própria obscuridade.

Por isso, todos aparecerão para os outros e outros aparecerão para eles naturalmente, conforme o ambiente e a atmosfera na qual mereceram estar. Este é o "seu próprio lugar". Deixe-me ilustrar isto para tornar mais claro a você. Se uma faísca elétrica for projetada numa escuridão profunda, o contraste é forte demais para aparecer harmônico. Deveríamos dizer que aquela faísca estava fora de seu próprio elemento e criou um distúrbio em torno da escuridão, e fez, somente por um instante, com que as coisas paralisassem. Os homens, tateando ao longo do caminho no plano obscuro, estancam paralisados e esfregam seus olhos até que possam continuar seu caminho de novo. Animais noturnos também, por um momento, assustam-se e param de se mexer.

Mas se esta faísca fosse projetada na atmosfera durante a claridade da tarde, o distúrbio seria menor, e se pudesse ser projetada contra o sol, perderia o contraste e fundir-se-iam em brilho.

Portanto, aqueles cuja irradiação é grande vão para as esferas cujo brilho combina com o deles próprios; e todos na esfera combinam com o

brilho dele seja maior ou menor. Mas aqueles cujos corpos - corpos espirituais, quero dizer - são de textura grosseira e não irradiam muita luz, ou são obscuros, vão para aquelas esferas trevosas onde somente lá poderão estar à vontade e poderão trabalhar por sua própria redenção. Não estarão à vontade, na verdade, em qualquer sentido da palavra; mas somente estariam menos à vontade numa esfera mais brilhante que aquelas regiões escuras, até que tenham crescido em brilho por si próprios.

Todos os que passam para cá vindos da terra têm algo da escuridão que a envolve como um pesado manto de névoa. Mas muitos destes já se empenharam em suas vontades para ultrapassarem aquela névoa até os reinos mais claros: estes fazem rapidamente aqui o que prazeirosamente teriam feito abaixo.

E agora estamos olhando para cima, e lá verdadeiramente está a Estrada Real, a Rodovia do Rei, para Sua Sagrada Cidade e o Lugar de Residência de Sua presente Majestade. Ao longo daquele caminho seguimos passo a passo; e a cada passo que damos à frente vemos que a luz aumenta sempre, e nossos companheiros e nós mesmos crescemos em brilho e em beleza conforme andamos para adiante. E não é com pouca alegria que nos permitem, por períodos que diferem de acordo com as suas necessidades na terra, voltar sobre nossos passos e ajudá-los na estrada que sabemos ser tão radiante e tão plena da Beleza de Sua Presença.

E a isto, meu amigo e tutelado, nós nos esforçaremos, se mantiver ainda a mente onde está neste presente momento. Penso que você perseverará. Mas faço-o saber que muitos realmente encararam e então, suspeitando do brilho porque ofuscou seus olhos desacostumados, voltaram a planos mais escuros, onde sua visão estava mais acostumada. E assim olhamos por eles conforme seguem, e olham, e viram-se buscando outro caminho; talvez eles devessem demonstrar mais força suportando o nosso brilho, mais que aqueles cujo retorno para os nossos caminhos devemos esperar, até que o

tempo devido chegue para nós e para ele.

Que Deus mantenha seus pés de modo que não escorreguem, e seus olhos de modo que não sejam obscurecidos, e, embora você não seja capaz de transcrever em palavras da terra o que lhe é permitido conhecer, ainda assim muito nos esforçaremos para que escreva a fim de que outros possam ser conduzidos a pedir pelo que podem ter, então procurar pelo que devem achar e (se forem bastante corajosos - atingindo estas duas metas) de tal forma sejam desafiados a bater às portas que, quando baterem, aquele Portal seja aberto e sejam revelados o brilho e a glória. +

Segunda, 10 de novembro de 1913

Conforme estou no plano da terra, acima e atrás estão esferas em algumas das quais atravessei, e sou membro da Décima delas. Estas esferas não são muito daquilo que corresponderiam a localidades da terra, mas a estados de vida e poder, de acordo com a evolução do indivíduo. Você já recebeu alguma instrução sobre a multiplicidade destas esferas de poder, e não proponho persistir, de minha parte, nestas linhas. Preferiria elevar sua mente a reinos de luz e de atividades por outra forma, e agora inicio.

Tudo que é bom é potente para realizar as coisas em duas direções. Pelo poder interior, um bom homem, seja encarnado ou desencarnado, pode e faz ambos, erguer os que estão abaixo dele e também atrair aqueles que estão acima; não somente pela oração, mas pelo seu próprio direito, por poder.

Agora, isto acontece por estar afinado à Vontade Divina, pois quanto mais ele for capaz de corresponder ao seu ambiente divino, tanto mais será competente para trabalhar neste ambiente; ou seja, ativar e executar tarefas. As tarefas que ele pode desta forma executar são múltiplas, mesmo para aqueles que se elevaram em um número menor de esferas, e estas coisas, quando projetadas através do Véu para a vida na terra, são computadas maravilhosamente.

Por exemplo. Há aqui aqueles tais que têm a incumbência dos elementos que condicionam a terra e aquilo que cresce na terra. Deixe-nos dar-lhe um exemplo que servirá para ilustrar ao outros: Aqueles que são incumbidos dos vegetais.

Estes estão sob a tutela de um Poderoso Príncipe; e estão divididos e subdivididos em departamentos, tudo em perfeita ordem. Sob a ordem destes, novamente, estão outros de menor grau que dão conta de seu trabalho na direção de certas leis inalteráveis e em conformidade com elas, que são enviadas das altas esferas. Estes são os que vocês conhecem como Espíritos elementais, e são múltiplos em número e formas.

As leis de que falei são tanto mais complexas quanto mais nós seguirmos à esfera de sua origem, mas se pudéssemos segui-las em seu caminho completo e chegar à sua origem, descobriríamos, penso, que são simples e poucas, e finalmente, na fonte e emanação de sua origem, a unidade. Nisto eu, que estive somente numa parte do caminho, nada posso a não ser raciocinar sobre aquilo que observei no meu estágio de progresso; e permito-me arriscar que uma lei, ou princípio, da qual todas as menores leis e princípios emanam, tem sua melhor descrição na palavra Amor. Pois, entendidos como entendemos as coisas, Amor e Unidade não são muito diferentes, se não forem realmente idênticos. Descobrimos isto finalmente, que tudo o que divide em todas as regiões e estados neste nosso próprio nível e nestas esferas abaixo de nós até a terra, é, de uma maneira ou outra, a abnegação ao Amor, no seu mais intenso e verdadeiro significado.

Mas isto é um problema muito difícil de ser discutido com você aqui e agora; pois seria bastante difícil explicar-lhe que toda esta diversidade que você vê em torno de si é devida, como nos parece, a esta mesma ação de desintegração; ainda assim tudo é maravilhosamente sábio e tão belo. Ainda, se você substituir pela palavra negação a ideia de Unidade menos uma parte, e aí a unidade menos duas partes, e assim por diante, você talvez

poderá vislumbrar o que a filosofia faz entre nós nesta questão de Unidade irradiando em diversidade de operações.

Embora a atividade destas ordens mais baixas sejam todas reguladas por leis, ainda assim é encontrada muita liberdade em seus limites. E isto para nós é objeto de muito fascínio porque assim, você concordará, há muito mais de beleza na diversidade e na engenhosidade disposta por aqueles que ativam as vidas das plantas.

Algumas destas leis que governam os elementais, e aquelas que estão acima delas, eu ainda não sou capaz de entender. Algumas eu realmente entendo, mas não sou capaz de transmiti-las a você. Mas eu posso contar-lhe algumas, e você aprenderá, na sua própria vez, conforme for progredindo nestas mansões celestes.

Temos a impressão então que uma regra que devem observar em seu trabalho é que, tendo sido planejado qualquer esquema de desenvolvimento para uma família de plantas, naquele esquema devem persistir, em seus elementos principais e essenciais, para a consumação natural dela. Todos os seus exércitos de subordinados são chamados dentro dos limites daquela inalterável lei de evolução. Se uma família de carvalhos é planejada, então uma família de carvalhos deve aparecer. Pode envolver subdivisões, mas devem ser subdivisões do carvalho. Não deve ser permitido desviar para a família das samambaias ou algas marinhas. Estas ideias têm vencido principalmente a batalha das forças.

Outra lei é que nenhum departamento de trabalhadores espirituais será competente para neutralizar as operações de outro. Eles podem, e frequentemente acontece, não trabalhar em conformidade, mas suas operações devem ficar ao longo das linhas de modificação, ao invés da negação absoluta que significaria destruição.

Portanto vemos que se as sementes de duas plantas da mesma família forem misturadas, o resultado será uma planta-mula, ou uma variedade, ou

uma mutação. Mas a semente de uma família sendo misturada com as de outra família não fará efeito. E em nenhum caso o efeito é a anulação.

Uma parasita pode enroscar-se ao redor de uma árvore. Mas aí inicia-se uma luta. Ao final, a árvore estará desgastada e pagará pelo preço da defesa. Mas não é subitamente posta abaixo. A luta continua, e realmente algumas vezes a árvore vence. Mas reconhece-se aqui que aqueles que inventaram e levaram adiante a ideia da parasita venceram a batalha das forças.

E assim a guerra segue, e quando for olhada deste lado, verá o quanto interessante é isto tudo.

E agora devo dizer-lhe algo que já insinuei, e que você deverá encontrar dificuldade em aceitar. Todos estes princípios maiores, mesmo quando há muitos em ação, são planejados em esferas mais altas que a minha, pelo tamanho e poder dos Príncipes que mantêm sua obra guiada por outros ainda maiores, os quais são guiados por outros acima deles.

Uso a palavra diversificado preferentemente a antagônico, pois entre aqueles do Alto o antagonismo não encontra lugar, mas sim a diversidade de qualidades na sapiência, e é a causa da maravilhosa diversidade na natureza, conforme é processado o que é vindo dos Céus Superiores em direção às esferas inferiores, naquilo de matéria que é visível a vocês na terra. O antagonismo entra nestas esferas onde a irradiação de sapiência tornou-se mais atenuada em razão de seu distanciamento para todas as direções, através das esferas de inumeráveis miríades de seres com seus livres arbítrios, sendo diluída e refratada em sua passagem.

E ainda, quando você considerar as estrelas de diferentes tamanhos e complementos, e as águas do mar, naturalmente paradas mas que pelo movimento da terra e da gravidade dos corpos à distância não têm descanso; verá então que a atmosfera mais rarefeita, em resposta aos empurrões e puxões das forças que são impostas à terra, movimenta o líquido mais pesado; e toda a diversidade de formas e cores de gramas e plantas e

árvores, e flores e vidas de insetos, e mais vida envolvida, os pássaros e animais, e do contínuo movimento entre eles todos; e a maneira pela qual é permitido que um seja presa de outro, mas não para anular o todo, mas todas as espécies devem rumar seu caminho antes que ele termine - tudo isso e mais; então você, meu tutelado e amigo, não confessará que Deus é indubitavelmente o mais maravilhoso em sua maneira de trabalhar, e que a maravilha justifica completamente as medidas que Ele permitiu que Seus mais altos servos adotassem e usassem, e também sua maneira de usar?

Em Seu Sagrado Nome eu o abençoo, amigo - e em paz. +

II - HOMENS E ANJOS

Quarta-feira, 12 de novembro de 1913

Se fosse possível, amigo, que fôssemos tão unidos que nos fosse permitido observar as coisas de apenas um único ponto de vista e perspectiva, estas matérias em questão seriam muito mais fáceis de serem explicadas. Mas você olha daqui de um lado deste Véu que pende entre as coisas e a região causadora delas, e eu, do outro lado. Portanto nosso golpe de vista está naturalmente em oposição, e já que eu devo fazer as coisas aparecerem-lhe simples, devo retornar e olhar sob outro enfoque e, tanto quanto possa, com os seus olhos em vez dos meus próprios.

Esta maneira de agir está, tanto quanto possa, em mim, portanto conclamo-o a focalizar comigo os mais altos planos da criação, inversamente ao seu natural curso, e fluir de lá dos Mais Altos, em direção às esferas onde o que é material começa a assumir e clamar um lugar.

Conforme vamos, percebemos que as coisas que conhecemos como pertencentes ao nosso ambiente nas mais baixas esferas começam a assumir outros aspectos: transformam-se às nossas vistas e são transubstanciadas pelo senso de percepção interiorizado, e por isso relacionadas às coisas que prevalecem na esfera da matéria, ou as próximas acima, como o sol é relacionado ao crepúsculo na terra.

Tomando-se este mesmo assunto da luz. A luz é conhecida na terra por causa de seu contraste com a escuridão, que é meramente um estado de ausência de luz e, intrinsecamente, sem conteúdo ou valor. Portanto, quando falamos da escuridão queremos dizer de uma falta de certas vibrações que permitam que a retina do olho registre a presença das coisas externas.

Agora, nas regiões de escuridão espiritual, neste lado do Véu, tais

condições de atuação também são encontradas. Pois os que estão na escuridão são aqueles cujo sentido da visão não percebe as vibrações sem as quais somos incapazes de ter conhecimento daquilo que para eles são externas, mas presentes também. Seu estado é um estado de inabilidade para receber tais vibrações. Quando suas faculdades espirituais chegarem a se modificar, aí então serão capazes de ver, mais, ou menos claramente.

Mas também estas vibrações que transmitem o conhecimento das coisas ao seu sentido de visão são, nestas regiões, de uma qualidade mais grosseira que em regiões de melhor estado espiritual. Tanto assim que para estes bons Espíritos que penetram nestas regiões e cujo sentido da visão é mais perfeito, a escuridão já é quase aparente, e a luz pela qual eles veem é obscura. Por isso, conforme você entenderá, há uma reação entre o espírito e o ambiente do espírito, e essa reação é tão acurada e perpétua e sustentada que se constitui um estado permanente de vida.

Conforme formos para mais alto nas esferas, esta ação e reação entre os Espíritos e seus ambientes é também mantida, e aquilo que podemos chamar luz externa transforma-se mais e mais em luz perfeita e intensa quanto mais subimos. Então é por isso que aqueles que permanecem na, como diríamos, Quarta Esfera não podem penetrar na Quinta para ficar lá, até que evolua o suficiente para aturar com facilidade o grau de intensidade de luz lá mantido. Tendo atingido a Quinta Esfera, eles logo se acostumam à sua luz. E se retornam ao Quarto, como o fazem de tempos em tempos, aquela Quarta Esfera parecer-lhes-á mais escura, quando já são então capazes de ver com facilidade comparativa. Mas se descessem diretamente para a Segunda ou Primeira Esferas, somente seriam capazes de usar aquelas vibrações de luz mais densas com dificuldade e, para fazê-lo bem, são obrigados a condicionarem-se a fim de enxergarem na mesma esfera que um dia foi nada mais que seu céu normal.

Quando nós descemos para a sua esfera terrestre, nós vemos pela luz

espiritual o que o homem tem em si. E aqueles que são de grau espiritual superior ao dos outros, estes vemos bem mais claramente.

Se não fosse pelas faculdades que possuímos, outras que não a vidência, poderíamos, como suponho, ter dificuldade em achar nosso caminho e aqueles a quem desejamos visitar. Mas temos estas outras faculdades, e pelo seu uso somos capazes de fazer nosso trabalho de transcrever a você.

Você será agora capaz de entender que há uma verdade literal nas palavras "aquele que habita na luz da qual nenhum homem pode se aproximar". Pois poucos na vida terrestre são capazes de elevarem-se muitas esferas além; e a luz que jorra de cima é ofuscante até aos que são mais evoluídos.

Agora pense na beleza mais que perfeita que esta luz implica. Você tem cores na terra que são perceptíveis para os olhos mortais. Pouco acima da fronteira, neste lado, as cores são muito mais belas e variadas. Qual deve ser então a beleza, somente neste ponto, conforme avançamos para a luz maior! Mesmo aquelas que eu próprio já vi, eu que já trilhei até este trecho do caminho, são maiores do que posso fazer entender nesta linguagem na qual estou tentando conversar com você agora, e que hoje é língua estrangeira para mim, que sou também limitado ao uso daquele arsenal de palavras que você mesmo possui.

Mas aqueles que amam a beleza, para sua grande alegria encontrarão um infalível suprimento e, como a luz e a santidade andam de mãos dadas, assim, conforme progredirem em um, terão grande aproveitamento no outro. Esta é a Beleza da Santidade, e ultrapassa toda a imaginação dos homens mortais. Mas merece que meditemos sobre isto e, se a mantivermos na mente, então quaisquer coisas que são bonitas na terra falarão a você com mais realidade das maiores belezas dos Reinos Celestes, onde a alegria de viver é toda a que se pode desejar. Que possa um dia ser seu, bom amigo, se se mantiver no caminho certo e vanguardeiro. +

Sábado, 15 de novembro de 1913.

E agora, meu amigo e tutelado, gostaria de poder capacitá-lo a ver uma questão do ponto de vista onde estou, e isto é, a relação real do poder espiritual e da energia para os fenômenos de evolução entre corpos celestiais, que os homens de ciência têm observado e tabulado e, computando suas mensagens, fizeram suas deduções, e a partir destas, com alguma penetração e inteligência, formularam as leis de acordo com as quais estas coisas acontecem.

O termo corpos celestiais tem um significado dual e será interpretado de acordo com a medida e a qualidade da mente individual. Para alguns, estas orbes são criações de material celeste, e para outros são nada mais que manifestações e resultado da energia da vida espiritual. O modo de operar desta vida espiritual também não é entendido por todos da mesma forma; e por alguns o termo é usado vagamente. Dizer-se que Deus fez todas as coisas é dizer muita coisa em poucas palavras. Mas o significado da verdade aqui implícita é de alguma forma tremenda; e para todos, mas aos que podem alcançar luzes mais intensas, e menos aos que vagam pelos lugares escuros do plano terrestre, estaria mais perto da verdade dizer que aqui está uma verdade não implícita, mas sepultada. Partindo da inteligência mais simples são feitas as maiores coisas; e das mais elementares formas geométricas surgem as mais maravilhosas combinações do moto perpétuo. Por isto, somente as coisas mais puras e simples é que são passíveis de serem usadas mais livremente e sem embaraços. E somente este estado de relacionamentos dá garantia de perpetuidade, tanto na terra quanto nas vastas amplidões do espaço afora aonde vão estes mundos e sistemas, eternamente porque perfeitamente ordenados em seu curso.

Agora, não é demais dizer que a órbita apresentada de todos estes corpos dos sistemas celestes são formadas em dois princípios: o da linha reta e o da curva. É mais verdadeiro e exato dizer que suas órbitas podem

ser descritas como sendo feitas de uma forma única, a da linha reta. Todos seguem impelidos para um curso reto e preciso e não é conhecido por nós nenhum que viaje em curva. Astrônomos explicarão o porquê disto, mas darei um exemplo aqui.

A terra, suporemos, é colocada em sua jornada. Viaja numa linha reta desde um ponto. Este é seu movimento potencial. Mas, direcionalmente, ela deixa aquele ponto e começa a virar-se em direção do sol e, pouco depois, veremos que está se movendo em elipse. Não há linha reta aqui, mas uma série de curvas que trabalharam juntas em uma figura, que é a órbita da terra.

A atração do sol não foi em forma de curva, mas de uma linha reta, direta. Foi a combinação destas duas linhas retas de energia - o ímpeto da terra e a gravitação do sol - que, sendo perpetuamente exercidas, dobrou a órbita da terra da forma de reta para uma forma de elipse, e uma na qual muitos elementos de curva entraram para construí-la completamente. Deixei de lado outras influências que a modificam novamente para concentrar sua mente neste grande princípio. Eu coloquei tudo em uma fórmula, assim: Duas linhas retas de energia, operando uma na outra, produzem uma curva fechada.

Ambas, você notará, estão bem ordenadas em seu trabalho; e ambas são bonitas e de um magnífico poder. Portanto, nenhum mover de corpo material parecia maravilhoso, mas assim é na verdade. Pois cada um modificando o outro, e o maior dominando o menor sem privá-lo de seu poder essencial e de sua liberdade de movimento, tudo isto por ação conjunta - exercida e dirigida aparentemente em oposição - produzem uma figura de maior beleza que duas linhas retas, que são como os pais da criança.

Agora, penso que você não diria que, por estas forças serem vistas sendo exercidas uma contra a outra, este seria um mau projeto ou um plano

cuja origem é o mal. Veja que estes dois corpos ainda continuam sua jornada através do espaço ano após ano, e século após século, e comece a pensar com mais reverência e respeito do que com injúria. Isto requer uma inteligência que é maravilhosa em seu trabalho e poderosa em sua operação; e você ora a Deus Cuja mente concebeu tudo isto, pois Ele de fato é muito inteligente e grande. E você faz bem.

Então quando contemplam outros trabalhos Seus, mas não os entendem tão bem como a este, algumas vezes vocês homens ficam muito dispostos para duvidar d'Ele e de Suas maneiras de trabalhar. Vocês veem uma oposição de forças aos fatos na vida humana, e dizem que Seu plano é aqui imperfeito. Ficam pensando que Ele deveria ter feito de uma maneira melhor; e muitos duvidam de Sua inteligência e de Seu amor porque estão vendo apenas uma secção de um minuto da curva de uma grande órbita de existência, e só podem concluir que tudo esteja falhando, falhando até chegar à destruição; ou no mínimo concluem que a linha reta e direta seria o melhor caminho, e não estas combinações que dobram o ímpeto da vida humana de sua direção própria de evolução: sem desastres e sem dor.

Meu querido amigo e tutelado, estas coisas deviam ser de outra forma que não esta, mas não estariam tão amorosamente próximas de completarem sua órbita como estarão no caminho no qual Ele, Que fez tudo e vê o fim das coisas, mandou-os caminhar para adiante. Estas forças que em oposição produzem tensão e agonia e dor são como aquelas que fazem a órbita da terra ser o que é; e Ele, Que vê a forma perfeita, considerou isto bom para funcionar; portanto, com paciência, olhe na direção da consumação deste Seu esquema perfeito.

Nós aqui não vemos, nem ela inteira, nem muito da estrada em frente, menos ainda vemos a mais do que vocês veem, e desta forma nos conformamos em nos satisfazer com o esforço para ir adiante, ajudando outros na estrada, contentando-nos e acreditando que tudo estará bem à

frente, não importa o quão longe iremos. Pois agora não procuramos com muito empenho considerar o curso onde estamos viajando, envolvidos com a bruma terrestre que nos impede de ver, mas olhamos a estrada vinda da atmosfera clara e iluminada destes reinos celestes; e digo-lhe que a órbita da vida humana, que trabalha em direção à perfeição, é bela também: tão bonita é, e tão amorosa com tudo aquilo, que frequentemente paramos para pensar na Majestade de Amor e Inteligência Harmoniosa, diante de Quem nos curvamos numa adoração que não posso exprimir em qualquer palavra minha, exceto somente pela sensibilidade de meu coração.

Amém, e minhas bênçãos a você, amigo. Olhe para frente e sem medo; creia-me, tudo é justo adiante, e tudo está bem. +

Segunda, 17 de novembro de 1913

"O que vês escreve em livro". (*apocalipse, 1:11*) Estas palavras foram ditas por um anjo para João, em Patmos, e ele se desincumbiu da tarefa como pôde. Escreveu sua narrativa e distribuiu- a a seus confrades; e desde aquele tempo até agora os homens têm que lutar para arrancar dos escritos o seu significado. Tentaram um método e outro, e confessaram-se perplexos. Sua perplexidade ainda está em suas atitudes porque, amigo, se tivessem lido como crianças pequenas leem, teriam sido capazes de abrir as portas com a chave certa, e entrar no Reino para ver que tantas belezas esperam e para isso são capazes de usar simplesmente palavras simples de um homem simples, e crer.

Mas os homens sempre amaram a perplexidade, e procuram achar profundidade e grandeza de sabedoria. E falham, pois, procurando na superfície do vidro, são ofuscados e cegados pela luz refletida, quando deviam olhar através e além, para as glórias reveladas.

Assim agem os homens acrescentando perplexidade à perplexidade e chamam a isto de conhecimento. Mas o conhecimento não está em uma

sabedoria confusa, mas na falta disto. Então, quando procuro explicar-lhe alguma parte e, através de você, aos outros, não olhe muito para a superfície das coisas, no método preciso pelo qual isto se passa; e não comece a duvidar das palavras e frases familiares a você como se fossem suas, pois são elas o meu material com o qual construirei minha casa, e somente posso usar as que eu encontrar guardadas em sua mente.

Mais que isso, em todos estes anos passados você tem sido observado e preparado, em parte para esta verdadeira finalidade, onde deveríamos usá-lo assim, e onde falhássemos, para posteriores contatos com sua esfera material, aí você próprio deveria vir em nossa ajuda. Podemos mostrar-lhe coisas - você deve transcrevê-las. "Assim, aquilo que vês escreve em livro", e mande-o para que os homens se ocupem dele, cada um de acordo com a medida de sua capacidade, e cada qual da forma que suas faculdades estejam estimuladas para as coisas espirituais. Deixemos que isto baste, então. Venha conosco, e dir-lhe-emos de que somos capazes.

Vocês dizem "nós". Há outros aí?

Trabalhamos todos juntos, amigo. Alguns estão presentes comigo em corpo; outros, ainda que estando em suas várias esferas, são capazes de enviar para cá sua ajuda daqueles reinos, sem que saiam de lá. Também há certa ajuda que só pode ser enviada assim. Pois saberá que como ao mergulhador no fundo do mar deve ser fornecido o ar necessário por aqueles que estão sempre em cima cuidando do seu suprimento, assim também é muito necessário que sejamos auxiliados ao mesmo tempo em que auxiliamos. Desta forma somos capazes de falar mais claramente à sua mente das mais altas verdades enquanto estamos nestes planos inferiores trevosos e mais grosseiros, como no fundo do oceano nosso ar natural é restrito e nossa luz é envolta em bruma. Pense nisto e em nós nesta sabedoria, e será capaz de entender uma parte de nossa tarefa.

Há alguns que perguntam por que os anjos não têm aparecido hoje em

dia como nos tempos mais antigos. Aqui há muitos erros em poucas palavras, e dois preeminentes. Em primeiro lugar, anjos de alto nível nunca vieram frequentemente ao plano terrestre, mas um aqui e outro ali ao longo das épocas; e aqueles foram valiosamente chamados para um lugar predisposto nos anais dos grandes eventos. Anjos não vêm desta forma à terra e aparecem visíveis, exceto se estiverem em comissões especiais muito raras. Isto seria uma extensão da nossa difícil tarefa: primeiramente o mergulhador afunda nas águas escuras e muito profundas, e então deve condicionar-se para tornar-se visível àqueles que são quase cegos e que habitam no fundo do oceano.

Não, trabalhamos para homens e estamos presentes com eles, mas de outras formas que estas, de acordo com as regras e os métodos variáveis conforme cada tarefa requeira. E este é o segundo erro cometido, porque estamos presentes e vamos à terra continuamente. Mas na palavra vamos há mais coisas ocultas do que posso revelar. Mesmo os que estão deste lado, nas esferas entre nós e você, não entendem ainda nosso poder e as maneiras de usá-lo, mas somente em parte, conforme vão aprendendo ao longo de sua evolução. E assim deixe que fique. Agora explicarei a você outro tópico de interesse.

A audiência que Jacó teve com o anjo no Jabock, quando ele lutou com ele e triunfou: O que, pense você, foi a luta, e qual foi a razão de ter sido negado o nome do Anjo?

Penso que a luta foi uma luta corporal; e que a Jacó foi permitido que triunfasse para lhe mostrar que sua luta com sua própria natureza durante sua residência em Padan Aram não foi em vão - e ele triunfou. Penso que o Anjo recusou dar seu nome porque não era lícito dá-lo a um homem ainda na carne.

Bem, a primeira resposta é melhor que a segunda, meu tutelado, a qual não está dizendo muito. Pois, veja, se ele não forneceu o nome porque não

era lícito fazê-lo, por que não era lícito?

Agora, a luta foi real e verdadeira, mas não na forma pela qual os homens usualmente lutam. O Anjo não podia ser tocado com mãos mortais impunemente. Ele se manifestou em forma visível, e aquela forma era também tangível, mas não para ser tratada rudemente. Por isso o poder do Anjo foi tal que o mero toque firme de Jacó produziu deslocamento. O que, então, teria Jacó retido daquela forma em seus braços? Mas o Anjo foi retido ali pela vontade de Jacó: não porque a de Jacó fosse mais forte, mas por causa da condescendência do Anjo e de sua cortesia. Enquanto Jacó desejou, ele permaneceu, mas cortesmente perguntou pela permissão de ir-se. Assombrou-se com esta grande indulgência? Pense no Cristo do Senhor e Sua humilhação entre os homens e seu assombro não irá longe. Cortesia é uma das manifestações exteriorizadas de amor, e não pode ser negligenciada no curso da evolução que nos faz o que somos e o que seremos.

Então o Anjo foi retido porque deu de si. Mas Jacó não é tão triunfante. Nele, seu recentemente percebido poder de vontade e caráter preponderam em seus sentimentos mais nobres para o tempo, e demandam uma bênção. Isto é obtido, mas o nome do Anjo, não.

Não seria muito correto dizer que não era lícito que fosse dado. Algumas vezes os nomes são dados. Mas neste caso, não; e por esta razão: Há muito poder no uso de um nome. Saiba disto, e lembre-se; porque muita desgraça acontece continuamente em razão do mau uso dos nomes sagrados, desgraças surpreenderam e frequentemente foram consideradas imerecidas. A Jacó, para seu próprio bem, foi negado. Ele havia mostrado seu arbítrio ao demandar uma bênção, mas não deveria ser dada para que não demandasse mais. Ele entrou em contato bem próximo com um grande poder e devia se restringir ao plano daquele poder, ou a luta que ele tinha ainda que enfrentar não seria vencida por ele.

Agora vejo em sua mente uma pergunta sobre a possibilidade de demandarmos insensatamente, e assim obtermos. As coisas são tão ordenadas que não só há esta possibilidade, mas continuamente acontece. Pode parecer estranho a você, mas o socorro é frequentemente requisitado destas esferas, de um modo tal que ele deve ser enviado, e entretanto melhor seria que fossem usados os recursos próprios do pedinte e por isso mesmo ele alcançaria um poder maior, que por esta outra forma, um nome sendo chamado com veemência pelos da terra; o dono deste nome nada fará exceto ser notificado. Ele atende e atua como possível, da melhor forma.

Só posso pensar que Jacó fez melhor evolução em sua questão com Esaú, e com seus filhos e com a fome, e com as muitas provações que teve que passar, ao trazer sua própria força de personalidade para auxiliá-los, do que ele teria feito se chamasse continuamente em seu socorro seu anjo de guarda para que fizesse aquilo que ele poderia fazer por si. Este socorro teria sido frequentemente recusado, e ele, incapaz de entender, provavelmente teria diminuído sua fé e ficado confuso. Algumas vezes o socorro teria sido enviado, e de uma maneira tão patente que precisaria de uma vontade muito pequena para o entendimento, e, portanto, pequeno avanço.

Mas não persistirei nisto por um tempo maior. Meu objetivo em citar o caso de Jacó foi mostrar-lhe que você não está afastado de nós, nem nós de você, só porque não pode nos ver nem ouvir nossas vozes. Nós falamos e você ouve, mas muito mais profundo em seu ser que com seus ouvidos. Você realmente nos vê, mas a visão é mais interior que aquela com o sentido exterior da visão. Portanto esteja contente porque nós estamos, e continuaremos usando-o, por isso continue em paz de espírito e em oração ao Senhor através de Seu Filho, de quem somos ministros, e em Nome de Quem viemos. +

Terça, 18 de novembro de 1913.

Quando todas as coisas visíveis foram criadas, uma coisa foi deixada quase completa, era a última e a maior de todas, e esta foi o homem. Ele foi feito para desenvolver-se, e sendo dado possuir grande poder, foi-lhe mostrado o caminho que deveria seguir, e deixado que seguisse. Mas não sozinho. Porque toda a hierarquia dos reinos celestes foram seus observadores para verem como agiria com aqueles dons que lhe foram dados.

Nesta hora não falo expressamente da evolução como é entendida pelos cientistas, nem de cair e levantar de novo, como é ensinado por aqueles que professam conhecimento teológico, mas pelo aspecto mais irrestrito, enquanto contemplamos as aspirações do homem e o que veio delas. E olhando adiante, também, é-nos permitido ponderar seu futuro, e ver um pequeno caminho à frente nestes longos alcances e reinos de ampla expansão que estão à frente de todos nós.

Nem agindo desta forma eu posso me restringir dentro dos limites da doutrina teológica como é entendida por vocês. Pois ela é, na verdade, tão restrita e estreita que quem tenha vivido muito tempo em um ambiente mais amplo teria medo de esticar-se para não bater seus cotovelos contra as paredes confinantes daquele estreito túnel; e hesitaria em ir a qualquer canto por ali, ansioso que está por viajar, a fim de que sua sorte não fique pior que é.

Não, meu amigo, sendo isto chocante e espantoso àqueles cuja ortodoxia é como a respiração de seu corpo, mais entristecedor é para nós vê-los tão medrosos em usar o que têm de liberdade de pensamento e razão, a fim de que não sigam extraviados, confundindo rígida obediência a códigos e tabelas com lealdade a Ele, Cuja Verdade é livre.

Pense você por um momento. De que tipo de Amigo Maior é Ele para aqueles que tremem assim diante de Seu descontentamento? Seria Ele aquele que está esperando e olhando com um sorriso sinistro, para capturar

em sua rede quem ousa pensar, e pensar em erro sinceramente? Ou Ele é Quem disse: "Porque vocês são mornos, nem quentes nem frios, vou vomitá-los"? (*Apocalipse, 3;16*) Mova-se e viva e use aquilo de poderes que lhe são dados em oração e reverentemente, e então, se vier a errar, não será por obstinação ou intencionalmente, mas com boa intenção. Atire com braços fortes e firme os pés, e se perder o alvo por uma ou duas vezes, seus pés estarão ainda firmes e as palavras "Bem feito?" pelo seu tiro incorreto, sendo em Seu bom serviço, e como você foi competente para fazer, assim você fez. Não se amedronte. Não é aquele que mira e atira algumas vezes errando quem Ele vomita, mas os covardes que temem o combate por Ele. Isto eu digo amplamente pois sei que é verdadeiro, tendo visto a chegada para cá de ambas maneiras de viver, quando aqueles que as viveram chegam aqui entre nós e buscam seu lugar apropriado e o portal pelo qual podem passar para cá.

E agora, meu tutelado e companheiro servil no Exército de Deus, ouça bem neste momento, pois o que tenho a dizer pode não ser muito familiar à sua maneira de pensar, e gostaria que registrasse bem isto.

Muitos há entre vocês que não encontram em si o aceitar Cristo como Deus. Agora, há muitas conversas leves sobre esta matéria em ambos lados do Véu. Não é com você na terra apenas, mas também aqui temos que procurar para saber, e milagres da revelação não são empurrados em nós, nem nossa própria liberdade de pensamento é constrangida por nenhum poder superior que o nosso. Guiados somos, como você é também, mas não somos forçados a acreditar nisto ou naquilo, em nenhuma das muitas maneiras pelas quais pode ser feito. Portanto há aqui, também, muitos que dizem que o Cristo não é Deus, e dizendo assim pensam que puseram fim na questão.

Não é meu presente propósito provar-lhe o contrário e a verdade positivamente, nem mesmo declarar a afirmativa verdadeira. Meu esforço é

antes mostrar-lhe, e a eles, que jeito de questão é essa, e como ela não conduz a seu entendimento, mesmo pelo pouco que podemos, por falarmos em termos sem primeiro defini-los.

Primeiro, então, o quê tem significado Deus? Estariam eles falando de uma personalidade definida quando eles pensam no Pai - uma pessoa como um homem? Se é assim, é óbvio que o Cristo não é Ele, ou isto criaria uma pessoa dupla, ou duas personalidades em um, de uma maneira que a distinção entre cada um seria impossível. Não é desta maneira que a Unidade da qual Ele falou deve ser procurada. Duas Pessoas iguais, unidas numa condição impensável, e que a razão rejeitaria imediatamente.

Ou significaria que Ele é o Pai manifestado em Homem? Então, aí, você é, e eu assim sou, Seus servos. Pois o Pai está em todos nós.

Ou será que n'Ele estava a plenitude do Pai, indivisível? Então em você e em mim também habita o Pai, porque Ele, não é possível dividir.

Mas se foi dito que o Todo do Pai habita n'Ele mas não em nós, eu digo que é uma opinião e nada mais, e também ilógica; porque o Pai como um Todo habita no Cristo, também o Cristo é o Pai sem distinção, e ninguém mais, ou o Pai Total habitando no Cristo deve cessar de habitar n'Ele por necessidade. Isto também não é razão.

Então é necessário primeiramente que entendamos que o Pai é o Nome que damos ao mais alto aspecto de Deus que somos capazes de pensar. E ainda isto não entendemos, pois é francamente confesso que Ele está além de nosso entendimento.

Não posso definir Ele a você, pois não O vi, a Quem a todos, menos a Ele mesmo, não é visível por completo. O que vi foi uma manifestação d'Ele em Forma Presente, e isto é o mais alto que atingi até aqui.

Então o Cristo em Sua Unidade com o Pai deve estar também acima de nós em nosso entendimento, como Ele está acima de nós n'Ele mesmo. Ele nos diz tanto quanto somos capazes de pensar, mas não entendemos muito

bem. Ele manifestou o Pai, e tais qualidades do Supremo Sagrado quanto foi capaz de manifestar no corpo para nós. Pouco mais sabemos, a não ser crescendo em sabedoria como crescemos em humildade e amor reverente.

Como Ele é Uno com o Pai, assim somos Unos com Ele. E habitamos no Pai por nossa habitação n'Ele Que está mesclando o que chamamos de Humano e Divino. O Pai é maior que Ele, como Ele mesmo disse uma vez. Mas o quanto maior, Ele não disse, e não poderíamos ter entendido o que Ele nos dissesse.

Pode ser dito pelos que lerem isto que eu cortei o andaime e não deixei a construção dentro. Meu propósito, amigo, eu coloquei no início. Não foi agora erguer um prédio, mas apontar que a primeira coisa a construir é certamente a fundação; e que qualquer estrutura construída numa fundação que não esteja firme, deverá cair agora ou depois, e será muito trabalho em vão. E isto na verdade os homens têm feito mais do que percebem; e é o porquê de tanta coisa estar em névoa quando deveria ser plena para a visão. Não total, claro, mas o suficiente para fazer a estrada mais brilhante do que é.

Eu falo, não tanto para instruir nesta presente comunicação, mas para dar aos homens uma pausa. Porque raciocinar pode ser fascinante para certas mentes, mas não é esperado de um soldado. É persuasivo com sua perfeita lógica e argumentos bem balanceados, mas não é durável para suportar os usos e costumes de todos os elementos das esferas. Não é tão sábio afirmar sempre, como se diz, "Eu não sei isto, ainda." Orgulho frequentemente cega as pessoas para a beleza de uma mente humilde; e não é verdade que aquele que responde questões profundas seja uma fonte de sabedoria; e a segurança está certas vezes próxima à arrogância, e de modo algum a arrogância é verdade ou amor.

Você e eu, meu amigo e tutelado, somos Um n’Aquele Cuja Vida é nossa garantia de Vida contínua. N'Ele nos encontramos e abençoamos cada

um, como eu o abençoo agora, e agradeço-o pelos seus pensamentos gentis em direção a mim. +

Quarta, 19 de novembro de 1913.

E assim, meu querido amigo e tutelado, minhas palavras a você são tais que muitos não acolherão; porém saiba disto, que muitos deverão vir do leste e do oeste e sentar-se na Festa do Cristo, os que mesmo sem conhecê-lo com Sua Natural Divindade, amam-no por Sua bondade e amor; pois isto, ao menos, todos eles podem entender. E ninguém pode compreender o Seu outro aspecto no significado completo. E portanto vamos pensar em outras coisas, e primeiramente no relacionamento que os homens encarnados deveriam promover em direção a Ele, se progredirem da maneira que Ele lhes mostrou.

Acima de tudo, devem amar. Este é o primeiro mandamento de todos, e o maior. É difícil haver homens que o sigam. Todos concordam que amar uns aos outros é bom; mas quando vão traduzir o sentimento em ação, é quando infelizmente falham. E ainda, sem amor nada no universo se sustentaria, mas cairia em decadência e desintegração. É o amor de Deus que sustenta a tudo o que é; e podemos ver o amor, se procurarmos, em todos os lugares. A melhor maneira de entender muitas coisas é contrastá-las com seus opostos. O oposto do amor é a desintegração; porque vem da abstenção da prática do amor. O ódio vem também do oposto, apesar de que não da essência dele; porque o ódio de uma pessoa é frequentemente um método errado de expressar amor a outro.

E o que é dito de pessoas é também verdadeiro das doutrinas e propósitos. Muitos expressam uma devoção a alguém causada pelo ódio a outro. É estúpido e falho, mas não provém do mal. Quando um homem odeia outro, entretanto, ele está quase cessando de amar mais e mais, até que se torna um esforço de não amar nada afinal.

Esta é uma das coisas que se faz com dificuldade nesta vida das esferas. Porque só quando um homem aprender a amar a todos sem odiar ninguém, será capaz de progredir nesta faixa onde o amor significa luz, e aqueles que não amam vagueiam nos lugares trevosos onde se perderam, e frequentemente se tornam tão duros de mente e coração que sua percepção da verdade é tão vaga quanto das coisas externas.

Há, de outro lado, mansões aqui que cintilam em luz em todas as pedras, e emanam a radiação em direção ao país em torno até uma grande distância, por causa da alta pureza no amor daqueles que habitam nelas.

Você descreveria tal residência, e aqueles que habitam nela? Ajudaria mais do que esta descrição geral, penso eu.

Não é fácil, como você saberá um dia. E se eu aceder ao seu pedido, você entenderá que o resultado não será condizente com a realidade, visto que será inadequado. Apesar disso, farei o que pede. Qual residência em particular gostaria que eu descrevesse?

Fale-me sobre a sua própria.

Na Décima Esfera há condições que não se encontram em degraus inferiores, menos ainda na sua própria esfera na terra.

Se fosse possível que eu o levasse para aquela esfera, você não veria nada, porque sua condição ainda não é adequada a ela. O que você veria seria uma neblina de luz, mais ou menos intensa, de acordo com a região em que você estiver. Nas esferas inferiores você veria mais, mas não tudo, e o que fosse capaz de ver não seria entendido em sua totalidade.

Suponha que você pesque um peixe da água e o ponha num aquário e o leve através de uma cidade; pense, quanto ele primeiramente veria, e, em seguida, quanto entenderia? Penso que veria algumas polegadas em torno na circunferência de seu habitat - a água, que é seu ambiente natural. Ponha sua face onde ele possa vê-lo, e então sua mão. O que ele saberia destas coisas?

Desse jeito estaria você nestas esferas; e somente com treinamento você seria capaz de ativar e usar suas faculdades com facilidade e proveito. Além do mais, como você descreveria aos peixes, na linguagem deles, a Abadia de Westminster, ou mesmo sua própria igreja de vila? Se aquele peixe fosse fazê-lo saber quão irracional você foi quando lhe descreveu, haveria a obstrução de suas próprias limitações; ou se ele lhe dissesse que não acreditou que houvesse tal lugar como a igreja ou a Abadia, que você mencionou mas não conseguiu descrever a ele, como você poderia convencê-lo de que a irracionalidade foi dele, e não de sua parte?

Mesmo assim, já que você desejou, vou falar-lhe o que posso de minha própria residência e lar; e você provavelmente pensará que eu faria melhor parando de falar, e melhor de tudo, que eu parasse com tudo isto.

O continente onde nós construímos nossas casas toca muitas esferas e, entre elas, aquelas cuja natureza irradia muitas cores de acordo com suas virtudes, e que coincidem muito com as das pessoas com quem habito. Estas cores são na maioria diferentes daquelas que você conhece, mas todas que você conhece estão aqui, e em quase infinitas combinações e matizes. De acordo com as ocupações nas quais estejamos mentalmente engajados em qualquer tempo, a mistura das cores varia, e a atmosfera tomará aquela tonalidade.

Então a casa também vibra e responde aos pensamentos e aspirações, tanto daquele que orou a nós, ou da ajuda desejada nas esferas atrás de nós, na direção de onde está o plano da terra.

Música também emana de nós, não necessariamente da boca, mas mais frequentemente diretamente do coração; e isto também acontece com os prédios em torno de nós, que respondem, pois são parte de nossa energia; e também as árvores e flores e toda a vida das plantas é afetada e responde. Portanto cores e música não são meramente inanimados aqui, mas são cheios de nossas vidas, e vibram conforme nossa vontade.

A casa é retangular, e contudo as paredes não são somente quatro, nem os ângulos iguais uns aos outros. Elas também são matizadas, e as atmosferas interiores e exteriores mesclam-se através delas. Estas paredes não são para nossa proteção, mas para outros usos, e um deles é concentrar nossas vibrações, focá-las na sua transmissão às regiões distantes onde nossa ajuda é necessária e desejada. Portanto alcançamos a terra também e sentimos seus afazeres lá, e enviamos palavras de instrução, ou ajuda de outras formas, em resposta aos que oram e que vêm a nós para que tenhamos que agir.

Aqui também descem aqueles das altas esferas e, por meio destas casas e outras influências preparadas, tornam-se tangíveis para nós para que possamos conversar intimamente com eles sobre questões que nos deixam perplexos.

Desta casa também mandamos bastante força para aqueles que de tempos em tempos são nossos encarregados das esferas mais baixas, para que sejam capacitados, no período de sua curta permanência entre nós, a suportarem as condições desta esfera sem grande desconforto; e também para conversar com eles e para que nos vejam e nos ouçam, o que de outra maneira não poderiam fazer.

Quanto ao aspecto exterior desta casa, darei a você a descrição feita por alguém de uma esfera inferior, que está mais próxima da sua própria. Ele me disse que quando a viu, vieram-lhe à memória as palavras, "uma cidade que está sobre uma colina cuja luz não pode ser escondida". Ele estava a uma longa distância, mas parou e desceu ao chão para descansar (porque veio de muito distante numa viagem aérea). Ele protegeu seus olhos, e gradualmente foi sendo capaz de observar novamente a mansão na colina, longínqua, em seu brilho.

Ele disse que viu as grandes torres; mas elas brilharam tão intensamente com sua luz azul que ele não poderia dizer onde elas realmente terminavam,

porque a luz saía em direção ao céu acima e pareciam ter continuidade indefinidamente. Então as cúpulas - algumas eram vermelhas e algumas douradas, as luzes que saíam delas eram da mesma forma deslumbrantes demais para se ver onde terminavam, ou qual seria seu tamanho. Os portões e as paredes também brilhavam em prateado e azul e vermelho e violeta, e esplendia com uma luz deslumbrante que banhava a colina abaixo, e a folhagem das árvores em torno, e ele cogitou como poderia entrar e não ser consumido.

Mas nós o vimos, e mandamos mensageiros para lidar com aquela dificuldade; e quando finalmente ele chegou às bênçãos na partida, sua missão estando terminada, disse- nos, "Um pensamento me ocorre neste momento de partida. Meus companheiros de trabalho vão me perguntar como era o lugar onde estive; e como direi a eles desta glória quando estiver mais uma vez em minha própria esfera, e reassumir seus poderes mais restritos?"

E nós respondemos, "Filho, você não será mais quem foi, depois disto. Em você restará alguma coisa da luz e da percepção desta esfera. Mas o que você em seu coração estiver apto a lembrar, ser-lhe-á custoso poder transmitir. Porque eles não entenderiam se você pudesse contar a eles, e para contar a eles você forçosamente teria que usar a linguagem que é corrente aqui. Por isso diga-lhes que concentrem seus desejos em um desenvolvimento para adiante, e um dia virão e verão por si mesmos o que você viu, mas não consegue relatar."

E assim ele se foi, soerguido em grande alegria. Seja isto também seu, amigo, e as palavras que demos a ele, sejam agora dadas a você. +

III - O TERRENO E O CELESTE

Sexta, 21 de novembro de 1913.

Nem todos os que caminham leem de forma correta, porque aqueles que caminham têm algumas vezes mentes impacientes demais para observarem aquelas coisas que não são de importância aparente, sendo somente as que são aparentes as que têm importância a eles. E então, o que acontece é que o que está escrito muito claramente não são palavras para eles, e a mensagem significativa é negligenciada.

Isto é assim nos vários signos que são escritos naquilo que o homem denomina natureza, ou seja, os fenômenos superficiais do poder espiritual atuando na matéria e através dela. Assim é também no movimento de povos e nações, como trabalham seus destinos de acordo com suas próprias e peculiares características.

Assim é, talvez num menor grau, nos descobrimentos da ciência, como são popularmente conhecidos. Vamos por um pouco de tempo considerar estes últimos, e ver se há alguma mensagem para estes que investigariam mais profundamente que a maioria, que tem tempo somente para caminhar e não para ler.

A ciência, como a história, repete-se a si mesma, mas nunca numa exata duplicação. Amplos princípios governam, de tempos em tempos, a pesquisa pelo conhecimento, e são sucedidos por outros que, a seu tempo, tendo já servido, também caem num segundo plano para que outros princípios possam receber atenção mais concentrada e indivisível na competição. Mas, de tempos em tempos, conforme as épocas passam, estes princípios retornam novamente - não na mesma ordem de sequência - para receberem atenção numa nova corrida. E assim a marcha do progresso humano segue

adiante.

Itens de descobrimentos são também perdidos e novamente encontrados, normalmente com nova aparência que não a original, e com algumas características notáveis acrescentadas, e outras características antigas faltando.

A fim de que se possa fazer mais claro o que foi exposto, entrarei em detalhes através de um exemplo.

Houve um tempo em que a ciência não tinha a importância que tem hoje ao homem: quando havia uma alma na ciência, e uma manifestação externa na questão era de interesse secundário. Assim foi com a alquimia, astrologia, e mesmo a engenharia. Era sabido naqueles dias que o mundo era regido por leis de muitas esferas, e administrado por incontáveis hostes de servidores, atuando livremente em sua própria vontade mas dentro de certos limites estreitos estabelecidos por aqueles de poder maior e mais alta autoridade. E os homens naqueles dias estudavam para encontrar os diferentes graus e degraus destes trabalhadores espirituais, e a maneira pela qual trabalham nos diferentes departamentos da natureza da vida humana, e o montante de poder exercido por cada uma das várias categorias.

E eles encontraram um número considerável de fatos, e classificaram-nos. Mas por estes fatos, leis e regulamentos e condições não serem da esfera terrestre, mas da espiritual, prazerosamente expressaram tudo numa linguagem longe da usual.

Quando outra geração surgiu, suas energias foram direcionadas em outras direções; eles, não considerando bem as questões de sabedoria que estavam contidas no conhecimento de seus ancestrais, disseram que a linguagem era alegórica, ou simbólica; e assim fazendo, também fizeram os fatos por si mesmos assumirem uma forma sombria, até que por fim havia restado pouco da realidade.

Assim aconteceu em relação ao estudo dos poderes espirituais de

variados graus e tipos, e isso redundou nas histórias de fada da Europa e as mágicas histórias do Leste. Estas é que são realmente as descendentes lineares e legítimas da ciência do passado, acrescidas a eles, subtraídas deles, e distorcidas de muitas maneiras. E contudo, se você estudar a leitura destas lendas à luz do que lhe disse, verá então, quando separar o essencial daquilo que são enfeites mais modernos, que serão encontrados engastados, como as cidades do Egito sobre as areias dos tempos, sólidos fatos científicos ou conhecimento como foram considerados espiritualmente.

Poderia, por favor, dar uma exemplificação, a fim de ilustração?

Há a história de João e o pé de feijão (*Esta história, "João e o pé de feijão" relata a subida de João pelo pé de feijão que crescera até os altos céus, e lá ele se defronta com um gigante*). Em primeiro lugar olhe o nome. João é a forma coloquial de John, e o John original foi o que escreveu o Livro das Revelações. O Pé de Feijão é uma adaptação da Escada de Jacó, pela qual as esferas superiores, ou espirituais, são alcançadas. Aquelas esferas, uma vez atingidas, são vistas como regiões e continentes reais, com cenários naturais, casas e tesouros. Mas estes são algumas vezes guardados por guardiães não de todo amistosos em relação à raça humana porque, apesar de tudo, por audácia e mente habilidosa, alguns são capazes de arrancar estes tesouros e retornarem para a terra com eles. E também são capazes, por sagacidade de caráter, de se prevenirem contra estes guardiães pela retomada de posse destes tesouros de sabedoria, despojando a raça humana do direito adquirido da conquista pelo mais audacioso.

Agora, isto é pitoresco, e assume uma face estranha ou mesmo ridícula pela razão de ser transcrita de tempos em tempos por aqueles que não entenderam sua importância mais profunda. Se tivessem entendido isto, certamente não teriam apelidado o original de João. Mas, conforme seus usuais trajes de vestir mostrarão a você, isto acontece mais ou menos numa época em que coisas sagradas e espirituais eram tidas em fraca estima pela

razão da inabilidade dos homens de perceberem a presença verdadeira dos seres espirituais entre eles. Por isso, também, eles arranjaram um demônio, e deram-lhe orelhas pontudas e um rabo, e por uma razão similar - pois sua realidade para eles era mítica. A personalidade que deram a ele era mítica também.

A história que mencionei é uma de muitas. Punch e Judy (*Personagens malvados de historietas da época medieval, estes dois marionetes que estão sempre brigando entre si são muito conhecidos na Inglaterra até hoje em dia*) representariam os procedimentos dos dois que surgiram como os mais depravados, que foram Pilatos e Iscariotes. E na maneira pela qual são relatados estes incidentes, solenes e sem dúvida horríveis, torna-se aparente a frivolidade da época para tais questões.

Bem, assim é, e assim tem sido sempre. Mas agora, hoje, o espiritual está retornando entre os homens clamando lugar, se não adequado à sua importância, pelo menos de maior consideração que nestes últimos séculos.

Dessa forma, por um lado exteriormente, mas sendo mais afim intimamente, o princípio amplo que governou os astrólogos egípcios, e a sabedoria que Moisés aprendeu e usou para tal efeito, está voltando hoje em dia, para elevar os homens um pouco mais alto e colocar um significado naquele materialismo morto do passado, o qual, manuseando coisas produzidas pela energia da vida - conchas, ossos e pedras fósseis, negaram ao Autor da Vida Seu lugar na grande arena da vida. Ele falava do trabalho ordenado de leis naturais - e negava a Única Fonte de todas as ordens e todo o trabalho. Falava de beleza - e esqueceu que não há beleza, a menos que o espírito do homem perceba-o, e aquele espírito é, porque Ele, Que é Espírito, é para sempre.

Nós estamos observando, e estamos guiando conforme podemos e conforme a oportunidade que nos é dada. Se o homem responder ao nosso estímulo, há uma época a vir, mais plena de luz e da beleza do amor e vida do que a que acaba de passar. E penso que responderão, porque a nova era é

melhor que a antiga, e por trás de nós sentimos a pressão dos que são de maior sabedoria e poder quando olhamos em direção à terra. Então fazemos aquilo a que somos inspirados por sua intenção e desejo.

A nós não nos é dado ver muito longe, lá adiante. Este é um estudo especial, e não é dos deveres do grupo de trabalhadores ao qual pertenço. Mas somos felizes em ver nossos esforços encontrarem respostas rápidas em muitos corações, e esperamos por maiores oportunidades, conforme os anos forem passando, para mostrar aos homens o quanto estamos próximos deles, e quão grandes eles são potencialmente se apenas forem humildes em espírito, e serenos, e esforçarem-se por santidade e pureza de pensamento e desejo, olhando para Ele, o Exemplo de homem na sua grandeza e, procurando reproduzir em si mesmos aquela beleza do sagrado, eles podem ler, mesmo enquanto caminham; pois uma olhada em Sua Vida deveria permitir a entrada daquele que tem em si como ver o que a beleza é. Amamos por Ele, e a Ele reverenciamos, Cuja paz esteja com você em tudo, todos seus dias, meu amigo. Amém. +

Segunda, 24 de novembro de 1913

Além do mais, amigo, é bom e útil buscar na mente nossa presença em todas as horas; porque estamos sempre próximos, e de muitas e variadas formas. Quando estamos pessoalmente próximos, à mão, somos capazes de inspirá-lo com pensamentos úteis e intuições, e assim ordenar os eventos que possam facilitar seu trabalho e tornar seu caminho mais claro do que apareceria a você.

Quando estamos em nossas esferas pessoalmente, nós ainda temos meios pelos quais somos informados não somente do que tem acontecido com você e em seu entorno, mas também do que está por acontecer, se a composição dos acontecimentos seguir seu curso normal.

Desta forma, preservando o contato com você nós mantemos e

resguardamos nossa guarda para que seja contínua e incessante, e nossa vigilância em seu benefício não falhará. Porque aqui, e através das esferas entre nós e você, há dispositivos pelos quais a informação é enviada de uma esfera àquelas lá atrás e, quando se faz necessário, agrupamos outros para seguirem em alguma missão junto a você, ou, se a ocasião requrer, nós vamos à terra nós mesmos, como fiz agora.

Ainda mais, e somando-se a isto, cada um é capaz de entrar diretamente em contato com seu encarregado de algumas maneiras, e influenciar acontecimentos a partir de nossos próprios planos. Assim você entenderá que todos os domínios do Criador, através de suas esferas de luz, são unificados em ação e correlacionados. Nenhuma parte deixa de ser influenciada por todas as outras partes, e o que fazem na terra não somente é registrado nos céus, mas também tem efeito em nossas mentes e pensamentos, e, portanto, em nossas vidas.

Seja, portanto, de mente e desejos muito cuidadosos; pois seus feitos em pensamento, seus feitos em palavras e seus feitos em atos são todos de grande importância, não somente para os que o veem e tocam em você, mas também àqueles em torno de você que não são vistos ou tocados por você, mas que o veem e tocam-no constantemente. Não somente estes, mas aqueles que cuidam de seus trabalhos em suas próprias esferas são afetados. É assim na minha própria, eu sei, e quanto ao mais alto não arrisco a dizer. Mas, se tivesse me perguntado, eu responderia que seus fatos são multiplicados por setenta vezes sete pela transmissão através das esferas de luz; e não é encontrado o fim desta jornada dentro do alcance dos homens ou anjos. Então tenho minhas dúvidas, se é que são, se eles acharão finalmente o verdadeiro Coração de Deus.

Seja, portanto, perfeito, porque seu Pai Que está no Céu dos Céus é perfeito; e coisas imperfeitas não encontrarão aceitação e aprovação para a entrada onde Ele está em Sua imensa Beleza.

E o que dizer, então, daquelas esferas onde habitam os que não amam o bom e belo? Bem, nós também estamos em contato com aqueles, e a ajuda mandada para lá é enviada tão rápida quanto à esfera da terra; pois aqueles reinos de treva são nada mais que afastados, mas não desconectados de nós. Aqueles que lá estão, estão aprendendo suas lições como você está, na sua esfera da terra, mas a deles é mais obscura que a sua - nada mais que isso. Porque eles também são filhos e filhas daquele Pai Único de Todos, e portanto são nossos irmãos e irmãs também. E a estes ajudamos quando choram, do mesmo modo que ajudamos você em seus pedidos. Já tem sido dado a você saber alguns porquês das condições de vida encontradas por lá. Mas àquilo que sua mãe escreveu eu posso aqui acrescentar um pouco mais (*Refere-se às mensagens em "Os planos inferiores do Céu", capítulo III*)

Luz e treva são estados de espírito, como sabe. Quando aqueles moradores da treva clamam por luz, significa que estão fora de contato com seu ambiente. Então mandamos a eles a ajuda necessária; e ela é geralmente a direção pela qual eles encontrarão seus caminhos - não para regiões de luz, onde sentir-se-iam em tortura, e ofuscadamente cegos, mas - a uma região de escuridão menos intensa, e tingida pela exata quantia de luz que poderão aguentar, até ultrapassarem aquele estado e clamarem por mais, em sua caminhada.

Quando um Espírito deixa uma região escura por uma menos escura, ele experimenta uma sensação imediata de alívio e conforto pela comparação com seu estado anterior. Porque por agora seu ambiente está em harmonia com seu estado de desenvolvimento íntimo. Mas à proporção que ele continua a evoluir com suas aspirações pelo bom, gradualmente vai ficando fora de harmonia com sua vizinhança, e então, por causa de seu progresso seu desconforto aumenta até se tornar nada menos que agonia. Então, em seu desalento, e chegando quase ao desespero, tendo chegado ao ponto em que com seu próprio esforço não conseguiria ir mais além, ele clama pelo

socorro daqueles que são capazes de dá-lo em Nome de Deus, e eles o conduzem a um plano próximo à região onde reina a sombra, em vez da escuridão. E então finalmente chega ao lugar onde a luz é vista como luz; e seu caminho avante é, daqui em diante, não mais através da dor e da angústia, mas da alegria para uma alegria ainda maior, partir da glória para uma glória ainda maior.

Oh, mas, longo, longo período leva até que venham até aquela luz, tempos de angústia e amargura; e sabendo todo o tempo que não podem ir a seus amigos que estão esperando por eles até que superem sua própria incapacidade; e que aquelas enormes regiões de escuridão e desamor sejam primeiramente ultrapassadas.

Mas não erre no significado de minhas palavras. Não há vingança de um Deus irado, meu tutelado e amigo, Deus é nosso Pai; e Ele é Amor**.** Todo este infortúnio é por necessidade, e é ordenado por aquelas leis que governam a semeadura e a colheita do que foi semeado. Mesmo aqui, em meu próprio lugar, onde aprendemos muitas coisas tanto maravilhosas quanto amorosas, ainda não conseguimos sondar e investigar este mistério destes abismos mais profundos. Nós realmente entendemos, tanto que éramos incapazes de entender quando na vida terrena, que é por amor que estas coisas são ordenadas. Digo que somos capazes de entender, onde formalmente somente fomos capazes dizer que acreditávamos e confiávamos. Realmente sabemos apenas um pouco mais deste terrível mistério; e estamos contentes em esperar até que se faça mais claro para nós. Porque sabemos o suficiente para sermos capazes de acreditar que tudo é sábio e bom, como saberão disto um dia aqueles que estão naqueles infernos escuros. E este é o nosso conforto, sabermos que serão e devem ser tirados de lá para adiante e para o alto, em direção a este grande e magnífico universo de luz, e que aí declararão não somente o que é justo, mas o que é de amor e sabedoria também, e serão felizes.

Assim fiquei sabendo, e sei, e sou dos que estão a serviço do Pai. E parece-me que os louvores e as bênçãos d'Ele de forma alguma são falhas em amor se compararmos com a nossa, que não fizemos a jornada através daqueles abismos terríveis. Não somente isso, amigo, pois lhe confessarei ainda uma coisa mais: que algumas vezes, conforme cumprimos juntos os nossos cultos, prostrados juntos diante da Luz do Coro de Anjos dos Céus, senti que há alguma coisa na adoração deles que falta na minha; e quase desejei que eu tivesse aquilo em mim também.

Todavia isto não seria correto; e sem dúvida o Pai toma, em Seu Amor, do que está em nós para darmos a Ele. Não obstante, é muito doce aquele dito do Mestre, e soa verdadeiro aqui, onde o amor é visto na beleza de sua nudez: Porque ela foi mais perdoada, por isso ela ama mais (*Refere-se às mensagens em "Os planos inferiores do Céu", capítulo III*)

Que Deus o mantenha em Seu Amor, meu amigo e tutelado; e deixe de lado as demais questões, corresponda ao Seu suave cuidado, e descanse n'Ele. Amém. +

Terça, 25 de novembro de 1913.

Se for apenas pequena a fé que um homem pode ter nele mesmo, ele poderá entender o que escrevi por sua mente e mão. Mas não é dado a muitos ver a verdade das coisas, e sabê-las verdadeiras de fato. Assim tem sido através dos tempos, amigo, e será ainda por muitos tempos. Tão longe quanto possa ser visto, nós olhamos mais para frente ainda, lá adiante pensamos ver um mundo de homens agindo e atuando numa luz mais intensa que aquela que hoje está sobre eles; e naquele dia verão e entenderão quanto estamos próximos deles, não somente em livros, mas no desempenho da vida diária. Por enquanto fazemos nossa parte, sempre vigilantes, sempre esperançosos e, se a nossa alegria é algumas vezes mesclada com uma tristeza que juntos não podemos afastar enquanto os

homens e nós não andarmos de mãos dadas, como é de nosso desejo, mesmo assim, novamente, sabemos que estamos nos aproximando juntos, e tudo está bem.

E agora, para nossa atual tarefa, meu tutelado; enquanto é dia gostaria que trabalhássemos juntos, pois quando a noite descer, aí você encontrará outro Dia, mas não como o de agora; e outras oportunidades de servir, mas não como estas. Portanto deixe-nos fazer o que podemos enquanto temos o comando destas condições atuais, e faremos um serviço melhor quando as esferas mais amplas forem abertas a nós ambos, a você e a mim.

Ciência, como você sabe, não é coextensiva com o que você conhece, porque nós olhamos mais profundamente naqueles fundamentos que são de origem espiritual; e a ciência mundial não está senão começando a admitir esta verdade em suas deliberações. Até aqui, já estamos nos aproximando uns dos outros; ou seria mais verdade dizer que aqueles dentre vocês que estão pesquisando os significados dos fenômenos de sua esfera estão chegando mais perto de nós, conforme os puxamos para mais alto e para uma busca mais profunda.

Por isto estamos gratos, e isto nos encoraja a continuar na mesma trilha; e isto fazemos na fé plena de que os homens continuarão a seguir aonde os guiamos, portanto somos cuidadosos para os liderar sabiamente e bem.

Eu agora diria a você alguma coisa do significado intrínseco do que o homem chama de origem das espécies na vida animal. Mas agora, primeiramente, eu diria que o termo é amplo demais; pois a origem das diferentes criações na vida animal não é encontrada no reino da matéria, mas tem sua gênese nestes reinos. Nós aprendemos aqui que, quando o Universo dos sistemas estava mudando para sua atual forma e constituição, aqueles que tinham o encargo de observar e trabalhar receberam seus planos dos de mais alto grau, e naqueles planos moldaram sua própria sabedoria.

Naquele tempo foi visto que nas esferas celestes havia muita

diversidade tanto de formas de vida, enquanto de manifestações corporais, como de mentalidades em seu trabalho. E foi resolvido que o universo seria destinado a refletir as personalidades e tipos daqueles que foram comissionados a levar adiante o encargo de seu desenvolvimento. A esta conclusão eles foram divinamente guiados, pois quando seus planos estavam completos, foi lhes dado saber por revelação que a aprovação Divina estava neles de forma geral; mas não era a perfeição absoluta. Contudo, recebeu o imprimatur do Pai de Tudo, Que lhes outorgou liberdade para executarem Sua vontade de acordo com suas próprias capacidades e poderes.

Desta forma apareceram as diferentes ordens e espécies de vida animal, vegetal e mineral, e também o tipo humano e o caráter racial. E estando estas coisas iniciadas, novamente a Mente Divina pronunciou sua aprovação geral ou, como diz a Bíblia, Ele achou estar "muito bom" (*Gênesis, 1: 31.*)

Mas elevados que eram aqueles que chefiaram esta questão de criação, todavia eram menos que o Único Onipotente e, conforme o trabalho de ordenar o universo era muito grandioso, e amplo em extensão, as imperfeições de seu trabalho tornavam-se ampliadas, à medida que iam trabalhando; portanto, para uma mente simples, e para os de grau menos elevado como é o homem, estas imperfeições surgiram vastas e grandes. Pois não é da competência daquele que é tão pequeno e não desenvolvido ser capaz de ver ambos, o bem e o mal, igualmente, mas o mal é mais facilmente visto por ele, e o bom, muito alto e maravilhoso para que ele atinja seu significado e poder.

Mas se os homens pudessem manter na mente uma coisa, encontrariam a existência desta sua imperfeição mesclada com tantas coisas mais que são maravilhosas e sábias, e mais fácil entenderiam. Esta uma coisa é: que o Universo não foi criado para ele sozinho, nada mais que dizer que um mar foi criado só para o uso dos animais marinhos que lá habitam, ou o ar para

os pássaros. O homem invade ambos, mar e ar, e chama-os de seu reino a ser conquistado e usado. E ele está certo. Eles não pertencem aos peixes e aos pássaros. O domínio é do maior ser, e o maior ser é o homem. Ele é o senhor por permissão, e regula a terra na qual, e sobre ela, seu Criador colocou-o.

Mas há maiores que ele e, conforme eles regulam os menores e usam-nos para o desenvolvimento de suas faculdades e personalidades, então estes o regulam e usam-no da mesma maneira.

E isto é justo e sábio, pois estes Anjos e Arcanjos e Príncipes e Poderes de Deus são Seus servos também, e seu desenvolvimento e treino são tão necessários como os dos homens. Mas conforme o quanto sejam estes maiores do que ele, respectivamente assim devem ser os meios e material de seu treinamento, de mais alta natureza e sublimidade que os daqueles que são dados a eles para usarem. De acordo com o poder inato de qualquer ser, homem ou anjo, assim é o ambiente proporcionado e constituído.

Deixemos o homem lembrar isto e manter em mente, e apreciará da melhor forma o dote do livre arbítrio dado a ele, um dom que ninguém de toda a hierarquia celeste pode tirar dele. E não fariam, se pudessem; pois em fazendo isto seu material poderia se deteriorar em qualidade, e diminuir a capacidade de habilitá-los em seu próprio avanço.

Agora, temo que alguns que leiam o que escrevi dirão que desta forma os homens tornam-se meramente uma ferramenta daqueles de mais alto grau, para fazer com eles o que querem para sua própria vantagem. Não é assim, e pela razão que acabei de colocar - que ele é, e sempre deverá ser, um ser de vontade livre.

E mais, aqui o único grande poder que anima estes que servem ao Pai é o Amor. Estes não são meros déspotas em opressão. Poder e opressão são correlatos na criação terrestre. Aqui poder significa uma emissão em direção do amor, e quanto maior o poder, maior é o amor que ele emana.

E isto, ainda mais. Deixe estes, cuja luta com o mal é terrível e feroz, lembrarem e perceberem bem o privilégio e o alto destino que é deles, a ser atingido. Porque nisto está uma garantia e uma certeza testemunhando que àquele homem foi permitido estar no Conselho e no trabalho dos que estão num grau muito alto, juntar-se a eles nesta grande tarefa de trabalhar na salvação do universo inteiro nas diretrizes deixadas há tanto tempo atrás. E esta tarefa é tal que um homem com coragem vai se agarrar a ela ansiosamente, porque ele entenderá assim desta forma: que aquilo que anjos e Príncipes do alto comando estão fazendo, ele está fazendo com eles em sua própria esfera e grau e, sabendo disto, rejubilar-se-á e fortalecer-se-á.

Vendo que seu trabalho é unido ao nosso, e o nosso ao dele, e com apenas um objetivo diante de ambos, que é o melhoramento de toda a vida e de todas as coisas, ele saberá que nossa força está a seu dispor, portanto que disponha sabiamente e com total humildade e confiança simples. Pois nós nos deliciamos em ajudar homens que sejam nossos colegas nesta luta, e nossos companheiros trabalhadores no único grande campo do Universo de Deus.

Nós enxergamos melhor que você os feitos terríveis daquele que se desvia deste serviço, mas não nos desesperamos porque também vemos mais claramente o significado e o propósito de tudo. E assim vendo, sabemos que este homem um dia irá exultar como nós, quando ele também chegar a isto, cada um em seu tempo, quando ascender às mais altas esferas de serviço e, deste ponto de partida, continuar sua evolução. Naquele dia, ele também usará para seu treino o material que estamos usando, e do qual ele é parte e relação; quando então outros tiverem tomado sua posição, e ele o lugar daqueles que agora o estão elevando.

"A ele, o vencedor", disse o Cristo, "darei que se sente Comigo no Meu Trono, assim como eu venci, e estou assentado com Meu Pai em Seu Trono". Ao forte é o Reino, meu querido tutelado e guardado, e para aquele

que tenha sido dado.

Basta por ora, e preciso findar agora. Mas o tema é muito mais amplo do que fui capaz de transmitir nesta curta mensagem. Se Deus permitir, direi a você mais, dentro em pouco.

E agora, aja bem e sair-se-á bem: e se for forte, então além da força deverá vir a suavidade. Pois é assim nestes reinos onde são mais suaves e amáveis aqueles cujo poder é maior. Lembre-se disto, e poderá resolver muitos problemas que deixam os homens perplexos. Esteja a luz de Deus consigo e em torno de você, e não haverá tropeços para você então. +

IV - TERRA, O VESTÍBULO DO CÉU

Quarta, 26 de novembro de 1913.

Muitas coisas há das quais devo falar a você, temas de organização, e do exercício de poder à medida que sua influência e seu efeito são vistos por nós conforme passam por seu caminho, através de nossas esferas em direção à terra. Algumas destas coisas você não seria capaz de entender, e outras, talvez, mas poucas dentre elas você acreditaria se fossem entendidas. Portanto limitei-me aos princípios mais simples e à forma de sua execução; e um destes é o modus operandi da conexão obtida entre nós e você em matéria de **inspiração**.

Bem, esta é uma palavra muito expressiva se entendida corretamente; e muito enganosa se não for entendida. Pois aquilo que inspiramos no coração dos homens de conhecimentos da verdade de Deus é verdade. Mas é somente um pouquinho da verdade. Pois nós realmente damos a eles mais que isso; entre outras coisas, força para progredir e trabalhar a vontade de Deus, amar o trabalho que virá pelas altas motivações, e sabedoria (que é conhecimento mesclado com amor) para trabalhar as vontades de Deus corretamente. E se um homem disser ser inspirado, este não será um caso singular, nem excepcional. Porque todos os que tentam viver bem, e poucos não tentam de alguma forma, são inspirados por nós e dessa forma ajudados.

Mas o ato de inspiração não é uma maneira correta de descrever o método de nosso trabalho. Seria melhor aplicado se usado subjetivamente naquele assim chamado inspirado. Ele respira nas nossas ondas de energia vibrante conforme dirigimos a ele tais ondas. De uma forma o homem inspira e enche seus pulmões da brisa fresca das colinas, e se refresca. Desta

mesma maneira ele respira nas refrescantes correntes de poder com as quais o envolvemos.

Mas não limitaríamos o significado da palavra somente para estes que, em palavras elegantes, dizem ao mundo algumas das novas verdades de Deus, ou algumas antigas verdades, renovadas e trazidas como novas. Uma mãe aconchegando sua criança doente, o maquinista de uma locomotiva em uma estrada de ferro, o navegador conduzindo sua embarcação, todos, e outros, desempenham suas funções com seus poderes peculiares contidos em si mesmos, mas, conforme uma ocasião ou circunstância requeira, são modificados ou suplementados pelos nossos. Isto assim é, mesmo que o recebedor de nossa ajuda não saiba de nossa presença; e isto é mais frequente do que saibam. Nós doamos alegremente enquanto somos capazes; e somos capazes enquanto não houver barreiras que se oponham, vindas dos que ajudaríamos.

Esta barreira pode ser construída de várias maneiras. Se ele for de mente obstinada, então não podemos impor a ele nosso conselho; porque ele é livre para querer e fazer. E algumas vezes, quando vemos uma grande necessidade de que nossa ajuda seja dada, e a barreira do pecado é interposta e não podemos transpô-la. Aí, aqueles que aconselham erradamente fazem seu trabalho, e doloroso é o transe daqueles em quem eles atuaram.

Cada homem, e cada mulher também, escolhe suas próprias companhias, consciente ou inconscientemente. Se ele desconsidera a ideia de que estamos presentes na esfera terrestre, e de que nenhuma influência pode advir daquilo que para ele é invisível ou desconhecido, isto não significa que ele não seja de boa intenção ou de motivação correta. Ele não opõe contra nós a barreira da negação absoluta. Nós o ajudamos alegremente, pois é honesto e, em sua honestidade, no futuro perceberá seu erro - algum dia, logo. Apenas este não é tão sensitivo para captar nossa

mensagem; e frequentemente nos interpretaria mal, desconhecendo o que imprimiríamos em sua mente.

Se uma roda d'água estiver bem lubrificada em seu eixo, então a água fará girar facilmente; mas se ele estiver enferrujado, a força deverá aumentar, e o esforço de ambos, da roda e do eixo, é maior, e ela se move mais pesadamente. Também os marinheiros devem estar de prontidão para obedecer às instruções do capitão, mesmo que ele seja totalmente estranho a eles. Mas se ele é bem conhecido por eles, então são mais aptos para, na tormenta numa noite escura, captar o significado das ordens que ele dá, porque conhecem sua mente e precisa de poucas e curtas palavras para transmitir-lhes as suas vontades. Assim, aqueles que nos conhecem mais naturalmente e mais intimamente que outros estão em melhor condição de receber as nossas palavras.

A inspiração, entretanto, é de um significado amplo e extenso na prática. Os profetas dos velhos tempos - e os de hoje - receberam nossas instruções de acordo com o desenvolvimento de suas faculdades. Alguns eram capazes de ouvir nossas palavras, alguns de ver-nos - ambos com seu corpo espiritual - outros inspirados mentalmente. Estas e outras maneiras nós empregamos, e todas para um só propósito, a saber: comunicar, através deles aos seus companheiros, as instruções sobre o caminho a ser tomado e de que maneira deveriam ordenar suas vidas para agradar a Deus, da maneira que podemos entender Sua vontade dos mais altos planos. Nosso aconselhamento não é perfeito nem infalível. Mas nunca leva ao desencaminhamento daqueles que buscam merecimentos e com muita oração e com grande amor. Estes são os de Deus, e são de grande alegria para nós seus servos trabalhadores. Não há necessidade de que se vá longe para encontrá-los, pois há mais bem no mundo que mal, e, conforme esteja a proporção em cada um do bem e do mal, assim podemos ajudar, e é desta forma que nossa habilidade é limitada.

Portanto faça cada um estas duas coisas - ver se sua luz se mantém acesa como aqueles que esperam pelo seu Senhor, porque é de Sua vontade que façamos assim, e é Sua força que trazemos. As orações são repartidas entre nós para respondermos, e Sua resposta é mandada através de Seus servos. Portanto estejam atentos e despertos para nossa chegada, os que viemos a Ele na Imensidão, e no Gethsemane (apesar de que eu penso serem eles de um grau mais alto que o meu).

E a outra coisa a estar em sua mente é esta: veja se mantém sua motivação alta e nobre, numa busca não egoísta, mas pelo bem dos outros. Nós ministramos o melhor pelo progresso daqueles que procuram, pela nossa ajuda, beneficiar terceiros em vez de a si próprios. Ao darmos de nós, nós mesmos recebemos, e assim é para vocês. E a maior parte da motivação deve ser dar, como Ele disse, e desta forma as maiores bênçãos recaem, e assim é para todos.

Lembre-se de Suas palavras, "Eu tenho poder para dar Minha vida - mas eu a dou para Minhas ovelhas". Isto verdadeiramente Ele fez, e sem hipocrisia na motivação. No entanto, ao dar sua vida Ele retomou-a novamente mais glorioso, e isto porque Sua dádiva foi vazia de egoísmo, plena de amor. Assim façam vocês, e encontrarão brandura tanto em dar quanto em receber. Esta é uma tarefa muito difícil para uma realização perfeito. Mas é o caminho certo e bom, e deve ser trilhado. E Ele nos mostrou como.

O vaso de flores esvai-se de seu perfume para o gozo do homem, mas só para se recompor novamente com mais e, assim sendo feito, chega à maturidade mais perfeita, dia a dia. Uma palavra bondosa retorna, e duas pessoas ficam felizes pela ação inicial de uma.

Palavras bondosas geram mais tarde realizações bondosas. E assim o amor é multiplicado e, com o amor, a alegria e a paz. E aqueles que amam dar, e dar pelo amor de dar, estão lançando dardos de ouro que caem nas ruas da

Cidade Celeste, e são agrupadas e cuidadosamente guardadas, até que aqueles que as tenham mandado venham e recebam seus tesouros uma vez mais, com aumento. +

Quinta, 27 de novembro de 1913.

Em sequência àquilo que lhe passei, posso acrescentar que muito poucos são os que percebem em qualquer grau maior a magnitude das forças que estão no ambiente em torno dos homens conforme cumprem seu dia a dia. Estas forças são reais, no entanto, e estão por perto. E não somente isso, elas se mesclam com seus próprios esforços, você querendo, ou não. E estes poderes não são todos bons, mas alguns são maliciosos e alguns de pouca sabedoria, nem definidamente bons ou maus.

Quando eu digo "poderes" ou "forças", é necessariamente consequente que personalidades estejam presentes com eles para usá-las. Pois saiba disto, não como um assentimento formal, mas consentindo com isto examino que você não está só, e não pode estar ou atuar sozinho, mas deve agir e desejar e planejar com companhia, e os seus companheiros que você escolheu, pois você faz isso querendo ou não.

Então é necessário que todos sejam cuidadosos nesta escolha, e isso pode ser assegurado pelas orações e por uma vida correta. Pense em Deus com reverência e respeito, e em seus companheiros com reverência e amor; e faça tudo sabendo que estamos observando você, e mentalize intimamente com precisão exata, e assim como você está e chegou até aqui agora, assim estará quando acordar deste lado; e aquelas coisas que para você agora são materiais e positivas e parecem muito reais, serão de outras esferas, e seus olhos vão se abrir para outros cenários, e falará da terra como outra esfera, e da vida na terra como uma jornada feita e terminada, e o dinheiro e móveis, e árvores no seu jardim, e tudo que você agora parece possuir como sua propriedade particular, não estará mais à mão.

Aí ser-lhe-ão mostrados quais lugares e tesouros e amigos que você amealhou na escola do esforço que acabou de completar e deixar para trás para sempre. E também estará cheio de pena e tristeza, ou compreendendo com inexplicável alegria e luz e beleza e amor, tudo a seu serviço, aqueles seus amigos que vieram para cá antes, e agora anseiam por lhe mostrar alguns locais e as belezas de suas casas atuais.

Agora, pense, o que fará aquele homem cuja vida na terra foi um compartimento fechado, sem janela para olhar para fora, em direção a estes reinos espirituais? Ele fará o que já vi muitos fazerem. Agirá de acordo com a forma a que seu coração está acostumado. Muitos não estão prontos para assumirem seus erros, porque estão imbuídos das opiniões que construíram durante a vida, e que lhes serviram tão bem que não compreendem estarem tão dolorosamente em erro. Estes têm muito a passar antes que a luz ilumine sua visão espiritual atrofiada.

Mas aqueles que se educaram em ficar livres daquilo que é considerado riqueza e prazeres terrenos acharão que seus braços não são grandes o suficiente para os tesouros trazidos pelas mãos amorosas, nem seus olhos tão rápidos quanto precisariam ser para captar os muitos sorrisos de boas vindas e prazer pela surpresa que eles mostram que, apesar de tudo, a verdadeira qualidade apenas começou, e o novo é muito melhor que o velho.

E agora, meu amigo e tutelado, deixe-me mostrar-lhe um cenário que ilustra o que escrevi: em uma colina verde e dourada, com o perfume de muitas flores pairando no ar como música num beijo de cor, há uma antiga casa com muitas torrinhas e janelas como aquelas que na velha Inglaterra se fechavam com vidro. Árvores e gramados e, abaixo no vale, um grande lago onde pássaros de muitas cores, e muito bonitos, brincam entre si. Não é um cenário de sua esfera, mas um deste lado do Véu. Seria de pouco proveito que eu argumentasse mostrando a racionalidade de tais coisas estando aqui.

É assim, e o homem duvidaria que tudo isto, que é bom e bonito na terra, está aqui com a beleza intensificada, e o amor feito mais amor que já é, de nossa parte uma questão de se pensar o quão grande é.

Em uma das torres, ali está uma mulher. Ela está vestida na cor de sua ordem, e aquela cor não é cor conhecida na terra; portanto não posso dar o nome. Mas poderia descrevê-la como um lilás dourado; e temo que isto pouco lhe fará entender. Ela observa o horizonte longínquo do outro lado do lago, onde baixas colinas são tocadas pela luz além. Ela está feliz por ver isto. Sua figura é mais perfeita e bonita que a de qualquer mulher na terra, e sua face mais amorosa. Seus olhos brilham com uma irradiação de um matiz violeta, e em sua testa uma estrela prateada brilha e cintila como em resposta aos pensamentos interiores. Esta é a joia de sua ordem. E se beleza fosse desejada para fazer a beleza dela mais completa, seria uma pontada de melancolia, que lhe aumenta a paz e a alegria de seu semblante. Esta é a Senhora da Casa, onde mora um grande número de trabalhadoras que estão a seu encargo para fazerem o que ela quiser, e dirigirem-se em missão aonde ela desejar, de tempos em tempos. A Casa é muito espaçosa.

Agora, se estudar sua face verá em primeiro lugar que ela está em expectativa, e presentemente uma luz sai e pisca de seus olhos em raios violeta; e de seus lábios sai uma mensagem; e você sabe disto pela razão dos raios de luz azul e rosa e carmesim que disparam debaixo de seus lábios e parecem ter asas, voando tão rapidamente que não é possível segui-los através do lago.

Então um barco é visto chegando rapidamente pela direita, entre as árvores que crescem nas margens, e os remos faíscam e cintilam, e as gotas em torno da proa dourada são como pequeninas esferas de vidro dourado misturadas com esmeraldas e rubis, à medida que vão caindo para trás. O barco chega ao cais e uma multidão usando roupas brilhantes salta nos degraus de mármore que os conduzem para cima pelo gramado verde. Um

deles não é tão rápido, entretanto. Sua face está banhada de alegria, mas também parece cheio de assombro, e seus olhos não estão muito acostumados à qualidade de luz que banha todas as coisas numa radiação suave de luz tênue.

Então, da entrada, e rumando abaixo em direção à recepção, vem a Senhora da Casa, e para a uma curta distância da reunião. O recém-chegado olha para ela enquanto ela está ali, e exprime espanto em seu olhar, extasiado e atento. Aí, finalmente, ela o chama e, em palavras calorosas, esta brilhante santa de Deus dá boas vindas a seu marido, "Bem, James, agora você chegou a mim - finalmente, querido, finalmente."

Mas ele hesita. A voz é dela, mas está diferente. Além do mais, quando ela morreu era uma velhinha com cabelos grisalhos, e inválida. Agora ela se posta diante dele como uma adorável mulher, nem jovem nem velha, mas com a perfeita graça e beleza de juventude eterna.

"E eu observei você, querido, e estive tão próxima de você o tempo inteiro. Agora isso é passado e acabou, e sua solidão se foi para sempre, querido. Pois agora estamos juntos mais uma vez, e aqui é o Eterno Presente de Deus, onde nem eu nem você jamais envelheceremos, e onde nossos meninos e Nellie virão quando terminarem o que é encargo deles na vida terrestre."

Até aqui ela falou, para que ele pudesse recuperar sua postura; e finalmente ele conseguiu, e repentinamente. Ele irrompeu em lágrimas de alegria, porque percebeu que era sem dúvida sua esposa e sua querida; e o amor sobrepujou seu respeito. Ele caminhou naquela direção com sua mão esquerda sobre seus olhos, somente dando olhadas para cima e então, quando ele estava perto, ela correu e tomou-o nos braços e o beijou, e jogando um braço em seu pescoço, tomou sua mão na dela e conduziu seus passos, lentamente e com delicada dignidade, para a Casa que preparou para ele.

Sim, aquela Casa era o complemento celeste da casa deles em Dorset, onde moraram toda sua vida de casados até que ela passou para cá, e onde ele permaneceu pranteando sua ausência.

Isto, meu tutelado, transmiti-lhe para apontar, com cenas caseiras, o fato de que tesouros do céu não são meras palavras de sentimento, mas são sólidos e reais e, se você não captou o sentido, materiais. Casas e amigos e pastos e todas as coisas queridas e bonitas que vocês têm na terra, estão aqui. Somente aqui elas são de uma beleza mais sublimada, mesmo as pessoas destes reinos são de uma beleza não terrena.

Aqueles dois que viveram uma boa vida como proprietário rural e esposa, ambos simples e tementes a Deus, e bondosos aos pobres, quase ricos. Estes têm sua recompensa aqui, e esta recompensa é frequentemente inesperada como foi a dele.

Este encontro eu pessoalmente testemunhei, porque fui um dos que o trouxe ao caminho para a Casa, ficando lá na esfera onde isto aconteceu.

Em que esfera foi, por favor?

Na Sexta. E agora, meu amigo, encerrarei e devo mostrar-lhe algumas destas belezas que aguardam os simples de coração que por amor fazem o que podem, e procuram o correto perante Deus para agradar a Ele, em vez de procurarem as altas posições dentre os homens. Estes brilharão como estrelas e como o sol, e tudo ao seu redor terá mais amor por causa da presença deles. Está escrito assim, e é verdade. +

Sexta, 28 de novembro de 1913

Tentaremos agora pensar naquela passagem onde o Cristo de Deus e Salvador do homem fala aos Seus como sendo escolhidos fora do mundo. Não somente escolhidos no mundo, mas tirados fora dele. Se, então, fora do mundo, em qual moradia habitam?

Primeiramente é necessário entender em qual sentido nosso Salvador

fala do mundo. O mundo neste caso é o reino onde a matéria tem importância dominante à sua mente, e aqueles que avaliam desta forma estão habitando, conforme seu estado espiritual e corpo espiritual, em esfera diferente que aqueles que têm ideia contrária, isto é, aquela onde a matéria nada mais é que um modo de manifestação adotada e usada pelos seres espirituais e subserviente àqueles que a usam, como um trabalhador usa argila ou ferro.

Aqueles que estão marcados para estarem no mundo, entretanto, estão espiritualmente na esfera que é próxima à terra; e estes são algumas vezes chamados de Espíritos fronteiriços da terra. Não importa se estão vestidos com corpos materiais, ou que tenham deixado isto para trás e desencarnado; estes são da fronteira e acorrentados ao mundo, e não podem subir para as esferas de luz, mas têm suas conversas entre aqueles que se movem nas regiões de trevas sobre a superfície do planeta. Estes, então, são seguros à terra, e estão verdadeiramente dentro da circunferência terrestre.

Mas Ele elevou Seus escolhidos para fora desta esfera nas esferas de luz e, apesar de ainda encarnados, assim com seus corpos espirituais, foram para as mais altas esferas. E isto explica sua maneira de viver e conduzir, subsequentemente. Foi destas esferas que tiraram toda aquela indômita coragem e grande alegria e destemor que os capacitou a não considerar o mundo como sendo de sua necessidade, mas meramente um campo onde deveriam lutar suas batalhas, e depois voltar para casa, para seus amigos que os esperavam. O que é a verdade deles é a verdade hoje.

É destas esferas de desalento que o medo e a incerteza vêm para tantos, e esta é a sorte daqueles que habitam ali desencarnados, e não se apressaram em poderem perceber seu ambiente espiritual; no entanto movem-se e energizam-se nele, e recebem em si aquelas qualidades as quais foram atraídas para si pela maneira de pensar e de viver.

Portanto é cientificamente exato dizer que um homem pode estar no

mundo com o seu corpo material, mas não no mundo com seu corpo espiritual.

Quando estas duas espécies de homem vêm para cá, vão cada um para sua própria esfera e, por falta de claridade de raciocínio e julgamento, muitos ficam surpresos em se acharem lançados num lugar do qual ouviram com seus ouvidos exteriores, mas não inquiriram se era realidade.

Agora, para fazer isto mais claro, que tem elementos variados de conhecimento para nós neste lado, vou contar-lhe um incidente de meu conhecimento e experiência.

Uma vez fui mandado a receber um homem que requeria cuidados ao ser tratado, pois tinha sido alguém que teve muitas opiniões decisivas sobre estes reinos, e cuja mente foi preenchida com ideias do que era certo ou próprio para a vida que continua aqui. Encontrei-o como seus atendentes espirituais trouxeram-no da região terrestre, e deixaram-no no pequeno bosque onde eu o esperava. Ele andou entre as árvores e parecia aturdido de alguma forma, como se procurasse algo que não encontrasse.

Pedi aos dois que o trouxessem para se postar sozinho diante de mim e ficaram a uma pequena distância atrás dele. Ele não pôde me ver claramente a princípio, mas concentrei-me nele e finalmente ele olhou para mim, perscrutando.

Então disse a ele, "Senhor, procura o que não pode achar, e eu posso ajudá-lo. Primeiro diga-me, há quanto tempo está em nossa região?"

"Isto", ele respondeu, "encontro dificuldade para responder. Certamente arranjei para estar aqui, mas pensei que era para a África que estava indo. Mas não acho que este lugar é como esperava."

"Não, porque aqui não é a África; e daquele continente você está a uma longa distância".

"Então qual é o nome deste continente? E que tribos de pessoas são estas? São brancos e muito bonitos, mas nunca encontrei nenhuma como

eles, nem mesmo em minhas leituras."

"Bem, você não está sendo bem exato para o cientista que você é. Você leu destas pessoas sem perceber que elas são algo mais que bonecos sem vida ou sem qualidades naturais. Estes são aqueles sobre quem você leu, sobre santos e anjos. E assim sou eu."

"Mas...", ele começou e parou. Ele não me acreditava, e temia ofender-me, não sabendo quais consequências traria; pois estava num estranho lugar, entre pessoas estranhas e sem escolta.

"Agora", disse-lhe eu, "você tem uma tarefa a desempenhar, a maior que jamais encontrou. Em todas as jornadas não encontrou barreiras tão altas e densas como estas. Então serei bem claro com você e direi a verdade. Você não acreditará. Mas, acredite-me, até que realmente acredite e entenda, não terá paz em sua mente, nem será capaz de realizar progresso algum. O que tem a fazer é pegar todas as opiniões de toda a sua vida, girá-las de cima para baixo e de dentro para fora, e colocar-se a si mesmo não mais como um erudito e grande cientista, mas como o mais iniciante em conhecimento; e quase tudo que pensava não merecerá considerações, porque esta região também era considerada indigna de ser pensada, ou completamente errada. Estas palavras são duras; mas muito necessárias. Mas olhe bem para mim, e diga-me, se pode sondar-me, se sou honesto e amigável, ou não".

Ele olhou-me longa e muito seriamente, e disse finalmente, "Embora eu esteja perto do mar, conforme o que quis dizer, e suas palavras parecem-me as de algum entusiasta extraviado, sua face é honesta o bastante, e penso que deseja o bem para mim. Agora, em que quer que eu acredite?"

"Já ouviu falar da morte?"

"Encarei-a muitas vezes!"

"Como agora me encara. E ainda não conhece nem um nem outro. Que tipo daquilo que você chama de conhecimento olha para uma coisa sem saber o que é?"

"Se for claro, e disser-me algo que eu possa entender, pode ser que seja capaz de captar as coisas um pouquinho melhor."

"Claro. Então, antes de mais nada, você está aquilo que chamam de morto. "Neste ponto ele riu e disse, "Quem é você, e o que está tentando fazer comigo? Se está determinado a tentar fazer-me maluco, diga-me e acabe com isto, e deixe-me seguir meu caminho. Há algum vilarejo por aqui perto onde eu possa ter comida e abrigo enquanto penso no meu caminho futuro?"

"Você não requer comida, pois não está com fome. Nem requer abrigo, porque não está com o corpo cansado. Nem ao menos observa algum sinal de noite."

Ao ouvir isto parou mais uma vez, e então respondeu, "Você está razoavelmente certo; não estou faminto. É estranho, mas é bem verdadeiro; não tenho fome. E este dia, certamente, tem sido o mais longo de que me recordo. Não entendo tudo isto".

E ele recomeçou a devanear. Então eu disse, "Você é aquilo que chama de morto, e este é o mundo espiritual. Você deixou a terra, e esta é a vida além, que deve agora viver, e vir a entender. Até que você domine esta verdade inicial, nenhuma ajuda a mais posso lhe dar. Deixo-o para que pense nisto; e quando me quiser, se assim quiser, virei a você. Estes dois senhores que o trouxeram até aqui são atendentes espirituais. Pode argui-los e eles responderão. Somente lembre-se disto, não caia no ridículo de rir deles quando eles lhe falarem, como fez até agora, com minhas palavras. Somente se for humilde e cortês permitirei a companhia deles a você. Você tem em si muito que é válido; e também tem, como muitos que encontrei, muito de vaidade e de tolice em sua mente. Não suportarei que exiba isso diante de meus amigos. Portanto seja sábio em tempo e lembre-se. Você está agora na fronteira entre as esferas de luz e aquelas de sombra, e depende de você ser deixado em uma, ou ir, por seu próprio livre arbítrio,

para a outra. Possa Deus ajudá-lo, e isto Ele quer, se você quiser."

Então acionei os dois atendentes espirituais, e eles vieram e sentaram-se com ele, e deixei-os ali sentados juntos.

O que aconteceu? Ele subiu ou desceu?

Ele não mais me chamou, e não fui a ele por um longo tempo. Ele era muito inquiridor, e os dois, seus companheiros, ajudaram-no de todas as formas possíveis. Mas ele gradualmente achou que a luz e a atmosfera do lugar eram desconfortáveis, e foi forçado a dirigir-se a uma região mais escura. Ali ele se esforçou tremendamente e, finalmente, o bem prevaleceu nele. Mas foi uma luta renhida e demorada, e uma humilhação da mais amarga e pungente. Apesar disso, ele foi um bravo espírito e venceu. Aí, foi chamado por aqueles a quem tinha sido dado em guarda, e conduzido mais uma vez para a região mais brilhante.

Então fui encontrá-lo, no mesmo lugar no bosque de árvores. Ele era agora um homem muito mais pensativo, e mais gentil, menos pronto para escarnecer. Olhei para ele silenciosamente; ele olhou para mim e reconheceu-me, e inclinou sua cabeça de vergonha e contrição. Ele estava muito sentido por ter rido de minhas palavras.

Então veio em minha direção vagarosamente e ajoelhou-se diante de mim, e vi seus ombros movendo-se com os soluços enquanto escondia seu rosto com suas mãos. Aí abençoei-o com minha mão em sua cabeça, e disse-lhe palavras de conforto e deixei-o.

É frequentemente assim. +

Segunda, 1 de dezembro de 1913.

Não é a muitos que é dado ver a luz cercada de escuridão, nem conhecer para o que seja a escuridão. Mas é um estado obtido pelas próprias atitudes; pois ali a todos que querem saber da verdade é enviado, de fora dali, algum socorro ou habilitação, conforme sejam necessários, de acordo com sua

natureza e capacidade.

Tem sido sempre assim, e é assim hoje. Porque Deus é Um, não somente em Sua Natureza, mas também em Sua Manifestação nas esferas exteriores de Seu Reino.

Quando emanou este universo de matéria, Ele dotou Seus servos com qualidades que os fizeram competentes para levar adiante Seu propósito, dando-lhes liberdade dentro de certos limites, como já formalmente expliquei. Uma das leis que os governou foi que, dentre todas as variações menores e temporais, e com aparência de diversidade ao operarem os poderes que eram colocados em suas mãos, a unidade deveria ser o princípio a guiar tudo, e à finalidade que tudo consequentemente deveria tender.

Este princípio de unidade e consistência sempre esteve à frente daqueles Príncipes e Soberanos, e jamais foi banido. Nem é negligenciado hoje. Isto os homens esquecem, e desprezam em si mesmos, a quem maravilharíamos se tivessem interesse, irmãos nossos menos evoluídos, por nós, chegando até ao ponto de tocar vocês, falar com vocês e guiá-los pessoalmente e pelo contato pessoal de nossa presença.

Também, de nossa parte é um assombro que se encontrem homens que hesitam no caminho, e temam que falar conosco seja errado, desgostando a Ele, que veio ao mundo por esta mesma razão; pois Ele devia mostrar como ambas partes, espiritual e material, eram apenas fases de um grande Reino, a unidade estando em ambos juntos.

Em toda parte, Seu ensinamento sobre isto foi a única grande motivação, e por isto Seus inimigos lançaram-No à morte. Fosse Seu Reino deste mundo apenas, e Ele teria dado vantagem às suas aspirações temporais, e seu modo de vida para sua comodidade e esplendor. Entretanto Ele mostrou que o seu Reino era dos mais altos reinos, e que a Igreja na Terra era apenas o vestíbulo para a Câmara da Presença. Em sendo assim,

então as virtudes pelas quais a nobreza deveria ser medida seriam aquelas que governam a marcha para estas regiões mais brilhantes, e não para as condições confusas das porções mais baixas deste Reino, como é interpretado pelo mundo.

Por aquilo, eles mataram-No; e hoje há remanescentes demais, como vemos, com aqueles sentimentos, tanto na Igreja quanto no mundo de fora. E até que os homens percebam realmente nossa presença, e nosso direito de sermos considerados membros do mesmo Reino do Pai, enquanto isto não venha a acontecer, os homens deverão fazer muito avanço no discernimento entre a luz e a treva.

Guias cegos há muitos, amigo; e eles nos desagradam muito por seu desprezo arrogante pelo nosso trabalho e nossa missão. "Se tivessem sabido, não O teriam matado - o Senhor da Glória". Não, claro; mas na realidade mataram-No, Se estes de agora soubessem que nós que vamos à terra por nossa iniciativa amorosa somos anjos, não teriam ultrajado nosso trabalho de comunhão, nem aqueles a quem ainda podemos sussurrar em seus ouvidos e que se elevam acima dos últimos. Não, mas eles de fato nos injuriam e a nossos amigos e companheiros. E eles deveriam alegar seu desconhecimento e sua cegueira, que tem o mesmo efeito dos que mataram o Mestre Cristo.

Zabdiel, não há dúvida de que tudo é justo e verdadeiro. Mas penso que você está, talvez, falando algo acaloradamente. Também isso, foi São Pedro que apelou aos Judeus, e não os próprios Judeus, não foi?

Ai, amigo, realmente falo acaloradamente de certa forma, mas de indignação. Mas há outro calor mais generoso, e é o calor do amor. Não é verdadeiro pensarem em nós sempre plácidos e imóveis. Algumas vezes ficamos com raiva; e nossa raiva é sempre justa, ou seria cedo corrigida por aqueles que estão acima de nós e veem com olhos mais claros que os nossos próprios. Mas nós nunca nos vingamos - lembre-se disto, lembre bem. No

entanto, na justiça, e pelo amor de nossos amigos e companheiros de trabalho no plano da terra, nós conferimos a punição, e por respeito, aos que lidarem com eles de forma não gentil. Mas vejo que você não concorda comigo nisto. Vou deferir sua inclinação, portanto, e deixar esta questão por agora. Mas o que eu disse é verdadeiro em cada pequeno trecho, valendo a pena ponderar bem sobre estes que deveriam ser vistos em contato.

Quanto à questão do pleito de São Pedro. Sim, ele fez isso. Mas tenha em mente uma coisa a mais, também. Eu falo deste lado de cá do Véu, e você me escuta através dele no lado terrestre. Agora, temos aqui, como vocês têm aí, registros de história - a história destes reinos - os quais são cuidadosamente resguardados. E por estes registros sabemos que no julgamento deles aqui, aqueles Seus acusadores realmente alegaram esta cegueira, para uma pequena vantagem. Luz era como escuridão para eles, e a escuridão para eles era como luz, porque eles próprios eram da escuridão. Não conheceram a Luz quando Ele veio a eles, pela mesma razão. Muito bem, eram cegos e não sabiam. Agora, a cegueira aqui nestas esferas não é o efeito de eliminar a luz exterior, mas vem de uma causa mais profunda. Não é exterior, mas interior, da essência da natureza do homem. E porque, portanto, eram cegos, para o lugar de cegueira foram mandados; isto é, às regiões de depressão e angústia.

Esta época é de grande atividade nestas regiões de luz. Muita energia está sendo dirigida para a terra em todas as suas partes. Dificilmente há uma igreja ou credo inativo. É a luz sendo dirigida para a escuridão, e é de muita responsabilidade para aqueles que ainda estão em treino na esfera terrestre. Deixe-os serem curiosos e muito corajosos para verem e obterem esta luz. Esta é minha advertência, e a dou com solenes pensamentos. Porque falo depois de muita experiência nesta escola onde aprendemos muito, e mais rapidamente que pelo uso do cérebro material. Deixe que os homens procurem humildemente e encontrem a verdade destas questões.

De resto, nós não pedimos de joelho dobrado. Também isso deixe que eles tenham em mente. Nós não trazemos presentes como escravos a uma princesa. Mas chegamos e ficamos aos seus lados e damos presentes que o ouro da terra não pode comprar; e àqueles que são humildes e bons e puros de pensamento damos este presente da habilidade de entendimento da Verdade, como ela está em Jesus, de convicção segura da vida além e da alegria nela, destemor pelas tragédias aqui ou ali, e camaradagem e amizade com os anjos.

Amigo, deixo-o agora, e peço a você que me tolere se você tiver registrado menos conscientemente que das outras vezes aquilo que eu disse. Não impressionei você inconscientemente até aqui. E em outras vezes vou me esforçar por sua participação nas mensagens de grau mais brilhante.

Paz e alegria estejam em seu coração, meu tutelado. Amém. +

V - A CIÊNCIA DOS CÉUS

Terça, 2 de dezembro de 1913.

Querido amigo e tutelado, esta noite falarei a você de certos temas que se ligam à questão de transmutação de energia. Energia, conforme agora emprego a palavra, deve ser entendida como aquele intermediário que concatena a ação de nossas vontades com o efeito que é exposto nas mentes dos homens. Aqui somos treinados para este fim, para que possamos transmitir pela ação de nossas vontades, por aquilo que podemos chamar de vibração, nossos pensamentos através das esferas ou estados interferentes, para este plano terrestre. É este movimento em vibração a que chamamos energia.

Agora, você deve entender que, em se usando o palavreado terrestre, estou empregando um meio que não é adequado para expressar, nem exatamente, nem completamente, a ciência destas esferas e reinos. É necessário, entretanto, que eu qualifique meus vocábulos, e quando usar o termo vibração não estou me referindo à mera oscilação vai-e-vem somente, mas de movimentos que em algumas vezes são elípticos, algumas em espiral, e algumas vezes numa combinação destas e outras qualidades.

Deste ponto de vista, o sistema atômico de vibração, o qual apenas recentemente foi revelado aos homens da ciência, é para nós uno aos movimentos dos planetas desta esfera solar, e de outros sistemas no espaço longínquo. A ação da terra em torno do sol e a ação das moléculas no átomo são vibrações. Não importa o grau pelo qual são medidos, ou qual seja o diâmetro de suas órbitas, mas elas são de uma só espécie, e é no grau somente que diferem umas das outras.

Mas a transmutação traz a qualquer sistema uma mudança de

movimento, e a qualidade do movimento sendo mudada, há também, necessariamente, uma mudança de resultado. Consequentemente nós, atuando sempre em perfeita obediência às leis estabelecidas por aqueles mais evoluídos e mais sábios que nós, concentramos nossos pensamentos no movimento de certas vibrações, que se tornam defletidos e transmutados para outras qualidades de vibrações, e assim a mudança é elaborada.

Usualmente nós fazemos este trabalho lenta e gradualmente, a fim de se obter a exata quantidade de divergência da qualidade original da vibração pretendida, nem menos, nem mais.

É por este método que atuamos nas ações dos homens e, no curso da natureza, em todas as suas partes. Há múltiplas classes e companhias que têm o encargo de variados departamentos de criação - mineral, vegetal, animal, humano, terrestre, solar, e estelar. Além disto, também, as estrelas estão agrupadas juntas e arranjadas numa qualificação hierárquica para essa grande tarefa.

É, então, pelo mesmo método de transmutação de energia que sistemas são gradualmente desenvolvidos em mundos, e estes mundos providos de forma, e então habilitados a produzir vegetação e vida animal. Mas, em sendo assim, você notará que toda a vida, e toda a evolução, é consequente da operação da energia espiritual, obedecendo ditames da vontade de seres espirituais. Uma vez isto controlado, a força cega desaparece e a intenção toma o seu lugar - intenção da inteligência e do poder espiritual dos trabalhadores de vários graus operando de acordo com certas leis colocadas mas, dentro dos limites destas leis, livres e poderosos.

Mais ainda, a matéria propriamente dita é o resultado da transmutação das vibrações naquelas variedades do conjunto total, e estas mais recentemente estão sendo analisadas por cientistas que atingiram o conhecimento de que a matéria é indubitavelmente o resultado das vibrações, e que nenhuma partícula da matéria está parada, mas num

incessante movimento. Isto é correto, mas não conclusivo. Pois não busca a matéria em seu fim. Não seria verdadeiro dizer que a matéria esteja em vibração, mas que a matéria é vibração, o resultado da vibração de uma qualidade mais refinada, que não é encontrada nos fenômenos das coisas materiais, mas naquelas esferas próprias para sua qualidade.

Assim você verá quão pouco importa que, quando chega o tempo de vocês e tira o corpo da terra, vocês fiquem desencarnados. Seu corpo terrestre foi um corpo de vibrações e nada mais. Muito bem, você agora tem um corpo de vibrações mais substanciais e durável, por causa da qualidade mais alta, e mais próxima à Vontade energizante que o trouxe à existência, e desta forma sustenta-o. Aquele corpo servirá a você enquanto você permanecer nas esferas inferiores e, quando tiver progredido, aquele corpo será transmutado em um mais permanente, e de uma qualidade mais sublime. Este processo será repetido conforme as épocas forem passando e você saltar de uma glória para outra glória maior, nas infinitas conquistas de progresso diante de você.

Segue-se também que, à medida que aqueles nas esferas inferiores neste reino espiritual não são normalmente visíveis na esfera terrestre, assim aqueles das esferas superiores não são normalmente visíveis naquelas esferas inferiores, e assim por diante na mesma ordem em que subimos de esfera em esfera e buscamos nosso caminho ao longo desta gloriosa estrada de luz e alto empenho.

Então é assim, amigo e tutelado, e quando vier para cá um dia será melhor entendedor. Por enquanto, apesar de que você realmente empregue em sua vida diária este mesmo método do qual falei, da mesma forma que todos os homens, mesmo assim você pouco entende o seu funcionamento. Seria bom que soubessem, e todos os homens fossem uníssonos mentalmente conosco, nós que tentamos usar nossos poderes para a glória e reverência a Deus; porque a arma pode ser usada pelo bem ou pelo mal, o

homem que a encontrasse em sua mão ultrapassaria em poder e força todo seu atual conhecimento; como ele ultrapassa a dotação mental da mosca ou da pequena formiga.

É bom que sejamos aptos a coordenar o progresso no conhecimento e no sagrado que caminham juntos. Porque é assim - não perfeitamente, mas dentro de certas linhas demarcatórias, amplas, mas seguras. Fosse de outra forma, e o mundo não seria o que é hoje, nem comparativamente as regras ordenantes.

Este é um aspecto, entretanto, de nosso cuidado para com a raça humana, e o que o futuro nos reserva não posso dizer. Pois não posso ver, a não ser conjeturar, quão longe o homem irá neste novo conhecimento, cujo limiar acabam de atravessar. Mas as coisas estarão bem ordenadas por aqueles que observam com carinho zeloso e com sabedoria muito grande; e tudo estará bem enquanto isto for assim. +

Quarta, 3 de dezembro de 1913.

Pode ser bom que aprofundemos nossa matéria em questão um pouquinho mais que isso, até que minha explicação possa se tornar mais explícita. Saiba então, meu amigo e tutelado, que o que já disse a respeito da transmutação de energia foi mais para definição, que para explicação em detalhes, o uso de minhas palavras.

Se você olhar ao que está exposto de manifestação divina de vida ao seu redor nestes elementos da sua esfera, observará vários pontos de interesse.

Primeiro não seria capaz de usar o sentido da visão para ajudá-lo a entender que Seu trabalho não foi aquela luz, que é externa a você, sendo derramada sobre o seu planeta. Mas a luz é também meramente vibração, e também não é consistente em sua qualidade de vibração da primeira à última. Pois observe o sol sendo visível e a fonte daquelas vibrações. Mas externamente ao halo da atmosfera da esfera solar, aquelas vibrações são

transmutadas pelo meio variante no qual elas penetram. Assim a corrente de luz passa através de regiões de escuridão, e continua até que se aproxima outra zona atmosférica, como esta que está sobre a terra, quando então mais uma vez aquela energia é transmutada em sua qualidade, e torna-se mais uma vez aquilo que o homem chama de luz. Porém é apenas uma única entidade, aquela corrente do sol para a terra, uma corrente de luz energética de sua fonte, passando através de uma vasta região de escuridão, e emergindo novamente com sua qualidade nata onde quer que surja um planeta em seu curso.

Você lembrará as palavras, "A luz brilhou na escuridão, e a escuridão não compreendeu a luz". Isto, então, é mais que mera analogia. É a forma de trabalho que Deus adotou em Seu universo, tanto material quanto espiritual. E Ele é Um, e Seu Reino é único.

É óbvio, entretanto, que certas condições são necessárias para que aquela luz possa se tornar operante para revelar coisas ao homem. Estas condições são o ambiente sobre o qual a luz atua, e pela qual é também afetado, por ação reflexa.

Portanto diz respeito ao ambiente espiritual. Somente quando um ambiente propício é encontrado que nós, ministros espirituais, somos capazes de nos tornar operantes. E isto é porque para alguns somos capazes de revelar coisas em maior medida e com maior facilidade que a outros, cujo ambiente não é tão propício. Tudo quanto faz manifestar é luz, seja a coisa manifestada material ou espiritual.

E dir-lhe-ei outra semelhança. É da mesma forma que sobre a região interveniente de escuridão a luz é projetada do sol até o planeta longínquo, assim das altas esferas a luz é mandada às esferas intervenientes, e é recebida no plano da terra tão diretamente, em sua forma, quanto a própria terra recebe a luz do sol.

Agora, olhe outro campo. Muito longe, além da estrela mais afastada

que você vê da terra, está a zona de maravilhosa beleza onde sóis envolveram-se em muito mais conclusivos sistemas do que os que você observa. É visto aqui que a luz é medida na proporção em que o calor decresce, e isto apontaria para o fato de que o calor é, pela evolução nas eras, transmutado naquelas vibrações que constituem a luz. A lua é mais fria que a terra e reflete mais luz proporcionalmente a seu tamanho. Quanto mais velho o sistema se tornar, mais frio ficará, e mais brilhante consequentemente. Assim é como acreditamos em nossa esfera; e posso dizer-lhe que não há fato observado até este presente momento que se oponha à nossa conclusão.

Uma vez observei um exemplo muito bonito de transmutação de energia aqui em meu próprio lugar.

Havia um grupo de visitantes de outra esfera, e estavam quase retornando à sua esfera, estando sua missão já terminada. Uma turma dos nossos, dos quais eu era um deles, foi com eles ao grande lago sobre o qual eles chegaram a nós. Aqui, eles embarcaram em barcos e estavam dando suas palavras de despedida em agradecimento e bons desejos, quando um de nossos Príncipes foi visto se aproximando na companhia de um grupo de servidores, vindos de trás de nós. Vieram através do ar e pairaram sobre nós e os barcos, enquanto nós, sabendo de seus hábitos mas não de suas atuais intenções, esperamos para ver que modo ou que coisa eles, ou melhor, ele, tinha em mente para fazer. É um prazer nestes planos dar prazer, uns aos outros, pelo exercício dos poderes que possuímos, e isto em combinações variadas, pelos efeitos que são diferentemente produzidos.

Longe, nos céus, nós os vimos, enquanto se moviam lentamente, circulando sobre o Príncipe de quem, em direção àqueles no círculo, vieram raios de vibração de diferentes qualidades e, portanto, de diferentes cores. Estes, ele nos mandava por sua vontade, e aqueles seus subordinados os ondulavam numa trama de desenho curioso e muito bonito; e onde dois

raios se cruzavam, ali a luz intensificada cintilava como uma pedra de matiz brilhante. E os nós eram de muitas cores, devidas à combinação variada dos raios que entravam nesta construção.

Quando isto estava completo, o círculo ampliou e espalhou-se, deixando seu Príncipe sozinho no centro. E ele segurou em sua mão a rede pelo seu meio, e ela flutuou em torno dele como uma teia multicolorida. Foi muito lindo.

Agora, aquela rede era realmente um sistema de muitas qualidades de vibrações enviadas juntas. Ele a soltou de suas mãos, e ela começou lentamente a abaixar, ao mesmo tempo em que ele subia através dela, até que ficou no nível de seus pés. Aí ele levantou seus braços e desceu com ela. E conforme ele vinha, olhou através da rede os barcos abaixo, e fez movimentos lentos com sua mão em sua direção.

Aí os barcos começaram a mover-se na água como se estivessem sozinhos, e continuaram até flutuarem em círculo. Então a rede desceu e cobriu-os, e vimos que estavam todos na sua circunferência, e também isto, como se estivessem iluminados por ela, eles passaram pela rede e ela abaixou e pousou na água. Então o Príncipe, de pé na rede e na água, no meio dos barcos, acenou suas mãos em uma saudação a eles. E a rede lentamente levantou da água levantando os barcos nela, e flutuaram subindo no ar.

Então, ao longe, sobre o lago, juntaram-se, e o grupo de nossa esfera fechou num círculo em torno deles e tocou uma canção de boa viagem, à medida que flutuavam em direção ao horizonte, sobre o lago.

Foi meramente um daqueles pequenos toques de amor com que nos deliciamos ao mostrar a nossos irmãos de outras esferas de trabalho - nada mais. A minha intenção ao relatar isto - que era, demonstrado, muito mais bonito do que sou capaz de transmitir-lhe escrevendo - é ilustrar o efeito da vontade de um poderoso Anjo do Senhor, concentrando as forças na mão e

transmutando-as de qualidade.

Beleza não é somente um ministério de prazer às vistas. É antes a característica destes reinos. Porque beleza e qualidade andam juntas aqui. E quanto mais útil um homem se torna, mais belo é em pessoa. A beleza no sagrado é literal e real, amigo; e seria bom que todos os homens pudessem aceitar esta verdade. +

Quinta, 4 de dezembro de 1913.

Tendo já explicado, de forma sintetizada, alguns destes princípios, os quais são encontrados em operação tanto em sua própria esfera na terra como também nestas de substância mais rarefeita, continuarei em uma veia ligeiramente diferente. Pois apesar de não ser de nossa habilidade, nem proveitoso, falar destas coisas que existem nestas esferas superiores, somente mais apropriado, um homem deve olhar adiante enquanto caminha, e quanto mais ele puder entender daquela localidade para a qual ele está se conduzindo, mais certeza ele terá em seus passos adiante, e menos estranho aparecer-lhe-á este lugar quando de sua chegada.

Começando, então, neste ponto, uma das primeiras tarefas que temos que aprender aqui - tendo passado através do véu da carne para os reinos mais claros da vida espiritual, e primeiramente nos familiarizado às condições existentes encontradas aqui, e isto já cumprido - é transmitir àqueles que vêm para cá depois de nós esse mesmo conhecimento.

Uma questão que causa muito dissabor e descrédito a muitas almas é o fato de que tudo o que veem aqui é real. Isto já foi mostrado a você, mas é tão estranho e contrário à expectativa racional, que de bom grado eu acrescentaria um pouquinho ao que você já recebeu. Porque é de importância primordial para todos que se apercebam de que a existência depois deles não é sonho, como um homem diria - mas nós não - mas que é indubitavelmente a mais completa vida desenvolvida, e uma vida para qual

a vida na terra é tanto a preparação como o começo. Por que os homens imaginam que o broto novo tem mais força que o carvalho já desenvolvido, ou que a fonte tem mais realidade e poder que o rio? O broto e a fonte são sua vida presente na terra; o carvalho e o rio estão aqui.

O corpo que agora vestem, e as árvores e os rios e outras coisas de substância material, as quais vocês chamam de reais, não são tão duradouras, nem tão reais como seus correlatos nestas esferas. Porque aqui é encontrada a energia que vem ao seu sistema, e é como o dínamo elétrico para a simples lâmpada, para seu poder e intensidade.

Quando, entretanto, os homens pensam em nós como sopros de fumaça, e no nosso ambiente como sombras errantes, deixe-os parar e perguntar se há alguma razão sonora para fundamentar sua visão. E não somente isto, não há qualquer razão naquilo de qualquer maneira, mas ao contrário, é tolice, e inválido, pensar considerando-nos seres de estado espiritual.

Deixe-me descrever-lhe uma cena em uma destas esferas ou regiões, e como farei para fazer parecer mais natural a você, é uma cena de um acontecimento para mostrar-lhe de que espécie de modo de vida você fará parte brevemente, um dia. Quando você ultrapassar a luz do sol, e repensar sua vida na terra, certamente será tudo muito vívido e pleno, e a razão das coisas, das quais você tem agora discernimento apenas parcial, será vista como ordenada e inteligentemente beneficente. No entanto, como parecerá curto o dia de sua presente vida quando, em torno de si, se desdobrar uma infinidade depois de outra, e a eternidade começar a ser sua vida, a qual agora você computa dia por dia.

Lá adiante uma luz está nascendo no céu, a qual tinge o horizonte como um véu violeta, e que parece cair atrás dele, encobrindo meus olhos para a distância. Entre aquele horizonte e a alta rocha na qual estou, há uma ampla e espraiada planície. Aqui a meus pés, longe abaixo, vejo um templo que, por sua vez, está também acima da Cidade que se espalha em torno da base

da montanha.

Cúpulas e salões e mansões, cercados por gramados de esmeralda, e flores cintilando como gemas de muitas cores eu vejo, e quadras e estátuas e fontes e muitas pessoas, em cujos mantos brilham flores num sem-número de cores, movem-se em grupos. Uma cor é vista como sendo a dominante sobre as outras, entretanto, e é o dourado, porque esta é a cor principal desta Cidade.

Muros altos estendem-se, em forma de lua crescente, ao longo da parte externa e envolvem a Cidade, enquanto as pontas inclinam-se em direção à montanha no outro lado. Nestes muros há observadores - não contra inimigos, mas para dar notícias do que acontece do lado de fora na vasta planície de vez em quando, e para dar boas vindas aos amigos que vêm de jornadas de outras regiões distantes.

Os muros são circundados pelas águas de um lago que em extensão seria medido como um mar ou oceano na terra. Mas ainda é possível para aqueles que são treinados a observar, ver, de trás dele, a região na longínqua margem onde a luz está nascendo, e é vista beijando os veleiros e os cintilantes remos dos barcos conforme vão indo, alguns em uma direção, outros em outra, sobre o abraço gentil das ondas do mar.

Eu agora desço e fico nos muros para observar o que está acontecendo. Nesse momento ouço um rumor como o de um trovão vindo da direção daquela nuvem de luz violeta. Ele cresce em volume e ritmo, e atinge um tom agradável, até que se torna um coro de música.

Então, do templo acima de mim vejo emergir uma grande multidão que usa mantos brancos brilhantes com cintos dourados na cintura - e, em cada um, um filete de ouro em suas cabeças. Eles se deram as mãos na plataforma de pedra diante do templo e, olhando para cima, pareciam estar enlevados em adoração. Eles estão realmente reunindo forças para responder à saudação do grupo que está viajando em direção a nós no

horizonte longínquo.

Então outro homem chega e senta-se diante deles, olhando em direção à nuvem de luz violeta. Ele é mais corpulento que os demais, vestido como eles em branco e dourado, mas mais bonito e mais brilho em seu rosto, e cujos olhos são como trêmulas chamas de luz.

Dali a pouco, no momento em que eles se colocam em pé, uma nuvem começa a se formar em torno deles e, à medida que ela se torna mais densa, nós a vemos em um movimento revolto, até que toma a forma de uma esfera e de coloração dourada, mas repleta de luzes multicoloridas. Ela vai aumentando até o tamanho de poder esconder o templo de nossos olhos. E então segue-se uma cena muito notável.

A esfera, em revolução e lançando raio após raio de luz - ouro, vermelho, púrpura, azul, verde e outras, lentamente levanta-se no ar, e vai mais alto ainda até que se nivele com o pico da montanha atrás e sobre o templo. Mais alto ainda ela se eleva, e sua luz irradia-se campo afora. E percebi que a plataforma onde esteve o grupo dos moradores do Templo está vazia. Eles ascenderam neste globo de luz e de chamas vivas. Isto não é possível a não ser para aqueles que desenvolveram, com treino, suportar a intensidade de poder espiritual que gera um fenômeno como este. Mais alto ainda sobe a esfera, até que permanece suspensa, e o brilho de seus raios é aumentado.

Então percebo uma sombra furtiva vinda de seu meio assentando-se e espalhando-se sobre aquela metade que se opõe à região atrás; mas a frente que está em direção à luz violeta no horizonte está vazia, e seu brilho é aumentado tanto que não posso olhar para ela, mas somente para os raios que passam alto sobre a planície, em resposta àquela mensagem vinda de longe.

Aí, também, escutamos um ruído semelhante ao de abelhas, que vem da esfera de luz, e ele aumenta da mesma forma que ela, como um coro de

grandes orquestras, e agora vai avolumando, alto nos céus, e inunda a planície e o mar com luz e música - pois estes aqui são feitos para andarem juntos, misturados em condições e efeitos.

Nossos amigos são vistos e ouvidos por aqueles que vêm em nossa direção desde longe, e as duas correntes de luz gradualmente se aproximam, a assim também fazem as duas toadas de harmonia, e tudo se mescla junto em maravilhosa beleza. Mas eles não estão próximos. Isto que nestes reinos responde à distância, no seu seria uma imensidão. Estes dois em oposição são como se uma das estrelas que você vê da terra saudasse uma estrela irmã a bilhões e bilhões de milhas além, e mandasse sua música a ela em saudação, recebendo resposta em luz semelhante, mesclada com o som respondendo. Aí, se pudessem estas duas estrelas sair de suas posições nos confins do espaço, e começar a se aproximar uma da outra ao longo das estradas celestes, século após século, aproximando-se em velocidade incrível e, por saudação, mandando de tempos em tempos correntes de irradiação e música, como se mandando beijos pelo caminho, à frente de seu encontro - portanto imagine este encontro destas duas esferas do universo espiritual, e não subestimará suas belezas ou poderes de movimento assim demonstrados.

Deixo-os assim, e vou cuidar de meus afazeres, e todo o tempo a luz intensifica-se, e o povo da Cidade conta as novidades, e sorte tem quem vem nesta hora, e relembra um ao outro que encontra, os que chegaram tarde, e o que transpirou então de novas glórias nunca dantes vistas naquela cidade enquanto eles eram cidadãos.

Assim cada um vai para seus trabalhos em expectativa feliz, pois todos os visitantes aqui trazem alegrias, e alegrias recebem em si mesmos de seus anfitriões, e levam de volta ao seu próprio povo quando novamente partirem.

Agora, gostaria de poder descrever para vocês o encontro. Isto não

posso, porque é uma das coisas que não são possíveis de trazer em palavras da terra. Mesmo até aqui tenho me embaralhado muito, e somente foi possível pintar uma cena dando voltas e cortando do todo as mais belas partes e dando-lhes somente uma estrutura de esqueleto para fazer sua imaginação se basear nela. Se a glória de tudo aquilo na separação for dez vezes mais gloriosa do que fui capaz de redigir, de que me serve a linguagem para dizer a vocês da mistura daquelas duas glórias quando estiveram juntas? O céu se transformou numa labareda de luz e milhares de seres cintilando aqui e ali, com muitas espécies de animais de transporte, e vagões de diferentes construções, e estandartes e expedientes, e faiscantes, radiantes, reluzentes luzes e cores, e vozes que eram como instrumentos de música caindo por sobre nós, conforme eles circundavam e circulavam nos céus acima, como chuva dourada mesclada com flores lilás e diamantes.

Rapsódia? Sim, amigo, para aqueles que mediriam o céu pelo pardacento cerimonial da terra, espalhafatoso e de falso brilho em seus adornos, e desempenhado numa atmosfera que, comparada com nosso plano, é como comparar névoa com o brilho do sol. Ainda, no meio de toda estúpida umidade da terra e da vida terrena, vocês próprios não são da terra, mas potencialmente daquelas Esferas celestes, e por causa de seu destino. Seja você, portanto, não tão sórdido para se aviltar com o nariz no cheiro do ouro da terra que se decompõe, e que não é de primeira nem de perene qualidade. Use aquelas coisas que tem, e seja feliz por seu mundo ser tão amplamente ordenado e tão maravilhoso como é, mas não avalie este lugar pelo que acha normal naquelas esferas inferiores.

Olhe adiante, amigo e tutelado, pois isto é seu; e todas aquelas belezas e delícias que temos feito você crer. Estenda sua mão com fé, e deixarei cair nela uma pequena pedra de todos estes tesouros celestes. Abra seu coração para nós, e nós inspiraremos em seu ser alguma música e o amor que serão seus no futuro lar.

E assim, enquanto isso, esteja contente, e faça o que for possível. Manteremos sua herança segura e salva até sua chegada, e, portanto faça seu trabalho tão confiante e tão bem quanto possa, você e todos os que virão a nós como Reis e Príncipes de Linhagem - de Linhagem - porque Sua Vida é por todos os que amam o sagrado como Ele amou e, porque Ele amou sua beleza, não recuou ao fazer o Desejo de Seu Pai - a Quem os homens escarneceram, e por quem O crucificaram.

Siga neste caminho, pois este caminho levou-o ao Trono, e levará você também, você e todos os que cumprem suas partes nobremente e com amor.

Por isto Ele é seu Rei. +

Segunda, 8 de dezembro de 1913.

E agora, meu amigo e tutelado, tenho em mente, nesta noite, continuarmos aquilo que dei início e impressionei você.

Aquela nuvem violeta de glória e a da minha própria esfera estavam mescladas e, quando olhei para cima, vi, como disse a você, o movimento daqueles que estavam dentro. Aí a glória espalhou-se pela nossa Cidade, e todos os prédios e árvores e pessoas e todas as coisas estavam banhadas naquele chuveiro violeta-dourado, e tomou aspecto mais amoroso por causa do batismo. Pois você entenderá que foi de uma esfera mais avançada que a minha que os visitantes vieram; e ninguém vem sem trazer bênçãos para serem deixadas de presente. Quando partiram, nós recebemos aquilo que nos autoriza ir mais próximo ao passo seguinte, e toda a cidade resplandeceu com algo a mais de sublimidade do que até aqui tínhamos. Agora, houve a chance de que eu tivesse o que fazer no Templo naquela hora, e para lá fiz meu caminho ao longo da trilha da montanha. Foi uma longa subida, mas costumeiramente fui a pé para meditar e preparar-me para aquilo que tinha a fazer em tal ocasião como esta.

Aqui e ali, ao longo da trilha de subida, há santuários colocados um

pouco afastados do caminho, como os que há em muitas regiões da terra. Conforme me pus diante de um deles, um pouco afastado, cobri meus olhos com minhas mãos, e fiquei ali um momento para comungar com Ele que de Sua Vida dá força a nós para que O sigamos na estrada do Céu. Assim foi, e não ouvi quando alguém chegava perto de mim até que seus passos estivessem próximos, já na trilha atrás. Então eles cessaram e eu, tendo acabado minhas preces, virei-me e vi aqueles cuja luz dizia de seu grau, que não era o meu, mas mais alto nas esferas. Então inclinei-me a eles e deixei que meus olhos fitassem o chão, e esperei que eles dissessem de sua vontade e seus propósitos em relação a mim.

Mas fiquei ali e eles não falaram comigo. Então, ficando claro seu silêncio, levantei os olhos e olhei para eles, primeiro para o cinto de seus mantos para entender de que ordem poderiam ser. Aí entendi que eram aqueles mensageiros que atendiam seu Chefe em suas caminhadas, ambos. Eram o que você chamaria de ajudantes-de-campo de seu Líder.

Então, enquanto eles ainda continuavam em silêncio, olhei em suas faces. Estavam iluminadas por um sorriso; e graça não lhes faltava em seu sorriso. Então rapidamente os olhei, e primeiramente pude discernir pouco, pois não era fácil poder penetrar em sua radiação cintilante em torno deles, para ver seus rostos e saber se os conhecia, ou não. Mas, absorvendo um pouco de seu poder, como de outras vezes, consegui reconhecer suas fisionomias. Então entendi. Eram dois antigos camaradas que quando trabalhamos juntos perto do plano da terra, juntos brigamos por almas e vencemos, tirando-as das regiões mais escuras para a luz da Presença. E fui seu ministro então, e companheiro deles.

Vieram a mim quando pelos meus olhos perceberam que os reconheci e, tomando cada um minha mão, subimos juntos a colina, e em direção ao platô do Templo, beijaram- me primeiro em cada face, e compartilhando dessa forma comigo a sua força, sua companhia e sua conversa.

Oh, quanto contentamento e grande prazer naquele passeio quando eles, que são mais evoluídos que eu, falaram primeiramente dos velhos tempos e do que trabalhamos juntos e, conduzindo gradualmente a conversa, falaram dos tempos atuais em minha própria esfera, e contaram, na sequência, de sua própria, mais brilhante e mais gloriosa, para a qual, brevemente, talvez, eu seria chamado.

Então chegamos ao Templo, e o caminho não pareceu tão longo como das outras vezes, por causa da beleza de suas presenças e o entretenimento da conversa que tiveram comigo sobre a glória de suas Casas.

Eles traziam uma mensagem ao responsável pelo Templo, dizendo que seu Chefe e Senhor viria a qualquer hora brevemente, juntamente com o nosso Governador, para abençoar o Templo e oferecer um culto ali, para si mesmo e seu séquito, e para a Cidade, da qual, chegada a hora, ele era convidado.

Poderia descrever o Templo para mim, Zabdiel?

Aquilo que for capaz de fazer com suas palavras ao meu dispor, farei a você.

Não há paredes entre a fachada e o topo do precipício, portanto o Templo é visto mais claramente da planície um pouco mais distante dos muros da Cidade. Ergue-se transparente da plataforma de rocha um arco sobre outro, remontando-se em perfeita harmonia, e em cor, crescendo em intensidade conforme os arcos mais altos são alcançados. Não consigo dizer a você qual é a cor dominante, porque vocês não a têm aqui na terra. Se puder chamá-la de combinação de rosa e cinza é tudo o que posso fazer; e não lhe dá uma ideia muito exata de seu aspecto. Mas deixemos este detalhe e de fato vou me detalhar mais na descrição da arquitetura em si.

Não há um grande pórtico único, como na maioria das catedrais, mas cinco. São de diferentes construções e envergaduras, e são construídas assim para acomodarem aqueles que aqui chegam para o culto. Se todos

fossem admitidos por uma única entrada, aqueles de menor poder experimentariam uma irritação que os tiraria da concentração à reverência, enquanto estivessem ali. Portanto estas cinco portas-caminho são feitas para conduzi-los à nave, onde podem recuperar suas forças. Aqui prestam seus primeiros votos e devoções. Então passam para o grandioso salão central do Santuário, onde mesclam-se todos juntos, sem desconforto.

Há uma torre quadrada sobre o espaço central, aberto no topo em direção ao céu acima. E sobre a torre está uma nuvem móvel e luminosa, que é velha como Shekinah, o Lugar de Habitação do qual, em certos tempos, desce ao Templo, e sobre os devotos, um acesso à Sua Vida e bênçãos.

No lado posterior deste espaço há outra nave; e aqui há anjos que vêm encontrar- se com os que são chamados. Estes prestam seu auxílio a nós, ensinando daqueles Mistérios que são dos Reinos Superiores, e somente os que progrediram muito podem receber seus ensinamentos, pois são muito elevados em sabedoria das coisas Divinas e poderes, e também são dados parcimoniosamente, porque, como a mariposa é destruída pela chama que ela busca tão ansiosamente, assim também não é impunemente que a Sabedoria mais alta pode ser dada ou obtida.

Para a parte mais interna do Santuário jamais olhei, porque minha hora ainda não chegou para que eu tenha esta permissão. E quando chegar, eu estarei pronto. Não serei chamado antes de estar completamente preparado. Antes que avance à minha próxima esfera adiante devo passar pelos ensinamentos que há por aqui, e somente assim. Em direção a isto estou presentemente me esforçando.

Eu havia lhe dito alguma coisa daquele poderoso Santuário, mas com vacilação, porque é gloriosa demais para transcrever em suas palavras. Sobre este tema, São João da Revelação esforçou-se para dizer a seus companheiros que eram menos favorecidos que ele. Mas apenas pôde dizer-

lhes das pedras preciosas e pérolas e luzes e cristais e - nada mais. Bem, esta é a minha situação presente, meu irmão, e estou parado. Portanto permita- me deixar isto assim, com alguma pena por não poder fazer mais que isto, que permanece tão falho perante a glória que coroa e envolve todo aquele Templo que está naquela Montanha Celestial na Décima Esfera, nestes longos alcances de progresso em conhecimento e sabedoria e poder e força e bênçãos, em direção a Ele, Que é o Sustento e Origem de todos eles.
+

Zabdiel, sinto como uma tensão a vir nos próximos dias. Acha que deveria vir dia sim, dia não, ou em todos os dias que possa, como agora?

Como queira, amigo. Somente lembre-se disto: que o poder está aqui agora, e pode não continuar. Vou sustentá-lo até onde posso, e quando isto falhar por causa de suas limitações - aí nada posso mais. Farei com que minhas jornadas sejam tão completas quanto consiga, entretanto, enquanto você estiver em estado de receptividade. Mas faça como achar bom. Se decidir continuar diariamente, então não ocupe sua mente com outros escritos mais do que o necessário cumprimento zeloso de sua obrigação com seu povo e amigos.

Faça exercícios e recupere-se fora de casa, o tanto que sinta que seja útil. E eu darei a você o que posso de meu poder e sustentação. Mas minha habilidade em dar é maior que a sua de receber. Portanto, sinta-se capaz, venha diariamente, ou tão frequentemente quanto suas obrigações permitam. Nós não falhamos nenhuma vez até agora, e permita que continue assim.

VI - O DIVINO ETERNO PRESENTE

Terça , 9 de dezembro de 1913.

Então você veio a mim, meu tutelado, conforme desejei que viesse. Penso que não vai achar meus esforços fracos demais, mas esta noite preciso ser capaz de dizer algumas coisinhas que serão úteis a você e a outros. Pois há forças por aqui que o capacitarão mesmo que não saiba, e eu as uso para pôr meus pensamentos em ordem diante de você. Portanto não hesite com sua desconfiança de suas próprias faculdades para reproduzi-las. Quando você não estiver com forças à altura para fazer isso, eu o informarei, e fecharemos o livro nesta hora e dedicaremos nossas mentes a outras questões.

Agora dê-me sua mente para que possa continuar no caminho que desejei para esta noite, para o que deverá ser dado conhecer de mais aprofundado nos afazeres daqui da Décima Esfera. Somente lembre-se sempre de que sou obrigado, por necessidade, em minha narração, de adequar minha descrição em alguma medida, nas condições em que são encontradas nas esferas mais baixas que a minha, mesmo porque, digo uma vez mais, estes cenários ficam muito reduzidos dentro do âmbito da linguagem e das imagens da terra. Isto é necessário, digo, por não haver como se pôr um alqueire de trigo em uma medida de quartilho, nem limitar luz dentro da escuridão de uma caixa de joias de chumbo.

O santuário do Templo do qual falei não é apenas para o uso dos devotos, mas também para a instrução daqueles que já podem para recebê-la. Este é o curso superior da esfera, e somente aqueles que passaram pelos anteriores podem vir aqui, para seu aprendizado final. Em variados pontos daquela região há outras escolas, ou faculdades, cada uma para alguma aula

especial de instrução em sabedoria, e algumas para a coordenação de alguns destes ramos agrupados.

A Cidade em si tem três destas faculdades, onde aqueles que passaram por aquilo que chamarei de escola provinciana vêm para aprender o valor relativo dos vários ensinamentos que receberam e combiná-los, coordenando-os. Em muitas esferas, esta linha é seguida. Mas cada esfera é contínua e também é o avanço da esfera inferior a ela. Então, da mais baixa para as mais altas esferas há um sistema graduado de progressos, e cada passo adiante implica numa capacidade adquirida, não somente de poder, mas de alegria no uso dele.

Os instrutores são na maioria aqueles que foram qualificados para a próxima esfera adiante mas que escolheram ficar para ensinar aqueles que, por seu turno, deverão sucedê-los quando finalmente forem para seu próprio lugar de residência. De tempo em tempo, estes preceptores realmente fazem sua jornada para a esfera superior, e retornam para continuar sua tarefa. Pois eles são capacitados para enfrentar sua glória alcançada, enquanto aqueles que estão num degrau mais baixo não são.

E também vêm para ali, uma vez ou outra, alguns das mais altas esferas que estão indo para as mais baixas, para um intercâmbio amigável e uma conversa com seus companheiros que ensinam aqui; e estão quase sempre se condicionando a si mesmos de acordo com o ambiente daquela esfera inferior a eles, para que possam compartilhar algumas palavras amorosas de encorajamento a seus alunos.

Quando um Espírito de uma destas esferas desce para a terra de vocês, se faz necessário, para que ele possa fazer contato com os que habitam ali, um condicionamento de si próprio da maneira certa, e isto em um maior ou menor grau. Então isto será aqui, entre as mais altas e as mais baixas condições encontradas nas esferas de várias qualidades e elevações.

Mas é mais fácil para nós comungarmos com alguns de vocês que com

outros, e de acordo com seu grau de avanço espiritual. Assim é, digo novamente, aqui no mundo espiritual. Há aqueles na Terceira Esfera que sabem da presença daqueles da Quarta ou Quinta ou ainda das mais altas esferas, por causa de seu desenvolvimento espiritual acima de seus companheiros. Se, para estes últimos, tais visitantes desejam se tornar visíveis e audíveis, devem se condicionar o mais completamente ao ambiente daquela esfera, e assim o fazem.

Esta descrição está fora da linha traçada, e você verá que o que parece primeiramente complicar a vida aqui, realmente serve para um arranjo ordenado. Os princípios condutores que governam a comunhão de santos na terra com aqueles que passaram para mais alto são produzidos aqui, e continuados nos lugares mais altos acima, em sequência ordenada. E se você deseja saber o que regula nossa própria comunhão com aqueles acima de nós, então raciocine por analogia, e terá um conhecimento tão justo daquilo quanto possível a você, enquanto ainda encarnado na terra.

Obrigado. Poderia descrever um pouquinho mais em detalhes a Cidade e o campo da Décima Esfera?

Sim. Mas, primeiramente, quanto ao nome "Décima Esfera". É assim que a chamamos para abreviar. Mas em todas as esferas há outras esferas em contato. O que chamamos de Décima traduz a sua nota dominante: mas a harmonia das esferas é única e mesclada. Por esta razão um homem pode aspirar àquela acima dele, e será alçado a ela pelo contato com aquela zona de interpenetração da sua própria.

Mas também, tendo progredido para a Sétima, por exemplo, ele está iniciado em todas aquelas esferas abaixo, através das quais já passou. Desta forma, como outros descem até ele, assim ele pode ir lá embaixo até os outros, assim que se condicionar, sempre de acordo com aquela esfera para onde vai. E ele pode, de sua esfera, atingir, mediante seu poder, as esferas abaixo. Isto nós fazemos continuamente, sempre com nossas próprias

projeções de nossos conhecimentos e poderes para ajudar aqueles na terra com os quais estabelecemos contatos. Nem sempre saímos de nossas casas quando socorremos vocês: mas há ocasiões que assim fazemos, conforme a necessidade compele a isto.

Onde está você agora - na sua própria esfera, ou aqui na terra?

Eu agora estou falando de bem próximo a você. Pois, embora eu conte com poucos tijolos e argamassa, levando-se em conta a sua condição de encarnado, e sua inabilidade de elevar-se acima de você mesmo, é necessário que eu me encontre com você no caminho. Por isso eu venho e permaneço em contato, senão você reproduziria meus pensamentos, mas não na ordem nem da maneira que quero.

E agora para responder à sua pergunta sobre esta região que é a minha. Busque na mente as palavras com as quais iniciei esta noite, e dir-lhe-ei.

A Cidade espalha-se em torno da base da montanha. Entre os muros dela e o Lago estão as mansões e seus campos que se estendem à direita e à esquerda, e a maioria se aproxima do Lago. Nós embarcamos na água e tomamos um rumo diretamente em frente e, chegando à margem oposta, achamo-la coberta de árvores, de muitas espécies que são somente encontradas aqui nesta Esfera. Aqui também vemos caminhos decorados e, tomando o que está à nossa frente, faremos uma longa jornada para o interior, e ao término deste caminho surge uma clareira.

Nesta clareira há uma estátua. É de uma mulher que está em pé olhando para cima, para os céus no alto. Seus braços estão ao longo de seu corpo, e seu longo vestido não tem ornamentos. A estátua foi colocada ali há muito tempo atrás, e permanece olhando para cima por muitas épocas.

Mas você está esgotado esta noite, meu irmão. Por isto devo deixar este tema e retomá-lo, se puder, em outro momento.

Olhe para o alto, como a face da estátua faz, e receberá um batismo de luz sobre seus olhos para que possa ver algumas das glórias que ali estão. +

Quinta, 11 de dezembro de 1913.

Continuando:

A clareira onde está a estátua é um local onde frequentemente nos encontramos para receber direcionamentos daqueles acima de nós, que de vez em quando acham conveniente nos chamar longe da aglomeração de nossos companheiros, para que possam nos recomendar alguma linha de estudo especial a ser feito. Aqui nos encontramos, e eles vêm a nós, e naquele lindo local são mais belos que no cenário onde brilham.

Fora do espaço aberto iniciam várias trilhas. Tomamos uma para a direita, no lado mais distante, e seguimos. Ao mesmo tempo em que andamos vemos flores desabrochando, algumas da família das margaridas, e do amor-perfeito, e outras permanecem suspensas no ar como num regozijo pela beleza da folhagem e dos coloridos, como a dália e as peônias e a rosa. Todas estas, e mais outras ainda; pois nós nesta esfera não sabemos das flores pelas estações, porque elas desabrocham todas juntas, num perpétuo mas incansável clima de verão.

Aí, aqui e ali há outras espécies, e algumas são de diâmetro maior, uma verdadeira galáxia de belezas, como grandes escudos de luz faiscante, e todos os matizes maravilhosos, e todas deliciando o observador. A flora desta esfera está além de uma possível descrição a você, pois, como já expliquei, há cores aqui que a terra não conhece, pela razão da baixa vibração dela, e também porque os sentidos do corpo humano não são suficientemente refinados para sua percepção.

Assim, para uma pequena digressão, há cores e sons sobre você que não são reconhecidos pelos seus sentidos. E aqui os temos, e mais intensos, para uma exibição deslumbrante de encanto, e para nos mostrar um pouquinho do que a Beleza da Santidade deve ser ao se aproximar da Felicidade Total, onde o Mais Santo habita no Coração da Unidade.

Logo chegamos a um rio que divide em dois o nosso caminho, e aqui

viramos à esquerda, porque devemos visitar uma colônia que será de seu interesse. E o que você pensa que encontrará aqui, no topo da floresta que se espalha desde o rio e deixa um espaço aberto para ver? Nada mais que um Santuário das Estações ou - devo dizer? - Festivais.

Agora, vocês no plano da terra têm uma pequena compreensão da sua intimidade conosco, pois parecemos tão distantes a vocês. Entretanto, nem um pardal cai sem que seu Pai Celeste saiba e registre. Assim, tudo o que fazem é aberto a nós, e pesquisado com interesse e muito cuidado; se por acaso podemos, fazemos recair em suas devoções, de vez em quando, algumas gotas de orvalho celeste que devem cobri-las, e a vocês, como lembranças do Céu.

Aqui, então, nesta colônia estão curiosos ministros que procuram ponderar acerca de seus Festivais na terra à medida que eles acontecem, ano a ano; e eles acrescentam sua própria oferenda àqueles que se devotam aos anjos de guarda para fortalecê-los em sua ajuda a vocês, principalmente na inclinação mental que dirige seus pensamentos e aspirações nos maiores Festivais de seu ciclo. Isto não é precisamente de meu trabalho, portanto disto não falarei com conhecimento de causa. Mas sei que todas aquelas ideias com as quais vocês se aglomeram no Natal e Epifania e Páscoa e as outras semelhantes, são reforçadas pelas colônias como esta.

Escutei, ainda mais, e acredito que é verdade, que aqueles que fazem reverência ao Pai Deus por outras regras que não as cristãs são da mesma forma atendidos nos seus grandes Festivais, por seus próprios guias especiais, anjos de guarda.

Tanto é assim que você notará em alguns momentos um fervor aumentado nos devotos em seus santuários de graças, e muitos deles, creio, são o resultado de correntes de poder espiritual dirigidas dessas escolas fluindo aos corações dos congregados na terra, unidos em oração e reverência a Deus.

Você gostaria que alguma coisa fosse dita sobre os prédios da colônia. Há muitos, e a maioria deles é alta. E estão assentados em torno de uma estrutura dominante de onde partem muitos arcos, e têm muitos andares que sobem alto, céu acima. O topo disto desdobra-se e fica suspenso, com guirlandas em forma de lábio, por cima das casas abaixo dele, como se fosse uma margarida perenemente se abrindo, mas nunca em seu completo desabrochar. É azul e verde, mas sombreado em suas dobras com marrom, parecendo um dourado intensificado. É encantador olhar para cima, pois exprime uma reverência desdobrada em direção ao céu, como uma flor cujo perfume espalha-se enquanto seu verdadeiro coração está desabrochando para olhar os que estão à volta e o Criador Celeste e Amoroso, Que está acima de tudo, e também vê e sabe e sente prazer no sopro de vida no coração retornando a Ele, Que a deu e a sustenta incessante e eternamente.

Deixamos esta bela flor que protege como um pássaro, com suas asas de mãe sobre a ninhada de multidões de habitantes, que acaricia a todos sobre ela, e eles parecem seguros sob sua proteção, como se fosse da sua mãe, do Santuário e Relicário. Deixamos isto e continuamos.

Depois de uma longa jornada rio acima, começamos a subir e continuamos. Assim chegamos à Terra da Montanha; e aqui nosso olhar alcança grandes distâncias. Aqui estamos na fronteira entre nossa esfera e a próxima em ascensão. Alguns de nós somos capazes de enxergar mais adiante e em mais detalhes que aqueles que não atingiram o desenvolvimento de si mesmos até este ponto. O que estou vendo, digo-lhe agora.

Estamos no pico de uma montanha, que é uma de muitas. Diante de nós está um pequeno vale, e seguem-se fileiras e fileiras de cumes e picos mais altos; e quanto mais longe se focaliza o olhar, mais brilhante é a luz que os banha. Mas aquela luz de maneira nenhuma é parada. Move-se e brilha e cintila e lança-se entre as montanhas longínquas como se elas estivessem

cercadas por um oceano de cristal ou de eletricidade. Este é o aspecto, nada mais posso fazer por você além disso.

Há ribeirões e prédios, mas distantes. Sei que entre estas montanhas há grama, e plantas floridas e árvores e prados e jardins, e as mansões daqueles que habitam naquela Esfera. Mas isto está fora de meu alcance de visão, já que apenas posso ver as marcas até onde suporto.

E sobre tudo isto, e através de tudo, eu vejo o Amor de Deus e Sua inexcedível e melhor graça e beleza: e meu coração pulsa de regozijo. Estou seguindo adiante e, quando tiver terminado minha tarefa aqui, a que me foi dada para fazer, e não antes disso, sei que alguns cidadãos justos daquela terra encantadora virão e chamar-me-ão, e vibrarei de alegria por dirigir-me para lá.

Ah, mas, meu irmão, não é assim com você também? O que aquela esfera mais distante é para meu coração, a próxima de seu progresso deveria ser para você, numa amorosa comparação.

Eu lhe descrevi apenas um pouco desta esfera, mas o suficiente para dar a você o
sabor e o apetite para fazê-lo urgir em sua marcha.

Eu recorreria a uma clareira e convidaria você para manter seus olhos alerta, mirando acima. Não, seu pé tropeçaria porque seus olhos não estariam mirando o chão. Pois aqueles que olham para cima não olham no caminho que estão seguindo; e nós olhamos para baixo para manter seus passos bem seguros.

Porque tudo está bem, meu tutelado, sim, tudo está bem nesta unidade, porque ele acredita em nós que servimos a nosso Senhor, n'Ele seu coração está, e ninguém fará com que ele tropece.

Então esteja assim. O mundo é torpe e fatigante, às vezes, ou frequentemente, mas há beleza também, e amor, e aspirações santas. Sirva-se destas, e sinta prazer. Dê delas a outros livremente, e a depressão

parecerá menos depressiva, e a luz além aparecerá mais clara e brilhante, e os filhos da manhã guiá-lo-ão mais amorosamente para a Terra do Eterno Presente. +

Sexta, 12 de dezembro de 1913.

Estando naquele alto pico radiante com a luz que o distingue dos reinos atrás de mim e banhando todos os que estão diante dele nesta intensa luz, comungo com aqueles das duas esferas e, através deles, com as esferas além. Tais momentos são de felicidade grande demais para se expressar em palavras, e abrem os olhos do entendimento espiritual para ver coisas gloriosas e poderosas, e amplos infinitos e o amor que envolve a tudo.

Uma vez que me pus em pé desta forma, com a face voltada em direção ao meu futuro lar, fechei meus olhos pois a intensidade da luz que se movia diante de mim era maior do que podia suportar continuamente. Foi lá que pela primeira vez foi-me permitido ver e falar com meu guia e guardião.

Ele ficou no alto, na posição oposta a mim; e o vale estava no meio. Quando abri meus olhos vi-o ali, como se tivesse subitamente tomado forma visível para mim, para que eu pudesse vê-lo mais claramente. E de fato foi assim, e ele sorriu para mim, e permaneceu observando minha perplexidade.

Ele estava vestido com uma túnica parecendo ser feita de seda brilhante que ia até os joelhos, e à cintura portava um cinto de prata. Seus braços e pernas estavam descobertos e pareciam brilhar e emitir a luz de sua santidade e pureza de coração; e sua face era o que mais brilhava. Ele usava um chapéu azul sobre seu cabelo, que era prateado indo ao dourado; e no chapéu brilhava a joia de sua ordem. Eu não tinha visto uma daquele tipo antes. Era uma pedra marrom emitindo uma luz marrom, muito bonita e cintilando com a vida que estava em torno de nós.

Finalmente, "Venha comigo", disse ele; e eu estava com medo, mas não

aterrorizado, apenas envergonhado pelo temor. Naquele momento tive medo, nada mais.

Então eu disse, "Conheço-o como sendo meu guia, senhor, meu coração assim me diz. E delicio-me em vê-lo assim; pois é encantador e brando para mim. O senhor nunca esteve comigo em pessoa na minha estrada celeste, mas sempre diante de mim, assim nunca pude tocá-lo. E agora me é dado vê-lo deste jeito, em forma visível, e por isso estou feliz em agradecer-lhe por todo seu amor e proteção. Mas, meu senhor e guardião, temo ir ao senhor. Pois enquanto eu for descendo ao vale, o brilho de sua esfera vai me ofuscar e meus passos estarão inseguros. E quando eu ascender ao senhor, penso que desmaiarei por causa destas glórias maiores que estão sobre o senhor. Mesmo aqui, eu, desta distância, sinto que não aguentarei por muito tempo..."

"Sim, desta vez", ele respondeu, "serei sua força, como muitas vezes antes já fui, mas nem sempre foi do seu conhecimento; e nas vezes quando sabia que eu estava por perto, mas somente em parte. Estivemos tão juntos que agora posso dar-lhe mais que antes. Somente seja forte, e com toda sua coragem exposta; pois nada lhe fará mal. Foi para este mesmo fim que lhe inspirei para que viesse até aqui, para que eu viesse até você".

Então por instantes vi-o realmente bem imóvel, como se ele pudesse ser uma estátua. Mas agora sua forma tomou outro aspecto. Ele parecia estar com os músculos de seus braços e pernas tensos; e pude ver através da fina roupa que seu corpo estava exalando todo seu poder. Suas mãos estavam ao lado do corpo, ligeiramente voltadas para fora, e seus olhos estavam fechados. Então uma coisa estranha aconteceu.

Da parte de baixo de seus pés apareceu uma nuvem mesclada de azul e rosa; e se moveu através dele até mim, formando-se uma ponte entre os dois picos, passando por sobre o vale abaixo. Era de uma altura um pouquinho maior que a de um homem e de largura um pouco mais ampla. Isto

gradualmente veio até mim e envolveu-me e, quando olhei, pude vê-lo através da neblina e ele parecia muito próximo.

Então ele disse, "Agora venha a mim, meu amigo. Caminhe firmemente em minha direção, e não se ferirá".

Aí comecei a andar a ele através daquela coluna de nuvem luminosa que estava toda sobre mim, e, conforme ia passando, vi que era elástica sob meus pés, como um veludo muito espesso, mas apesar disso não afundei pelo chão até o vale, mas continuei meu caminho suspenso com enorme alegria. Ele olhou para mim e sorria enquanto chegava a ele. Mas apesar de que parecesse tão próximo, não o alcançava, e não ainda... ele em pé sem se retirar da minha frente.

Finalmente estendeu sua mão e, uns passos mais, eu a tinha na minha, e ele me conduziu numa caminhada mais firme.

Então a ponte de luz esmaeceu e achei-me em pé no outro lado do vale, e olhei através dele para minha esfera. Eu tinha atravessado tudo por aquela ponte de luz e poderes celestiais.

Aí nos sentamos e conversamos juntos sobre muitas coisas. Ele evocou à minha mente desafios passados, e mostrou-me onde eu poderia ter feito de forma melhor em minhas tarefas; algumas vezes recomendou-me, algumas vezes nada recomendou, mas nunca me censurou, somente advertiu e instruiu com amor e bondade. E aí disse-me alguma coisa da esfera fronteiriça na qual eu havia estado; e algumas de suas glórias, e como melhor sentir-lhe sua presença quando terminasse minha tarefa para a qual deveria retornar e findar.

E assim ele conversou, e eu me senti verdadeiramente num estado muito bom de força e alegria, e de maior coragem para o caminho. Pois ele me deu de fato de sua grande força e de sua santidade maior, e eu entendi um pouquinho mais do que até então da grandeza do potencial humano na humildade, ao servir seu Mestre o Cristo, e a Deus através d'Ele.

Ele voltou comigo pelo caminho do vale, com seu braço sobre meu ombro para me ajudar com seu poder; e conversamos durante todo o percurso do caminho para baixo e então, quando a ascensão da colina do outro lado começou, vagarosamente ficamos em silêncio. Em vez de usar palavras, comungamos usando pensamentos e, quando me voltei ligeiramente a fim de olhar para ele, percebi que não podia mais vê-lo tão claramente e comecei a entristecer por isto. Mas ele sorriu e disse, "Está tudo bem, meu irmão. Sempre está tudo bem entre você e eu. Lembre-se disto".

Ele se tornou ainda mais esmaecido à minha visão, e fui comandado a voltar por esta razão. Mas ele me impeliu gentilmente e, enquanto subíamos, definitivamente desapareceu de minha vista. Nunca mais o vi desta forma. Mas agora eu o conhecia como nunca antes. Senti-o tocar-me quando atingi o cume. Voltei-me e olhei para o brilho da sua esfera através do vale, mas não o vi no outro lado.

Exatamente quando estava me virando para partir, entretanto, olhei de novo, e vi uma forma veloz atravessar sobre os picos das montanhas além; não numa forma sólida, como ele tinha estado, mas uma forma quase transparente. Como um raio de luz do sol, ele se foi de mim visivelmente, ou em parte; aquela visão, também, lentamente desapareceu. Mas ali senti sua presença comigo, senti que ele sabe de mim e o que penso e faço. E virei- me para descer com muita alegria e maior força para trabalhar.

Como daquela esfera mais brilhante tanta bênção é dada para mim, não deveria eu, em retorno, distribuir àqueles que necessitam tanto quanto eu? E assim fazemos, meu tutelado. Através dos céus abaixo dos nossos, e a vocês na terra nós vamos sempre, e ministramos com muita alegria. Pois é muito encantador fazermos aos outros nossos companheiros o que tão prodigiosamente é feito para nós.

Não posso fazer uma ponte para você, como ele fez para mim; porque a

variação de graus entre a esfera terrestre e esta, presentemente, é grande demais para ser atravessada assim. Mas há um Caminho pelo qual atravessamos no tempo certo, como Ele disse. E Seu poder é maior do que aquele que me fez a estrada através do Vale dos Picos. De quem eu sou um servo muito submisso. Mas aquilo que não tenho em grau de santidade e sabedoria, eu me esforço em suprir com amor, e se ambos servirmos a Ele como somos capazes, Ele nos manterá em paz, estando n'Ele através da mais profunda glória para a maior glória que está além. +

Segunda, 15 de dezembro de 1913.

Deixei aquele assunto suspenso por causa do trabalho que tive que fazer antes da hora em que seria chamado até aqui, para que ele esteja como ele está. Oh, a beleza e a grande paz daquele lugar, e dele que é o meu guia. Se as pessoas daquela esfera tão longínqua forem só a metade de bonitos e amorosos do que ele é, então sem dúvida é uma corrida abençoada esta na qual estou empenhado.

Mas agora, meu irmão, devo ajudá-lo ir além, em sua estrada. E isto farei, mas por pouco ou por muito, acrescentarei algo que o habilitará, e a outros, a seguirem na estrada que eu mesmo já trilhei. Alcance-me com sua mão, então, e farei, de minha parte, o que posso.

Deixei aquele lugar, digamos, soerguido, e desde então meu alcance foi muito mais amplo para mim, como se pudesse ver do alto, longe o suficiente para ver as questões em curso nas suas verdadeiras proporções, e de vez em quando faço isto, quando algum problema mais aborrecido que os outros deixa confuso o meu raciocínio. Vejo como se vê dos lugares altos próximos daquela esfera distante, e as coisas se resolvem ordenadamente, e tornam-se mais claras.

Faça isto, meu tutelado, e a vida não mais parecerá complicada; mas os princípios ordenadores terão seus lugares de direito, e o Amor de nosso Pai

será visto mais amplamente. Nesta sequência, continuarei a descrever a você mais desta esfera na qual meu trabalho atual está projetado.

Descendo, viro para o lado direito do rio e, pegando uma estrada que circula em torno das árvores a uma pequena distância dali e através de uma planície que está no lado direito das montanhas, sigo meu caminho sozinho, em meditação.

Então encontro uma caravana daqueles que habitam lá adiante, e estes eu descreverei a você. Alguns deles estão a pé, e alguns a cavalo, e alguns em vagões, ou carruagens - são veículos abertos, de madeira, com ouro sobre ela para fazer a ligação e o ornamento em volta, e também emblemas na parte da frente, os quais dizem de que reino e ordem são os cavaleiros. As vestes da multidão são de cores variadas, mas a dominante é a cor de malva, aprofundando em púrpura. Há quase trezentos homens, e recebo e dou saudações, e pergunto de que território eles são, e de que tipo de trabalho.

Aquele a quem falei sai da fila para me responder. Ele me diz que escutou falar que uma parte deles, da Nona Esfera, está para receber sua iniciação para a Décima, tendo sido qualificados a isso por suas relações sociais. Ao ouvir isto, pedi que falasse ao líder que os acompanharia a fim de ver o que aconteceria além, e também que eu poderia acrescentar minhas boas vindas às deles. Ao ouvir isto, ele sorriu e disse-me para andar com ele e ele garantiria minha aceitação. "Porque", acrescentou ele, "aquele que você chama de líder está andando lado a lado com você".

Ao ouvir isto virei-me e olhei para ele, gratamente surpreso; pois ele usava uma túnica púrpura, verdadeiramente, mas sem ornamentos, e a tiara em sua cabeça também era uma fita púrpura com apenas uma joia nela, e sem emblema. Outros estavam muito mais ricamente vestidos, e olhando de perto, mais graciosos e majestosos. Não disse mais nada, mas ele era de grau evolutivo mais alto que o meu, como já tinha começado a suspeitar, e

sabia de meus pensamentos sem precisar expressar.

Então ele sorriu de novo e disse, "Estes recém-chegados devem me ver como estou agora, porque alguns dentre eles, disseram-me, não estão maduros para uma exibição de brilho maior. Portanto, outros devem ser tão gloriosos quanto eu, e não serão ofuscados. Você não teve recentemente um encontro, meu irmão, que servirá para lhe mostrar que muita glória pode, provavelmente, prejudicar em vez de ajudar?"

Confessei que isto estava certo, e então ele disse, "Você vê, sou da esfera à qual seu guia pertence, e permaneço aqui até acabar minha tarefa da forma como eu mesmo propus fazer. Por isso condiciono a mim mesmo em tamanho tal que aqueles nossos irmãos e irmãs que vêm até aqui deverão sentir a simplicidade do lar, até que amadureçam para a glória da Corte. Por isso venha, meu irmão, e levaremos estes adiante, até que alcancem o rio".

Fizemos assim e atravessamos o rio com eles, nadando, homens e cavalos e carruagens, também, e chegamos ao outro lado. Deixei minha cidade à direita e fui à passagem que vai entre as montanhas, onde o cenário é amplo e volumoso. Rochas erguem-se com muita majestade em ambos lados, como pináculos e torres e cúpulas, e são de cores variadas. Aqui e ali a vegetação cresce, e agora é visto um platô estendendo-se entre as encostas de duas colinas, e nele está a cidade principal de uma colônia de gente feliz que vêm, e de cima olham para nós, e acenam em saudação, e jogam flores a nós como símbolo de amor.

Assim passamos ao longo do estreito e no final saímos num vale que se abre nos dois lados, e este lugar aqui é muito bonito. Grupos de árvores ajuntam-se formando clareiras e há mansões majestosas, e algumas de tipo mais simples, de madeira e pedra; e há lagos e cachoeiras que caem com música suave no rio que corre em seu caminho, da montanha distante da qual viemos.

Saímos deste Portal, que o povo do Vale chama de "Portal do Mar", e

diante de nós vemos o oceano aberto, no qual os rios desembocam de uma grande altura, e é encantador vê-los enquanto caem, como milhares de peixes-rei e colibris fazendo seu voo multicolorido pela encosta da montanha, flamejando e reluzindo, água adentro. Descemos pelas trilhas e paramos na costa; mas alguns ainda ficaram para trás, para esperarem por aqueles que devem vir por mar. Chegamos na hora certa, pois nosso líder tem poderes que são da esfera acima, e pode usar as forças daquela zona aqui para facilitar. Ele assim fez, portanto poucos momentos depois que estacionamos na costa um grito foi escutado pelos nossos observadores, vindo da caravana que já está visível na linha do horizonte do mar. Aí, circundando as curvas da costa além do rio, chega a caravana de nossas senhoras que, conforme aprendi quando perguntei, tinham suas habitações naquele distrito para que pudessem receber aqueles que vêm para aquela costa vindos de terras distantes.

Foi grande a nossa alegria ao saudá-las, e delas ao receber-nos e saudar-nos em retorno. Então, lá no alto de um cume, onde estão suas habitações, vimos sua Mãe. Ela estava vestida da cabeça aos pés numa vestimenta prateada, e brilhava através de sua roupa como um lindo diamante cintilante, ou uma pérola revestida de vida e vitalidade. Ela olhava atentamente o grupo no mar, e então começou fazer um movimento ondulante com suas mãos.

Nesta hora vimos um enorme buquê de flores tomando forma em suas mãos. Então ela trocou seus movimentos, e aquilo começou a flutuar e esparramar tomando a forma de uma corda de flores que foi pelos ares, alto, através das águas, até que a extremidade permaneceu sobre as pessoas que estavam no mar.

Então ela começou a girar em torno e formar uma espiral plana, circulando sobre suas cabeças e então, gentilmente, desceu sobre eles. Enquanto eu observava, vi suas faces mudarem de expectativa inquiridora

para risos alegres de felicidade, por terem entendido o mimo que receberam e souberam então que o amor e a beleza esperavam por eles nesta nova esfera à qual viajaram de tão longe.

Agora eu já conseguia ver o tipo de embarcação deles. Na verdade não era uma embarcação, mas uma balsa. Como poderia falar dela simplesmente? Era, sem dúvida, uma balsa, mas sem estrutura aparente, havendo sobre ela sofás e camas macias, e instrumentos de música; e destes, o principal era o órgão no qual agora estavam três homens começando a tocar a um só tempo - tudo isto e outras coisas para o conforto deles. Num dos lados percebi algo que parecia um altar de oferendas, mas em detalhes não posso explicar, porque não sei do uso específico daquilo.

Então o órgão começou a soar, e as pessoas ali interromperam tudo para um hino de louvor ao Pai de Todos, a Quem todos os joelhos se dobram em adoração, porque só n'Ele há Vida, e todos estão ligados a Ele. O Sol brilha em direção à Vida na terra, e os Céus são como câmaras no Sol dando luz e o calor do amor. Para Aquele e para todos aqueles de Deus Que devem a Ele o nascimento e a devida submissão, que seja nosso dever pagar oferecendo um coração puro e um legado de lealdade.

Bem, estas palavras soaram num estranho tom para mim. Mas quando os escutei, e a música que atravessou o ar, olhei mais uma vez o Altar, porque pensei encontrar ali uma resposta. Mas não pude. Não havia sinal ou emblema nele pelo qual eu pudesse interpretar tudo isto. Somente mais tarde fui capaz de entender o significado daquilo.

Mas você chegou ao fim de suas forças por esta noite, meu tutelado. Portanto, pararemos agora, e retomarei este tema amanhã, se quiser. Nesta noite, que Deus lhe dê Suas bênçãos, como sempre. Zabdiel está com você em pensamento e em comunhão dia e noite. Lembre-se disto e entenderá como chegam muitos pensamentos e sugestões... Nada mais por agora. Você começa a fatigar-se. Zabdiel. +

Quarta, 17 de dezembro de 1913

E agora continuamos naquele assunto da chegada daqueles das terras longínquas do outro lado do mar. Sua viagem foi longa a fim de prepará-los para seu assentamento na sua futura residência.

Assim, eles desembarcaram na costa e todos foram reunidos embaixo do alto promontório que lá havia, como uma gigantesca torre de observação. Então seu líder procurou entre nós pelo nosso Chefe, e finalmente o encontrou, e reconheceu-o porque já haviam se visto antes. Então veio até ele e os dois cumprimentaram-se com o calor do amor e das bênçãos.

Conversaram juntos por algum tempo, e então nosso Chefe ficou em pé e falou aos nossos novos companheiros, alguma coisa como:

"Meus amigos e companheiros, crianças do Pai de Todos, a Quem todos adoramos de acordo com a luz que tenhamos, declaro que são bem-vindos ao seu novo lar.

"Vieram de longe em busca dele, e ele não desapontará à medida que forem explorando suas belezas. Nada mais sou aqui que um humilde servo, mas é para a Colônia na qual estou estabelecido que vocês serão guiados para começarem seu modo de vida aqui; fui mandado a vocês para dar-lhes as boas-vindas.

"Como bem sabem, e vocês aprenderam através de um longo período de treinamento, a fé que um dia tiveram foi como um simples raio de todo o brilho do sol do grande Amor e Bênção do Pai. No decurso de sua instrução e desenvolvimento chegaram a entender isto e mais. Um item somente de suas maneiras peculiares de adoração vocês retiveram - o Altar que vejo sobre seu local. Mas, como a devoção diferenciada caiu de seu pedestal, e como vi que não havia fumaça de incenso subindo à medida que vocês se aproximaram da costa, em oferta de agradecimento e adoração, penso que, como um mimo ou símbolo, seu Altar perdeu algum, ou todo, significado a vocês. Fica por sua conta escolherem se trarão aquilo com vocês, ou se

deixarão à bordo para devolvê-lo para a terra de onde vieram para o uso de outros menos evoluídos que vocês, ou descerão aquilo para cá, carregando-o na sua vida nova aqui. Por obséquio, poderiam consultar-se entre si, e comunicar-me?"

Então fez-se uma conferência, mas não muito longa; e o porta-voz disse, "Meu senhor, é mesmo como o senhor diz. Não há o menor significado ficarmos com aquilo que um dia foi um auxílio para conhecer e adorar a Deus, nosso Pai. Pois chegamos, por muito ensinamento por parte de outros, e por nossa própria meditação, ao conhecimento de que todos os filhos do Pai são de uma só origem e raça, como filhos do Único Pai. É chegado o tempo em que isto não mais nos ajuda, e lembra parte que divide, mesmo porque devemos ser amorosos e tolerantes no geral. Gostaríamos de mandar de volta aquilo, para aqueles lá longe que talvez se lembram de mais detalhes daquela religião para além da qual agora progredimos. E agora, meu senhor, segui-lo-emos para aprender, por sua bondade e a de nossos companheiros que servem sob seu comando, o que mais podemos fazer pela Irmandade de toda a humanidade na luz desta região mais brilhante, e aqueles reinos que estão além".

"O que disse está muito bem dito", respondeu o Chefe, "e deve ser assim. Tivessem escolhido outra coisa, ter-me-iam agradado; mas esta escolha agrada-me mais. E agora, meus irmãos e irmãs, venham, e vou levá-los aos campos que estão atrás deste Portal, e para seu Lar".

Dizendo assim, ele se misturou entre todos, e beijou cada um na testa; e percebi que, quando ele agiu assim, seus semblantes tomaram um aspecto mais luminoso, como o nosso; e suas roupas ficaram mais radiantes também. E a Mamãe desceu de seu posto acima, e fez como ele. Eles estavam tão alegres conosco, e nós com eles, que não nos apressamos em partir. Também seu líder andou uma parte do caminho conosco para nos fazer companhia, e saímos pelo Portal, enquanto a Mamãe e suas serviçais

cantavam um hino de Glória a Deus, e para nós um de boas vindas e adeus em um só. Tomamos então nosso caminho ao longo do vale.

Agora você pensaria sobre o Altar, e o significado das palavras de nosso Chefe...

Se posso interrompê-lo, Zabdiel, porque evita dizer-me seu nome?

Vou dizer seu nome de uma forma que possa ser colocado em suas letras, mas não posso fazê-lo da maneira que é essencialmente. Mais ainda, isto não me é permitido. Vou chamá-lo Harolen. Esta palavra tem três partes ao ser pronunciada, e é assim; e vai servir-lhe muito bem. Então continuemos.

Ele teve muita ocupação no meio da multidão até que passamos o vale, o rio e chegamos bem no país cujo aspecto até agora não lhe descrevi, porque estava além daquele lugar onde o encontrei pela primeira vez. Quando percebi que ele tinha uma folga, aproximei-me e perguntei-lhe quem eram estes e que adoração prestavam, conforme o que ele tinha falado na costa. Harolen respondeu, efetivamente, que eles na vida terrena tinham sido adoradores do Deus Cujo Nome estava em segredo no Fogo e no Sol, ao Qual os persas antigos reverenciavam.

Agora, devo acrescentar, de minha própria cultura, este adendo. Você deve saber que quando as pessoas primeiramente vêm da vida da terra no primeiro estágio de sua vida eterna neste lado, eles são como deixaram a terra. Isto você sabe bem. Aqueles que têm qualquer religião séria continuam sua adoração e modo de vida e conduta de acordo com aquela religião, conforme seus princípios reguladores principais. Mas à medida que progridem vão, digamos, abrindo as asas, enquanto se rompe o casulo, uma camada após outra, à proporção que seguem de uma esfera a outra. Assim, enquanto alguns avançam rapidamente à frente, a maioria demora e segue adiante mais vagarosamente; e aqueles que deixaram os outros para trás, de vez em quando retornam a eles para instruí-los.

E assim seguem, de era em era, de reino a reino, de esfera a esfera; e a cada instante aproximam-se cada vez mais perto para a ideia Universal do Pai de Tudo. Os companheiros estão ainda juntos; mas aprendem a saudar, e então a amar, companheiros de outras modalidades de pensamentos e crenças religiosas; e estes fazem o mesmo. E assim há um constante e crescente intercurso entre aqueles de variados credos.

Mas está longe o tempo em que a maioria agregar-se-á numa absoluta unidade. Estes antigos persas ainda retinham algumas de suas maneiras peculiares de olhar para as coisas, e ainda assim farão por um bom tempo. Nem é esperada outra forma. Porque cada um tem sua própria característica e acrescenta-a à comunidade de todos.

Mas aquele grupo galgou mais um degrau à frente durante aquela viagem no mar. Entretanto, eu diria que durante aquela viagem foram induzidos a perceber que já haviam progredido aquele passo à frente. Assim aconteceu naquele momento de suas frases, e da forma que fizeram sua adoração, dando a ela, ao meu ver, um tom e uma forma já de que é mais exterior que interior. E quando o teste foi aplicado, eles decidiram deixar o Altar para trás, para seguirem adiante para a Irmandade mais ampla da Família de Deus nos Céus. É isso que deixamos desaparecer nas brumas atrás de nós, um após outro, esses pequenos recursos que na terra parecem tão importantes. É assim que aprendemos aqui o que realmente significam Amor e Irmandade.

Você está perturbado, meu tutelado; porque posso tanto ver quanto sentir sua mente e corpo alterando-se. Não se permita estar assim, meu irmão. Pois saiba e esteja seguro disto: qualquer coisa que seja real e boa e verdadeira perseverará. Somente aquilo que não for assim desaparecerá. E Ele, a Quem você serve, é indubitavelmente a Verdade, mas não lhe revelou toda a verdade; o que não era possível ser feito por causa daqueles que são sujeitos a limitações da vida como você, que vive encarnado na terra. Mas

Ele disse que vocês seriam guiados para toda a verdade, e isto é visto acontecendo nas esferas além dos limites da terra. Venho falando disto sempre até agora; e esta diretriz continua eu não sei em quais eternidades da existência, ou quais infinidades de expansões em sabedoria e amor e sublime poder.

Mas isto eu sei - eu, que, como você, presto reverência e homenagens ao Cristo Nazareno de Deus, e que presto agora minha reverente devoção de uma forma que vocês ainda não podem - isto, eu digo, eu sei, meu tutelado e companheiro de trabalho no Reino, que Ele está ainda diante de uma longa, longa caminhada. A luz que me cegaria é para Ele, em sua santidade, como a luz do entardecer para mim. Lindo Ele é, eu sei, porque já o vi da forma que sou capaz, mas não em Sua completa glória e majestade. Lindo Ele é, também, e amoroso como não posso encontrar palavras para dizer. E a Ele sirvo e reverencio com alegre devoção e enorme alegria.

Não tema pela sua própria lealdade. Você não será afastado dele por prestar reverência a outros companheiros de outra fé que não a nossa. Pois todos são Suas ovelhas, mesmo se não forem deste aprisco. Quem é, e foi, o Filho do Homem, e, portanto, Irmão de todos nós. Amém. +

Quinta, 18 de dezembro de 1913.

O território através do qual passamos era cheio de colinas mas não montanhoso, e por todos os lados havia outeiros verdejantes, e aqui ou ali um habitante. À medida que caminhávamos, Harolen foi lentamente mudando seu aspecto. Surgiu com um semblante brilhante, e sua vestimenta começou a assumir uma aparência mais luminosa. Ao mesmo tempo em que avançamos passando o bosque ao lado esquerdo, ele chegou à sua beleza normal e apareceu assim: Em sua cabeça apareceu um símbolo de luz, como se pudesse ser uma coroa de joias vermelhas e marrons, que cintilavam e brilhavam emitindo seus raios, e entre os raios e sobre eles pairava uma

radiação esmeralda. Sua túnica ia até os joelhos, deixando seus braços nus, e usava na cintura um cinto de ouro, fechado com uma substância parecida com pérola, mas nas cores verde e azul. Seu chapéu era da mesma cor, destas duas cores, e em seu antebraço havia faixas de ouro e prata entrelaçados.

Ele ficou em pé no vagão, o qual tinha duas rodas e era muito bonito, em madeira e metal, e conduzido por dois cavalos, branco e marrom. Notei que aquele marrom estava em evidência em todos os cantos, mas não tanto para dar distinção a esta cor mas, isto deve ser dito, para sublinhar todos os ornamentos, de uma forma que sua presença seja vista, mas que no seu aspecto seja suave.

Simbolismo nesta região desperta muito interesse e é amplamente usado. Eu, entretanto, parecia ler neste esquema de suas cores o fato de que ele pertencia a uma ordem e um reino nos quais o marrom era distinguível mas, servindo nesta esfera inferior, nestas atuais propriedades, estas outras cores que são mais familiares entre nós desta esfera deram lugar para a cor dele, ele que foi eleito para servir aqui um tempo mais longo que o necessário para realizar o devido.

Mas assim que olhei para ele, assim tão simplesmente vestido e tão bonito no conjunto, senti seu grande poder. Porque em seus olhos claramente brilha a santidade com a dignidade de comando, enquanto sua testa, sobre a qual seu cabelo marrom é repartido e ondula-se nas têmporas, parecia refletir a humildade e a gentileza de uma irmã muito amada. Assim ele era; ninguém de menor categoria poderia voluntariamente se opor a ele, e ninguém poderia temê-lo, sendo simples o seu intento e amoroso em tudo. Uma coisa ele tinha, a quem o seguisse em sua liderança: alegria; e em sua proteção e orientação deveria estar bem colocada a confiança implícita. Porque ele era um Príncipe, com o poder de um Príncipe, e sabedoria para o uso correto na gentileza e no amor.

Continuamos nossa jornada juntos, sem muita conversa mas bebendo de toda aquela beleza daquele lugar com muita alegria no coração, e a paz estando sobre nós. Assim chegamos finalmente ao lugar onde os recém-chegados deveriam parar e ficar ali um pouco, até que se familiarizassem em seu novo ambiente. Então eles prosseguiriam adiante para o interior, para uma das instalações, e talvez fossem alguns para uma, e alguns para outra, de acordo com a melhor adaptação para este ou aquele, no trabalho ou serviço desta esfera no Reino de Deus.

Chegando aqui, Hartolen mandou que parássemos e pediu silêncio por uns instantes, pois tinha uma mensagem a trazer-lhes de sua cidade principal, que estava adiante, além das colinas e fora da vista de todos.

Fizemos silêncio e, naquela hora, um grande raio de luz atravessou os céus vindo de um ponto além, de algum lugar atrás das colinas à nossa frente. Parou sobre nós e ficamos inundados em brilho; mas ninguém se assustou ou temeu, porque a luz tinha, em si, muita alegria. Mas se aquilo nos cobriu, então, sobre a carruagem na qual estava, o Príncipe era glorioso de ser visto.

Ele ficou ali quase imóvel, mas a luz sobre ele ficou focada e concentrou-se; e ele apareceu, não como até esta hora, mas como era, transparente e flamejante em sua glória. Como posso fazer para que você tenha uma pequena ideia do que quero dizer? Tente imaginá-lo feito de alabastro, mas vivo e brilhante e irradiante com a beleza de uma luz gloriosa, ela própria viva e resplandecente em felicidade. Cada joia e ornamento torna-se ofuscado por ela, e a carruagem estava cintilando como labaredas de fogo. E tudo sobre ele eram a glória e a majestade da vida e energia. Os cavalos, também, não tanto absorviam, mas refletiam a radiação. E o diadema em sua cabeça brilhava com desdobrada intensidade.

Ele não atingia os céus tanto quanto podia fazê-lo, tão translúcido e sublimado que tinha se tornado na aparência. Ficou ali parado, seus olhos

olhando direto na luz e lendo-a como uma mensagem, como se ele visse o que não podíamos ver, e isto não ali, mas longe, sobre as colinas, no lugar de onde aquela luz era mandada.

O que aconteceu em seguida nos surpreendeu muito. Em vez de compelir alguma maravilha ou milagre de poder, ele silenciosamente se ajoelhou em seu carro, e inclinou seu rosto em suas mãos, silencioso e imóvel. E então todos sentimos que ele não estava com medo, mas altivo, por aquela luz, e de toda a majestade superior. Soubemos que ele se ajoelhara a Um de maior poder e maior em santidade que ele. Então nós, também, ajoelhamos e nos inclinamos em reverência a Quem ele reverenciava, percebendo que o Poder estava presente, mas cuja Pessoa não conhecíamos.

Assim que ele se ajoelhou desta forma, nós logo escutamos música e vozes cantando alguns lindos temas, mas suas palavras nenhum de nós pôde interpretar. Ainda ajoelhados, olhamos para cima e vimos que Harolen havia descido de seu carro, e ficou em pé na estrada em frente a nós, sua caravana. Andando pela estrada em direção a ele, havia um Homem, vestido de branco da cabeça aos pés. Um círculo de luz atravessava sua testa e cingindo Seu cabelo para trás. Ele não usava nenhuma joia, mas sobre Seus ombros havia duas faixas, as quais eram cruzadas no meio de seu peito, e eram presas no lugar com um cinto. Elas e ele eram prateados, mesclados de vermelho. Seu rosto era calmo e com nenhuma outra majestade que não fosse amor e bondade; e Ele andou com passos vagarosos e suaves, como se Ele suportasse a aflição e a desgraça de alguns universos em Seu coração. Vimos que não havia tristeza, mas alguma coisa parecida e que ainda não posso transcrever, tão insondável era aquela calma envolvente que estava sobre Ele.

Ele veio até onde ainda estava ajoelhado Harolen, e disse algumas palavras a ele numa língua que não conhecíamos, e também sua voz era tão

baixa que sentimos que Ele falou, mas não o escutamos de fato. O Príncipe olhou em sua face e sorriu, e seu sorriso foi amoroso, como tudo vindo dele era amoroso. Então o Outro se inclinou e o envolveu em seus braços, e o levantou, ficando ao seu lado, e segurou uma de suas mãos na sua própria. Estando desta forma, alcançou sua mão direita e, olhando para nós, Ele nos abençoou e disse palavras de carinho e encorajamento para prosseguirmos nosso trabalho que nos esperava adiante.

Ele não era eloquente, mas Suas palavras foram como as de uma mãe para seus filhinhos que seguem para uma longa jornada. Nada mais que isso, e dito tão quietamente e tão simplesmente, e em tão grande sapiência, que nos deu muita confiança e alegria, e sentimos que o medo se foi. Pois primeiramente sentíramos algo parecido com temor em relação a Ele, diante de Quem nosso Príncipe inclinou-se e ajoelhou. Estando eles assim, a luz concentrou-se e envolveu o Homem, enquanto Ele segurava a mão de Harolen, Ele se tornou mais e mais invisível, e então se foi de nossas vistas de onde Ele estava. E a luz se foi, como se Ele a tivesse absorvido n'Ele mesmo, e levado com Ele quando partiu.

Mais uma vez nosso Príncipe ajoelhou-se na estrada, e inclinou seu corpo uns instantes. Então levantou-se e, em silêncio, acenou com suas mãos para nós. Subiu em seu carro e, em silêncio, nós o seguimos em torno da montanha, até que chegamos a um lugar perto de lá, no qual todos aqueles poderiam suportar morar. +

VII - OS ALTOS PLANOS DO CÉU

Sexta, 19 de dezembro de 1913.

"De acordo com a fé que esteja em você". Isto permanece sendo uma promessa de poder até hoje, desde que Ele o disse pela primeira vez; e pode ser retomado com certeza plena de que se cumpre. Somente esta fé deve estar presente, e então esta capacidade manifestar-se-á, de maneiras diversas mas sem incertezas da causa ou efeito.

Veja, isto não é só para você, mas também para nós nestas esferas evoluídas e progressivas. É o exercício de alcançar a fé que nós estudamos como atingir e, quando atingida, temos como ajudar outros e alegrar a nós mesmos. Pois poder dar é alegria e prazer, mais que receber, como Ele disse.

Mas não misture a natureza da fé com o uso dela. Na vida terrena ela é de uma qualidade indefinida no entendimento geral - algo entre crença e um entendimento correto do que é verdade. Mas aqui, onde estudamos todas as coisas em suas essências, sabemos que fé é mais que isso. É a capacidade poderosa de análise científica, numa medida correspondente ao progresso feito por qualquer homem.

Para que possa lhe mostrar da melhor forma o que quero dizer, contarei a você um acontecimento no qual isto é sentido.

Eu estava fazendo uma visitação a certas casas por solicitação de meu superior, para ver o que faziam aqueles que lá moravam, e para ajudá-los no que pudesse, e relatar tudo na volta. Então fui de uma casa à outra, e cheguei finalmente a um chalé num bosque, onde habitavam algumas crianças com seus guardiões. Estes eram um homem e sua esposa que tinham feito sua evolução, no último período de sua ascensão, lado a lado.

Ganharam a guarda das crianças, meninos e meninas, que foram natimortos, ou que morreram ao nascer, ou logo depois. Estes tais não são, como regra, conduzidos a estas Casas nas mais baixas esferas, mas trazidos para mais alto, para seu desenvolvimento. Isto é porque há pouco do que é da terra para ser exigido na natureza deles; e eles também precisam de cuidados mais especiais do que aqueles que, mesmo que pouco, brigaram e desenvolveram na terra a batalha da vida.

Os guardiães cumprimentaram-me, e as crianças vieram atrás deles, para darem suas boas vindas a mim. Mas eram muito tímidos, e não respondiam facilmente à minha conversa com eles a princípio. Todas estas crianças são muito delicadas em sua beleza que chegou até aqui assim, e eu estava muito inclinado a acarinhá-las, estas pequenas ovelhas do nosso Pai e Seu Filho. Então os atraí, e finalmente ficaram mais fáceis de se tratar.

Um pequeno rapaz apareceu perto de mim e começou a brincar com meu cinto, porque o brilho agradou-o, e ele estava interessado no metal. Então sentei num pequeno banco de grama e peguei-o nos joelhos, e perguntei-lhe se ele poderia escolher a coisa linda que o cinto poderia trazer a ele. Ele primeiro ficou em dúvida sobre o significado do que eu dissera e, em seguida, sobre a minha habilidade.

Mas repeti meu convite, e ele respondeu, "Um pombo, por favor, senhor". Ele foi muito polido, e eu disse isso a ele, e disse que quando meninos pedem desta maneira, confiando e acreditando, eles sempre conseguem o que desejam, se aquele desejo for sábio e agradável a nosso Pai.

Dizendo isso, coloquei-o em pé diante de mim, e coloquei meu desejo no que ele pediu. E em instantes a forma de um pombo foi vista no disco de metal que fechava o cinto, e ele foi ficando mais preciso, até que finalmente expandiu para além do disco, e eu o peguei, e era um pombo vivo que ficou em minha mão e arrulhava, e olhava para mim e para o menino, como se

imaginando qual fora a causa de seu ser. Eu o entreguei ao garoto, e ele o pôs em seu peito e correu para mostrar aos outros o que havia acontecido.

Bem, isto havia sido nada mais que isca para pescar mais peixe. É claro que eles vieram, um ou dois, até que veio uma pequena multidão de faces ansiosas olhando para mim, não ousando perguntar, aliás, longe de serem corajosos para tanto. Eu ainda esperei e não disse nada, mas somente sorria a eles em retorno aos seus sorrisos; porque estava dando a eles uma lição do poder da fé, e sua habilitação demandava alguma iniciativa da parte deles.

Foi uma mocinha que primeiramente tomou coragem para dizer os desejos dela e de seus companheiros. Ela andou em minha direção e pegou a borda de minha túnica em sua pequena mão cheia de covinhas e, olhando para mim, disse quase trêmula, "Se fizer o favor, senhor...", e parou e enrubesceu confusa. Então a envolvi em meus ombros e pedi que dissesse seu desejo.

Ela queria um carneiro.

Disse a ela que as ordens estavam chegando em bom estilo, e crescendo logo em tamanho. Um carneiro era um animal de estimação bem maior que um pombo. Ela acreditava que eu poderia dar-lhe um carneiro?

Sua resposta foi bem ingênua. Ela disse, "Se lhe aprouver, senhor, os outros também".

Eu ri cordialmente, e chamei-os para perto, e eles disseram que sim, se eu pude fazer um pombo com penas, eu poderia também fazer um carneiro coberto de lã (mas eles chamavam de pele).

Então sentei e falei a eles. Perguntei-lhes se amavam nosso Pai, e disseram, "Sim, muito, pois foi Ele Quem fez toda esta maravilhosa região, e mostrou para as pessoas como amá-la". Eu lhes disse que aqueles que amavam o Pai eram Suas verdadeiras crianças, e que se elas pedissem ao Pai qualquer coisa sábia e boa, acreditando que Ele estava presente em Sua vida e poder, assim eles seriam capazes de fazer suas vontades usarem

aquele poder, para que a coisa desejada viesse a eles. Então não era necessário que eu fizesse mais qualquer animal para eles, porque poderiam fazê-los. Mas, como seria um caso bem difícil de começar, eu os ajudaria.

Então, ao meu pedido, todos pensaram no carneiro que queriam ter, e então desejaram que viesse a eles. Mas aparentemente nada veio; e eu restringi meu poder dentro de certas limitações, a propósito. Depois de tentarem um pouco, pedi que dessem uma pausa.

Aí expliquei que não havia poder suficiente ainda, mas quando crescessem seriam capazes de fazer até isto, se continuassem a desenvolver sua fé, em orações e amor, e continuei, "Porque vocês têm este poder, somente que ainda não está grande o suficiente, exceto para pequenas coisas. E vou mostrar-lhes que vocês têm algum poder em vocês agora, então continuem a aprender as suas lições de seus guardiões. Vocês ainda não têm poder suficiente para criar um animal vivo, mas têm o suficiente para influenciar um já vivo a vir até vocês. Há carneiros neste estado?

Eles disseram que não havia nenhum, mas que havia alguns num estado bem distante dali, onde estiveram numa visita pouco tempo atrás.

"E vocês", eu disse, "por sua fé e poder trouxeram um destes carneiros até vocês".

Apontei atrás deles e, virando-se, eles viram um carneirinho pastando na grama entre as árvores, a uma pequena distância dali.

Eles ficaram surpresos demais, a princípio, para fazerem alguma coisa a não ser olhar fixo para ele. Mas alguns dos mais velhos se recobraram, levantaram-se e correram, com gritos de alegria até o lugar onde ele estava e este, ao vê-los, correu brincando e saltitando para encontrá-los, parecendo tão alegre quanto eles por encontrar companhia para brincar.

"Está vivo", eles gritavam, e acenavam para chamar os retardatários; e logo o pobre carneiro estava sufocado com afagos e carícias, como se pudesse ser uma criança de sua própria criação. Eu realmente penso que

eles tinham por ele um considerável senso de maternidade e propriedade.

Agora, isto pode parecer mais ou menos casual, de acordo com a inclinação de quem lê. Mas é questão de essência. E direi a você que a pequena linda lição assim dada foi o início do que sucederá, talvez longas eras adiante, na criação de algum cosmos, como poderá ser o de que seu planeta seja um pequeno membro. É assim que os Principados e Poderes começam a treinar para coisas mais poderosas. O que eles me viram fazendo foi um ato de Criação. O que eles fizeram por si, com alguma pequena ajuda minha, foi o começo de tal envolvimento que deverá conduzi-los àquilo que fiz, e então a progredir, como nesta esfera fazemos, de poder a um poder ainda maior, conforme a fé vá incrementando, pouco a pouco, enquanto a usamos a serviço d'Ele Que nos dá dela para a nossa felicidade.

Isto é fé, e invisível a você, ou vista não tão claramente, santificada pelo que ora e tem altas motivações, traz a superação de sua própria satisfação. Use-a então, mas com cuidado, circunspecção e toda a reverência, porque é uma das grandes responsabilidades que Ele confiou a você - e a nós em maior medida - e não é recurso intermediário de Seu grande amor. Que Seu Nome seja abençoado pela generosidade sem limites de Suas dádivas. Amém para sempre. +

Segunda, 22 de dezembro de 1913.

Assim foi, então, na Casa e na escola das crianças. Agora às outras questões daquela jornada.

Entrei numa vila onde havia um pequeno número de casas agrupadas, mas cada qual em seu próprio pequeno domínio. Aqui havia várias comunidades miniatura de pessoas que tinham em mãos ocupações diferenciadas somente em detalhes, mas em geral na mesma linha de desenvolvimento. O cabeça do lugar veio encontrar-me numa ponte que

passava sobre um córrego que circundava bem próximo a este vilarejo e seguia adiante, eventualmente lançando suas águas naquele rio do qual já falamos. Assim que fizemos nossas saudações, atravessamos juntos. Conforme caminhava percebi a limpeza dos jardins e habitantes, e comentei com aquele que me acompanhava.

Poderia dizer seu nome, por favor?

Pode escrevê-lo, Bepel. Continuemos.

Aproximei-me de alguém, entretanto, que não tinha tanta saúde no aspecto, e isto também comentei e perguntei o porquê; pois eu não fui informado de qual razão poderia haver que, nesta esfera, pudesse embargar o progresso de alguém.

Bepel sorriu e respondeu, "Você conhece o homem que vive aqui, ele e sua irmã. Vieram das Esferas Oito e Nove um bom tempo atrás, juntos. Progrediram até aqui e, de vez em quando, voltam para a Quarta Esfera onde têm entes queridos e, em especial, seus pais. Isto eles têm feito a fim de ajudá-los a progredir. Mais tarde vieram a ter um pouquinho menos de seu sossego destas paragens por causa do amor que dedicam a estes de trás. Parece que eles estão fazendo seu progresso muito vagarosamente, e levará tempo antes que alcancem este estado. Estes dois, entretanto, esperam a chegada de alguém que tenha autoridade para permitir que partam para residir com aqueles que querem ajudar, para que sua presença mais contínua pudesse estar à disposição deles, para capacitá-los a progredir".

"Verei estes dois", respondi, e fomos jardim adentro.

Agora, você pode estar interessado em saber como um caso como estes tem ligação com isto aqui, e por isso vou prosseguir, em mais ou menos detalhes, descrevendo o que ocorreu.

Encontrei o irmão num pequeno bosque ao lado da casa e aproximei-me dele, inquirindo sobre sua irmã. Ela estava perto, e fomos procurá-la. Encontramo-la ali, em profunda meditação. Ela estava em comunhão com

seus pais distantes em outra esfera. Eu deveria dizer que ela estava mandando sua ajuda e força sustentadora para eles, porque "comunhão" implica numa ação mútua, e os outros pouco podiam, se nada, ao retornarem seus pensamentos a ela.

Então falei com eles uns instantes, e dei-lhes minha conclusão sobre esta conduta: "Parece que a força requerida para construir seu próprio progresso nesta Esfera está sendo derrubada por aqueles da Esfera de alguns degraus abaixo. Vocês estão sendo puxados para trás pelo amor àqueles que estão ali, e retardaram seu progresso. Agora, se forem à Quarta Esfera e lá fizerem sua habitação, serão capazes de ajudá-los um pouco, mas não muito. Pois, se estiverem por perto, por que teriam eles que se esforçar para galgarem degraus além do que presentemente estão? Não é bom, entretanto, que vão até eles desta maneira. Mas o amor é maior que qualquer coisa, e como é encontrado em vocês e neles, será de grande valia que prevaleça, até quando os obstáculos que agora obstruem tenham sido removidos. Advirto-lhes de que abandonarão seu grau nesta Esfera, mas que virão comigo ao seu Chefe, e pedirei que ele lhes dê ordem para fazerem outro trabalho no qual seu próprio progresso esteja assegurado, e nada impeça o de seus queridos."

Quando parti eles vieram comigo e, depois de consultar seu Senhor Chefe, eu estava feliz em ver que ele, principalmente, aprovou o que estava em minha mente. Portanto ele os chamou, e deu-lhes palavras de aprovação por seu grande amor, e disse- lhes que, se pudessem, se tornassem daqueles cuja missão era ir a esferas abaixo de vez em quando e, lá aparecendo (condicionando-se ao ambiente da esfera na qual devem chegar), despachassem sobre algumas incumbências que ele determinaria. Em tais ocasiões ele poderia requisitar que seus pais tivessem a permissão de vê-los e conversar com eles. Em se fazendo assim, eles poderiam ser atraídos para adiante e para o alto a fim de se aproximarem daquelas suas duas crianças

pertencentes aos reinos superiores.

Além disso, ele aconselhou muita paciência, pois de nenhuma forma eles poderiam ser forçados a subirem, mas devem progredir por seu desenvolvimento natural. Eles concordaram com isso com muita alegria e gratidão no coração. Então o Senhor Chefe abençoou-os em Nome do Mestre, e eles partiram felizes para sua nova casa.

Desta forma você verá, meu amigo e tutelado, que nos reinos superiores de progresso surgem problemas com as características daqueles das esferas apenas acima do plano da terra. Porque muitos lá, também, são atraídos de volta pelo amor daqueles na terra que não progrediram tanto que possam vir em comunhão com seus queridos e com os ajudantes espirituais, e portanto não sobem muitos degraus acima do estado destes retardatários encarnados.

Mas há outros, também encarnados, que, pelo seu próprio avanço fazem realmente pouco ou nada para retardar seus espíritos guias, avançando com eles com esforço árduo, com humildade de coração e aspirações santas, são os que ajudam sempre e não obstruem.

Tenham isto também em mente junto às muitas coisas que aprendeu. É possível, e não somente isso, inevitável, que vocês encarnados na terra realmente ajudem ou puxem de volta seus bons amigos deste lado.

Pense na luz dos Anjos daquelas Sete Igrejas a quem o Cristo enviou palavras pela mão de João. Pois cada um, pelas virtudes ou pecaminosidades da Igreja que tivessem a seu encargo, foi julgado pessoalmente, assim como aquela Igreja que lhe foi dada como responsabilidade por Ele Que avaliou cada uma em seu exato valor; e foi premiado com louvores ou culpas o Anjo guardião de cada Igreja, de acordo com o que mereceu, um ou outro. À medida que o Cristo, o Filho do Homem, identificou n'Ele mesmo a característica dos filhos dos homens, e Ele próprio foi contado para a salvação de seus companheiros por causa da concupiscência deles diante do Pai, assim é cada Anjo-guia contado e

identificado, ele, ou a comunidade na qual ele esteja colocado para servir. Ele se regozija com eles e sofre com eles; alegra-se com eles e lamenta suas falhas. Lembre-se do que Ele disse, pois isso eu vi, não uma vez, nem duas nem três, mas muitas, "Há a felicidade dos Anjos diante da Presença de Deus nos Céus quando um pecador arrepende-se." E acrescente isto, meu irmão, os Anjos brilhantes nem sempre estão rindo - apesar de que riem, e constantemente. Mas os Anjos também podem derramar lágrimas - lamentar e sofrer pelas tristezas e pecados dos que lutam a luta lá embaixo.

Isto não ficará sintonizado com os nossos pensamentos em muitas mentes. Não faz mal, transcreva. E também, por qual razão nos alegraríamos, se não pudéssemos também lamentar? +

Terça, 23 de dezembro de 1913.

Pois tudo isso está tão claramente escrito, que homens e Anjos trabalham juntos no serviço único de Deus, e ainda os homens acham difícil de acreditar que isto seja verdade. É porque direcionam muito os pensamentos às coisas da terra, e muito pouco à origem das coisas materiais. Não é destas forças que entram imediatamente em contato com a matéria para moldá-la e usá-la, mas além, onde eles usam aquelas forças como um oleiro usa argila para fazer seu jarro ou vaso. Isto já foi, de alguma forma, dito a você para transcrever. Esta noite contar-lhe-ei umas narrativas dos feitos deles, como os vemos em seus trabalhos deste lado da fronteira.

Nem todos progridem igualmente em qualquer uma das esferas, mas alguns avançam além dos outros. Aqueles de quem falei por último eram da Décima Esfera. Contarei agora de alguns que avançaram para uma vida maior e mais poderosa.

Em meu caminho, conforme fui seguindo depois de sair da vila onde habitavam o irmão e a irmã, cumpri minha visitação de inspeção a muitos

outros locais. Um destes ficava entre as montanhas em direção à zona que marca o começo da próxima Esfera, superior a esta - não naquele lugar onde encontrei meu guardião, mas a uma altitude similar, e algo mais distante. Neste lugar, subi por um caminho aberto que leva aos planos superiores por entre os picos da cordilheira. Quando comecei a subir, a grama ficou muito verde e as flores grandes e profusas. Os pássaros cantavam no caminho aveludado dentre as árvores folhosas das profundezas da floresta, com suas luzes púrpuras e sombras, e muitos espíritos dos bosques brincavam e trabalhavam com sorrisos brilhantes, e fui dando e recebendo saudações de bênçãos à medida que eu passava por eles, acrescentando alegria à beleza pelo caminho.

Então as vizinhanças começaram a mudar, e as árvores tornaram-se mais estáticas e imponentes, a floresta menos densa e folhosa. Enquanto antes tínhamos clareiras no mato florido e arbustos de folhagem, ali agora apareceram sublimes catedrais de pilares e arcos, como se as árvores lá estivessem e inclinassem suas cabeças para construí-las. Ainda profundas e encantadoras eram as luzes e sombras, mas agora pareciam mais com as de um santuário que as de uma cobertura de folhagens. De largas proporções eram as avenidas pelas quais passei, espalhando-se para todos os lados. Aqui, também, havia um clima de meditação e de poder maior que anteriormente. E fiquei atento aos Espíritos nas colunatas, que eram lindos, com uma beleza maior e mais sagrada que aqueles que deixei lá atrás, nas primeiras colinas. Isto também, à medida que andei, foi dando lugar a cenas mais majestosas e inspiradoras. Gradualmente o país das árvores foi deixado para trás, e sobre o branco, dourado e vermelho dos cumes brincavam luzes que contaram das presenças dos altos reinos descendo para algum assunto, para permanecer um tempo entre estes desta altitude.

Então cheguei a meu destino. Descreverei como posso. Havia um espaço plano, talvez de uma milha para cada lado, num quadrado

pavimentado com pedras de alabastro que aparentavam ter cor de chamas, como se fosse um chão de vidro estendendo-se sobre um reino de fogo, cujos raios pulavam sobre ele e cintilavam através dele, tingindo o ar até algumas centenas de jardas acima. Não havia fogo de tal jeito. Mas é o aspecto que tomou.

Neste espaço deste nível havia um prédio. Tinha dez lados, e cada lado era de cor diferente e numa arquitetura diversa de todos os seus pares. Tinha muitos andares, e elevava-se um pilar resplandecente cujo topo captava a luz que vinha sobre os picos das montanhas, algo longe, algo perto - tão alta era esta torre, como estava lá, parecia um sentinela entre as montanhas do céu, uma coisa muito bonita de se ver. Cobria uma oitava parte do quadrado, e tinha pórticos em cada lado. Então havia dez caminhos para entrar, e alguém vigiando cada um dos dez caminhos. Era um sentinela verdadeiro; pois esta é a Torre de observação das mais altas regiões desta esfera. Mas era mais que isto.

Cada lado estava em contato com uma das primeiras dez esferas; e aqueles que observavam ali estavam em constante comunicação com os Senhores chefes destas esferas. Há muito movimento passando entre estes Cabeças de diferentes esferas continuamente. Aqui elas são agrupadas e coordenadas. Se eu precisasse descer à terra por uma chamada, eu chamaria a Central de Câmbio daquela vasta região, compreendida em todas aquelas esferas, estendendo-se daquelas com fronteiras na zona terrestre, sobre continentes e oceanos e montanhas e planícies do Segundo, e daí o Terceiro, e assim em diante até o Décimo.

Necessário é que aqueles que servem aqui sejam de elevada evolução e sabedoria, e vi que eram assim. Eles eram diferentes dos habitantes comuns desta esfera. Foram sempre corteses com amor e bondade, gentis, e ansiosos por ajudar e agradar seus companheiros. Mas havia estabelecida uma absoluta calma neles que nunca dava lugar à agitação descortês quando

novidades apareceram em seus afazeres e na vida extenuante que eles têm, no contato direto entre eles mesmos. Eles recebem todos os relatórios, informações, requisições de soluções para alguma dificuldade, ou de ajuda de outras formas, em perfeita quietude mental. Quando alguma coisa mais tremenda que o habitual recai sobre eles, ficam imóveis e sempre prontos, silenciosamente confidentes para enfrentar suas empreitadas como devem ser, e com sabedoria para não cometerem erros.

Sentei-me no caminho do pórtico cujo lado estava em comunhão com a Sexta Esfera, estudando alguns de seus registros de eventos passados e seus apontamentos neles. Enquanto eu lia, uma cálida voz sussurrou sobre meus ombros, "Se você não estiver muito interessado, Zabdiel, naquele livro, talvez gostasse de ver o que fazemos ali dentro". Olhei em torno e para cima, procurando quem falou, e encontrei seu lindo sorriso silencioso com um gesto de assentimento.

Fui com ele. Havia um grande saguão de formato triangular e, no alto, o chão do próximo andar. Fomos à parede onde ela faz um ângulo, e ali meu amigo fez-me ficar em pé e escutar. Logo ouvi vozes, e pude discernir as palavras que diziam. Estas estavam sendo pronunciadas num lugar sobre nós, cinco andares acima, e eram transmitidas para baixo, passando através dos andares ao chão, onde havia outras câmaras. Perguntei qual seria a razão disto e ele informou-me que todas as mensagens são recebidas por aqueles que têm sua estação no alto do prédio. Estas extraem as palavras que necessitam para seu trabalho, e permitem que o restante siga abaixo para a câmara abaixo deles. Aqui a mensagem foi tratada de certa maneira, e novamente enviada abaixo. Isto foi repetido novamente e novamente, até que foi deixado passar pelas paredes deste andar térreo, ser mais uma vez peneirado, e o resíduo passa para baixo. Em cada sala havia uma grande multidão de trabalhadores, todos ocupados mas sem pressa, dando conta de seus afazeres.

Agora você pensará que esta é uma maneira estranha de ir ao trabalho. Mas a realidade era mais estranha ainda. Pois quando eu digo que escuto as palavras, eu apenas conto-lhe a metade. Elas eram audíveis visivelmente. Agora, como poderei pôr isto em sua língua? Não posso fazer melhor que isto: Enquanto se olha para a parede (que era feita de diferentes metais e pedras, cada uma vitalizada pelo princípio que aqui corresponde à eletricidade para vocês) é vista uma mensagem no cérebro em vez de opticamente, e, quando se é sensibilizado de sua importância, ouve-se a voz que provém de alguma região distante. Desta maneira fica-se inteirado, na consciência profunda, do tom de voz do que falou, ou seu aspecto, e estatura, e a forma de sua fisionomia, de seu grau e departamento de serviço, e outros detalhes de ajuda para o exato entendimento do significado da mensagem enviada.

Este despachar e receber de mensagens é mantido em alta perfeição nestes reinos espirituais, e nesta Torre de Vigilância com a mais alta perfeição com que eu me defrontei. Não fui competente para traduzir o que vi e ouvi, porque a comunicação veio através das condições de todas aquelas esferas intervenientes, e tornou-se mais complexa do que conseguiria esclarecer. Então ele me explicou tudo mais simplesmente.

Foi por causa de um grupo ter sido mandado da Sexta Esfera para a Terceira, para auxiliar na construção de algumas obras que lá estão sendo encaminhadas. Aqueles que haviam feito o projeto eram de maior evolução, e incluíram nos aparatos e na estrutura de contenção alguma coisa de mais avançado no projeto que não seria possível construir com sucesso sem uma substância daquela esfera. Eu poderia colocar este problema assim a você: se você fosse chamado a construir alguma máquina para manufaturar o éter e convertê-lo em matéria, você não encontraria à mão nenhuma substância na terra suficientemente sublime para reter o éter, que é de uma força maior e mais tremenda que qualquer outra coisa para ser retida dentro daquilo que

vocês entendem como matéria.

Foi um problema algo similar que tiveram que enfrentar agora, e queriam conselhos de como melhor precederem para que a planta pudesse ser cumprida tão completamente quanto possível. Este é um dos mais simples problemas que estes do mais alto recebem para resolver.

Agora, direi mais sobre isto em outra hora. Você está esgotado agora e não consigo palavras em você para dizer o que deveria.

Minhas bênçãos à sua vida e seu trabalho. Esteja seguro e siga em frente bravamente. +

Natal, 1913.

Já falei da ciência daquele Alto Plano e não será de muita ajuda se eu continuar nesta veia; porque a sabedoria e as obrigações existem em variações que você entenderia muito pouco. Eu o confundiria e o que eu poderia trazer a você serviria pouco. Portanto, rapidamente direi o que posso e começarei outro tema.

Fui ao andar seguinte e o encontrei, como os restantes, repleto de serviços, com trabalhadores completamente empenhados neles. As paredes destes amplos saguões são todos utilizados para separar minuciosamente as mensagens, e outros trabalhos parecidos. Não são paredes planas como vocês conhecem, mas todas brilham com radiações multicoloridas, ornamentadas com emblemas, em outras partes em relevo. Tudo isto são instrumentos de sua ciência, e todos são observados, e suas realizações gravadas e consideradas e manuseadas para seu próprio destino, ou para outros dentro do edifício, ou para mais altas ou mais baixas esferas, conforme o assunto em pauta demandar.

Meu bondoso guia levou-me ao topo da Torre, e aqui pude contemplar amplamente a região. Abaixo vi os bosques pelos quais subi. Mais adiante espraiavam-se cadeias e cadeias de altas montanhas, todas banhadas em

intensa luz celestial, cintilando como joias de muitas cores. Sobre alguns destes picos pairava uma beleza cintilante que os alcançava vinda da Décima Primeira Esfera; e eles pareciam vivos e respondendo à presença dos altos seres cuja natureza era de um grau tão refinado que suas formas estavam quase além do círculo de visibilidade para alguém, como eu, da Décima Esfera.

Mas eu sabia que estes tinham vindo de suas regiões brilhantes e estavam em algum compromisso de amor engajado neste meu. Por isso regozijei-me muito ao tomar conhecimento da beneficência de amor e poder enviados a mim, e meu único discurso foi o silêncio, que é mais eloquente que poderiam ser minhas palavras.

Finalmente, quando eu me deleitava nesta grande beleza, meu companheiro gentilmente pôs sua mão em meu ombro e disse, "Agora, meu bom irmão, estes são os altos planos deste céu**.** A quietude é tal que, em sua beleza, preenche-o em reverência, mais, em aspirações santas. Você agora está no topo e na fronteira de seu próprio alcance; e você encontrou aqui um ambiente no qual, por seu próprio esforço, não está habilitado a penetrar. Mas é dado a nós numa confiança sagrada, e a ser usada frugalmente e com discrição, tirar o véu do que está encoberto e observar o que é invisível para nossa visão normal. Você imaginaria que seria dado a você, por poucos momentos, poder olhar para aquilo que está em seu entorno, invisível até agora?"

Neste momento ponderei, algo assustado, porque aquilo que via era tudo o que devia esforçar-me por atingir. Mas, enquanto considerava o assunto, resolvi que, onde tudo fosse amor e sabedoria, nada poderia ferir-me. Então enchi-me de confiança para esta empreitada; e disse-lhe que estava bem.

Então ele se afastou de mim e foi a um Santuário que estava sobre a cobertura desta Torre, e ficou ausente uns instantes, conforme pensei, em oração.

Naquele instante ele chegou, e estava muito mudado; pois sua vestimenta não estava nele, mas ficou nu diante de mim, a não ser um diadema de pedras brilhantes em sua testa. Quão deslumbrante ele estava enquanto permaneceu ali, banhado naquela suave e penetrante luz que se intensificava sobre ele e movia-se e vivificava, até que seu corpo ficou como cristal líquido e ouro, e brilhou tão intensamente que olhei para baixo e cerrei meus olhos diante seu brilho que excedia tudo.

Aí ele falou comigo e pediu que ficasse diante dele, enquanto ele se manteria na retaguarda, usando seu poder sobre mim, mas não me cegando com sua radiação. Assim ficamos, suas mãos sobre meus ombros e sua luz envolvendo-me também, e iluminando todos os lados; ela brilhava longe, atingindo longa distância, até aquelas outras luzes distantes sobre os picos. Assim uma alameda apareceu diante de onde eu estava, seus dois lados limitados com paredes de luz, e o espaço entre elas não era escuro, mas com luz menos intensa.

Eu não pude penetrar estas paredes com minha visão à medida que elas se estendiam sobre os vales e os picos das montanhas, descortinando-as conforme se abriam para todos os lados em grande amplitude mas, quando ficava em pé, como devia ser, bem no ângulo em que as duas paredes de chama viva encontravam-se, exatamente atrás de mim; estando eu diante deste ângulo, havia um espaço amplo entre as paredes de onde eu podia vê-las até bem distante.

Então ele falou novamente e disse-me para observar este espaço. Assim fiz, e ali surgiu uma visão muito deslumbrante ao meu olhar, tanto que eu, que tinha visto muitas belezas e maravilhas, jamais tinha visto algo tão penetrante como isto.

Os dois raios tornaram-se um único em ambos lados do pico da montanha que atingia o céu, uma agulha afiada com menos irregularidades ainda abaixo. Enquanto eu a olhava, começou mudar e vi surgir diante de

meus olhos um enorme Templo, e sobre ele uma hoste de elevados anjos em vestimentas de luz, movendo-se aqui e ali. Havia um alto pórtico e sobre ele estava um grande Anjo que segurava ao alto uma cruz, como se mostrasse aquele símbolo para alguma congregação de pessoas para outra esfera distante. Em cada braço da cruz estava uma criança, uma em vestimenta rosa, a outra em verde e marrom. Elas cantavam uma canção que não pude compreender, e então, quando terminaram, cada uma levou suas mãos sobre o peito e inclinaram a cabeça em reverência.

Mas agora meu guia levou-me pela direita e outra paisagem veio ao meu poder de visão. Sobre a encosta de uma colina eu vi um Trono. Era de luz mesclada com fogo, e ali sentava-se uma mulher que olhava silenciosamente para longe, muito longe, imóvel. Ela estava vestida de um tecido diáfano que cintilava como prata enquanto seu corpo transmitia seu brilho através dele; mas sobre sua cabeça estava um manto de luz violeta que caía sobre seus ombros e para trás, conferindo à sua beleza tal sabedoria que comparei a uma pérola disposta em um cortinado de veludo.

Sobre ela, mas abaixo de seu Trono, estavam seus servidores, homens e mulheres. Eles lá permaneciam em ambos lados do Trono e diante dele, esperando silenciosos. Todos eram de brilho maior que o meu, mas nenhum mais radiante que ela, que permanecia sentada ali, serena em todo seu amor. Observei sua face. Era plena do carinho que nasce do amor e da piedade, mas seus olhos eram escuros com a profundidade de sua alta sabedoria e poder. Ela descansava seus braços nos braços do Trono, e também percebi que todos seus membros emanavam poder, mas um poder mesclado com a gentileza da maternidade.

Então ela se agitou, apontou com sua mão para cá, acenou para outros enquanto determinava sem pressa, mas ativa e incisivamente, seus comandos.

Repentinamente toda aquela multidão estava em movimento. Vi uma

parte subir e volitar como um feixe de luzes indo para longe. Outra parte foi em outra direção. E outra tropa eu vi trazendo cavalos, montaram e cavalgaram rumo ao espaço. Alguns tinham vestimentas fluidas, e alguns estavam encilhados com o que parecia uma armadura. Alguns grupos eram de homens, outros de mulheres, e outros de ambos, homens e mulheres. No tempo de um instante, assim foi, o céu ficou salpicado com diamantes e rubis e esmeraldas, como se estes aparecessem cintilantes em sua forma celeste; e a cor dominante do grupo brilhou em minha direção, enquanto eu permanecia olhando em reverência e silêncio.

Assim a alameda de luz foi movida de lugar em lugar por toda a extensão do horizonte, e a cada pausa, alguma coisa nova havia para eu ver. Cada cenário era diverso em sua característica, mas iguais aos outros em beleza. Desta forma eu vi alguns destes que eram de um grau mais alto de todos os que eu já tinha encontrado no trabalho na seara do Pai. E quando eu vi, pela mudança de cor, que meu amigo tinha se retirado mais uma vez para o Santuário atrás de mim, suspirei pela felicidade suprema, e sucumbi com a glória do serviço de Deus como o que vi em ação entre aqueles que nos observam, enquanto nós também trabalhamos e damos conta de nossas necessidades.

Foi assim que cheguei a entender, como nunca antes, como todas as esferas inferiores são incluídas nestas acima, e não permanecendo altamente definidas, afastadas cada uma de suas companheiras. Esta Décima Esfera incluía nela todas as abaixo e era, por sua vez, incluída nas acima, juntamente com as outras acima da Décima. Isto é bem entendido aqui, até no nosso próprio grau. Mas conforme avançamos, esta inclusão de esferas torna-se mais complexa e maravilhosa, e há coisas para entender nisto que são desdobradas de pouco em pouco. Isto eu vim ver, e estou boquiaberto pelo avanço para adiante que farei quando estiver maduro para tal.

Oh, a maravilha e a beleza e a sabedoria de nosso Deus!

Se o que sei for apenas um pouquinho de Seu plano de amor, então com o que será parecido o total, e quanto de extraordinário!

Veladas ainda estão as glórias menores dos Planos Celestes para os olhos mortais que se esforçam para vê-las. Irmão, esteja feliz por ir devagar a estas coisas. Estas coisas estão veladas por amor e clemência. Pois se pudessem se descortinar sobre você em sua plenitude, sua mente ficaria confusa diante disto tudo, e você por longo, longo tempo poderia temer seguir adiante para que não acontecesse coisa pior a você. Vejo isto agora como antes jamais pude. Isto é sábio e bom - toda a sabedoria e tudo de bem. E sem dúvida, Ele é amor. +

Sábado, 27 de dezembro de 1913.

Bem, foi maravilhoso que a mim fosse permitido ver estas maravilhas daquelas esferas além do meu plano. Pensei nisto depois, e achei que poderia entender algumas das principais intenções e motivos para aquilo que havia visto; mas havia muitas coisas a mais que eu não poderia sondar sem auxílio de modo algum. Uma foi nesta aparição.

Todo o céu entre os dois terminais dos raios de luz que formavam, cada qual, uma parede em ambos os lados de minha visão, estava inundado da cor carmim. Profunda, profunda e intensamente profunda era a região, a qual pude observar, com luz avermelhada. Parecia ser um movimento vulcânico gigantesco, porque nuvens desta luminescência subiam e agitavam-se umas sobre as outras, e levantavam-se grandes pedaços delas mesmas no alto, e varriam de um lado a outro, e desciam encontrando-se com outros blocos de nuvens. Tudo era uma comoção de uma fúria resplandecente e catastroficamente destruidora. Tão terrível pareceu à minha alma aquele redemoinho vermelho que tremi muito de medo daquilo.

"Livre-me disto. Por seu amor, senhor, leve-me diante de alguma cena menos terrível. Porque esta é de um mistério terrível demais para que possa

suportar estar diante de sua grandeza dominadora".

Assim pedi a meu amigo, que respondeu, "Descanse por um pouco, meu amigo, e verá que não é mais terrível. Você está agora olhando em direção às próximas esferas, a primeira destas é a Esfera Onze. Em qual esfera aquela luz brilha não posso dizer-lhe, a menos que eu depois leia o registro dela, mas não foi feita nesta Instituição, mas numa algo distante daqui. Isto que você contemplou está muito além de nosso dever de lidarmos com isso. Pode ser Esfera Treze, ou mesmo Quinze, aquela para a qual você olha tão amedrontado. Não sei. Mas isto eu sei - o Cristo passa por lá, e a Glória Carmim que você vê é a aura de Sua comunhão de amor com Seus amados. Encare firmemente a visão, pois ela não é vista assim tão bem a não ser raramente, e eu tentarei capacitá-lo a penetrar em alguns detalhes intrínsecos".

Senti-o intensificando sua energização sobre mim, e esforcei-me por elevar-me para ir de encontro a seus esforços. Não houve sucesso, entretanto, porque isto estava além de mim, como logo descobri. Tudo o que pude ver, mais do que já lhe contei, foram algumas formas vagas de beleza movendo-se na névoa avermelhada; ígnea glória, nada mais. Então pedi a ele novamente, quase num lamento porque tinha medo, que me tolerasse e retornasse comigo. E assim ele fez. Mas nada mais pude depois. Não tinha coração para outra coisa qualquer. Tudo parecia pálido quando confrontado com o que eu tinha visto, e eu estava mesmo com dor no coração porque não pude seguir adiante, e ser como devem ser os que suportam tanta beleza e ainda deliciam-se em viver. Pouco a pouco recobrei-me e, quando ele veio em direção do Santuário novamente em aparência e vestuário normais, pude então falar a ele palavras de agradecimento por sua grande bondade em me dar o tanto que houvera dado.

Agora, o que posso dizer-lhe mais dos afazeres naquele grandioso local

elevado? Você guardará em sua mente que só um pouquinho de nossa vida e das ações aqui você é capaz de entender, e somente em parte. Por causa disto, tenho que escolher muito cuidadosamente quais itens vou lhe mostrar; que eles estejam num grau tal que eu possa reproduzi-los em sua mente e no palavreado da terra. Mais uma coisa eu penso que posso redigir.

Quando as maiores visões estavam terminadas, ficamos uns instantes a mais naquela cobertura, e olhei para o país em torno de nós. Percebi, a alguma distância em direção à Nona Esfera, um enorme lago com uma floresta em torno e, aqui e ali, uma ilha, com edifícios agrupados entre as árvores ou despontando sobre elas. Também ao longo da floresta havia, agora aqui, agora lá, uma torre para ser vista. Perguntei ao meu guia que colônia seria aquela; porque parecia ser uma colônia pois estava tão bem disposta, parecendo um assentamento.

Ele disse-me que há muito tempo atrás uma dificuldade surgiu no trato com aqueles que chegaram nesta esfera vindos de outras regiões, os quais não tinham ainda progredido em todas as direções como haviam feito em alguns ramos da ciência celeste - eu não estou satisfeito com isto; tentarei tornar mais claro.

Há alguns que progridem igualmente em todas as suas faculdades; mas outros não desenvolvem todas as suas faculdades da mesma forma, ao longo de seu caminho de progresso. Estes, a minoria, são Espíritos muitíssimo evoluídos e chegaram à Décima Esfera no devido curso. Mas se tivessem desenvolvido seus poderes negligenciados na mesma proporção que os outros, teriam chegado aqui muito mais cedo.

Ainda mais, chegados aqui, eles estão justamente em uma altitude tal, que o que serviu a eles nas esferas para trás, não servirá mais nas futuras. Eles devem tornar-se mais equalizados com o que está adiante em suas faculdades, e portanto melhor balanceados por igual.

O problema que originou o estabelecimento daquele assentamento não

foi outro que não esse. E ali eles continuam fazendo seu trabalho de ajuda aos outros, enquanto treinam a si próprios. Você pode se perguntar onde estaria a dificuldade. Se você pensou assim, é porque aqui prevalece uma perfeição muito mais complexa de condições aqui que no seu caso.

Isto surge do fato de estas pessoas serem realmente da Décima Esfera em alguma porção de seu caráter, e talvez da Esfera Onze ou Doze em outra porção. E a dificuldade é esta: Eles em alguns pontos estão avançados demais em poder e personalidade para o atual ambiente, e ainda são incapazes de prosseguirem para a próxima esfera, onde seus pontos inferiores sofreriam danos e seria catastrófico que provavelmente fossem lançados para muitas esferas abaixo, onde estariam facilmente tão imperfeitos quanto antes.

Tornei claro o caso deles? Se você tirar um peixe da água mais densa para o ar mais rarefeito, você fará um desastre. Se tirar um mamífero da floresta e atirá-lo nágua, ele também morrerá pelo elemento mais denso. Um anfíbio é capaz de viver, se ele tiver água e terra seca. Mas coloque-o em terra seca apenas, e ele adoecerá. Coloque-o somente na água, e da mesma forma adoecerá.

Agora, estes de quem estive falando não são como estes, mas a analogia será suficiente para ajudá-lo a entender seu caso. Para eles, estar aqui é como estar numa gaiola. Para eles, penetrar no mais alto seria como uma traça voando para o fogo.

E como se lida com o caso deles?

Eles estão lá para lidarem com eles mesmos. Penso que eles estão somente a caminho de encontrar a melhor solução para o problema. Quando fizerem isto prestarão um serviço a esta esfera que será cuidadosamente registrado para uso futuro. Isto está continuamente acontecendo em vários ramos de estudo. Penso que eles atualmente têm sido capazes de classificar a si próprios de acordo com suas características, e estão trabalhando numa

espécie de sistema recíproco. Cada classe esforça-se por fomentar nos outros aquela virtude e poder que ele tem e nos outros falta. Assim cada um procede, e há um sistema muito complicado de educação que foi atingido, que é intrincado demais até para aqueles que habitam nos Altos Planos para analisar. Mas alguma coisa acontecerá que, quando finalmente amadurecerem para subirem, acrescentará em poder e influência a esta região, e isto, penso eu, numa larga escala.

Assim é que aquele serviço mútuo é prestado, e o prazer verdadeiro em progredir é ajudar os outros nesta direção, conforme nós vamos indo. Não é assim, meu amigo e tutelado?

E assim, minhas bênçãos, e boa noite. +

VIII - VINDE, VÓS ABENÇOADOS, E HERDAI

Segunda, 29 de dezembro de 1913.

De outras coisas que vi lá, eu falarei agora. É mais fácil descrever em sua linguagem terrestre as paisagens e as pessoas e as atividades de quem esteja naquelas esferas mais perto da terrestre. Quanto mais alto se vai, mais aparecem dificuldades no meio, e esta esfera é algo sublime comparativamente, e isto que acabo de escrever é dos Altos Planos desta esfera. Assim, como disse antes, sou apenas capaz de dar uma visão resumida e inadequada deste plano e de suas glórias. Portanto sigo para assuntos de importância mais imediata para você, e não menos úteis.

Eu cheguei até o instante em que estava em meus ombros, pelo Anjo Chefe Senhor desta Décima Esfera, a tarefa de minha jornada pela Quinta Esfera num propósito especial, que explicarei agora.

Eu devia ir à Cidade Capital daquela região e, apresentando-me ao Chefe, inquirir pela razão de eu ter vindo até ali. Ele dir-me-ia tudo, tendo já recebido o comunicado de minha chegada. Não era para eu ir sozinho, então comigo foram três colegas para minha companhia.

Quando chegamos ao nosso destino, encontrei facilmente a Cidade, visto que eu a conhecia desde o tempo em que fui habitante naquela esfera. Mas quão diferente tudo parecia agora para mim, depois de tão longo tempo passado e tantas experiências minhas. Pondere, amigo. Esta era a minha primeira vez que voltei para lá desde que evoluí da Esfera Cinco para a Sexta Esfera; e depois desta e das outras, fui trabalhando minha trilha evolutiva até que alcancei a Décima. Aí, depois de todos estes estágios, e cada qual com sua vida movimentada e muitos incidentes que me fizeram mudar e desenvolver, voltei a esta Esfera mais uma vez. Era estranha, mas

muito familiar, mesmo nos detalhes. A estranheza estava naquilo de glória que, quando vim da Quarta Esfera para cá pela primeira vez, parecia tão grandiosa para minha compreensão. Isto me ofuscava. Mas agora meus olhos têm que se adaptar à sua obscuridade e à necessidade de luz.

Enquanto passamos através das esferas intervenientes, nós nos condicionamos a cada uma, mas prontamente seguimos. Quando alcançamos os confins da Quinta, entretanto, descemos e fomos a pé, vagarosamente, dos mais altos aos mais baixos planos, para que pudéssemos crescer naquelas condições pouco a pouco. Porque talvez devêssemos permanecer ali por algum tempo, e portanto deveríamos estar melhor adaptados para suportarmos e cumprirmos o trabalho que era nossa obrigação fazer.

Foi interessante, como numa experiência, o descer de uma região montanhosa para os planos inferiores. Havia, à medida que descíamos, uma escuridão contínua sempre crescente, e assim íamos acostumando os nossos olhos e corpos continuamente para esta condição. A sensação era estranha e não desagradável; e para mim era quase que nova naquele instante. Descortinava-se para mim a sabedoria maravilhosa que está em tudo e em todos os detalhes necessários destes reinos, este coajustamento entre luz e menos luz, conforme íamos de uma em direção a outra.

Se você entende alguma coisa de minha narrativa, então tente imaginar o que significa para nós passarmos através de todos estes reinos menos iluminados até chegarmos ao seu próprio, para conversarmos com vocês como estou fazendo agora. Então você não estranhará, penso eu, que às vezes temos muito a fazer para entrarmos em contato com vocês, e frequentemente tudo falha. Se pudessem ver as coisas deste lado do Véu, vocês não se encantariam com isto - a maravilha está bem perto, mas no outro lado.

Agora vou contar a você sobre a Cidade.

Ficava na planície perto na parte central da região sobre a qual o Anjo Senhor ministrava seu governo. Não tinha paredes, como a maioria das cidades como esta tem; mas havia a série usual de Torres de Observação, e havia algumas fora na planície, solitárias, e outras na Cidade, aqui e ali, em posições escolhidas cuidadosamente. A Casa do Chefe era quadrada, no alto da Cidade, e tinha um grande portão.

Agora vou contar a você, não como aparece para nós que chegamos de um lugar mais alto, mas como é vista pelos olhos daqueles cujo ambiente normal é a mesma esfera, ou seja, os habitantes da Esfera Cinco.

O Grande Portão é de pedra líquida. É assim que deve literalmente ser lido. A pedra não era sólida, mas em fluxo; e as cores do portão mudavam de momento a momento, afetadas tanto pelo que vinha de dentro da Casa, como também do que provinha do Plano anterior. Ele era também afetado pelas Torres de Observação da Planície; mas somente por aquelas neste lado, não pelas outras do outro lado da Cidade, que estavam em contato com estações em outros lados do Palácio. Era muito bonito de se ver, aquele portal, volumoso nos dois lados e fundindo-se na parede da estrutura principal, sólido sobre o arco quadrado, e mutante em beleza conforme as cores variavam. Somente uma parte era constante, e era a grande pedra fundamental, no meio, a qual, sempre e para sempre, brilhava vermelha pelo amor.

Passamos para dentro e encontramos câmaras espaçosas sobre o portal, no qual estavam os gravadores que liam as mensagens e as influências vindas pelo Portão, dividindo-as em seus próprios grupos, e enviando-as aonde deveriam ir. Eles esperaram por nossa chegada, e dois jovens estavam aguardando na estrada além do Portão para nos levar ao Anjo Senhor.

Passamos pela larga avenida, onde andavam pessoas de rostos felizes, como todos por aqui. Eu simplesmente transcrevo isto para vocês que,

algumas vezes ou frequentemente, não sorriem pelo contentamento interior. Para nós é, como diríamos, o céu hoje é azul no Egito durante o verão.

Então chegamos ao edifício principal dentro das paredes do Palácio, o qual era o local próprio do Chefe.

Subimos os degraus diante dele e passamos através de um pórtico que dominava a fachada, e através de uma porta para o Saguão central. Este também era quadrado, construído em altos pilares de pedra líquida, como o Portal; e também estes estavam mudando continuamente em seus matizes, mas nem todos estavam com a mesma tonalidade de cor em nenhum momento, como acontecia no Portal. Eles eram diferentes. Havia vinte e dois deles, e cada um era diferente. Raramente havia dois deles com a mesma cor ao mesmo tempo; e isto dava um aspecto muito agradável para aquele local. Eles eram feitos para mesclar juntos suas belezas numa ampla cúpula de cristal acima, e aquilo dava uma visão ainda mais encantadora, e você deve tentar imaginar, porque está além da minha capacidade de descrever.

Fomos convidados a descansar neste saguão e a recostar em sofás perto das paredes para observarmos o jogo das cores. Assim que o fizemos, o efeito pareceu nos invadir e dar-nos uma paz e uma tranquilidade que nos fez sentir quase em casa, neste antigo-novo ambiente.

Neste momento vimos um raio de luz vindo de um dos corredores que davam para o Saguão. E dali o Chefe veio até nós e curvou-se e tomou minha mão, e saudou-me muito gentilmente. Ele era da Sétima Esfera, e condicionado para a Quinta, como é necessário, para governá-la.

Era muito bondoso, e fez tudo o que pôde, amorosamente, para que nos fosse permitido qualquer coisa; e então fomos à Sala da Presença, onde estava sua Cadeira de Estado, na qual ele me fez sentar, com meus companheiros em torno de mim, e ele bem próximo.

A palavra foi dada e um grupo de mulheres veio ao Saguão e

cumprimentou-nos com cortesia. Aí então o Chefe expôs a natureza de minha visita, a mim e a meus companheiros, enquanto as mulheres permaneceram diante de nós em suas lindas vestimentas azuis e brancas; mas suas joias foram deixadas para trás nesta ocasião. Assim elas estavam muito doces em sua simplicidade ao trajar, o que nelas realçava mais ainda a conduta recatada diante do nosso grupo, nós que éramos de algumas esferas adiante.

Isto me comoveu muito, então pedi que ele me desse uns instantes antes de continuar. Então, descendo ao chão, fui até elas e abençoei cada uma, minha mão sobre a cabeça de cada uma, e acrescentando palavras gentis. Depois disto sua timidez foi afastada, e então olharam e sorriram para nós, e ficaram todas à vontade.

Agora sobre a audiência que se seguiu contarei na próxima vez em que você se sentar comigo. Tenho muita coisa a dizer do que devo contar para que você possa entender as condições e os costumes destas paragens. Então deixemos isto por agora. Eu as abençoei com palavras e um toque; e elas me abençoaram com seus sorrisos alegres. E assim todos ficamos abençoados, uns aos outros. Assim é conosco. Deixe que seja assim com vocês embaixo. É melhor que de qualquer outra forma.

E assim, com bênçãos, deixo você agora, meu tutelado, neste momento, pedindo que não agradeça por isto. Pois quando abençoamos, é o nosso Pai que abençoa por nós, e Suas bênçãos passam através de nós, deixando algo de sua graça em nós em sua passagem. Lembre isto também, e saberá que aquele que abençoa seus companheiros é abençoado por assim fazê-lo. +

Terça, 30 de dezembro de 1913.

Continuando:

Eles permaneceram ali diante de mim e eu tentei achar a razão de minha chegada, mas não pude. Então virei-me para o Anjo Senhor pedindo para

que me orientasse neste assunto, e assim me respondeu ele:

"Estas nossas irmãs foram trazidas aqui juntas, trabalharam assim, em um só grupo, por estas últimas três Esferas. Nenhuma delas iriam na frente se fosse para deixar as outras para trás; mas se uma fez seu progresso mais rapidamente, então esta fica para ajudar aquelas que atrasaram um pouquinho, e elas juntas vêm vindo até que este lugar se abriu para a entrada delas. Agora elas progrediram e mereceram seu avanço para adiante, se o senhor assim julgar que seja feito com elas. Elas esperam por sua sabedoria para finalizar isto, porque acabam de saber que, se estiver cedo demais para irem para o próximo céu acima, seu progresso será mais retardado".

Sendo desta forma completamente esclarecido, ocorreu-me que eu também estava sendo testado. Este fato foi escolhido para mim pelo meu próprio Governador para que, sem premeditação, eu estivesse face a face com um problema e minha inteligência fosse posta em jogo na resolução dele. Isto aumentou minha alegria, pois é assim o modo de ser nos nossos reinos; quanto mais difícil a tarefa, maior o prazer, conhecendo a confiança de nosso Líder no que nós somos capazes se quisermos.

Então pensei um pouquinho e rapidamente, e foi assim que medi a situação. Havia no total quinze delas juntas. Então dividi-as por três, e mandei cinco para cada caminho na Cidade. Demandei que elas trouxessem uma pequena criança, uma para cada grupo de cinco; e a criança deveria contar-me sobre a lição que elas iriam lhe dar, a respeito do que ele necessitava saber acima de tudo.

Uma após outra, elas retornaram, e com elas estavam três pequenas lindas crianças. Dois eram meninos e uma menina.

Agora, elas chegaram quase juntas, mas não totalmente. Por este fato eu soube que não haviam se encontrado umas com as outras pelo caminho, ou teriam juntado forças, e não dividido novamente, pois seu amor quando

juntas era muito forte. Então pedi que pusessem a criança diante de mim, e ao primeiro menino eu disse, "Agora, pequeno, diga-me que lição aprendeu destas gentis mocinhas".

A isto, ele respondeu muito agradavelmente, "Se isto lhe agrada, brilhante senhor, vim até aqui sem conhecer a terra de Deus, porque minha mãe deu meu espírito para os planos celestes antes de dar meu corpo para a terra. Estas senhoras-irmãs, entretanto, instruíram-me, no caminho, que eu devo saber que a terra de Deus é o berço destas esferas mais brilhantes. Nela estão menininhos protegidos com muito embalar para lá e para cá; e não é conhecida a paz, como nós a conhecemos aqui, até que a terra seja deixada para trás. No entanto, é do mesmo Reino do Amor de nosso Pai, e devemos rezar por aqueles que estão sendo abalados impiedosamente, e por aqueles que abalam tão duramente."

E então ele acrescentou, pela perplexidade ao receber esta última injunção, "Mas meu senhor, isto fazemos sempre, porque é parte das lições de nossa escola fazermos assim".

Sim, foi uma boa lição, eu disse a ele, e que exibia a imposição por outros lábios, os de seus próprios professores; e ele foi um bom menino por ter dado sua resposta tão bem. Então chamei o outro pequenino, e ele veio a meus pés e tocou-os com sua pequena e macia mãozinha e, olhando para mim muito docemente, ele disse, "possa eu agradar ao senhor, bondoso senhor...". Mas isto não pude aguentar. Parei-o, peguei-o no colo, e beijei-o, cheio de lágrimas de amor, e ele olhando para mim numa submissão misturada de surpresa e prazer. Então pedi que continuasse, e ele respondeu que não conseguiria com facilidade e perfeição se eu não o pusesse no chão a meus pés novamente. Fiz isto, eu agora maravilhado, e ele continuou.

Ele deixou sua mão novamente em meu pé exposto debaixo da roupa, e disse muito solenemente, continuando exatamente onde eu o tinha interrompido tão cedo, "que os pés de um anjo são belos de se ver e tocar -

para ver, porque um anjo é bom, não só de cabeça ou coração apenas, mas da maneira que se porta no serviço de nosso Pai; de se tocar, pois sempre caminham suavemente - suavemente onde os homens sentem o peso da reprovação pela má conduta, e suavemente quando ele nos pegam em seus braços na tristeza, para conduzir a estes planos mais brilhantes, de conforto e alegria. Nós devemos ser anjos um dia, não mais menininhos, mas grandes e fortes e brilhantes, e tendo muita sabedoria. E então devemos lembrar disto, naquele dia alguém do mais alto grau vai nos mandar para a terra também, tanto para aprendermos quanto para ensinarmos; porque lá há muitos que necessitarão de nós, embora nós não necessitemos de quem venha tão cedo para cá. Assim as senhoras-irmãs instruíram-me, senhor anjo, e eu sei que é como elas disseram desde que vi o senhor aqui".

Agora, o amor das crianças é sempre tão doce para mim que, de certa forma, tira- me a ação, e de fato admito que por instantes abaixei a cabeça e olhei para as dobras do meu colo enquanto meu peito arfava em um quase doloroso êxtase. Então chamei os três, e eles vieram - muita alegria em suas faces, mas muita cautela em seus passos - e ajoelharam-se cada um a meu lado e a menininha diante de meus joelhos. E os abençoei muito sincera e amorosamente, e beijei suas doces cabeleiras encaracoladas, e então sentei os garotos no degrau ao meu lado e, pegando a pequenina no meu colo, pedi-lhe que contasse sua história.

"Possa... isto... agradar... o senhor..., senhor...", ela começou, e disse cada palavra tão cuidadosamente separada das outras que dei uma gargalhada; porque eu sabia que ela havia omitido o "gentil", ou "bondoso," ou qualquer outro adjetivo carinhoso, temendo um maior vexame, e desejando, em sua virginal modéstia, evitar tudo aquilo.

"Senhorita", eu disse a ela, "você é mais sábia que os da sua idade ou tamanho, e promete ser uma mulher muito competente algum dia, que governará bem onde for colocada".

Ela olhou para mim em dúvida, e depois para os que estavam em torno, que estavam gostando muito desta conversa incomum. Então, falando mansamente, encorajei-a a continuar. E isto ela realmente fez, como fizeram os meninos, retomando do ponto onde havia interrompido, "que as meninas são as fêmeas de Deus para alimentar em seu seio Suas ovelhas, mas não até que tenham crescido em sabedoria e amor, mas enquanto seus corpos crescem em estatura e beleza. Então devemos ter sempre em mente a maternidade que está em nós, porque nosso Pai a pôs ali, enquanto dormíamos no útero de nossas mães, antes de nosso Anjo nos acordar e nos trazer a estas abençoadas Casas. E nossa maternidade é muito sagrada por muitas razões, e a melhor de todas é esta: Nosso Salvador, o Senhor Cristo (aqui ela cruzou suas pequeninas mãos cheias de covinhas em seus peito e, com os dedos entrelaçados, inclinou-se muito reverentemente, e erguendo-se continuou), nasceu de uma mulher, a quem Ele amou, e ela o amou. Quando eu crescer, serei chamada por aqueles que não têm suas mães como as que temos aqui, nem conhecem o amor carinhoso de mãe como o das nossas. E então será perguntado a mim se desejaria ser mãe de alguns que não nasceram de mim, mas que estão necessitando extremamente de uma como eu. Então deverei colocar-me em pé, ereta e forte, e responder, "Mande-me daqui destes lugares brilhantes para aqueles mais trevosos; porque estou desejosa de sofrer com eles, se eu puder porventura ajudar e criar aqueles pobres pequeninos; porque eles são cordeiros de nosso bom Pastor Que os ama; e eu também os amarei por seu amor, como também por eles".

Eu estava muito comovido por estas três respostas. Bem antes de serem completadas eu já havia concluído vários pontos que me mostravam que estas mulheres deviam seguir adiante, e juntas, para os planos mais altos; por que elas eram merecedoras disto.

Então respondi-lhes desta forma. "Minhas irmãs, saíram-se muito bem

nesta matéria; e seus estudantes fizeram muito bem sua parte. Percebo, entre outras coisas, que vocês aprenderam o que havia aqui para ser aprendido, e que farão os trabalhos da próxima esfera além. Mas também aprendi que farão bem em seguirem juntas como até aqui, pois, apesar de instruírem estes pequenos filósofos em separado umas das outras, o teor de suas respostas é o mesmo - amor por aqueles na vida terrena, e seu compromisso para com eles. Portanto vejo que estão em tal concordância neste propósito que será mais produtivo que sigam juntas do que apartadas".

Então abençoei-as e disse-lhes que iriam conosco quando estivéssemos prontos, logo mais.

Bem, vários pontos eu não havia percebido em suas instruções, mas os captei em nossa jornada juntos, quando pude então explanar em meu lazer. Um deles foi: Tão completamente voltadas a alguém estavam estas quinze amáveis almas, que em suas várias instruções das crianças, elas se fixaram em uma fase de compromisso e serviço somente. Todas estas três crianças e, por implicação, todos os que para aqui vieram desde seu nascimento, seriam mandados de volta para ajudar aqueles da terra, guardando-os e protegendo-os. Todas elas juntas perderam a visão de todos os outros desdobramentos de obrigações distribuídos àqueles como elas; e o fato seguinte é que somente uma pequena porção daqueles que vêm para cá da maneira que estes vieram são de fato mandados de volta para missões de trabalho na terra, pela razão de ser sua natureza muito refinada mais compatível com outros trabalhos.

Não mais me alongarei agora, então envio-lhe o Amor de Deus e bênçãos, e para seus próprios cordeiros também, e suas próprias fêmeas. Creia-me, meu amigo e tutelado, estes deste Reino olham com olhos ternos para aqueles que suportam sua carga com amor, e mais se ajustam a estes Reinos de muito amor, para quando aqui chegarem. Tenha sempre isto em mente e esteja feliz por isto ser assim, e na força de todos os pais e mães

entre vocês que assim fazem. +

Quarta, 31 de dezembro de 1913.

Antes de seguirmos adiante, descreverei a Cidade na qual estas coisas se passaram, pois a Quinta Esfera, como a conheço, tem certos pontos que lhe são característicos. A maioria das esferas, mas não todas, tem uma Cidade de Chefia; mas a Esfera Cinco tem três, e há três Senhores Chefes que administram seu governo.

A razão para este triplo domínio ser encontrado nesta Esfera está na altitude, na qual, em sendo atingida, uma escolha deve ser feita pela maneira particular que se seguirá daí em diante. É uma espécie de sala classificatória, conforme se declararem para os grupos nos quais são classificados os habitantes no curso de sua jornada, e prosseguem seguindo aquele ramo especial de serviço para o qual estiverem mais apropriadamente ajustados.

Estas três Cidades estão cada uma perto da fronteira de um enorme continente plano, e uma linha desenhada unindo-as formaria um triângulo equilátero. Por esta razão a principal estrada de cada Cidade sai da maior quadra, onde está a Casa, como um leque através da Cidade, e em frente, em linhas retas atravessando o continente aberto. Estas se comunicam com as duas outras Capitais e os agrupamentos da planície. Mas no meio do triângulo há um Templo de Reverência e Oferta que se localiza numa enorme clareira circular no meio da floresta. Todas as estradas estão ligadas a este Templo por outras transversais, e para cá, em certas épocas e estações, vêm representantes das Três Cidades e aldeias sobre seu encargo, para unirem-se em reverência a Deus.

E milhares, dezenas de milhares vêm de uma só vez de todos os cantos da esfera, e é uma visão maravilhosa de se ver. Eles vêm em grupos, e encontram-se juntos na clareira, a qual é uma grande extensão de gramado.

Ali misturam-se, e todas as diferentes cores da esfera também mesclam-se, o que faz o espetáculo lindo de se presenciar.

Mas mais agradável que isto é o senso de unidade na diversidade. Alguns estão começando a progredir adiante na sua direção, e outros em outra; mas sobre aquela vasta assembleia, nela, e através dela pulsava a única nota vibrante de profundo amor; e todos sabem que isto é um suporte e, qualquer que seja seu futuro destino, pode capacitá-los para alcançar um ao outro em qualquer parte do amplo domínio de Deus que eles estejam para sempre. Por isso não há pressentimentos de separação premente. Não se conhece isso aqui. Pois onde estiver o amor, aquilo que conhecem como separação, e sua dor, não pode advir. Mesmo na terra deveria ser assim, e não haveria homem pecador, e portanto saído do caminho certo da evolução. Será difícil para eles recuperarem isto agora; mas é possível, porque a faculdade continua, mesmo se permaneceu desacordada, exceto em muito poucos.

Agora devemos ir adiante, para o próximo estágio de minha jornada, onde eu deveria levar meu grupo ampliado para a Sexta Esfera, e ali entregar as mulheres ao Chefe daquela região.

Chegando ali, fomos alcançados, algo afastado da Cidade Capital, por um grupo de boas vindas. Pois eu havia mandado uma mensagem de nossa chegada dos altos planos da fronteira da Quinta Esfera. Eles vieram, e entre eles estavam alguns que conheciam estas mulheres, e a amizade foi retomada com muita alegria e muitas bênçãos.

Quando nós chegamos a uma cidade que seria seu lar por uns tempos, os cidadãos vieram em trajes brilhantes, mulheres, homens e algumas crianças. Chegaram ao longo da alameda onde estávamos naquela hora para encontrarem conosco. As árvores que cresceram em ambos lados encontravam-se no alto em alguns lugares e, escolhendo um destes lugares, a comitiva chegada parou e aguardou nossa chegada. O cenário era muito

parecido com as partes internas de uma catedral, com um telhado de folhas enfeitado com gemas de luz; e as pessoas eram o coro e os frequentadores.

Eles trouxeram guirlandas de flores e plantas, e lindos buquês e joias para suas novas irmãs. Com isto eles as enfeitaram, e suas peças de vestuário menos brilhantes desapareceram diante das novas roupas apropriadas à Esfera na qual estavam chegando agora. Então, cada uma misturou-se com suas amizades, todos felizes por saudarem e serem saudados pela chegada ao lar; elas que tinham chegado viraram-se e encheram o ar com um doce enlevo e com instrumentos melodiosos, e cantaram enquanto seguíamos adiante em direção à cidade. Agora as pessoas do local aglomeravam-se nos muros e torres e portões, e gritavam saudações de boas vindas para acrescentar alegria à alegria já grande.

Assim é que iniciantes se fazem conhecer em sua boa vinda, e, quando duas ou três Esferas são ultrapassadas, ninguém teme mais que a estranheza dos novos lugares ou rostos possa sequer macular seu progresso; porque tudo é amor, conforme logo chegam a saber.

Fomos por um pórtico à cidade, e chegamos ao Santuário. Era um prédio oval de uma arquitetura muito agradavelmente proporcional. O todo, na planta, era por uma significação, na forma de dois círculos unidos. Eles simbolizavam, um o amor e o outro a sabedoria; e a sutil junção destes na torre central interna era muito agradavelmente arranjada. Aqui a luz jamais era parada, mas sempre mutante como aquela do Saguão dos Pilares que já descrevi antes. Apenas aqui havia duas cores dominantes, uma o rosa avermelhado e a outra violeta com verde e azul.

As mulheres foram levadas para dentro, e uma grande congregação ajuntou-se ali. Então elas foram até um lugar mais elevado no centro do Santuário, e fizeram-nas ficar ali por um tempo. Os mantenedores do Santuário, juntamente com o seu líder, fizeram então suas oferendas de preces, quando os frequentadores juntaram-se a eles, e uma nuvem de névoa

brilhante saiu deles até o entorno das mulheres novatas, e banhou-as nas condições da nova esfera.

Quando isso passou por elas e flutuou para cima, formando um pálio no alto, todos então permaneceram em profundo e silencioso êxtase, observando a maravilhosa nuvem, conforme ela subiu e também cobriu o espaço sobre todas as pessoas. Aí chegou o som de uma música, como se estivesse distante, apesar de vir de dentro da edificação. Era tão suave e doce, e mesmo assim tão cheio de poder, que todos nos sentimos estar na Presença, e inclinamo-nos em adoração, sabendo que Ele está sempre próximo.

Aquela música sumiu, mas ainda permaneceu conosco, pois parecia tornar-se parte da nuvem de luz acima de nós. E, de uma forma que você ainda não pode entender, isto é realmente a verdade. Assim, aquela nuvem de cor e melodia desceu gradualmente sobre nós e foi absorvida por nossos corpos, e nos fez sentir todos unidos nas bênçãos do santo amor.

Não havia Manifestação a mais que eles pudessem ver naquele instante. Mas eu, cujas faculdades tinham sido longamente treinadas, vi o que eles não puderam ver, e soube daqueles que estiveram presentes invisíveis a eles; e também soube de onde a voz veio, e o tipo de poder dado na bênção.

Mas eles foram embora, todos contentes e muito felizes juntos, e as quinze não menos que todos eles.

E, Zabdiel, o que você ficou fazendo todo este tempo? Porque suponho que era o mais alto em grau ali, não era?

Tornar-se-ia imperfeito se eu dissesse de mim, que nada fiz a não ser administrar um trabalho num serviço muito feliz. Os ponto principais de interesse eram aqueles quinze. Havia três e eu de nossa esfera, mas nenhum outro de alguma esfera acima daquela. E para nós aquelas pessoas foram muito amigáveis e muito bondosas e amorosas; e tivemos muita felicidade com elas por esta razão. Antes que pudessem sofrer por deixarem seus

amigos para irem para casa depois disso, as quinze queridas mulheres precisaram resistir para voltarem-se a nós e agradecer-nos, e disseram palavras muito agradáveis de gratidão. Nós demos as nossas palavras em retribuição e prometemos que voltaríamos novamente depois de algum tempo para perguntarmos de seu progresso e talvez darmos algumas palavras de aconselhamento. Isto se fosse por sua própria vontade; pois elas também mostraram uma sabedoria corretamente aplicada. Será útil a elas, eu sei, e não será uma ajuda usual porque não será pedida frequentemente.

Portanto veja que a regra aqui é, como para vocês, como Ele disse, "Para aqueles que pedirem será dado". Estas palavras, meu irmão e bom amigo, eu deixo com você para que medite, com meu amor e boas palavras de bênção". +

Sexta, 2 de janeiro de 1914.

Gostaria que agora voltasse sua mente para minha própria Esfera, porque há afazeres aqui sobre os quais gostaria de contar-lhe. Pelo tanto que progredimos em aprender de Deus e Seus caminhos de sabedoria, neste mesmo grau chegamos a entender quão simples, ainda que tão complexas, são Suas forças em ação. Isto é paradoxo, ainda que verdadeiro, apesar disso. A simplicidade é encontrada na unidade das forças, e no princípio no qual são usadas.

Por exemplo, o amor fortalece, e menos amor enfraquece, na proporção de sua falta, cada corrente de poder que vem do Supremo Pai para nosso uso em Seu serviço. Aqueles que atingiram esta esfera são competentes, pela sabedoria que atingiram, de assimilar isso em suas próprias personalidades, e ver a tendência das coisas. Vemos, conforme nos aproximamos da Luz Inatingível, que todas as coisas têm uma tendência em direção a um princípio central, e que é o Amor. Vemos o Amor como Fonte de todas as coisas.

Encontramos dificuldades conforme nos afastamos de sua Fonte e Centro. O Amor continua rumando adiante, mas tem, necessariamente, que se tornar adaptado por causa da menor sabedoria das personalidades que prestam o serviço de Deus, e não é, por isso mesmo, tão claramente visto. Quando estas vibrações de atividade espiritual, emanadas por inúmeros trabalhadores do único grande Planejamento, alcançam o cosmos material, a dificuldade de adaptação e coordenação é muito mais aumentada. Se, então, mesmo na terra, Seu Amor pode ser discernido por aqueles que por si mesmos amam, em muito maior grau manifesta-se para nós.

Mas, todavia, a sabedoria que temos diante de nós por atingir, se por um lado é mais simples, por outro lado é muito mais intrincada por causa das regiões mais vastas que nossa visão agora pode abranger. Enquanto se vai de uma esfera para outra, encontra-se com aqueles que tomam providências concernentes com sistemas de planetas cada vez mais amplos, e de sóis e de constelações. Você deve consultá-los, e deve aprender deles cada vez mais sobre a constituição dos reinos tão amplamente espalhados do Pai, e as crianças destes reinos, e Seus tratos com eles, e deles para com Ele.

Então você verá que fazemos bem em sermos cuidadosos em nossos passos para a frente. Que seja alcançada uma eficácia de entendimento, passo a passo, pois os compromissos concedidos a nós se tornam sempre mais amplos em seus efeitos, e as consequências de nossas decisões e ações são carregadas com maior solenidade, e têm responsabilidade para mais amplos alcances de espaço e seus habitantes.

Eu não lido, entretanto, com outro a não ser o seu planeta, mesmo nestas mensagens que lhe passei, porque a época não está tão amadurecida para conhecimento tão extenso. O que temos em mãos agora, eu e meus companheiros trabalhadores, é ajudar as pessoas da terra a alcançarem uma sabedoria maior em relação ao seu compromisso de amar um ao outro, unidos a Deus, e do nosso ministério de ajuda aos que, com amor e

humildade, estão desejando trabalhar conosco - nós deste lado do Véu, e vocês na terra sendo nossas mãos e olhos e ouvidos e as palavras de nossa boca para falar a alguém, enquanto ajudamos vocês, e assim possam os homens saber por eles mesmos como Deus os fez, potencialmente gloriosos e, no tempo em que estiverem em jornada tão curta sobre a terra, labutadores num mundo onde a luz obteve permissão de surgir em meio a escuridão.

Agora deixe-me lhe contar daquelas coisas de que falei.

Numa ampla planície nesta Esfera Dez há uma alta montanha completamente abrupta que se eleva dos campos gramados e domina suas montanhas companheiras como um rei em seu trono entre os cortesãos.

Aqui e ali na ladeira ascendente, como é visto da planície, são vistas construções. Algumas são nichos abertos para a paisagem em todos os lados; algumas são santuários nos quais se fazem orações, e no topo está o Templo que está acima de tudo, e para ele todos ministram e se conduzem. Deste Templo, de vez em quando, Manifestações da Presença são dadas à assembleia agrupada na planície abaixo.

É este o Templo do qual já havia me falado antes?

Não, aquele era o Templo da Cidade Capital. Este é o Templo do Monte Sagrado. É de grau mais elevado e de uso diferente. Está colocado aqui nem tanto para orações em seu interior, mas para a elevação e fortalecimento e educação dos reverentes reunidos na planície. Há guardiães e oficiantes que oram no Templo, mas estes são de um grau muito elevado e poucos entram com eles, a menos que sejam espíritos evoluídos de algumas esferas para a frente, retornando para algum compromisso nesta Décima Esfera.

É uma Colônia de Poderes que está avançada além dos poderes da Décima Esfera por causa de seus frequentadores, que visitam este Lugar Elevado em missão de ajuda e de julgamentos de vez em quando. E há sempre alguns deles ali. O Templo jamais é deixado sem seu complemento.

Mas eu não estive lá dentro, e não estarei até que atinja um poder mais elevado e a sublimidade das esferas além.

Nesta planície foi agrupado um grande número de pessoas, chamadas para lá de todas as partes desta ampla Esfera. De talvez meia milha - como você diria - da base da montanha, eles se estendem cruzando a região, grupo após grupo, até que pareçam um mar de flores em suave movimento, suas Joias de Ordem cintilando conforme se movem, e suas vestimentas de muitos matizes sempre reluzindo, de uma combinação de cores até outra. Lá em cima do Monte Sagrado fica o Templo e, de vez em quando, eles olhavam para lá com expectativa.

Nesta hora emergiu dali do topo um grupo de homens cujas vestes brilhantes diziam de sua alta hierarquia. Vieram e permaneceram sobre o Pórtico do Templo, sobre o Portão principal, e um deles levantou suas mãos e abençoou a multidão na planície. Cada palavra que ele pronunciou foi clara e alta até o último grupo. Os que estavam longe viram e ouviram com muita facilidade, tanto quanto os que estavam bem perto. Então ele contou de seu propósito ao chegar até eles. Era porque alguém deveria ser apresentado diante de todos, e que brevemente seria promovido para a Esfera Onze, visto que seu progresso havia sido julgado para garantir uma jornada segura no caminho para cima.

Bem, nenhum de nós sabia quem eram estes novos iniciados - se nós mesmos ou alguém vizinho. Isto ficou por ser dito. Então esperamos, numa espécie de silêncio, o que estava por acontecer. Estes no Pórtico permaneciam silenciosos.

Então do Portão do Templo chegou um Homem, vestido em branco límpido, mas radiante e amoroso. Em Sua cabeça estava um filete de ouro, e sandálias de ouro em Seus pés. Em Sua cintura estava um cinturão vermelho que brilhava e emitia raios carmim aqui e ali enquanto caminhava adiante. Em Sua mão direita carregava um copo de ouro. Sua mão esquerda

estava sobre o cinto e perto de Seu coração. Reconhecemo-lo logo, o Filho do Homem, pois ninguém é como Ele Que, em qualquer forma de Manifestação que seja visto, sempre mescla duas forças perfeitamente de Si: Amor e Realeza. Há sempre simplicidade em Sua grandeza, e majestade em Sua simplicidade. Mas estes você sente entrar em você e misturar com sua própria vida quando Ele Se manifesta, como agora. E quando a Manifestação finda, a bênção assim recebida não sai de você, mas permanece como parte de você para sempre.

Ele ficou ali, todos juntos maravilhosamente, e mais docemente do que posso falar - doce e amorosamente, e com um toque de sacrifício piedoso que somava à alegria solene de Sua face. Aquele rosto era o próprio sorriso mas Ele realmente não sorria. E no sorriso havia lágrimas, não de dor, mas de alegria em dar de Si aos outros, em amor. Seu aspecto por inteiro, e o que Sua forma expressava, era um desdobramento de poderes e graças combinados a fim de fazê-Lo Único entre aqueles outros que aguardaram por Ele ali, colocando-O acima de tudo, como Rei.

Ele estava ali olhando não para nós, mas além de nós, para os reinos que não poderíamos atingir. E enquanto Ele permanecia assim extasiado, veio do Templo, por todas as suas portas, uma longa fila de atendentes, homens e mulheres, cuja sublimidade era vista na delicadeza de suas faces e formas.

Uma coisa percebi, e contarei tão bem quanto possa. Cada um desses espíritos abençoados tinha um caráter bem definido e poderoso gravado em seu semblante, e no andar e nas ações de cada um. Não havia dois com as mesmas virtudes em partes iguais em combinação. Cada um era um Anjo muito elevado em grau e autoridade, mas cada um com uma personalidade única nele, ou nela, mesmos, não havendo dois assim semelhantes. E Ele ali estava, e eles no outro lado, e outros na parte mais baixa da borda do local onde Ele estava. E n'Ele, faces e formas estavam unidos em suave harmonia e comunhão, as belezas e qualidades e poderes de todos eles. N'Ele você

podia ver cada uma das qualidades, neles distintas, mas todas já mescladas juntas. Sim, Ele era Único, e Sua Unicidade acrescentava majestade em Sua aparição.

Agora, pense nesta cena, e contarei mais amanhã, se você encontrar oportunidade para minha companhia. Bênçãos e glória e beleza estão onde Ele está, meu querido amigo e tutelado, como pude ver, não uma ou duas vezes, mas muitas desde que deixei a vida na terra. Ele traz bênçãos e deixa-as com Seus companheiros. A glória está sobre Ele e une-O ao Trono nos Altos Planos dos Céus de Deus. A beleza está sobre Ele como uma roupagem de luz. E Ele está com você também, assim como conosco. Não vem em pessoa, mas de fato, para a escuridão do plano terrestre, e traz para ali Suas bênçãos e Glória e Beleza. Mas ali elas são invisíveis, exceto em parte, e por poucos - invisível por causa da nuvem escura do pecado sobre o mundo, como nós a vemos, e a falta de fé para olhar, crendo. Ainda assim, Ele está com você. Abra seu coração a Ele e você, como nós, teremos o que Ele traz para nos dar. +

Sábado, 3 de janeiro de 1914.

Enquanto Ele ali permanecia em êxtase, silencioso, imóvel e encantador, todos o observavam. Enquanto isso, na multidão daqueles seres brilhantes situados acima d'Ele, um movimento começou. Vagarosamente, e sem pressa, a multidão subiu nos ares, e tomou forma até que houvesse um cordão oval de luz em torno d'Ele. Os que estavam atrás estavam mais altos que Sua cabeça, e os da frente estavam mais embaixo de Seus pés. Então mudaram a formação e, enquanto tomava forma, seu brilho aumentou até que mal podíamos discernir as formas deles pelo brilho de suas glórias. Eles brilharam dourado sobre Ele, mas Ele irradiava mais ainda que todos os outros ao seu lado, que permaneciam imóveis e brilhando. Somente diante de Seus pés não havia um arco de luz, mas um espaço foi aberto, portanto o

oval não era completo por este intervalo na parte mais baixa.

Então Ele Se moveu. Estendeu Sua mão esquerda e esticada em nossa direção abençoando-nos. Com Sua mão direita, inclinou o cálice em nossa direção e derramou uma fina corrente de luzes multicoloridas que caiu na pedra diante d'Ele e escorreu pela face da montanha em direção à planície. E conforme ia escorrendo, aumentava de volume até que começou a descer a montanha em nossa direção, ainda aumentando em volume. Aquilo nos alcançou, um amplo rio de luz; e nele podiam ser vistas as cores em todos os seus matizes, da púrpura profunda até o pálido lilás, do vermelho profundo até o rosa esmaecido, do marrom alaranjado ao dourado. E todas elas misturadas, aqui e ali, em correntes de verde ou outra tonalidade composta.

E aquilo chegou em nós, e entre nós, enquanto permanecíamos ali meditando no feito e toda a beleza disto tudo. Agora foi tudo espalhado até todo o chão no qual estava a enorme multidão de pessoas ficar coberto. Mas elas não estavam num lago líquido, porque isto não subia em seus pés, mas formava um mar abaixo deles, e eles ficavam em pé sobre a luz. Também os olhos não podiam penetrar para ver o gramado por cima do qual estava acomodado, como o fundo do mar. Parecia estar muito profundo abaixo de nós, um mar de cristal líquido, pintado com o arco-íris, e sobre este mar permanecíamos como no chão firme. Ainda assim tudo estava em movimento, aqui e ali em pequenas ondas, e aqui e ali em viravoltas de vermelho ou azul ou outra cor, fluindo entre nós, abaixo dos pés, muito estranho e muito lindo de se ver.

Mas num instante percebeu-se que aquilo não servia a todos igualmente. Havia um aqui, e outro a alguma distância, e isto se repetia através da multidão que se tornou consciente de uma mudança neles; e isto os fez ficarem silenciosos e em profunda meditação. Esta mudança logo se fez aparente para os vizinhos próximos. Pois isto é o que eles viram: a torrente

de luz sobre aquele que estava mudando tornou-se amarela dourada, e alcançou seu quadril, e então, subindo como um pilar de cristal líquido, todo radiante, banhou seus joelhos, e então subiu mais ainda até que ficou sobre ele um pilar de luz, misturando-o numa radiação dourada. Então sobre sua cabeça, no lugar da joia, ou chapéu, ou qualquer coisa que ele usasse, ali apareceram onze estrelas. Elas também eram de ouro, mas de um brilho maior que o da correnteza, como se a luz se concentrasse em onze joias estreladas para coroar os escolhidos. Em cada um destes assim tratados, aquele filete de estrelas permaneceu sobre sua cabeça perto da testa, e cingiu suas cabeças em cada lado atrás das orelhas. Assim ficou, e brilhava fazendo mais bonito aquele que a usava, pois a luz parecia invadir seu semblante e todo o seu corpo, e elevava-o acima de seus companheiros.

Então o Filho do Homem levantou o cálice, e a corrente parou de fluir. E a rocha tornou-se visível mais uma vez, onde antes havia estado escondida pelo rio de luz. Nesta hora o campo gramado sob a multidão também começou a ser visto, e finalmente o mar de cores desapareceu e nós ficamos na planície como dantes.

Somente ali permaneciam aqueles que tinham sido envolvidos. Eles não mais estavam envolvidos. Mas haviam mudado para sempre, não mais seriam como dantes. Seus semblantes tomaram uma aparência mais etérea, seus corpos também, e sua roupa era de um matiz mais brilhante que a de seus companheiros, e de outra cor. E também as onze estrelas ficaram para coroá-los com sua luz. Somente o pilar irradiante não estava mais sobre eles para envolvê-los.

Agora outro homem veio do Templo para o Monte Sagrado, e gritou, com uma voz muito forte e de grande doçura, que aqueles que tinham as estrelas deveriam sair da multidão e ficar diante do Monte da Bênção. Assim eles fizeram, e eu entre eles - porque eu era um dos que foram chamados - e ficamos diante do pé do Monte, e diante d'Ele Que ficou em

cima, diante do Templo.

Enquanto nós estávamos ali, Ele falou conosco em sua sabedoria, "Vocês fizeram bem feito, meus filhos muito amados, aquilo de compromisso que lhes foi dado em mãos para cumprirem. Não serviram perfeitamente ao Pai e a Mim; mas o quanto foram capazes, assim fizeram seu trabalho. Não pedirei nada mais do que o que já fazem quando estiverem desta forma na esfera mais alta de serviço para a qual os chamo agora. Subam a Mim, portanto, Meus queridos, e mostrar-lhes-ei o caminho para o lugar mais alto onde suas casas já os esperam a todos, e muitos amigos para saudá-los, a quem encontrarão lá. Subam até Mim".

Então vimos que diante de nós subiu uma ampla escadaria cuja base estava na planície bem diante de nós e o topo a Seus pés, longe, acima, sobre o topo da Montanha. Então todos nós subimos aquela longa série de degraus, e nós éramos muitos milhares. Mas quando estávamos bem sobre a planície e eu me virei para acenar num amoroso aceno para meu grupo de companheiros que ficou olhando para nós entre a multidão abaixo, pareceu que o número de pessoas permaneceu o mesmo que veio até aqui para o encontro. Tão grande era aquela assembleia...

Quando estávamos todos sobre a plataforma diante do Templo, Ele falou palavras de carinho e bênção àqueles remanescentes na planície. Se algum ficou penalizado porque não foi chamado também a vir conosco, nenhum traço ficou em suas faces quando olhei para eles. Na Presença de seu Senhor Salvador, nenhum poderia ficar assim, mas somente regozijar-se em Seu grande Amor e a bênção de Sua Presença.

Então, sobre a escadaria certos anjos desceram ao lugar onde agora estávamos e ficaram nos degraus do topo até a metade do caminho, e em torno. Eles, estando agrupados, elevaram um hino de Agradecimento a Deus, louvando a Deus nos Altos Céus de Sua Glória. Na planície, a multidão respondeu alternando-se com aqueles da escadaria. Assim

cantaram e deram o final.

Os cantores do coro mais uma vez subiram e ficaram conosco acima. A escadaria agora desaparecera - como, eu não sei. Não era mais vista ali. Ele levantou Suas mãos e abençoou-os; e eles se mantiveram em silêncio contritos. Então Ele Se virou e foi para o Templo, e nós O seguimos.

* * *

O ADEUS DE ZABDIEL

E agora, meu amigo e irmão e meu tutelado, eu não digo adeus na partida, pois estou sempre com você para ajudá-lo, ouvir e responder. Conte comigo sempre por perto, apesar de que Meu lar é distante, como os homens considerariam o longe e o perto, entretanto da maneira com que sabemos lidar, estou sempre próximo de você, em contato com você, naquilo que você pensa, e naquilo que você deseja, e naquilo que você faz. Porque nestes fatos eu tenho, de vez em quando, que prestar contas de seu comportamento. Portanto, se tenho sido parte sua como amigo e ajudante, lembre-se de mim assim; que eu possa em minhas considerações ter alegria por você; da mesma forma você, tendo fé, terá alegria de si mesmo. Lembre-se dos Anjos das Sete Igrejas, e esteja em bom contato comigo, meu tutelado. Lembre-se, ainda mais, que um dia você também, conforme eu sei, terá um encarregado a manter, e liderar, e observar e ajudar, e responder por sua vida e de que forma ele a usa.

E agora minhas bênçãos. Pode ser que encontre meios e permissão para falar com você novamente, como fiz nestas mensagens. Pode ser desta forma, ou pode ser em modos mais amplos ainda que este. Mas, aconteça o que acontecer, seja forte e paciente e de uma simplicidade suave, com humildade, e esteja em oração.

Deus o abençoe, meu querido tutelado. Não queria terminar tudo isto... Mas assim
deve ser.

Lembre-se, estou sempre próximo a você, em Nome e a Serviço do Mestre.

Amém. +

Zabdiel

LIVRO III - O MINISTÉRIO DO CÉU

I - O MINISTÉRIO ANGÉLICO PARA A TERRA

Sábado, 8 de setembro de 1917.

Estou falando através de sua mente, portanto transcreva os pensamentos que eu for capaz de sugestionar a você, e julgue pelo resultado. Além disso, podemos escrever diretamente, sem que meus pensamentos entrem em contato com os seus próprios. Deixe- nos então começar por dizer que apesar de que muitos iniciam escrever assim, não são muitos os que continuam, porque seus próprios pensamentos colidem com os nossos, e o resultado é uma mescla de confusão. Agora, o que me diria se eu lhe dissesse que já escrevi antes por sua mão, e isto muitas vezes? Pois fui eu que vim com sua mãe e os amigos dela, e os ajudei a passar-lhe aquelas mensagens que você transcreveu há alguns anos atrás e, ao fazer isto, eu também me preparei para um trabalho futuro deste tipo com outras pessoas. Portanto, deixe-nos começar esta noite muito simplesmente, e você e eu progrediremos juntos pela prática.

Você percebeu a verdade nas palavras "Todas as coisas trabalham juntas pelo bem para aqueles que amam a Deus"**?** É uma verdade de que poucas pessoas percebem seu significado total, porque têm apenas uma visão limitada. "Todas as coisas" incluem não só as terrenas, mas as coisas dos reinos espirituais também, e a finalidade de "todas as coisas" não é vista por nós, mas é produzida nos planos mais altos que o nosso e é focada no Grande Trono do Próprio Deus. Mas o trabalho é visto, verdadeiramente em pequena escala, mas apesar de tudo amplamente. A frase inclui os anjos e suas tarefas à medida que eles se desincumbem delas, tanto aqui quanto no plano da terra e, apesar do cumprimento destes comandos que vêm a eles vindos dos Superiores que supervisionam a seara de Deus parecerem

sempre colidir com as ideias humanas de justiça e misericórdia e bondade, mesmo assim a visão mais ampla destes que estão acima, mais perto do pico da montanha, é justa e serena na luz do amor de Deus, e parece a eles, conforme parece a nós em menor escala, muito bonito e maravilhoso em seu trabalho.

Neste momento os corações dos homens estão fazendo-os falhar por medo, porque parece a muitos deles que, de alguma forma, as coisas não estão andando da forma como Deus quereria. Mas quando se está no vale, a névoa é tão densa e espessa que é difícil ter visão ampla, sendo escasso o sol que pode penetrar em suas regiões.

Esta Grande Guerra é, nos eternos conselhos, nada mais que um ronco na respiração de um gigante adormecido, sem descanso, porque sobre seu cérebro entorpecido estão sendo impingidos raios de luz que seus olhos não podem ver, e uma música que ele não pode ouvir está sendo enviada sobre ele, e ele suspira num intervalo de repouso, enquanto está deitado no vale - o Vale da Decisão, se quer assim. Somente gradualmente acordará, e as brumas vão se espalhar, e, findo o massacre - forjado insanamente enquanto ele dormia - ele terá tempo livre então para pensar e espantar-se com a noite passada em todo o frenesi, não menor que toda a beleza de um mundo inundado com a luz vinda do pico da montanha, e ele finalmente entenderá sem dúvida que todas as coisas trabalham realmente no amor, e que nosso Deus é ainda nosso Pai e Seu Nome tem sido Amor sempre, mesmo quando Sua Face esteve escondida pelas brumas emergentes, ventos frios e o miasma que esteve cobrindo como um manto mortuário sobre o fundo do vale. Era um manto para cobrir tudo o que era de morte no mundo, e para fora da morte vem a vida, e a vida é toda maravilhosa porque o Recurso e a Fonte de toda a vida é Ele, que é toda a beleza.

Então, lembre-se que os caminhos de Deus não são sempre os caminhos que o homem desenharia, pois Ele e Seus pensamentos não são

circunscritos pelas colinas em torno, mas vêm dos Reinos de Luz e Alegria; e ali está nosso modo de ser. Isto, então, por esta noite.

É um pequeno raio de claridade nos caminhos da atual escuridão para muitas almas errantes.

Possa Deus manter aquele gigante em Seu aconchego, e em tempo certo dar a ele o coração de uma criancinha, porque deles é o Reino de nosso Senhor. E o gigante, dormindo, cego, surdo e sem descanso, é a Humanidade que Ele veio salvar.

Kathleen.

Terça, 6 de novembro de 1917.

"Plantada no lado das águas". Estas são as palavras que, se você pensar nelas, parecem ter um duplo sentido. Há, claro, um significado mais manifesto de planta ou árvore sugando sua fertilidade do rio ou de um canal próximo de onde está plantada. Mas nós nestes reinos entendemos o quanto todas as verdades terrenas têm um significado espiritual, um significado que é tão natural nestas esferas celestes quanto o que contêm exteriormente as verdades para vocês na terra. Se o escritor destas palavras tinha algum conhecimento destas condições celestes nas quais sua frase é aplicável, eu não sei. Mas parece semelhante pelo menos ao que seu Anjo de Guarda quis dizer, que continham alguma coisa a mais que o significado terrestre daquelas palavras, para aqueles que têm ouvidos de ouvir. Eu vou ampliar para o meu também limitado conhecimento, ajudada por aqueles que têm mais sabedoria nas ciências celestes que eu.

O lado da água que eu tenho em mente não é um rio, entretanto, mas um lago muito amplo que no plano terrestre seria chamado de mar interior, tão largo que forma uma fronteira separando duas áreas grandes de um país na Esfera Seis. A correnteza é variada, sendo em alguns lugares pedregosa, encachoeirada mesmo, e em outros desce com as margens das águas em

gramados e parques. Eu não tenho em mente algumas árvores, mas uma floresta inteira de árvores acompanhando as ondas azuis-douradas do mar e varrendo as colinas e as terras mais altas, bordejando o precipício com sua folhagem verdejante. Perto do lado do lago há um bosque, e no bosque uma mansão. É o local de repouso para os viajantes que atravessam o lago e chegam aqui, alguns muito cansados pela sua longa jornada sobre terras e mar, para este porto de descanso. Alguns são recém-chegados à Esfera Seis, e descansam aqui para condicionarem-se e aclimatizarem-se ao seu novo ambiente antes de penetrarem para o interior, para explorarem sua nova moradia. Outros são residentes nesta Esfera que foram ao outro lado do mar em alguma missão nas esferas inferiores, alguns simplesmente transeuntes por aqui indo à frente, como agora fiz, para baixo, a caminho da esfera terrestre. Retornando, frequentemente, mas não sempre, descansam aqui, ajuntando forças antes de continuar, para reportarem ao Anjo Senhor ou um de Seus comissionados o que aconteceu em sua incumbência. Outros simplesmente retornam aqui e recuperam-se e, sendo seus assuntos de emergência, não vão ao interior, mas mergulham sob o lago e desaparecem no horizonte menos brilhante em direção à esfera onde sua tarefa foi deixada incompleta. Ocasionalmente, e sem dúvida não raramente, um visitante de uma das mais altas Esferas passando em seu caminho, ou da terra ou alguma região intermediária, passará um tempinho aqui no Bosque de Repouso, e alegrará os hóspedes com o brilho de sua personalidade. Sim, meu querido amigo, nós sabemos aqui o que é entrar em repouso - é um dos prazeres mais agradáveis, este repouso, depois de algum empreendimento de alto risco em prol daqueles que estão necessitados de tal ajuda. E ali plantado, exatamente onde deveria estar, ao lado das águas, está aconchegada a Casa do bosque, onde frutificam as muitas semeaduras longínquas, trazidas para lá das distantes esferas trevosas, consideradas, e colocadas em ordem para a apresentação ao Anjo Senhor. A muitos é um

troféu, também eles trazidos para o Senhor do Amor pelos infortúnios sofridos ou recebidos, duros e fortes; são trazidos aqui para se recomporem e serem cuidadosamente amparados, troféus vivos pelos quais Cristo lutou e, lutando valentemente, venceu.

Você cansou, meu amigo. Mais prática vai tornar-me mais hábil em usar sua mão com menos tensão e mais facilidade. Deixe-me que lhe diga, aceite meu amor e agradecimentos e boa noite.

Quinta, 8 de novembro de 1917.

E agora, querido amigo e companheiro peregrino, vamos à uma jornada ao interior, partindo da Casa de Repouso, e veremos as oportunidades pelo caminho daqueles que assim caminham. Somos ambos peregrinos, eu e você, e estamos na mesma estrada para o mesmo brilho, ainda além, e distante, sobre as montanhas que fazem fronteira desta esfera e a próxima à frente.

Nós deixamos o solo e os jardins da Casa para trás e tomamos rumo descendo por uma longa colunata de árvores que levam ao campo aberto; conforme andamos vamos percebendo que o caminho não é reto, mas segue a linha do vale ao lado do rio que vai em seu caminho ao mar. Deixe-me agora, antes de continuar, explicar algumas das qualidades das águas deste rio.

Você já leu sobre a Água da Vida**.** Esta frase literalmente incorpora uma verdade, porque as águas das esferas têm propriedades que não são encontradas nas águas da terra, e propriedades diferentes são encontradas em diferentes águas. As águas de um rio, ou fonte, ou lago, são sempre tratadas por Espíritos elevados e dotadas com virtudes de fortalecimento ou iluminação do espírito. Algumas vezes as pessoas banham-se nelas e adquirem força corporal pelas vibrações vitais que foram colocadas na água pelo exercício de algum grupo de anjos-ministros. Eu sei de uma fonte

situada no topo de uma alta torre que emana uma série de coros musicais de harmonia profunda quando ela é posta a tocar. Isto é usado no lugar dos sinos, para chamar as pessoas das proximidades quando alguma cerimônia está para começar. Ainda mais, seus jatos de água dispersam-se sobre um amplo raio, e são vistos a cair em jardins e nas casas espalhadas na planície, em forma de flocos de luz de diferentes cores. Estes flocos são constituídos para trazerem para aqueles nos quais, ou em torno dos quais, caem um sentido de natureza geral e um propósito de união a ser mantida, uma espécie de brilho que esparge sobre todos os seres e traz um senso de companheirismo e um amor comunitário que faz o receptor mais ansioso por estar junto aos outros. Também por este processo é espalhado pelo distrito um aviso do tempo e local do encontro, e frequentemente, também, a notícia de algum Anjo Visitante que conduzirá a assembleia ou atuará em alguma questão como representante do Senhor desta Esfera.

A principal propriedade das águas deste rio, cujas margens agora seguimos, é a paz. De uma forma muito além do entendimento terreno, todas as qualidades de suas águas infundem paz naquele que passeia ao seu lado. Suas variadas cores e matizes, o murmúrio de sua correnteza, as plantas às quais ele confere fertilidade, o tipo e a aparência de suas rochas e ribanceiras - tudo, numa larga medida, traz paz à alma que dela precisa. E há muitos que necessitam daquela paz dentre aqueles que retornam das esferas inferiores através do grande lago, pois é uma vida extenuante a que temos às vezes, meu amigo, e de forma alguma a mortalmente monótona existência que muitos da terra imaginam. Então, por isso, há vezes que é necessário largar a carga por instantes, e para nossas futuras operações retomar aquela calma e forte quietude de espírito tão necessária para levarmos à frente adequadamente nosso trabalho designado.

Você deve também entender que há aqui, permeando em tudo, uma personalidade. Toda floresta, cada bosque, cada árvore, lago, correnteza,

prado, flor, casa, tem uma personalidade impregnada. Não é por si só uma pessoa, mas sua existência e todos seus atributos e qualidades são consequência da volição contínua e sustentada de seres vivos, e sua personalidade é sentida por todos que entram em contato com cada um e qualquer um deles, e isto no grau intrínseco à sua sensibilidade, na direção particular da personalidade residente. Alguns, por exemplo, são mais sensitivos àqueles seres cuja atividade reside nas árvores; outros naqueles do rio. Mas todos parecem sentir as qualidades de um prédio, especialmente quando entram nele, pois são erigidos por espíritos mais próximos de suas qualidades e grau, enquanto que a maioria dos que chamamos espíritos da natureza são de um modo e um estado de existência e de função muito mais remota.

Agora, o que se obtém nestes Reinos é usualmente encontrado verdadeiramente em sua esfera da terra também, somente num grau menor de intensidade do que é sentido pelos indivíduos comuns, consequência de sua profunda imersão na matéria neste atual estágio de evolução. É somente menos aparente, não é menos verdadeiro.

Faz alguns minutos uma pergunta está sendo formada em sua mente. Faça-a, e tentarei responder-lhe.

Eu estava pensando que tudo isto é muito parecido com os pensamentos que usualmente ocupam a mente de uma senhorita. Você disse que era você que queria escrever por minha mão, Kathleen. Você está escrevendo isso?

Sim, meu amigo inquiridor, sou quem está escrevendo. Mas você não supôs que eu imaginei nem por um minuto que você se satisfaria com minha própria conversa pequena, não é? De qualquer forma, tomei providências contra qualquer desastre desse trazendo alguns amigos comigo que me usam tanto quanto eu estou usando você. Não são todos homens; algumas são mulheres, e eles agem juntos num único consentimento, como uma voz única, uma só mensagem, portanto estas palavras que escrevo são

uma mescla de variadas mentalidades, e teríamos produzido uma boa mistura nós também, se fôssemos capazes de controlar sua teimosia um pouco mais. Ajude-nos nisto, e faremos o melhor que podemos neste lado também.

E agora boa noite, e que possamos progredir tão bem tanto quanto a prática ajudar.

Sábado, 10 de novembro de 1917.

"Partícipes do chamado celeste". Você e eu, meu amigo, somos como partícipes, pois enquanto eu o chamo, por minha vez sou chamada por aqueles que se localizam mais acima, e eles por outros de um degrau ainda mais alto, até que a fila encontre sua fonte n'Ele, Que foi chamado pelo Pai Divino e enviado em Missão à sua pobre esfera trevosa há longo tempo atrás. E é pelo fato desta "chamada" daqueles superiores a nós, em força e na faculdade deles de compartilhar aquela força com aqueles menores em posição e força, que achamos nossa confiança convicta.

É uma questão de ausência de luz, asseguro a você, receber um comando "Desça para lá". Pois à medida que vamos chegando da terra, ambos, o brilho de nosso ambiente e o nosso pessoal, também diminui pouco a pouco, e quando alcançamos a vizinhança da terra podemos ver as coisas em torno, mas com muita dificuldade.

Em primeiro lugar isto; somente quando vagarosamente nossos olhos tornam-se sintonizados às vibrações mais baixas neles impingidas, é que ficamos aptos a ver. Isto também acontece mais rapidamente pela prática. Mas é uma bênção somente naquilo que nos permite fazer nosso trabalho entre vocês, e não para ser desejado de qualquer modo, por si apenas. Pois as visões que vemos são na maioria tais que não nos dão alegria, mas muito de coração partido que levamos conosco às nossas brilhantes moradas. Tais lugares como os que descrevi a você, dispostos ao lado das águas são,

portanto, não só convenientes e desejáveis, mas absolutamente necessários para nosso trabalho. Então devo contar-lhe outra função a que servem. Destas Casas de Repouso são enviadas correntes de poder vital geradas das Esferas acima, armazenadas nestas Casas, e distribuídas conforme sejam requeridas. Quando nós fazemos uma ligação para lá, estando na nossa estadia na terra, sentimo-nos banhados em uma forte corrente de força e vitalidade. Conforme nos aproximamos da terra, o efeito dela não é tão aparente aos nossos sentidos, entretanto banha-nos penetrando através de nós, permeando todo o nosso ser, e por ela somos sustentados, como o tubo de ar sustenta o mergulhador no fundo do oceano, onde a luz da atmosfera ampla e livre sobre ele é obscurecida, e ele se move pesadamente, por causa do elemento mais denso no qual ele se move. É assim conosco, e quando encontramos dificuldades em falar de forma a sermos ouvidos por você, ou cometemos erros em nosso vocabulário ou ainda no contexto da mensagem; então seja paciente, e jamais pense que há enganadores em torno. Porque, pense, amigo, quão difícil seria para um mergulhador conversar audivelmente com outro, ambos protegidos com seus capacetes e com água entre os dois, e aí poderá perceber quanto de paciência e firmeza de empenho é necessário de nossa parte, e mais rapidamente talvez dará a nós uma atenção mais paciente de sua parte.

Mas quando encaramos, estando feito o trabalho aqui embaixo, os lugares de mais altos alcances dos Céus de Deus, então mais prontamente sentimos a corrente de vida fluindo da distante Casa de Repouso e Alívio.

Sentimos que estamos nos banhando mais uma vez; aquilo bate nos nossos rostos refrescantemente; nossas joias, cujas luzes, como as lâmpadas das virgens queimaram na escuridão, mais uma vez retomam seu brilho à proporção que vamos indo em direção ao celeste.

Nossa vestimenta cintila numa tonalidade mais brilhante, nosso cabelo fica mais sedoso e nossos olhos menos cansados e sem olheiras, e o melhor

de tudo, em nossos ouvidos ouvimos, tornando-se mais plena, a melodia de nosso Chamado, clamando por nós de volta, dos campos de colheita para a Casa da Colheita, com os feixes que pudemos ajuntar amadurecidos para o Celeiro de Deus.

Agora, amigo, não o deterei por mais tempo, porque sei que tem compromissos que devem ser cumpridos e não toleram delongas.

Somente isto a mais: suas velhas dúvidas mais uma vez estão entre você e nós que o chamamos. Mais uma vez, esta mensagem não é de seu próprio feitio.

Como posso sabê-lo?

Somente pela paciência que assegurará progresso e fará progredir a convicção. Boa noite, amigo, e toda a Paz. Kathleen e os que a usam mandam isto a você.

Kathleen, o organista vai praticar; isto não vai incomodá-los, vai?

Longe disto, ajudará, e talvez, à propósito, devo dizer a você nesta noite algumas poucas palavras sobre a música nas Esferas. Sim, temos música da mesma natureza que a sua na terra.

Mas - e há um enorme mas aqui - sua música é como um extravasamento do reservatório de música no Céu. Vocês realmente têm alguns vislumbres da harmonia gloriosa que temos aqui, conforme ela extravasa. Mas é amortecida pelo véu espesso através do qual ela passa, mesmo nas mais lindas obras-primas da terra.

Ouça, meu amigo, enquanto tento explicar-lhe como você recebe sua música destes reinos de cá, e será capaz então de deixar a sua imaginação guiá-lo e não limitá-lo, senão ela não excederá sua imaginação.

Olho não viu, nem ouvido ouviu - ouvido do coração não poderia ouvir - a harmonia celestial em suas pulsações e altos e baixos, e a poderosa harmonia fundamentada em um tom de glória profunda.

Não somente isso, enquanto num corpo material, com um cérebro de

matéria como receptor e intérprete, não há como penetrar no coração de um homem para conceber, menos ainda trazer para cá, qualquer imagem justa da doce beleza de nossa harmonia.

O que a música formou nas Esferas, nós aqui, neste estado mais baixo, não somos capazes de mensurar, assim como vocês da terra não são competentes para medir as nossas.

Isto, e quase que somente isto, sabemos realmente, ou pensamos que sabemos - ela ultrapassa nosso conhecimento em qualquer sentido - o Coração de Deus é a Fonte de harmonia na música - não tanto a mente de Deus como seu Grande Coração. D'Ele fluem as torrentes de amor de Sua melodia, e aquelas esferas que estão mais perto de Sua sintonia recebem aquelas Divinas harmonias, e por elas, com outras influências combinadas, tornam-se mais e mais sintonizadas com Ele, Que é a Fonte de tudo que é Amoroso e Amável. Assim, enquanto as eternidades seguem, aqueles que habitam aquelas muito altas Esferas continuam desabrochando em si mesmos mais e em atributos formidáveis e sublimes, e ao mesmo tempo, cada um em si, mais e mais de Divindade.

Isto, entretanto, está alto demais para nós, para ser adequadamente transcrito. Nosso compromisso com você neste momento é contar o melhor que pudermos, em poucas e bastantes palavras, alguma coisa do que tomamos nota enquanto esta mesma torrente desce sobre nós e passa adiante, ampliando como cada molécula do tom expande-se a si mesma e empurra suas companheiras adiante, até que a corrente impingirá em seu limite, onde tenha se tornado mais grosseira e mais encorpada em sua textura, e assim costurada àquelas vibrações quase tangíveis encontradas em sua esfera.

Esta corrente do alto encontra receptáculo aqui, e mais de um receptáculo. É usado como reservatório, e a música é modulada no ar, e as melodias, e iniciam mais uma vez como uma pequena mas intensa corrente

em direção à terra. Imediatamente, começa a se expandir como já falei, e o que vocês recebem entretanto não é uma essência excelente, mas uma expansão atenuada da criação original. É como um pequeno buraco na janela de um quarto escuro. Através dele atravessa um pequeno jato de luz do sol, mas quando alcança a parede oposta tem muito menos qualidades, e a corrente é cheia de notas dançando, as quais somente tendem a obscurecer o brilho com o qual ele entra através da pequena abertura.

Bem, mas mesmo assim, sua música é muito louvável e elevada. Oh, pense, então, meu amigo, o que devem ser as músicas destas Esferas. Ela nos encanta enquanto enobrece o sentimento e o prazer, e cada um torna-se por si um acumulador de energia que envia de volta o que ele recebeu, interpretado e modulado por sua própria personalidade, em benefício daqueles que não progrediram tanto quanto ele. Então a perfeição e a potência são temperadas por aqueles entre nós cuja aptidão especial é de tal tipo, para que não seja fino demais em sua natureza para a compreensão daqueles mais altos espíritos da terra que a captam, e em algum grau retém, aquilo que desta forma chega a eles do Mestre da Música aqui colocado.

Acho que deveríamos alongar nossas considerações, mas você não pode mais recebê-las bem agora. Nós colocaríamos resumido então que assim como é em outros assuntos, é também neste, a grande verdade mantém-se verdadeira, desde o Pai, numa descida ordenada até o mais humilde dos homens: "Como o Pai tem vida n'Ele mesmo, assim Ele deu ao Filho ter vida n'Ele", mas não somente vida, mas vida em todas as suas fases - e a Música é uma delas.

Como o Filho reparte aquela vida recebida do reservatório de Seu ser, dando vida como d'Ele mesmo, assim Seus servos fazem em menor grau, na razão de sua capacidade - não somente vida, como os pais a uma criança, mas amor, beleza, pensamentos elevados e melodias celestiais.

Meu amor a você, meu amigo, Kathleen, e por aqueles outros que usam

a mim para passarem seus pensamentos a você, que estou mais perto de você que eles.

Terça, 13 de novembro de 1917.

Falamos a você, amigo, da corrente vital do amor do Pai, da água e seus usos, da música também. E agora, nesta noite, umas poucas palavras para uma coordenação de forças em direção a algum fim certo e particular, proposto por aqueles cujo dever e responsabilidade é emitir para estas Esferas inferiores tais comandos, como lhes são determinados de cima. Saiba você, entretanto, você que habita em uma das mais altas destas Esferas, que tais deveres como os que são designados a você, foram todos elaborados conforme o nível deles, e ao fim a que se propõe, por aqueles que habitam em reinos distantes, acima de você. Estes esquemas de serviço distribuído são transmitidos para baixo até que cheguem a você, e fazem você saber algumas vezes de uma maneira, algumas de outra, e para uns mais abertamente, e para outros menos detalhadamente, não tão escampo. Contudo, todos que correm a corrida da vida terrestre podem ler o documento se quiserem, e perseverar em silêncio desejando que aquela luz lhe seja concedida, de acordo com o que sua vida for, e para qual fim ela foi guiada.

Mas a poucos é dado saberem ou vislumbrarem o futuro adiante. "Suficiente até o dia" é a regra, como Ele disse uma vez, e isto é suficiente, assim sua confiança será firme e tranquila todo o tempo. Não porque o futuro não é conhecido, mas somente porque é possível apenas para aqueles de alta capacidade e nível verem o curso distante do grande propósito da vida; e nossa capacidade é suficiente para apenas uma visão curta, e a do homem médio mal atinge alguma visão adiante. Quando tais esquemas são fornecidos, vêm através de tantas esferas descendentes que é, portanto, uma consequência natural que sejam tingidos pelas características dominantes de

cada uma das esferas através das quais são filtradas até embaixo e, até que o alcancem, participam de uma natureza de planejamento tão complexa que o assunto principal é muito difícil de se descobrir, às vezes mesmo para nós que temos habilidade pela prática nesta questão. Isto é um propósito e um uso da fé, ser capaz de perceber os compromissos de alguém e nada mais e, naquela convicção, ir adiante e bravamente, em nada duvidando de que a finalidade é prevista por aqueles que participaram do plano. Se aqueles que colaboraram na elaboração de tal plano forem fiéis e diligentes, aqueles que o conceberam terão o poder de alcançar seu fim. Mas talvez não, pois todo homem é livre para escolher, e nenhuma vontade do homem será ultrapassada na liberdade de sua escolha. Se ele escolher ir adiante com fé e confiança, então o final é certo. Se ele escolher sair do caminho planejado, então ele não é deixado nem forçado. Uma guia é então oferecida, e gentilmente. Se isto for recusado, ele é deixado ir-se sozinho - mesmo assim, não sozinho, porque outros serão suas companhias, e isto com certeza.

Para ilustrar o que queremos dizer. Um livro será projetado cuja necessidade é prevista. Diremos que aqueles de uma esfera cuja nota dominante é da ciência conceberão o esboço do livro. Isto será entregue em mãos para outra esfera cuja nota é o amor. Neste plano será infundida uma brandura, um efeito de suavidade, e o plano segue. Uma esfera onde governa a beleza acrescentará algumas ilustrações que darão harmonia e cor ao tema. Então virá para um grupo daqueles que estudam os diferentes traços dominantes nas raças humanas. Estes estudarão muito cuidadosamente o tema em si, e observarão a nação mais adaptada para pôr o evento adiante no mundo. Isto decidido, eles cuidadosamente selecionarão a próxima esfera ao qual será confiado. Pode ser que seja necessária uma infusão de precedentes históricos, ou uma veia poética, ou talvez romance. E aquilo, que começou na viga do fato científico profundo, pode chegar ao

plano da terra como um tratado científico, uma resenha histórica, uma novela, ou mesmo um poema ou hino.

Leia alguns destes hinos que você mais conhece à luz do que lhe dissemos agora, e vislumbrará, mesmo que fracamente, o que queremos dizer. "Deus se movimenta em caminhos misteriosos" poderia ser reescrito como uma exposição científica de filosofia cósmica, ou mesmo ciência. Assim também "Há um livro, quem corre pode lê-lo". "Oh, Deus, nossa ajuda em eras passadas", poderiam formar a base de um trabalho informativo da Divina Providência, considerada historicamente, e muito possivelmente em sua primeira concepção pode ter sido formulada naquelas linhas, em alguma alta esfera cujo tom compartilha daquela disposição. Pois você rapidamente entenderá que tais planos são originados não somente em uma esfera, mas em muitas, e não passam de uma esfera para outra em ordem idêntica. Também, o que pode originar o que poderia ser um livro, antes que chegue a você é muito transfigurado, até tornar-se um ato do Parlamento, ou uma peça, ou uma negociação comercial. Não há finalidade para os caminhos e significados. Aquilo que eventualmente pareça ser digno de confiança ao grupo de companhias concernentes à produção de qualquer plano no serviço de Deus e no comportamento do homem, é agregado ao serviço. Assim é que aqueles homens desincumbem-se do trabalho daqueles que vigiam e guiam do alto. Então, percebamos quão grande hoste de ajudantes eles têm atrás de si, e indo adiante corajosamente, sem dúvidas, sem hesitação em seu caminho, porque não estão sós.

* * *

A estes pensamentos que escrevi por você, bom amigo, eu acrescentaria agora uns meus.

Aquilo que tem sido dado por aqueles que sabem mais que eu é

concernente aos homens que se ocupam com os interesses de variadas espécies do mundo. Mas o que sei por mim é que suas palavras são aplicáveis também ao seu próprio caso, pois nenhum trabalho de alguém é deixado sem guia ou sem o suporte destes reinos justos. Tome este pequeno presente meu ao partir, portanto, meu amigo. É apenas pequenino, mas é da Kathleen.

II - O SAPATEIRO

Quinta, 15 de novembro de 1917.

Os homens costumavam dizer, naqueles tempos em que vivíamos entre vocês na terra, que aqueles que escolhem o melhor caminho de vida deveriam arrepender-se logo, para um triunfo posterior. Isto alguns de nós pelo menos provamos, e achamos que não é desejável como sabedoria. Pois aqueles que assim escolhem têm um olho não no tempo, que é curto, mas na eternidade, que é longa. Destas esferas agora nós olhamos para trás, e, olhando para nossa jornada numa visão resumida e plana como num quadro, somos capazes de marcar melhor os pontos salientes que a tela mostra, e moldar o nosso curso futuro em harmonia com aquelas lições que ali possamos ler.

E quão diferente é o quadro quando é a luz branca do Céu que o mostra para nós, em comparação com a visão daquilo que ele parecia ser quando estávamos nas brumas, compondo o quadro e angariando materiais para o trabalho de composição. Não façam vocês, hoje, aquilo que fizemos então; sejam também cuidadosos com o que valorizam muito nos diferentes elementos da vida humana e no viver. Agora vemos que aqueles grandes empreendimentos dos quais tomamos parte eram grandes, na maioria, porque olhávamos para eles numa parte. Mas nossa parte é, individualmente, como um minuto, e importa a nós apenas pelo motivo, não pela parte que realizamos. Porque, espalhado por todos que colaboraram com sua influência, cada grande empreendimento rarefaz-se tanto, que cada um tem somente um pequeno papel a desempenhar. É o motivo com que se desempenha continuamente aquela parte que importa. O todo é para a raça - cada indivíduo obtém sua cota de benefícios do resultado, mas cada parte é

pequena, enquanto que - se seu motivo for elevado - não importa se o mundo perceba seus feitos, aqui lhe será dada a sua parte a desempenhar, à qual ele mesmo fez por merecer na batalha da vida terrena.

Isto parece um pouco confuso. Poderia me dar um exemplo e ilustrar melhor?

Poderíamos dar-lhe muitos. Aqui está um:

Um sapateiro, que economizou somente o suficiente para pagar suas dívidas, e nada mais, depois que foram pagas despesas de seu enterro, chegou aqui há anos atrás, como vocês dizem. Ele foi recebido soberbamente por um pequeno grupo de amigos, e estava bem contente porque eles lembraram-se dele, e deram-se ao trabalho de vir de tão longe à terra para mostrar a ele o caminho da esfera para onde ele deveria ir. Era uma das próximas da terra, não muito alta, e, como eu disse, ele ficou muito contente. Pois ele achara paz depois de muita labuta e cansaço na sua batalha contra a pobreza, e lazer ao ir ver as várias paisagens interessantes e as localidades daquela esfera. Para ele era, sem dúvida, o Céu, e todos eram gentis com ele, e ele estava muito feliz na companhia deles.

Um dia, para usar o vocabulário terrestre, um Senhor de uma alta esfera caminhava na rua onde era sua casa e entrou nela. Encontrou o sapateiro lendo um livro que encontrara na casa à qual fora levado, e que lhe disseram ser seu lar. O Anjo Senhor chamou-o pelo seu nome na terra - não me lembro qual - e o sapateiro levantou-se.

"O que está lendo, meu amigo?" o Anjo perguntou-lhe.

O homem assim respondeu, "É algo que não é de muito interesse para mim, senhor, o que leio. Não está dentro de minha compreensão, sem dúvida, porque evidentemente não foi escrito por alguém desta esfera, mas de uma muito mais alta".

"Para que fim foi escrito?" o Anjo perguntou novamente, e ele respondeu, "Senhor, ele fala de um estado elevado e um empreendimento de

organização de grandes companhias de homens e mulheres nas esferas acima de nós a serviço do Único Pai. Estas pessoas, penso eu, foram algum dia de nações e crenças diferentes umas das outras, porque assim o modo de discursarem parece mostrar. Mas ao escritor deste livro, eles não mais parecem diferentes, porque eles têm, por um longo treino e muito progresso, vindo juntos como um grupo de companheiros, não havendo mais divisões entre eles para apartá-los, nem em afeições uns por outros, nem em entendimento racional. Eles são uníssonos em propósito e serviço e desejos. Por isso eu julgo que a vida aqui descrita não seja desta esfera, mas de uma distante acima desta. O livro, mais ainda, é de instrução, não só para aquele grupo brilhante, mas também para servir de guia para líderes entre eles, porque fala de diplomacia e alto governo, e da sabedoria requerida por aqueles que lideram. Por esta razão, senhor, isto não é de meu interesse presentemente, mas poderá ser daqui a muito tempo. Como o livro veio parar aqui, não sei lhe dizer".

Então o Anjo Senhor tomou o livro e fechou-o e devolveu-o ao sapateiro silenciosamente, e, enquanto ele o pegava das mãos do Anjo, suas faces ruborizaram-se de confusão, porque brilhando na capa estavam gemas de rubi e outras brancas que cintilavam em letras que formaram seu nome em brilho e chamas.

"Mas eu não havia visto isto, senhor", ele disse. "Eu não vi meu nome ali, senão
agora".

"Mas é seu, como vê," disse o Anjo Senhor, "e portanto, para sua instrução. Pois saiba, meu amigo, esta esfera é apenas um lugar de descanso para você. Agora que já descansou, deve começar seu trabalho, e que não é aqui, mas naquela alta esfera de que o livro trata e na qual foi escrito".

O sapateiro não conseguia falar, porque estava com medo e encolheu-se e inclinou sua cabeça diante das palavras do Anjo. Apenas isto ele pôde

dizer, "Eu sou um sapateiro, senhor; não sou líder de homens. E eu estou contente com o lugar humilde neste lar brilhante que é o Céu, indubitavelmente, para os que são como eu".

Mas o Anjo disse, "Agora, apenas pelo que disse, você deveria ter uma promoção. Pois você deve saber que a humildade é uma das proteções e salvaguardas certas daqueles que permanecem nos altos lugares de comando. Mas você tem mais armas que esta proteção de humildade, que é protetora de uma forma passiva. Armas de ofensiva que você também temperou e afiou naquela vida na terra. Quando você fazia botas, seus pensamentos eram para fazê-los de tal forma que aguentassem um longo uso e protegessem o bolso de seu pobre comprador. Você pensou mais nisso que no preço que cobraria. Isto, sem dúvida, você fez ser uma regra; aquela regra cresceu em você e tornou- se parte de seu caráter. Aqui, tal virtude não é pouco estimada.

"Novamente, apesar de que fortemente pressionado para pagar seus compromissos, mesmo assim, de tempo em tempo você deu uma hora de seu dia para ajudar algum amigo recolher sua colheita, plantar seu pedaço de chão, cobrir com palha seu telhado ou amontoar o feno, ou talvez olhar algum doente, ficando ao lado de sua cama. As horas assim dadas, e que você repôs à luz de velas, para você foram pobres. Isto também foi notado neste lado, pela razão do aumento de brilho de sua alma, porque podemos ver o mundo dos homens pelo nosso vantajoso ponto de vista, onde a luz das esferas, perpassando pelos nossos ombros, vinda de trás, atinge os na vida terrestre e é refletida de volta pelas virtudes dos homens, e não acham refletores em seus vícios.

Portanto os espíritos daqueles que vivem bem são iluminados, mas escuras e sombrias mostram-se as almas daqueles que vivem suas vidas doentias.

"Outras coisas eu poderia dizer-lhe sobre o que fez e o por quê. Mas

deixe-as para um tempo suficiente, enquanto agora transmito-lhe minha mensagem. Na esfera que este livro descreve, ali um grupo de pessoas aguarda você. Eles foram treinados e organizados. A missão deles é visitar a esfera próxima da terra de vez em quando e receberem, das mãos de quem os traz, espíritos que tardiamente chegaram ali. A tarefa deles é estudar estes recém-chegados e colocar cada um em seu próprio local, e mandá-lo para lá por um grupo de socorristas que atendem a este propósito. Eles estão prontos para começar a qualquer momento e apenas estão esperando por seu líder. Venha, bom amigo, e mostrar-lhe-ei o caminho ao local onde eles estão esperando por você".

Então o sapateiro ajoelhou-se e colocou sua face no chão aos pés do Anjo e lamentou e disse, "Se eu fosse apto, senhor, para este grande serviço... Mas, ai de mim, não o sou. Nem conheço este grupo, nem sei se me seguiriam".

E o Anjo replicou, "As mensagens vêm d'Aquele Que não erra na escolha das pessoas. Venha, você não encontrará um grupo de estranhos ali. Porque, frequentemente, quando seu corpo cansado dormia, você foi levado àquela mesma esfera, sempre, mesmo na sua vida na terra isto foi feito. Ali você também foi treinado, e ali aprendeu, primeiro a obedecer, e mais tarde a comandar. Conhecê-los-á bem quando os vir, e eles também o conhecem bem. Ele será sua força, e você cumprirá corajosamente".

Então ele o levou para fora de casa, e pelas ruas desceram, passando à trilha da montanha em frente. Conforme iam andando, sua roupa tornou-se mais brilhante e mais leve na textura, e seu corpo ganhou estatura e muita iluminação, e, enquanto subiam, desta forma o sapateiro ia ficando para trás, para surgir emergente o Príncipe e Líder.

Depois de uma longa jornada e muito agradável, muita coisa afastada para que a mudança fosse forjada o mais suavemente possível, eles chegaram ao grupo. Ele os reconheceu um a um, e eles, por sua vez, vieram

e postaram-se diante dele, e ele soube que poderia liderá-los bem, pelo vislumbre de amor que ele viu em seus olhares.

III - COMUNICAÇÃO CONCERNENTE

Sexta, 16 de novembro de 1917.

Muito daquilo que dizemos a você, amigo, sem dúvida parece estranho a seus ouvidos, a você que não viu nem ouviu o que somos privilegiados ao vermos e ouvirmos. Mas, se de alguma maneira deixa-o perplexo, esteja bem seguro disto: que as nuvens de névoa que agora você enfrenta, nós também um dia enfrentamos, antes de você. Nós, portanto, não estranhamos suas dificuldades e suas dúvidas, e não nos espantamos com a sua hesitação frequente. Contudo, abandone o que vem à sua mente; mais tarde leia tudo criticamente e talvez admitirá que no resultado total valeu a pena o trabalho, com imperfeições como bem pode ser, tanto no corpo quanto nos detalhes. O corpo é de maior importância que os detalhes, lembre-se, e íntimo a ambos está a alma. Deixe-nos o que é de seu vocabulário, pois se há algum valor naquilo que lhe damos, é lá que pode ser achado.

Sua fraseologia é um tanto antiga. Suponho que a considere mais fácil que o Inglês moderno. É assim? Estive quase escrevendo uma frase numa maneira mais moderna, e imediatamente algumas palavras pitorescas parecem vir à mente e fazem- me desistir.

Você não está longe do que acontece, meu amigo. Pois sem dúvida encontramos mais facilidade para usarmos o que vem em sua mente da maneira antiga quanto ao palavreado e seus usos e arranjos. Mas, se preferir, nós nos esforçaremos então em usar seu cérebro para empregar o que encontramos ali de estilo mais moderno. Tentaremos, se assim o deseja.

Não importa. Eu meramente reparei nisto como sendo não muito dentro do padrão ordinário das coisas. Por exemplo, quando estou pregando, o amigo que me ajuda ali não me faz usar a fraseologia antiga.

Não, há muitas diferenças mínimas nos métodos pelos quais fazemos nosso trabalho. Viriam lapsos mais facilmente a ele, sem dúvida, pelo menos ocasionalmente, na maneira de falar que ele aprendeu quando estava no seu plano. Mas pela prática ele conduziu a eliminar isto e usar seu próprio estoque de palavras, para que não causasse estranheza a ouvintes espantados e desse a eles motivo de questionarem se a pose seria sua, o que faria desmerecer um pastor simples e manso. Por outro lado, conversando assim, para que seja escrito, temos palavras e expressões que não podemos usar a não ser que forcemos sua mente e então você, em sua perplexidade, hesitaria, e nós nos desencaminharíamos do propósito do nosso tema.

Como é que conduzem o assunto então?

Bem, de qualquer forma somente em parte somos capazes de fazer claro a você o método que estamos empregando neste caso em particular. E assim continuaremos tanto quanto possamos. Primeiro de tudo, aqui nesta noite estamos num grupo de sete – algumas vezes somos mais, algumas vezes menos. Nós já trazemos decidido na forma geral o que diremos a você, mas deixamos o vocabulário preciso até o momento em que o vemos e sentimos sua disposição mental, e também o que há guardado à disposição em sua mente para aquele dia. Então permanecemos à uma pequena distância, para que nossa influência, emanações de nossas várias cabeças, não o alcance em partes, mas como uma corrente, e não como muitas, que de desta forma o confundiriam. Mas, da pequena distância na qual permanecemos, elas emergem e mesclam-se, e são focalizadas em uma; assim nos nossos pensamentos, ao chegarem em você, há unidade e não multiplicidade de dicção. Algumas vezes você hesita, duvidoso de uma palavra ou frase; é quando nossos pensamentos, misturando-se em um só, não estão bem adequados à palavra especial requerida. Você dá uma pausa e, continuando a mesclarmos juntos, nossos pensamentos finalmente assumem unidade, e então você obtém sua ideia e continua em seu caminho. Você percebeu isso,

claro?

Sim, mas não sabia da causa.

Não. Bem, então continuemos agora. Pensamos nossos pensamentos para você, e algumas vezes eles estão em palavras tais que são antiquadas demais, como diz você, para você apreender prontamente. Isto é remediado, quando as filtramos através de um instrumento mais moderno, e é sobre ele que falaremos agora.

Este instrumento é sua amiguinha Kathleen, que é bondosa o suficiente para estar entre nós e você, e desta forma fazer com que nossos pensamentos estejam disponíveis a você. Isto é por mais de uma causa. Primeiro, porque ela está mais próxima a você em status que nós que, estando mais longe daqui, tornamo-nos algo deslocados da terra, das maneiras e das formas da terra. Ela é mais recém-chegada para cá, e ainda não está tão distante que não dê para, ao falar, não ser entendida. Ainda por outra razão parecida também ela está entre nós; é o vocabulário que forma o atual estoque dela. Ela ainda pode pensar em sua antiga língua da terra e é mais moderna que a nossa - apesar de que nós não gostamos desta linguagem, porque nos parece mais complexa e menos precisa. Mas não devemos achar falhas naquilo que está maravilhoso. Temos, sem dúvida, ainda nossos preconceitos e a estreiteza mental. Estes não surgiram recentemente, mas, quando descemos para cá, nada podemos a não ser retomar novamente alguns daqueles tratos que uma vez tivemos mas, gradualmente, deixamos de lado no nosso caminho em frente. Quando retornamos assim, rememoramos seu conhecimento, e não é maçante; há mais que prazer nisto. Ainda, a senhorita Kathleen está mais perto de você que nós a este respeito; e a corrente de nossas emanações dirigimos sobre você através dela por esta razão. Mais ainda, ficamos um pouco apartados de você porque nossa presença combinada sobrepujaria a sua. Aura é uma palavra que podemos usar - não gostamos muito, mas serve por agora.

Nossas auras misturadas afetariam tanto você que você, sem dúvida, nos sentiria com o que seria mais do que prazer - uma espécie de êxtase. Mas você não conseguiria transcrever, e nosso propósito em vir é dar-lhe uma sequência de palavras que você e os outros possam ler com inteligência, e também com benefício.

Você deu uma olhada no ponteiro de seu mostrador de horas. Você o chama de relógio. Por quê? Isto é um pequeno exemplo de nossa preferência por sua mais antiga forma de falar. Mostrador de horas parece-nos mais explícito que outra palavra. Mas não pressionamos suas opiniões a fim de que não pareçamos falhos em nossa cortesia. E o significado de sua olhada é claro, não importa o nome que se dê à coisa para a qual olhou. Assim desejamos-lhe boa noite, bom amigo, e as justas bênçãos de Deus para você e os seus. Boa noite.

* * *

Poderia a Kathleen acrescentar uma palavra, por favor?

Sim, é claro.

Estes bons amigos estão conversando juntos, porque usualmente prolongam-se por aqui um pouco mais, como nos velhos tempos, antes de irem. Sempre sei que estão indo, porque a última coisa que fazem é virarem-se para mim e darem seus agradecimentos e despedidas. Eles são um grupo de cavalheiros brilhantes e gentis, e algumas vezes trazem uma mulher com eles. Penso que é quando vão falar sobre algum assunto onde uma mente meramente masculina não pode abranger tudo. Não sei quem ela é, mas é muito digna, bonita e de aparência bondosa. Até logo, por enquanto, meu querido amigo, estarei logo com você novamente. Muito obrigada por me deixar escrever com você.

Até logo, Kathleen, minha querida. Mas penso eu que os agradecimentos deveriam partir de mim.

E você estava relutante em começar, não estava?

Sim, estava. Tenho muito o que fazer nesta época. Também não esqueço a tensão quando escrevi aquelas outras mensagens quatro anos atrás.

E mesmo assim o tempo para nós foi arranjado, não foi? Percebeu isto? E a tensão não é tão grande quanto você esperava. Não é assim?

Certo nos dois itens.

Bem, o último item é correto, como você colocou, porque sua indigna amiguinha Kathleen fez seu papel em vir intermediar. Portanto não deixe de me levar em conta no futuro, está bem? Até logo, e mais uma vez obrigada. Ruby (*Ver prefácio*) diria "e beijos", mas isto é privilégio de ter sido sua filha, vê? Então apenas digo: até mais, com amor e bons pensamentos.

Kathleen

Sábado, 17 de novembro de 1917.

Por causa de muitas complicações intrincadas, às vezes quando lemos a mensagem que enviamos, vemos que aquilo que tentamos imprimir não está patente ali, e algumas vezes aparece, em menor quantidade, aquilo que não tínhamos em mente. Isto é apenas uma natural consequência da intervenção de um véu tão espesso entre a esfera de onde falamos e aquela onde o que está registrando vive sua vida. A atmosfera das duas esferas é tão diversa em qualidade que, em passando de uma para outra, há uma diminuição de velocidade tão repentina e tão marcante que um choque é dado à corrente de nossos pensamentos, e é produzido ali, justamente na linha de fronteira, alguma confusão inevitável. É como um rio vertendo de uma represa para um nível mais baixo, onde a superfície é um palmo de águas agitadas. Tentamos passar por baixo, onde a corrente não é tão perturbada, e então nossa mensagem chega mais clara. Mas esta é uma das muitas dificuldades que encontramos.

E aqui está outra. O cérebro humano é um instrumento muito maravilhoso, mas é de substância material, e mesmo quando a corrente de

nossos pensamentos o alcança e imprime sobre ele, mesmo assim, por causa da densidade, a penetração é impedida, e às vezes tudo leva a uma parada. Pois as vibrações, da forma que elas saem de nós, são de alta intensidade, e a finura de sua qualidade é um obstáculo a uma correspondência efetiva no cérebro humano, que é grosseiro por comparação.

Mais uma vez, há muitas coisas aqui para as quais não há palavras em nenhuma das linguagens terrestres que expressem seus significados. Há cores que seus olhos não veem, mas estão presentes em seu espectro; e há mais outras cores que são de uma sublimidade mais elevada do que pode ser reproduzido por um meio que mostre as cores da terra a você e registre aquelas invisíveis a vocês, mas presentes também. Há também notas e tons sonoros da natureza finos demais para um registro pela atmosfera terrestre. Também há forças semelhantes não disponíveis a vocês, nem há como serem expressas a vocês que não têm experiência, ou o conhecimento empírico delas. Algumas vezes diz-se que estas constituem a Quarta Dimensão. Não é uma maneira verdadeira de expressar o fato como ele é, mas talvez é melhor que deixá-lo sem ser mencionado totalmente, e isto não é para valorizar tal explanação como elevada, afinal de contas. Esta e outras matérias ali estão interpenetrando-se todas em nossas vidas e formando nosso ambiente. E quando chegamos para falar de nossa vida aqui, ou das causas que vemos atuando, das quais você vê os efeitos apenas, ficamos muito perplexos e continuamente esforçamo-nos para achar apenas um modo de dizê-lo, para que tudo seja entendido por vocês, e também que o objetivo não seja tão amplo como o conhecemos.

Assim você verá que temos uma tarefa a cumprir, ao falarmos em sua esfera sobre a nossa, o que não é fácil. Ainda assim vale a pena fazê-lo, e redigimos da melhor forma e tentamos ficar satisfeitos.

Isto poderia ser feito mais facilmente se os homens fossem mais propensos em acreditar na nossa presença e companheirismo do que

atualmente são. Fosse a crença mais ousada e vivaz, e mais simples os corações dos homens, e com mais crença, então seu ambiente espiritual seria muito mais elevado em tom e textura, e faria nossa tarefa prontamente executada, e mais prazer obteríamos em nossos esforços em ajudá-los.

É mais fácil falar a um Hindu que a vocês, porque ele dá mais abertura aos assuntos espirituais que vocês. A vocês aqui no Ocidente, a ciência das coisas orgânicas e das coisas inorgânicas - como vocês supõe que elas são, e erradamente -, das coisas substanciais e também a ciência da organização exterior (que são os negócios de política de estado), são assuntos que pareciam ter maior urgência. E este trabalho vocês fizeram muito bem, e foi necessário que fizessem. Foi necessário também que seus maiores esforços fossem concentrados no aspecto das negociações do mundo. Mas agora a situação está quase completa, tudo quanto concerne a esta época, e esperamos que sintonizem a mentalidade para um canal mais alto, para a frente e para o alto da vida espiritual. E quando isto for atingido, então estes que esperam pela oportunidade de falar com os homens encontrá-la-ão, e não deixarão passar. O tempo está bem próximo agora, e muito daquilo que é útil poderá ser procurado e esperado. Pois temos visto que a batalha mais dura diante de nós é conquistar o materialismo do Ocidente, e regozijamo-nos nesta luta dura, como você faz, e mais ainda, não nos cansaremos tão cedo.

Não seguiremos adiante com isto agora, já que você se cansou. Assim, boa noite, amigo, e a paz de Deus a você.

Quinta, 22 de novembro de 1917.

Se puder dar sua mente a nós por uns instantinhos, tentaremos explicar mais a você no que se refere ao nosso método de trabalhar e servir aos homens. Você entenderá que, sendo estas regiões muito vastas em área, e sendo incontáveis os habitantes das esferas, os métodos de trabalho variam

nos diferentes lugares, e de acordo com a evolução de organização atingida em cada um. Falamos, portanto, neste momento, apenas de nosso próprio local, não de outros. Precisamos fazer assim, porque para uma comunidade são dados os procedimentos de outras para que sejam estudados, tanto para a edificação quanto para a coordenação também. Mas ficaremos restritos ao nosso próprio lugar agora.

Há muita coisa para se fazer a fim de ajudar a humanidade que está confiada a nós como nossa tarefa peculiar na esfera de onde viemos. Estes compromissos estão divididos, e uma tarefa mais especial é dedicada aos grupos de trabalhadores. Destes grupos, em número de sete, nós aqui presentes formamos o que vocês chamariam de uma seção ou destacamento. Fomos delegados para este trabalho que agora temos em mãos, que é o envio de uma série de mensagens através de Kathleen, sua pequena amiga e, na sequência, a você. O grupo ao qual pertencemos varia em número de vez em quando, conforme novos membros são iniciados, ou os membros progridem e são chamados para a próxima esfera acima. Neste presente momento o total do grupo é de trinta e seis, e trabalhamos normalmente em destacamentos de seis com um líder, mas algumas vezes com mais, algumas vezes menos, de acordo com a natureza do trabalho que devemos fazer. A razão de trabalharmos em grupos, e não sozinhos, não é apenas para um aumento de forças ou para maior poder, mas também para a combinação de influências a serem expostas e misturadas num todo. Isto nós já explicamos a você. Esta mistura, para ser efetiva, deve harmonizar-se com a personalidade ou personalidades através de quem trabalhamos, ou de outra forma o efeito seria de qualidade incerta e propensa a erros de maior ou menor grau. Há outros serviços de outras espécies aos quais isto não se aplica, mas deixamos de lado estes por um tempo e falaremos de nosso atual trabalho.

Há apenas duas personalidades que temos atualmente a considerar: a de

Kathleen e a sua. Falamos apenas de duas, nossa intérprete - você assim a chamaria - é uma de nós. Vocês dois estiveram sob nossa observação por muitos meses no passado. Primeiro nós o encontramos. Nós soubemos de você através de seus escritos para a senhora sua mãe e seu grupo, e mais tarde para meu senhor Zabdiel.

Pode dizer algo dele?

Muito seguramente, amigo, e assim faremos num tempo apropriado, mas não nesta noite.

Nós, portanto, estudamos e analisamos sua mentalidade e o que você guardou lá nos anos de sua vida terrestre, e sua alma - que é seu corpo espiritual, assim empregamos a palavra aqui nestes escritos - e a saúde dele, e em quais membros a saúde requeria uma melhora a mais; e também, tanto quanto pudemos, estudamos a qualidade e o caráter de suas facetas, o espírito em si. Isto foi passado através do espectro que usamos - não muito parecido com aquele sobre o qual seus cientistas falam, mas que é aplicado por nós, nos homens e suas emanações, como seus cientistas fazem com o raio de luz. Assim você foi, mesmo que desconhecendo, vasculhado e testado com muito cuidado e detalhamento. Fizemos nosso diagnóstico, cuidadosamente escrito em detalhes, e então comparamos com aquele que foi feito quando meu senhor Zabdiel usou você, e também com o registro mais cru, mas bastante completo, usado quando sua mãe veio a você pela primeira vez e, com suas companhias, imprimiu em você seus pensamentos.

Estes três registros mostraram seu progresso. Em algumas coisas você... pensou que diríamos algo de você, amigo?

Sim, por favor.

Em algumas coisas você progrediu e em outras falhou, mais pela razão de muito serviço em seu tempo e pensamentos postos a trabalhar provindos desta guerra atual. Num balanço total, penso eu, podemos dizer que achamos você, como instrumento, um pouquinho inferior do que você era

anos atrás. Concordamos que seríamos capazes de usar sua mente quase que completamente como já fizeram antes. Mas foi nas coisas mais profundas onde foi achada uma falta em você - aquelas que levam para um voo espiritual e êxtase, e nos permitem trabalhar na faculdade imaginativa, que é o que deveria ser chamada uma clarividência interior, e também na escuta interior. Apesar disto, achamos você um instrumento que poderia ser usado e deve, talvez, progredir com o uso, e estamos felizes em usar você.

Outra coisa mais, descobrimos que as linhas de progresso para cima e para baixo não se encontram sempre continuamente em linha reta, quando colocamos os três registros emendados numa sequência. Houve discrepâncias, e aquelas que são concernentes aos dois últimos registros, o nosso e o de antes de nós, descobriu-se que eram da nossa conta, não daqueles que fizeram o registro por meu senhor Zabdiel. Isto não é para espantar, se você pudesse conhecer o método empregado por nós. No seu progresso, não sendo sempre na mesma direção, as linhas entrecruzaram-se e envolveram-se uma à outra, o que resultou em confusão. Mas os erros foram todos nossos.

Pararemos por aqui, e espero continuarmos este mesmo tema amanhã à noite, pois você teve mais de uma interrupção, o que é mais que bastante, e não está fácil usá-lo esta noite por causa delas. Precisamos nos esforçar por combinarmos melhor, se pudermos, para que isso seja evitado daqui para frente. Tentaremos. Boa noite, amigo, e que as bênçãos de Deus possam estar no caminho por onde passa.

Sexta, 23 de novembro de 1917.

Continuaremos, amigo.

O elo que se estende entre a redação na sua mente e o lápis e papel pelo qual passa esta corrente de pensamentos a outros, está agora caminhando para a perfeição. Feita a procura, levando-se em consideração sua

personalidade própria e os traços particulares, encontramos uma ligação entre nós e você - aquele que poderia receber esta mesma corrente da união de nossas mentes, refratá-la, em certa medida transmutá-la, eliminar dela aqueles elementos que num espectro não são de utilidade ao olho humano, nem de efeito sobre a retina, e transmitir o residual a você. O que chega a você vindo de nós, entretanto, não é a soma total do que inicialmente foi enviado a você. É análogo a que chamam a parte visível do espectro, isto é, é tudo o que pode ser feito visível ao olho humano - aquela luz composta de vibrações de raios que nem são ultra, nem a base. Isto, em si, é uma explicação das muitas dificuldades de comunicação que frequentemente parecem ser irracionais no elo final de sua corrente. Agora, todas as leis são coerentes e têm certos pontos de semelhança. É assim agora. Pois, assim como aquela luz branca pela qual você vê não é uma única, mas uma unificação, assim é conosco. A luz branca unifica em si mais cores que uma, que, combinadas, produzem uma corrente de luz de uma só cor, e neutra. Assim nós, nossas mentes combinadas, não produzimos a você cada um dos próprios elementos em separado, mas uma corrente coerente, como se proviesse de uma só mente. Esta ilusão é obtida também por causa de nossa transmissão desta corrente, que é através de nossa excelente amiguinha e médium de transmissão, Kathleen. Perceba também que estes elementos devem ser misturados na proporção certa, e cada qual em sua quantidade adequada, ou o efeito estaria arruinado, como se a luz não fosse branca, mas mesclada, havendo uma cor predominando acima de sua proporção justa, na mistura de todos.

Nós estamos coletando nossos materiais para o pudim, veja você, mas ainda não estão prontos para a mistura. Nós acabamos de entrar em contato com um elemento muito importante. Encontramos a senhorita Kathleen e, por causa de sua amizade com ela, e afinidade, alguém de seu próprio sangue.

Você quer dizer Ruby?

Ela mesma, quem mais? Sua filha Ruby é, para Kathleen, tanto amiga como instrutora. Muito bem. Convidamo-la como convidamos você, um pouco mais ou pouco menos, e chegamos a um problema grande e muito delicado, do qual depende grandemente o sucesso e a ventura de nosso serviço. Nós éramos seis homens, e Kathleen mulher. O sexo predomina muito em nossa ciência aqui, como acontece com vocês. Poderíamos trabalhar mais facilmente por um cérebro masculino, até mesmo como os nossos. Portanto, não puxando demais por sua paciência, deixe-nos dizer que encontramos alguém cujo pensamento por um lado corresponderia com o nosso, e por outro lado, fosse uma mente com um toque feminino. Esta é a senhora que atua na função de intérprete. Ela é de nossa esfera, também é de nosso grupo, e ainda mais, tem muita prática, e está por muito tempo em nossa companhia. Ela está sintonizada conosco como uma das nossas, e sintonizada com a Kathleen pelo lado feminino. Ela é quem resume e mistura o total de nossas mentalizações - pensamentos - e os transmite a você através de Kathleen. Você perceberá que estas mensagens têm, na sua maioria, o tom masculino de pensamento e expressão. É por causa da predominância do elemento masculino na composição deste destacamento do grupo. Mas às vezes você poderá, talvez, detectar o elemento feminino com mais proeminência. Isto acontece quando o tema é tal que fica mais conveniente que a mente feminina dirija, e que nós, pobres homens, apenas sigamos, aplicando nossos poderes mais brutos às rodas, assim incrementando o elemento dinâmico na aventura. Mesmo Kathleen, às vezes, irá dar uma espiada naquilo que for de seu trabalho, e sem dúvida será agradável para você, como ela é para nós, na sua doce e ingênua maneira de ser.

Você fala como se pretendesse que esta série seja bem longa. Não pretendo parecer grosseiro, mas achei que aquela outra foi bem extenuante.

E não somente isso, amigo. Não se alarme. Passamos alguns sofrimentos para preparar esta empreitada - é uma empreitada menor. Você parará de escrever para nós assim que o desejar. Mas não penso que estará disposto a desistir de nossa companhia. Você já está achando, de alguma forma, muito agradável vir, e estar próximo a nós, e escutar nossa mensagem. Isto continuará, como penso. Mas, para seu conforto, direi que nosso propósito não é mais que dar o que meu senhor Zabdiel deu, porém algo que não será tão extenuante em sua natureza, mas será lucrativo, esperamos.

Algumas vezes você diz "eu" e algumas vezes diz "nós." Suponho que seja porque há dois aspectos em sua mensagem: A única corrente e os vários elementos que concorrem para formar a corrente; vocês sete falando algumas vezes no plural e algumas vezes como um. É assim?

Não é uma má explanação, amigo, e é parcialmente verdadeira, mas somente em parte. Quando dizemos "eu", falamos em nome do líder (*Na quarta-feira subsequente a esta, o Sr. Vale Owen foi questionado nas seguintes perguntas através da prancheta usada pela sua esposa: "— Estará George na Igreja amanhã por si mesmo? Porque o Líder gostaria que ele ficasse calado; não o pressione apresentando as pessoas que chegam para falar com ele. Estarei chegando amanhã bem cedo para prepará-lo para um Líder disposto". Kathleen. (G. V. O.) "— Você quer dizer que o Líder do grupo que vem com você está disposto?" "— Sim, nós sempre o chamamos de "Líder!"*) de todo o grupo de trinta e seis, como hoje está assim composto. Quando eu digo "nós", estou falando naquele momento no comportamento dos outros seis neste detalhe. Agora há uma coisa para você pensar: como a unidade e a diversidade, como o singular e o plural podem ser intercambiáveis e com que tamanha facilidade isso é visto nestas mensagens.

Amigo, há uma profundidade aqui na qual você falhará no significado enquanto estiver na carne, tente como queira, pois é um círculo externo do mais íntimo santuário onde está o sublime Mistério dos Três em Um.

Nota**:** O Sr. Vale Owen decidiu, depois desta mensagem em prancheta acima, atribuir todas as mensagens não assinadas neste volume como vindas

do Líder (veja o começo do Capítulo VI).

IV - O MINISTÉRIO ANGÉLICO NAS ESFERAS INFERIORES

Terça, 27 de novembro de 1917.

Nós temos nossa matéria pronta em mãos, amigo, e pedimos que nos dê sua mente, para que possamos contar-lhe de um incidente que aconteceu recentemente na esfera onde sempre estamos para supervisionar um trabalho que há ali.

É a construção de um prédio semelhante a um templo; seu propósito, quando completo, é o de coordenação de energias com a finalidade de aqueles da vida da terra poderem receber lá, o mais rapidamente possível, nossos pensamentos vindos de cá. Este prédio está sendo construído devagar já por algum tempo, e está perto de terminar. Descrevê-lo-emos tão bem quanto pudermos, e posteriormente o uso que lhe será dado em breve.

O material é de várias cores e de várias densidades. Não é feito de tijolos agrupados, nem de blocos como os de pedra da terra, mas cresce em uma única peça apenas. Quando decidimos o seu projeto, fomos ao lugar já escolhido onde ele ficaria. O lugar foi um platô entre o mais baixo e o mais alto dos planos da Esfera Cinco. Repare que estamos, nestas mensagens, seguindo a linha que Zabdiel deixou ao enumerar as esferas. Outros, algumas vezes, adotam este método, e outros, de outra forma própria. Mas você está mais ou menos familiarizado com esta forma, então nós a usamos. E é, ainda mais, um sistema mais conveniente de graduação que alguns outros, que frequentemente são mais complicados, ou ainda genéricos demais. Meu senhor, Zabdiel, escolheu uma espécie de medida, e então deixemos ficar aqui e agora.

Nós nos reunimos, portanto, e depois de um silêncio, a fim de

harmonizarmos nossas personalidades em direção à empreitada única, concentramos nossas mentes criativamente nas fundações e, gradualmente e muito vagarosamente, emanamos o fluido do poder de nossa vontade do chão para cima, e mais alto, até que chegamos ao andar semelhante a uma cúpula, e ali ficamos enquanto o Senhor Anjo, nosso líder, agrupou o total de nossas energias em si, e foi gentilmente ondulando o fruto de nosso empenho à medida que desviava a corrente poderosa da vontade para o espaço enquanto permanecíamos com a corrente de cada um de nós pulsando.

Agora, isto pode soar estranho em sua mente, amigo. Mas a razão disto foi: nós, como uma companhia, somos bem treinados e por longo tempo temos exercitado para atuar em concordância. No entanto, ao terminar o primeiro andar daquela frágil estrutura, foi preciso um maior controle das personalidades, mais potente do que a que pusemos em operação, ou o edifício teria tido sua forma arruinada ou a estrutura rompida, e nossos esforços teriam sido por nada. Uma razão a mais achamos difícil alcançar, assim como você poderia entender nossas palavras. Pode ser, pensando no assunto, que entenda a razão disto, se não entender o método. Pense nas linhas de corte do cordão umbilical, e também no outro cordão vital da morte, ou no fechar rápido demais de um conduto por uma porta de eclusa, ou alguma coisa da mesma natureza, e você poderá vislumbrar o que de bom grado diríamos, mas há falta de palavras.

Então o primeiro passo era o exterior do prédio na totalidade, mas esmaecido na fachada e de duração transitória. Assim, depois de descansarmos um pouco, recomeçamos mais uma vez nossa tarefa, e começando nas fundações como antes, reforçando cada pilar e porta e torres e torretes, conforme subíamos vagarosamente, até que o domo foi alcançado. Fizemos isto muitas vezes, e então deixamos a estrutura assim, a forma externa somente, mas já completada em sua forma. O que estava

faltando era, principalmente, profundidade nas cores, a complementação da ornamentação mais delicada e então, quando isso fosse feito, a solidificação do todo, até que fique tão forte que possa suportar muitas eras.

Fomos ao processo por muitas vezes, e frequentemente, conforme nossas forças se renovavam, e mais encantadora e feliz era a elaboração da beleza. O Templo é muito majestoso, tanto em proporção quanto em tamanho, e também em projeto - um objeto de muita beleza, sempre crescendo mais bonito, enquanto cada um de nós dá de si mesmo para gerá-lo. Os prédios nem sempre são erigidos desta forma nas esferas; há muitos métodos para a sua construção. Mas quando são feitos assim, tornam-se não tanto um trabalho dos construtores, mas nossas crianças muito amadas, porque são parte de nossa própria vitalidade e de nossa idealização. Tais prédios como esse também são mais receptivos às aspirações daqueles que vêm a eles depois, como trabalhadores, pois as construções têm uma certa vida, talvez não uma vida completamente consciente mas, mais corretamente, estão dotados de sensibilidade. Penso que deveríamos colocar este fato assim: Que enquanto uma casa como esta não termina, sua função é, para nós, seus criadores, como o corpo humano é para o espírito que o usa, tanto dormindo quanto acordado. Nós estamos sempre em contato com o trabalho ali realizado, através de sua sensibilidade. E não importa para que esferas, num tempo futuro qualquer, a companhia que o criou tenha se dispersado, sempre haverá naquele prédio um foco de comunhão real e vívida, e a alegria de todos eles é justamente aquela que você conhecerá quando se agregar aos criadores nestas esferas, se esta for a linha de sua subida no Reino de Deus.

Agora, quando a parte externa foi feita e confirmada, ali restou o trabalho interno, de maiores detalhes: a decoração das câmaras, saguões e capelas; a colocação dos pilares em colunatas; as águas das fontes para estarem em perpétuo fluir, e muitas outras formas de detalhamento.

Primeiramente permanecemos juntos do lado de fora e concentramo-nos nos pilares de suporte e paredes divisórias, e quando estes foram assentados, fomos para dentro e visualizamos o trabalho artesanal, como diriam vocês, mas nossas mãos não trabalharam muito, nossas cabeças e corações foram os construtores. Então, lá dentro levantamos a abóbada, e, conforme você descreveria, diariamente fomos de câmara para câmara, hall e corredor, e decoramos cada um, pouco a pouco, seguindo o projeto original e o esquema, até que tudo estivesse feito, terminando com o embelezamento do conjunto.

Então, que maravilha de encantamento foi para nós, quando nosso Grande Diretor desceu de seu alto reino mais uma vez para ver o trabalho e aprovar nossos esforços. Muitos pequenos detalhes foram corrigidos por ele, a maior parte pelo exercício de sua própria vontade criativa. Mas alguns ele nos convidou a terminar e remodelar para o nosso próprio treinamento.

E então chegou o dia em que tudo estava pronto, e ele retornou com outro, um poderoso Senhor, cujo nível hierárquico era de uma sublimidade mais alta que a sua, e cujos poderes eram o que em Israel seriam chamados como os de Aarão, e daqueles que o seguiram; e pelos gregos, Hierofante; e pelos cristãos, Arcebispo. O processo que ele veio ordenar foi o que você chamaria santificação.

Consagração?

Aquela palavra servirá muito bem. É o que liga um edifício a qualquer esfera - terrestre ou outra - àqueles que habitam em algum reino mais alto, para proteção e também para o contato de graça e poder aos que usarem o lugar para isto.

Na terra seus templos são apenas uma cópia bem tênue destes dos nossos reinos. Mas eles são, em essência, do mesmo propósito e uso. Em Israel a nuvem mostrou a comunhão entre as duas esferas da terra e o céu de Jeová. No Egito a nuvem foi também usada nos primórdios. Nas colônias da

Grécia os templos eram de menor vitalidade no efeito, mas não sem vibrações. O Islã parece dar-se menos que todos a este aspecto especial de ajuda e elevação a estes Reinos. Visitei as esferas do Islã aqui, e encontro este trabalho particular de comunhão e graça sendo administrado principalmente de outras formas. É assim nas Igrejas de Cristo em grande diversidade de graus. Em alguns dos templos consagrados ao Cristo Sua Presença e aqueles Seus Servos tudo é apenas visível, e penso que brevemente tornem-se visíveis àqueles que desejam.

Assim na terra você tem o princípio operando, e tem sido assim por longas eras passadas. Mas aqui é mais poderoso em efeito e mais visível em operação, e muito bonito e acentuado, com muitas bênçãos àqueles que estão galgando os degraus dos Altos Planos Celestiais de esfera em esfera.

Qual é o uso particular do Templo?

Está começando agora a ser usado para armazenar energia na qual serão iniciados os que vêm de partes diferentes da esfera Cinco, e também das esferas abaixo, de tempo em tempo. Eles são imersos nas vibrações da cor dele, lavados nas correntes e fontes de água que estão lá dentro, ou envolvidos na trama e no enlevo da música; com o passar do tempo e sua natureza correspondendo, eles são fortalecidos na parte que lhes faltava força, e iluminados naquelas outras partes onde o intelecto estava toldado. Mas, repare, não é meramente um sanatório, mas, deveria dizer, um da mais alta qualidade. Seu uso será para o corpo e para a personalidade, para ajustar o Espírito para a jornada para frente, não somente em força corporal, mas também em lucidez intelectual, pelas quais ele poderá lucrar mais rapidamente e mais grandemente pelo conhecimento que é seu, a ser alcançado. Mas também o templo está sintonizado com aqueles cujo amor e vida estão focados no Templo Glorioso que espera pelos peregrinos chegando a seus altos planos.

Todos têm que passar por aquele Templo em sua ascensão?

Não, não todos, amigo, mas a maioria da Esfera Cinco. É uma esfera onde alguns, não muitos, ficam muito tempo. É uma esfera crítica onde a sintonia tem que ser feita nos vários traços do homem, e todas as desarmonias superadas. É uma esfera difícil de ser ultrapassada, e onde encontramos muitas delongas constantemente. É por isso que construímos o Templo, pois a necessidade foi grande. Ele ainda é novo, mas já temos que ver de que forma servirá, e indubitavelmente, conforme as experiências continuem, modificações nos detalhes serão feitas.

Mas há alguns que vêm e olham em torno deles e nada encontram para si aqui, para aprender ou compor em si mesmos. Estes, calados, fortes, passam adiante, abençoando conforme seguem, e o caminho que tomam fica mais brilhante porque por ali passaram; e aqueles que estão por perto ficam felizes e encorajam-se por vê-los. Mas aqueles que vêm de muito alto, longe daqui, são de uma graça e de tal beleza de espírito, mais encantadora e forte, que acrescentam graça à sua graça, e certificam a realidade da Irmandade de Todos.

Faça o sinal da cruz quando se sentir duvidoso de nossa presença perto de você. Isto o ajudará a perceber nossa proteção e perceber que está livre de toda a intrusão daqueles que, intervindo, poderiam ser contra nós. Não no corpo, mas pela projeção de suas influências de pensamento, que fazem uma névoa que obscurece. Leve em consideração, amigo, que em grau eles se aproximam mais de você que nós, e tenha aí o ganho de vantagem que nós queremos.

Como este sinal ajuda?

Por causa da realidade que representa. Quando você ponderar nisto, muito se elabora por sinais, não porque estes sinais tenham neles algum valor dinâmico, ou vindo deles, mas pela potência destas pessoas, ou forças que eles representam.

Por exemplo?

Por exemplo, as letras com as quais você está escrevendo no momento são apenas sinais, e aqueles que as lerem com simpatia e amor vão se colocar diante da aptidão armazenada neles mesmos, para progredirem quando chegarem aqui mais rapidamente do que aqueles que nem viram estes sinais. O nome de um rei é apenas um sinal daquele para o qual representa. Já ele, que pouco o usa em seus lábios, se se descuidar de algum comando escrito sob aquele nome, será bastante responsabilizado, como também em qualquer ordenação expressa regularmente. Por outro lado, o progresso daquele estado teria muitos obstáculos por causa da desordem e da falta de unidade resultante. Os nomes são, portanto, considerados com reverência, não somente nos assuntos da terra, mas nestes reinos celestes também. Pois aquele que nomeia um grande Anjo Senhor compromete aquela pessoa com qualquer que seja o trabalho que tenha que ser feito. Isto é assim ordenado; e o mais alto de todos, Seu Nome, deve ser tido na mais profunda reverência, assim como em sua própria lei sagrada está também determinado.

O Sinal da Cruz é apenas um dos sinais de Santidade que nós conhecemos, e temos feito as crianças da terra conhecerem-no no passado e no presente. Mas é, no atual estágio de evolução, o sinal mais poderoso que qualquer outro, porque é o sinal de vida d'Aquele que Vive, emanado para o progresso na terra. E como outras épocas têm sido períodos de manifestações de Deus por outros - escreva isto, amigo, não hesite - Cristos de Deus Sua Majestade, assim esta era é uma era peculiar daquele Cristo de Deus Que, vindo por último daquele alto grupo, é Príncipe de Todos, Filho tanto de Deus quanto do Homem. Eles, portanto, que usam este sinal, usam Seu Sinal - escrito manualmente em sangue, o qual é a Vida, e antes disto mesmo aqueles nossos companheiros que não têm Sua Soberania nem entendem Seu Amor, devem respeitar, porque conhecem e temem Seu poder.

Mesmo aqueles nos infernos, então, conhecem Seu Sinal. Não é assim?

Mais verdadeiro e terrível que isso. Por uns instantes deixe-me ficar neste tema, porque podem haver muitos, como sabemos, que na terra não reverenciam este sinal o suficiente, porque não o entendem. Estive nas regiões de trevas várias vezes, mas quando vou lá - faz muito que não vou lá, tenho outros assuntos a tratar - eu uso este sinal muito pouco, sabendo da agonia a mais que ele provoca naquelas pobres almas que já tinham muita agonia em si mesmos desde antes.

Você vai contar algum exemplo de quando usou este sinal?

Uma vez fui mandado para um homem que tinha, bastante estranhamente, sido trazido, na sua passagem da terra, para a segunda Esfera. Mas ele não se adaptou para habitar ali e gravitou para as esferas abaixo. Não pararei para explicar esse assunto em particular. É raro que tal se passe - mas não é novidade. Tais erros são cometidos aqui e ali pelos guias de menor conhecimento. O zelo deles extrapola seus poderes de discernimento e de penetração, e quando uma personalidade difícil ou complexa chega aqui, algumas vezes os erros são cometidos. Eu desci para as esferas de treva, portanto, e quando, de certa forma, condicionei-me para estar ali, comecei minha pesquisa. Fui de cidade em cidade, e finalmente cheguei num portão onde senti sua presença lá dentro. Talvez você não entenderá prontamente o que acabei de lhe passar. Deixe estar, um dia você entenderá. Passando para dentro, atravessando um brilho obscurecido de uma luz, cheguei numa quadra onde uma multidão estava reunida. O ar parecia de uma tonalidade avermelhada, como numa casa de um ferreiro, flamejando e bruxuleando conforme a multidão ficava animada ou deprimida, tornando-se raivosa ou cansada. Em cima de um bloco de pedra estava o homem que eu procurava. Ele falava seriamente às pessoas numa voz severa, e eu fiquei atrás deles e escutei por um tempo.

Ele estava falando a eles da redenção e do Redentor - não pelo nome,

repare, mas pela alusão. Por duas ou três vezes vi o nome em seus lábios, mas não veio à tona, pois quando isto acontecia ali, vi que uma onda de sofrimento tomava sua face e suas mãos crispavam-se, e ele permanecia em silêncio por instantes, e então prosseguia. Mas d'Ele, de Quem ele falava, ninguém poderia duvidar a Personalidade. Por um longo tempo ele os convidou ao arrependimento, e contava-lhes o que a falta de conhecimento espiritual fez a ele, trazendo-o para baixo, querendo ou não, lá de sua rápida parada no Céu e na luz em direção à escuridão profunda destes mundos inferiores de sofrimento e remorso. O que ele lhes recomendava fazer era isto: ele disse que tinha chegado do alto com os olhos abertos, e marcou bem o caminho, o suficiente para retornar em seus passos e alcançar a luz finalmente. Mas o caminho era longo, e de subida sofrida, e muita escuridão. Ele, portanto, conclamava aqueles que quereriam fazer sua partida com ele, e todos juntos, como um rebanho de carneiros, para companhia e ajuda mútua, e poderiam descansar no final. Somente para não deixá-los ir sem destino pela estrada, pelos desfiladeiros e terras de florestas fechadas que deveriam passar ao lado, e os que se perdessem, perderiam a trilha por eras e vagariam sozinhos, até que ponto ele não saberia dizer, mas sempre na escuridão e no perigo da crueldade de quem espreita nestas regiões, para desafogar suas ânsias em quem venha contra seu poder. Então, que seguissem a Bandeira que ele transportaria à frente deles, e eles então não teriam nada a temer. Porque a Bandeira que ele faria para eles ser-lhes-ia um símbolo de grande força durante o caminho.

Este foi o fulcro de seu discurso a eles, e eles pareciam nem se lembrar de responder. Ele ficou ali, silencioso, por um tempo, e então dali veio uma voz de alguém da multidão, que gritou: "De que bandeira você fala? Com que armas vai enfeitar o brasão, para que saibamos qual é o líder que seguimos?"

Então, o homem que estava em cima da pedra no meio do terreno

levantou sua mão para o alto e tentou forçá-la para baixo para que fizesse um risco, mas não pôde. Tentou fazer isto muitas vezes, mas seu braço parecia paralisado a cada vez que tentava movê-lo para baixo deliberadamente. Então, no final - era uma visão muito dolorosa para mim que o conhecia - ele o levantou, num alto suspiro e cheio de lágrimas de agonia, e sua mão caiu sobre si mesma e ficou pendurada ao seu lado.

Logo ele recomeçou, e ficou ereto mais uma vez, com determinação em seu rosto. Percebera que tinha feito uma linha vertical no ar, e eis que brilhou ali, ao longo do caminho que fez sua mão ao cair, um fraco raio de luz que permaneceu diante dele. Assim, com muito esforço e cuidado, ele mais uma vez levantou sua mão, esticou-a pela linha e um pouco acima do meio de seu comprimento, e buscou aproximar e cruzar através dela, mas novamente não pôde.

Eu podia ler sua mente e o que estava nela. Ele estava tentando dar a eles a Insígnia para a bandeira que deveriam seguir - o Sinal da Cruz. Então, penalizado, impeli- me em sua direção, e finalmente me pus ao seu lado. Tracei primeiro a linha vertical mais visível. Tracei-a vagarosamente e, enquanto o fazia, ela brilhou com uma luminosidade que iluminou o terreno e as faces da multidão reunida. Então fiz o desenho da cruz, e ela brilhou diante de nós, e nós, encobertos por sua irradiação, permanecemos atrás dela sem sermos vistos por eles.

Mas escutei uma gritaria selvagem e um grande lamento, e olhei novamente. A Cruz perdeu um pouco de seu brilho, e vi a multidão prostrada, enquanto se estorcia na areia do grande terreno, procurando esconder suas faces e arrancar de sua memória este sinal. Não era aquilo que eles odiavam - estes vinham através do caminho do remorso - mas foi o grande progresso feito em direção ao arrependimento que causou esta dor neste momento. O remorso estava misturado com a tristeza pelo pecado e a ingratidão deles, e este progresso acrescentou amargura à sua tristeza.

O homem ao meu lado não rastejou como os outros, mas ajoelhou-se com sua face coberta com suas mãos, e suas mãos em seus joelhos - dobrado em agonia e arrependimento.

Agora eu tinha muito o que me apressar, já que o que eu tinha pensado para seu conforto causou sua desagregação, portanto teria muito trabalho para reestabelecê-los mais uma vez ao seu próprio modo calmo de ser, no qual eu deveria, tomando o trabalho de meu amigo para mim, começar a contatar a sintonização que ele começara. Ao final eu havia obtido sucesso em minha tarefa, mas fiz minha resolução, ali e naquela hora, de ser mais restrito no uso daquele potente sinal nestes reinos escuros, pois poderia causar mais dor àqueles que já tinham muita em suas costas para suportar.

Você chamou o orador de seu amigo?

Sim, ele foi meu amigo. Ele e eu ensinávamos filosofia na mesma universidade, quando na vida terrena. Ele tinha uma vida direita, e com impulsos generosos em algumas ocasiões. Brilhante, entretanto, mais do que devoto, e, bem, ele está no caminho de subida agora, e praticando muito o bem entre seus camaradas.

Eles tinham sua bandeira afinal, como eu tentei contar-lhe. Mas não era fruto de um excelente artesanato - meramente um par de galhos de árvore, muito retorcidos e ásperos, do jeito que as árvores crescem aqui nestes territórios escuros - mas eles os ajuntaram e chamaram isto de cruz, mas a peça em cruz inclinava-se às vezes para cima, às vezes para baixo, e era grotesco apenas pela seriedade deles e o que aquilo significava para eles; porque a eles era o poder que ela significava, e era Ele, de Quem o poder fluía, e desta forma, para eles, era sem dúvida o Sinal mais Sagrado e que devia ser seguido bravamente, mas em silêncio e em reverência. E a faixa vermelha de tecido com que amarraram na interseção caía como uma torrente de sangue. E eles seguiam onde a viam indo na frente deles ao longo do caminho, longa jornada, cansativa e sempre com os pés doloridos,

mas sempre em direção aos Planos Superiores, onde sabiam que encontrariam luz.

Obrigado. Antes que paremos, gostaria de fazer-lhe uma pergunta. Aquele templo sobre o qual falou ontem à noite. Na primeira parte você disse que o propósito dele era ajudar as pessoas na esfera terrestre. Mas depois mencionou um propósito bem diferente, não é? Não estou satisfeito. Poderia, por favor, explicar?

O que dissemos, amigo, foi suficientemente verdadeiro, apesar de não tão claro quanto poderíamos ter dito. Sua mente estava de alguma forma pesada ontem à noite. E agora também você está fatigado. Explicaremos o que estava em sua mente quando da próxima vez que se sentar para nós, portanto as bênçãos de Deus e boa noite.

Prometemos explicar-lhe sua dúvida sobre o Templo. Há realmente algo de difícil entendimento. Pensará que dissemos que era para o propósito do serviço a ser rendido aos da Esfera Cinco e das esferas inferiores. Incluídas nestas está a terra, que não é diversa daquilo que você distingue pelo nome de esferas espirituais, exceto em sua manifestação exterior. As influências projetadas daquele prédio vão longe, através das esferas abaixo e para a terra. Nós não fomos muito explícitos, não por causa de nossa pressa, mas por suas limitações, tanto de relaxamento quanto de receptividade, um dependendo grandemente do outro. Pois aqueles que não relaxam silenciosamente e em paz não são capazes de responder aos nossos pensamentos que vêm de reinos tão diferentes, e ao virmos trazemos conosco, sempre na proximidade de seu plano, muito daquela força pacífica que temos em nós quando começamos esta jornada. Nem toda ela é dispersa de nós pelas esferas conforme chegamos de lá; e o que permanece sempre procuramos repartir com aqueles da terra que correspondem à nossa busca, e com quem precisa muito da paz que temos para dar. Quando nós, também, nos esvaziamos de nossa graça e do poder compartilhado com vocês, com o

pouquinho que nos resta, então, voltamos para casa para preencher a cisterna no ar livre e claro dos Céus de Deus, dos quais vêm toda a força e paz.

Isto foi apresentado no tema do templo, porque este é um de seus usos: ser reservatório no qual sejam acumulados tanto os poderes quanto as bênçãos dos altos reinos, para serem ofertados, conforme a oportunidade aparecer, para aqueles na terra e nas esferas próximas, na ordem de ascensão.

Como o trabalho deverá evoluir, outros usos para ele serão encontrados, e coordenados com o trabalho feito atualmente perto dali.

Agora você foi impedido de vir para nós esta noite, e até que o próximo compromisso com os seus familiares leve você daqui mais uma vez, o tempo não é muito longo. Assim, seremos resumidos esta noite e diremos apenas umas poucas palavras mais, e num tema que você não entendeu muito claramente.

Quando chegamos à terra, nós, crianças dos Céus, às vezes temos muitas dificuldades em entrar em contato com aqueles que esperam por nós e ouvem nossa chegada. Você mesmo é um exemplo disto. Pois frequentemente percebemos que você praticamente acorda com a nossa presença próxima a você e, tendo nos escutado, termina duvidando, e algumas vezes conclui que é apenas sua própria imaginação, e que não é a respiração de seus amigos espirituais aquilo que você sente e ouve. Agora, a razão destas falhas de nossa parte em dar, e da sua em receber, é principalmente a falta de coragem de acreditar. Você pensou que tinha esta coragem em si, e em algumas coisas é verdade. Mas, em matéria de comunhão espiritual, você frequentemente está temeroso demais de errar para ser útil no trabalho da verdade. Não é demais dizer isso, se colocarmos desta forma. Em todas as vezes, a qualquer tempo que nos sinta por perto, aquilo é o efeito de alguma causa. A causa pode ser, ou não, aquela que

você deseja, ou como você sente que discerniu. Mas a causa lá está e, em tais ocasiões, se ficasse apenas quieto e escutasse, então a natureza da causa apareceria mais clara. Pode ser que você pense que algum amigo está perto, quando não é ele, mas outro. Mas qual deles é ficará bem claro no processo de transmissão de seus pensamentos. Assim, quando se sentir ciente de alguém próximo a você, pare, tanto quanto possa, com as dúvidas, e completamente com o temor de errar. Receba o que está sendo dado a você, e deste assunto assim recebido extraia seu julgamento da questão.

Nada mais agora, porque você tem que ir a outro trabalho. Possa nosso Pai estar com você nele e em tudo o que faz no dia a dia.

Tudo o que é lindo é sempre verdadeiro, e esta é uma das leis que permanecem à frente de outras nestes reinos brilhantes. Reciprocamente também, aquilo que é feio e doentio na forma exterior, será, em estudo minucioso, encontrado em falta da graça da verdade. Verdade, como usamos a palavra, significa estar consoante com a Mente Última a Quem chamam de Deus e Pai. Tudo o que flui d'Ele é ordenado e harmônico com as nossas mais altas e mais justas aspirações, Suas emanações. E o que responde a esta qualidade é o belo, pois o belo é o que agrada; e a harmonia é a roupagem do amor que é sempre desejada por aqueles que, por sua natureza, correspondem ao prazer do amor. Somente naqueles nos quais há alguma pincelada do oposto do amor é que não há paladar para aquele banquete que somente o amor pode proporcionar. E, pense bem, o Amor não é somente de Deus, mas é Deus em Si.

Assim, toda a beleza da paisagem e das águas, e os atrativos de uma face ou de uma forma, sabemos que são uma manifestação d'Ele, de Quem derivam suas belezas, e, como a verdade é somente o que está em concordância com os pensamentos d'Ele, assim nós dizemos que tudo o que é belo é verdadeiro, e o que é verdadeiro deve manifestar-se em beleza.

É quando algumas correntes de forças oponentes cruzam e entram na

corrente principal de Deus, Sua Vida e poder, que a água ali se torna turva pela sujeira e o lodo. Isto é tão verdadeiro com a humanidade quanto com as coisas concretas, porque a desarmonia em família ou num Estado não tem sua origem em si mesma, mas surgem daquela longínqua fonte de poder que está apartada do propósito e do desejo do Único Supremo.

Mas tão maravilhoso é Ele em Sua energia operante, que estas coisas Ele deseja que se voltem totalmente à boa causa, como também que sejam extraídas de cada uma as tais manifestações oponentes às forças de Sua Vida que foram erradamente usadas, para uma ajuda para a melhoria da raça dos homens e anjos.

Não sei se entendi direito; de qualquer forma, poderia, por favor, tentar dar-me algo mais explicitamente e menos complicado em expressão?

Tentaremos, amigo, descrever a você um pouco mais do templo sobre o qual você já escreveu. Podemos usar sua visão interior nisto tão bem quanto sua audição, e será mais simples para nós ao transmitirmos, e para você para receber. Esta noite você não está com a mente silenciosa como gostaríamos.

Havia um canto da Grande Torre que não compreendíamos. A Torre estava num canto do prédio, e era quadrada. Um dos cantos não era como os outros três. Mas, estranhamente para nós, nenhum de nós podia, comparando-os, dizer o que faltava naquele que o tornava diferente dos outros. Conforme eu olhava para eles, em minha mente parecia que o canto defeituoso tinha a mesma proporção e tamanho que os seus pares. Mas quando eu olhava para os outros, e então para aquele de novo, andando em volta da base de vez em quando, sempre aparecia como estando fora de harmonia em relação aos demais. Não vou ficar neste detalhe, apenas vou dizer-lhe de uma vez o que foi achado. Não foi um de nossos arquitetos que descobriu o tipo de defeito, apesar de que tínhamos vários observando a torre. Foi alguém da esfera acima, que estava passando através da Esfera

Cinco, que nos explicou o que acontecia. Ele era um daqueles cujo trabalho era descer aos reinos mais escuros nas ocasiões em que alguma localidade estivesse revoltada demais, com divergências e tumultos que afetem dolorosamente os da esfera próxima à frente e adjacências. Tal efervescência lança uma espécie de influência aflitiva que, ao subir para a esfera acima, impede o progresso que lá esteja sendo alcançado, e puxa de volta aqueles que não são espíritos muito fortes e cujo grupo pertence a estes lugares sombrios, então seus corações enfraquecem-se e naqueles momentos param com sua luta em continuar seu caminho para fora das trevas em direção à luz das esferas superiores. Isto não é tão fortemente sentido por eles a ponto de trazer o esmorecimento do desespero, a não ser que o tumulto abaixo deles seja extraordinariamente veemente. Quando isto acontece, então aquele que mencionei desce com outros e acalma os pobres abalados com certa apatia, para que sua angústia não afete aqueles que tenham vencido o pequeno caminho adiante em ascensão.

Foi por ele ter se tornado qualificado neste trabalho por longo e muito serviço, que era capaz de nos ajudar em nossa perplexidade diante da Torre. Tendo examinado muito cuidadosamente e testado todas as quatro paredes, ele se afastou numa longa distância e, subindo numa colina, virou-se e sentou, mirando firmemente e por longo tempo, a longínqua Torre. Então retornou a nós, e, juntando-se a nós na planície, contou- nos o que estava faltando nestas poucas palavras:

"Meus irmãos, quando vocês estavam construindo este templo, deixaram esta Torre até que todas as outras estivessem formadas. Então deram toda a sua energia para fazer esta Torre tão forte quanto fosse possível fazerem, acima da força que tinham. Mas houve uma coisa que negligenciaram em sua pressa de terminá-la. Não tomaram cuidado de colocarem um número igual nos quatro lados dela. E também aconteceu que, quando então a Torre que estava sendo levantada, de longe, atingindo

sua parte superior, a luz defletiu as forças daqueles que estavam embaixo, e eles deixaram partes não tão brilhantes na luz expostas para qualquer corrente de força da vontade que estivesse passando ali. Agora, naquele particular momento havia um grupo nosso chegando do serviço das regiões trevosas e cinzentas, onde nós temos muita atividade para alcançar o propósito para o qual fomos mandados para lá; assim, passando por cima deste plano, estávamos depauperados em nossas energias, e absorvemo-las conforme passamos. Então foi por causa disto: por uma força desigual aplicada à Torre em seus quatro lados; sem que percebêssemos, absorvemos uma parte da vitalidade que foi projetada em direção a ela. Este é o canto com defeito, e acharão o defeito, não na forma ou proporção, mas na textura do material do qual o canto foi feito. Olhem de novo, agora com o conhecimento que lhes dei, e detectarão no lugar onde está o defeito uma tonalidade mais escura que nas outras partes da Torre. Isto é por causa da vitalidade que extraímos e que faltou no brilho, e portanto a aparência está deformada, mesmo que em si mesma esteja conforme as medidas dos outros cantos".

Vimos que isso estava correto e era simples de remediar, portanto agrupamos os mesmos construtores que tivemos antes, e pusemo-nos a trabalhar novamente. E, conforme a energia que fluiu de nossas vontades foi direcionada para aquelas partes mais escuras, elas se tornaram mais claras em seu matiz e pegaram um brilho igual às outras partes, e cessando quando ficaram exatamente com a mesma intensidade de brilho; ao olharmos para ela, verificamos que estava certa e em perfeita harmonia.

Você verá, amigo, que o que trouxe dano foi, na realidade, a influência que veio atrapalhar, mesmo sem este propósito, nosso trabalho ainda incompleto, daqueles cuja vitalidade tinha sido exaurida nas esferas mais inferiores. Nenhum mal é positivo na natureza, mas sempre negativo. É a negação do bem. Tudo o que for bom, é forte. Foi a força destes bons anjos

que foi absorvida por aqueles carecentes de força na região por onde fizeram seu caminho. Reacumulando forças à medida que passaram por nós, eles, por sua ação inconsciente, acabaram por atrapalhar nosso trabalho com aquilo que era realmente a influência daquelas esferas mais escuras, e o resultado foi falta de harmonia, o que significa falta de beleza, que nos traz de volta à primeira palavra, como um gato enrolado no peito com sua cabeça no seu rabo, em círculo. E com o quadro de completa paz de espírito, nós deixamos você com nossas bênçãos.

Quando chegamos na terra, dizemos um ao outro, pelo caminho, que estamos indo para a terra das brumas e do crepúsculo, que podemos, no mundo particular que lá encontramos, emitir algo de nossa luz e calor em torno de nós. Pois, sem dúvida podemos perceber que estes são muito carentes, mesmo naquelas esferas distantes de onde viemos. Você pode espantar-se com o processo de química ou dinâmica com que isto se faz possível para nós; e, sem dúvida, não nos seria possível explicar o método em detalhes. Mas podemos dar-lhe algo resumido deste tema, e assim o faremos, se for de seu interesse, e daqueles que virão a ler o que estamos dando a você.

Obrigado. Sim, eu gostaria de ouvir sua explicação sobre isto.

Então tentaremos fazer o mais simples que podemos. Você rapidamente entenderá que a primeira e grande necessidade de comunicação já está disponível - aquela do princípio universal que nos banha a todos, vocês e nós, num único e mesmo oceano. Eu falo da vida espiritual, força e energia. A vida espiritual é para vocês o que é para nós, e é também para aqueles acima de nós, tão longe quanto possamos elevar nossas mentes daqui desta esfera e raciocinar, imaginar o que está adiante de nós. Que a vida espiritual é a causa dos fenômenos da vida, obtidos na esfera da terra, você rapidamente concordará. Conforme você vai progredindo para cima, esta dupla de causa e efeito torna-se mais empática a cada esfera que se sobe. É

a razão, portanto, para se concluir que esta constante intensificação procede da mais alta esfera de todas. Lá pode ser tão sublime quanto encontrar perfeição na unidade. Mas achamos que em tal Unidade será achado, pelo que podemos penetrar naqueles Altos Planos, o princípio de causa e efeito na forma mais íntima de todas.

Então, quando falamos de um oceano de energia espiritual, estamos mencionando aquilo que para nós não é teoria meramente especulativa, mas um fato tangível e a ser tomado e usado em qualquer processo de comunhão em que poderíamos pôr as mãos para projetar. Esta é a primeira coisa a se compreender.

A segunda é esta: À medida que se chega da terra para cima, não há nulidade entre duas esferas quaisquer. Sabemos do abismo de seu Livro Sagrado. Mas aquilo não é a nulidade. Há um término para ele. Também não há o nada entre sua terra e nossa esfera, mas assentam-se ao lado na estrada, e não vêm na fila de ascensão.

Cada esfera, conforme progridem, está mesclada à próxima por uma espécie de fronteira. Assim, não há choque para aqueles que passam de uma para a outra. Se bem que você reparará que cada esfera é distinta por si mesma. Nem as terras fronteiriças entre duas esferas são terras neutras. Compartilham das qualidades de ambas. Não há, portanto, nenhum vazio, mas uma gradação muito real e contínua durante todo o caminho. Destas duas premissas você deduzirá bem confortavelmente o fato de que estamos em comunicação direta com a sua potencialidade. Agora devemos nos aplicar em explicar como este meio de comunicação é posto em uso.

Há muitas janelas nesta casa, e todas são usadas. Mas há três que servem para evidenciar as outras.

Há o método do correio contínuo, onde aqueles trabalhadores mais próximos a você portam mensagens e reportam aos da esfera acima, e eles continuam a operação até que a mensagem chegue ao destino onde será

mais apropriadamente tratada. Isto é feito prontamente - e, ainda no voo de qualquer mensagem através das esferas, cada uma é peneirada e então será extraído dela o que é próprio dos trabalhadores daquela particular esfera para que se empreenda sua resposta. Também, mensagens de trabalhadores e pastores da terra são filtradas e tornadas satisfatórias para a transmissão para os planos mais altos. Se isto não fosse feito, sua brutalidade terrena iria pesar-lhes tão fortemente que o que havia nelas de sublimidade não seria suficiente para elevarem-se e chegarem à esfera apropriada, onde encontrariam a destinação. Não vou continuar neste tema - sendo um esboço resumido o que dou, mas devo continuar no próximo método.

Este podemos chamar de método direto. Há aqueles entre vocês que têm guias nas esferas para trabalhos especiais e tutela. Alguns destes guias são anjos muito elevados e brilhantes, e suas próprias casas estão bem distantes destas esferas próximas à terra. Eles podem não estar sempre descendo aos seus tutelados, pois elevados como são, não são todo-poderosos, e descer à terra gasta energia, pela razão da necessidade de condicionarem-se às esferas pelas quais devem passar, e em cada esfera há uma nova condição a ser alcançada até que cheguem à terra. Isto é feito de tempo em tempo, e, sem dúvida, não raramente quando algum trabalho esteja em andamento, como para autorizar tal empreendimento. Mas sempre somos cautelosos com o desperdício, temos muito o que fazer para ajudar outros, e não podemos gastar sendo pródigos, mesmo quando temos aquilo que é infinito em sua reposição. Podemos fazer nosso trabalho melhor, como regra, pelo método da comunhão direta.

Para que isto se estabeleça nós deixamos uma espécie de telefone ou telégrafo - para usar seu próprio vocabulário - uma corda de vibrações e pulsações entre nós e você, e é construída de vitalidades mescladas, do guia e do guiado. Eu uso aqui palavras de que não gosto muito, mão não consigo encontrar outras em seu cérebro para serem usadas, então estas devem ficar.

Eu me refiro a palavras tais como construir, vitalidade e outras como estas. O relacionamento simpatizante permanece pelo quanto é mantido contínuo e sustentado.

É como o sistema de nervos entre o corpo e o cérebro; está sempre potencialmente operativo, sempre que surge a necessidade de ajuda a ser dada. Sempre quando o tutelado volta-se para seu guia distante em pensamento ou prece, aquele guia está prontamente atento e dá a resposta da maneira que julgar melhor.

Há um terceiro método, mas mais complicado que estes que resumi. Pode, talvez, ser dado a ele o nome de universal, que é muito ruim, mas deve servir. No primeiro processo a corrente de pensamento passando da terra para as esferas mais ou menos remotas é manuseada e modificada em cada esfera, enquanto viaja em seu caminho, como o correio contínuo através dos continentes - somente não há mudança de cavalos nem pausas no caminho. No próximo, a linha está sempre aberta e sempre carregada, como um telefone com eletricidade, e é direta numa linha do homem na terra ao guia em sua própria esfera.

O terceiro processo é distinto dos demais. Isto é porque cada pensamento ou ação do homem é reportada aos céus, e pode, por aqueles que são competentes para isso, ser lido de tempo em tempo. Estes registros são reais e permanentes, mas seu aspecto e seu método de construção não nos é possível explicar. As palavras foram muito espremidas para servirem nas duas primeiras descrições. Aqui, elas falharão totalmente. Direi apenas isto, que cada pensamento de cada homem tem uma aplicação universal e um efeito. Chame assim ou como queira, o fluido que emana destas esferas é tão sensível e tão compacto e a substância tão contínua, que se você olhar para ela numa ponta do universo, o efeito é registrado na outra. Aqui, novamente, ponta não é uma palavra apropriada para se usar, pois no sentido que vocês usam não tem significado aqui. Mas aquilo ao qual tenho

tentado tão insatisfatoriamente chegar agora, então nisto posso mostrar algo de sua maravilha para você, é o que o Cristo Salvador tinha em mente quando, mais sábio que eu, Ele não nomeou com nome algum, mas falou disto como achou que devia ser feito, assim: "Nem um fio de sua cabeça cai, nem um passarinho cai de seu ninho, sem que o Pai de Todos seja notificado".

V - O SACRAMENTO DO CRISTO, DO CASAMENTO E DA MORTE

Terça, 4 de dezembro de 1917.

Fique contente, amigo, ao escrever o que podemos pôr em sua mente, e não questione o que vem de nós. Pois, por um lado, mantemos alguma coisa retida quando você escreve assim para nós, e por outro lado, desaprovamos outras encurtando nossa narrativa naquela parte mesmo. Fomos habilitados a isso pela longa preparação, sua e nossa, antes mesmo que lhe fizéssemos saber de nossa vontade pela ajuda de nossa amiguinha Kathleen.

Esta noite falaríamos a você no tema dos Sacramentos, os que estão em uso na Cristandade e que deveriam ser muito concernentes e notáveis por aqueles que professam o Nome do Cristo seu mestre. Isto de Seu corpo e sangue é o único que é contínuo na vida de um Cristão. Tem muitas fases, tanto para a ajuda dada e também em seu ensinamento, e no Sacramento de que desejamos falar agora. Primeiramente em sua fundação:

Você rememorará de seus registros remanescentes que há muito mais deixado sem escrever que aquilo que chegou a vocês através das épocas passadas. A leitura mais superficial mostrará isto. Também isto conta que, nas concordâncias essenciais de cada um com outros, não são claras nos mínimos pontos. Você deve saber que estes registros são apenas poucos de muitos. Os outros foram destruídos, ou perderam-se com o passar do tempo, e um dia acharão seu caminho na luz do dia mais uma vez. Nós temos todos estes registros aqui, e nós os estudamos, e nestes estudos baseamos nossas palavras.

O Mestre Jesus estava quase mudando seu estado de encarnado para desencarnado. Sabendo disto, Ele, estando reunido com os Doze, deu-lhes

um Rito de Recordação e Comunhão pelo qual eles, e aqueles que deveriam segui-los, deveriam ser capazes de intensificar, de tempos em tempos, perpetuamente seu contato com Ele, e assim obter d'Ele esta Vida da qual Ele é o reservatório. Mantenha em sua mente aqueles três modos de comunhão que lhe passamos, e será capaz de ver que tão sensível é a tremenda e pulsátil corrente vital vinda d'Ele a você, que o mais desprezível distúrbio no sistema de vibrações, atingindo por sua qualidade especial e peculiar própria toda a extensão de Seu Reino, causará um efeito no Centro e na Fonte dela de uma maneira tão manifesta, que assegura uma resposta imediata. Não há nada na contabilidade da sua esfera terrestre de tão enorme intensidade e impulso que nós possamos usar como uma base para tornarmos claro o que queremos dizer. Deve satisfazer a você, e a nós, que recordemos a você que quanto maior a velocidade de qualquer série de partículas em movimento, maior será o distúrbio no arranjo e na direção aplicados por qualquer influência introduzida.

Isto é o que insinuamos ao falar desta corrente de força vital procedente do Pai, captada no Cristo, tingida com Sua qualidade de vida, e projetada para fora em ondas de radiação em direção à circunferência e fronteira de Seu Reino. Tal distúrbio é criado pela oferta intencional do Pão e do Vinho, com invocação de palavras, naquele Rito de Comunhão que Ele deu. Nos elementos dispostos diante da assembleia ali está, nas palavras do pregador, dirigida esta corrente vital, e elas são interpenetradas com Sua Vida e tornam-se, como Ele disse, Seu Corpo e Sangue. Esta forma de orar que você usa não é a única nos tipos de invocação, mas também é o consentimento daqueles reunidos ao recebimento da Vida vinda d'Ele. Porque sem tal consentimento nenhuma bênção é jamais acreditada pelos homens. Não importa que o consentimento seja íntimo. É o Espírito que é a fonte das pulsações em resposta que saltam ao encontro das emanações de Sua Vida em direção à terra e, encontrando a corrente do Cristo - como

aqueles que vieram de Salém para encontrá-Lo quando ele veio à cidade pelo monte das Oliveiras - são misturadas e, pelo grande impulso daquela corrente que jorrava d'Ele, voltam-se em retorno e juntas, como numa única corrente, são espargidas sobre a congregação de onde o impulso inicial de pedidos veio.

Assim a bênção é tripla. Primeiro, a comunhão do Espírito com o Espírito - isto dos reverentes com seu mestre e Senhor. Segundo, o estímulo a uma maior saúde e vigor de sua cobertura espiritual, a alma. E terceiro, o efeito natural destas operações, ainda procedentes do exterior, isto é, a transfusão da vitalidade íntima para o corpo externo, que é o corpo material.

Esta é a fase que podemos chamar de vitalizante ou estimulante de todo o Corpo de Cristo nos seus membros singulares, um por um, pela comunicação da Vida d'Ele com a Fonte e o Centro, através da maioria até os confins.

Há outro aspecto deste Sacramento que agora trataremos, mas com brevidade. Pois não é de nenhuma utilidade o empenho em dar a você um completo conhecimento de sua total significação. Você não entenderia nossas palavras, as que teriam que ser usadas, e não há nenhuma das suas que nos serviriam. Isto alcança muito distante onde as línguas da terra são lembradas, e fala-se disto, em seu mistério interno, somente nestas formas de linguagem apropriadas às Esferas longínquas pela sublimidade, e próximas à do Cristo.

Como Ele disse, estas duas coisas comuns de origem terrestre, o Pão e o Vinho, realmente transformam-se em Seu Corpo e Seu Sangue. São portanto uma parte d'Ele Que pronuncia estas palavras. Os homens têm questionado como isto poderia ter sido quando da primeira vez que foi mencionado, Ele Próprio estava lá em Corpo de carne e ossos e sangue. Mas ainda assim, todo homem - sem parar, toda a sua vida, e continuadamente - realmente comunica de si a coisas exteriores a ele

próprio. Nenhum casaco que somente ele use, posto de lado, deixará de estar marcado com sua personalidade. Nada que ele toque, nenhuma casa que habite, ele sempre deixará sua qualidade ali indelével, para ser lida por aqueles que para isso são capacitados.

Conforme Ele deu de Sua vitalizadora força aos doentes e aos coxos em Judeia e Galileia, assim Ele bafejou Seu poder espiritual sobre os Apóstolos, e eles se tornaram inspirados por Sua Vida, e desta forma sobre o Pão e o Vinho Ele derramou da corrente vital de Si e eles em verdade tornaram-se Seu Corpo e Seu Sangue.

E assim é hoje. Pois Ele não ofereceu uma coisa tão grande para ser jogada fora tão cedo, assim que aquela refeição terminasse, e Seu Corpo fosse dado para a Árvore. Não, a fonte daquele rio vital operativo no Pão e no Vinho, ou nas pessoas dos Apóstolos, ou nos corpos da multidão, não foi aquele Corpo de carne que Ele usou por tão curto tempo e então deixou de lado como um capote depois de usado. Nem foi o Corpo de substância espiritual, através do qual fluiu como num conduto do Reservatório para as cisternas de uma cidade. Mas foi o Espírito Mesmo, o Cristo, Quem foi e é a Fonte, e que é, também, tanto no Corpo em carne ou fora dela. Porque isto pouco importa nas coisas de força espiritual e poder, exceto nas manifestações. A coisa manifestada é inalterada em si mesma em qualquer que seja a forma de manifestação tomada.

Assim, é verdadeiro dizer que o Pão e o Vinho, na última refeição deles juntos, a Seu desejo e vontade, tornaram-se um repositório de Sua força vital, e assim foram feitos Seu Corpo e Seu Sangue. E então, longe da atual falta daquele Corpo material impedindo agora uma operação semelhante de Sua parte, seria quase verdadeiro dizer que tal ausência do Corpo de carne não se torna obstáculo à corrente de vida vinda d'Ele a estes elementos do Pão e do Vinho.

Portanto, quando o Ministrante, o Pastor, obtém o consentimento da

congregação e, estando o Corpo e o Sangue sobre a Mesa, pleiteia o Sacrifício d'Ele Que hoje vive extremamente glorificado, ele em essência coloca sua mão sobre o peito de seu Senhor e olhando para estes Reinos que são o lar dos Anjos, e dos Anjos que governam, olha através da face do Pai e pede o Amor e a submissão de Seu Filho pela pobre humanidade, que seja feita toda bela como Ele. E se ele for simples de mente, e como uma criancinha do Reino de coração, ele sentirá em si o Sopro, e embaixo de sua mão o silencioso e forte bater do único e constante Coração da Cristandade hoje, e saberá que aquilo que a sua fraqueza não suportaria fazer deverá ter reforço da Vida que jorra nele, aquilo que pedir ao Pai não fica sem resposta naquela Esfera brilhante de extrema pureza, e a santidade assim permanecerá; e, como Ele prometeu, Ele cumprirá fazer, e de Seu Coração sai uma prece sussurrada, e as preces de vocês serão aceitas por Sua consideração.

Quarta, 5 de dezembro de 1917.

O que lhe demos na noite passada, amigo, referia-se principalmente àquele sacramento que está proeminente dentre os outros. Agora falaremos a você de alguns dos menores, e qual significado parecem ter para nós, e sua eficácia nas vidas daqueles que adotaram o Cristo como seu Líder e Soberano. Não usamos aqui a palavra **Sacramento** no estreito significado eclesiástico, especificado em suas partes ínfimas, mas na maneira pela qual usaríamos nestes Reinos, onde somos capazes de ver as emanações de poder e vitalidade do ponto de vista mais próximo de sua Fonte.

Primeiramente falaremos a você do Casamento como uma união de duas personalidades em faculdade criadora. As pessoas tomam-no quase que no curso ordinário das coisas em que o sexo deveria estar, e também que o sexo deveria ser completado na mistura do macho com a fêmea. Mas não havia necessidade essencial de que fosse assim, a humanidade podia ter sido

hermafrodita. Mas há muito tempo atrás, além do início desta atual eternidade de matéria, quando os Filhos de Deus estavam formando-se evolutivamente, em sua concepção ideal deliberaram juntos e depois disso decretaram que uma das leis que deveria guiar seu futuro trabalho seria, não tanto uma divisão da raça em dois sexos, como você e a filosofia da terra conhecem, mas que o sexo seria um dos novos elementos que entrariam na futura evolução do ser, quando os seres entrassem em curto espaço de tempo na matéria, e assim tomassem forma. A personalidade era anterior à forma. Mas a forma dotou a personalidade de individualidade, e assim o elemento personalidade, pela evolução da forma concreta, resultou em seu complemento de pessoas. Mas conforme vieram pessoas de um só elemento, assim o sexo é a unidade composta de duas espécies. Homens e mulheres formam um só sexo, como carne e sangue formam um só corpo.

Até onde podemos penetrar na razão desta decisão da parte daqueles Mais Elevados, foi para que aquela humanidade melhor conhecesse a si. É um grande mistério, e não possuímos a chave para a totalidade dele mesmo aqui. Mas entendemos que na criação dos dois elementos, macho e fêmea, o processo foi feito mais simples para que a raça humana entenda finalmente os elementos de Unidade, do qual foi emanado, e em direção ao qual mais uma vez retornará, quando estiver caminhando plenamente adentrado no trecho final da caminhada da matéria em direção ao Espírito.

Fizeram dois grandes princípios que estão incluídos na Unidade da Mente de Deus aparecerem como duas coisas separadas, para que estes dois princípios pudessem ser estudados em detalhes por aqueles que ainda não eram competentes para estudá-los como Unidade. Quando um macho considera a fêmea, ele está apenas tendo um maior entendimento da uma parte de si mesmo, e é assim quando a fêmea raciocina em relação ao macho. Pois assim como eles não eram separados nas eternidades da evolução que vieram antes desta eternidade atual de matéria e forma, assim

estes dois elementos deverão tornar-se Um novamente nestas eternidades que estão por vir.

Para que a unidade essencial de obtenção de seres desde aqueles longínquos tempos atrás de nós sejam levadas adiante nestes que agora estão por vir, foi necessário que os dois elementos fossem incluídos em cada indivíduo que se constitui um item de toda uma raça. Então evoluiu o casamento, e no casamento nós temos o ponto de retorno do destino da raça.

Desde o tempo quando do Coração do Máximo veio vindo a primeira ordem daquele movimento que resultou numa série de eras de desenvolvimento, a única notação- chave do todo tem sido o desenvolvimento rumo à diversidade, até que vieram ao oceano do ser, um depois de outro, os princípios de personalidade, individualidade e forma. O último e mais extremo ato de diversidade foi a criação dos dois aspectos da faculdade de reprodução, que vocês chamam de sexo. Este foi o ponto mais extremado da diversidade em princípio e ato.

Aí veio o impulso reflexo dado para a evolução necessária, quando os dois são mesclados em um novamente e o primeiro passo repassado em direção à Unidade de Ser, que é Deus.

Então da mistura dos dois elementos, espiritual e corpóreo, nasce um Terceiro Que em Si une estes dois elementos em Sua única Pessoa. O Senhor Jesus foi o Filho perfeito da Humanidade e Sua natureza, considerado espiritualmente é uma mescla das virtudes masculinas e femininas em partes dualmente iguais.

Corporalmente também esta grande lei é verdadeira, pois sobre seu peito o homem suporta a insígnia dupla de sua feminilidade anterior, e os fisiologistas dirão a você que uma correspondência semelhante não é desejada na outra metade que, com ele próprio, faz da humanidade uma só unidade.

Por esta experiência dos dois em unidade, o ser humano aperfeiçoado,

eras adiante, em outros mundos superiores, vai se apressar a caminhar na direção do estado de Ser consumado, o homem chegará ao conhecimento de como isto é possível: ao amar outro e dar ao outro através da negação de si, ele estará amando a si mesmo e mais generosamente dando a si mesmo pela mesma negação de si; e aquilo que quanto mais odiar em sua vida, tanto mais encontrá-lo-á naquelas eternas esferas brilhantes - você sabe Quem ensinou isto, e Ele não falava de coisas estranhas nem de algum princípio sendo testado. Você e nós, amigo, estamos ainda aprendendo esta lição tão sublime, e lá adiante está nossa estrada, diante daquilo que aprendermos disto em sua profundidade. Mas Ele já a atingiu.

Quinta, 6 de dezembro de 1917.

O que já escrevemos, amigo, escrevemos resumidamente e sem expansividade. Pois não era possível dizer-lhe tudo, mesmo daquilo que devíamos, porque serviria somente para fazer maior a carga, e também prestaria um desserviço por não deixar espaço suficiente a você para exercitar sua própria mente em penetrar no significado real das coisas. Nós damos a você o milho suficiente para fazer seu bolo. Se, ao comê-lo, achar gostoso, então plante mais milho para você, debulhe, moa, misture, e quanto mais retiver do que assim obtiver, maior será o benefício a si e aos outros que lerem o que escrevemos. Portanto, às próximas palavras.

Quando dissemos que o casamento era o ponto de retorno do ciclo evolutivo do ser, falamos da matéria em geral, não em particular. Agora vamos detalhar mais especificamente e falaremos do resultado do casamento, a unidade humana, macho ou fêmea conforme seja o caso.

Ela nasceu, você perceberá, de um quádruplo elemento. Há o elemento macho e fêmea do senhor, e também a fêmea e macho da senhora. No pai, a expressão dominante é a da masculinidade; na mãe, a da feminilidade. Pela incorporação destes quatro elementos, ou ainda quatro aspectos de um

elemento, ou, mais proximamente ainda, estes dois aspectos e dois outros subaspectos de uma única coisa, na única pessoa emanada há, primeiro multiplicadas e então unificadas novamente, algumas destas variações que são a expressão externa do mais íntimo princípio do sexo.

Assim ele começa a viver sua própria vida, esta criança de eternidades passadas, e para olhar em direção às eternidades futuras.

Você está esperando que falemos do Batismo, e seu complemento, a Imposição de mãos. Libere sua mente, amigo, e deixe-nos seguir de nosso jeito com você e, com sua licença satisfatória talvez consigamos ajudá-lo melhor do que faríamos se você decidisse o curso em que devemos navegar. Nós já temos a nossa carta detalhada e pronta. Portanto escreva o que lhe dizemos, e não vá tendo ideias em sua mente a respeito do que teremos esta noite ou amanhã. Desejamos que sua mente esteja livre para que possamos não ter promontórios a circundar, nem estreitos para desbravarmos precariamente em nosso caminho. Deveremos fazer melhor no nosso próprio caminho, e não tão bem no seu.

Desculpe. Sim, certamente eu estava esperando que falassem em seguida do Batismo. Parecem estar um pouco erráticos em sua ordem de Sacramentos - sagrada Comunhão, aí o Casamento. Bem, senhor, qual seria o próximo, por favor?

O Sacramento da Morte, amigo, o que o surpreende. Bem, o que seria de sua vida sem surpresas, já que elas são como as estações do ano e servem para enfatizar o fato de que a inércia não é progressiva... E progressão é um dos grandes objetos do Universo de Deus.

Vocês não deveriam dar este nome para a Morte. Mas olhamos para o Nascimento e para a Morte como sendo ambos Sacramentos muito reais. Se o Casamento for chamado da forma certa, então o Nascimento segue naturalmente no mesmo grupo, e a Morte é apenas o Nascimento progredido até a consumação. No nascimento a criança sai da escuridão em

direção à luz do sol. Na morte, a criança nasce para a maior luz dos Céus de Deus - nem mais, nem menos. No nascimento a criança é libertada no Império de Deus. No Batismo é incorporado ao Reino dos Filhos de Deus. Pela morte ele é feito livre destes Reinos para os quais ele foi treinado para servir, naquela parte do Reino que é a terra.

No nascimento, ele se torna um homem. No Batismo, ele percebe sua masculinidade ao tomar este serviço sob a bandeira de seu Rei. Pela morte, vai em direção a um serviço mais amplo: aqueles que fizeram bem, como veteranos testados e tidos como leais e bons; aqueles que fizeram melhor, como oficiais para comandar; e aqueles que fizeram muito bem, como Senhores para governar.

A Morte, portanto, nada encerra, apenas carrega adiante o que foi iniciado e, enquanto permanece entre a fase terrestre de vida e a vida das Esferas, é uma coisa sagrada entesourando uma transação mesclada de ambos, e como um sacramento, como nós usamos e entendemos esta palavra.

Então falamos do Batismo, finalmente, e, se não ficamos nisto, acredite-me, não é porque não entendemos seu grande momento na carreira de servo do Cristo, mas é porque temos outras coisas a dizer-lhe que não ficamos naquilo que você entende melhor. Assim, umas poucas palavras no Sacramento da Morte, e pararemos por esta vez, porque notamos que você tem outro trabalho para fazer.

Quando o homem chega perto daquela hora em que deverá mudar sua esfera, aí ocorre em seu ser um reagrupamento dos tais elementos que foram juntados e engendrados durante sua vida na terra. Estes são as partículas residuais daquelas experiências através das quais ele passou - de esperança e motivação e aspiração e amor e outras expressões de valor verdadeiro, interiores do homem em si. Estas estão dispersas na contabilidade de seu ser, e são seu ambiente mesmo ausentes. Assim que a

mudança aproxima-se, são todas puxadas e agrupadas em sua alma, e então esta alma é cuidadosamente puxada do envoltório material e liberado, como sendo o corpo do homem para a próxima fase de progresso nos Céus do Senhor.

Mas a morte, algumas vezes, vem de um choque e numa fração de tempo. Então a alma não está completa totalmente, estando cheia de saúde ou forte, para seguir adiante. É necessário permanecer em processo progressivo até que os mesmos elementos tenham sido agrupados do corpo material e apropriadamente incorporados no corpo espiritual. Sem dúvida, até que isto seja bem feito e completamente, o homem não é bem nascido em espírito. É como um nascimento antes de ser completado o tempo na vida da terra, quando a criança é fraca e cresce apenas gradualmente, fortalecendo-se conforme puxa para si aquelas forças que lhe faltavam quando veio à luz do sol.

Assim dizemos que a Morte é um sacramento, e indubitavelmente é muito sagrado. Alguns poucos de sua raça - e mais dos que você conhece, além disso - despiram- se de seus corpos na terra sem passarem lentamente por esta desintegração que é a morte aos olhos dos homens. Mas o ato essencial é idêntico em ambos. E para que a morte tenha a honra justa na sua forma mais usual, Ele Que é Senhor da Vida não duvidou em passar daquela forma da vida para a vida eterna, e pela forma de Sua morte Ele mostrou que, qualquer que seja a forma ou o valor aos olhos do homem, é um ato normal da jornada da humanidade, já que impulsiona em direção ao mais alto curso do Rio da Vida, que vem do Coração de Deus.

VI - CHEGADAS À VIDA ESPIRITUAL E UMA MANIFESTAÇÃO DO CRISTO VENCEDOR

Sexta, 7 de dezembro de 1917.

Fora da escuridão que paira sobre a esfera terrestre, e através da qual aqueles que vêm a você destes reinos mais brilhantes devem penetrar, emerge continuamente uma corrente de pessoas que passaram pelo Vale do Conflito para estes planos de luz do sol e daquela paz que raramente é conhecida entre vocês na terra. Falamos agora não daqueles que falham em perceber seu elevado destino, mas daqueles que, esforçando-se em conhecer, sondam o significado de Ser, e de sua parte e relação nele, encaminharam sua vida no compasso de Seu Amor. Estes souberam que sobre toda esta treva e além de toda a perplexidade do crepúsculo, o sol que brilha é o sol da Integridade e da Justiça e do Amor.

Então, estes vêm para cá algo preparados para corrigir aquilo que parecia ser errado, e com confiança naqueles que ajudaram a guiar seus passos hesitantes para que não tropeçassem demais ou perdessem seu caminho na peregrinação para a Cidade Celeste.

Isto com muita certeza. E ainda há poucos, ou realmente quase nenhum, que não levantam suas pálpebras de surpresa e assombram-se pela grande beleza e serenidade que estão para sua imaginação assim como uma pessoa viva está para o quadro que, em um retrato plano de luz e sombra, esforça-se em vão para transmitir a vida pulsante do original.

Sim, posso bem acreditar tudo isso, Líder... É assim que é chamado, Kathleen contou-me. Mas poderia, por favor, dar-me um exemplo disto? Quero dizer algo individual e definido.

Dentre tantos, é difícil escolher. Assim, contaremos a você de um destes

que vieram para cá recentemente. Não é das obrigações do nosso grupo no atual estágio ir próximo à fronteira e trazer aqueles que vêm em direção aos seus próprios lugares. Mas estamos sempre em contato com aqueles cujo trabalho é fazer isto, e sua experiência deve ser trazida para nós. Era um jovem que veio através da parede bem recentemente, e estava deitado no gramado ao lado da estrada.

Poderia explicar o que quer dizer com parede?

Em seu reino material, uma parede é, diremos, de pedra ou tijolos. A pedra com a qual a parede é construída não é sólida no sentido de estar absolutamente coagulada. Cada partícula de que a pedra é feita está em movimento, como sua ciência apenas recentemente descobriu. E as próprias partículas também são constituídas de movimento mais denso que o éter, que é como chamam o elemento no qual elas flutuam. O movimento é consequência da vontade, e a vontade é posta em ação pela personalidade. Ela portanto resulta nisto, considerando-se inversamente: Uma pessoa ou um grupo de pessoas concentram sua vontade no éter, que é colocado em vibração, e desta vibração são resultantes partículas. Isto também pela operação da vontade de outros grupos - hierarquias, se quiser - adicionarão em formação mais ou menos densa, e o resultado será água ou pedra ou madeira. Todas as espécies de matéria, portanto, são apenas uma manifestação externa de personalidade, e variam em composição e densidade de acordo com o tipo de personalidade, atuando sozinha ou em conjunto, com o exercício contínuo da força da vontade produz a manifestação que seja apropriada para sua classe.

Aqui se obtém um sistema de lei operativa muito parecido com este que lhe detalhamos como o obtido entre os reinos espirituais e a sua contabilidade de matéria.

A Parede da qual falamos é produzida e sustentada na posição pela força de vontade residente e operativa na esfera da terra. É encontrada neste lado

pelo poder de vontade apropriado e operativo nas Esferas acima da terra e, sendo rebatida, torna-se condensada e soldada numa parede de uma densidade e de uma substância quase apalpáveis por nós que somos de natureza mais sensitiva e refinada, mas que a vocês encarnados em corpos de substância mais bruta é perceptível somente como um estado mental de densidade impenetrável, e da qual falam como se fora uma nuvem de perplexidade, ou treva espiritual, ou algo parecido.

Quando dizemos que é produzida pelas vontades de vocês da terra, falamos no sentido literal da faculdade criativa do Espírito. Todo Espírito é criativo, e vocês na carne são Espíritos, cada um sendo ponto focal do Espírito Universal, assim como nós. Esta nuvem de vapor, portanto, que vem contra nossa Fronteira vinda da terra, é criação espiritual, da mesma forma que estas que provêm contra ela continuamente, vindas destes Reinos mais elevados, mantendo-a constantemente no lugar. Não é uma diferença de natureza ou de espécie, somente de grau. É o encontro do mais alto e o mais baixo e, nesta extensão, conforme uma ou outra sobe ou desce em intensidade, assim é produzida a parede em nossa direção, ou empurrada em direção à terra. Mas seu lugar é quase constante, e nunca é encontrada distante de seu lugar principal.

Você nos determinou uma tarefa, amigo, ao fazer sua pergunta. Seria para dizer- lhe nas palavras da terra sobre um destes temas que ainda estão adiante de sua ciência, conforme você entende o termo entre vocês hoje em dia. Algum dia, quando sua ciência tiver ampliado suas fronteiras para mais adiante, alguns de vocês serão capazes, talvez, com palavras mais familiares a você pelo uso, tornar conhecido mais facilmente aquilo que temos encontrado dificuldade em demonstrar.

Penso que peguei um desvio do assunto. Obrigado pelo seu esforço de qualquer maneira.

Assim, acharam-no deitado na relva próxima ao portal através do qual

ele entrara, suspenso por aqueles que o trouxeram até aqui. Logo abriu seus olhos e olhou em torno de si com muito espanto, e quando acostumou seus olhos à nova luz, tornou-se capaz de ver aqueles que vieram para guiá-lo no segundo estágio de sua jornada para sua nova casa.

Sua primeira pergunta foi bem pitoresca. Ele perguntou-lhes, "Por favor, o que foi feito de meu equipamento? Perdi?"

Um deles, que guiava os outros, respondeu, "Sim, meu menino, temo que sim. Mas neste lugar podemos dar-lhe outro equipamento, e melhor".

Ele estava quase respondendo quando percebeu o aspecto da paisagem e disse, "Mas quem me trouxe até aqui? Não me lembro deste país. Não é parecido com o que eu estava quando fui abatido". Então arregalou os olhos e perguntou sussurrando, "Diga, senhor, parti para o outro lado?"

"Foi o que aconteceu, meu menino", foi a resposta, "você partiu para o outro lado. Mas não são muitos os que percebem o fato tão cedo. Nós observamos você todo o tempo, observamos você crescer, e em seu escritório, e no seu campo de treinamento, e no seu trabalho no exército até que foi abatido, e sabemos que tentou fazer o que sentia que era o certo. Nem sempre, mas, no total, você tomou o caminho mais alto, e agora mostraremos seu novo lar".

Ficou em silêncio por um tempo, e então disse, "Posso fazer perguntas, ou é contra as regras?"

"Não, faça suas perguntas, nós estamos aqui para respondê-las".

"Bem, então, foi o senhor que veio a mim numa noite de sentinela e conversou comigo a respeito de partir para o outro lado?"

"Não, não foi nenhum de nós daqui. Este está esperando por você ali um pouquinho mais adiante nesta estrada. Se você for forte o bastante, vamos levá-lo até ele. Tente levantar-se e veja se pode andar".

Ele levantou-se rapidamente e colocou-se em prontidão pelo hábito que formara, e o líder sorriu e disse, "Meu querido menino, tudo isto já passou.

A disciplina aqui é bem diferente daquela que você conheceu lá. Conte conosco como seus amigos, e venha conosco agora. Serão dados comandos a você, e você vai obedecê-los, mas por enquanto ainda não. Quando este tempo chegar, tais comandos serão dados por aqueles que são mais altos que nós, e você vai obedecê-los, não por medo de reprimenda, mas pela grandeza de seu amor".

Ele simplesmente disse, "Obrigado, senhor", e foi com eles à frente, ao longo da estrada, silencioso e em profunda meditação naquilo que fora dito, e na estranha beleza de sua nova vizinhança.

Eles subiram a estrada e passaram sobre uma colina, no outro lado da qual estava um bosque de muitas árvores altas e belas, com flores nascendo à beira da estrada, e muitos pássaros cantando entre a folhagem verde-dourada. E ali, num montículo, estava sentado outro jovem que se levantou e aproximou-se.

Ele veio em direção ao grupo e, dirigindo-se ao jovem soldado, colocou seu braço sobre seus ombros, e andou ao seu lado em silêncio, o outro estando em silêncio também.

Repentinamente o jovem soldado parou e, tirando a arma do outro, virou-se e olhou intensamente para ele. Então um sorriso inundou sua face, e ele tomou suas duas mãos nas suas e disse, "Por que, Charlie, quem teria pensado nisto! Então, afinal de contas você não administrou tudo!"

"Não, Jock, não administrei, graças a Deus. Fui para o outro lado naquela noite, e posteriormente deixaram-me ir e ficar com você. Fui com você muito bem a todos os lugares, e fiz o que pude para o seu conforto. Então me disseram que logo você estaria vindo para cá. Bem, pensei que você deveria saber. Eu lembrei o que você disse a mim quando tentou me tirar dali e levar-me de volta às fileiras novamente, depois que levei aquilo no pescoço. Então esperei que ficasse quieto por si mesmo, e então tentei tudo o que pude. Depois eu soube que eu tentara fazer você me ver e

parcialmente ouvir o que eu disse sobre sua chegada a este lado".

"Ah, sim, é chegando neste lado agora, não é mais indo, não é?"

"É o jeito da coisa, velho amigo. E agora posso agradecer-lhe pelo que tentou fazer por mim naquele dia".

Assim estes dois amigos seguiram adiante no resto, diminuíram o passo já que deveria ser assim e, na linguagem familiar como teriam gostado de falar, fizeram articular sua amizade recíproca.

Agora escolhemos este incidente em particular para mostrar-lhe várias coisas, entre elas, esta: nenhum ato bondoso passa sem ser notado nestas esferas. Aquele que o pratica está sempre sendo agradecido aqui por aquele a quem o benefício foi feito.

Aqueles que chegam ainda usam a linguagem e as maneiras terrenas de falar. Alguns de vocês ficariam muito chocados em ouvir as frases forçadas que saem dos lábios dos realmente brilhantes espíritos quando eles encontram pela primeira vez seus amigos da terra. Falo agora mais especialmente dos soldados que lutaram na guerra, como estes dois fizeram.

Marchar, aqui, acerta o passo com o mérito mais íntimo, e não é menos afetado também pela marcha na terra, ou pela educação da terra. Destes dois, aquele que cuidou do primeiro era um trabalhador antes de se alistar, e de ascendência pobre. O outro veio de uma família não pobre em bens materiais, e esteve por alguns anos num escritório de negócios, preparando-se para uma posição de responsabilidade na casa de seu tio. Seus respectivos status não contaram muito quando o primeiro levou o outro ferido para fora das trincheiras inimigas. Aqui, não conta de maneira nenhuma.

Então os realmente amigos encontraram-se aqui e iniciaram sua caminhada em frente. Porque aqueles que têm fé em seus compromissos na terra são bem-vindos quando chegam até aqui a estes campos de beleza, e descansam onde não é ouvido o som da guerra, onde não entram feridas ou

dores. Porque é o Reino da Paz, onde os cansados encontram refúgio dos problemas da terra, e onde há muita alegria de viver.

Segunda, 10 de dezembro de 1917.

Tais ocorrências, como esta que lhe contamos da última vez, não são raras nestes Reinos, apesar de que possa parecer algo estranho ouvir descrever uma cena de campos de batalha da terra sendo reproduzida nestas paragens de calma e paz. Mas é de pequenas coisas que a teia da vida é tecida, e aqui a vida é indubitavelmente vida. Aqueles dois amigos não são os únicos que assim se encontraram, e tiveram a amizade, antes mantida entre a pressa dos negócios e o stress dos esforços humanos, renovada nestes reinos brilhantes.

Vamos então seguir adiante um pouco e contaremos a você de outro encontro para esclarecer aqueles que habitam sob a névoa que está entre nós e vocês, e através da qual presentemente sua curta visão não pode penetrar. Não será sempre assim mas, por agora, até que seus olhos tornem-se mais acostumados, devemos nos esforçar nesta direção para ajudá-los no que veem.

Há, na Segunda Esfera da terra, uma casa onde aqueles que recentemente vieram para cá esperam por sua saída, para serem levados, cada qual com seu guia, ao lugar que melhor estiver treinado para os primórdios de sua vida espiritual. É uma Casa muito interessante de ser visitada, porque aqui são encontrados juntos muitos tipos variados de caráter e alguns que, trazendo bons informes sobre suas provações terrenas, ainda não estão bem assentados nas convicções daqui ou naquelas necessárias para serem rapidamente classificados. Não, note bem, por faltar habilidade em algum setor por parte dos trabalhadores destes Reinos, mas porque não é bom mudar nenhum recém-chegado em direção a uma rota definida até que ele venha a conhecer a si próprio plena e completamente, e

onde está em falta, e onde excede, e do que se compõe seu caráter. Portanto, nesta Casa eles descansam quietos e em companhia compatível por um tempo, até que extravasem um pouco da febre e da inquietação que trouxeram da terra, e sejam capazes de conduzirem, a si mesmos e seu ambiente, com deliberação e mais certeza.

Um de nosso grupo, não muito tempo atrás, foi a esta Casa e viu um homem que chegou lá neste estado. Na terra, fora ministro de religião que lera algo do que vocês chamam de assuntos psíquicos, e sobre a possibilidade de conversar um com o outro entre nós e vocês, como estamos fazendo agora. Mas ele não conseguia entender completamente, e estava com medo de expor aquilo que em seu coração sabia ser verdadeiro e bom. Então, ele fez o que muitos de seus companheiros estão fazendo. Deixou o assunto de lado. Ele poderia encontrar outras formas de ajudar seus companheiros, e este fato poderia esperar pelo tempo em que fosse mais e mais amplamente entendido e aceito pelos homens, e aí então ele seria um dos pioneiros a proclamar o que sabia, e não fugiria de seu dever naquela hora.

Mas quando outros vieram a ele e perguntaram-lhe primeiramente se era possível falar com seus queridos que chegaram aqui; e em segundo lugar, se era da vontade de Deus fazer isso, ele expôs a mentalidade de sua crença Cristã na Santa Comunhão, mas exortou-os a serem pacientes até que a Igreja tenha testado e peneirado o assunto e emitisse uma conduta para aqueles que eram do rebanho.

E enquanto ele esperava, eis que seu tempo na terra completou-se e ele foi trazido para cá a esta Casa, onde deveria descansar um pouco e chegar a uma decisão sobre qual atitude assumiria nos diversos assuntos de suas tendências, e sobre o uso que fez de suas oportunidades.

O trabalhador de quem falei...

Por que não me diz o nome dele e economiza palavras?

Não é o nome dele, meu amigo, pois o trabalhador é mulher. Vamos chamá-la de "Naine" e servirá.

Ela foi à Casa e o encontrou andando numa alameda em um bosque, uma alameda verdejante muito bela com folhagens e flores e luzes e cores e sombras de matizes suaves, muito pacífica e silenciosa e, naquele local, solitária. Pois ele queria estar só, porque precisava pensar mais claramente naquilo que tinha em mente.

Ela foi até ele e ficou à sua frente, e ele inclinou-se e teria passado adiante, mas ela falou com ele, dizendo, "Meu amigo, foi a você que fui mandada, para falar-lhe".

E ele respondeu, "Quem a mandou a mim?"

"O Anjo que tem que responder ao nosso Mestre sobre seu trabalho em vida enquanto esteve na esfera terrestre", disse ela.

"Por que teria ele que responder por mim?" perguntou a ela. "Certamente cada um deverá responder por sua própria vida e trabalho - não é assim?"

E ela disse, "Isto com certeza é assim. Ainda mais, para sua tristeza, nós aqui sabemos que não é tudo. Pois nada que você faz ou deixa de fazer termina em você, somente. Ele, que o tinha a seu encargo, esforçou-se, e novamente o fez, para seu bem estar e, em parte, teve sucesso, mas não totalmente. E agora que o período terreno terminou para você, ele deve fazer a soma total de sua vida, e responder pelo encargo que tinha sobre você, para a alegria dele, e também para a tristeza dele".

"Isto não me parece muito justo em minha mente", ele respondeu a ela. "Não é de minha ideia de justiça que outro possa sofrer pelas faltas de alguém".

Naine disse: "E ainda, isto é o que você pensava das pessoas lá - isto foi o seu entendimento das coisas no Calvário, e você lhes passou isto. Nem tudo o que você disse foi verdadeiro, e mesmo assim foi verdadeiro em

parte. Por que nós compartilhamos alegria quando outro está alegre, e não o fazemos em sua tristeza? Isto seu Anjo faz por você agora. Ele está tanto alegre quanto triste com você".

"Por favor, explique".

"Ele se alegra naquilo que você fez de bom trabalho na caridade, pois seu coração estava muito banhado de amor por Deus e pelo homem. Ele se entristece por você naquilo que você não realizou, e que lhe foi ensinado que foi feito por vocês no Calvário. Porque você não estava querendo tornar-se desprezado pelos homens nem ser diminuído com a desaprovação deles, porque você valorizou o elogio dos homens mais que o elogio de Deus, e esperou ser capaz um dia de comprar mais barato sua recompensa por ter espargido luz sobre a escuridão, quando a escuridão deveria começar a passar de noite para aurora do dia que amanhecia. Mas você não viu, em sua fraqueza e falta de propósito valoroso e de força para sofrer vergonha e frieza, que o tempo pelo qual você esperava era o tempo em que sua ajuda não mais seria necessária, e a luta já teria sido vencida, mas por outros de caráter mais forte, pois você permaneceu entre os observadores e ficou olhando a batalha de uma posição vantajosa, enquanto aqueles outros brigavam e davam e tomavam golpes bons e fortes, e lançavam-se na batalha porque, pela causa, não deviam render-se àqueles que eram seus oponentes."

"Mas por que tudo isto?" inquiriu. "Qual é a razão de sua vinda até mim, afinal?"

"Porque ele me mandou", disse ela, " e porque ele também deveria vir a você, mas não é capaz até que sua mente esteja mais clara de propósitos, e até que você tenha dominado e conhecido os variados elementos que construiu na sua vida da terra em seus verdadeiros valores e avaliações."

"Entendo, pelo menos em parte. Obrigado. Estive numa nuvem todo este tempo. Vim para cá, longe dos outros, para tentar entender tudo isto

melhor. Você disse algumas coisas realmente diretas para mim. Talvez acrescente algo a este serviço dizendo-me o que devo fazer para começar."

"Esta é minha missão aqui e agora. É a única coisa de que fui encarregada. Devia sondar sua mente, fazê-lo olhar para dentro de si e, se mostrasse qualquer desejo de progresso, devia dar-lhe uma mensagem. Isto lhe será agora mostrado - não muito cordialmente, entretanto. E essa é a minha mensagem de seu Anjo guardião, que o espera para levá-lo quando tiver treinado a si próprio um pouco mais. Você está requisitado para assumir um quarto num lar, o qual vou mostrar-lhe, na Primeira Esfera. De lá, você vai, de tempo em tempo, visitar o plano da terra e ajudar lá aqueles em comunhão com seus amigos daqui destas esferas de luz, e também ajudar confortando e encorajando os que estão nas esferas mais escuras, para que possam progredir para a luz e à paz de Sua Presença. Eles estão mesmo entre aqueles dos quais você foi ministro, vários que estão tentando fazer este bom trabalho pelos angustiados, e também dar e receber alegria através de sua conversa com aqueles seus queridos daqui. Eles esperavam por sua liderança neste tema, e você não teve coragem de fazê-lo. Vá e ajude-os agora, e quando for capaz de fazê-los conhecer a sua personalidade, desdiga o que uma vez disse, ou diga- lhes que faltou-lhe coragem para contar a eles do fato. Nisto talvez lhe apareça alguma vergonha, mas eles terão muita alegria e lidarão com você muito bondosamente, porque já sentiram a fragrância do amor dos Reinos mais altos e mais brilhantes que este no qual você esteve descansando. Mas ainda a escolha é sua. Vá, ou não vá, conforme seja a inclinação de seu coração."

Ele permaneceu com a cabeça inclinada, silencioso por um longo tempo, enquanto Naine esperava. Ele travou sua batalha, e não era pequena para ele. E então ele falhou em tomar uma decisão, dizendo que pensaria sobre todas as suas atitudes e decidiria mais tarde. Assim, sua antiga falha de hesitação e medo pousou sobre ele como uma manta, e expulsou a

liberdade em ir adiante sempre que pudesse. E Naine retornou à sua Esfera, mas não foi capaz de trazer de volta com ela a feliz resposta pela qual ela buscou.

E... o que ele fez, a que decisão chegou?

Da última vez que ouvi sobre ele, ainda não tinha tomada decisão alguma. Todo este acontecimento é recente, e ainda não está terminado. Terminado não poderá estar até que ele se decida por sua própria livre vontade fazer o que deve fazer. Há muitos que visitam suas reuniões de Comunhão que são como ele, ou bem parecidos.

Por reuniões de Comunhão o senhor quer dizer o Serviço da Santa Comunhão, ou sessões espíritas?

O que, se as chamaremos de natureza semelhante? Verdadeiramente na avaliação da terra elas são muito diferentes, uma da outra. Mas nós aqui julgamos não pelos parâmetros da terra. Aqueles que vão para uma ou para outra, vão por um propósito idêntico - comunhão conosco e com o nosso Mestre, o Cristo. Isto nos é suficiente.

Mas de nosso ministro: está em sua mente por que uma mulher foi mandada a uma missão destas, e para um ministro de Teologia, para fazê-lo raciocinar sobre sua conduta e trabalho em vida. Responderemos o que notamos em sua mente.

É muito simples, a resposta. Ele, em seu começo de vida, teve uma irmãzinha de somente poucos anos, e ela morreu e passou para cá, enquanto ele ficou e cresceu à maturidade. Esta mulher era aquela pequena criança. Ela o amara muito, e se ele estivesse sintonizado às partes mais elevadas dele, ele a teria reconhecido novamente, pela sua grande beleza e maturidade brilhante da feminilidade. Mas seus olhos estiveram fechados e sua visão obscurecida, e assim ela ficou desconhecida.

Verdadeiramente, nós somos todos de uma família, agrupados por nós na alegria e na tristeza, e devemos beber do cálice forçosamente, mesmo

como Ele fez com Seu copo cheio dos pecados do mundo, e o amor no mundo, misturados alegria e tristeza.

Terça, 11 de dezembro de 1917.

Quando chegamos para falar com você, como estamos fazendo, há entre nós e aquela esfera de nosso natural habitat uma linha vital, assim podemos chamá-la. É tomada algumas vezes em sua própria forma, mas é melhor valorizar qualquer trabalho que fazemos para sua construção. Quando pela primeira vez descemos a estes reinos, tivemos forçadamente que fazer nossa descida de forma gradual. Tínhamos que viajar vagarosamente para baixo, de esfera em esfera e, à medida que chegávamos, evoluíamos em nós mesmos aquela condição de progresso no Espírito que fosse propícia às condições ambientais da cada esfera pela qual nossa jornada conduzia.

Esta viagem para lá e para cá foi feita muitas vezes e, a cada vez que foi feita, tornou-se mais fácil para nós nos reajustarmos em nossa constituição, e ficamos mais aptos a ir rapidamente de estado em estado do que nos foi possível da primeira vez. E agora podemos vir e ir quase que com a facilidade com que viajamos de um lugar a outro na esfera em que está nossa habitação. Assim, aquilo de viajar de lá até você já não leva tempo, já que chegamos num instante pelo esforço de transposição, em vez de variados e repetidos esforços, como quando nos aproximávamos adaptando-nos em cada esfera. Assim estabelecemos a linha vital da qual falamos e a qual usamos ao descermos de lá e ao subirmos para lá de tempo em tempo.

Qual é sua esfera normal, por favor?

Como Zabdiel numerou-as a você, a nossa é a Décima. É aquela da qual ele resumidamente lhe contou e da qual ele mais tarde partiu para a próxima de cima, na ordem. Poucos, e não frequentemente, vêm de qualquer esfera de mais alto grau para esta da terra. É possível assim fazer, e acontece muitas vezes, se você contar as eras, na soma delas. Mas quando acontece,

algum grande propósito está direcionando tudo, e alguém, e não é de nossa competência, nós que vivemos na Décima Esfera ou mais baixas, entender tão bem para que sejamos escolhidos como mensageiros. Assim foi com Gabriel que está na Presença de Deus, pronto para cumprir Sua ordem nos reinos Celestes, tanto longínquos quanto próximos. Mesmo que ele tenha vindo para as mais baixas regiões sobre a terra, foi apenas raramente.

Agora, como é possível que venhamos a você, está no âmbito da sabedoria celeste também que outros de mais alto grau e estado venham a nós de vez em quando. E por um propósito bem semelhante, que é nos dado saber, em nossa felicidade de servir nestas esferas de luz e glória, da maior glória e felicidade do mais alto serviço e sabedoria para conhecer o Máximo que está acima de nós, em grande avanço, de força em força, de um estado a outro de maior sublimidade.

Assim são dados a nós, assim como àqueles de vocês que receberão o benefício, relances de nossa caminhada acima. Assim não seremos estranhos naquelas regiões adiante, às quais subimos sempre. E, assim como a vocês, a nós é permitido, de tempo em tempo, visitar aquelas glórias mais elevadas por curto espaço de tempo e, voltando, contar aos nossos companheiros de como eles, nossos irmãos, estão naquelas esferas mais intensas àfrente de nós.

Assim é no único cômputo geral de Deus, o que está progredindo nas esferas abaixo devem servir naquelas de mais alto degrau. E como você, que aceita nossa missão de esclarecimento, olha para a frente desejando sua vida e seu caminho futuro, assim mesmo estando sintonizados ao estado que agora gozamos, nós também olhamos ainda mais para a frente, para aqueles Reinos que esperam por nós quando, pela Graça e pelo nosso próprio esforço íntimo, enriquecermos a nós mesmos com aquelas qualidades que nos permitirão seguir adiante em nossa peregrinação.

E assim chega desta maneira ao nosso conhecimento a vida dos reinos

acima de nós, onde aqueles que habitam lá estão tão próximos ao Cristo e Sua Casa que suas faces e formas são vistos como sendo a forma e as feições do Próprio Cristo.

Sobre estes reinos elevados, e sublimes em seu silêncio de energia potencial, o Cristo move-se livremente, enquanto para nós Ele vem naquilo que lhe foi mostrado como Forma Presente. Naquela maneira, também, Ele é todo amor, tanto quanto sei. E se assim é, então que sóis de esplendor devem ser Seus olhos, e quanta glória rósea deve vir de seu vestuário ao olhar para aqueles que são menos que Ele, para que fiquem pasmados perante a beleza de Sua presença.

Já O viu então, Líder?

Naquela forma, sim; mas não em sua total bondade, como falei por último.

Mais de uma vez?

Sim, amigo, e em mais de uma esfera. Nesta forma, Ele pode e realmente penetra também na terra, e lá Ele é visto não raramente. Mas ali, somente pelas crianças ou por aqueles que levam em seu coração sua pureza infantil, ou aqueles que em grande angústia precisam muito d'Ele.

Poderia contar-me uma destas ocasiões na qual O tenha visto, por favor?

Vou contar-lhe a vez em que havia alguma movimentação numa esfera onde alguns iriam ser escolhidos e classificados, a esfera da qual falei da última vez em que nos sentamos para escrever. Muitos haviam chegado lá, e a esfera estava repleta de muito trabalho e algum atordoamento. Os trabalhadores ali estavam com dificuldade em colocá-los, em saber como melhor ajudar os muitos que ainda não tinham sido classificados. E a mistura dos saudáveis com os doentios na multidão estava causando alguma rebelião entre eles, pois estavam se machucando e adoecendo facilmente, e sentindo que não foram tratados com justiça e sabedoria. Isto não acontece com frequência. Mas já soube de ter acontecido assim bem mais de uma

vez.

Repare, aqueles naquela esfera não são maus, mas pessoas agradáveis. Não compreendiam totalmente. Em seus corações sabiam que tudo estava sendo bem feito para eles. Mas a confusa mistura de névoa e luz deixou-os com prevenção contra o entendimento. E mesmo quando não murmuravam abertamente, ainda assim estavam com o coração triste e faltava-lhes coragem para a tarefa de conhecerem-se a si próprios - um trabalho difícil, também - veja bem - para aqueles que negligenciaram o fato em sua vida na terra. Parece mais difícil chegar até aqui, do que em sua esfera. Não seguirei adiante nisto agora.

O Anjo Senhor da Colônia veio de sua Casa e chamou a multidão, e eles vieram com suas faces tristes, muitos com seus olhares fixos ao chão, sem vontade de olhar para tanta beleza. Quando estavam reunidos diante do alto lance de escadas no qual ele estava em pé, do lado de fora do pórtico de sua moradia, ele lhes falou num tom de voz cálido, e disse-lhes para que não fossem pobres de coração, pois Alguém antes deles já ficara abatido como eles estavam agora, e Ele venceu porque, quando a névoa apareceu entre Ele e a face de Seu Pai, ele se segurou e não caiu em descrença, e ainda assim chamara-O de Pai.

E enquanto ele falava, um após outro levantavam seus olhos para ele e viam sua majestade e seu brilho, pois ele era de uma esfera mais alta, este que tinha a seu encargo esta colônia difícil. E gradualmente, enquanto falava gentilmente a eles com palavras de sabedoria penetrante, eles viram uma neblina começar a vir sobre ele e envolvê-lo, e ele vagarosamente pareceu se dissolver na nuvem de neblina que, condensando, vestiu-o como um manto colocado sobre ele. Ao final quase não mais podiam vê-lo, mas eis que sobre suas pegadas, no lugar onde estava, começou a aparecer outra forma, a forma d'Aquele de faces mais amorosas e de radiação mais brilhante que a dele. Apareceu Ele, mais brilhante, e então emergiu às vistas

de todos, tendo sobre Sua testa uma coroa de espinhos, com gotas de sangue abaixo dela e sobre seu peito, como se tivessem acabado de cair. Mas conforme ele crescia em brilho, aqueles milhares de olhos cansados ganharam brilho também, e fundiram-se na maravilha de Sua imensa glória e amor. A coroa transformou-se numa outra de ouro e rubis, e as gotas vermelhas sobre seu peito ajuntaram-se num botão sobre Seu ombro, para segurar Seu manto no lugar, e a túnica que usava embaixo do manto cintilou com a luz dourada de Sua radiação interior, o que a fazia brilhar em sua leveza como prata fundida no brilho da luz do sol em sua textura. E Sua face, não posso descrevê- la porque não é possível, com as suas palavras da terra, dizer nada mais do que a majestade do Redentor todo vitorioso estava ali. Sua fronte era a fronte de um Criador de mundos e cosmos, e ainda com a delicada beleza da fronte de uma mulher, onde o cabelo caía repartido no centro. A coroa falava da Realeza, e mesmo assim não havia o orgulho de governar na suavidade do seu cabelo ondulado, e Seus longos cílios acrescentavam ainda mais suavidade, enquanto Seus olhos faziam com que nos inclinássemos diante de seu amor com reverência.

Bem, vagarosamente a visão d'Ele fundiu-se à atmosfera - não digo que se tornou tênue - porque sentimos que Ele Se tornara mais e mais invisível à vista, Sua forma ficando mais eterizada enquanto o ar foi tornando-se mais e mais fortalecido com a Sua real Presença.

Então, finalmente Ele se foi de nossa visão e, onde Ele havia estado, mais uma vez vimos o Anjo Senhor da Colônia. Mas agora ele não estava mais em pé, mas com um joelho no chão e seu corpo apoiado no outro e suas mãos, postas, colocadas à frente de seu pé. Ele ainda estava imóvel, em êxtase na comunhão, e o deixamos ali e fomos embora. Somente agora dávamos passadas mais leves com os corações elevados. Não estávamos mais cansados, mas prontos para nossa tarefa, qualquer uma que fosse. Ele não disse uma só palavra enquanto olhávamos para Ele, mas em nossos

corações "Estarei convosco por toda a eternidade" soava claramente. E assim, fomos resolutos para nosso trabalho com grande contentamento.

VII - A DESCIDA E A ASCENSÃO DO CRISTO

Quarta, 12 de dezembro de 1917.

Não é assim, que estejamos longe de você, que você deve pensar de nós. Estamos bem perto. Você tem em mente que, só porque a Kathleen escreve com você diretamente, nós, que falamos a você através dela, estamos à distância. Não é assim. Sendo que ultrapassamos a dificuldade de descer pelo reajustamento, chegamos muito bem à esfera da terra e, sendo assim, não encontramos dificuldade em sintonizar nossas mentes assim que estejamos bem perto de você. Pois há graus de estado na esfera da terra, assim como há nestas mais avançadas. Seria muito difícil, se possível afinal, que viéssemos ao ambiente mais próximo daqueles que não subiram espiritualmente muito acima do que o estado animal. Mas àqueles que procuram estar perto de nós, de nossa parte, nós nos direcionamos a eles e encontramo-los no ponto mais alto que possam alcançar. E assim fazemos com você. Isto de alguma forma tranquiliza-o, amigo?

Bem, eu me senti como foi descrito, certamente. Mas, se na profundidade sua explanação é verdadeira, que necessidade há de termos a Kathleen, afinal?

Isto, em parte, já foi explicado antes. Acrescentaremos um pouco mais agora. Você deve ter em mente fatos, tais como: Kathleen é mais de sua época que nós, que na maioria vivemos na terra há muito tempo atrás. Ela normalmente está mais próxima a você neste estado que nós, e, enquanto podemos entrar em contato com você no mais íntimo, ela acha mais fácil que nós tocar a parte mais externa, onde a fala e a movimentação de seus dedos tomam lugar, que é o cérebro de seu corpo material. Também na transmutação de nossos pensamentos em palavras ela tem uma boa atuação

entre nós. Mas para tudo isto, bem que estamos, você e nós, com uma boa sintonia e contato recíproco.

Posso fazer umas poucas perguntas?

Com certeza - mas você está apressando tudo com certa ansiedade pelo sabor do conhecimento, amigo. Pergunte uma e, se tivermos tempo para mais, veremos as outras também.

Obrigado. Sobre a descida do Cristo: quando Ele desceu da Casa do Pai para se tornar encarnado, suponho que tenha sido necessário a Ele Se condicionar às Esferas, uma após a outra, até que alcançasse a esfera da terra. Vindo de um lugar tão alto, levaria muito tempo para isso ser feito, não é?

Pelo tanto quanto nos tenham ensinado, amigo, o Cristo esteve presente na Esfera da terra quando ela não tinha forma, isto quando ela era imaterial. Quando a matéria começou a ser, Ele foi o Espírito Mestre através de quem o Pai comandou forjar em constelações o material universal, da forma como vocês entendem isto. Mas, apesar de que Ele estivesse presente, Ele também não tinha forma, e coube a Ele não a forma material, mas a espiritual, enquanto o Universo foi sendo dotado de sua manifestação exterior, tomando assim sua forma de matéria. Ele esteve por trás do fenômeno inteiro, e o processo todo passou pelo Cristo conforme vieram passando as eras, e a matéria evoluiu do caos ao cosmos. Isto não seria possível exceto para uma entidade dinâmica operando do exterior e do superior ao caos, e trabalhando na descida até o caos. Pois a ordem não pode sair de onde há falta de ordem, exceto pela adição de um novo ingrediente. Foi o contato da Esfera do Cristo com o caos que resultou no cosmos.

Caos era matéria em estado potencial. Cosmos é matéria percebida. Mas, assim sendo, a matéria sendo percebida é apenas um efeito do fenômeno da energia dinâmica que, acrescentada à inércia, produz movimento. O movimento em si é a soma das atividades da vontade,

consideradas potencialmente. A vontade, passando do estado potencial à sua percepção, torna-se movimento regulado de acordo com a qualidade daquela vontade particular que é o seu criador. Consequentemente o Criador de tudo, trabalhando através do Cristo, produziu, depois de eras de impulso contínuo, o cosmos.

Agora, se formos capazes de esclarecer a você de qualquer forma o que está em nossas mentes, você perceberá que o Cristo estava no universo material desde a incepção e, sendo assim, Ele estava também na esfera da terra enquanto ela assumiu gradualmente primeiro a materialidade, e então a forma, e por último tornou-se por sua vez intérprete do significado do trabalho de eras que se tornaram articuladas, ao final, à gênese da Terra. Isto é, reproduziu dela mesma o princípio de criação e deu-lhe expressão. Pois da terra vieram os minerais e os vegetais e as formas animais de expressão de vida. Você vê, amigo, no que isto resultou? Significa não menos que a Terra e todo o Cosmos material é o Corpo do Cristo.

O Cristo que veio à Terra?

O Cristo Que era Uno ao Pai e, sendo Uno ao Pai, era a Expressão do Pai. Jesus de Nazaré era a expressão do pensamento do Pai, encarnado como Cristo para a salvação da Terra. Pense um pouquinho, porque vejo um leve distúrbio em sua mente. Nos outros planetas de seu Sistema há seres não parecidos com os homens. Em planetas de outros Sistemas há seres não semelhantes a homens também. Em outras constelações há aqueles que são relacionados razoavelmente a Deus e Seu Cristo e podem comungar com seu Criador, como fazem os homens. Mas não são de forma humana, nem usam da forma humana de comunhão de pensamento que vocês chamam de fala. E mesmo assim o Criador e seu Cristo permanecem na mesma relação com eles que eles têm com vocês. E tem sido necessário, e ainda é, que seu Cristo torne-se manifesto a eles de vez em quando, na forma a que eles mesmos evoluíram. Mas, então, Ele vai até eles não como Jesus de Nazaré,

na forma humana, que para eles seria menos útil senão estranho. Ele vai a eles na forma deles e com seus meios de comunhão, e usa seu próprio processo racional. Isto seria óbvio, exceto àqueles que, tendo lançado ao vácuo do espaço atrás deles a teoria geocêntrica materialmente considerada, têm ainda esta teoria envolvida sobre eles espiritualmente, como os trapos de uma múmia, assim pouco podem se mover, ou ver que além de seu pequeno mundo há outros de tão grande importância ao Criador quanto é a nossa pequena terra. Assim dizemos a você, o Cristo que veio à Galileia era não só a expressão da Terra do Cristo Universal, mas também o verdadeiro Cristo.

Agora deixe-nos chegar a um fim, se bem que não lhe falamos nem um pedacinho da gloriosa e esplêndida história da rima e do ritmo dos eões e seu nascimento e casamento e sua chegada em direção aos sóis que sorriem para suas crianças menores de hoje.

O Cristo, então, desceu com matéria como a matéria desceria - por precipitação, se quiser assim - fora das energias da dinâmica espiritual. Foi incorporado em vida mineral, pois por Ele toda a matéria é composta. Foi acalentado pela rosa e pelo lírio, e toda a vida vegetal era a Sua vida, pela sustentação d'Aquele que deu de sua beleza e maravilhas que vieram em direção da matéria movendo-se em direção à razão, mas, no ponto mais alto, somente tocando a bainha da vestimenta da atividade racional. E Ele Se tornou manifesto também na vida animal na terra, pois os animais, como o homem, são sua evolução. A mais alta expressão de Sua vontade era a humanidade. E no tempo certo Ele veio do invisível em direção ao mundo visível. Ele, que havia feito o homem, foi feito Ele próprio homem. Ele, por Quem o homem veio a ser e continua, pensou na matéria e Seu pensamento tomou expressão em Jesus de Nazaré. Então Ele Que foi o Agente Ungido do Criador para fazer o homem, tornou-se Ele mesmo o Filho do Homem, a quem Ele tinha feito.

É suficiente, amigo. As suas demais perguntas esperarão nossa próxima vinda. Deus e Seu Cristo, Que Se uniram para trazer você à forma de homem, amigo, alegram-se por você naquilo que você apreender, ajudar outros a entenderem, o esplendor de sua filiação e seus destinos.

Sexta, 14 de dezembro de 1917.

Nós lhe falamos, amigo, da Descida de Cristo para a matéria, como você nos inquiriu. Agora, deixe-nos continuar na estrada normal, na continuidade daquilo que já lhe transmitimos. A estrada agora não vai para o útero do cosmos material, mas acima, para o espiritual, e em direção ao estado que resulta na perfeição espiritual que vocês chamaram pelo nome de a Casa do Pai. Esta é a fronteira do conteúdo atual do universo na imaginação do homem. Ele não pode ir mais adiante vislumbrar aquilo que ele concebe como as possibilidades de Ser.

E, todavia, nós aqui chegamos a saber que o Espírito, sublime como é em essência, não é a soma do Ser. Como para além do reino material prolonga-se o espiritual, assim também, além destas distantes e longínquas alturas de luz impenetrável e santidade em extrema pureza para onde dirigimos nossa caminhada, está Aquele que não é somente Espírito, mas Quem para dentro de Si absorve tudo o que o Espírito é com sua sublimidade maior, englobando a soma total resultante do espírito num universo ainda mais sublime.

Como a luz de um planeta é apenas uma pequena parte do que é externado do sol central, e reflete de volta aquela luz tingida pela qualidade planetária que lhe é característica, desta forma também a matéria recebe do Espírito e, da mesma maneira, contribui com seus pequenos ingredientes para a qualificação e enriquecimento do universo espiritual. Como o Sol, por sua vez, é de um sistema muito maior que ele, e é apenas uma unidade de uma constelação de sóis, também o Espírito é apenas parte de um

universo do Ser, de magnitude e de sublimidade além de nossa compreensão. E mesmo uma constelação é por si mesma uma unidade de uma agregação mais vasta - mas aqui paramos de aplicar a analogia senão nos perderemos em assombros, quando deveríamos nos encontrar no nosso caminho ao longo da estrada da razão e do entendimento.

Então sigamos o Cristo em Sua via Celestial, lembrando que, sendo elevado e exaltado, Ele conclama os homens a que O sigam, arrastando Suas miríades ao longo da estrada celestial entre as glórias das esferas em direção à Casa de onde Ele veio, na qual Ele está, e eles deverão lá estar também um dia.

Enquanto as eras misturam-se ainda com as eras do porvir, assim a glória do Cristo intensifica, porque todos os novos recrutas chegados ao Seu exército acrescentam cintilações ao brilho de Seu Reino brilhante, que é visto, assim disseram, por aqueles que estão acima, nas vertiginosas alturas do Reino que está mais distante e mais acima de tudo, assim como no reino da matéria vocês veem uma estrela distante. No oceano do espírito, todas as Esferas do Cristo são reunidas em uma enorme estrela, e pode ser vista exteriormente por aqueles que habitam no alto. Não nos é possível compreender adequadamente, entretanto podemos ter uma pequena ideia de seu significado assim:

Da terra vocês são incapazes de ver o Sistema Solar como uma unidade, pois estão na névoa daquele sistema e numa parte dele. Mas alguém que esteja acima, no Arcturo, veria uma pequena esfera de luz, e naquela esfera estaria incluído seu Sol e seus planetas e suas luas. Assim é que realmente vocês veem Arcturo e os outros milhões de estrelas que são vistas da terra. Então o Reino e a Esfera do Cristo são vistos do reino distante e, era após era, o Sistema cresce em brilho conforme as raças que caminham realizam sua evolução total do material ao espiritual mais e mais. Nisto estou englobando o cômputo espiritual total como uma estrela, e Aqueles Que são

postos para observá-la são Os Que habitam nestas longínquas estepes do Ser que estão além dos reinos do Espírito, no grande Vazio do Desconhecido e do Incompreensível.

Então acima e distantes estão Aqueles de Quem falamos, que nós, que progredimos em Espírito dez esferas, não podemos nos dizer mais próximos a Eles que vocês da terra. A distância entre vocês e nós em progresso, dividida por aquela de nós até Eles, seria tão infinitesimal quanto estaria além de tudo considerado.

Da forma que o total de constelações de sóis marcham em formação ordenada em direção a certa meta, apesar de distante, desta mesma forma as Esferas do Espírito marcham em direção a seu destino, quando a peregrinação de espírito irá fundir-se ao que está adiante, e ali encontrar sua consumação.

Para esta finalidade o Cristo, inclinando-se do peito de Seu Pai, exorta a humanidade com o toque de Seu dedo, e o homem torna-se eletrificado com aquela Divindade Vital que pulsa em sua alma com o ímpeto de seguir adiante, para que na caravana do Príncipe Soberano ele possa manter sua posição junto com estes dos outros planetas que marcham unidos para a frente como o único Exército do Pai sob a Vice- regência de Seu Filho.

Há uma coisa de que não estou completamente esclarecido. Nosso Senhor falava de pequenas crianças, "de quem é o Reino". O que vocês disseram parece implicar em dizer que conforme nós crescemos tornamo-nos menos do Reino, no sentido de infância. Sem dúvida, isto parece concordar com nossa experiência. Mas significaria que progredimos para trás, como numa espécie de desenvolvimento inverso. E ainda, se nosso progresso está somente no primeiro estágio da jornada, e é continuado nas Esferas, o padrão infantil parece ser bem anômalo. Pode explicar esta minha dificuldade?

A criança nasce no mundo dotada com certas qualidades e poderes. Mas

estas, na infância, permanecem não desenvolvidas e inativas. Estão lá, mas dormentes. À medida que a mente amplia suas capacidades, ela é competente para se impor nestes poderes, um após outro, e para usá-los. Em assim fazendo, o homem está continuamente ampliando sua esfera de ação, e também entrando em contato com novas forças que lhe são impostas pelo ambiente, enquanto aquele ambiente, aumentando sua circunferência, entra em contato, um após outro, com as esferas onde estas forças residem. Tais forças de que falo são as criativas, unificadoras e espiritualizadoras, e apreendem o conhecimento de Deus. Da maneira pela qual ele emprega estas formas de poder mais amplo depende seu desenvolvimento como ser espiritual. A criança é do Reino até onde ela não oponha sua vontade contra a do Pai. Permitindo o homem, enquanto ele cresce em capacidade, que isto seja mantido em sua mente e tal puerilidade em seu coração, seus poderes crescentes serão usados em consonância com aquele grande propósito de Deus na evolução da raça dos homens e outras raças que são da grande família do Criador. Mas se ele, crescendo em idade e em poderes, falhar ao usá-los durante o caminho naquela qualidade de obediência confiante que é tão marcante na criança, então ele será considerado desviado da mente do Criador, e resultará em um atrito que fará obstáculo às rodas da sua carruagem, e ele começará a atrasar-se, ficando para trás, até que chegue mais e mais perto das terras fora do Reino, e menos e menos harmonizado com aquelas companhias, conforme for se aproximando da linha da fronteira. Mas aqueles que não perdem nada de sua confiança semelhante à da criança, e àquela acrescenta outras virtudes em sua totalidade, conforme for caminhando ao longo da estrada da vida, este não fará seu progresso inversamente, mas mais e mais torna-se criança de seu Reino. Jesus de Nazaré era assim, pois, sendo o Filho de Seu Pai, assim para aquele Pai o Seu coração sempre se inclinou em perfeita união, como está no Livro de Registros de Sua vida, que você pode ler bem claramente. Quando ele era

um menino, eram os problemas de Seu Pai que preenchiam Sua mente, preocupava-se com eles. Era a Casa do Pai que clamava Sua proteção das paixões mundanas dos homens egoístas. No Getsêmani Ele buscou manter aquela união de propósitos com a vontade do Pai. Estando na Cruz, Ele virou-se para ver a face de Seu Pai, que o miasma do mundo denso conseguiu obscurecer por um momento. Mas Ele não falhara em entregar seu coração à Guarda de Deus, e quando Ele saiu de seu Corpo de carne, foi em direção ao Pai que seu caminho estava voltado. Na Páscoa, Ele também devia ainda seguir a estrela guia de Seu caminho celeste, como Ele dissera a Madalena que faria. Quando o vidente de Patmos encontrou com Ele no Templo Celestial, Ele anunciou que tinha provado que sua vontade era una à do Pai e que portanto em Suas mãos tinha sido dada a autoridade para atuar tanto nos Céus quanto na terra, com plenitude de poderes. E quem não vir - aqueles que observam Sua curta vida na terra, ou quem observa Sua Pessoa aqui, assim nós que agora falamos a você d'Ele - não verá n'Ele a Criança imaculada, mas mesclada com a dignidade do poder e do Homem evoluído, e coroado com a Majestade da Mente Divina.

Sim, amigo, é somente aquele que chega ao grande lugar do Reino do Pai que pode entender o Reino da Criança.

VIII - EM DIREÇÃO À TERRA DA ESCURIDÃO. UMA MANIFESTAÇÃO DO CRISTO PIEDOSO E GLORIFICADO. UM CRISTO MENOR.

Segunda, 17 de dezembro de 1917.

Nas mensagens precedentes contamos a você, conforme nós mesmos havíamos aprendido, alguma coisa do mistério da criação e do progresso do universo da matéria, e, num grau menor, o do Espírito. Há alcances ali que de longe ultrapassam qualquer imaginação nossa, ou sua, e isto nos será esclarecido conforme nós, nas eras que estão diante de nós, rumemos estado por estado à maior perfeição. Tanto quanto possamos projetar nossas mentes naquela distante imensidão de vida a ser vivida, não podemos ver nenhum fim em nosso caminho nesta direção, pois, como um rio é visto da montanha onde se inicia, assim é a vida eterna. A correnteza alarga-se, e em seu volume absorve mais e mais aquelas correntezas que vêm de terras de características diferentes, e também no solo. Assim é a vida de um homem, já que ele também agrega à sua personalidade muitas outras correntes laterais de diversas qualidades, e em si mistura-as juntas, fazendo delas uma única, nele mesmo. Dessa mesma forma o rio é visto ainda alargando-se até que, ultrapassando a si mesmo, cessa de ser distinguível como uma entidade separada, assim também o homem amplia-se além do estado inicial, passa ao grande oceano de luz, onde já não podemos segui-lo em seu progresso deste nosso ponto de vista, na montanha onde ele nasceu. Mas isto aprendemos, e há poucos que duvidam disto, que, como a água do oceano não muda a substância do rio, era água e vai para aquilo que nada mais é que água, mas somente enriquecida e com sua qualidade modificada, assim

mesmo o homem será ainda homem quando emergir dentre as margens, da individualidade de um lado e da personalidade do outro, e mesclar sua riqueza de qualidades acumuladas com a infinidade d'Aquele que é o Princípio e a Consumação, a emanação e a absorção das forças de todos os ciclos do Ser. Também nos rios, peixes e animais aquáticos têm sua habitação, mas quanto mais amplo e profundo o oceano faz morada para os viventes de maior tamanho e poder que estes, da mesma forma aqueles que em pessoa e em poderes gozam sua imensidão na unidade devem ser de tamanha glória além de nosso conhecimento.

Nós, portanto, vislumbramos adiante em direção a estes distantes irmãos nossos e sabemos que eles não são insondáveis por nós que, mesmo que eles fossem transferidos de suas habitações, ainda teríamos nossas faces voltadas para seus locais. É do Máximo, através destes tais, que vem a vida e banha de amor estes reinos menores, nossos e seus. É suficiente. Nós tomamos um golinho do cálice de nosso destino, e seguimos adiante mais refeitos e fortalecidos para as obrigações colocadas em nossas mãos.

Você poderia me dizer um pouco mais destas obrigações, por favor?

Mas são múltiplas em número, e na diversidade também são! Contaremos uma tarefa a que fomos recentemente convocados e como foi levada até o fim.

Na esfera da qual viemos a você há um Templo no alto de uma colina. É o Templo *de que Zabdiel falou (*O Templo do Monte Sagrado é descrito por Zabdiel no livro "Os Altos Planos do Céu”*)*.

O Templo do Monte Sagrado?

O mesmo. Fomos em variadas missões de bênçãos para aquela esfera e às inferiores, e também porque daquele lugar vão para a esfera mais alta aqueles que em santidade e sabedoria tornaram-se assim qualificados para viverem nela sem desconforto, sendo condicionados à atmosfera mais rarefeita do lugar por um longo treino, e também para visitar aquele templo

e a planície abaixo, de tempo em tempo, aonde as condições que prevalecem na esfera Onze são trazidas, enquanto eles se banham naquele ambiente que um dia será sua morada permanente, e assim que se qualificarem para sua nova habitação.

Fomos à planície, e subindo a trilha que circunda a lateral do Monte, aproximamo-nos do pórtico diante do portão principal.

Vocês estavam qualificados para avanços?

Não da maneira que acabamos de descrever a você. Não; aquela condição de atmosfera intensificada não é perpétua ali, mas é trazida nas épocas em que estão para se aproximarem aqueles que estão próximos de avanços.

Chegamos ao Pórtico e esperamos um pouco, e então saiu um dos brilhantes residentes daquele Lugar Sagrado, um Guardião do Templo, e convidou-nos a entrar com ele. Hesitamos em fazê-lo, porque até então nenhum de nosso grupo havia entrado naquele local de oração. Mas ele sorriu, e em seu sorriso lemos a segurança e fomos com ele sem medo. Não havia cerimônia àquela hora, e assim não estávamos em perigo de chegar perto demais dos poderes que seriam para nós como a pura luz do sol nos olhos de um homem que ouse olhar para o disco solar durante o dia.

Encontramo-nos numa longa colunata e, no outro lado, os pilares suportavam uma viga que ia do pórtico ao interior do Templo em si. Mas sobre nós não havia teto, mas a amplidão do infinito - a abóbada dos céus, como vocês dizem. Os pilares tinham um diâmetro e peso grandes, e a viga de cima era muito decorada em sua fachada e nas bases dos pedestais, mas com símbolos que não conseguíamos desvendar. Somente um fator do padrão eu, pessoalmente, reconheci, e era a gavinha e a folha da videira, mas não havia a fruta, o que a mim me pareceu bem apropriado em tal lugar, já que era apenas uma espécie de passagem, como era o todo daquele Templo, de uma Esfera a outra, e não lugar de frutificação. No fim desta

passagem longa e larga estavam penduradas umas cortinas, e paramos diante delas enquanto nosso guia seguiu adiante, retornando depois, convidando- nos a entrar. Quando passamos para além deste lugar, descobrimos que não estávamos no grande hall, mas numa antecâmara. Esta seguia o caminho e nós entramos, não em seu final, mas numa entrada lateral. Era muito amplo em área e também em altura, um quadrado estava aberto no meio do teto, bem em frente à porta por onde entramos. Mas todas as outras partes estavam cobertas por telhado.

Viramos à direita e fomos ao final deste ambiente, e então nosso guia nos fez parar diante de um trono ou cadeira e disse-nos tais palavras: "Meus irmãos, vocês foram chamados para cá para receberem ordens a fim de cumprirem um trabalho que lhes é requerido nas esferas ainda abaixo. Tenham a bondade de esperarem a chegada de nosso irmão, o Vidente, que lhes fará entender o que é requisitado de seu grupo".

Enquanto estávamos ali esperando, chegou por trás da cadeira outro homem. Era mais alto que nosso guia, e em torno dele, conforme se movia, parecia haver uma névoa azul e dourada, enfeitada de safiras. Ele veio em nossa direção e deu-nos a mão, cumprimentando um a um, e enquanto tocávamos seus dedos tornávamos mais atentos (de acordo com o que conversamos entre nós depois) para a proximidade de uma esfera, dentro da Esfera Dez, que era uma espécie de essência concentrada de sua condição, de tal forma que, entrando na circunferência daquela esfera mais interna, estávamos em contato com tudo que estava sucedendo adiante em todo aquele amplo reino e em todas as suas partes.

Sentamos nos degraus abaixo do Trono, e o Vidente ficou diante de nós encarando o Trono. Ele nos falou de coisas sobre as quais eu não poderia fazer você entender totalmente, porque não é de sua experiência, e mesmo para nós eram fatos dos quais estávamos apenas avançando no entendimento. Mas então ele nos disse sobre algo que podemos dizer-lhe,

que lhe trará proveito.

Ele nos disse que quando Jesus de Nazaré estava na Sagrada Cruz, ali estava, entre aqueles que O viam, aquele que O vendeu para sua morte.

Você quer dizer que ele estava ali encarnado?

Sim, na carne. Ele não poderia fugir nem ficar muito perto, mas ficou perto o suficiente para assistir aos fatos que aconteciam ao Homem que morria, o Homem da Tristeza. A coroa havia sido removida, mas as gotas de sangue estavam sobre Seu peito, e Seu cabelo estava aqui e ali endurecido pelo sangue. E quando o traidor olhou para a Sua face e seu perfil, veio à sua alma uma voz que escarnecia dizendo: "Assim como você iria com Ele ao Seu Reino, ganhando ali um lugar elevado em poder, vá agora ao reino de Seu adversário: lá você terá poder de questionar. Ele lhe fez tombar. Vá agora aonde Ele não estará por perto para adverti-lo sobre como você serviu a Ele".

Então vozes vieram sobre ele, e ele se esforçou por acreditar nelas e olhar para a face d'Ele na Cruz. Ele estava ansioso e ainda com medo daqueles olhos os quais nunca tinha sido capaz de encarar com conforto. Mas a visão do Cristo ao morrer estava obscurecida demais e Ele não viu Judas lscariotes ali. E ainda as vozes zumbiam sobre ele, escarneciam dele e adulavam-no mais gentilmente, e no final, na escuridão do lugar, ele correu dali e depositou sua vida num lugar onde ele encontrou solidão e uma árvore. Tirou seu cinto e pendurou-se à morte numa árvore. Assim os dois morreram num tronco, ambos no mesmo dia, e a luz da terra foi-se, dos dois, na mesma hora.

Quando entraram nas esferas espirituais, ambos estavam conscientes e lá encontraram-se mais uma vez. Mas nenhum falou ali - somente da forma que Ele olhou para Pedro, desse mesmo jeito ele olhou para Judas agora, e o deixou por um tempo em sua tristeza e angústia, até que isto fizesse efeito, quando então Ele viria novamente com seu perdão. Como fez com Simão,

quando ele veio à noite para lamentar, fez novamente com Judas, que se virou e fugiu d'Ele com suas mãos nos olhos, para a noite dos infernos.

E do jeito que agiu com Simão em sua penitência e tristeza e necessidades pela dor, também agiu com aquele que O havia traído em sua solidão, como Simão fizera. Ele não o deixou sem conforto todos os seus dias, mas buscou-o e deu-lhe a bênção de Seu perdão na amarga angústia de sua dor.

Isto foi o que o Vidente nos disse, e ainda mais que isso. E pediu que ficássemos um pouco no Templo e na Capela, e meditássemos no que havia dito, e também para que ganhássemos poderes para seguirmos adiante com a história até o fim, contando-a - aos outros, como ele nos contou - onde quer que fosse necessário que pecadores escutassem- na, os que na escuridão do desespero tivessem perdido a esperança do perdão de seu Mestre traído, pois pecar é trair.

Mas de que maneira nossa tarefa foi cumprida falaremos em outro dia, porque você agora está exausto. E temos outras coisas a fazer em vez de fazer você ir tão longe.

Assim, possa o Salvador dos pecadores, o Piedoso, estar com todos os que estão na escuridão, irmão, pois há muitos na terra assim como em espírito que precisam dolorosamente de Seu conforto. Possa sua Graça estar com você também.

Terça, 18 de dezembro de 1917.

Daquele Lugar Elevado fomos para a sala de Audiência, onde recebemos as palavras do Vidente. Ele falou a nós com muito amor, mais do que eu lhe contei, e nos fortaleceu para a nossa missão. Fomos em direção ao Pórtico e paramos para ver a extensa amplidão diante de nós. Abaixo estava a planície gramada que se estendia para longe em ambos lados. Então elevavam-se as colinas em torno, delas rios desciam à planície e

juntavam-se num lago ao nosso lado direito. À esquerda abriam-se, e além do portal, podíamos ver entre elas a montanha que se elevava entre a Esfera Dez e a próxima inferior. E enquanto ali permanecíamos, o Vidente ficou no meio de nós e, pelo seu poder que nos envolvia, pudemos ver o que estava além de nossa visão normal, e olhamos aquelas esferas que estavam na estrada que tínhamos que tomar. Brilhantes e menos brilhantes, elas desfilavam diante de nós, depois então a treva e ainda mais treva, até que penetraram em uma névoa na qual, de nosso lugar, não podíamos penetrar. Pois as maiores trevas eram as que estavam sobre a terra e abaixo daquele estágio, e de onde aqueles que vinham da terra tinham que subir, enquanto estes que, tendo vivido suas vidas em erro, vão por atração natural para baixo, aos lugares que mais lhes trarão benefícios. A estes lugares vocês chamam de lnferno. Bem, isto são, meu filho, se inferno significar angústia, tormento e remorso de alma.

Tendo pego nosso estoque de coisas e as especificações da tarefa que esperava por nós no trabalho que tínhamos adiante, ajoelhamo-nos e ele nos abençoou, e fomos embora. Tomamos o rumo da esquerda e viemos para além da abertura, lançando-nos em direção a nossa longa jornada. As primeiras poucas esferas foram transpostas por voo aéreo, indo por cima dos picos das montanhas e sem descermos, até que chegamos à Esfera Cinco, onde ficamos um pouquinho de tempo, contamos nossa história nas palavras mais apropriadas, as quais ajudariam na resolução de alguma dificuldade que aqueles que lá habitavam tivessem em seu coração.

Antes de continuar, deveria dizer-me como sua missão foi recebida na Esfera Cinco, se puder.

Foi a primeira de nossa série de encontros e a primeira esfera onde nosso trabalho começou. Nós éramos os convidados do Chefe Senhor, o Governador daquela esfera, porque ele era também de um plano mais alto que a esfera Cinco, como é de costume. Mas ficamos no Colégio dos

Pretores, que estão bem versados nos estudos das confusões surgidas nas mentes daqueles que permanecem ali, e que poderiam nos apontar onde procurar por temas para serem trabalhados e que pontos evidenciar em nosso ensinamento.

Estes agruparam-se em uma assembleia no Grande Hall do Colégio. Era um hall enorme e oval em sua forma, mas uma das pontas mais estreita que a outra.

Como uma pera?

Mas esta é uma fruta de que havíamos nos esquecido, bem parecida, para descrevê-lo. Sim, era como uma pera na planta baixa, mas não tão pontuda. As pessoas entravam pela entrada estreita, que estava sem cobertura abaixo do grande Pórtico do prédio. A tribuna estava equidistante à outra ponta e das paredes esquerda e direita. E aqui nos sentamos. Tínhamos um cantor conosco, e ele primeiramente deu voz a um ar muito magnético, o que fez a propósito. Ele começou a cantar baixo, e seu tema era a Criação. Ele nos contou no ritmo daquelas coisas - algumas das quais já lhe contamos - de como o Máximo projetou Seu poder, o amor primeiro nasceu, e foi de uma doçura tão perfeita que os Filhos de Deus banharam-se em amor, e do seu contato veio a beleza. Assim é porque toda a beleza é amável, e todo o amor é simples e puro, e em qualquer fase em que se manifeste, é cheio de beleza. Mas quando a vontade daqueles que deviam agir e cumprir a sua parte no desenvolvimento do Reino do Ser opôs-se à principal corrente da Beleza impulsionada pelo amor, então resultou num pequeno destacamento que, tendo nascido de um ato de querer não consonante com a santidade original, foi envolvendo seres que eram belos, mas não completamente, e no seu ímpeto, uma vez misturados com a eterna corrente do caos desenvolvendo-se, ali também evoluíram outros que eram menos e menos belos, mas nenhum deles com falta completa de beleza, num estilo obscuro, muito encoberta e escondida aos olhos dos que

continuaram na estrada ampla numa fila reta para baixo, vinda de sua fonte.

Assim ele cantava, e o grande número das pessoas estava muito atento e ouviam suas palavras, pois a música delas parecia vir de onde a beleza e o amor nasceram, e as palavras eram tais que mostravam que o Supremo e o Máximo era Único e não diverso em Si, e que a diversidade que veio só era permitida que existisse por seu sustento, onde a oposição pode ser encontrada sendo expressa em multiplicidade, podendo ser elevada para mais alto e em direção à Unidade uma vez mais.

Bem, tendo ele acabado, um grande silêncio caiu sobre eles e estavam ainda imóveis. Moveram-se ligeiramente, e aqueles que tinham ficado em pé assim continuaram, e aqueles que tinham se sentado em bancos e tamboretes permaneceram assim, silenciosos, e aqueles que se reclinaram no chão, assim continuaram. Eu notei isto, que ninguém alterou sua posição e lugar, porque a letra da música com sua origem longínqua é de grande poder de elevação, e então pulsações de vida e energia envolveu-os e os fez tentar analisar tudo no foco atual do ambiente e da ciência cósmica.

Em um instante eu, que devia falar a eles, comecei. O cantor começara num tom baixo e doce, mas conforme as eras começaram a trabalhar no nascimento dos mundos, sua voz elevou-se em timbre, e as elevações potentes de energia e força pareciam estar na sua alma e saíam dela num intenso e emocionado volume. E então, quando o caos estava moldando a si próprio para tornar-se o Cosmos em múltiplas emanações do pensamento único do Criador, o imponente ritmo de sua voz e das frases, em sequência ordenada e progressiva, gradualmente equilibrou-se num nível, até que terminou numa tonalidade só, parecendo querer deixar em suspenso no meio do Céu para mostrar que o processo das eternidades havia apenas começado e ainda não terminara.

Então eu parei, antes de falar em seguida, para dar a eles tempo de agruparem seus pensamentos, para armarem-se, tirá-los para fora da nuvem

luminosa no ar a envolvê-los como um capote, já que eu podia ver e notar o que cada um sentia em seu coração, e entendia seu caráter, seus desejos e o que eu poderia dar de melhor para ajudá-los.

Então comecei, e falei a eles todos juntos, mas a cada um por sua vez, e ainda a todos, continuamente. E contei-lhes da reassembleia daquelas diversidades e o ajuntamento das centelhas de amor espalhadas num único grande sol de beleza, que deveria absorver e dar em retorno o brilho e a luz do Máximo Que é todo Amor, Que é todo Beleza. Assim falei-lhes do traidor Simão e do traidor Judas, e do arrependimento deles; o do primeiro em sua vida na terra, onde viveu seu pequeno inferno para bom propósito, no qual o remorso de milhares de anos foi resumido num mês de dias, e clamou o que era seu, que era, como é até hoje, perdão e recolocação na família ordenada do Pai. E também lhes disse daquele outro, cujo arrependimento não viera até o Qual apunhalara, tão apressadamente em seu frenesi de desespero, vendendo-o para a morte, e de como ele, ainda com pressa, sempre desesperado, lançou-se para fora do mundo onde nada aconteceu como ele planejara; e como ele não se arrependeu até que o Cristo Manifestado,

Jesus de Nazaré, foi até ele e os outros, naquelas ravinas de montanhas escuras do inferno, como se vai atrás de uma ovelha perdida, e falou a eles que lá habitavam na treva e na escuridão tangível da Redenção sendo forjada, oferecida e aceita por Ele Que é Luz e Amor, e Que, através do Ungido, projetou suas irradiações de amor para o espaço vazio da imensidão, de medida além da compreensão, e também para aqueles mesmos infernos escuros. E conforme olhavam, seus olhos não conseguiam ver a primeira luz que muitos viam em muitos, muitos anos, tão acostumados que estavam com a longa noite, esquecidos do que seria a luz e de como ela era. Mas Ele estava vestido com uma radiação pálida, suave e doce, adaptável para ser vista por eles naquele presente estado, e um, depois

outro, todos se ajoelharam a Seus pés, e suas lágrimas caíam como se fossem diamantes de orvalho à luz, à medida que recebiam a luz d'Ele. E eu lhes disse que no meio destes viera o traidor Judas e ele estava perdoado, da mesma forma que Simão fora mais tarde comunicado de Seu perdão amoroso também.

Assim, meu filho e amigo, eles escutaram e começaram a ver como eu estava falando-lhes das consequências da chegada a uma harmonia com Deus, Seu Amor e Soberania, daqueles que saíram do caminho da obediência a Ele, os que têm sido autores frutíferos de muitas confusões que perturbaram os filhos dos homens.

Então terminei em silêncio, e em silêncio deixamo-los ali, e saímos pelo hall e do colégio e continuamos a nossa jornada. E assim fizemos, e os pretores despediram-se de nós com palavras gentis de gratidão, ao que respondemos com nossas bênçãos. Assim, partimos dali.

Quarta, 19 de dezembro de 1917.

Chegamos suavemente e sem pressa, porque começamos a chegar perto daquelas regiões onde não nos sentíamos muito à vontade por estarmos ali, até que pudéssemos sintonizar nossas condições às deles. E assim, finalmente, chegamos à Terra do Umbral, onde inicia a Esfera Dois, como é considerada a partir de sua terra, a qual numeraremos zero, para o propósito de demarcação.

Líder, antes que continue, poderia fazer-lhe uma pergunta? Não foi na Esfera Cinco que você permaneceu um pouco mais tempo que nas outras, porque teve algum problema que o manteve ali? Quero dizer, no período mais anterior, no de sua subida?

Você gostaria que eu lhe explicasse o que me aborrecia e que me prendeu ali um tempo a mais. Foi isto.

Eu sabia que todos os homens vêm finalmente a entender que Deus é o

Senhor, e isto todos os que vinham d'Ele diziam aos que estão afastados de Seu Trono e Santuário. Então, se fosse assim, por que havia tantas miríades deixadas para trás nas esferas mais escuras, onde a miséria e a angústia surgiam e pareciam desmentir todo o amor, pleiteando sua presença universal?

Este era o meu problema. Era o antigo ponto crucial da existência do mal. Bem, eu não podia entender nem reconciliar estas duas forças oponentes, quando apareciam na minha mente. Se Deus era Todo-Poderoso, por que, então, permitiria Ele que o mal existisse, mesmo que por um momento e no menor grau?

Por muito tempo pensei isto, e fiquei muito preocupado por causa da desconfiança que veio de tal contradição no Reino de Deus e que me levou embora toda a fé em seguir em direção a estas vertiginosas alturas para frente, para que não perdesse meu equilíbrio e me machucasse dolorosamente pela queda nos precipícios mais profundos que até então havia conhecido.

Finalmente eu estava pronto para a ajuda que sempre nos é dada em seu tempo certo. Mesmo eu não sabendo, fui controlado em meus raciocínios todo o tempo até que amadureci para o esclarecimento, e então a visão que me foi dada varreu todas as minhas dúvidas para o esquecimento, nunca mais voltando a me perturbar novamente.

Um dia, como vocês diriam, eu sentei sobre uma encosta forrada de pequeninas flores vermelhas, sob uma espécie de caramanchão formado por árvores. Eu não estava pensando na minha principal confusão, pois tinha mais coisas em que pensar, mais prazerosas que esta. Estava bebendo toda aquela beleza da floresta - suas flores, folhas e pássaros, e as músicas que eles cantavam um ao outro - quando me virei e vi sentado ao meu lado um homem de aspecto grave e muito amável. Seu manto era de rica púrpura e abaixo dele usava uma túnica de tecido através do qual podia ser visto seu

corpo brilhando como o sol refletido do centro de um cristal. A joia de seu ombro era de um verde profundo e violeta. Seus cabelos eram castanhos, mas a cor de seus olhos não é conhecida de vocês.

Assim ficou lá, sentado e olhando para adiante dele, e eu olhando para ele e seu grande amor por um longo tempo, e então disse ele, "Meu irmão, este local é muito aconchegante e agradável para se descansar, não acha?" E eu respondi, "Sim, meu Senhor", porque não tinha mais palavras que aquelas.

"E ainda assim", disse ele, "é um berço de flores isto que você escolheu para se apoiar". E para aquilo não pude dar nenhuma resposta. Então continuou, "Pense bem, amigo, estas pequeninas belezas vermelhas da família das flores que estão repletas de graças e de vida germinando, exatamente como as crianças, foram feitas para tal propósito como este ao qual lhes propomos?"

E tudo o que pude responder foi, "Não havia pensado nisto, senhor."

"Não, é como a maioria de nós, e é estranho também se olharmos o que somos, cada um de nós, emanações do Um Que está pensando o tempo todo, e Que nada faz que não esteja em concordância com a razão. E é no oceano da Vida d'Ele que nadamos de era em era, nunca fora dele. É estranho como podemos atuar sem raciocinar, nós que somos filhos de um Pai como Ele."

Ele parou um pouco, e eu enrubesci envergonhado. Mas sua voz e suas maneiras não eram severas nem um pouco, mas gentis e cativantes, como uma babá cuidando de um homem. Mas comecei a pensar agora, se não antes. Aqui eu estava, espremendo pelo peso de meu corpo, todo descuidado, estes pequenos botões que eram tão bonitos, tão cheios de vida, e ainda assim tão desamparados em seu submisso amor. Então finalmente disse, "Vejo o alvo de sua flecha, senhor, e o senhor atingiu profundamente. Não é bom que nos sentemos mais aqui, pois esmagamos estas pequenas

flores com o peso do corpo".

"Então, levantemo-nos e caminhemos juntos", ele disse. E assim fizemos.

"Frequenta muito esta trilha?" perguntou ele, conforme íamos andando lado a lado.

"Este é o meu passeio favorito", contei a ele. "É para cá que venho sempre, para pensar nos temas que me perturbam".

"Sim", disse ele, pensativo, "esta é uma esfera de confusões, mais que as outras. E, vindo até aqui, você sempre se senta em algum lugar e raciocina sobre as coisas - ou prefere pensar no íntimo dos problemas, penso eu. Mas deixemos isto de lado. Onde você sentou da última vez que veio para cá a pensar?"

Ele parara para fazer a pergunta, e eu apontei a encosta diante dele e disse, "Foi aqui que sentei quando vim para cá na última vez".

"E foi recentemente?" perguntou; e eu disse, "Sim".

"E mesmo assim", disse ele, "não vejo marcas da forma de seu corpo no musgo ou nas flores. Rapidamente se recuperaram de qualquer pressão que tenham sofrido".

Pois é assim nestes reinos. Não é assim na terra. Estas flores e musgos e o gramado rapidamente recuperam sua aparência e é difícil, mesmo ao levantarmos, de ser percebido onde nos deitamos. É da Esfera Cinco que falo. Não é assim em todas as esferas, e menos ainda nas perto da terra.

Mas ele continuou, "Ainda isso é concernente ao Criador de Tudo, igual em valor e avaliado como as feridas das almas dos homens. Porque qualquer que seja o Seu trabalho, é Seu sem dúvida, e apenas Seu. E agora venha, irmão, e vou mostrar-lhe o que não tem sido capaz de ver por falta de fé. Você agora começa a duvidar da sabedoria de sua própria imaginação, e nesta dúvida reside o núcleo da fé na bondade d'Ele, Cujo Reino é Amor, e a Luz deste Reino Sua Sabedoria".

Então ele me conduziu por um atalho da floresta para uma colina, que subimos até que ficamos mais altos que o topo das árvores abaixo, e eu olhei para a paisagem longe dali. E enquanto eu olhava, vi, na longínqua planície além, o templo da esfera, e ali se elevaram através das aberturas do teto, luminosos fios de luz, e estes uniram-se em um só, sobre a cúpula central. Estes fios eram emanados pelos exercícios espirituais daqueles que ali se encontravam.

Ao final, ali se levantou no meio da neblina a figura de um Homem, Que subiu até que se pôs acima de tudo. Era a figura do Cristo, todo vestido de branco. A vestimenta que Ele usava vinha dos Seus ombros até Seus pés, mas não os escondia. E enquanto Ele ali estava, um matiz róseo começou a emanar de Sua roupagem, e isto aprofundou em tonalidade até que, finalmente, Ele estava ali totalmente envolvido em um carmim profundo, e sobre sua testa um círculo de rubis vermelhos como sangue, e Suas sandálias em Seus pés eram enfeitadas de rubis também. E quando ele manteve suas mãos estendidas, vi que em cada palma uma pedra vermelha cintilava, e eu soube o que aquela visão significava para mim. Ele fora amoroso em Sua pureza. Mas agora Ele brilhava com amor vermelho, e enriquecido em beleza tão profunda que me fez suspirar em êxtase enquanto olhava para Ele.

Aí, à medida que olhava, sobre Ele se formou uma nuvem dourada, cravejada de esmeraldas e safiras. Mas atrás d'Ele, vinda por sobre Sua cabeça até em baixo, uma profunda e ampla faixa vermelho-sangue. E outra faixa, de igual profundidade de cor, cruzou a faixa de cima atrás d'Ele na altura de Seu peito, e Ele permaneceu diante disto no esplendor total de Seu colorido.

Lá fora na planície abaixo, vimos pessoas tentando obter uma visão desta glória. E ali, sobre suas faces e suas roupas brilhava uma luz projetada de Seu corpo, e parecia uma inspiração de algum chamado de sacrifício e de

serviço que necessitava de fé para ser levado adiante, já que estes que se ofereceriam para o trabalho deveriam seguir e sofrer, ainda que sem saber no total os mistérios do sofrimento. Mas havia muitos que se ajoelharam e inclinaram suas cabeças à terra em resposta, e estes Ele tomou, e disse-lhes que se encontrassem com Ele no Templo e Ele lhes daria sua palavra de missão. Então Ele desapareceu abaixo, através da cúpula, para dentro do prédio, e não O vi mais.

Eu havia me esquecido do homem ao meu lado, nem pensei na sua presença por uns tempos depois que a visão terminara. E então virei-me e olhei para ele, e vi que em sua face sofrida haviam sido traçadas muitas e profundas linhas. E não eram do presente, mas do passado, e apenas o faziam parecer mais amável no crepúsculo.

Mas não pude falar com ele, apenas fiquei ali, em silêncio. E então ele disse, "Meu irmão, eu vim de um lugar muito mais brilhante que esta esfera sua, para trazer você até aqui, para que visse o Homem das Tristezas em Sua glória. Estas tristezas ele quis, deliberadamente, tomá-las a si e fazê-las Suas. Sem elas, iria faltar-lhe aquele Amor que é Seu, hoje em dia. E estas tristezas que dão a Ele tanta bondade são aquelas que, em seu estado cru e sem desenvolvimento, inundam a terra com dor e os infernos com tormento. Estas são apenas para o momento, para cada um que passa em baixo de sua sombra. Não podemos penetrar, meu irmão, em toda a grandeza do Coração de Deus. Mas podemos, como até mesmo agora foi feito, obter de vez em quando relances de lucidez brilhando sobre tudo, e então somem da confusão seus mais sinistros aspectos, e a esperança ressurge até que um dia possamos ser capazes de entender melhor.

"Mas até que aquele dia venha para mim, estou contente em saber que Ele, Que veio do Coração do Pai, veio branco e puro e, com firme propósito, encarou sua tarefa, onde Seu caminho estava, entre as nuvens túrgidas de pecado e ódio que se agruparam sobre o planeta terra. Não, aos

infernos profundos Ele foi e buscou aqueles que lá sofriam, e por causa da angústia deles Ele sofreu também; portanto o Homem das Tristezas retornou aos Passos do Trono de Seu Pai, Sua tarefa cumprida. Mas Ele não fez Seu retorno da maneira como Ele havia ido. Ele foi branco em pureza e santidade. Retornou novamente carmesim, o Príncipe Lutador e Conquistador. Mas o Sangue que Ele derramou não foi de outro, mas somente o Seu. Estranha guerra esta, e nova na história do mundo, em que o conquistador encontrando seu inimigo deveria virar a lâmina em direção ao seu próprio peito, e ainda assim chegar a conquistador pelo sangue derramado.

"Assim, acrescentando estes rubis à Sua coroa, e à sua pessoa a tinta rósea do sacrifício, Ele retornou mais belo de que quando se foi. E agora a tragédia de Sua Descida à matéria é apenas como a pressão momentânea do musgo no qual você, sem pensar, se deitou, e o qual está sem estragos em seu perene vigor de crescimento e florescência.

"Ele, vindo até aqui daqueles elevados reinos de Luz e Poder além de nossa imaginação, Ele nos diz da grandeza do sacrifício de si - Ele é minha comprovação da boa sabedoria de Deus.

"Como pela tragédia do pecado e do desespero das rebeliões do Inferno - bem, eles que trilharam aqueles caminhos escuros trazem algo de volta, também. Por causa do amor, Ele e Seu Filho mostraram, ao trazerem da escuridão aqueles que haviam se desviado do caminho da obediência e buscaram outros comportamentos em Si, que alguma coisa lhes foi acrescentada que lhes é preciosa e doce, já que os conduz para mais perto d'Ele. Sim, meu irmão, você um dia entenderá mais um pouco desta sabedoria. Seja paciente até então. Será um longo tempo até que possa chegar a entender. Não virá a você tão prontamente, nem tão cedo, como aconteceu comigo, penetrar nesta profunda miséria, porque você não afundou nestas profundas cavernas de remorso e agonia. Mas eu já habitei

ali, vim por este caminho".

Quinta, 20 de dezembro de 1917.

Então chegamos à Esfera Dois, e encontramos o lugar onde a maioria se reunia, porque desde que lá estive, mudanças processaram-se, então tive que me esforçar em renovar meu conhecimento dos caminhos e dos modos de se chegar a eles. Porque você sabe, amigo, que nestas esferas mais próximas da terra há mais mudanças nas menores coisas que nas esferas mais remotas e mais evoluídas. Na esfera Dois, o progresso do conhecimento terrestre e da intercomunicação das pessoas é sentida em seu desenvolvimento de geração a geração, porque uma esfera intervém mas pouco as modifica, e as maneiras terrenas de se pensar e os preconceitos ainda têm muita influência naquela esfera, cuja influência é gradualmente neutralizada conforme se atravessam as outras esferas. Mesmo nestas mais evoluídas permanecem traços destes fatos, mas não tão intensificados que cheguem a prejudicar o desenvolvimento, nem perturbar a Irmandade dos Filhos de Deus. Elas se tornam, estas diferenças na vida terrestre, variedades de tipos que acrescentam em interesse e charme de uma Esfera como a Sete e mais para a frente. Não há mais a mácula da divisão, nem a depreciação de outras opiniões ou credos. Estes que já atingiram tal distância na luz, aprenderam pela luz a ler as lições escritas no Livro dos Atos de Deus, e há apenas um Livro de Todos que falam uma única língua, e lá são todos de uma grande família do Pai. Não como na vida terrestre, fora de uma tolerância meramente passiva e constrangedora, mas na cordial cooperação no trabalho e na amizade - única no amor.

Mas agora falamos da Esfera Dois e de nossos afazeres ali. Ali as pessoas estavam agrupadas em turmas, conforme lhes agradava a escolha. Alguns buscaram consorciar-se com os da mesma raça. Outros grupos foram formados com aqueles a quem o Credo tinha apelo mais forte que o

sangue. E mesmo círculos políticos não estavam ausentes. E alguns destes grupos de vez em quando participavam da assembleia de outros grupos que eram em parte de sua mesma opinião. Um Muçulmano faria uma visita amigável a um grupo de socialistas internacionais, ou um imperialista ficaria apartado daqueles que adoram a Deus de acordo com a fé cristã. Muita diversidade havia ali nos agrupamentos de pessoas. Mas na maior parte permaneciam e continuavam na mesma fé que sempre tiveram, e no grupo de mesma opção política e no de mesmo sangue.

Mas a chegada de uma missão da Esfera Dez foi logo sabida por toda a região, pois não permanecia tanta amargura neles que chegasse a dividi-los como na vida terrestre, e havia muita boa vontade ali. Eles estavam aprendendo a lição como nós aprendêramos em tempo passado, portanto, por parecerem um pouquinho lentos no começo em agruparem-se todos juntos em geral, dissemos que assim devia ser, se quisessem nos ouvir, porque nós não poderíamos falar aos grupos, mas apenas a uma assembleia de todos, como se fossem um.

Então eles chegaram e ficaram agrupados onde pequenas colinas e elevações de relva estendiam-se de um monte, não muito alto mas mais alto que os outros em torno. Nós ficamos na encosta de uma colina, na metade da subida, onde podíamos ser vistos por eles todos, e atrás de nós havia uma rocha de grande tamanho e lisa em sua superfície.

Então oramos ao Pai Único juntos, e nos sentamos na rocha, e um dos nossos, que estava mais em contato com eles desta esfera, falou-lhes. Ele era da Esfera Sete, mas foi elevado à Décima para receber conosco esta ordenança e a força para o caminho.

Ele já tinha grande habilidade em discursar a agrupamentos, e elevou sua voz e espalhou-a sobre toda esta gente dispersa, diversa em coloração de vestimenta tanto quanto na opinião do que é a verdade. Sua voz era forte e doce, e assim também a essência do que falou.

Abaixo no plano da terra habitava uma família, que estava dividida em muitas seções, e, vendo os males de tais divisões, apareceram muitos que os aproximariam mais uma vez. Mesmo nesta esfera dava para ser observada a mesma teimosia orgulhosa que diz: "Minha raça e o meu credo são mais perante os olhos do Pai que as outras raças". Foi pela razão de que isto deveria ser desfeito para que o progresso pudesse ser liberado e desimpedido, que os trouxemos juntos como uma só família, para enviar a mensagem que recebemos do Único Pai, através do Único Cristo.

Ao ser dito isto, houve algum desconforto entre eles, mas não foi dita nenhuma palavra entre eles, pois quando viram que nosso brilho era além do deles, eles tomaram muito cuidado, sabendo que um dia nós chegamos a pensar como eles pensavam agora, e que somente pelo abandono de algumas de nossas opiniões, e com a remodelação de outras, é que nós pudemos ser de formas e faces mais brilhantes que as deles. Por isso deram atenção ao nosso orador.

Ele deu uma ligeira pausa, e então retomou seu tema novamente: "Agora ouçam- me pacientemente, meus companheiros peregrinos na estrada real do progresso para a Cidade do Esplendor de nosso Rei. No Calvário havia três cruzes, mas apenas um Salvador. E havia três homens, mas somente Um que podia fazer a promessa de um lugar no Reino, porque somente um dos três era Rei. E apesar da escuridão cair, e com a escuridão chegar o repouso, ainda somente Um ali podia dormir - e vocês raciocinaram, por quê? Foi porque nenhum outro ali era tão meigo em sua compaixão, nem de amor tão grande, nem de espírito tão puro, para poder entender o propósito do Pai em criar o homem à Sua semelhança, e as tremendas forças que surgiram através das eras para desmanchar o reino e a família de Deus. Foi o conhecimento da magnitude daquilo, longamente sustentado pela guerra e o esmagador fardo do ódio do inimigo que O cansou, tão extremamente que Ele se sentiu sonolento. Na matéria Ele foi

examinar as profundezas da divergência do Maior. Agora ele deixou o corpo material e começou Sua ascensão em retorno aos Elevados Lugares mais uma vez. E Seu primeiro cativo foi aquele que suplicou com Ele no Tronco, e outro foi aquele que por trinta dinheiros deu seu Senhor à morte. Aqui, então, há uma estranha trindade de pessoas. Assim, como na outra Trindade os Três encontram Unidade, nestes três a unidade deve ser encontrada.

"O ladrão buscou o Reino do Cristo, e Judas havia buscado o reino do Cristo, e o Senhor havia procurado e encontrado que Ele devia apresentá-lo ao Pai. E somente Ele havia encontrado o que viera procurar. Pois o ladrão não chegou a entender que o Reino não era somente da terra até que viu diante de seus olhos mortiços a face real do Único que estava justamente no limiar do espírito. O outro, o Traidor, não achara aquele reino até que passou através do portal em direção da escuridão, sem olhar o Rei na emergente Beleza de sua graça natural. Mas Ele, Que veio e encontrou explicado de que espécie é o reino, era quem o Pai aprovaria. Era dos dois, da terra e dos Céus. Estava neles enquanto encarnado. Era adiante que eles estavam indo. Assim isto uniu os Céus e a terra, como foi no começo das coisas, quando da Mente de Deus vieram a terra e os Céus.

"E assim falei a vocês e peço que considerem cada um como seu irmão. Considerem a diversidade destes três nos troncos do Calvário; ou estes Três, o Um Perfeito e Seus dois redimidos no começo de sua vida triunfante. Ainda eles mostram que a vontade de Deus é esta, de um lado a outro da terra, todas as pessoas de todos os graus devem ser uma só no Cristo, e uma n'Ele, Que é maior que Seu Cristo. Portanto agora peço que encontrem entre vocês qualquer diversidade como aquela entre Jesus de Nazaré e o Iscariotes, ou uma das que têm em mãos. E pensando assim, meus irmãos, verão que Ele, por Cuja sabedoria permissiva os homens dividiram-se, deverá trazê-los mais uma vez para Casa nos Céus de Sua Glória, pois a

maior de todas as Suas glórias é a glória de Seu amor, e o amor une o que o ódio dividiria.

Noite de Ano Novo, 1917.

De nossa descida até aqui falamos resumidamente, mas agora chegamos a estas esferas onde a luz torna-se mais obscura, e de onde não falaram muito aqueles que vêm à terra para mostrar aos homens o que espera pela humanidade quando cruzam a fronteira e tornam-se vibrantes com a curta vida, enquanto ela pulsa nestes reinos do espírito. Portanto agora deveríamos ser mais discursivos por aqueles que poderiam atingir um conhecimento equilibrado do que é da luz ou da sombra; e aqueles que são mais fracos, e aqueles que desejam e precisam da leveza da alegria e do belo, que possam voltar e deixar que atravessemos o abismo sozinhos, esperando pelo nosso retorno às esferas onde a luz domina sobre tudo e pouca sombra há que macule a justiça da vida em torno.

Assim, tendo passado através daquela área onde as pessoas passam ao sair da terra, e da qual já falamos resumidamente, passamos aos reinos mais escuros. Agora sentimos a pressão na alma aumentando, sendo necessário um coração forte e cautela nos passos para o combate. Porque você notará que nós não estávamos procurando aquele método pelo qual os mais elevados podem sustentar seu contato com aqueles da escuridão, sendo invisíveis a eles. Estávamos nos condicionando, como até aqui, ao ambiente das esferas inferiores à nossa, assim como a esta, de estado ainda mais baixo, para que ganhássemos corpo, ainda que sem dúvida não tão denso e bruto como os dos habitantes propriamente, mas mesmo assim bem próximo disso para, de vez em quando, sermos visíveis a eles se desejarmos, e rapidamente, e mesmo para que pudessem, em algumas ocasiões, estar conscientes do nosso contato com eles e que eles mesmos possam nos tocar. Então fomos bem vagarosamente e andando, e o tempo

inteiro inspirando a condição que nos era ambiente para este mesmo fim e propósito. E desta forma também atingimos algum sentimento de simpatia entre os que nossos trabalhos agora iriam iniciar.

Há uma região que está sempre no crepúsculo, mas termina numa descida íngreme, cujo final está na escuridão. Enquanto estávamos ali para vermos, observamos através do vale profundo que parecia estar preenchido com trevas tão densas que não podíamos penetrar de onde estávamos, na luz. Sobre este oceano escuro de névoa e vapor, uma luz parada ali permanecia, mas não podia afundar muito abaixo da superfície, de tão denso era este oceano. E abaixo dele tínhamos que ir.

A Ponte da qual sua mãe falou a você atravessa diretamente sobre o vale e as terras de elevação mais baixa além. Aqueles das profundezas que galgam aquele lado, descansam ali por um período até irem até o fim, mais para adiante, e atravessarem o grande caminho até aqui deste lado. Há casas de repouso aqui e lá ao longo do caminho onde eles, que estão fracos demais para continuarem a jornada ao primeiro estágio, podem ficar e se refrescar de vez em quando. Porque mesmo depois de atingirem a Ponte, a jornada para atravessá-la é dolorosa, já que do lado deles o que veem é escuridão e treva de onde lentamente devem sair, e ouvem o lamento daqueles companheiros temporários que ainda permanecem lá embaixo, no caminho do vale da morte e do desespero.

Nosso propósito não era atravessar a Ponte, mas fazer nossa descida às profundezas deste lado.

O que está além das "elevações mais baixas" de que você falou, e que se encontra na extremidade do Caminho?

O Caminho está no cume não tão alto quanto o Plano de repouso que leva às regiões de Luz. Este é um cume baixo, e corre paralelo ao precipício onde a outra extremidade da Ponte daqui desemboca. Então aquele cume fica parecido com uma montanha, alongada e ovalada em forma, com o vale

abaixo e entre ele e o Plano de Repouso. Além dali está uma vasta planície no nível do final do vale, mas de superfície desigual e com rachaduras em cavernas e desfiladeiros, além dali mergulha-se para regiões ainda mais baixas, com a escuridão ainda mais profunda. É o cume da montanha que eles se esforçam por atingir, para atingirem a Ponte daquele lado. O cume da montanha é pequeno somente comparado à vastidão da região como um todo. Mas é tão grande, sem lugar para paradas, que muitos ali se perdem e voltam ao vale novamente. Depende do grau de visão dele, que por sua vez depende em tamanho da intensidade de seu arrependimento e desejo pela vida melhor, o quão próximo estará achar o caminho de saída.

Então ficamos ali um pouco e ponderamos, e virei-me aos meus companheiros e disse: "É um lugar escuro, meus irmãos, e não nos chama com doçura. Mas lá está nosso caminho, e temos que fazer o melhor que podemos para cumpri-lo".

E um deles respondeu: "Sinto a frieza do ódio e do desespero do fundo da cova. Não podemos fazer quase nada neste oceano de angústia. Mas o pouquinho que pudermos não pode esperar, porque enquanto esperamos, eles sofrem".

"Estas são palavras boas de serem ditas", respondi-lhe, "e estão de acordo com Ele que veio antes de nós. Nós O estamos seguindo em Sua Luz. Vamos à escuridão, por isto, também, que é d'Ele, desde que Ele clamou como Seu em Sua vinda".

Desta forma pegamos a estrada para baixo, e quanto mais íamos adentrando a escuridão, foi ficando cada vez mais escuro, e o frio cada vez mais tenebroso. Mas sabíamos que fomos para ajudar, e não deveríamos temer, então não hesitamos em nossos passos, mas fomos cautelosamente, e olhando por este caminho e aquele à direita, porque a nossa primeira parada era um pouquinho à direita de nossa descida, e não entre o Plano de Repouso e o Cume, e era numa colônia daqueles que estavam cansados por

tudo aquilo que suportaram na vida de mortos, e ainda para aqueles que agora estão sem forças para recomeçar, ou sem o conhecimento de qual caminho tomar se saíssem do atual ancoradouro de desespero. Conforme descíamos, nossos olhos acostumavam-se à escuridão, e podíamos ver sobre nós, como numa noite alguém pode ver a região fora da cidade pelas chamas avermelhadas nas torres de observação dali. Vimos que havia ali muitas construções em ruínas, algumas agrupadas, outras solitárias. A decadência estava em tudo. Parecia-nos que jamais alguém conseguira construir algo inteiro, uma vez que tudo caía em ruínas. Tendo sido construído, abandonavam para construir em outro local ao primeiro sinal de uso, ou, tendo cansado daquilo antes que estivesse terminado, largavam para construir outra. Desânimo e desejo de resignação estavam dominando o ar - o desânimo do cansativo desespero e o desalento da dúvida, ambos com sua força própria e a da intenção dos próximos.

Havia árvores também, algumas muito grandes, e estas com folhas nada graciosas, porque as folhas eram de um verde escuro e amarelo, e espigadas com bordas dentadas, como se elas também tomassem o aspecto da inimizade em relação àqueles que moravam perto delas. Aqui e ali atravessávamos cursos d'água com pouca água e cheios de pedregulhos e pedras afiadas, e a água era pegajosa e fedida pelo lodo. Até que finalmente chegamos a ver a colônia que procurávamos. Não era uma cidade, mas um agrupamento de casas, algumas amplas, outras pequenas. Eram espalhadas, aqui e ali, e não ordenadamente. Não havia ruas na cidade. Muitos moradores estavam em palafitas, ou num par de lajes de pedras para formar um abrigo. E havia fogueiras nos espaços abertos para dar luz aos habitantes. Em torno delas, muitos grupos estavam reunidos, alguns sentados em silêncio olhando as chamas, outros brigando barulhentos, outros esbravejando em sua raiva, uns aos outros.

Assim nos aproximamos, e encontrando um grupo silencioso, ali

ficamos, esperando e olhando para eles com muita piedade nos nossos corações pela desesperança de espírito. E, olhando-os, demo-nos as mãos e agradecemos ao Pai por ter nos dado este trabalho para fazer.

Quinta, 3 de janeiro de 1918.

Quando nos aproximamos do grupo, eles estavam sentados ou deitados em volta do fogo flamejante num silêncio mal-humorado. Agora estávamos atrás deles e nenhum nos olhou. Se o tivessem feito, não nos teriam visto, seus olhos não estando sintonizados ao nosso estado, que não era muito diferente ao deles neste grau. Então nos demos as mãos e gradualmente nos fizemos visíveis; nesta hora eles, um ou outro deles, começaram a levantar-se, sentindo-se mal, sentindo alguma presença que não estava sintonizada com eles. É sempre assim, e sempre o mesmo sentimento de irritação e intranquilidade, quando começam a ansiar por algo, o que os segura de volta frequentemente. O caminho para cima é sempre árduo, cheio de dificuldades e ocorrência de falhas. A recompensa é bem merecida no final dela. Mas isto eles não sabem muito claramente, e o que realmente sabem é pelo que contam aqueles que vêm a eles como nós fizemos então.

Finalmente um levantou e olhou intranquilo acima dele para a névoa e a escuridão. Ele era alto, magro, de juntas e membros deformados, torto e inclinado, e sua face era dolorosa de se ver, tal a falta de esperança e tanto desespero tinha, através de sua face encontramos expressão. Então ele veio em direção a nós em seu andar cambaleante e ficou a algumas jardas de distância olhando inquisidoramente para nós. Sabíamos que, apesar da escuridão, podíamos ser vistos pelo menos por aqueles que moravam naquele lugar escuro.

Assim, dei um passo à frente e disse: "Você parece muito cansado, meu amigo, e com a mente muito perturbada. Podemos ser amistosos de alguma forma?" E então ouvimos sua voz. Parecia um estertor vindo de um túnel

subterrâneo, tão estranha era. Ele disse: "Quem podem ser vocês? Há mais de um, porque vejo alguns atrás de você. Vocês não são vizinhos destas terras. De que plano vocês vêm, e por que vêm a um lugar escuro como esse?"

Olhei para ele mais intensamente agora, pois mesmo naquela voz fantasmagórica pareceu-me encontrar algo familiar para mim ou, pelo menos, não estranho de todo. E então eu soube. Ele e eu moramos perto um do outro na terra. Sem dúvida, ele era o magistrado na cidade perto de minha casa, então eu disse seu nome, mas ele não se moveu, como que esperando o que fazer. Olhou para mim confuso, nada compreendendo, então falei o nome da cidade, e aí o nome de sua esposa, e ele então finalmente olhou para o chão e pôs sua mãos na cabeça tentando puxar pela memória. Primeiro lembrou o nome de sua esposa, e olhou para minha face, repetindo-o de novo e de novo. E então eu disse seu nome mais uma vez, e então ele captou-o de meus lábios rapidamente e disse "Sim, eu lembro - eu lembro. E o que aconteceu a ela? Você me trouxe notícias dela? Por que ela me deixou assim?"

Disse-lhe que ela estava numa esfera mais elevada, e não poderia vir até ele até que ele começasse sua jornada de subida, em direção à casa dela. Mas ele só me compreendeu pela metade. Nestas esferas escuras eles ficam tão atordoados que a maioria nem percebe onde está, e alguns nem sabem que passaram pela vida na terra, porque somente ocasionalmente ocorre um lapso de memória que vem a eles sobre seu curso de formação na terra, e então some novamente, deixando um vazio atrás. Por isso eles ficam a maior parte do tempo na incerteza de saberem se viveram alguma vez em outro lugar a não ser estes infernos. Mas quando começam a cansar do tormento, procuram algum lugar menos bruto, e moram entre pessoas menos humilhadoras e cruéis, então a recordação volta novamente aos seus cérebros entorpecidos, e eles começam a agonia do remorso com

severidade.

Assim repeti minha resposta e comecei a explicar. Ele amara sua esposa, apesar de que em sua maneira egoísta, quando na vida terrena, e pensei em puxá-lo de volta a ela por este liame. Mas ele me interrompeu; "Se ela tivesse vindo a mim, eu não teria caído nestes infernos". "Ela não pode fazer este caminho," eu disse. "Você deve ir até ela e então ela o encontrará". Ao ouvir isto, ele gritou com raiva: "Ela que se dane por ser tão orgulhosa e difícil. Ela sempre foi uma fina e santa senhora para mim, que reclamava de meus pequenos erros. Diga a ela, se for a seu local de moradia, que ela pode ficar em sua imaculada mansão e regozijar-se do estado de seu marido. Ele está aqui em num lugar bastante mais aprazível que o dela, se não mais gracioso. E ela descerá de seu estado elevado e teremos uma ralé bem baixa para recepcioná-la. Portanto, bom dia para o senhor!". E zombando, virou-se e riu para a multidão por sua aprovação.

Mas ali levantou-se um outro deles que veio e o levou para o lado. Este estava sentado entre eles, e estava andrajoso como qualquer outro. Mesmo assim movimentava-se como um cavalheiro e tinha um quê de graça em tudo que nos foi surpreendente. Ele falou a ele por instantes e então retornaram a mim, e este companheiro disse: "Senhor, este homem não entendeu bem o propósito de suas palavras, nem que o senhor realmente veio confortar, e não insultar. Está um pouquinho arrependido do que lhe disse em palavras impróprias. Eu lhe disse que o senhor e ele não eram completamente desconhecidos um ao outro. Por sua bondade, senhor, fale a ele novamente, mas não de sua esposa, porque ele ainda não pode suportar sua deserção, que é o nome que ele dá à ausência dela".

Fiquei muito surpreendido com esse discurso, tão solenemente proferido, enquanto ao mesmo tempo eram ouvidos sons de brigas e maldições dos grupos das fogueiras na planície. Mas eu o deixei com palavras de agradecimento e fui ao homem que conhecia. Senti que meu

propósito era principalmente ele, porque tive convicção de que se pudesse impressioná-lo, poderíamos através dele conseguir fazer seus companheiros interessarem-se pelo futuro deles, porque ele parecia ser o dominador perante os demais.

Então fui até ele e o peguei pelo braço dizendo seu nome e sorrindo, e fomos andar à parte, e gradualmente levei-o a uma conversa sobre sua vida na terra, e suas vontades e aventuras, e suas falhas, e, finalmente, de alguns de seus pecados. Estes, ele não os admitiu muito prontamente, mas antes que eu o deixasse ele me permitiu culpá-lo em dois pontos, e admitiu que eu tinha razão. Este foi um grande avanço, e pedi que pensasse em tudo aquilo da forma como eu havia colocado a ele, e então eu o procuraria e falaria com ele novamente, se ele assim o desejasse. Desta forma tomei suas mãos num apertado cumprimento e deixei-o. Eu o vi sentar-se e dobrar seus joelhos até o queixo e passar seus braços pelas canelas, e deixei-o olhando o fogo numa introspecção profunda.

Mas eu não iria até ele enquanto não procurasse e falasse com o outro homem, que me parecia maduro para uma jornada para fora daquela região, rumo a outra mais sintonizada com sua mente arrependida. Não o encontrei por algum tempo, mas finalmente fui ao seu encontro quando estava sentado num tronco de uma árvore caída, conversando com uma mulher que escutava muito atenta ao que ele dizia.

Vendo-me aproximar, ele ficou em pé e veio em minha direção, e disse: "Meu amigo, obrigado por seu bom serviço, porque através de sua ajuda tão marcante consegui impressionar aquele homem infeliz como nunca antes havia conseguido. Você está mais familiarizado com a natureza destes seus companheiros que eu, e usou sua experiência por um bom efeito. E agora, o que será de sua própria vida e do futuro?"

"Eu agradeço ao senhor, em retorno", respondeu. "Não devo me alongar em minha descoberta com o senhor. Não sou desta região, senhor, mas da

Quarta Esfera, e estou aqui pela opção de servir, tanto quanto possa, entre estas pobres e escuras almas". "Mora aqui constantemente?" perguntei a ele, encantado, e ele respondeu: "Por longos períodos, sim. Mas quando a depressão fica pesada demais, eu volto para meu lar por um pouquinho, para me recompor, para depois voltar para cá mais uma vez". "Com que frequência?" perguntei-lhe. "Desde que vim para cá pela primeira vez", disse ele, "uns sessenta anos na medida de tempo da terra, voltei para casa umas nove vezes. Muitos dos que eu conheci na terra vieram para cá nos meus primeiros tempos, mas nenhum ultimamente; eles todos são estranhos agora. Ainda tenho a intenção de ajudá-los, um por um".

Diante disso, fiquei maravilhado e envergonhado. Nesta hora minha comitiva chegou de seu turno e considerou esta conduta uma virtude. Mas este que estava diante de mim fez-me lembrar de outro Que deixava Sua glória de lado e tirava de Si para que outros pudessem ser satisfeitos. Penso que até então eu não havia percebido completamente o que significava um homem renunciar sua própria vida por seus amigos, sim, e por amigos como estes, e habitar com eles nestas regiões sombrias da morte. Ele me viu e entendeu o que se passava em minha mente, e tomando para si a minha vergonha, disse melancolicamente: "Tanto Ele fez por mim, senhor - tanto - e por um custo tão alto".

E eu lhe disse, segurando suas mãos nas minhas: "Meu irmão, você me deu uma lição do verdadeiro Livro do Amor de Deus. O Cristo de Deus está além de nosso entendimento na Majestade de Sua Beleza e Seu Amor é grande e doce. Podemos não compreendê-Lo, apenas reverenciá-Lo em adoração. Mas desde que é assim, sempre ganhamos em estar junto de quem sabe como buscar ser um cristo menor. E esse, penso eu, encontrei em você".

Mas ele apenas abaixou sua cabeça, e enquanto eu, inclinado em reverência, beijei-o onde seu cabelo repartia-se, murmurou como se fosse

para si mesmo: "Se eu fosse merecedor... se apenas fosse merecedor daquele Nome".

IX - NA ESCURIDÃO MAIS PROFUNDA. A CIDADE DA BLASFÊMIA. A CIDADE DAS MINAS

Sexta, 4 de janeiro de 1918.

Daquela colônia fomos adiante às regiões das trevas. Fizemos o que nos foi possível, indo de grupo em grupo onde havia conjuntos de casas ou onde fogueiras ardiam, e ministramos conforto e advertências àqueles que nos recebiam. Mas a maioria não estava com muita prontidão para isto. Uns poucos seriam capazes de conduzir seus passos para acima daquele lugar, mas a maior parte desceria mais, para a miséria dos lugares abaixo, antes que sua dureza desse lugar ao desespero, e o desespero fizesse com que clamassem, e uma cintilação de luz acendesse nestas pobres almas perdidas. Então chegariam ao arrependimento e a emendar-se, e começaria sua cansativa jornada em direção ao Vale da Ponte. Mas este tempo não estava próximo ainda. Então os deixamos, porque tínhamos nossas ordens, e na nossa cabeça o mapa da região na qual encontraríamos nosso caminho aos lugares onde nos esperavam trabalhos especiais. Porque nossa ida a estes lugares escuros não era fortuita, mas tínhamos propósitos que nos foram confiados por aqueles que nos enviaram para estes lugares.

E à medida que seguíamos, sentíamos sobre nós um poder crescente do mal. Pois, repare bem, há graduações de Poder, também com o do mal, nas diferentes colônias aqui, e também diferentes notas dominantes de mal nas várias regiões. E, além disso, a desigualdade de forças existem ali como na terra. Não são todas de um mesmo tipo ou padrão de mal. Pelo livre arbítrio e personalidade, há ali, como em qualquer lugar, e pela persistência destes, alguns grandes e outros menores em poder, mesmo como na terra e nas

esferas mais brilhantes.

Assim chegamos a uma grande cidade, e entramos por um portal enorme onde guardas marchavam de lá para cá. Diminuímos nosso desejo de sermos visíveis e passamos sem sermos vistos. Vimos que a ampla avenida em frente ao portal era alinhada com enormes construções pesadas, como prisões e fortalezas. De vários buracos de ventilação saíam focos de luz que davam na rua e no pátio. Seguimos até um grande cruzamento onde havia uma estátua num alto pedestal, não no meio, mas em um dos lados, onde estava o prédio maior.

A estátua era de um homem que usava a toga de nobre romano, e em sua mão esquerda ele segurava um espelho no qual ele se olhava, mas sua mão direita segurava uma jarra, de onde ele vertia vinho tinto que espirrava numa bacia embaixo - caricatura de nobreza. A bacia era ornamentada com figuras aqui e ali em torno de sua borda. Havia crianças brincando, mas o jogo que os divertia era o de torturar um carneiro esfolando-o vivo. Em outra parte havia uma mulher rudemente esculpida, que segurava em seu peito um bebê de cabeça para baixo. As esculturas eram deste tipo, todas de escárnio, blasfemando contra as virtudes da infância, maternidade, valores, reverência, amor e outros, uma variada multidão obscena que nos fazia quase que apelar desesperados por dignidade da parte dos que viviam ali, para que houvesse bons resultados. Predominava a sujeira e o escárnio em torno de nós. Mesmo os prédios em sua planta e decoração chocavam os olhos em qualquer lugar que olhássemos. Mas estávamos ali por um propósito, como eu disse, e devíamos aguentar o que encontrássemos, e seguir adiante em nossa incumbência.

Então conduzimos nossa vontade para uma condição pela qual pudéssemos ser vistos pelos habitantes, e adentramos o portão do obscuro Palácio do Mal, diante do qual estava a estátua. Passamos por uma ampla entrada semelhante a um calabouço e, atravessando a passagem além dela,

encontramo-nos à frente de uma porta que dava para um balcão. Este acompanhava um hall elevado, na metade do andar entre o térreo e o teto, com lances de escadas aqui e ali, descendo. Nós nos aproximamos da balaustrada e olhamos para o hall abaixo, de onde vinha uma voz forte e penetrante. Pudemos ver por instantes de quem era; mas quando nossos olhos se acostumaram melhor à luz avermelhada que cobria todo o grande espaço abaixo de nós, vimos e soubemos o que acontecia ali.

Em frente a nós elevava-se um grande lance de escadaria do chão ao balcão. Todos da multidão sentaram-se em torno dela, encarando-a. Sobre os degraus mais baixos e até a metade deles, estavam ali enrolados, em diferentes atitudes, todas horrendas, um homem e uma mulher em umas poucas roupas soltas que, apesar de tudo, faziam aparentar grandeza. Aqui e ali um cinto dourado ou prateado, ou uma grinalda; mas era tudo falso, como podia se ver: o ouro era latão, e as gemas falsificadas. Sobre os degraus, bem em cima, estava um orador. Ele era enorme de estatura, maior que todos, e também os dominava com sua maldade. Usava uma coroa eriçada e um longo e sujo manto cinza, como se uma vez tivesse sido branco, mas faltava-lhe o brilho da brancura e tomou a tonalidade neutra de quem o usava. Em seu peito havia dois cintos de ouro falso que se cruzavam e estavam presos a outro de couro no quadril. Havia sandálias em seus pés, e ao seu lado nos degraus um bordão torto de pastor. Mas o que fez a nossa delegação sentir uma pontada de dor indescritível, enquanto o observávamos, foi a coroa. Os espigões eram os espinhos de amoreira preta feitos em ouro, que, circulando sua pálida fronte, transformaram-se em coroa. Teríamos retornado, mas nosso compromisso estava assumido e tínhamos que ouvir seu discurso até que ele terminasse. É doloroso para mim contar, tanto quanto é para você registrar esta história. Mas é bom, meu irmão, que aqueles que ainda estão na vida da terra cheguem ao conhecimento do que é a vida naquelas esferas trevosas, onde a mistura do

bom e do mau não se sustenta por muito tempo. Os bons sobem, os maus afundam para os lugares mais baixos, e a junção do mau com o bom não é contabilizado nas regiões infernais. Pois o mau deixado junto com o mau gera blasfêmias que não são possíveis na sociedade composta na terra.

Ele pregava a eles o Evangelho da Paz. Vou dar-lhe uns poucos parágrafos de seu discurso, e através deles você julgará o resto:

"E assim, meus irmãos e irmãs, todos nós, em mansidão, chegamos juntos em nossa adoração à Besta que matou o cordeiro. Pois se o cordeiro foi assassinado por nós, então o que matou o cordeiro foi o benfeitor ativo de nossa raça - o cordeiro sendo apenas o instrumento passivo - com a finalidade de podermos chegar aos abençoados e sobreviver às doenças condenáveis dos amaldiçoados. É, portanto, concordar, meus irmãos, como a Besta foi tão curiosamente procurada e acharam o cordeiro, e de sua inutilidade inofensiva trouxe o sangue de vida e salvação, assim também vocês, inclinados em ações nobres, deveriam procurar e encontrar o complemento do cordeiro, e fazerem assim como o Pastor nos ensinou. Por seus temperamentos astutos, longe de serem como os cordeiros inertes, deveriam ser trazidos à vida de todos a febre e o frenesi de sua sagacidade. E o que é como o tímido e inofensivo cordeiro senão a mulher, meus irmãos, a mais graciosa, senão a mais tola complementação do homem. E em seus ouvidos, tão afinados à delicadeza vulgar, minhas irmãs, eu cochicharia uma palavra de conselho também. Crianças não vêm até aqui nestes grandes reinos, dos quais vocês me deram a honra de eleger-me Governador. Mas, apesar disso, a vocês eu diria, olhem para mim em minha mansidão e olhem para este cajado que eu tenho nas mãos, e contem comigo como seu pastor e sigam-me. Levarei vocês para aqueles que têm crianças demais, crianças para apartar e para lançar dos peitos maternais, como uma vez elas lançaram fora as vidas imaturas que haviam começado nelas, mas que elas, da plenitude de sua piedade, sacrificaram no altar de

Moloc antes de virem à vida de trabalho e dor sobre a terra. Venham, agradáveis senhoras, e juntem-se àquelas pobres senhoras que lamentam o assassinato, enquanto encolhem-se e esforçam-se por jogar fora todas as memórias da vida daqueles que eram seus queridos, seus pequenos assassinados."

Ele mencionou outras frases, por demais perversas para expor em palavras agora; nem pediria a Kathleen para dizê-las a você, nem a você que as escutasse. Mas estas eu lhe transmiti, para que você e os outros possam de relance entrever o escárnio maldoso e a mansidão irônica daquele homem que, por sua vez, é apenas um tipo dos milhares nestes reinos. Ele, que assumiu um caráter tão gentil e uma graça tão doentia, era um dos mais ferozes e mais cruéis déspotas de toda aquela região. Verdadeiramente, como ele dissera, eles o elegeram Governador, mas foi por medo de seu grande poder de maldade. E agora que ele chamou aqueles pobres disformes e semiloucos de nobres, eles o aplaudiam em sua servidão, pela mesma razão. Aquelas pobres velhas megeras, as mulheres esquálidas em seu vestuário elegante, a elas ele chamou de simpáticas senhoras, e convidou-as para segui-lo como ovelhas a seu pastor, e por medo também elas alegraram- se aprovando, e subiram para irem com ele quando ele se virou para galgar o primeiro grande lance de escadas.

Mas enquanto ele começou a subir, colocando o pessoal sobre o próximo degrau acima do que ele estava, ele parou e retornou, e vagarosamente desceu passo a passo, até que atingiu o chão; e toda a multidão no hall curvou-se com a respiração paralisada de espanto, misto de esperança e medo. A razão disto era a visão que tiveram no topo da escadaria diante deles. Porque nós estávamos lá e assumimos bastante de nosso esplendor normal, tanto quanto nos era possível naquele ambiente. Uma senhora de nossa comitiva ficou a uns doze degraus abaixo de nós. Sua tiara de esmeraldas brilhava sobre sua fronte conforme ela balançava

seus cabelos castanho-dourados, e a joia de ordem sobre seu ombro brilhava, cintilante e real, por causa de suas virtudes. E tudo isto mostrava contraste em relação àquelas joias espalhafatosas da multidão diante dela. E em seus braços ela segurava um buquê de lírios. Ela estava ali, a representação da feminilidade pura em todo seu perfeito encanto, um desafio ao cinismo grosseiro da raça do orador anterior.

Então, por um longo tempo olharam para ela, os homens e as mulheres dali, até que uma delas soluçou e tentou abafar o som em seu manto. Mas então as outras deram passagem para que voltasse a elas sua feminilidade de outrora, e todo o hall ficou repleto com o lamento das mulheres - oh, tão desejosas de ouvir naquele lugar de miséria e de escravidão, que os homens também começaram a cobrir suas faces com suas mãos, e caindo no chão, espremiam suas faces no pó lamacento do solo.

Mas agora o Governador dominou-se, pois viu seu poder posto em perigo. Com muita raiva começou a dar passos largos em direção aos corpos das mulheres, para pegar quem primeiro tinha iniciado a lamentação. Porém, nesta hora eu vim para o degrau mais baixo e chamei-o: "Abaixe suas mãos e venha até aqui onde estou".

Ao ouvir isto, ele virou-se e, olhando de soslaio, começou dizendo: "Mas vocês, meus senhores, são bem-vindos, portanto estejam em paz entre nós. Apesar de que estes pobres covardes estão por demais deslumbrados pela luz da senhora que está atrás do senhor, e eu apenas tento trazê-los de volta à razão, para poderem dar-lhes uma apropriada boa vinda".

Mas respondi severamente a ele: "Pare, e venha até aqui". Assim ele fez e ficou diante de mim, e eu continuei: "Você tem blasfemado, tanto em seu discurso como em suas armadilhas. Tire fora esta coroa blasfema e jogue este bordão de pastor, você que ousa escarnecer do Único Que clama por Suas crianças as quais você prende em seu laço de medo". Estas ordens ele cumpriu, e então eu falei para alguns homens parados ali perto, e disse-lhes

mais gentilmente: "Vocês têm sido covardes por tempo demais, e este homem escravizou-os, corpo e alma. Ele deve ser conduzido para uma cidade onde alguém, superior em maldade, deverá governá-lo. Façam isso vocês, vocês que o serviram até aqui, façam o que peço. Tirem dele este manto e esta coroa que ele fez para escárnio d'Ele a Quem até mesmo ele algum dia deverá ter como Príncipe Soberano e Senhor".

E então esperei, e ali vieram em nossa direção quatro deles e começaram a desabotoar seu cinturão. Ele virou-se ferozmente enfurecido sobre eles, mas eu tirei o pessoal dele da frente e impus minhas mãos sobre seus ombros, e a esse toque ele sentiu o meu poder e não mais teve reação. Portanto minha vontade quanto a ele estava realizada, e quando fiz com que saísse do hall em direção à escuridão, guardas esperavam para levá-o para aquela região distante onde, conforme ele fez aos outros, tudo seria feito a ele.

Então pedi que se sentassem no hall e, assim que o fizeram, chamei o cantor de nosso grupo, e ele elevou sua poderosa voz e preencheu todo o ambiente com sua melodia. E enquanto ele cantava, os corações daquela gente começaram a bater mais livremente, não estando mais presos pelo medo dele, a quem tinham visto tão indefeso em nossas mãos. E a luz começou a perder a tonalidade avermelhada e tornou-se mais jovial, e um sentimento maior de paz do Ser invadiu o lugar e banhou seus corpos quentes e febris com uma brisa refrescante.

O que ele cantou para todos?

Ele cantou uma música de uma feliz brincadeira e alegria - do espírito da primavera, sobre a manhã rompendo as barras da prisão da noite e liberando sons e cantos de pássaros e árvores e correntezas de rios. Ele não cantou nenhuma palavra de santidade ou das qualidades de Deus, não ali, nem naquela hora. O remédio precisava primeiramente estimular suas individualidades para que pudessem perceber sua liberdade tardia daquela

escravidão. E por isso ele cantou canções sobre o prazer de viver e sobre a alegria da amizade. E eles não ficaram alegres, mas menos desesperados. Mais tarde nós os retomamos e demos instruções, e o dia chegou em que o hall estava completamente cheio de adoradores d'Ele sobre Quem tinham ouvido blasfêmias uma vez, na indiferença de seu pavor. Este serviço de prestar culto não era o que ajudaria como ajudava os de maior grau de bondade. Mas suas pobres vozes, tão em falta de harmonia, já apresentavam uma nota de esperança que nos era muito doce, pois tínhamos trabalhado com eles em suas dúvidas e terrores.

Então outros vieram para tomar nossos lugares e fortalecê-los e encorajá-los até que estivessem prontos para a jornada, longa e difícil, mas sempre em direção à aurora do leste; enquanto isso seguimos para nosso próximo destino.

Eram todos eles de mesmo tipo de mentalidade?

Quase, amigo, quase. Havia poucos ali faltando. E vou contar-lhe algo que achará estranho ou improvável. Alguns escolheram seguir seu Governador para seu rebaixamento. Tanto estavam ligados pela maldade, que não acharam nada em seus próprios caracteres para que permanecessem ali, de acordo com eles mesmos. Então seguiram-no em sua queda como se estivessem servindo-o em sua violenta glória de poder. Então somente poucos foram conosco, e outros poucos foram a outros lugares em seus afazeres. Mas a grande maioria deles ficou e aprendeu novamente aquelas verdades que há tanto tempo haviam esquecido. E a velha história era tão nova e maravilhosa a eles que dava pena de ver.

O que aconteceu com o Governador?

Ele ainda está naquela cidade distante onde os guardas deixaram-no. Ainda não evoluiu, ficou parado no intento do mal e muita malícia. Tais como ele, meu amigo, são difíceis de mudar para algo mais elevado.

Você falou de sua guarda. Quem são eles?

Ah, agora você tocou num dos tópicos mais difíceis de ser entendido até que se aprenda mais dos caminhos de Deus, Sua Sabedoria, e Sua Soberania. Resumindo, saiba você, amigo, que Deus é Soberano não só no Céu, mas em todos os Infernos Ele governa, e somente Ele. Os outros dominam localmente, mas Ele governa sobre todos. Os guardas de quem falei eram homens da mesma cidade à qual enviamos o homem. Eram homens malvados e não tinham submissão ao Criador de todos. Mas, não sabendo de quem era o julgamento despachado, esta era mais uma vítima em suas mãos; sem saberem que foi por sua salvação, eles fizeram nossa vontade sem barulho. Você pode achar a chave aqui, se aprofundar-se o suficiente, para muito daquilo que acontece em sua terra.

No pensamento de muitos, os homens malvados estão fora do âmbito de Seu Reino; e para estes os males e desastres seriam manifestações defeituosas de Sua vibração dinâmica. Mas ambos estão sob Seu controle, e mesmo os homens malvados, inconscientemente, são colocados a efetuarem seus planos e propósitos na finalidade. Mas isto é uma matéria extensa demais para se tratar agora. Boa noite, e que nossa paz seja sua, amigo.

Terça, 8 de janeiro de 1918.

Enquanto fomos a estas localidades durante nosso trabalho de ajuda e misericórdia, vimos que nosso plano pré-arranjado tinha sido, muito curiosamente, feito para nós. Cada colônia que visitamos nos deu, pela experiência, ganho de conhecimento, um passo em avanço; assim, portanto, enquanto ministramos a outros, nós mesmos éramos ministrados através deles, por aqueles que observam nosso bem estar e nossa escolaridade. Nisto, meu irmão, você pode, e vai, discernir outra fase do princípio de que já lhe falamos, isto é, para seu juízo, o uso daqueles que são rebeldes para o leal serviço de seu verdadeiro Rei.

Sem a permissão deles?

Sem a oposição deles. Eles, mesmo os que estão muito afastados na escuridão, não opõem suas vontades às influências mandadas a eles por aqueles que os observam de suas habitações nos Reinos da Vida e Luz, são feitos a serviço do Rei. E quando eles dão meia volta e repensam os passos mais uma vez em direção do brilho do sol do Grande Dia, sua reconsideração é feita, e então também isto pode ser colocado em sua contabilidade positiva, já que, apesar de não saberem, foram focalizados como estando em sintonia com esta santidade, e que eles, neste ou naquele detalhe, já não sustentam mais seu hábito de rebeldia contra a Vontade de Deus.

Mas o Governador de quem me falou na última sessão não era um destes, aparentemente. Contudo, ele foi usado em certo grau.

Ele foi usado, sim, porque com sua derrota foi mostrado às suas companhias eventuais que havia um poder maior que o dele. Também foi mostrado que, mais cedo ou mais tarde, as condutas malignas jamais continuarão desaforadas, mas as escalas são marcadas em outro parâmetro de contagem, portanto a balança no final mostra igualdade, e a justiça é desta forma declarada e quitada. Mas aquele governador não contará aquilo entre seus pontos, porque sua vontade não estava de acordo com a nossa, mas suplantava em descréditos. Não obstante, já que a punição foi aplicada em doses a ele ali, em parte, pelos seus crimes, isto deverá ser tirado da soma total de seu débito a pagar, portanto, numa forma negativa, você reparará, isto também foi colocado em sua contabilidade positiva.

Porém sua pergunta tem algum fundo, amigo. Realmente lidaram com aquele governador contra a vontade dele, mas para uma coibição quando seu trabalho de maldade foi mais longe que o necessário, pois já era o bastante para aqueles que permitiram que ele e sua malignidade chegassem a este ponto. Foi por isso que fomos mandados para aquele hall naquele instante. Nada sabíamos daquilo até aquela hora, mas agimos, conforme

julgamos, no nosso próprio julgamento das circunstâncias que achamos por ali. Mesmo assim, foi tudo planejado por aqueles que nos enviaram para lá.

E agora, se quiser, poderíamos seguir adiante na nossa narrativa para contar-lhe alguma coisa dos lugares em que agimos, e das pessoas, suas condições e atitudes, e o que fizemos por elas. À proporção que fomos seguindo, encontramos muitos daqueles agrupamentos onde as pessoas de mentalidade semelhante procuram estar juntas. Era triste vê-las vagando de cidade em cidade em procura de uma companhia que aplacasse sua solidão e, descobrindo rapidamente que esta concordância de uns para com os outros não seria suportável de jeito nenhum, vagavam novamente nos desertos para saírem de perto dos que eles pensavam que ofereceriam alguma chance de tranquilidade e companhia agradável.

Encontramos isto quase em todas as colônias em que havia um comando mental - e aqui e ali mais que do um quase igual em força de caráter - que dominava o resto, e escravizava-os pelo pavor que endereçava a eles. Eis um a cuja cidade nós viemos uma vez, depois de uma longa jornada através de uma região desolada e abandonada. A cidade em si foi construída com uma forte muralha, e era grande em área. Entramos e fomos desafiados pelo guarda no portão. Havia uma companhia de dez na guarda, porque o portão era principal e largo, com duas asas. Todos estes homens eram gigantescos em estatura, e tinham desenvolvido muito a sua maldade. Gritaram para que parássemos, e nos questionaram, "De onde vieram?" "Do nosso caminho na selvageria," respondemos ao capitão deles. "E que negócios têm aqui, bons senhores e cavalheiros?" disse ele, já que ele tinha sido educado na vida da terra e isso ainda ressalta do que foi em suas maneiras, mas agora estava mesclado com alguma malícia e com escárnio, como nos modos da maioria destes tristes lugares.

A esta pergunta nós respondemos - eu, por todos: "Nós temos uma missão junto aos trabalhadores das minas, os quais seu mestre escraviza".

"Um fim muito atraente para sua jornada", disse ele com um tom agradável, procurando nos enganar. "Estas pobres almas trabalham muito para estarem prontos para qualquer bom amigo que aja por eles, sua existência e seus problemas".

"E alguns", eu disse, "estão também prontos para partir em direção à liberdade do jugo de seu senhor, o qual, cada um em seu degrau, está interligado a vocês todos".

Num átimo sua face mudou de risonha para fechada e carrancuda, e seus dentes mostraram-se parecidos com os de um lobo faminto. Mais ainda, com a mudança de humor, ali pareceu descer uma névoa mais escura e assentar-se sobre ele. Ele disse, "Você está dizendo que estou escravizado também?". "Um verdadeiro escravo e cativo de seu mestre, um escravo ele próprio, condutor de escravos". "Esta mentira fará de vocês um de nós, porque vocês todos virão a ser brevemente daqueles que cavam em busca do ouro e do ferro para nosso senhor".

Com isto ele se virou e ordenou a seus guardas que nos agarrassem e nos levassem à casa de seu governador. Mas eu fiquei um pouco mais perto dele e pus minha mão sobre seu punho direito, e este contato foi angustiante para ele, e abaixou sua pequena espada com a qual tinha apontado para nós. Eu ainda o segurava para que a aura dele com a minha perturbassem sua alma, para sua agonia, mas não para mim, pois, sendo de maior poder em força espiritual, continuei incólume enquanto ele se angustiava. Dinâmica espiritual, isto, para ser estudado, se escolher fazê-lo, entre seus companheiros encarnados. O princípio é o da aplicação universal, como descobrirá se pesquisar. Então eu disse, "Nós não somos destas esferas escuras, senhor. Viemos de um lugar na luz do sol da presença Daquele de Cuja Vida você participava e violou tudo por causa de seus propósitos malignos. Para você ainda não é hora para alcançar a liberdade destas muralhas e da tirania dos mestres cruéis daqui".

Então ele saiu da fina casca de seu comportamento e chorou lamentando, "Por que não posso também ficar livre deste inferno e do diabo que governa aqui? Por que os outros podem, e eu não?"

E eu respondi, "Você não foi tido como merecedor. Observe o que fazemos neste lugar, não oponha sua vontade à nossa, ajude-nos a fazermos o que temos à mão para fazer e, quando nos formos, pondere bem e longamente então, e talvez até você encontre em nós alguma bênção. Por isso você deveria nos levar às bocas das minas".

"E se não os levar?"

"Iremos sozinhos, e você perderá um benefício".

Ele parou um pouco, e então, olhando para aquilo que poderia ser uma oportunidade de um benefício para si, disse: "E por que não? Se há algo que se possa ganhar, por que não eu aquele que venha a ter esta sorte? E ele será amaldiçoado no mais profundo de sua maldição se ele apenas se mostrar contra mim ao impedir-me desta vez no que faço". Então ele começou a andar e nós o seguimos, ele sempre murmurando, "Ele está sempre contra meus planos e esquemas. Ele está sempre alerta para me contrariar no que quero. Ele não está saciado com tudo aquilo que já fez de maldade contra mim," e assim por diante, até que se virou em nossa direção e disse: "Peço seu perdão, senhores. É o nosso jeito aqui, frequentemente estamos confusos quando deveríamos estar com as mentes mais claras. Clima provavelmente, ou trabalho demais, talvez. Sigam-me, por obséquio, e vou levá-los aonde encontrarão o que procuram".

Leviandade e cinismo e amargura estavam em seu discurso e no que suportava; mas desde o meu aperto ele estava mais submisso e não mais se opunha a nós, que o seguimos. Passamos por algumas ruas onde havia casas térreas não colocadas em alinhamento ou padrão, mas com intervalos entre elas, e terrenos baldios onde não crescia ervas nem vegetação, mas somente uma grama úmida e grossa, ou arbustos com os talos e galhos retorcidos

como se fosse pelo vento siroco que veio sobre nós, agora que estávamos na cidade e suas paredes delimitadoras. Vinha principalmente das minas das quais estávamos nos aproximando.

Vimos as cabanas onde os escravos têm um descanso de curta duração, com longos períodos de labor entre eles. Nós deixamos isto para trás, e logo chegamos a um lugar onde se abria para nós uma ampla boca de caverna que levava para os lugares intestinos daquela região. Não andamos quase nada e veio em nossa direção, em rajadas, um vento de odor tão nojento e quente e fétido que voltamos e paramos por um pouco de tempo para recuperarmos as forças. Isto feito, endurecemos nosso coração e fomos para dentro e para baixo, o Capitão ainda liderando, agora em silêncio e em muita opressão de espírito, como podíamos saber pelos ombros caídos para frente, mesmo quando descíamos o caminho.

Vendo isto, eu o chamei, e ele parou e olhou para trás e para nós, e sua face estava agonizante e cinza. Então lhe disse: "Por que você se tornou tão entristecido, meu guia? Você se pôs num aspecto de dar dó desde que chegou perto destas minas".

"Senhor", ele respondeu, e agora submisso, "Uma vez eu fui destes que trabalham lá com picaretas e pás nestes fornos infernais, e o medo disto vem até mim agora".

"Então procure no mais íntimo de sua alma por um grão de pena por estes que trabalham aqui agora, onde uma vez você sofreu tão dolorosamente".

Ele despencou sentado nos pedregulhos no lado da trilha, alquebrado pela fraqueza, e replicou às minhas palavras com suas próprias palavras estranhas: "Não, de forma alguma, não há necessidade de terem pena de mim, nem eu deles. Seu destino foi o inferno, mas a mina é o inferno dez vezes dobrado".

"Como foi que escapou da escravidão, saiu das minas e veio para um

tipo melhor de trabalho para aquele a quem chamamos de seu senhor?"

"Pensei que vocês eram alguém grande em sabedoria", ele respondeu num sorriso amargo, "e ainda não entendem que voar de um estado de servidão para outro de maior grau de autoridade é trocar de camisa com espinhos e sarça por outra com teias e trama".

E então envergonhei-me porque acabara de aprender aquela lição além das outras já aprendidas na nossa experiência naqueles obscuros tratos no inferno. Eles que moram ali na escuridão da morte estão sempre procurando por um destino mais brando, e vasculham qualquer chance de escapar da servidão pela promoção para algum posto de autoridade. E quando são promovidos para aquele posto percebem que o encanto se vai com o miasma do medo, estando mais em contato com o satanás que alcançou o poder principal por sua brutalidade e sua maldade sem remorsos. Sim, o encanto se vai, e a esperança morre junto com a ilusão. E, contudo, mantêm-se na procura de promoções e, alcançando sua ambição, torcem-se mais em sua loucura desesperada de agonia que antes. Bem, eu soube disto agora, porque estava incorporado no homem que se sentou ali, acovardado e enfraquecido diante de mim, com sua miséria de tantas memórias daquele lugar terrível. Portanto eu disse a ele, sendo muito doloroso vê-lo assim em tão grande sofrimento: "Meu irmão, a masculinidade merece esta sua vida?". "Masculinidade", ele respondeu, "eu a deixei para trás quando entrei neste serviço aqui - ou foi arrancada por aqueles que me empurraram para cá. Não sou mais homem, hoje, mas um diabo cujo prazer é ferir, e cuja riqueza é somar uma crueldade à outra, e ver como os outros suportam o que eu suportei".

"E isto lhe dá prazer?"

Por um longo tempo ele ficou silencioso, e finalmente disse, "Não".

Então coloquei minha mão sobre seu ombro, desta vez não opondo minha aura contra a dele, mas em simpatia, e disse, "Meu irmão".

Com isto, ele despertou e olhou para mim selvagemente e gritou: "Você já não disse esta palavra antes? Estará também escarnecendo de mim como os outros fazem comigo, e como fazemos uns aos outros?"

"Absolutamente não", eu disse, "você chama aquele a quem serve aqui de seu senhor. Mesmo assim o poder dele é apenas vão, como é vão o que você recebeu dele em suas mãos. O remorso está à sua porta agora, mas no remorso não há muito mérito, salvo aquele que seja a porta que dá para a sala do arrependimento pelo pecado. Quando tivermos terminado nosso trabalho aqui e o deixarmos, pense em tudo isto que houve entre você e eu, e que, sabendo de tudo, eu clamei por irmandade a você. Se nesta hora chamar por mim, mandarei ajuda a você - esta é a minha promessa. E agora nos deixe descer ainda mais para baixo nas minas. Devemos concluir nosso trabalho e seguir adiante novamente. Estar aqui nos oprime".

"Oprime a vocês? Mas vocês não podem sofrer; certamente vocês não sofrem, pois vieram livremente por sua escolha, e não na esteira de seus crimes".

E aí dei-lha a resposta que o ajudaria, se ele a percebesse: "Acredite em mim, meu irmão, que O vi. Enquanto um de vocês aqui embaixo nestas prisões do Inferno realmente sofrer, há Um que usa um rubi em Seu ombro, vermelho como sangue. Quando olhamos para aquele símbolo, e de lá para Seus olhos, sabemos que Ele sofre também. E nós, que em nosso grau seguimos realmente adiante em nosso empreendimento de salvar os homens, estamos felizes por Ele nos dar licença para que possamos estar com Ele pelo menos nisto; que possamos sofrer também, apesar de que não compartilhamos da mesma aflição que a d'Ele. Então não se espante por sua dor ser a nossa dor, ou que o chamemos de irmão agora. Ele, por Seu amor, derramado sobre nós todos num grande mar, fez-nos assim".

Sexta, 11 de janeiro de 1918.

Assim continuamos nossa descida, o Capitão indo um pouquinho à nossa frente, encorajado pelas minhas palavras. E agora chegamos a uma escadaria talhada na terra rochosa, e no fundo dela a um pesado portal. Ele bateu neste portal com a ponta do chicote que carregava enfiado no cinto, e através da grade uma face horrenda apareceu e perguntou quem era que estava ali batendo. Era uma face humana, mas com muito de animal selvagem nela, boca larga, dentes enormes e longas orelhas. Nosso guia deu alguma resposta curta, falando como alguém que comanda, e a porta foi aberta para dentro, e nós passamos por ela. Aqui nos encontramos numa ampla caverna e, diante de nós, havia uma abertura com uma luz fraca e avermelhada que apenas mal iluminava as paredes e o teto do lugar onde paramos. Seguimos adiante e olhamos através desta abertura e vimos que havia uma descida íngreme com aproximadamente a altura de seis homens. De nosso ponto de vista observamos e, quando nossos olhos ficaram mais acostumados à escuridão, vimos que diante de nós havia uma grande extensão de território, todo subterrâneo. Não podíamos ver até onde ia, mas havia passagens saindo da caverna principal, aqui e ali, que desapareciam no que parecia ser uma escuridão negra. Figuras vinham daqui e dali, cá e acolá, com passos furtivos, como se amedrontados por algum horror que pudesse aparecer nesta trilha quando menos esperassem. Agora por ali o som do chacoalhar de chaves chegou a nós, enquanto alguns pobres camaradas arrastavam-se acorrentados em seu caminho; então soava um estranho grito de agonia e frequentemente uma risada sádica e selvagem e o som de chicotadas. Tudo era triste de se ver e ouvir. A crueldade parecia flutuar, já que um sofredor parecia dar vaza à sua agonia torturando outro mais indefeso. Virei-me para o guia, o Capitão, e disse: "Este é o nosso lugar de destino. Qual trilha usaremos para descer?"

Ele rapidamente notou o duro tom de minha voz e respondeu: "Faz bem em falar assim comigo, não é tão doloroso de suportar como quando me

chama de irmão. Fui desses que trabalhou aqui embaixo, e então daqueles a quem foi dado um chicote para fazer outros trabalharem, e então, afinal, por minha dureza, tornei-me Inspetor-Chefe de uma seção além da próxima porta. Vocês não podem vê-la daqui deste ponto. Ela dá para trabalhos mais baixos e mais profundos que este, que é apenas o primeiro da série. Então cheguei a ser do palácio do Chefe, e depois aquele Capitão da guarda do Portão Principal. Mas conforme olho para trás agora, penso que, se tivesse havido escolha, eu sofreria menos como uma alma perdida nas cavernas das minas que no cargo de autoridade ao qual cheguei. E agora, não poderia voltar novamente - não - novamente não, não!"

Ele estava perdido no pensamento agonizante, e caiu em silêncio, desconhecendo nossa presença até que eu disse: "Diga-me, meu amigo, o que é este amplo lugar diante de nós?" E ele respondeu: "Este é o departamento onde o metal, tendo sido derretido e preparado nas galerias além daqui, é transformado em armas e ornamentos e artigos para o uso do Chefe. Isto terminado, eles são içados através do teto para uma região externa e então levados aonde ele mandar que sejam levados. No próximo compartimento em ordem de sequência, os metais serão enrolados e aparados; a seguir serão fundidos e moldados. Quanto mais longe se vai, mais funda é a mina. Qual é o seu desejo, senhor? Quer descer?"

Eu disse que deveríamos descer e ver o que havia adiante, através de uma inspeção mais minuciosa do salão a seguir. Então ele mostrou uma porta escondida na sala onde estávamos, e descemos por um curto lance de escadas e ao longo de uma curta passagem, emergindo numa pequena passagem desde lá de baixo do buraco que vimos. Passamos pelo primeiro salão, cujo chão inclinava-se para baixo conforme andávamos, e através daqueles de que ele havia nos contado, até que chegamos à mina propriamente dita, porque eu estava resolvido a sondar a miséria desde estas regiões escuras até as que são mais ainda.

Estes salões interligados eram todos como ele nos havia dito, e de uma imensa largura, altura e extensão. Mas os muitos milhares que trabalhavam ali dentro eram estritamente prisioneiros, e mantidos sob guarda por longos intervalos, e em pequenos grupos, apenas mantidos vivos. Parecia-me que o motivo não era clemência, mas por crueldade e utilidade. Primeiro, aumenta certamente seu desespero no retorno para baixo. Mas também serve como advertência para aqueles que mais dificilmente são escravizados ou não são obedientes. O ar era fétido e pesado onde quer que fôssemos, e a desesperança estagnada parecia estar pesando nos ombros daqueles a quem encontramos, tanto inspetores quanto trabalhadores, porque todos eram escravos.

Finalmente chegamos à mina em si. Um portal pesado e amplo dava para um platô. Aqui eu não vi teto. Sobre nós havia a escuridão. Parecíamos estar agora, não numa caverna, mas num profundo desfiladeiro ou numa cova, as laterais rochosas altas de forma a não vermos o fim, de tão profundo era o lugar, longe da superfície da terra. Mas túneis aqui e ali penetravam mais para o fundo ainda e em lances mais escuros, exceto em alguns lugares onde uma luz bruxuleava e sumia novamente. Havia um som como se um vento soprasse sobre nós, o som de um longo e perpétuo suspiro. Mas o ar não estava em movimento. Havia cabos presos no chão, com os quais os homens vinham escalando para baixo as laterais verticais por degraus cortados na rocha, indo buscar o minério, trazendo- os para cima dos túneis e galerias ainda mais profundos, escavados na pedra bem embaixo do nível onde estávamos. Do platô desciam trilhas em direção às aberturas, que por sua vez davam para trabalhos mais distantes, ou no próprio desfiladeiro, ou através de corredores cortados em suas laterais. Era uma ampla região profunda abaixo daquele plano de treva, que por sua vez estava bem abaixo da Ponte ou do chão abaixo da Ponte. Oh, a desesperada angústia da desesperança daquelas pobres almas - perdidas naquela

imensidão escura sem ter quem os guiasse para fora.

Mas apesar de que devem se sentir dessa forma, assim mesmo cada um está contado e registrado nas esferas de luz, e quando estão prontos para a ajuda, então a ajuda é mandada a eles, como foi agora.

Tendo olhado para cima e recebido informações do Capitão, nosso guia, ordenei que abrisse todos os portões na nossa frente e os que davam para a caverna pela qual viemos. Mas ele respondeu: "Senhor, está no meu coração fazer isso, mas temo o meu senhor, o Chefe. Ele é terrível em sua fúria, senhor, e mesmo agora tenho cá comigo um temor, tenho o receio de que já tenha havido um espião farejador buscado cheiro de curry para ele, ao levar-lhe um relatório do que já foi feito".

E eu respondi: "Parece-me que você tem progredido rapidamente desde que viemos para esta cidade trevosa, meu amigo. Já havia reparado antes um bom sentimento desabrochando, mas não o avisei disto. Agora, vejo que não estava errado e portanto dou- lhe uma escolha. Pense rápida e decisivamente. Estamos aqui para tirar daqui estes que estão prontos para seguirem um passinho à frente rumo à luz. Fica por sua conta escolher seu lugar, ao nosso lado ou contra nós. Virá em frente conosco, ou ficará aqui e servirá seu atual senhor? Escolha rapidamente e agora".

Por poucos segundos ele ficou ali olhando para mim, e depois para meus companheiros, e depois para os túneis que levavam para a escuridão, e então cravou os olhos no chão a seus pés. Tudo isto ele fez prontamente, conforme eu ordenara, e então respondeu a mim: "Senhor, obrigado. Farei como me pede e abrirei os portões. Mas não espero ir adiante com os senhores. Não mereço tanto - não ainda".

Então, como se resolver obedecer a nós tivesse lhe dado nova vitalidade, ele moveu-se e, mesmo naquela luz escura, percebi um ar de decisão, e sua túnica parecia cair um pouco melhor sobre seus joelhos nus, e sua aparência tinha tomado um aspecto mais gracioso e saudável. Por isto

eu soube mais da mudança de seu estado de espírito que ele. É assim, em ocasiões onde a força de caráter sobrepuja e enterra uma porção de iniquidade, começa-se repentinamente a abrir os portais de sua prisão e abrir caminho para a liberdade e para a luz de Deus. Sim, mas ele não sabia, e eu não tinha muita certeza de seu poder de decisão, então mantive-me observando enquanto ele seguia agindo. Ouvi-o chamar, em voz forte, para que o porteiro abrisse as portas. Escutei-o gritar o mesmo comando ao segundo, conforme ele seguia descendo no túnel; e então sua voz tornou-se mais fraca gradualmente, à medida que se distanciava de nós em direção à caverna na qual chegamos em primeiro lugar.

Terça, 15 de janeiro de 1918.

Então ao mesmo tempo levantamos nossas vozes e enviamos um coro de louvor. Ele ia ficando cada vez mais alto à medida que cantávamos, e encheu o lugar com sua melodia e penetrou nos túneis e preencheu as galerias e as caves onde os pobres desesperançados estavam em serviço por seu senhor, este cruel Príncipe das Trevas que os mantinha presos pelo temor do poder de sua malignidade. E por muitos foi-nos dito mais tarde que quando a força de nosso canto chegava a eles e aumentava de volume, eles paravam para ouvir aquela coisa estranha, porque a música que fazem era muito diferente da nossa, e o tema que cantamos não era igual ao que estavam acostumados a ouvir.

Qual foi o tema, Líder?

Fizemos a propósito para o que tínhamos em mãos. Cantamos sobre o poder e a autoridade, e como foi aplicado nestas cidades apavoradas do mundo da escuridão. Mostramos sua crueldade e sua vergonha e a condição desesperadora daqueles que se achavam nestas malhas. E então demonstramos os efeitos que tal maldade trouxe a esta região, e como a escuridão chegou com a escuridão de espírito e arrebentou as árvores e

secou o solo e transformou os lugares rochosos em cavernas e muitos em abismos, e como a própria água tornou-se asquerosa e o ar estagnado e podre e a decadência do mal em toda a parte. E então mudamos de tema, e invocamos as belas pastagens da terra e as montanhas iluminadas e as doces águas que descem e seguem em correntezas até as planícies onde a grama verdejante e as lindas flores desabrocham e oferecem seus lábios doces para o próprio sol de Deus para que Ele as beije pela sua beleza. Cantamos canções de pássaros e a canção da mamãe para o bebê e a canção do namorado para sua amada, e as canções de louvor que as pessoas cantam juntas nos santuários onde a exaltação é feita a Ele, Que mandou Seus anjos para que pudessem trazer estes que oram e adoram até os degraus de Seu trono, para serem apresentados a Ele com o incenso da purificação por Sua glória. Cantamos todas estas coisas que fazem a beleza da terra, e então elevamos nossas vozes com todo nosso ardor e toda a força de nossas gargantas enquanto falávamos das casas aonde eram trazidos os que tentaram fazer seu serviço bravamente na terra, e agora habitam na luz e na glória das Razões de Deus, onde as árvores eram perenes e as flores de cores lindas, e de toda a cobertura de encanto que foi encontrada para o regozijo daqueles que chegaram à soberania do Príncipe Salvador Que os conduziu ao Pai.

Quantos havia em sua comitiva, por favor?

Quinze - dois septetos e eu. Isto é o que totalizávamos. Conforme cantávamos, um após outro daqueles escravos do diabo vieram a nos ver. Uma pálida e cinza face emergiu pela metade de um túnel, e então de outro, ou de uma rachadura na pedra, e dos buracos e guaritas de onde nem tínhamos percebido olharem para nós, até que todos os precipícios em torno de nós estavam lotados de apavorados, ainda que desejosos, tímidos demais para se achegarem, ainda tragando golfadas de ar fresco como homens sedentos do deserto. Mas outros havia que olhavam em nossa direção com

raiva com os olhos vermelhos e brilhantes, que mandavam faíscas íntimas sobre nós, e outros ainda parados, que abaixavam a cabeça até o chão de remorso pela má conduta do passado e pela memória daquela cantiga de ninar das mães que cantamos, e por tudo que isto significava e que eles rejeitaram, e vieram por outra estrada - a isto.

Então cantamos mais suavemente, e terminamos num doce e longo coro de repouso e paz, e um longo e solene "Amém".

Então um deles veio em nossa direção, ficou a uma pequena distância, ajoelhou- se e disse, "Amém". Quando os outros viram isto, eles suspenderam a respiração para verem qual praga cairia sobre ele, porque era uma traição ao senhor do lugar. Mas fui em direção a ele e o levantei e levei-o ao meio de nós, e o aconchegamos para que ninguém pudesse fazer-lhe algum mal. Então vieram em número de quatrocentos, aos pares, aos trios, e então às dúzias, e ficaram como criancinhas respondendo sua lição, e murmuravam, como ouviram-no fazer, "Amém".

Nesta hora, aqueles que permaneceram ou abaixaram-se paralisados nas sombras das galerias e nos penhascos sibilavam pragas a nós e àqueles, mas nenhum veio tentar encontrar proteção conosco. Então eu, vendo que vieram todos os que tinham que vir, disse aos outros: "Fiquem em silêncio todos vocês que hoje fizeram sua escolha entre a luz e a escuridão. Estes, que são mais valentes que vocês, sairão destas minas e dos lugares escuros em direção à luz e à amplidão sobre as quais lhes cantamos. Sejam curiosos em seus corações para ensinarem a vocês mesmos que, quando novamente os companheiros da luz de Deus vierem a vocês, estejam prontos para seguir sua liderança, assim como fizeram estes hoje".

E então voltei-me ao nosso grupo e às almas socorridas, porque elas estavam temerosas e tremendo pela aventura que empreenderam, e disse: "E vocês, meus irmãos, façam seus caminhos para a cidade, e cuidado que ninguém lhes destratará por causa do desgosto do Chefe. Porque ele não é

mais o senhor de vocês, porém vocês aprenderão servir a um Senhor mais brilhante, e usarão seu emblema os que progrediram para serem assim merecedores. Mas agora não tenham medo algum, exceto o de descuidarem do que falamos e obedeçam, porque o Chefe deste lugar vem, e devemos ter considerações com ele em primeiro lugar para que consequentemente seu caminho para frente esteja claro".

Assim viramo-nos em direção ao portão pelo qual o Capitão havia saído, e através do qual muitos dos quatrocentos vieram para somar ao nosso grupo. E assim que fizemos isso ouvimos um grande ruído vindo do lado de fora do portão por onde entráramos, e o barulho ficou mais alto e aproximou-se de nós. Portanto esperamos a chegada do Chefe que, quando passava de uma caverna a outra, chamava seus escravos para seguirem-no e vingarem-se dos insolentes intrusos ao seu reino, que enfrentaram seus vigilantes e desafiaram sua autoridade. Com estas palavras de ameaça e muitos juramentos e imprecações, ele chegou; e aqueles espíritos acovardados, aterrorizados pelo medo de sua presença, seguiram-no com maldições e gritos, tomando para si seus juramentos blasfemadores para cumprirem suas ordens.

Ficamos à frente do grupo para recebê-lo quando passou pelo portão, e finalmente apareceu.

Como ele se parecia, Líder? Quero dizer, sua aparência...

Meu amigo, ele era um filho de Deus e, portanto, meu irmão, afundado no mal como estava. Por esta razão, eu alegremente passaria por cima da descrição de sua aparência por caridade e por pena, que seria o que mais senti por ele naquela hora de sua grande ira e grande humilhação. Mas você me pede para descrever seu aspecto e o farei, e verá o quanto profunda uma verdade pode estar sob as palavras "como derrubar o poderoso".

Ele era de estatura gigantesca, tão alto como um homem e meio de altura. Seus ombros eram desiguais, o esquerdo mais baixo que o direito, e

sua cabeça, quase sem cabelos, era espetada num pescoço largo. Uma túnica de ouro velho e sem mangas estava sobre ele, e havia uma espada pendurada ao seu lado esquerdo, numa bainha de couro atravessada no seu ombro direito. Usava elmo de ferro e sapatos de couro não curtido, na testa uma tiara de prata manchada por oxidação e na frente dela, numa saliência, estava esculpido algo semelhante a algum animal que poderia ser chamado de polvo terrestre, se isso existisse, símbolo de seu poder maligno. Seu aspecto total era de uma realeza escarnecedora, ou ainda, o esforço de ser nobre além do que pode. Paixão maligna, fúria, luxúria, crueldade e ódio pareciam dominar sua face escurecida e permear toda a sua personalidade. E apesar disso revestiam uma nobreza potencial, anulando o que poderia ter grande poder para o bom, agora tornado ao mal. Ele era um Arcanjo condenado, o que é uma maneira diferente de se dizer "arquidemônio".

Você sabe o que ele foi em sua vida terrena?

Suas perguntas, amigo, eu gosto de responder, e quando você as faz posso sentir algo do superior levando-o a fazer isto, que deve dizer respeito a mim. E, portanto, eu as respondo. Não pare de fazê-las, não, pois podem estar nelas razões que não considerei e que poderia encontrar apenas pelo questionamento. Você não interpretará mal minha intenção. Se ele fosse um grande cirurgião num grande hospital para os pobres na sua Inglaterra, isto não quer dizer que os outros são como ele. Tivesse sido um pastor ou filantropo, não seria de se estranhar. Pois a aparência externa nem sempre está em consonância com o homem real. Bem, isto ele foi, e isto você tem em uma palavra.

Desculpe, se eu me meti nisto irrefletidamente.

Não, não, meu filho. Não é assim... Não interprete mal minhas palavras. Pergunte o que quiser, porque o que for perguntado estará nas mentes de muitos, e você fala por muitos.

Assim lá ele permaneceu, o Rei inquestionável de toda aquela populaça,

e havia centenas deles que lotavam tudo atrás dele e no outro lado. Mas em torno dele era deixado um espaço - eles não chegavam perto demais de seu braço. Sua mão esquerda segurava um pesado e temível chicote com muitos fios, e nele seus olhos frequentemente pousavam e olhavam em torno rapidamente. Mas agora ele hesitava em falar, já que permanecemos em silêncio, porque ele estava acostumado há muito tempo a falar com autoridade e à maneira de um tirano, e faltava-lhe coragem de nos falar agora que nos viu, porque temos aparência pacífica em contraste com toda a temerosa e trêmula atitude de todos os outros naquele lugar. Mas enquanto esperávamos, encarando cada um dos outros, percebi que atrás dele havia um homem amarrado e preso por dois com o uniforme dos guardas que encontráramos no Portão Principal. Olhei muito acuradamente agora, porque ele estava nas sombras, e percebi que era nosso guia, o Capitão. Vendo isto, avancei rapidamente em sua direção e, ao passar pelo Chefe, toquei a lâmina de sua espada na passagem, e então fiquei diante deles que seguravam o homem amarrado e ordenei: "Soltem este homem destas correias e mandem-no para cá para perto de nosso grupo".

A estas palavras um grito de raiva saiu do Chefe, e ele tentou levantar sua espada contra mim. Mas toda a têmpera havia saído da lâmina, e ficou torta, mole como uma alga; ele fitava aquilo horrorizado naquela hora, porque ele a havia desembainhado em defesa de sua autoridade diminuída de poder. Eu não tinha em mente fazer dele motivo de riso, mas os outros, seus escravos, viram o lado cômico de seu apuro, não com humor, mas com malícia, e dos lugares escondidos vieram gargalhadas e zombaria. Então a lâmina murchou e caiu do cabo todo estragado, e ele a lançou para um ponto entre as rochas onde alguém ria mais alto que seus colegas. Então virei para os guardas novamente, e eles rapidamente soltaram o prisioneiro e mandaram-no a nós.

Imediatamente o Chefe desvestiu seu ar de ridícula majestade, e

inclinou-se cortesmente diante de mim, e então para meu grupo. Verdadeiramente este homem está destinado a ser, no decorrer dos tempos, um grande servidor de nosso Pai, quando sua maldade tornar-se bondade.

"Senhor", disse ele, "vocês têm a liberdade, parece, de um poder maior que o meu. Diante disto me inclino, e gostaria de saber o que querem de mim e destes meus servos que me atendem tão de boa vontade e tão bem". Por seu grande auto controle, ele não deixava de expor, aqui e ali, seu íntimo espírito de malícia cínica. É sempre assim nas regiões infernais; tudo é falsificação, exceto a escravidão.

Contei-lhe de nossa missão, e ele nos disse: "Não sabia de seu estado, ou de algo para que eu pudesse dar-lhes boas vindas mais apropriadas. Mas, tendo descuidado disto, não mais agirei assim. Sigam-me, e eu mesmo serei seu guia aos Portões de minha Cidade. Sigam-me, cavalheiros, enquanto os levo pelos caminhos".

E assim fomos atrás dele, e passamos pelas cavernas e locais de trabalho, e chegamos finalmente ao portão menor que nos levou aos degraus que davam para a porta escondida, através da qual chegamos às minas.

Sexta, 18 de janeiro de 1918.

Enquanto estávamos nas minas, nossa comitiva foi aumentando em tamanho por aqueles que se ajuntavam a nós vindos das cavernas que se estendiam pela escuridão distante para qualquer que fosse o lado. As novidades, tão escassas entre eles, foram espalhadas rapidamente até os limites mais distantes destas regiões trevosas, e agora a nossa contagem era de milhares, onde antes eram centenas. Quando paramos diante do muro, embaixo do buraco por onde espiamos a caverna onde agora estávamos, eu me virei e pude ver pouco além dos mais próximos da multidão, mas podia ouvir aqueles que tinham estado nos trabalhos mais afastados e no mais profundo subterrâneo ainda chegando com pressa febril e juntando-se a nós

atrás dos outros, ficando em silêncio na presença do Chefe e seus convidados desconcertantes. Então, em primeiro lugar falei a ele, e então ao grupo, e disse: "Em seu coração não há o que combine com suas palavras de cortesia com as quais acabou de nos cumprimentar. Mas viemos aqui com piedade e bênçãos, sejam maiores ou menores. Disto você não pode ficar sem, e pedirei agora que haja com cuidado no que se seguirá, tanto quanto a sua vontade quanto ao nosso retorno. Então, quando tivermos seguido nossa jornada com estes que rapidamente vão trocar seu serviço por outro não tão profundo na escuridão da maldade como o seu, pondere e batalhe com os significados das coisas, e lembre-se destas minhas palavras que vão ajudá-lo quando morder seus dedos, vexado e humilhado em seu orgulho pela batalha desesperada contra nós que viemos daqueles lugares onde o orgulho e a crueldade de forma alguma encontram lugar sob a luz branda dos céus de seu Rei".

Ele ficou em silêncio, olhando para o chão, não nos dizendo nem sim nem não, mas estava mal-humorado e ameaçador, tenso em cada músculo e cada tendão e pronto para a chance que buscava, mas que temia, para nos atacar. Então eu falei à multidão: "E quanto a vocês, de forma alguma fiquem com medo do que vai acontecer pela escolha que vocês fizeram, porque escolheram a parte mais forte, que jamais falhará com vocês. Somente sejam muito verdadeiros e não vacilem em seus passos, e atingirão a liberdade rapidamente e os altos planos, onde a luz está no final da jornada".

Fiz uma pausa e todos ficaram silenciosos por um pouco de tempo, até que o Chefe levantou a cabeça e, olhando para mim, disse: "Terminou?" E dei-lhe a resposta: "Por agora. Quando estivermos livres destas galerias e estivermos em espaço aberto lá fora, eu vou agrupá-los onde possam ouvir-me melhor e darei a diretriz do que têm a fazer". "Sim, quando estivermos livres destas passagens escuras, ah, sim!, será bem melhor", ele disse, e

notei a ameaça sob suas palavras enquanto as dizia.

Então ele se virou e, tendo passado pela porta, veio logo à janela sobre nós e disse-lhes que subissem e seguissem-no, enquanto ele os lideraria para a Cidade. Ficamos de lado para deixá-los passar e, enquanto iam, procurei pelo Capitão para dizer-lhe de meu desejo quanto a estas pessoas e a ele. Então ele se misturou em seu meio e passou com eles para fora das minas. Então reunimos os retardatários vindo atrás, e finalmente todos tinham passado pela porta e ficamos sozinhos. Então nós também passamos por ela, e finalmente viemos ao campo que havia na boca das minas.

Ali novamente falei às pessoas, e contei-lhes que deveriam separar-se uns dos outros e ir pela Cidade naquelas casas e guaritas que melhor conheciam, contar as novidades e trazer aqueles que gostariam de vir com eles à praça da Rua Principal, onde deveríamos nos encontrar. Então começaram a nos deixar e, enquanto saíam, o Chefe endereçou a nós seu convite: "Se lhes convier, cavalheiros que nos honraram com sua chegada entre nós, gostaria que ficassem em minha casa enquanto estes estão indo agrupar seus amigos. Talvez haja bênçãos à minha casa enquanto estiverem presentes".

"Bênçãos sem dúvida virão a você e sua casa por esta nossa visita", respondi a ele, "mas não será na hora nem da maneira que deseja". Então fomos com ele, que nos mostrou o caminho. Chegamos finalmente bem no centro da Cidade e ali, na escuridão, assomou uma enorme pilha de pedras. Era mais um castelo que uma moradia, mais prisão que castelo, ao ser vista. Ficava ilhada, com uma rua em todos os lados, de formato oblongo, e elevando-se como uma colina a partir do plano da rodovia. Mas era severo; na verdade, era uma habitação escura e severa, combinando em todas as linhas com aquela alma forte e escurecida, seu arquiteto.

Entramos, e ele nos levou por pátios e corredores, e por fim chegamos a uma sala, não muito ampla, e ali convidou-nos a esperar enquanto ele faria

nossas boas vindas. Assim ele saiu, e sorri para meus amigos e perguntei-lhes se eles haviam captado os obscuros pontos de seu propósito. Eles estavam em dúvida, a maioria deles, mas uns poucos sentiram a sensação de terem sido enganados, então contei-lhes que éramos prisioneiros, tão rápido quanto ele nos pôde fazer, e quando alguém foi até a porta por onde entramos, rapidamente percebemos que fomos trancados. Havia outra no outro lado do quarto, que era uma espécie de antecâmara para a Sala do Trono além. Aquela também foi rapidamente trancada. Você de coração pensaria que alguns daqueles catorze estaria com medo de se ferir num fato deste. Mas você deve saber que somente são mandados em tais missões como esta nossa, e em regiões como essa, aqueles que por longo treino tornaram- se desligados do medo, e que são fortalecidos para empunhar as todo-poderosas forças do bem, que habilitam tão infalivelmente e com tanta certeza que nenhum mal resiste a isso e sai ileso.

Sabíamos o que poderíamos fazer sem aconselhamentos ou discursos, portanto pegamos as mãos uns dos outros e elevamo-nos em direção à luz e à vida de nosso ambiente normal. A esta condição mais rude nos impuséramos para que pudéssemos trafegar nestas regiões e para nos disfarçar dentre os habitantes que moram nelas. Mas, conforme aspiramos juntos a isto, nossa condição gradualmente mudou, e nossos corpos retornaram a uma natureza mais sublimada, portanto passamos adiante através daquelas paredes, e ficamos esperando pela chegada de nossa companhia na praça diante da Rua Principal.

Não vimos mais o Chefe. Ele havia planejado, conforme soubemos, recapturar aqueles a quem libertamos de sua servidão e que agora, ali, ainda estavam sendo agrupados das regiões em torno da cidade pelos ponteiros mandados àquela direção, por um grande exército que estava cercando todos os lados em vigilância daqueles que se atreveram desconsiderar sua autoridade. Mas nada tenho de dramático para contar-lhe, meu amigo -

nenhum embate de armas, nenhum clamor por misericórdia, e nenhuma chegada de guerreiros brilhantes para o socorro. Tudo transcorreu muito controlado e monótono. Desta forma, a saber: Naquele ridículo Salão do Trono ele agrupou sua corte, e, tendo tochas acesas e colocadas em torno da sala nas paredes, e fogueiras acesas no centro do chão para iluminar o hall, fez um discurso solene para seus sombrios servidores. Então a porta de nossa antessala foi solenemente destrancada, e fomos chamados para irmos até ele, pois queria nos prestar honras. E quando não fomos encontrados ali e sua vigilância assim se mostrara negligente, seu vexame foi desvendado diante de sua corte, tendo tudo acontecido por seu planejamento e ações, ele ruiu totalmente enquanto riam ao vê-lo desta forma em sua degradação. Zombarias cruéis eram lançadas a ele enquanto passavam indo embora deixando-o sozinho, sentado em seu trono sobre o tablado, derrotado.

Marque bem, amigo, como nestes estados rebeldes a tragédia e a palhaçada bruta fundem-se uma à outra, onde quer que se vá. Tudo é de um fazer acreditar vazio, pois tudo está em oposição à Única realidade. Portanto estes ridículos governadores são servidos por seu povo numa ridícula humildade, e estão cercados por uma corte ridícula cuja adulação é sustentada por ferroadas e flechadas de cinismo e zombaria grosseira.

X - O RETORNO AO TEMPLO DO MONTE SAGRADO. UMA MANIFESTAÇÃO DO RÉGIO CRISTO. O POVO DE BARNABAS.

Segunda, 21 de janeiro.

Nossa jornada era agora em direção à luz. E se eu lhe dissesse que o Vale abaixo da Ponte era o que vocês chamariam de uma noite escura na terra, você seria capaz de ver que a escuridão nestas regiões distantes atrás de nós é sem dúvida grande. Num escuro como breu não se vê nada. Ainda assim, há uma escuridão mais intensa que esta, porque na terra a escuridão é apenas escuridão, mas ela aqui tem uma substância, a qual é um horror real e verdadeiro para aqueles das altas esferas que não estão protegidos. Aquelas pobres pessoas que afundaram por gravidade naquela espessa escuridão sentem o sufoco do afogamento, e contudo não têm um mastro ou um fragmento do que foi destruído para fazê-los boiar até em cima, e portanto sofrem até que o arrebatamento e o desespero tomem-nos de assalto, então o infernal chama para o inferno em blasfêmia, sem saberem que somente em sua própria vontade está o fulcro pelo qual devem elevar a si mesmos até que atinjam a luz. Sim, há uma densidade naquela escuridão nas mais remotas regiões. E contudo, para aqueles que ali vivem, há uma espécie de visão obscurecida pela qual não obtêm bênçãos, porque somente trazem à sua consciência coisas horríveis e maliciosas e fazem mais pungente a angústia que devem suportar. E estes são os que viveram em sua terra e misturados em sua sociedade terrena, e alguns deram suporte ao mal e outros honraram nomes e lugares. Conto-lhe isto para que possa mostrar aos outros o que é a verdade, porque há alguns que dizem que não existe inferno porque o Único Supremo é Amor primeiro e por último. Sim, mas aqueles que falam assim d'Ele atingiram apenas o Primeiro conhecimento daquele Amor que é insuperável, enquanto nós que falamos a você não

acabamos de atingir o Último. Mas assentamo-nos apenas no suficiente de Sua Sabedoria - suficiente, mas uma esmola - para termos plena certeza de que Ele é Amor sem dúvida. Não podemos entender, mas todos nós ampliamos a certeza de que Ele nos aumentou a fé, e assentou-a mais firmemente, de que Ele é Perfeito em Sabedoria e Ele Mesmo é o Perfeito Amor.

Líder, uma vez eu, em meu sono, visitei alguns trabalhos da subcrosta nas regiões trevosas. Você sabe desta minha experiência, e se sabe, diga-me se foi o mesmo lugar a que foram para trazer as pessoas das minas? Havia certa semelhança, mas com algumas diferenças.

Sei desta experiência, porque antes de prepararmos você para escrever para nós, fizemo-nos familiarizados com toda a sua vida, para que pudéssemos não errar em nosso trato com você. Esteja certo de que as vidas de todos são estudadas assim aqui, por um propósito ou outro, mas nada é passado para trás por aqueles que poderiam ajudá-los. Assim é com aquilo pelo qual nos questiona. O lugar ao qual você foi levado estava a poucas milhas distante daquela cidade, e é governado por um subchefe do Chefe de quem falamos a você. É um lugar onde estão aqueles rebelados contra a sua autoridade, e que lá podem ser oprimidos até a sujeição e também serem postos a trabalhar em tarefas mais fortemente supervisionadas que aquelas das minas e nos trabalhos aos quais fomos, onde há mais liberdade, estando eles mesmos mais supliciados e aquebrantados. Ao lugar que mencionou na maior parte vão os que são recém chegados naquela região, e portanto não são familiarizados com a extensão da crueldade ali praticada, nem das diversas formas pelas quais ela é exercida sobre eles.

Para que estavam ali os animais?

São treinados para ajudar a intimidar e guardar os prisioneiros.

Mas o que teriam feito os animais para merecerem tal inferno e para serem postos em tal tarefa como aquela?

Estes animais nunca estiveram na carne. Aqueles vão para lugares mais brilhantes. Estes são criação dos Poderes do mal, que são capazes de projetá-los até ali, mas não o fazem para mais adiante, a uma encarnação na terra, portanto tornam-se animais completos como sempre serão, como querem que sejam, pela complementação da composição de um corpo com os elementos das regiões trevosas que formam seu ambiente. Este é o porquê de você ter ficado perplexo ao tê-los colocado na sua ordem. Eles não têm ordem no cômputo terrestre da vida animal, onde somente aqueles grandes Seres Criadores são capacitados para expressarem suas faculdades na evolução das tribos animais que atingiram os altos lugares nas esferas mais Brilhantes. Você me entende, à medida que estou tentando ser capaz de colocar uma verdade não terrena na linguagem da terra?

Sim, penso que sim. Obrigado, senhor. É um grande mistério e uma grande novidade para mim, tudo junto. Mas parece que sinto que pode ser a chave para outros mistérios quando alguém tiver tempo para raciocinar um pouco.

É assim, meu filho; lide com isto desta forma e perceberá que é útil. Mantenha em mente sempre isto, apesar de que, quando considerada à luz do Único Bom e Belo, o mal tem um aspecto negativo, mesmo que considerado em confronto, isto é, começando pelo fim oposto e vindo em direção oposta à Corrente Vital do Único Bem, tendo grandes e poderosos seres da escuridão que são a contraposição dos Arcanjos e Principados e Tronos da Luz. Uma grande divergência, entretanto, continua, e é esta. Conforme as histórias dos Céus, há progresso sempre para a frente, até o Sublime fundir-se na Sublimidade Última; nas esferas mais escuras não há a consumação, não há Supremo. Assim como nas outras fases de atividade, também é assim nesta, aqueles poderes escuros interrompem repentinamente a perfeição, e a ordem é necessária por causa da falta da Divindade. Se não fosse assim, então a escuridão igualar-se-ia à luz em

potência e em expansão evolutiva, até que a luz não encontrasse lugar, e o amor e a beleza pudessem ser invadidos por seus opostos, até que não mais fosse encontrado lugar para eles. Então o propósito do Mais Alto poderia ser desviado e, tropeçando para um desvio, ser destruído no espaço, e entre as eternidades, mudar para confusão, e assim falhar em ser atingido.

Portanto, poderosos que são os Senhores da escuridão, eles não são Todo- poderosos. Isso é uma prerrogativa do Único, e somente d'Ele. Ele tem conhecimento de Seu próprio poder tão completo para estar seguro na liberdade de ação que Ele permite a uma progênie rebelde, e, por umas poucas eternidades, é-lhes permitido perderem-se; assim, no final, devem provar, ao capitularem, pelo livre arbítrio e incondicionalmente, a supremacia do Amor. Então serão Primeira e Ultimamente purificados conforme sua relação de uns com os outros, e a Sabedoria de Deus será manifesta.

Sou capaz de dar-lhe apenas isto, meu amigo, do aspecto do Reino que apenas conhecemos em parte, e tendo uma linguagem para nosso uso mais útil que a da terra. Temo que não possa fazer mais que isso. Mas se ainda tiver mais alguma pergunta.

Obrigado, não neste tema.

Então presentemente deixaremos que isso seja suficiente, Kathleen. Penso que está na mente dela dizer algumas palavras a você, e então vamos deixá-la com seus próprios pensamentos suaves e retiramos nossa influência mais grave de sua posição, podendo assim ela estar livre, e estar na própria vontade dela dizer o que quiser a você. Ela é mais bondosa e paciente por ser nossa escritora, e nós agradecemos a ela muito sinceramente por sua vontade de nos servir. Devemos nos encontrar com você novamente quando você tiver uma oportunidade para nossa presença. Boa noite, meu amigo, e que Deus e Seu Brilho estejam com você e os seus, os quais estão envolvidos numa radiação maior do que a que conhecem. Isto será revelado

a eles algum dia.

Sexta, 25 de janeiro de 1918.

Quando chegamos na Ponte, atravessamos desde o lado escuro e chegamos aos aclives que levam para as esferas progressivas, e ali descansamos por um pouco de tempo e fizemos uma revisão do trabalho que acabáramos de concluir. Eis que então encontrou-nos um mensageiro de nosso plano, trazendo novidades sobre o que nos esperava ao término desta missão. Pois nunca desde que deixamos a Esfera Dez eles estiveram fora de contato conosco, e enquanto falamos com ele foram relembrados aqueles momentos especiais de emergência, quando então aqueles que observavam de seus altos lugares sentiram que era para enviar naquela hora uma ajuda e uma orientação a nós. Alguns destes momentos de ajuda foram reconhecidos por nós, em outros apenas suspeitamos, mas na maioria deles foram momentos de alta tensão, quando então todas as nossas faculdades estavam em alerta para tratar do assunto em pauta, de tal forma que não percebemos o fato da ajuda exterior estar sendo impingida em nossas circunstâncias. Porque, lá embaixo nas esferas mais escuras, tendo sido amplamente atingidas as condições locais, temos que forçosamente suportar algumas das limitações da alma que vêm com o peso do ambiente sobre nós naquele momento.

É assim com vocês na esfera terrestre, meu amigo, e mesmo que você nunca perceba a ajuda dada, ela está lá, próxima apesar de tudo, e de acordo com a sua necessidade.

Agora passarei a jornada intermediária, e contarei de nosso retorno à Esfera Dez.

Fomos encontrados nas colinas externas por um grupo de nossos bons amigos que esperavam pelo nosso retorno com muita alegria e com muita vontade de escutar as nossas aventuras. Estas, nós fomos contando enquanto

voltávamos, e então finalmente chegamos à grande planície diante do Templo do Monte Sagrado, e subimos ao seu Pórtico. Fomos conduzidos ao interior, e seguimos ao grande Saguão Central do santuário, e aqui encontramos uma grande quantidade de pessoas reunidas. Estavam ajoelhadas em adoração ao Grande Invisível, e não se moveram enquanto passávamos silenciosamente e esperávamos na parte de trás.

Você não conhece o que é silêncio na terra. Não há silêncio perfeito na terra. Você não pode ir aonde o som seja deixado para trás. Aqui na Esfera Dez, e naquela hora no santuário, havia o Silêncio em toda a sua majestade e reverência. Além da terra, distante, se pudesse seguir pelo ar, você deixaria gradualmente os sons que estão na superfície para trás. Mas ainda haveria a fricção com a atmosfera que invadiria o silêncio com uma sensação de som. Mesmo além daquele cinturão atmosférico haveria no éter um som como um elemento potencial, como um planeta chamando planetas em respostas gravitacionais.

Além do Sistema Solar, e entre ele e outros sistemas no vácuo do espaço, você se aproximaria da ideia de silêncio, estando a terra milhões de anos-luz de distância, não vista, não sentida, quase desconhecida. Mas o éter estaria lá, apesar de seus ouvidos não ouvirem nenhum som, ainda assim o éter é o reino no qual a atmosfera é a antecâmara, e o som é o seu vizinho mais próximo.

Mas aqui na Esfera Dez há uma atmosfera daquilo que o éter seria se fosse dez vezes refinado pela sublimação, e Silêncio é aqui uma coisa não negativa tanto quanto é ativo em seu efeito sobre aqueles que se banham em seu oceano. Silêncio aqui não é uma ausência de som, é a Presença do Um Silencioso. É uma entidade vibrante, mas de pulsação tão rápida que a quietude e Silêncio são como um só. Não sou capaz de ser mais explicativo em minha descrição, pois não é possível a você, em seu elemento grosseiro, imaginar, mesmo que em pequeno grau, a condição da qual participamos ao

entrarmos no vasto Saguão do templo.

Então através da passagem do meio chegou o Vidente, e, pegando-me pela mão, levou-nos ao Altar que ficava próximo do Salão onde estava o Trono, e no qual ele havia se despedido de nós para a nossa jornada.

Agora havíamos retornado, um pouco cansados, com nossos corações repletos do que havíamos visto naqueles longínquos reinos das trevas. Nossas faces mostravam o efeito da luta pelo domínio - porque apenas contei a você um resumo de nossa empreitada, e de forma nenhuma contei completamente. Fomos guerreiros que retornamos de uma guerra que é incessante entre o bom e seu oposto. Mas nossas cicatrizes e feridas agora iriam harmonizar-se dentro em pouco, e estaríamos mais graciosos depois do que sofremos. É assim com nosso Príncipe real e Capitão, Que nos mostrou o caminho para a Beleza de Espírito, como uma faceta do corpo. E sem dúvida Ele, Cujas roupagens ainda relembram a lição do Sacrifício em sua alta dignidade, é tão lindo que não posso descrever Sua graça nas palavras da terra - ou nas dos céus.

Então paramos diante do Altar, e à certa distância, e também ajoelhamo-nos adorando a Fonte dos Seres, o Um Supremo, Que Se torna manifesto a nós somente pela Forma Presente, e raramente, mas na maior parte através de Seu Único Ungido, Que está mais sintonizado com o nosso estado presente em razão de Sua Humanidade.

Então finalmente, tendo recebido o sinal, levantamos nossas cabeças e olhamos em direção ao Altar. O sinal que tivemos foi uma sensação da Presença que brilhava dentro e em torno de nós. E conforme olhamos, vimos à esquerda do Altar, com o Altar em Seu lado direito, o Filho do Homem. Ele jamais vem duas vezes de uma mesma forma. Há sempre algum detalhe novo para se perceber e manter em mente e levar a lição.

Em linha reta sobre Sua cabeça, mãos cruzadas no peito, permanecendo imóveis, silenciosos, estavam suspensos sete elevados Anjos. Seus olhos

não estavam fechados, mas suas pálpebras estavam abaixadas, parecendo estarem olhando para o chão um pouco atrás d'Ele. Usavam uma roupagem de variados matizes. Estas roupas não eram realmente coloridas. Apenas sugeriam cores sem que as expusessem. São de matizes que vocês não têm na terra, mas com estas havia algo parecido com seu violeta, dourado, vermelho pálido (não rosa, mas o que escrevi, vermelho pálido), você não pode entender isso, mas deixe estar, algum dia entenderá - e azul - somente sugestões destas cores, mas muito bonitas. E apesar de toda a roupagem leve, seus corpos estavam nus em todo seu amor insuperável. Eles eram tão elevados em sua santidade que as vestimentas eram de tal brilho que não eram tanto para vestir, mas para adornar. Suas cabeças eram circundadas com uma fita de luz sobre seus cabelos, e a luz era viva, e movia-se em sua radiação conforme seus pensamentos iam da oração para amor ou piedade. Assim, eram perenemente sintonizados e tão igualados em porte de mentalidade, que mesmo uma leve mudança de pensamentos afetaria estas tiaras de luz, e também enviavam uma radiação avermelhada através da roupagem azul, ou uma radiação dourada através de uma violeta.

O Cristo, Que permanecia no Altar, estava mais enfatizado em Sua visibilidade, e também os detalhes de Seu semblante eram para nós mais nítidos que no caso dos Anjos assistentes. Ele usava em Sua cabeça uma dupla coroa, uma dentro da outra. A mais ampla e externa era púrpura, e a interna era branca mesclada com vermelho. Faixas de ouro uniam as duas em uma só estrutura, e entre elas havia joias de safira - uma linda peça, e a luz dela era uma nuvem sobre Sua cabeça. Em sua cintura havia um cinto de metal, de uma cor entre prata e cobre. Estou fazendo o melhor que posso para dar a você uma ideia de como estava a Sua aparência, e, portanto, tenho que usar misturas estranhas das palavras da terra, e mesmo assim não consigo chegar perto do que deveria falar. Sobre Seu peito havia uma corrente de rubis que seguravam seu manto sobre seus ombros. Em Sua

mão Ele segurava uma bastão de alabastro de variadas cores, o qual apoiava no Altar para repousar. Sua mão esquerda estava em Seu quadril, polegar no cinto, por isso o manto caía pelo outro lado. A graça de Sua figura emparelhava-se com a graciosidade de Sua face.

Seria a sua face como dão ideia as pinturas que temos d'Ele?

Muito pouco, amigo, muito pouco. Mas você deve saber que Sua face não tem os mesmo detalhes em todas as Manifestações d'Ele. No essencial é imutável. Como eu O vi agora, Sua face era a de um Rei. O Sofredor estava ali, mas a Realeza era o tom dominante. Líamos n'Ele aquele que ganhara Seu Reino. Os elementos remanescentes da batalha foram transmutados pelo repouso que advém com a vitória. Você está imaginando se Ele tinha barba, como nas suas pinturas d'Ele. Não quando O vi então. Indubitavelmente, jamais O vi com barba; tendo já O visto umas quinze ou dezesseis vezes. Mas não altera o foco da questão. Não há razão por que Ele não apareceria barbado, e Ele pode fazê-lo em alguma ocasião. Eu nunca O vi assim, é tudo o que posso dizer.

Quando olhamos para Ele e para os Anjos sobre Ele, Ele falou a nós. Você não entenderia o significado de Seu tema para a grande multidão de pessoas reunidas. Mas quando Ele veio para falar conosco, os Quinze que acabáramos de retornar, Suas palavras foram como estas, mas não ditas como vocês pronunciam as palavras: "E vocês que desceram aos reinos de trevas, saibam que estou lá também. Manifesto a eles, os meus desgarrados, posso não estar, exceto em parte, e raramente. Mas quando penetrei nos reinos exteriores da expressão de Meu Pai, então, antes de retornar a este caminho para a subida, eu fui, como vocês foram, e falei a muitos, e eles despertaram para ouvir Minha voz, e um grande número voltou suas faces em direção a estes reinos daqui. Mas há alguns que viraram suas faces contra Mim, em direção às esferas mais escuras ainda, porque não puderam suportar a sensação de Minha Presença, que naquela hora tornou-se

intensificada na atmosfera daquelas regiões, e deveriam permanecer assim. Vocês não alcançaram tão longe quanto estão os que se esconderam de Mim então. Mas Eu estou lá com eles também, e algum dia eles deverão estar aqui comigo.

"Mas agora, Meus queridos e sérios missionários, vocês estiveram lá dando conta de Meus trabalhos, e segui lá de Meu plano o seu trabalho. Vocês não chegaram de sua batalha sem feridas. Eles também me feriram. A vocês não foi dada a crença devida em tudo o que foi feito com honestidade de propósito em seu chamado aos homens para a luz destas esferas. De Mim disseram que eu não fiz nada que não fosse o mal. Seus corações estiveram algumas vezes bem plenos de dor quando receberam as pontadas de seus companheiros naqueles reinos. E algumas vezes pararam para pensar por que o Pai é assim tratado - vezes em que a angústia dos outros apertou-os com a mó de suas aflições, e quase os deprimiu. Meus queridos e companheiros de trabalho naqueles distantes campos, lembrem-se de quanto eu, também, em todas estas coisas e também nisto, mergulhei nas profundidades da experiência humana. Eu também conheci a escuridão quando Sua face estava virada".

Ele falou em tons cálidos, calmos e iguais, e, conforme falava, Seus olhos pareciam dissolver-se numa bruma, uma visão para uma longa distância, como se, enquanto falava destas coisas e pessoas, Ele estivesse ali no meio deles, sentindo e sofrendo com eles nos lugares escuros distantes, e não aqui no Santuário, entre todas as belezas da santidade e do brilho, com os sete Seres brilhantes cintilando sobre nós. Mas não havia paixão em Suas palavras, somente uma grande majestade na piedade e poder acima de todos os males dos quais Ele falava. Mas sobre Suas palavras novamente, tanto quanto posso transcrevê-las a você: "Mas agora faço-os usar, quando fizeram sua reverência ao Pai em sua Bondade e Generosidade amorosa, um sinal e um selo de sua jornada e serviço, e pelo seu sofrimento".

Ele falava da nova pedra que foi então acrescentada em nosso diadema de reverência que usávamos.

Então Ele levantou Sua mão esquerda e vagarosamente moveu-a em círculo sobre a multidão ajoelhada e disse: "Deixo meu legado com vocês, para dizer-lhes mais adiante sobre o próximo trabalho para vocês nestes lugares. Porque neste trabalho estou com vocês para ajudá-los, porque é uma grande empreitada que lhes confio. Não se apressem em começar e, quando estiver começado, sejam fortes e esforçados para darem um bom fim, para que não seja necessário que outros mais adiantados que vocês em conhecimento e poder tenham que fazer reparos. Chamem e responderei. Mas não chamem mais do que seja necessário. Isto não é apenas para a melhoria das esferas inferiores, mas para submetê-los a uma prova também. Lembrem-se disto, e façam o que podem com o poder que já têm. Contudo não deixem o trabalho perder-se por falta de um chamado a Mim, porque estarei ali para responder. E que este trabalho em suas mãos seja bem feito, ele é maior que suas mentes em seu próprio estágio, porque é do Meu Pai e Meu".

Então Ele levantou Sua mão em bênçãos e inclinou-se em reverência, e disse muito vagarosamente, "Deus é".

E enquanto Ele dizia isso, tanto Ele quanto os Sete esmaeceram devagar de nossas vistas conforme adentraram em sua Esfera deixando-nos sós no Silêncio. E neste Silêncio estava a Sua Amada Presença, e nós, sendo envolvidos pelo Silêncio, soubemos que era a Sua voz, e ela estava falando para nós, e paramos porque era Ele que estava falando e, parando, ouvimos e reverenciamos.

Segunda, 28 de janeiro de 1918.

Assim, então, nossa jornada e nossa missão terminaram conforme narramos a você. Você tem alguma pergunta que gostaria de fazer

concernente ao que lhe falamos? Penso que vejo algumas perguntas tomando forma em sua mente, e este é talvez o lugar conveniente para respondê-las.

Sim, eu gostaria de colocar algumas questões a vocês. Primeiro, o que quer dizer com diadema de reverência, ou alguma frase parecida que usaram, em sua última mensagem?

Nenhuma emoção, nenhum pensamento aqui existe sem sua manifestação exterior. Tudo o que você vê ao seu redor no seu lugar na terra é a manifestação do pensamento. Todo o pensamento é definitivo no Ser de Quem toda a vida procede. Do exterior intimamente todo pensamento encontra seu foco n'Ele. Reciprocamente, a Fonte de todos os pensamentos é Ele, de Quem procedem, e a Quem retornam, num ciclo sem-fim. Às vezes, esta torrente de pensamentos passa através da mentalidade de Personalidades de variados degraus de autoridade e também de lealdade e unidade com Ele. Esta torrente de pensamento, passando através destes Príncipes, Arcanjos, Anjos e Espíritos, tornam-se a manifestos através deles externamente nos Céus, Infernos, Constelações de Sóis, Sistemas Solares, Raças, Nações, Animais, Plantas, e todas estas entidades que vocês chamam de coisas. Tudo isto vem a existir por meio de pessoas pensando de si para o exterior, quando seus pensamentos tomam expressão tangível para os sentidos daqueles que habitam na esfera na qual os pensantes moram ou com os quais estão em contato.

Não somente isso, mais, os pensamentos de todos, em todas as esferas, tanto a terra, ou Infernos, ou Céus, são manifestos aos que são, por seu grau de poder, competentes para senti-los. Portanto nada mais é que verdade dizer que todos os seus pensamentos, meu amigo, são registrados tanto aqui nestes Céus mais baixos, como também naquelas mais sublimes regiões que palpitam com a pulsação do verdadeiro Coração do Mais Sagrado e do Mais Elevado, o Universal e Supremo Um.

Como nas matérias majestosas, assim também é em matérias detalhadas. Assim o pensamento de um grupo nestas regiões celestes torna-se manifesto na temperatura e nuance do ambiente atmosférico. (Eu uso palavras terrestres, porque somente nelas posso passar o significado para você.) Assim a qualidade e o grau da pessoa aqui é manifestada em mais de uma maneira: na textura, forma e cor de sua roupagem; na forma, estatura e textura de seu corpo, e na cor e brilho das joias que se usa.

Desta forma, na volta de nossa missão naquelas regiões distantes nós, tendo assimilado às nossas personalidades aquilo que antes não tínhamos, recebemos uma gema a mais para usarmos em nosso diadema.

Esta ação por parte do Cristo não foi de natureza arbitrária. Tudo aqui é feito em equidade estrita e exata, mas de maneira muito graciosa. Eu chamei esta tiara de diadema de reverência, porque não é visível sobre nossas cabeças todo o tempo, mas somente quando nossos pensamentos e emoções estão focados em reverência. Então ela aparece sobre nosso cabelo, ligado a ele, preso atrás das orelhas. Todas as pedras que a adornam não são selecionadas, mas atingidas por evolução naquelas qualidades que acumulamos no nosso progresso de esfera em esfera. E agora nos foi dada mais uma como uma lembrança, como fruto de nossas realizações naquelas esferas inferiores onde nossa missão teve lugar.

Há muito mais sobre as joias e gemas que você não entenderia, mesmo que eu pudesse colocar significado nas palavras. Algum dia você saberá de sua beleza e de seu simbolismo e da vida que as anima, e de seus poderes. Mas agora não. Poderíamos dizer que é o suficiente por agora, e passar para outra pergunta?

Obrigado, Líder. Poderia me dizer algo sobre a Colônia para onde foram levados aqueles que vocês recolheram e deixaram com aquele a quem chamarei Cristo Menor?

Faz bem em chamá-lo assim; ele é merecedor do nome.

Sim. Com poucos do grupo que foi comigo naquela jornada, eu visitei aquela Colônia várias vezes, como eu prometi a ele. Verifiquei que ele não desapontou minhas esperanças depositadas sobre ele. Registre bem isto que digo: que estou completamente satisfeito com o trabalho dele. Mas esta foi sua prova e, como finalização, não resultou naquilo que eu havia esperado. Tem sido muito interessante para mim ir até lá de tempo em tempo, e também receber relatórios de outros, meus comissionados, que vão para lá em meu nome e trazem-me notícias do que está acontecendo ali.

Na minha primeira visita vi que haviam arrumado uma Cidade, aparentando suficientemente ordenada, mas os prédios eram rudes e nada elegantes, tanto quanto os materiais manuseáveis daquela região permitiam. Pareciam estar com falta de acabamento. Eu disse palavras de aprovação pelo que haviam feito, e de encorajamento para futuros esforços, e deixei-os trabalhar na planta por eles mesmos.

Conforme o tempo passou, achei que, por conveniência, eu chamarei o Cristo Menor por um nome - vamos chamá-lo de "Barnabás", que nos servirá muito bem - achei que seu poder não estava na liderança de comando; estaria na liderança mais persuasiva do amor. Este foi um grande poder entre aquela gente, conforme eles começavam a entender mais e mais, sendo competentes pela evolução para corresponder. Sabedoria ele tinha, plenamente, mas não comando. Por sua sabedoria ele chegou a enxergar isto, e por sua humildade foi capaz de assimilar o fato rapidamente e sem envergonhar-se. Assim, enquanto liderou nas questões mais profundas e mais espirituais, e lidera hoje, ele investiu mais e mais, mas gradualmente, a organização para seu tenente, o Capitão. Este tem uma personalidade forte, e um dia estará resplandecente nestes Céus de luz, um poderoso Príncipe para dar suporte e realizar grandes coisas; um homem de amplo potencial.

Por vagarosos degraus ele despertou nestes pobres cérebros

obscurecidos aquilo de habilidade que uma vez tiveram na terra em suas várias aptidões, e os pôs a trabalhar. Ferreiros, carpinteiros, escultores, pedreiros, arquitetos, e também artistas e músicos, cada um em sua própria profissão. A cada vez que para lá fui, encontrei a Cidade evoluindo na ordem e na aparência, e a população mais feliz. E mais uma coisa eu pude encontrar.

Quando eu os trouxe para lá, conforme voltamos da escuridão mais profunda além, a luz, no melhor ponto, luzia fracamente sobre a região. Mas a cada vez que voltei, notei um acesso a um degrau maior de luz e visibilidade prevalecendo sobre a Cidade, e, da Cidade, esparramando-se sobre os campos em volta. Isto era um efeito da silenciosa atividade de Barnabás. Foi ele que voltou o espírito da cada um de sua gente em direção ao seu verdadeiro destino. Por seu amor, ele entusiasmou as aspirações espirituais deles, e à medida que se tornavam cada vez mais reais, as pessoas por si avançavam para a luz que, começando intimamente, estava irradiando externamente, e o resultado era visto na intensificação do brilho cada vez mais intenso da atmosfera deles.

Portanto, estes dois, lealmente coordenando seus poderes em direção aos outros, realizaram grandes passos, e ainda farão mais, para minha imensa alegria e para a alegria de todos que sofreram comigo quando andamos através dos caminhos da subcrosta à procura de almas que haviam perdido seu caminho.

Os habitantes das regiões em torno molestam estes?

A esta sua pergunta, meu filho, no atual vocabulário, a resposta é Não. Ninguém os molesta agora, nem procura fazê-lo. Mas no começo, quando estavam fracos e menos capazes de se conduzirem em relação aos seus inimigos, foram muito ameaçados por eles.

Vou contar-lhe. Agora, primeiro vou falar o que soará estranho em sua mente. Lembre-se dos doze vezes doze mil redimidos sobre quem João

escreve. Sim; bem, o número de nossos redimidos era esse. Você me perguntaria por que ou como isso se deu. Acontece que passaram pelo conselho daqueles que conceberam esta empreitada; eles estão esferas distantes da minha, e sua razão é desconhecida por mim, mas tem relação com as futuras eras de progresso. Você agora está conjeturando se o número tem algo a ver com os outros redimidos de João. Não, pelo menos não explicitamente. Implicitamente há uma razão. A razão fará seu papel no desenvolvimento futuro do grupo, que formará por si mesmo até lá um novo e coeso - como diria para que me entendesse? - departamento nos Céus. Não um novo Céu, não, mas um novo departamento celestial; assim.

Agora à sua pergunta. No começo foram muito pressionados e muito humilhados pelas tribos vizinhas, as quais vieram e, vendo que estavam ali por perto em seu meio, lançavam insultos para as pessoas e partiam. Mas falaram às outras tribos e muitos assaltos aconteceram aos grupos de trabalhadores, quando apareciam as oportunidades. Então estes ataques menores cessaram por um longo período. Mas o Capitão estava recuperando sua prontidão e habilidades cada vez mais e tinha seus inspetores colocados em colinas nas vizinhanças e postos de observação em torno de tudo. E destes postos ele sabia quando uma batalha era iminente, porque as tribos estavam agrupando um grande exército, e treinando seus soldados, com muito desfile e cantos de glória, como é de costume nestas regiões de falsa realidade, e também é assim aos grupos.

Mas o tempo todo nosso grupo cresceu em força e também em brilho e, quando o ataque veio, eles estavam aptos para combaterem seus inimigos. Foi uma longa e muito amarga batalha de forças e desejos. Mas eles venceram, à medida que foram exaltados pelo destino a vencerem, o que, por mais estranho que possa parecer a você, e um paradoxo, foi uma verdadeira e extenuante luta. O que os ajudou extremamente foi o brilho incrementado nas pessoas e na atmosfera. Foi muito doloroso para seus

adversários que ainda estavam imersos em sua condição mais escurecida, e eles gritavam numa agonia desesperada quando entravam no raio de ação e sentiam pontadas por causa da aura sensível daquela Cidade e da Colônia de pessoas evoluindo.

A melhoria ainda continuava, e, à medida que aumentava o brilho, a Colônia foi gradualmente removida de seu estado original e aproximou-se das esferas de luz. E então eu cheguei ao princípio de inter-relação entre estado e o lugar obtido aqui nestes reinos, e o qual você pode achar difícil de entender - ou mesmo impossível. Por isso não vou me estender nisto. Direi que os inimigos acharam mais difícil aproximar deles, enquanto os colonos descobriram que todo o tempo quando uma tentativa de aproximação era feita, o raio de imunidade ao perigo de sua Cidade aumentava e ainda continuava a aumentar, e seus inimigos forçosamente paravam seus ataques mais e mais longe.

Por isso pequenos grupos foram instalados nos lugares sempre brilhantes em torno dali para as plantações e para as lavouras, e para estabelecer florestas e minas. Estas foram as últimas a serem postas em prática, porque a população encolhia-se diante da ideia por causa do amargor de suas lembranças. Mas o metal era necessário, e os mais corajosos e mais determinados estabeleceram-se para cavar por ele, e descobriram que trabalhar como escravos e trabalhar como homens livres era muito diferente no efeito sobre eles, e agora eles não têm mais falta de voluntários felizes para sua ajuda.

Assim é que sua melhora no que é bom aumenta a luz sobre suas habitações e sua Cidade. E que é sua força, porque é símbolo de seu avanço em direção a um estado melhor, e isto significa um poder maior a eles. É por isso que seus inimigos são menos poderosos para virem a eles e machucá-los.

Meu filho, repare bem que não é sem alegria para aqueles que em sua

peregrinação terrena estão cercados de inimigos também. E, sendo estes inimigos encarnados ou espíritos, em nada diferem, perceba, daqueles que cercam a Cidade de Barnabas, mas sempre num cerco mais amplo conforme a Cidade emita mais e mais luz, e sendo eles deixados mais e mais para trás na escuridão, para baixo.

Meu amor a você, meu filho, e nossas bênçãos.

Sexta, 1 de fevereiro de 1918.

Kathleen tem uma palavra para você, meu filho, e quando ela tiver falado, nós mesmos falaremos a você.

Bem, Kathleen?

Sim, eu gostaria de contar-lhe que estivemos em contato com o grupo de Zabdiel, e eles mandaram uma mensagem a você por mim. Eles gostariam que eu dissesse a você que sua mente pode estar descansada. Desde que eles vieram para a nossa vizinhança, quando estamos falando à sua esposa, você esteve questionando se era mesmo Zabdiel, ou um de seu grupo, que transmitiu esta série de mensagens em seu nome. Foi o líder Zabdiel mesmo que veio pessoalmente, mas com poucos amigos, e falou a você. Não foi um de seu grupo, mas ele mesmo. Ele queria que soubesse disso.

Alguns de vocês que vieram umas noites atrás, disseram à minha esposa que haviam visto o nome Zabdiel no... foi nos cintos?

Isto está certo, sim.

Eu não sabia que ele tinha um grupo até então, e estive pensando se confundi um deles com Zabdiel em pessoa, conforme ouvi que tais espíritos frequentemente dão mensagens em nome de seu Líder.

É assim. É quase que um costume regular e de ordem. Mas no caso foi o Zabdiel que veio e realizou a serviço por si.

Obrigado, Kathleen. É tudo o que queria dizer?

Sim, Agora pode fazer suas perguntas ao Líder. Ele sabe que as tem em mente, e está esperando para respondê-las.

Muito bem. Primeiro, Líder, revertendo ao tema de seu último encontro, gostaria de perguntar isto: Naquele futuro Departamento de 144000 Redimidos, que papel você mesmo desempenhará? Sinto que haverá alguma conexão com eles de alguma forma. É assim?

Não é insignificante o fato de que aquele número preciso deveria ser selecionado para formar um Departamento celestial novo. Pessoalmente, não sabia de seu número até minha segunda visita a eles, depois de se estabelecerem com Barnabas. Desde então sinto o que você suspeita, que pode haver alguma verdade nisto. Nada definitivo foi dito a mim, pois o tempo de que você fala ainda não veio. Eles ainda precisam de muita preparação antes que emerjam na Luz em direção à qual estão continuamente fazendo seu caminho. Também, a velocidade de progresso é muito baixa e muito retardada, ou seu número, estabelecido com evidente cuidado e capricho, tornar-se-ia sem sentido. Pois se fosse para que avançassem individualmente quando chegassem a merecer avanço, eles acabariam divididos, e o arranjo teria sido por nada.

Como digo, a mim ainda não foi dada nenhuma incumbência concernente a eles e seu futuro curso. Observo seu atual progresso e estou muito contente, e encontro muita alegria no nosso trabalho. O resto espera por decisões daqueles que nos dirigem das Altas Esferas.

Isto, entretanto, eu posso dizer. Você pensa que eu disse o nosso número. Era quinze. Eu lhe contei ali que os Quinze eram feitos de dois Setes e eu mesmo como o Líder. Se pensar que somos dois grupos, cada um com seis, com um Governador, e destes sujeitos a Governo sobre todo o Departamento, então terá nosso complemento completo em Quinze. Será interessante a você observar esta nova Colônia dos Reinos Celestes. Você tomou parte nesta presente início, ou, pelo menos, seu desenvolvimento

inicial, e sem dúvida estará sempre interessado em seu progresso.

Como tomei parte em seu desenvolvimento?

Mas claro, certamente. Você é o instrumento pelo qual uma prestação de contas da presente condição destas pessoas foi dada destas esferas para a terra. As pessoas boas e pensadoras que lerem isto rezarão por eles, e pensarão gentilmente neles, e em nós, seus socorristas. Assim, eles e você ajudarão em seu desenvolvimento.

Temo que ainda não tinha pensado em rezar por eles.

Porque ainda não teve tempo para adentrar na verdadeira realidade daquilo que escreveu até agora. Quando o fizer, rezará por eles, ou eu o estranharei muito. Não, peço que o faça.

Certamente que o farei.

Sim, e quando chegar até aqui verá estas pessoas com seus próprios olhos, e regozijar-se-á por tê-los ajudado assim, porque eles não estarão prontos para um avanço até que você chegue aqui conosco. Ore por eles, portanto, e terá muitos que lhe darão seu amor e gratidão, como ao que deu sua simpatia gentilmente quando eles precisaram tanto, como agora. Fale a eles, pense neles como o Povo de Barnabas.

Por que não pensar neles como o seu povo, Líder?

De forma alguma, amigo, não são meus. Você anda muito rápido. Penso que um dia serão, e espero por este fim, por serem eles como minhas crianças, meus próprios filhinhos, tão desvalidos, recolhidos da morte. Você pode imaginar em seu coração o que isso significa para mim. Por isso realmente peço que ore por eles e mande-lhes gentis pensamentos de amor, assim como a Barnabas e ao Capitão. Sejam todos eles seus confrades, meu filho, e você, através de nós, será posto em contato real com eles. Peça a outros que rezem por eles também.

Obrigado por explicar o que temo haver esquecido.

Sim, e ore pelos outros de quem falamos; por estarem em dor

necessitam de orações e ajuda para soerguê-los - falo do seu outrora Chefe naquela escura Cidade das Minas, e também dos outros de quem falamos a você. Pudesse a população da terra chegar a perceber o que podem fazer por aqueles nos Infernos, e diminuiriam pelas suas preces por eles as doenças que eles mesmos sofrem. Porque, através de elevar estes pobres espíritos mais em direção à luz e atenuando suas angústias, poderia ser diminuído o número e a malignidade daqueles que se lançam à terra para atrapalharem os de mesma natureza que eles e, através deles, toda a humanidade.

É bom para os homens olharem para cima e buscarem a luz. É mais virtuoso olharem para baixo em direção àqueles que têm uma dolorosa necessidade de força para poderem alcançar a saída de suas esferas infelizes. Pois, pense bem, amigo, isto o Cristo fez tempos atrás, e assim Eles fazem hoje.

Que Deus lhe dê generosamente daquela generosidade, meu filho, a qual Ele então enviou para a terra. E possa Ele sintonizar você em espírito e seus atos à mente d'Ele Que trouxe isto. Quero dizer da Generosidade do Pai, a qual um dia Seu Filho trouxe ao homem nesta esfera escura na terra, e o faz hoje, e sempre.

Lembre isto, e escolherá então só o dar aos outros como você mesmo tem recebido, para maior paz e alegria a você.

Nota: as mensagens seguintes a esta continuam na noite de 5 de fevereiro, 1918 e têm continuidade, com uma ou duas interrupções, até 3 de abril de 1919, e estão publicadas no Volume IV de VIDA ALÉM DO VÉU - Os Batalhões dos Céus.

LIVRO IV - OS BATALHÕES DO CÉU

I - O TEMPLO DO MONTE SAGRADO

Terça, 5 de fevereiro de 1918.

Você gostaria que lhe déssemos a descrição da forma e do aspecto do Templo do Monte Sagrado.

Fica entre as Esferas Dez e Onze, e quando dizemos isto, queremos dizer que é visível a partir destas esferas, ainda assim não estando em nenhuma.

Sua origem deu-se desta forma. Épocas atrás, havia muitos que passavam de uma esfera para outra que eram qualificados por treinamento. Mas a Esfera Dez, de certa forma, é o lugar onde são acolhidos e ordenados todos os atributos de poder e caráter que foram ganhos em suas jornadas por aqueles que passaram através das esferas inferiores. Aqui termina um grande estágio de suas jornadas, e o estágio seguinte é aquele onde o progresso é feito de uma forma de evolução de certo modo diferente do que o desenvolvimento alcançado até aqui.

Até aqui, os deveres cumpridos pelos Espíritos em sua evolução foram, como um todo, de qualidade protetora e fortalecedora. Você poderia chamá-los de Anjos Guardiães, talvez. Esta ajuda verdadeiramente evolui e torna-se de um tom mais espiritual conforme eles sobem mais alto. Mas essencialmente é de mesma ordem, apesar do aspecto ser diferente em sua aplicação sobre aqueles que são tutorados e ajudados, ambos na esfera da terra e em todas aquelas esferas intermediárias até a Décima.

Mas aqueles que entram na Esfera Onze assumem agora outra série de deveres. Seu serviço agora se volta ao que é Criativo. Começam a aprender os grandes mistérios do Universo da Vida, agora não mais quanto ao poder operativo como manifestações mais exteriores, mas quanto à sua potência

íntima, como é encontrado mais junto aos Mais Santos que já quase habitam a Casa do Pai. Portanto eles acrescentam as maiores às menores qualidades já assimiladas por suas personalidades e, tornando-se sintonizados por degraus à esfera acima, preparam-se para a o avanço ao reino onde a Criação descortina-se a eles em toda sua imensa panóplia de poderes e beleza majestática.

Este é um dos usos daquele Templo e sem dúvida o principal, e os outros não temos necessidade de mencionar por agora. Porque você preferiria que tentássemos descrever-lhe sua planta e elevação. Tentaremos fazê-lo, mas tenha em sua mente que, tanto nesta descrição de seu uso quanto nesta nossa descrição de seu aspecto, falaremos muito imperfeitamente, porque o Templo não está ali para coroar uma Esfera material, mas uma de substância espiritual, como também a atmosfera espiritual e o ambiente intensificados dez vezes mais pela sublimação. O que isto significa em termos de dinâmica e potencialidade de forças não paramos para avaliar, porque falharíamos ao fazer qualquer explanação a você em seu vocabulário terrestre.

Este Templo foi levantado com o propósito de mesclar as duas esferas, com seus vários aspectos de serviço, juntas. Aqui, então, aqueles que estão quase saindo de uma para a outra são postos juntos e habitam aqui usualmente por um período prolongado, indo, de vez em quando, para a Esfera Dez e as inferiores, no seu serviço de assegurar ajuda, ou proteger, ou instruir, ou desenvolver aqueles que habitam ali.

Mas também começam a acompanhar os da esfera superior em suas missões na esfera Onze. No princípio não vão muito longe, nem por longo tempo. Mas conforme vão se fortalecendo e sintonizando-se com as pulsações mais sutis daquela esfera, então seguem mais adiante para o interior, e ficam ali mais e mais tempo. Retornando, descansam no Templo, e, talvez, no ínterim, vão às esferas inferiores para cumprir deveres de

trabalho ali. Você já recebeu a descrição de uma destas missões enviadas numa jornada através dos reinos mais baixos e nas trevas mais profundas. Aquela nossa missão, amigo, foi um teste severo, porque englobava em sua totalidade, não uma ou duas, mas toda a gama de esferas entre a terra e esta, e também invadia aqueles locais mais distantes. Este foi um extenuante teste de resistência, adaptabilidade de condições e de sintonia de nossas mentes, tanto quanto de nossos corpos, para lidarmos com problemas há tanto tempo afastados de nossa condição normal e do temperamento de vida e de serviço; este foi o intento. Meu teste final foi no Templo e estava pronto para avançar em direção à esfera Onze, e para meus bons amigos que foram para mim uma companhia, também foi um teste para seu avanço da Esfera Nove para a esfera Dez, e para dois deles da esfera Dez nesta direção, para serem habitantes do Templo.

Também você notará uma certa significação no fato de que fui encarregado de ir e agrupar aquela multidão de pessoas na escuridão completa (*O Ministério do Céu", Livro III, cap. IX*), e trazê-los em direção à luz, como um teste final de trabalho antes de minha chamada para a série de esferas onde a faculdade Criativa é acelerada e treinada. Não havia entendido então, nem agora ainda, porque minha iluminação apenas iniciou, e parece que já vejo um pouquinho das glórias que estão adiante para aqueles que uma vez estiveram em tão doloroso transe, e que agora estão quase chegando ao alívio, e finalmente sendo capazes de saber o que é a felicidade para aqueles que vão em direção do caminho apontado.

Então você passou da Décima para a Décima Primeira Esfera?

Não em permanência ainda. Ainda sou um habitante do Templo, mas mais e mais sintonizo-me com as condições da esfera Onze. Tantos são os itens que perfazem a soma de nossa vida aqui, e que contudo são de muita importância ainda, que enquanto hesito ao superar um deles, você não teria nem tempo nem material para escrever uma milésima parte deles. Aqui está

um:

O período de residência naquele Templo é quase sempre um longo período. No meu caso será mais longo que o da maioria. Por esta razão: eu tenho tutelados (quero dizer o Povo de Barnabás) para observar, para auxiliar, e para conservar no caminho do progresso. Devo, de vez em quando, visitá-los pessoal e visivelmente; devo portanto manter-me em boas condições para condicionar-me rapidamente não para alguma esfera uma ou duas vezes afastada de meu atual reino, mas para uma bem distante, nos escuros confins do espaço, para dizermos assim.

A minha tarefa é, portanto, dobrada. Fico aqui no Plano Intermediário, e devo manter uma mão estendida para cima para captar, e a outra estendida para baixo para doar. Bem, bem, eis aí, amigo, não é necessário que eu me alongue. Você entenderá o que quero dizer.

Zabdiel passou para a Esfera Onze, não foi?

Sim, no que diz respeito a seu principal trabalho. Mas ainda ele vem ao Templo em ocasiões e, sintonizando-se uma vez mais ao seu antigo estado, passa adiante em direção à terra em alguma missão naqueles planos inferiores da vida. Retornando, passará pelo Templo a caminho de seu próprio local de servir.

E agora é suficiente, para esta ocasião, de falarmos de condicionamento e do ambiente. Deixe-me contar-lhe do Templo em si. Mas paremos por agora; você está desgastado em suas forças.

Mas antes de eu ir, Líder *("Os baixos planos do Céu", Livro I*), eu gostaria que dissesse seu nome. "Líder" é o único pelo qual o conheço, e para mim ele não é muito recomendado.

Bem, bem, meu filho, pode ser que há algo em um nome, ademais, para tudo o você tem de sabedoria, o seu dito. Sou conhecido por outro nome nestas esferas superiores ao Templo. Mas nestas abaixo, sou chamado pelo nome "Arnel". Por isso pode chamar-me assim também, se lhe agrada mais,

meu amigo.

Minha mãe havia me dito de alguém chamado "Arnol" (*Foi nesta sessão que Arnel pela primeira vez afixou seu nome, e daqui em diante assinou cada uma das comunicações, sempre acrescentando o sinal da cruz*).

Não há no abecedário terrestre letras que transcrevam os nomes celestiais, para colocá-los em forma terrestre. Eu sou aquele de quem sua mãe falou - escreva com uma ou outra letra, como queira; será suficiente que você me conheça por este nome daqui em diante. Isto lhe satisfaz - devo dizer que é "recomendado" agora, meu filho?

Isto é uma crítica a mim, senhor. Bem, posso admiti-la.

Sim, deve admiti-la, porque agora aqui esteve mais duro, não esteve com um sentimento mais gentil. Então, boa noite - tão estranho está este som nestes meus lábios que nunca exalam o ar noturno, quanto meu nome está nos seus.

Arnel +

Sexta, 8 de fevereiro de 1918.

Eu havia lhe dito do uso do Templo do Monte Sagrado. Agora darei uma descrição da estrutura em si, mas não em detalhes, porque não seria possível. Um precipício escarpado eleva-se sobre o campo, e no platô superior está o Templo. Aquela porção dele é vista da planície embaixo, mas uma pequena ala, e não o prédio principal. A multidão ali reunida, e olhando para cima, vê o pórtico e as arcadas das laterais da ala que está de frente para aquela parte. De sua posição mais alta, seu tamanho e os elementos proporcionais de arquitetura são, assim são vistos, tanto majestáticos quanto belos. Entrando pelo portal e passando através dele, viramos à direita e contornamos uma colunata a céu aberto, coberta, porém sem paredes laterais, que contorna o prédio principal ficando à alguma distância dele, interrompida em intervalos quando então é atravessada por

corredores formando cruzamentos, à esquerda, levando em direção ao Templo Central, e à nossa direita levando a outras alas separadas, com seus portais. Todas estas, entretanto, defrontam-se com distritos na esfera Onze, e somente aquela que você já conhece dá para a Esfera Dez. Estas alas, cada uma é devotada para um uso especial, e são em número de Dez. Este número não se refere às dez Esferas inferiores, mas às que estão à frente.

Este número inclui o Portal em frente à Décima esfera?

Não, este é como se fosse único, e refere-se somente às esferas abaixo. Esses dez referem-se à Décima Primeira Esfera e às esferas que se sucedem. Em cada ala há um grande Saguão; e as alas não são idênticas em tamanho, não há duas parecidas. De uma forma que você não entenderia, cada um destes Saguões está imbuído dos elementos da esfera ao qual se referem, e está também em comunhão com aquelas esferas. É aqui que as mensagens são recebidas daquelas esferas, transcritas para a linguagem da esfera Onze, e ali discutidas, ou são mandadas para o distrito ao qual são concernentes.

Também, quando grupos dos habitantes do Templo vão em direção a estas esferas superiores, o contato com eles é sempre mantido nestas Alas e, conforme vão passando de uma esfera à outra, assim a ligação é mantida pelas alas em contato com a esfera para qual foram enviados em sua jornada.

Viramos à esquerda por um destes corredores que cortam a colunata circular. Ele passa através de pátios e jardins e bosques, todos maravilhosamente mantidos, contendo fontes, estátuas, lagos, caminhos de variadas cores de mármore, árvores, templos - alguns em réplica dos templos de esferas distantes, mas não em tão grande escala. E finalmente chegamos ao conjunto principal de prédios.

Este também têm dez Portais, porém não dão para corredores, mas são, cada um, equidistantes entre dois corredores, enquanto esses terminam na parede do conjunto principal. Estes Portais ficam nestas seções de espaço

que ficam entre dois dos corredores, e que se estendem para longe. Na terra você chamaria cada uma destas seções de parque, porque o Templo é muito vasto em área, e também a Colônia dos moradores do Templo - eles são em número de muitos milhares e cada um tem suas acomodações, casa e jardins.

Pararemos diante do Portal que está entre as Alas das Esferas Doze e Treze - elas não são numeradas assim aqui, mas vou chamá-las assim para não haver confusão. Há um amplo terraço aqui, saindo de cada lado do Portal, passando alto sobre magnificas terras que se estendem em torno das montanhas que fazem sentinela no horizonte distante e que marcam a própria fronteira da Esfera Onze - pois o Templo está construído meramente nos planos exteriores daquela Esfera. O Portal dá para o terraço, e projeta-se para além dele, para a praça, aonde o acesso é possível por degraus deslumbrantes de âmbar, emanando de si uma luz que encontra a luz de fora numa mescla que muda de acordo com a personalidade daqueles que estão ascendendo os degraus naquela hora. Aqui, você deve lembrar, tudo o que vocês chamariam de morto ou inanimado responde a tudo o mais. A pedra é afetada, e também afeta, pelo verde e as árvores; as árvores são afetadas pela presença das pessoas de acordo com a natureza de ambos, pessoas e árvores. Assim é com as casas e todos os prédios.

O Portal em si é de muita beleza. Não é arredondado nem quadrado, mas de um formato que não lhe é possível imaginar. Se eu dissesse que não é tanto uma forma, mas um sentimento, você pensaria que estou falando em alegoria. Ainda assim é permanente com a permanência mais perfeita que a de qualquer prédio da terra. Chame de madrepérola, ou vidro líquido, em substância, e será suficiente.

Passando por ele, chegamos a um espaço amplo e oblongo, coberto com um teto trabalhado em treliça, entrelaçado com plantas e flores, algumas das quais não têm suas raízes no solo, e outras são plantadas nele. Mas devo

apressar-me. Adentramos finalmente no Grande Saguão do Templo.

É aquele no qual você viu o Cristo no final de sua jornada?

O mesmo. Não tem teto, tal como você conceberia como teto. Mesmo assim não é aberto ao espaço. As torres em arco, altas e majestosas, elevam-se até o lugar onde estaria o teto, e são suportadas por pilares de cristal multicolorido. Mas seus arcos terminam numa fila sobre a qual está o que tem a aparência de uma nuvem de luz, mas uma luz de qualidade tal que é impenetrável àqueles que, na maioria, reúnem-se ali. A nuvem-teto não está sempre de uma cor só, mas muda de acordo com a maneira pela qual a cerimônia prossegue no Saguão abaixo.

Eu já lhe contei sobre o Altar e a Sala do trono atrás dele. Em torno dos lados do Saguão há outras salas como aquela. Uma é a Sala de Vestir. Agora pode parecer muito semelhante à terra. Mas fá-lo-ei saber que Vestir como aqui se denomina não é meramente a mudança de um casaco ou capote, mas uma cerimônia de espécie muito especial, momentosa. Deixe-me contar-lhe.

Há ocasiões em que as transações realizadas no Grande Saguão são carregadas do poder elétrico das esferas mais avançadas. Nestas horas é necessário que os da esfera Onze, ou qualquer esfera inferior àquela de onde vem a influência, estejam cada um de tal forma condicionado que a corrente vital recebida sobre seu corpo venha em seu benefício e não acabe por feri-lo. Portanto a cerimônia de Vestir diligentemente toma lugar na Sala de Vestir, onde todos são cuidadosamente tratados por aqueles que são especialistas em santidade e poderes, assim sua vestimenta muda para o matiz, textura e tipo requisitados. Isto apenas é alcançado pela personalidade daquele que usa. As qualidades mais íntimas dele são denotadas pelo aspecto de sua roupa. Somente assim alguém pode entrar a salvo naquele saguão e tomar parte na cerimônia em curso.

Pode ser que esteja acontecendo um evento de um grupo a serviço de outras esferas - uma cerimônia de Despedida. Nesta hora a congregação

combina dar influências misturadas em matéria de força para aqueles que para ali foram enviados. Isto é portanto requerido para tudo seja feito de forma que a harmonia da combinação seja perfeita. Estes de grau menor, ou recém-chegados, têm que manter, para este fim, uma sintonia muito cuidadosa na Sala de Vestir, e então poderão doar uma parte de seu ganho aos missionários.

Ou talvez uma manifestação esteja em curso. Pode ser uma Manifestação de alguma forma da Mente Divina, ou de alguém muito Elevado, ou do próprio Cristo. Então tal roupagem é cuidadosamente vista: se fere, ou se não é adequada; então se decide. Mas jamais escutei de terem cometido um erro neste campo. Apesar de que na teoria certamente isto é possível.

Frequentemente, entretanto, os chegados mais recentes ficam enfraquecidos à medida que se aproximam do Saguão, quando a Presença de uma Personalidade muito poderosa ou de alguma influência intensa está espargida por lá. Então retornam por um tempo. É um teste, e através dele encaminham-se ao que é requerido em seus treinamentos. Desta forma não ficam sem a bênção também.

Se você for em direção às montanhas e vir o Templo de alguma colina, ele aparecerá como uma cidade, com as muitas torres e arcos e cúpulas e árvores e parques. E a vista é muito bela por causa das pedras preciosas que emanam sua cintilação e brilham à distância. Porque cada cúpula ou pico tem a estrutura de uma pedra preciosa brilhando e piscando com a luz e a linguagem celestiais - pois cada item dos prédios e cada cor e grupo de cores ou das gemas têm uma significação que pode ser lida por aqueles que habitam ali. Eles próprios não são menos encantadores conforme movimentam-se para lá e para cá através dos pórticos, ou nos balcões ou nas coberturas dos prédios ou nos parques. Eles se mesclam com as outras belezas e glórias do lugar, somando em paz tanto quanto em esplendor.

Porque eles e o Templo são parte um do outro, ou, como já disse antes, suscetíveis entre si, por isso não há desarmonia ali, mas tudo em perfeito porte de agrupamento e coloração. Se me tivessem pedido para dar à Cidade do Templo um nome em apenas uma palavra, eu a chamaria Reino da Harmonia. Porque ali está a união perfeita de som e cor e forma e temperamento dos que habitam por lá.

Arnel +

II - ANJOS GÊMEOS - CRIANÇAS NATIMORTAS

Segunda, 11 de fevereiro de 1918.

E agora, meu filho, gostaria que me cedesse sua mente enquanto tento descrever- lhe um daqueles eventos do Templo os quais chamo pelo nome de Serviço de Despedida e Manifestação, já que ocorrem ambos.

Estavam convergindo para o Saguão Central correntes de pessoas felizes que vieram de todas as partes da Esfera para o Chamado do Mestre do Templo. Eles estavam felizes, apesar de pensativos, porque estavam atentos a esta impressionante cerimônia que aconteceria, e por isso atingiram a mentalização que lhes seria possível fazer para um adiantamento em seu progresso. Pois estas Manifestações são de natureza mística e sacramental, e estamos muito treinados em elevar-nos para atingir as altas influências que vêm da esfera superior, e podemos interpretar o motivo da cerimônia e assim sabermos que benção se pretende compartilhar.

Quando todos estavam reunidos lá dentro, olhei para a nuvem-teto e vi que a cor estava mudando. Quando eu havia entrado era dourada com raias azuis. Agora estava absorvendo e mesclando os matizes que a multidão trouxera com ela, e, à medida que outros mais chegavam, então o vapor vivo e mutante trocava de cor; até que, quando todos estavam ali, ficou de um tom profundo de vermelho aveludado. Isto é o mais perto que posso chegar das suas cores na terra. Mas seu aspecto me dizia que também era influenciado por poderes de grau mais alto vindos de cima e que alguma Presença já estava ali.

Então desceu ali desta nuvem-teto uma garoa destilada de sua própria essência e, caindo sobre nós com uma sensação de doces odores e suaves

músicas, penetrou em nós com um brilho de exaltação e paz que elevou a todos numa combinação tal que nos tornamos não tanto uma multidão de individualizados, como num conjunto de células que formam o corpo de um homem, mas mais unidos na simpatia do amor e no propósito pelo qual estávamos ali.

Então vimos que diante do caminho à frente da Sala do Trono uma nuvem estava se condensando por cima e tomando forma. Agora, tanto quanto possa, contarei deste fato, mas tenha em sua mente que se você o descrevesse novamente a um de meus companheiros desta esfera, apesar de que ele reconheceria este evento que você teria em mente para contar a ele, mas ainda assim ele diria que tal descrição não era verdadeira, por razões como omissão e também pelos nomes inadequados que você daria às coisas que teria que dizer a ele que foram vistas e ouvidas ali.

A nuvem estava tinta de verde estriada com espirais de âmbar em si, e coberta com um dossel azul. Esta nuvem estava constantemente em movimento, e finalmente tomou a forma de um pavilhão imponente cujo teto era do mais profundo violeta azulado e os pilares de verde e âmbar semitransparentes. Havia sete pilares ao todo em torno das laterais e atrás, em formato semicircular, e também dois em cada lado da principal abertura na frente. Estes últimos dois eram de violeta profundo, com faixas espiraladas avermelhadas e brancas no topo. Todos estavam pulsando com a vida daqueles que estavam desejando que esta gema de beleza existisse, e de sua estrutura procedia um murmúrio de melodia muito encantador de se sentir - já que não tanto era ouvido quanto sentido. Frequentemente aqui é mais real sentir o som que, como entre vocês, ouvi-lo.

Então, abaixo do dossel e no meio dos pilares, apareceu uma carruagem com a parte de trás voltada em nossa direção. Podíamos ver as cabeças e os quartos daqueles cinco maravilhosos cavalos na dianteira conforme agitavam suas cabeças e exultavam por sua presença no elevado drama do

qual faziam parte. Eles eram de cor mais clara que a dourada, e suas caudas e crinas eram de um dourado mais profundo. Eram muito bonitos, e suas roupagens de cetim brilhavam quase refletindo as cores do pavilhão.

Então, de dentro da carruagem surgiu às nossas vistas uma linda jovem mulher. Ela estava nos olhando, e percebi toda sua amabilidade e, enquanto a observava, nada mais via a não ser sua grande beleza. Seu corpo era de uma coloração que você não conhece. Chamarei de âmbar, mas não era da mesma tonalidade do âmbar dos pilares, mas mais radiante e transparente, mesmo assim com a aparência de realidade e permanência que eles queriam. Usava um manto de azul suave, mas onde ele recobria seu corpo, as duas tonalidades fundiam-se e tornavam-se um verde delicado. Em seus braços havia duas faixas de metal de coloração púrpura, e em seus pulsos faixas de metal da cor do rubi. Ela usava sobre seus cabelo um pequeno chapeuzinho vermelho profundo com uma estreita faixa branca e dourada, e seu cabelo eram castanho com uma nuance alaranjada, como se fosse tocado por um raio de sol do crepúsculo. E seus olhos eram de azul e violeta profundos.

Agora, enquanto olhávamos para aquele quadro, nós, cada um e todos, sentimos que esta Rainha dos Altos Planos dos Reinos Celestes era uma Senhora de - estou agora em falta, meu filho. Estou desejoso de contar-lhe o que ela significava para nós, o que ela era na realidade em sua Casa, e não consigo encontrar as palavras que traduzam tal conteúdo para que eu use. Espere um momento, amigo, e eu continuarei...

Agora tome estas palavras e transcreva-as: Rainha das Mães, maternidade, um Espírito gerando uma raça de pessoas e trazendo-a à sua própria realização como uma força para o progresso e para o que é bom; alguém que, pela eloquência de discurso, inspira vergonha naqueles que estejam dormentes e não progridem e, com risco de tumulto e arrebatamento, incita-os à atividade, enquanto verte sobre todos um

sentimento das eternidades distantes concretas e presentes, quando todos se harmonizarem e forem absorvidos, uma majestade de paz; intrepidez e pureza, onde nenhuma vergonha pode advir do desamparo, e a fascinação da beleza está toda na santidade e na piedade e no amor. Resuma tudo na única palavra "Rainha", e você terá tudo o que posso transmitir do que foi aquela visão para nós em sua mensagem.

Aí ela se virou e tocou levemente com sua mão cada um dos dois cavalos mais próximos dela, e eles, num giro, encararam a multidão. Então, desceu da galeria, no extremo oposto do Saguão, um jovem que andou pelo meio das pessoas e ficou diante do pavilhão. Ela sorriu para ele, e ele foi para a parte de trás da carruagem e subiu, ficando ao lado dela, e eles dois observaram a beleza de cada um deles, e em retorno, um para o outro, inclinaram-se numa mesura de ternura, enquanto ficavam ali, sensíveis, coração a coração, num chamado de amor e aspirações santas.

Poderia descrever este jovem, senhor?

Ele era uma mulher em cópia masculina. Um era o complemento e a contraparte do outro. Em somente uma parte, ele parecia não ser semelhante. Sua roupa era de um matiz ligeiramente mais acentuado. Não notei de momento nada mais marcante que diferenciasse um do outro. Até mesmo o sexo estava expresso mais no espírito que corporalmente. Apesar disso, na forma ela era enfaticamente mulher, e ele, homem. Apenas para seu propósito.

Eles vieram para encabeçar um grupo daqueles que haviam sido preparados naquele Templo e seus arredores, para liderá-los num empreendimento de ampla concepção, requerendo muita habilidade e poder para apoio. Era para que tomassem seu caminho para um planeta que estava justamente num estágio de evolução no qual o intelecto estava começando e desabrochar por si, e progredindo para uma ordem diferente, do bruto em direção ao homem - mas não seria em direção ao homem como o tipo da

terra, mas não muito diferente, e idêntico no essencial. Este grupo estava assumindo a tarefa de guia no progresso desta raça justamente neste estágio. Não terminariam sua tarefa em sua totalidade, nem em um só lance. Esta era a sua primeira visita aos Príncipes Criadores que conduziram o planeta ao seu atual momento decisivo. Eles retornariam, de vez em quando, para cá, para descanso e aconselhamento. Eles retornariam em grupos, deixando alguns deles para levarem adiante o trabalho, para serem substituídos por outros depois do descanso, e assim gradualmente os afazeres daquele planeta estariam totalmente em suas mãos, enquanto isso, nesta esfera e em algumas outras esferas, outros grupos suplementares estão sendo treinados para juntarem-se a eles quando chegar o tempo da expansão da raça e quando evoluírem ao estágio que requeira mais numerosos guardiães e reitores na administração daquela embarcação, à medida que ela navega os amplos espaços dos céus em seu caminho de névoa para substância, e para as criaturas vivas, e para a inteligência, e, como eu diria a você da terra, da animalidade, através da espécie humana, em direção a Mente de Deus.

Este grupo, que ia receber agora nossos desejos de prosperidade, estava quase completando seu primeiro teste, não no empreendimento criativo - isto seguiria por uma eternidade adiante - mas na fase que, ao contrário, deveria levar eles mesmos às fronteiras do serviço criador - o desenvolvimento da vida já criada para novas formas de ser - que em si é criativo em princípio, e na realidade é um departamento das criações menores, mas não de criações novas e radicais.

Perceba, meu filho, que nesta Manifestação daqueles dois Espíritos, a mulher veio primeiro na carruagem, na ordem de sequência, e o homem veio depois. Porque a Maternidade é prioridade neste domínio deles, e ainda assim estão juntos e começam juntos, lado a lado e iguais. Isto é mistério: como dois podem ser um, um principal, o outro em segundo, e ambos iguais em unidade. É assim, mas deixarei assim, e você pode pensar nisto; apesar

de que sinta que é verdade mais que raciocine sobre isto ser assim, penso eu.

Então adiantaram-se aqueles escolhidos para esta solene dignidade de conquista no infinito dos reinos espaciais tão distantes e tão aprofundados na escuridão, longe dali onde a matéria está no lugar da substância e do ambiente espirituais. Ah, você pouco sabe daquilo que isto significa para nós, correr da luz dos céus para a densa e cada vez mais densa escuridão, em direção ao abismo distante de estar onde os mundos são materiais, e onde os corpos, emanando faíscas de vida da mesma fonte da qual vivemos, são materiais também. Contudo uma vez já fomos assim. Estranho, mais que estranho, isto, entretanto aqui estou eu e meus amigos para falar com você, você mesmo imerso num corpo material. Mas nós apenas vemos seu corpo espiritual, e com ele nos comunicamos. A senhorita Kathleen, por algum estranho dom dela, vai adiante e toca seu cérebro físico. Ela é o nosso hífen, e uma ligação charmosa entre nós.

Bem, não tenho agora, neste momento, nada mais a dizer-lhe. Você tem perguntas, posso ver. Escreva-as e, no nosso próximo encontro, daremos a s respostas.

Arnel +

Sexta, 15 de fevereiro de 1918.

Você tem mais a me contar sobre a Cerimônia da qual falou na nossa última sessão, Arnel? Se tem, minhas perguntas podem esperar, se assim lhe aprouver.

Como queira, meu filho. Mesmo assim, há uma pergunta que você escreveu que faríamos melhor responder aqui.

Refere-se a esta: De qual raça eram aqueles dois líderes em sua vida terrestre?

Esta mesmo. Agora você deve saber que estes dois jovens anjos são

realmente velhos de origem. Há poucos que alcançam seu poder e autoridade para usá-los num serviço como este que não tenham passado por um longo período de treinamento e evolução. Estes dois são almas gêmeas. Ambos viveram naqueles tempos quando a terra não havia atingido esta atual condição de vida, mas quando o homem estava naquele estágio de evolução que atingiu a raça primeira naquele planeta para o qual eles foram incumbidos. Este período para a terra foi bem longo. Durante este período eles dois passaram pelo estágio do desabrochar da inteligência e chegaram às esferas espirituais. Seu treinamento foi feito aqui, e eles, sendo dois dos pioneiros e mais progressivos de sua raça, foram transferidos de planeta em planeta, cada um mais avançado que o outro, até que retornaram para a esfera terrestre e continuaram seu progresso ali. Neste tempo a terra já atingira seu estágio racional, a fase do desenvolvimento quando o homem atingiu como ser humano o que ele é hoje, mas com menor capacidade de inteligência.

Idade do Bronze ou da Pedra, ou qual?

Foi na Idade do Bronze, como vocês a chamam, para algumas porções da raça, e Idade do Ferro para outros, e a Idade da Pedra para outros. O Homem não evoluiu numa igualdade universal. Você sabe disso, e sua pergunta foi precipitada, meu filho.

Foi quando a terra estava progredindo em intelecto, e isto é tão exato quanto queira que seja. Foi bem antes de Atlântida, ou daquela civilização que os homens chamam de Lemúria. Eles vieram para as esferas sobre a terra; e agora, tendo acumulado mais poder, e também mais conhecimento, e sendo também de um alto grau de santidade, fizeram rápido avanço por estas esferas, e passaram além, para as esferas interplanetárias; e, como creio, para aquelas esferas que são interestelares. Pois tenho em mente arriscar que para alguém como eles não é confiado um trabalho como este ao qual foram enviados, a não ser que sejam familiarizados com aquelas

altas forças que unificam as constelações em suas órbitas, sensíveis umas às outras. Eles não encontraram sua afinidade até que vieram até aqui, e então foram puxados juntos pela gravitação natural da simpatia espiritual, e desde então seguiram seu caminho juntos, subindo juntos as escadarias dos Céus de Deus.

Como eles tiveram contato com os outros planetas? Pela reencarnação?

Reencarnação implicaria numa reentrada à carne de mesma natureza e substância que eles previamente já teriam usado. Se fosse assim, e isso tem sua aceitação, então o termo **reencarnação** não seria compatível para expressar o fato deles tornarem- se condicionados à matéria e a manifestações exteriores de outros planetas que não sejam a terra. Porque apesar de em alguns planetas a carne ser muito semelhante à de seus corpos terrestres, ainda assim não há dois planetas que produzam precisamente o mesmo material para a habitação sobre a sua superfície, e em alguns mundos isto é muito diferente.

Não é somente isto, entretanto, que faria de uma operação como a que você tem em mente não ser uma reencarnação verdadeira, mas seria, talvez não exatamente contrária às leis que governam a cosmogonia interplanetária, certamente seria de natureza tão irregular que poderia ser rejeitada como improdutiva por aqueles que mantêm estes fatores sob sua autoridade, para controlarem a ânsia por avanço das esferas. Não, eles visitaram estes mundos distantes, ambos neste grupo Solar e de outros grupos que visitaram esta terra, e como eu faço agora. Eu voltei para a terra para reforçar meus poderes aqui, e vou para outros planetas, agora e novamente, de certa maneira buscando um maior conhecimento de Deus, Sua sabedoria na criação e na condução dos mundos. Mas não tomo para mim a condição material deles. Isto apenas seria empecilho. Atinjo sua vida íntima e o real estágio deles, o melhor do íntimo, que é o lado espiritual. De onde estou em espírito, posso aprender mais sobre o que se passa naquele

mundo do que poderia se estivesse encarnado em sua superfície, e com meus sentidos monopolizados pela obrigação de operar através de uma máquina muito mais pesada e mais densa que este corpo de substância etérea o qual, comparativamente, veste o espírito mais levemente. Isto já é suficiente para responder a você a respeito da experiência deles pela analogia à minha, meu filho?

Obrigado, senhor, sim. Vejo o que quer dizer, penso eu.

Sim; você ponderará que, enquanto toda a Criação é única, também a diversidade percorre um caminho muito longo para os elevados lugares do progresso celeste, e somente na unificação torna-se operacional, bem além de nosso conhecimento, o qual, quando olhamos para a frente, percebemos o quão curta foi a estrada que percorremos desde o tempo em que numeramos nosso progresso por dia a dia, em direção àquelas alturas sublimes, expandindo-se pelo infinito, onde o pêndulo da peça do tempo de Deus balança de eternidade em eternidade, e o ritmo da sintonia funde-se no compasso único de harmonia da grande orquestra da dinâmica Criação.

Esta é a escola na qual tenho meu lugar numa forma mais inferior, acabado de sair do estágio de provas que deixei quando entrei nesta atual esfera e no Templo. Estes dois progrediram por esta escola na qual aprendo, e agora adentraram a uma superior. Eles retornam para cá agora, como viram, como professores e líderes de outros que estão no caminho que uma vez eles já percorreram.

Eu estive querendo perguntar-lhe os nomes deles, senhor.

Mas hesitou porque não os daria, como antes já não dei. Bem, eles não têm nomes que você poderia transcrever. Dê-lhes o nome que queira, meu amigo, e estes servirão para identificá-los.

Nem havia pensado nisto.

Bem, pense e diga-me. Seria melhor que você os nomeasse, ao invés de eu fazê-lo, porque sei seus nomes mas não posso transcrevê-los para você.

Não poderiam ser transpostos em suas letras. Como os chamaremos, meu amigo?

Poderíamos dizer "Maria e José"?

Meu filho, você fez o que penso não entender plenamente em seu mistério mais íntimo. Não, não desaprovo. Não. Pois estes são os dois únicos nomes em sua significação dada pela história da terra que servem para chamá-los em qualquer grau. Não seguirei acima disto. Deixe que tenham ouvidos de ouvir. Por estes nomes, portanto, nós os chamaremos, neste caso; Maria e José. Nesta ordem você os disse; nesta ordem ficarão. Seja curioso para observar isto, meu filho; porque tem sua significação.

Parece haver uma grande dificuldade na transmissão de nomes, e também de datas nos períodos da terra. Todos que recebem mensagens de suas esferas parecem achar isso. Por que isto acontece, por favor?

Penso que você confundiu um pouco este ponto, não é, meu filho; não está você agora falando de nomes terrestres uma vez usados, e de períodos terrestres uma vez vividos?

Sim.

Sim. Agora, quanto aos nomes terrestres. Estes são lembrados por um tempo depois da transição pela morte; mas novos nomes são dados aqui e são usados constantemente, para a exclusão dos nomes terrestres. Isto tem o efeito de atenuar o nome da terra, tornando-o obscuro, e finalmente quase, ou totalmente, desaparecido da memória. Não tanto enquanto os parentes ainda estão na terra, mas depois de certo tempo que tenham vindo todos para cá. Então, enquanto as gerações passam, a fila torna-se intermesclada com outro sangue, e a conexão é diminuída em seu raio, até finalmente se perder completamente. Há exceções, mas poucas. Aí, também, no curso do tempo, os nomes ficam diferentes, tanto ao serem soletrados, quanto à pronúncia. Tornam-se nomes diferentes. Mas a maioria deles some da memória conforme diminui o interesse pelo período da terra, e desaparece

com a imediata proximidade do mais atual estágio evolutivo de um espírito, e nesta infinita variedade de experiência aqui é esquecido. Pode ser sempre ser obtido pela pesquisa dos dados, mas raramente vale a pena.

A dificuldade em se lembrar os períodos terrestres é similar e tão desnecessário ao que nos concerne atualmente, quanto ao nosso curso futuro, onde nosso interesse principalmente está. Há também o fato de que retroceder continuamente na nossa periodização da terra e intervir de evento após evento em uma linha tão longa de ligações, isto é difícil, num momento apenas, separar da distante finalização uma ligação em particular e etiquetá-la com a contagem de tempo da terra. É fácil para alguém de vocês lançar uma pergunta para algum de nós que estamos voltados em dar-lhes alguma mensagem, e cuja vontade está toda tensa no esforço e focada na mensagem que quer dar. Não é tão fácil para nós, que temos outras tarefas a cumprir, e que vivemos tanto no presente, fazer de nós subitamente uma nave e navegar para uma pequena parte na nossa esteira onde uma particular marola cobriu nossa proa e que há muito já se tornou plana no fundo do oceano, o tempo em que a embarcação ainda acelerava em seu caminho, enfrentando ondas após ondas do oceano. Conte cada onda como um século, e terá uma ideia do que quero dizer.

E agora, amigo, nossa narrativa deve esperar nossa próxima vinda para ser resumida e para contarmos a você um pouco mais de Maria e José, Anjos Comissários de Deus. Até logo.

Arnel +

Nota: As mensagens dos encontros entre os dias 15 e 22 de fevereiro foram infelizmente perdidas com outras mensagens relacionadas às do dia 18 de janeiro e seguintes. Ver "O Ministério do Céu".

Sexta, 22 de fevereiro de 1918.

O que temos para contar-lhe esta noite, parecerá talvez um pouco

afastado do eixo de nossa narrativa. Mas é necessário reajustar sua visão a respeito de um tema de alguma importância para aqueles que tentarão entender as diferenças que aparecem na vida destas esferas, comparando-se com a sua vida normal da terra.

Falamos do nascimento de crianças nestes reinos, daqueles que vieram da esfera da terra mas não foram dotados de uma personalidade separada individualmente lá. Estas crianças chegam aqui acordadas, e você perceberá que seu primeiro despertar aqui é o que corresponde a nascimento na terra. Jamais respiraram o ar da atmosfera, nem viram a luz, nem jamais ouviram som algum da terra. Em resumo, nenhum de seus sentidos corporais foi exercitado da maneira para a qual foram preparados por sua formação natural. Os órgãos destes sentidos estão, entretanto, quase, mas não muito, perfeitos em sua estrutura. Ainda mais, o cérebro nunca foi estimulado para interpretar suas mensagens. E desta forma a criança da terra tem empiricamente falta das qualidades terrenas, apesar de que as possui em potencial. Estas condições não se aplicam a uma criança que realmente nasceu para a vida da terra, mesmo que tenha sido por alguns momentos, ou até menos, antes que passasse para este lado de cá.

O problema, entretanto, que devem resolver os que tem estas crianças a seu cuidado não é pequeno; porque é necessário que os órgãos sejam trabalhados num progresso natural que possa atender à criança e também para que o cérebro receba sua lição. No caso de um infante com alguns momentos de vida, esta conexão entre o cérebro e os órgãos dos sentidos foi estabelecida e pode ser usada na maturação daquelas faculdades dependentes para o exercitar daqueles órgãos. Mas uma criança natimorta não traz esta conexão, que deve ser feita deste lado. Uma vez feita, o progresso é meramente uma questão de desenvolvimento ordenado, nas mesmas linhas das crianças em geral.

Para este fim, vários meios urgem ser usados. Há o relacionamento

entre a criança e seus pais, e especialmente entre ela e sua mãe. Ele é trazido ao contato com ela em tais condições que ele experimenta o que é tão próximo quanto possível a sensação equivalente ao nascimento. Por este processo, é feito sentir nele sua separação dela corporalmente, e sua individualização como uma entidade separada e completa. Isto é alcançado não por ele obter um corpo de carne, mas por seu ser poder ser trazido a uma associação íntima em seu corpo espiritual com o corpo espiritual de sua mãe. Isto não efetua um primeiro contato tão perfeito entre o cérebro e as faculdades orgânicas como o nascimento natural, mas estabelece numa maneira definitiva o relacionamento do parentesco terrestre, e dali em diante a criança é mantida em contato com sua mãe para que possa, conforme cresce até a maturidade, ser como as outras, tanto quanto seja possível alcançar. Ainda, sempre há uma pequena diferença entre tais crianças e aquelas outras que nasceram na terra. Elas têm lacunas em algumas das virtudes mais duras e, por outro lado, são mais espirituais em sua personalidade e aparência. Mas à medida que as crianças nascidas na terra progridem em seu desenvolvimento espiritual, as crianças natimortas desenvolvem seu conhecimento da terra pelo contato com suas mães, e mais tarde com seus parentes, então a diferença é minimizada até que sejam capazes de associar-se em termos quase iguais de amizade amorosa, e de ajudar na mútua doação do que cada um precisa.

Assim os nascidos na terra são amadurecidos na doçura, e os outros são fortalecidos no caráter, e, sendo ambos incluídos numa comunidade, infusam um elemento de variedade que é tão agradável quanto é proveitoso.

E muito frequentemente este desenvolvimento não é suficientemente avançado que seja seguro expor a criança às influências da terra antes da experiência terrestre acabar e um dos pais é chamado para estes reinos do espírito. Nestes casos a única ajuda que a criança pode dar é a da oração.

Tal parente chega aqui também sem afeição pela criança que havia

amamentado em seu peito, ou sem conhecimento de que a criança exista afinal. Assim a ligação entre eles, fraca no melhor sentido, torna-se mais fraca ainda conforme a criança vai progredindo, e a mãe desce para seu próprio lugar de purgação. E quando chegar o tempo de subir novamente para a esfera onde a criança esperava sua chegada por toda a sua vida na terra, ele terá ido para os reinos superiores e estará fora do alcance dela.

Ele pode ser ciente dela, e mandar sua ajuda que vai ser desconhecida por ela. Mas a ligação do amor caloroso que deveria haver entre a mãe e a criança para uni-los coração a coração não está lá, e nunca poderá estar, no progresso geral da vida celestial.

Contei-lhe isto, meu filho, porque aqui temos notado muita desconsideração entre vocês pela responsabilidade da maternidade no tema de que eu falei. E ainda estas suaves flores, arrancadas antes que o botão esteja completamente aberto para a luz do sol da vida, são tão lindas, e sua ansiedade pela falta de seus próprios pais é tão marcante, que faz com que fiquemos muito tristes ao ver tudo isto. Não que eles sejam de forma alguma infelizes. Não permitiríamos que assim fosse. Mas há uma falta, como disse, e isto só é parcialmente suprido por aquelas queridas mães que não alcançaram a maternidade na terra, e a encontram aqui. Portanto cada uma, note bem, faz presente para a outra daquilo que falta à outra, e recebe o que está esperando em retorno. E isto é muito gratificante de se ver.

Mas, Arnel, por que você inseriu este ensaio neste lugar? Parece não ter conexão com sua narrativa.

Mas claro, meu filho.

Notei aquela questão formando-se em sua cabeça como você a escreveu, e soube que perguntaria em tempo hábil. E não foi sem intenção que escolhi meu tema esta noite. Porque sem tal conhecimento não seria possível entender a Rainha e seu Consorte, a quem nomeamos Maria e José. É do relacionamento deles no longínquo, longínquo passado que lhe falei esta

noite. Pois primeiramente vieram juntos. O frutificar de seu laço de amor você viu.

Arnel +

Note esta assinatura da Cruz. Ela tem muitos fatos de significação; entre eles aquele de Dois em Um. É neste sentido que a anexo aqui.

III - A UNIVERSIDADE DAS CINCO TORRES

Sexta, 1 de março de 1918.

Há na Esfera Dez uma vasta clareira no meio da floresta. É circundada pela mata, de onde chegam para o espaço aberto muitas estradas que levam para diferentes regiões da esfera. Delas ramificam trilhas em todas as direções, que são muito procuradas por aqueles que se apartam das companhias de seus amigos para meditarem e comungarem com os de outras esferas. Linda é a paz que aqui prevalece. As árvores e as flores e os regatos, um lago aqui e ali, com os pássaros e os animais da floresta como única companhia, atraem para cá o aluno para pensar e beber desta atmosfera de paz.

Mas nosso atual tema está na clareira. É tão grande em área que você talvez a chamaria de planície. É cheia de jardins e fontes e templos e prédios colocados ao uso do estudo e da pesquisa. É uma Universidade, mas com tal planejamento que poderia ser uma Cidade Linda. Pois em motivação, aqui a beleza parece igualar-se com o conhecimento.

Não é de formato circular, mas quase oval. Numa ponta do oval projeta-se da margem da floresta um amplo e alto pórtico, flanqueado em ambos lados por árvores, e sobre as árvores aparece uma ala do prédio, com balcões no alto da parede, e dando uma visão bem ampla da floresta. O restante do prédio está encaixado na floresta, exceto as Torres e a Cúpula, que você vê pairando sobre o pórtico e além dele. Se não fosse por eles, não se saberia que lá há um conjunto de prédios, tão densas são as árvores em torno dele.

Há cinco torres - quatro de tamanho igual, mas não de mesmo modelo - e, no meio delas, a Cúpula. A Grande Torre eleva-se mais adiante, e é continuada até uma grande altura, terminando em um lindo modelo. Este é

da forma de uma palmeira celeste terminal, cujas folhas são entrelaçadas numa filigrana que forma uma coroa enfeitada com joias e sobreposta à semelhança de uma constelação de sóis, também ricamente trabalhada.

Tudo isto - as quatro Torres, a Cúpula e a Grande Torre - tem um significado místico que somente aqueles que passaram pelo Templo do Monte Sagrado realmente entendem completamente. Eles explicam aos estudantes da Universidade tanto quanto eles são capazes de assimilar das ocasiões do grande Festival; e alguns dos Mistérios daquele lugar são explicados por Manifestações. Sobre uma de tais ocasiões eu pensei em contar- lhe, mas primeiro serei mais completo sobre o prédio em si.

Além do Pórtico está um lago e andando nos aproximamos daquilo para o que pórtico se abre, e que se estende a alguma distância para a esquerda e para a direita. O prédio principal eleva-se do lago, e todos os seus jardins e agrupamentos de prédios menores são unidos a ele por pontes, a maioria coberta. A Cúpula cobre um saguão que é usado para a observação. Este trabalho não é como o que se faz nas alas do Templo do Monte Sagrado para o envio de ajuda e para a manutenção da comunicação, mas é para simples estudo das esferas. Este estudo é elaborado pela classificação numa ciência que é continuamente progressiva, porque as esferas estão sempre se reajustando em seu relacionamento de cada uma com as outras. Portanto não há término na busca do conhecimento nestes reinos celestes.

As quatro Torres têm cada uma um conjunto de prédios próprio. Não posso dar- lhe os nomes, mas você pode transcrevê-los como a Torre da Vida Dormente, a qual você chamaria de mineral; a Torre da Vida Sonhadora, que você chamaria vegetal; a Torre da Vida Despertando, a qual você chamaria de animal; e a Torre da Consciência, a qual você chamaria de humana.

A Grande Torre é a Torre da Vida Angélica, que observa todas as formas de vida abaixo dela em grau de progresso, e também coroa todas

elas. Pois em direção à ordem Angélica está se movendo toda a criação inferior.

Estas Torres são servidas pela Casa da Cúpula, e para ela eles se voltam por algum item especial de conhecimento que necessitem em seu trabalho de pesquisa e classificação. Eles contam com os poderes gerados na Casa da Cúpula para ajudá-los naquelas matérias.

As quatro Torres são de estilos diferentes, e você saberia rapidamente, quando olhasse para elas da planície, qual ordem da Criação querem descrever. Elas foram desenhadas para este fim. O trabalho realizado dentro delas infusa cada um em sua característica peculiar, e daquela infusão o desenho emerge e torna-se o padrão disposto externamente.

A Grande Torre é muito agradável de se ver. É de uma cor que não há na terra; mas chame-a de alabastro dourado recoberto de pérolas, e terá uma ideia dela.

É quase como uma fonte ampla e esplêndida de gemas líquidas em perpétuo movimento. Mas ao invés da água caindo, ali se dá a harmonia de uma música sussurrada, de tal forma que ninguém pode se aproximar do prédio sem que se modifique, quase para um encantamento em êxtase, pela influência que ela emana sobre tudo.

As águas também são lindas, já que dão voltas em torno dos canteiros em flor; e aqui há um córrego, e ali há um lago no qual as Torres, ou a Cúpula, ou alguma preciosidade da arquitetura, é refletida, e permanece em plácida e repousante beleza, como uma criança angelical em seu berço, por assim dizer a você. Vou levá-lo para a Grande Torre, e perceba um pouco de suas qualidades.

Ela não tem um prédio amplo em sua base, mas lança-se por igual desde suas fundações. Ficamos em seu interior e olhamos para cima, e você paralisa pela admiração. Não há chão ou teto entre você e o céu acima. As paredes sobem e sobem e sobem - é quadrada - como um precipício; até o

topo parece colocado nos céus entre as estrelas. Bem distante aparece a beira da Torre, quase que além da Torre em si, de tão alta que é.

Mas as paredes não são vazias. A Torre é construída de paredes duplas, e nos quatro lados há salas e saguões e habitações dos Anjos. Assim que se olha para cima, pode- se ver uma porta, e então um balcão ou janela suspensa, ou uma ponte ligando uma habitação a outra, numa curva para fora no espaço, ou para dentro novamente para sua destinação. Ou uma linha diagonal na parede mostrará onde um lance de escadas vai de uma casa, ou local de lazer, a outro local. Até mesmo jardins há ali, plantados em amplos canteiros saídos das paredes laterais da Torre. E tão alta e tão larga é esta grande construção que estes itens, que são de proporção espaçosa quando se aproxima deles, mesmo assim não impedem a visão do céu acima, nem alteram o contorno da abertura no topo.

E quando se olha em torno, vê-se como a luz altera e se mistura, e intensifica ou desaparece nas diferentes partes da ascensão. Desta forma, em uma casa, conforme o que ela forneça para o bem da Torre, lá parece que brilha o sol do crepúsculo. Em outra, o sol da manhã parece estar surgindo e iluminando o jardim no terraço, com suas belas árvores
verdes e arbustos, com o lampejo do pôr do sol. Em outra parte da estrutura há um aspecto, um sentimento mesmo, de aurora numa fresca manhã de primavera, com os passarinhos cantando e a ondulação dos córregos na montanha para os prados abaixo - já que a água corrente não está ausente aqui neste lindo lugar.

Música, também, vem de uma ou outra habitação, às vezes de várias ao mesmo tempo, e mesmo porque o interior do prédio é tão vasto, um tema melódico não invade outro.

Agora, do que lhe disse - e é apenas um pouquinho do todo - você pode deduzir que se estava em algum lugar onde a inatividade era o principal residente, e a tranquilidade o principal motivo de sua fundação. Mas retome

em sua mente ao nome que dei a estas Cinco Torres e verá que não é o caso. Esta Grande Torre supervisiona o trabalho das outras quatro, e a Cúpula puxa daqui o poder requerido para a tarefa. Aqui residem Anjos de elevado grau, num vai e vem de reinos muito altos para darem de sua força poderosa e de sua experiência ampla, para auxiliarem aqueles que agora buscam acertar o passo no caminho que eles trilharam antes, eras atrás. Estes que habitam nas Quatro Torres e na Casa da Cúpula estão fazendo, na presente eternidade, o que eles mesmos fizeram nas eternidades já passadas, cujos cidadãos passaram pelo ciclo de progresso e deixaram seu lugar para ser ocupado pela raça atual.

Você perceberá também que mesmo que seja mais avançado seu trabalho, ainda é o de amparar, e não o de criação de coisas, estando ainda na esfera Dez. Mas conduz para adiante, e este é um dos lugares mais altos em graduação da Esfera Dez.

Você passou por esta Universidade, Arnel?

Sim, passei pelos cursos de todas as quatro Torres; este é o caminho usual.

E a Casa da Cúpula?

Ali não entrei como estudante, fiz este trabalho em outro lugar. Passei pela Quarta Torre a serviço de um dos Príncipes da Torre dos Anjos. Foi ele que me treinou para atuar no Templo, e ele também, como descobri desde o meu retorno, mandou de seus poderes para ajudar quando estive nos locais mais escuros dos Infernos. Ele prestou este auxílio somando ao dos outros cujo trabalho próprio era este.

As bênçãos de Deus, meu filho.

Arnel +

Segunda, 4 de março de 1918.

Dentro do distrito da Universidade das Cinco Torres há muito

movimento, mas nenhuma pressa. Ao longo dos canais, barcos surgem das alamedas que levam às águas centrais, e levam seus viajantes para as regiões dos vários prédios. Nos terraços e escadarias que descem para o plano das águas há milhares reunindo-se, cada grupo que chega acrescenta em alegria porque trazem com eles a expectativa de alguma grande Manifestação. Estes foram convidados para virem até aqui pessoalmente. Pois não são todos os habitantes da Esfera que podem vir a estes confins, mas somente aqueles que estão já evoluídos o bastante.

Estando aqueles milhares já reunidos, aí chega uma linha melódica da Torre dos Anjos, e todos prestam atenção para verem o que se seguirá. Eu vou descrever esta Manifestação na ordem.

Conforme a música aumentou de volume, a atmosfera acima da Torre formou certa névoa, mas não escureceu tanto que a transformasse. Tornou-se mais transparente, e parecia fluir para cima e para baixo, e para fora e para dentro sobre si mesma, como vidro
líquido de muitas cores.

Neste instante ouvimos vozes que acompanhavam a orquestra de Anjos. Eles estavam cantando um Te Deum ao Um Único, e para Seu Cristo, Que estava por se manifestar a nós em alguma fase de Seu Ser.

Poderia me dar o tema da música deles?

Não, isto não seria possível; vou dar-lhe uma versão dela, tão boa quanto posso. Aqui está:

"Nós, que ouvimos a Vossa Voz distante, conhecemos Vossa arte por Ele, de Quem vem a Melodia, porque, em Vosso Mundo, as eternidades levam em direção à Beleza.

"Nós que vimos Vossa Face em Seus olhos, Que sozinho nos mostrou o Senhor, sabemos que Vossa arte é sem forma, e ainda que de Vossa Mente tomou Forma, aquela beleza não deveria seguir nua, mas vestida em roupagens cujo tecido é a luz e sua costura a sombra.

"Nós, que sentimos que Vosso Coração está batendo, sabemos que a Beleza é assim concebida para nós porque Vossa arte é a todos Amor; e nenhum amor é, que não seja Vosso.

"E de toda a Vossa Beleza apenas podemos conhecer através da Beleza de Vosso Cristo, Que se manifestará a nós, Vossa emanação, na forma que Vós nos destes a ter.

"Inclinamos nossa cabeça em adoração a Vós, pois de Vós somos, e sempre olhamos a Vós, Centro de Vida e Ser. Atrás desta vida exterior Vossa esconde-se Vosso brilho que jamais nos ferirá.

"Assim, o que Vós podeis mostrar-nos de Vós, dá-nos agora a nós, que estamos esperando Sua chegada... e... Sua... Paz".

As últimas palavras foram cantadas muito lentamente, cadenciadamente, e então todos fizeram silêncio e, inclinando a cabeça, esperaram.

Então ouvimos Sua voz dizendo, "Paz", e elevamos nossas cabeças e vimos que Ele estava em pé diante da entrada da Torre dos Anjos. Diante d'Ele estendia-se uma longa escadaria, muito ampla, para baixo até o nível da água, e, ajoelhados nos degraus, havia uma grande número de Anjos. Estes residiam na Torre. Eram muitos milhares no total. Só Ele estava em pé, bem distante do grande arco redondo que dava para a Torre, e, atrás d'Ele, estava outra multidão de Anjos de mais alto grau ainda, que esperavam por Ele em Sua chegada.

A Torre agora cintilava como uma chama viva, e lançava chispas de seu fogo para a atmosfera, até que as águas tremeluziram, luzindo como a Torre, parecendo ser iluminada com seu calor.

Então Ele elevou primeiro um pé, e depois o outro, e ficou suspenso. E olhamos para o topo da Torre e vimos que a coroa havia mudado, já que agora parecia uma coisa viva. O trabalho em filigrana estava todo em movimento e, ao olharmos, vimos que a coroa de folhas de palmeiras estava

rodeada por grupos de anjos. Eles sentaram em filas ao longo das folhas, e ficaram em curvas sobre o círculo da base, reclinaram sobre os relevos de pedras preciosas. Cada fio da coroa tinha um grupo de anjos, e cada joia seu grupo de serafins, brilhando e flamejando como labaredas de fogo.

Lentamente, todo o topo da Torre destacou-se e moveu-se em direção ao espaço acima do ponto onde Ele e Sua companhia estava. E aí flutuou devagar para baixo, até que permaneceu sobre o pavimento do terraço. Dentro havia milhares de Anjos já, e também fomos convidados para atravessar o córrego de água e entrar.

Quando cheguei à ponta da escada encontrei uma corrente de pessoas, elevadas num êxtase de alegria, entrando no palácio recém disposto. Agreguei-me a eles e entrei nada temendo, tudo era calma e tão pleno de paz e alegria.

Dentro, a Coroa era como um grande hall, muito alto e adornado com pedras preciosas e joias da base ao teto. O espaço aberto estava agora coberto com uma névoa iluminada, a qual fez o ambiente sustentar-se. As paredes subiram verticalmente para um espaço, e então arquearam sobre si formando arestas entre as abóbadas, e encontraram-se no centro em seu ponto mais alto numa joia grande da cor da safira. Ela era de cristal transparente e tinha a formidável qualidade de refletir os céus de fora, mostrando quem vinha vindo para a esfera e quem saía. A Coroa foi assim remodelada à proporção que descia, porque das outras vezes era quase aberta ao céu acima.

Quantos estavam presentes?

Não sei dizer. Mas os que vieram com Ele devem ter sido pelo menos um milhar e meio, e nós, convidados, não éramos menos que seis vezes este número. Lá estavam os moradores da Torre, que eram em número de uns três mil, geralmente. Era uma grande assistência.

O objetivo desta Manifestação foi a instrução como a ciência daquela

Universidade. Eu havia dito a você o que era. Havíamos procurado nosso trabalho de pesquisa, e acumulamos muito material, e agora Ele viera para mostrar-nos como tudo era coordenado com a sabedoria de Deus, conforme se progride para as esferas acima.

Poderia ser mais explícito, Arnel? Isto é muito genérico.

Sim, é, meu filho, e sinto muito; mas temo que não possa tornar isto mais simples a você. Tentarei.

Para não cansá-lo demais, direi de uma vez, Ele veio daquela vez como Verbo Divino manifestado. Você sabe que Verbo foi Quem, quando os mundos estavam sendo criados, foi constituído como o Meio por Quem a energia da Vida de Deus tornou-se modificada e condensada naquela via láctea afora, na qual a matéria foi trabalhada e estes mundos foram modelados. O Verbo foi o Agente de Criação. O Pai pensou através do Verbo, e Seu pensamento, em sua passagem através do Verbo, tomou forma de matéria.

Este foi o nosso estudo por um longo tempo atrás, e era para que nos ligássemos inicialmente ao estudo do parentesco, mas mais profundo, nos reinos sobre nós, que o Cristo veio agora para nos explicar um pouco mais do que aprendêramos do Verbo em Sua relação como o trabalho do Pai na criação do Universo. Mas mais que isto não posso transmitir a você.

Poderia dar-me a descrição d'Ele, como Ele veio desta vez?

Ficou suspenso no meio do Hall da Coroa da Palmeira, e assim ficou. A princípio não entendi porque teria de ser assim. Mas conforme a Manifestação continuou, vi que qualquer outra posição não poderia estar harmonizada com Seu tema. Não foi meramente uma pose para ensinar pela visão. Foi por causa do Seu tema que Ele ficou levitado no espaço e, enquanto continuava, Ele se elevou mais até que ficou ali, no meio entre o chão e o teto. É da dinâmica destes reinos, não um caso de escolha, mas de ordem científica.

Mais ainda, os Anjos que preenchiam a Coroa do lado de fora eram agora vistos sobre tudo, paredes e Cúpula, dentro, joias vivas que cobriam as paredes como uma tapeçaria viva.

Você quer que eu o descreva a você. Sua roupa era uma túnica até os joelhos, de verde líquido, Seus braços nus, sem roupa nem joias. Uma joia somente Ele usava. Seu cinto sobre Sua cintura era fechado com uma fivela, e a fivela era uma pedra vermelho-sangue brilhante. Ficava no meio de Seu quadril, e nisto há uma poderosa significação, se pensar nisto. Pois, apesar de jamais apartado do Um de onde Ele veio, mesmo assim, em Seu trabalho nestas esferas distantes da Presença do Pai, é uma verdadeira separação. Ele sai adiante, como se de Seu próprio poder, para a batalha com mundos, e deve forçosamente virar Sua face para fazê-lo. Pois Sua vontade deve ser projetada para fora do espírito para a matéria. Isto é o mistério da colocação do rubi. Eu não teria dito isto, mas vi a pergunta em sua mente.

Não tinha manto. Suas pernas estavam nuas abaixo da túnica, e Seus membros e face eram os de um jovem príncipe no pleno poder da masculinidade juvenil. Seu cabelo era solto, partido ao meio, e caíam sobre Seu pescoço em madeixas castanhas onduladas. Não; não posso dizer a cor de Seus olhos - nenhuma que conheçam. Sua mente está cheia de perguntas sobre Ele, meu filho. Estou tentando me manter emparelhado com você nisto.

Bem, quando fala d'Ele sempre sinto que quero saber mais de Sua aparência, como se pudesse ajudar a mim e a outros a conhecê-lo melhor - Ele em si.

Entendo bem. Mas, acredite-me, meu filho, chegará a saber apenas pouco do todo que Ele é enquanto você estiver na esfera da carne, e um pouco mais quando estiver onde estou agora, tão grande Ele é, tão distante de qualquer fórmula que sua limitada teologia do Cristianismo ensina. Eles tentaram aprisioná-Lo e confiná-Lo em palavras e frases, porém Ele não

pode ser assim contido. Ele é livre nos Céus de Deus, e todo o mundo é apenas um grão de areia no chão de Seu Palácio. Contudo há alguns de vocês que não dariam a Ele a liberdade, nem mesmo a de um pequeno átomo. Não seguirei adiante com isto.

Mas, Arnel, em que acreditava quando esteve aqui na terra? No que acabou de escrever eu acredito. Mas acreditava nisto quando esteve aqui, senhor?

Não, para minha vergonha; pois os homens não tinham então libertado a si mesmos das correntes das palavras, nem mesmo o tanto que agora fizeram. Entretanto, meu filho, acredite-me, fui além do âmbito de minha igreja, e preguei o amor numa extensão mais ampla da que eles permitiriam. E por isto sofri. Eles não me mataram, mas insultaram-me e fizeram com que me sentisse muito só, mais só do que às vezes você se sente, meu filho. Pois há agora mais o que o mantenha acompanhado do que havia para mim. E embora eu não tenha alcançado tão longe quanto você agora, ainda assim era muito o que alcancei naqueles dias obscuros. O sol começa a aquecer o horizonte hoje. Era inverno então.

Quando foi isso, e onde?

Foi na Itália, meu filho, na linda Florença. E não me lembro quando, mas foi no tempo quando Deus estava fazendo as coisas serem conhecidas, e os homens estavam começando a pensar pensamentos estranhos e audaciosos, e a Igreja fazia carrancas com uma sobrancelha, e o Estado fazia com a outra, e - bem, morri na meia idade e assim escapei de sua inimizade futura.

O que você era? Um pastor?

Não, meu filho, não fui nenhum pastor. Ensinei música e pintura - eram frequentemente ensinadas juntas naqueles primeiros dias.

Os primeiros dias da Renascença, você quer dizer?

Não chamamos assim entre nós. Mas foi o que foi, sim! Deus começou

a fazer as coisas conhecidas como Ele está fazendo hoje; e quando Ele estende Sua mão para fazer isto, significa que o homem terá que ajudar, com muito trabalho. Mas eles, no trabalho de renovação, não estão sozinhos - pense na pedra de rubi em Seu cinto, meu filho, e ponha no coração para Sua companhia.

Arnel +

Sexta, 8 de março de 1918.

Quando estávamos todos reunidos, os Anjos que eram seus servidores elevaram suas vozes e cantaram um hino de louvor, e nos ajuntamos a eles em sua adoração. Vejo que você quer que eu lhe dê o motivo do tema. Foi como agora escrevo:

"Ser era, e do coração do Ser veio em direção a Deus.

"Pensamento de Deus, e de Sua Mente Verbo Se tornou.

"O Verbo veio de longe, mas com Ele veio Deus. Pois Deus era a Vida do Verbo, e através do Verbo de Deus a Vida passou para a Forma.

"Assim o Homem tornou-se em essência e emergiu de sua primeira eternidade uma criatura do Coração e da Mente de Deus, e o Verbo deu-lhe o coração dos anjos e a forma de homem.

"Merecedor total é o Cristo Manifesto, pois é Ele Quem, através do Verbo, vem em direção a Deus, e assim declara o propósito de Deus, e Sua vida através d'Ele é colocada sobre a família de anjos e sobre mim.

"Isto é Deus Manifesto, através do Verbo, pelo Cristo, nos anjos e nos homens. Isto é o Corpo de Deus.

"Quando o Verbo expôs o desejo e o propósito de Deus, o espaço exterior tomou o semblante de matéria, da qual a matéria foi feita, e refletiu de volta os raios de luz que vieram de Deus, através do Verbo.

"Este é o Manto de Deus, e de Seu Verbo e do Cristo.

"E os planetas dançaram com a música do Verbo, porque ficaram felizes

quando ouviram Sua Voz, porque somente por Sua Voz poderiam eles ouvir do Amor de Seu Criador, Que fala a eles através de Seu Verbo.

"Estas são as Joias que enfeitam o Manto de Deus.

"Então do Ser veio em direção a Deus, e de Deus veio o Verbo, e do Verbo era o Cristo de Deus ordenado para a Realeza dos Mundos para a salvação deles.

"E nas eternidades o homem vai segui-Lo, depois de jornadas em lugares estranhos, alguns muito desolados, para casa, para Deus, na noite do dia cujas horas são eternidades, e cuja Tarde é agora.

"Este será o Reino de Deus, e de Seu Cristo".

E, enquanto cantávamos, todo o prédio começou primeiramente a vibrar, e então a dissolver, e sumir. E os Anjos, que estiveram sobre suas paredes e arcos, agora formaram grupos que ficaram, cada um ordenado, na frente de sua grande companhia que se estendia atrás dele pelo espaço. Porque todos os céus estiveram repletos de inumeráveis companhias de homens de diferentes raças; e toda a criação estava em torno de nós.

Vimos os Espíritos de homens que estavam no estágio animal, em todos os graus de progresso até o estado atualmente alcançado ao máximo na maioria os planetas. Vimos todas as formas de vida animal, da terra e do ar, e criaturas marítimas em todos os graus de desenvolvimento também, da forma simples à complexa de organismo.

E vimos aqueles seres angélicos, também em seus graus de esplendor, que eram encarregados de povos e nações, e dos animais e plantas em toda sua variedade de ordens. Estas Hierarquias eram mais sublimes, pois os vimos em plena grandeza, e aqueles que estiveram sobre a Coroa eram agora observados por terem tomado seus lugares como membros destes grupos aos quais cada um deles pertencia.

Era um espetáculo preencher a alma com adoração e reverência diante da majestade da Criação, e d'Ele Que ali estava, bem no centro de tudo,

sobre Quem tudo retomava como uma roda em seu eixo.

Entendi então, como nunca antes, que o Cristo Manifesto, tanto no céu como na terra, era apenas uma sombra do Cristo em Si em toda Sua profundidade, somente uma sombra projetada pela luz de Sua Mente Divina sobre as paredes do espaço, e estas paredes foram feitas de grãos de areia espalhados pelo imenso infinito, cada grão um sol com seus planetas. E ainda, mesmo assim, quão belo e cheio de simples majestade era Ele quando O vimos assim manifesto nesta hora. Todo o movimento de todas estas criações estavam refletidas sobre Sua túnica, ou em Seus olhos, ou sobre Seu corpo - cada poro, cada célula e cada fio de cabelo d'Ele parecia sensível a alguma ordem daquela maravilhosa criação disposta em torno de nós.

Vocês viram, entre as várias espécies, aquelas que foram extraviadas, ou eram viciosas ou selvagens, ou repugnantes - tigres, aranhas, cobras, e assim por diante? Estavam lá também?

Meu filho, não chame nada de sujo até que tenha olhado no íntimo. Quando um botão de rosa cresce torto, como alguns homens dizem, torna-se então um espinho naquele lugar, mesmo assim Deus permite os espinhos, e coloca-os a serviço, protegendo a flor, como um guarda-costas zelando pela segurança de sua linda rainha.

Sim, estavam lá, não somente rosas e espinhos, mas todas as formas de criaturas não amadas pelos homens, como os espinhos não são amados por eles, apesar de Deus não tirá-los fora, mas usá-los.

Mas vimos todas estas criaturas que você chama de viciosas e repugnantes, não como as vimos quando vivemos na terra, mas como fomos ensinados a vê-los aqui. Nós os vimos pelo íntimo das coisas, e eles não pareceram assim aos nossos olhos, mas como brotos de uma enorme árvore do progresso natural e ordenado; não maus, mas menos perfeitos: cada classe um empenho de algum espírito elevado, e sua hierarquia de

trabalhadores para expressar uma ideia de algum minucioso elemento no caráter de Deus.

Alguns destes experimentos atingiram maior perfeição que outros, mas até que o Grande Experimento esteja consumado, nenhum anjo, e com certeza nenhum homem, pode pronunciar que um deles seja criação do bem e outro procedente da vileza. Nós, que assistimos do íntimo, ficamos sem respiração diante da beleza daquele imaculado mas extenso manto do Cristo Que, enquanto ficou lá no meio, parecia estar revestido e envolto pela essência destilada de tudo, que O incensava em adoração e reverência profunda.

Naquela hora não éramos mais cidadãos da Décima Esfera, mas de todo o Universo, e pensávamos sobre seus continentes e as visões de suas eras, e falamos com os que planejaram e os que forjaram naquela grandiosa oficina de Deus. E muitas coisas novas aprendemos, e cada nova coisa era uma alegria tal que somente podem saber os que por si mesmos aproximam-se tão perto da criação como nós, que estávamos agora recebendo uma lição mais avançada em nossa escola, para que possamos nós mesmos, como estes Poderosos, caminhar para fazermos como eles fizeram, tão maravilhosamente, sim, mesmo os que fizeram um verme ou um espinho. Meu filho, você que fala levianamente destes, acharia muito difícil ter que fazer tanto um como outro. Não é assim? Bem, sabedoria vem com o tempo, e a sabedoria maior com a eternidade.

Então nós, que assim fomos mandados para a escola, fomos convidados para nos agruparmos novamente para nossa rodada de inquirição, e, à medida que viemos a um centro, o todo dissolveu-se até a invisibilidade, e permanecemos na plataforma diante do Pórtico do Templo da Vida Angélica.

Olhei para cima e notei que a Coroa estava de volta em seu devido lugar, e tudo estava como tinha estado antes da cerimônia haver começado.

Tudo menos uma coisa - porque parece ser uma regra que toda visitação deva deixar algum presente permanente para trás. Assim, vimos sobre as águas do grande Lago diante da Torre um pequeno novo prédio, com o formato de domo, não muito elevado acima da superfície. Era de cristal, e através dele brilhava uma luz de lá de dentro, a qual caía sobre as águas e ali flutuava, não em reflexão, mas em substância. E as águas do lago agora tinham um elemento de poder a mais do que tinham antes.

Pode explicar, por favor?

Não, meu filho, aqui fico; porque não é concebível pela mente do homem na terra. Foi uma ajuda a mais para o nosso progresso no entendimento dos poderes que permeiam os espaços sobre os planetas e seus sóis, e que se tornam aquilo que vocês chamam de luz pela fricção com a atmosfera mais densa, envolvendo-os. Nós trataríamos disto nos nossos próximos estudos na Esfera Onze, e isto era para nos auxiliar naquela matéria.

Arnel +

Você quer dizer alguma coisa, Kathleen?

Sim, quero dizer-lhe o quanto gosto de vir e auxiliá-lo a captar os pensamentos de Arnel e seu Grupo. Eles são tão belos e tão bondosos para mim que é um prazer para mim estar aqui e receber seus pensamentos e entregá-los a você.

Como é isso de Arnel ter vivido em Florença e contudo não fala no antigo Florentino, mas no Inglês Antigo?

Ele viveu lá, creio eu, mas não era de italiano de nascimento. Imagino que tenha sido Inglês, ou pelo menos, um nativo destas ilhas, mas emigrado, ou teve que fugir - não sei qual - quando era jovem. Ele então foi para Florença, e lá ficou. Eu não sei se ele alguma vez retornou para a Inglaterra novamente. Não havia colônia Inglesa em seu tempo.

Você sabe no reinado de quem ele viveu?

Não, mas penso que foi antes do tempo que você tinha em mente quando falou em Renascença. Não estou certa de qualquer forma.

Obrigado, Kathleen. É tudo?

Sim, e obrigada por vir escrever para nós.

Quanto falta para terminar?

Não muito, imagino. Por quê? Quer que termine?

Não, eu gosto muito disto; e gosto de sua companhia, e da deles também. Mas estou pensando se serei capaz de levar a termo; manter a necessária sensibilidade, quero dizer. Há muitas distrações por agora.

Sim; mas será ajudado, verá - como viu com as interrupções. Você não foi mais interrompido desde que Arnel disse que trataria disto.

É certo. Numa maneira notável aquelas interrupções cessaram por completo. Bem, eu quero dizer é seguir adiante até que digam que terminaram. Deus a abençoe, Kathleen. Por agora, adeus.

Boa noite, meu querido amigo.

Kathleen

IV - ALGUNS PRINCÍPIOS DA CIÊNCIA CRIADORA

Segunda, 11 de março de 1918.

Você vai falar de sua experiência e do que aprendeu quando fez seu tour dentre as Hierarquias Criadoras, pela ocasião da manifestação no Hall da Coroa?

Em companhia de companheiros estudantes, ensaiei nos cenários em torno de nós, e logo percebi que tudo havia sido arranjado para nossa conveniência para crescermos em conhecimento tanto quanto nos fosse útil. Tudo fora planejado ordenadamente. Amplas avenidas largas, sumindo na distância, foram colocadas entre as grandes ordens da Criação. Mas, já que nenhuma delas estava inteiramente separada umas das outras, estas avenidas não eram meramente divisões, nem estradas para se atravessar, mas eram por si departamentos misturando-se em ambos lados.

Conforme andávamos nelas, fomos abalados pelo fato de certos princípios serem evidentes, à medida que sejam observados por todos os Príncipes Criadores lealmente. E estes princípios eram essencialmente os mesmos, tanto se fossem aplicados aos minerais ou vegetais ou na vida animal. Este é apenas um raciocínio, quando lembramos que toda a maravilhosa diversidade, tão rica em sabedoria e ingenuidade, conforme disposta nestes departamentos mais evoluídos, desabrochou da primeira agregação simples de elementos, através de longas eras de progresso, primeiro em poucas partidas triviais do simples ao complexo, até finalmente termos a riqueza do flamboyant disposta como vemos hoje em dia.

Deixe-me dar um exemplo para ilustrar o que quero dizer.

Nós vimos, enquanto descíamos uma avenida, como os mundos foram feitos. No lado esquerdo, conforme andávamos, vimos como o pensamento

de Deus, vibrando e pulsando para o exterior, transformou-se gradativamente desde o mais denso elemento até emitir o que chama éter. Aqui pudemos perceber a natureza do movimento, e vimos que era em espiral, pois nenhuma onda reta alcança o topo da espiral, e elas fazem seu curso também numa descendente de forma espiral, mas agora por dentro do átomo do éter. Assim, naquela espiral mais interna, tendo um espaço mais restrito para trabalhar, a descendente fica mais veloz que a de fora. Emergindo da base mais baixa do átomo numa velocidade grandemente aumentada, as vibrações podem, por seu próprio momento, continuar novamente seu curso externo para cima, mas numa contagem de movimento sempre cada vez um pouco mais lenta, até que o topo fosse alcançado e a descensão começada interiormente de novo, e sempre com a velocidade aumentando.

Estes átomos não eram redondos, nem eram verdadeiramente ovais, mas, pela razão do movimento incessante dentro deles mesmos, elíptica. O poder motor de seu movimento autossustentado era a pressão gravitacional exercido do nada, e, se pudéssemos buscá-la em sua fonte, penso que teríamos encontrado que o dínamo do qual procede era a Mente Divina. Você perceberá que eu usei as palavras topo e base e para cima e para baixo apenas por conveniência. Não há base ou topo num átomo de éter.

Agora, eu descrevi isto a você para que possa formar um modelo para quando procurar o átomo do éter em outras substâncias de tipo mais denso. Quando nós chegamos a estes átomos que formam os gases de sua atmosfera terrestre, achamos que também têm um movimento semelhante. Cada um roda em torno de si mesmo de forma precisamente igual à do átomo do éter. Havia diferenças mínimas: a espiral era, em alguns casos, alongada, em outros comprimida; o movimento tinha velocidade maior ou menor. Mas todos estes movimentos eram em espiral, ambos para fora e para dentro dos átomos.

Quando chegamos ao átomo do mineral encontramos o mesmo princípio sustentando.

E o que é verdadeiro no átomo sozinho, também é no átomo em estado de agregação. O movimento dos átomos de um planeta é em espiral. Mas aqui está mais retardado pela condição de densidade da matéria que forma um planeta.

O mesmo também é verdadeiro no movimento dos satélites em torno dos sóis, e dos sóis em torno de seu Centro.

Mas tanto a massa como também a densidade de uma unidade afeta o valor da velocidade. A velocidade do movimento de seus átomos é menor naqueles planetas que atingiram maior densidade que os outros. Mas mesmo nestes a regra se mantém, tanto que o movimento interior é mais rápido que na superfície mais exterior, o qual se arrasta nele muito lentamente, como se estivesse relutante em se mover, afinal de contas. Mas faz o movimento, e aquele movimento é da forma de uma espiral em torno de seu eixo.

Sua lua ainda esforça-se para manter a regra em torno de sua órbita. Ela por si eleva-se, e afunda novamente, como se num esforço vão de percorrer seu curso uma vez em espiral sobre a terra. Assim faz a terra em seu caminho em torno do sol. Sua órbita não é um círculo verdadeiro, nem um círculo disposto num plano verdadeiro. É errático e elíptico, ambos para a rotação e também para nivelar-se.

E o que é verdadeiro no átomo do éter, e nos gases da terra, e mesmo na terra, é também verdadeiro para o sol e as constelações. Seus movimentos são da forma de uma espiral gigantesca numa formação elíptica constituída de sóis e seus planetas.

Isto nós vimos em um lado da ampla avenida. Do outro lado a contraposição espiritual destas criações: os céus complementares. E as ruas entre os dois estavam na fronteira que une os dois. Você atravessa uma

fronteira desta quando você passa da vida terrena para os reinos espirituais, meu filho. E, portanto, vamos deixar aquele Departamento e vir para outro, porque a rua que se atravessa é a entre o homem da terra e o homem dos céus.

Havia outro princípio que você observou - outro que não o da espiral?

Sim. Eu lhe contei deste porque pareceu simples de explicar, e também porque é fundamental - simples, talvez, por esta razão. Tentarei falar-lhe de outro. Conforme o estágio básico é deixado para trás, a matéria torna-se mais complexa e mais difícil de descrever; mas tentarei.

Nós vimos que os grandes Senhores da Criação começaram seu trabalho há muito tempo antes do átomo etéreo, e próximo da origem de tudo. Ainda, aqueles que tratam da evolução etérea, e para adiante disso, são Senhores muito velhos e grandes. Nós entretanto seguimos o direcionamento de estudar estas vibrações do poder mental onde eles estavam mais retardados pela densidade do material no qual se moviam. E achamos que uma das tarefas mais difíceis que nós estudantes tínhamos pela frente era pensar e querer na maneira apropriada. Porque para tratar da matéria criativamente, a primeira coisa a dominar é pensar em espirais. Não posso tornar isto mais explícito a você. Mas é o hábito mais difícil de adquirir: pensar espiraladamente.

Mas você pediu outro princípio. Vamos à criação sensitiva -a da vida da planta.

Seguimos uma grande avenida, no único lado em que estava disposta a vida vegetal da terra e de outros planetas, e no outro lado, aquela de seus céus complementares. Vimos que cada espécie de vida vegetal tem uma análoga no mundo animal. Há uma razão para que seja assim, e tem a ver com a alma da planta mais que com sua manifestação exterior em córtex, galho e folha. Mas não somente isso, mas mesmo ali você pode vislumbrar, se examinar mais de perto, a relação entre os dois: o animal e o vegetal.

Temo não estar acompanhando-o, senhor. Poderia ajudar-me mais um pouco?

Vamos retomar daqueles dois reinos, e trabalhar neles; é a melhor maneira.

Aqui nos céus, nós temos ordens diferentes de seres, diferindo em autoridade, diferindo em poder, e em caráter, e também em habilidade para uma ramificação de trabalho que outra.

Isso também ocorre na terra.

Portanto você encontrará isso no reino animal. Os animais têm poderes diferentes, e alguns têm habilidades em uma direção, alguns em outras. Eles também diferem em caráter. O cavalo tem mais aptidão para a amizade que a serpente; o papagaio, mais que o urubu.

Agora, este princípio de analogia, do qual eu havia falado, pode ser visto, apesar de que veladamente para a maior parte, predominando entre o mundo vegetal e o animal. Nós tomaremos o carvalho para representar o mundo vegetal, e o pássaro para o animal. O carvalho produz sua semente e deixa-a cair sobre o solo, para que possa ser recoberta e pelo calor da terra romper sua casca, e sua vida interior romper em direção à manifestação exterior. A semente e o ovo são idênticos em tudo essencial, tanto quanto à estrutura e também em sua forma de incubar. Essa movimentação de vida - do mais interno para o mais externo - é uma lei universal, e jamais é derrogada. Ela também tem sua origem profunda na matéria primordial, de onde o atual universo saiu. Lembre-se de minhas palavras sobre o átomo etéreo. Pois o movimento inicial do átomo é interior, onde sua velocidade é acelerada, onde acumula seu momentum. Exteriormente ambos são retardados.

Desta forma encontramos a regra a respeito de outros departamentos. Eram princípios unificadores estabelecidos para que trabalhadores celestiais tivessem limites. Entre estes princípios estava o da cobertura protetora, e de

sua beleza conforme seja apresentada exteriormente, para que disponibilizasse tanto prazer ao seu portador quanto devesse ser compatível com sua utilidade intrínseca; sexo, nas duas divisões, ativa e receptiva; sistema circulatório, da seiva e do sangue; sistema respiratório por poros e também outros sistemas.

Você não pode seguir adiante, meu filho. Pare agora.

Arnel. +

Sexta, 15 de março de 1918.

Agora os princípios que governam as coisas materiais - que é a vida manifesta externamente em forma de matéria - e são aplicáveis também ao reino espiritual.

Primeiro o da espiral, que é em si análogo na matéria aos princípios que são vistos operantes nestes reinos espirituais. Deve ser assim, pois todo o movimento dos átomos materiais é o efeito da vontade operativa. A Vontade Central é a de Deus, Cuja emanação ativa passa através das esferas em sequência ordenada, e encontra sua expressão última na matéria. O que é visto na matéria, entretanto, é o efeito da energia destas esferas passando adiante. Neste caso que nomeamos, a energia é vista a emitir, no átomo, a atividade espiral. Não poderia ser assim, a menos que o princípio fosse também encontrado ativo nestas esferas através das quais a energia vital flui. Como ela é vista manifestada aqui, eu me proponho a mostrar-lhe agora.

A Coroa de folhas de palmeira era um símbolo deste princípio espiral, pois desta forma foram dispostas, e na Manifestação que lhe relatei os Anjos que sentaram sobre a Coroa estavam, necessariamente, dispostos em espiral. Foi uma lembrança de como é realizado seu trabalho, e foi para nos dar uma lição visual que eles assumiram seus postos desta forma.

Agora, como é aplicado à vida animal na criação:

O primeiro impulso sensitivo é visto na planta, e ali você vê claramente ilustrado o princípio da espiral. O feijão sobe em espiral, assim como fazem outras plantas trepadeiras, algumas mais explicitamente, outras menos perfeitamente. As veias das árvores também tendem a declinar da perpendicular à medida que atravessam o tronco ao longo de seu comprimento. As plantas que sobem sustentadas por gavinhas suportam a si mesmas por um gancho em espiral. Sementes flutuam sobre o campo, ou caem no solo, numa curva similar. Tudo isto é consequência do princípio, ativo como as vibrações procedentes do sol que atingem a vida vegetal na terra. Estas reproduzem em miniatura seu impulso ao longo dos céus do espaço, e nelas mesmas imitam as órbitas das constelações.

Quando chegamos na vida animal, encontramos o mesmo princípio trabalhando, já que os pássaros não voam nem nadam em linha reta, mas inclinados fora do prumo, e, dado um percurso de extensão suficiente a mesma formação apareceria. Aos animais, tanto do mar como da terra, a mesma regra é aplicada, mas nem sempre ela é vista tão amplamente como nas ordens mais baixas de vida, porque aqui é aplicado o exercício do livre arbítrio, o qual produz impulsos excêntricos da regra central. No sentido inverso, a lei é mais aparentemente percebida sendo cumprida quanto menor for o livre arbítrio entrando na composição. Preciso apenas mencionar, para exemplificar, a concha do caracol e muitas das conchas dos animais marinhos, onde o instinto está no lugar do livre arbítrio.

Por outro lado, no que concerne ao homem, o princípio é visto operativo na maioria dos temas onde a sua individualidade é menos aparente que o direcionamento geral da Mente de sua raça. Assim: a civilização procede do leste ao oeste, de tempos em tempos circundando a terra. Obedece a liderança do Sol Central da terra. Mas o meridiano do Sol não viaja em linha reta ao longo do equador, mas inclina-se, ora para o norte, ora para o sul, conforme a terra inclina-se de uma forma ou outra. Este impulso da

terra é reminiscência da antiga regra e mostra a origem da terra do estado nebular, de onde obteve o mesmo movimento espiral. Mesmo assim, o caminho da civilização, circundando a terra, nunca atravessa a mesma região duas vezes em seguida. Através do tempo, a onda civilizadora alcança o ponto de longitude que marca sua revolução formadora quando a terra inclinou-se em seus polos, o norte em direção ao sul, e o sul em direção ao norte, em alguns graus. Como o caminho do impacto das radiações solares sobre a terra é variado, também é assim o caminho da marcha para frente da civilização, que, por sua vez, nada mais é que outro modo de se dizer "revelação". Se você pensar na localização da Lemúria ou da Atlântida e seus sucessores no progresso da experiência humana, verá o que quero dizer.

Mais adiante, não somente a respeito do caminho que toma localmente, mas para a realização também, o princípio se mantém. Isto é mais difícil de lhe explicar. Aqui é claramente visto por nós, porque vemos o trabalho mental íntimo da raça, não apenas mais vividamente, mas também numa extensão mais ampla de tempo. Desta forma sou capaz de dizer-lhe que o progresso da raça humana sempre segue para adiante, mas numa gigantesca espiral, apesar de tudo. Faria melhor sugerir-lhe o que lhe digo relembrando-o do ditado "Não há nada de novo sob o sol". Não é verdade, mas traduz uma verdade. Você ouve de vez em quando que foram feitas novas descobertas, mas logo é descoberto que foram antecipadas alguns milhares de anos atrás. Bem, eu não colocaria desta forma. Diria, em vez disso, que esta nova descoberta apareceu durante o período em que a ciência atravessa a rampa exatamente em cima da secção de caminho inclinado abaixo na espiral quando então sua descoberta foi feita. Porque a espiral é sempre ascendente, e sempre retorna sobre as voltas de seu curso. E estas novas invenções são novas apenas no sentido de serem adaptações das descobertas científicas no ciclo prévio da espiral da civilização.

Poderia, por favor, dar-me alguma ilustração?

A utilização das moléculas do éter a serviço da humanidade ilustra isso. Você notará que o atual estágio avançado deste ramo da ciência foi trabalhado muito gradualmente. Começaremos com o processo de combustão pelo qual o gás era liberado; o calor era gerado, e com o calor o vapor foi produzido. Isto foi seguido pela aplicação deste mesmo gás, mas descartando o intermediário vapor. Então um sistema mais fino de vibrações etéreas foram comprimidas a trabalho, e agora a eletricidade está rapidamente suplantando o vapor. Mas outro passo avante vem sendo dado, e o que chamam de ondas de telegrafia sem fios estão começando ser descobertas como sendo mais potenciais ainda.

Agora, tudo isto já foi feito antes, em variados graus de perfeição, pelos cientistas das antigas civilizações, o que para vocês se tornou quase de memória mítica. O próximo passo adiante também é previsto. É a substituição das ondas mentais pelas ondas etéreas. Isto também alguns poucos dos de maior e de mais alta evolução entre aqueles precursores compreenderam em sua ciência. Não lhes foi permitido que transmitissem adiante seu conhecimento aos seus colegas, os quais não eram moralmente evoluídos para fazerem uso correto. Nem será dado à atual raça dos homens aperfeiçoar isto como uma ciência exata até que tenham progredido mais em competências espirituais. De outra forma prejuízos proviriam à raça, e não benefícios.

Mas o atual ciclo de progresso ultrapassará, neste tema, além daquilo que está no ciclo precedente porque, neste ponto, naqueles dias, pararam e não foram adiante. Seu declínio estabeleceu-se, e aquilo a que chegaram gradualmente foi absorvido pelas esferas espirituais, para ser conservado até que a próxima raça tenha sido preparada e trazida a tal estado de perfeição que os qualifique para receberem tudo de volta novamente, com o acréscimo do momentum, pela inspiração dos que foram seus guardiães

durante as eras em que permaneceu inativo a seu cargo.

Chame as esferas espirituais de interiores e a esfera terrestre de externa e você terá o mesmo princípio de movimento reproduzido ao qual nos ativemos no átomo do éter.

Há muito mais que isso na matéria, mas não é de nossa competência colocar em palavras para que você entendesse. É suficiente dizer que o princípio que esquematizamos para mostrar-lhe sustenta-se bem, não somente a respeito da dinâmica da ciência, posso assim chamar o que acabo de exemplificar agora, mas também das ciências de governo, de cultivo de espécies vegetais e de animais, e a ciência da astronomia e da química.

A astrologia e a alquimia foram as duas análogas correspondentes à astronomia e a química dos dias atuais?

Não, meu filho, com certeza não. Estivemos falando a você esta noite em eternidades, não em séculos. A astrologia e a alquimia são parentes imediatos das duas ciências modernas. Estão no mesmo ciclo desta gigantesca espiral da qual lhe falo, mas algumas polegadas afastadas, quase que no mesmo nível de ascensão no plano inclinado.

Mas a química servirá para um tema para darmos uma palavra mais a você antes que lhe digamos boa noite. É a forma mais externa de expressão da atividade daqueles Mais Elevados que guia a corrente de vibração procedente da Grande Mente Central Única para a diversidade e para a diferenciação. Da unidade todos estes elementos químicos procederam, pelo caminho da diferenciação da unidade para as partes, e então para as partículas, à medida que a corrente vital os emanou para fora vindos de Deus, através do Espírito, para emergir como matéria. Então, tendo alcançado seu ponto mais baixo, aquele impulso então se volta sobre si mesmo e está subindo internamente. A química analítica está obedecendo este impulso conforme seu curso externo, da unidade para a diversidade. A química sintética já está tropeçando e de alguma forma tenta

desajeitadamente encontrar sua tendência. Seus esforços voltam-se da diversidade em direção à união dos elementos novamente. Já virou a espiral externa do átomo cósmico, quando no curso para dentro continuará o mesmo ímpeto, para emergir mais uma vez em seu caminho mais exterior, mas sempre em espiral. Lembre nossas palavras dadas em nossa última vinda concernentes a isto e cheque nossas palavras desta noite por elas.

Arnel +

Nota: Antes desta mensagem, Mr Vale Owen iniciou a sessão formulando a seguinte pergunta:

Qual é seu desejo esta noite, senhor?

Continuar nossa descrição da lição que aprendemos na Manifestação.

Não pude compreender aquela última parte sobre os análogos. Pareceu-me quase insensato. Eu transcrevi corretamente?

Quase. O que você esqueceu é nossa aplicação. Você estava distraído demais para que continuássemos. Faremos isso agora.

Sexta, 22 de março de 1918.

Nesta noite vamos continuar nosso tema dos princípios que emergem de estudos da proveitosa ordem do universo da criação da forma que pudermos continuar sobre Manifestação que lhe descrevi.

Falei do princípio da espiral da operação das forças, e agora vou falar-lhe de outro princípio que aprendemos.

Em todo o departamento da vida criadora há um impulso latente com o qual aqueles que são encarregados de conduzir o desenvolvimento devem contar e se adaptar. Esta influência contrária tem origem antiga, devida ao efeito dos esforços daqueles que esquematizaram aperfeiçoar uma Manifestação Divina na matéria.

Havia naquele tempo, muito tempo atrás, alguns que tinham em mente tomar um atalho à perfeição e outros que escolheram o caminho mais longo.

Estes dois grupos não entravam exatamente em conflito, mas a variação de seus esforços extrapolou de alguma forma, e a confusão que se seguiu causou tudo o que hoje o homem chama de mal. Todas as coisas estão seguindo em direção à perfeição, mas tão grande é o campo de atividade que o período deve ser necessariamente longo, se o contarem em dias ou anos. Do ponto de vista destes que estão na Presença de Deus, nem é longo nem curto, mas um evento contínuo, como um rio - quando considerado como uma unidade - que avança da fonte ao mar.

Você verá como esta diversidade no desenvolvimento da criação surge mesmo nos reinos mais exteriores, nos quais sua atual consciência terrestre atua. Porque a própria terra é espargida, e quase toda feita disso, com as tentativas anteriores de sabedoria que evoluíram até o presente acúmulo, por um lado de faculdades que ainda estão no processo de desenvolvimento, e por outro dos materiais que serviram para seu propósito no grande esquema do progresso, e foram postos de lado como refugo, à medida que a vida tornou-se mais refinada e necessitava de instrumentos mais delicados e intrincados para sua expressão. Mas enquanto isto é verdade sobre algumas destas ruínas das eras passadas, outras testemunham o fato de que, em alguns casos, uma direção foi tomada e levava a um impasse onde o ímpeto para frente encontrou o veículo inadequado para sua expressão, tornou-se restrito, o pulso vital foi ficando fraco, caiu em inércia, e aquela linha de atividade evolutiva chegou ao fim.

Aqueles grandes mamíferos e répteis, dos quais vocês têm os remanescentes em forma fossilizada, eram maravilhosos produtos da energia criadora muito habilmente empregada. Mas quando vistos do mais avançado ponto de vista deste atual estágio de evolução, eles parecem rudes e fruto de trabalho artesanal desajeitado. Apesar disso, é bom lembrar que alguns deles foram grandes blocos que foram usados no assentamento das fundações sobre as quais um templo muito enfeitado de energia viva e

progressiva está ainda hoje sendo construído; e, ao se contemplar estas fundações, pode-se estimar quanto este prédio progrediu em desenho, e também se pode perceber quão alto é o pé direito daquele andar no qual agora vocês estão para admirar a paisagem dos céus distantes naquelas regiões do espaço onde ainda estão evoluindo trabalhos de outras grandes Hierarquias que hoje estão, em seu próprio caminho, mobiliando novos mundos no estágio em que a terra estava quando estas fundações da vida atual foram construídas.

Agora, o mais adiantado princípio do qual falo é: o curso do desenvolvimento deve tomar uma linha dupla de direção. Esta direção deve ser primeiramente para fora, da unidade para a diversidade de expressão, como já explicamos. Mas também ao longo desta linha de movimento deve seguir sua gêmea, que é: que o progresso tome a direção do espiritual sempre no sentido da matéria. É como dois corredores correndo seu caminho lado a lado. Um é chamado "Da Unidade para a Diversidade", e o outro é chamado "Do Espírito para a Matéria". Estes dois deve manter-se juntos passo a passo. A nenhum deve ser permitido que ultrapasse o outro; porque não correm para vencer, exceto para vencer atingindo a meta externa juntos.

Houve aqueles que esquematizaram encurtar este curso suspendendo prematuramente a tendência, antes que todo o caminho externo fosse cumprido, fazendo voltar novamente o desejo de vida criadora para dentro em direção ao espírito antes que o posto mais externo tivesse sido alcançado e circundado. Este posto é a expressão material desta atividade criadora que seus cientistas chamam de Universo. Não é o Universo em si. É a expressão mais exterior de uma manifestação mais interior de um ciclo ainda mais profundo de desenvolvimento, atrás do qual há aqueles Senhores da Criação que por sua vontade energizante guiam a grande frota de sistemas solares em sua viagem através do espaço da matéria em direção ao porto onde

inverterão seu curso e mais uma vez retornarão para seu lar.

Mas quando isso acontecer, não será preciso navegar no retorno sobre sua rota da ida. Porque, tendo acumulado em suas atividades toda a riqueza de múltiplas expressões de vida, conforme foram atravessando o tempestuoso curso externo, agora devem navegar para casa por mares ensolarados, Marinheiros Mestres todos eles, e Príncipes eles próprios, que enfrentaram e venceram, eles que, quando iniciaram, eram apenas remadores e estivadores.

Agora, foi quando alguns dos Grandes Senhores Criadores programaram encurtar aquela viagem que o desastre aconteceu. A frota já havia viajado algumas eternidades, e então voltou do meio do oceano, navegando a velas plenas. Neste lugar há ventos fortes e mar agitado, e os navios perambularam tanto que alguns colidiram e quase afundaram juntos. Assim perceberam que deviam navegar com o vento a favor, e o curso foi mais uma vez retomado para seu destino original. Bem, a frota chegou até aqui, mas os navios estão danificados no casco e com as velas rasgadas, e com muitas evidências das tempestades que enfrentaram no caminho.

Para tornar mais claro o que eu queria dizer-lhe: O Oceano é o reino do Ser expressado em expansão exterior da Mente do Infinito e do Único Um. A frota é o Universo que foi trazido à existência por Seu comando e pelos Senhores Criadores de quem falei. O porto no qual o curso exterior deve terminar é a atual expressão material do Universo onde vocês se encontram atualmente. O curso em direção ao lar é este em que atualmente estão; porque o ponto mais externo foi atingido, e justamente agora está sendo circundado. É o circundar deste ponto, é a saída dos recipientes de proteção da inércia da matéria em direção ao elemento mais ativo do mar aberto, que é a causa do grande desassossego em todas as direções na atualidade. Logo as velas vão enfunar e partirão equilibradamente de bombordo a boroeste do casco, os cascos vão se pôr a caminho de casa, e tanto os oficiais como a

tripulação, agora com destino ao lar, estarão com alegre disposição, e sempre, enquanto a frota sulca o oceano do Ser, mais e mais próximos estarão do porto de onde partiram tantas eras atrás, e a felicidade e a paz vão se unir a eles à medida que andarem de encontro às boas vindas que os esperam a bombordo, muito longe a leste, onde a luz já está rompendo a aurora e o sorriso de Deus é visto.

Quando o problema começou, Arnel? Quero dizer, em qual estágio de progresso estes Senhores Criadores começaram a errar?

Há muito mais tempo atrás do que sou capaz de indicar, meu filho. Também, apesar de que sob seu ponto de vista parece que eles tenham errado em suas considerações, não é necessário que assim seja. Estou além de você na linha do progresso, mas um pouquinho só, e entretanto eu e aqueles que são meus companheiros aqui parecemos enxergar que o que chamaríamos de erro será visto desta forma apenas quando chegarmos no porto, não deveríamos considerá-lo agora. O que vemos e pensamos ser o mal e o imperfeito é somente a volta mais externa das pequenas ondas na praia pedregosa de uma minúscula ilhota, um grão no meio de um Oceano que é infinito. Estas pequenas ondas parecem estar na arrebentação. Mas voltam para sua grande mãe apesar disso, e voltam novamente a ser - bem, oceano, nem mais nem menos. Como não podemos avaliar a profundidade de seus abismos e a majestade de seu seio tão repleto através de uma casca de ovo lotada de espuma bordejando um pedaço de terra, também não podemos estimar a sabedoria dos Grandes pelo pouquinho que conseguimos sentir de sua Infinidade.

Uma formiga disse para outra: "Nós, meu irmão, somos mais sábios que a pulga, pois ela é nossa escrava para atender às nossas necessidades". "Sim", disse a outra. Mas uma formiga-comedora chegou por aquele caminho, e toda a sabedoria das outras deu em nada, esvaiu-se num segundo. Pois a formiga-comedora, enquanto se espichava para cochilar no

sol, murmurou enquanto deitava: "Não é toda a sabedoria que há, esta que eu aprendi enquanto vinha para cá, e veja, eu rodeei isto tudo. Eu acredito que haja aqueles que tenham em si mais sabedoria guardada que eu".

Se o homem fosse como a formiga em sabedoria, ainda assim haveria também aqueles que seriam mais robustos e com força para competir. Estes são mais lentos em chegar a uma conclusão, e não são menos sábios, meu filho.

Arnel +

Segunda, 25 de março de 1918.

Tão distante, meu filho, e apenas tocamos as franjas mais exteriores da vestimenta de Deus, a qual cobre, e ainda assim revela, Sua forma de luz e beleza. E podemos penetrar um pouquinho mais profundo, se você nos der sua mente, pois há coisas a serem ditas, e diremos o que podemos através de você, de acordo com a sua capacidade de transmissão de nossos pensamentos.

Seria bom que os homens pudessem ser indulgentes conosco enquanto tentamos expressar Deus e Seu propósito nos eventos que veem acontecendo em torno deles em seu curso diário de vida. Porque estamos sempre íntimos nos assuntos de todos vocês, e somos afastados pelos obstáculos que colocam entre a corrente de nossas energias e os seus objetivos no mundo. E nós, de quem falo, somos apenas pequeninos diante do grande esquema da vida à medida que ela surge através das constelações, banhando todos no único grande mar de vida que preenche a eternidade com sua energia e não encontra portas que lhe barrem onde quer que vá.

Já lhe dissemos de alguns dos efeitos e das causas que são intermediárias entre o Universo enquanto expresso em matéria e a Grande Fonte Central de onde vem tudo o que é, e para o qual tudo retornará quando o grande campo for colhido, e a Casa da Colheita for merecida.

Agora, enquanto estivemos naquele grande Saguão da Coroa, ficamos encantados pela pressão sobre nós desta grande força. Pois lá estava, no alto, o Verbo manifesto no Cristo de Deus, calmo, majestático, e lindamente trajado. E, repare, estávamos na presença d'Ele e do que emanava pela Sua Presença e vinha do íntimo de Seu Ser, tudo desconhecido para nós exceto pelo que podíamos vislumbrar através d'Ele. Assim sentimos esta corrente eletromagnética de energia potente fluindo para fora, sobre nós através d'Ele, de peso e medida além de nossa capacidade de assimilação. Mas o que realmente entendemos é que Ele estava ali para irradiar amplamente algo de sua luz interior e provinda de Sua personalidade para nossa instrução, elevação e mais perfeita alegria.

Enquanto a grande exibição dos departamentos criadores não estivesse completamente aberta em torno d'Ele, Ele permaneceu em perfeita imobilidade, como se Sua faculdade total estivesse sendo pressionada até sua máxima tensão para nos produzir estas maravilhas. Quando isto estava pronto e o grandioso quadro completado, Ele suspirou e então apareceu um trono atrás d'Ele, e muitos seres maravilhosos emergiram para a visibilidade, ficaram atrás dele ali, parados e em adoração. Ele se voltou e subiu os sete degraus, sentou-se no trono e então diante dos degraus apareceu uma alameda que se estendeu em direção àquela parte das curvas das Hierarquias que ficou diante da raça Humana. Estes atravessaram a avenida e ficaram diante do trono, pararam com seu consentimento e inclinaram suas faces para baixo, enquanto de seu reino atrás deles veio o som de cantos e o tom de uma música, como se algum grande diapasão soasse do íntimo do espaço, longe, distante, como se os mundos estendessem entre si cordas para tocar harpas, e seus murmúrios viessem para testemunhar sua unidade com aqueles que estavam na Presença de seu Senhor.

Então veio de trás do trono um Príncipe radiante que ficou do lado

direito do Cristo e falou a estes que se aproximaram. Suas palavras foram bem distintamente ouvidas por nós, mas o hino vindo dos mundos distantes continuava enquanto ele falava a todos que agora era o Cristo de Deus que vindicava no Sacrifício que Ele havia feito para a expressão de Amor no Universo de Deus inteiro.

Nota de G. V. O. - aqui o poder falhou e não fui capaz de continuar. O poder falhou porque eu estava extenuado com o trabalho da paróquia - trabalho da guerra. A dupla couraça era demais para mim, então eles interromperam repentinamente no meio da mensagem acima.

Na quarta, 10 de abril de 1918, minha esposa, ainda usando a prancheta, fez a seguinte pergunta: "Por que a escrita com George parou?"

Então o pai dela respondeu, através da prancheta:

"Deixe-me explicar. George estava sentindo muito a tensão, e desejou parar, particularmente enquanto fosse verão. O descanso foi necessário, e será benéfico. Mas ele não deve pensar que já está terminado".

V - AS HIERARQUIAS CRIADORAS E O CRISTO CRIADOR - O HINO DE LAMEL: TERRA, MARTE E OUTROS PLANETAS - A ESFERA CRÍSTICA - PARÁBOLA: O GATO E O FUNILEIRO - O PURGAR NAS ESFERAS INFERIORES

Quarta, 19 de fevereiro de 1919.

Nós, que estamos com você esta noite, somos daquele grupo que um ano atrás estava descrevendo a cerimônia no Hall da Coroa. Naquela época fomos obrigados a parar, como se lembra, porque você estava esgotado. Nós agora retomaremos o tema mais uma vez e continuaremos aqui e agora.

A primeira destas hierarquias a se aproximarem em louvor ao Cristo e Àquele Que O enviou foi a da espécie humana. Então um arauto veio para lá e discursou à multidão reunida em seus vários departamentos. Estes eram diferenciados no desenvolvimento, alguns mais adiantados que outros. E a cada um ele falou por sua vez, a fim de guiá-los e encorajá-los em seu impulso para adiante no progresso evolutivo.

Isto está muito resumido. Agora o próximo estágio da cerimônia. Em torno do Trono no qual o Grande Cristo Criador sentou, apareceu uma nuvem de vapor. Muito linda era de se ver, à medida que as cores a invadiam e misturavam-se lá dentro como uma teia tecida. Então, lá de trás do Trono e fora da nuvem, um círculo de raios foi irradiado na forma de um leque que se abria alto e largo, enquanto Ele sentava na parte mais baixa, entre eles.

Eles eram azuis e verdes e âmbar, estes raios, e eram projeções

celestiais daquelas forças que são geradas dos departamentos materiais de Seu Reino - o reino fenomenal em substância da matéria da qual a terra e os planetas e as estrelas são feitos.

Então a nuvem toda em movimento condensou-se em si mesma e seus variados matizes arrumaram-se de tal forma que quando se adensou na forma de um manto vimos todos mais uma vez em seus próprios e apropriados lugares. Então quando este Manto desceu sobre ele e envolveu Sua Forma enquanto Ele estava imóvel sentado ali, foi muito bonito. A maior parte dele era azul, escuro e profundo azul, mas com um brilho em si. O debrum era dourado e neste debruado estava uma borda que se espalhava pelo pavimento e se estendia pelas escadas. Esta borda era larga e dourada, prateada, verde com vermelho e âmbar nas duas linhas largas na parte interna deste acabamento. A roupagem azul tinha em largos intervalos desenhos semelhantes a uma coroa invertida. E tinha um colarinho de pérolas sobre os ombros. O colarinho brilhava com muitos matizes. Não era cinza pérola, - mas como descrever a você? Ele brilhava por si e emitia raios sobre Sua cabeça, não obscurecendo Sua face, mas emoldurando-a num halo de radiação. Visto em perspectiva com o pano de fundo irradiante parecia o núcleo de onde aqueles raios eram emitidos. Mas não era assim, exceto como parecia a nós. Sobre Sua Cabeça não havia coroa mas apenas uma tiara vermelha e branca que prendia Seus cabelos atrás da orelha, algo parecido com o modelo de nosso Diadema de Reverência do qual lhe falei (*Ver o último capítulo do Livro III, "O Ministério do Céu"*).

Você é muito cuidadoso em passar-me estas cores em detalhes, Arnel. Qual é seu significado?

Não posso dar-lhe os detalhes da explanação como lhe dei em detalhes as cores da forma que elas apareceram a nós, e eram tão lindas e dispostas intencionalmente em seus grupos. Mas falarei por alto e isto é o tanto que você entenderia.

O pano de fundo raiado era o universo da matéria que, para os que têm olhos e ouvidos, serve para expor a figura d'Ele, o Cristo, e dar contraste ao aspecto benigno de Sua aparição.

O diadema coronário era a essência destilada da humanidade, tanto da terra quanto dos que passaram para as altas esferas.

Ele era vermelho e branco. Isto tinha significado?

Sim. Relembrava a transição da humanidade para fora das esfera de força, desejo, autoafirmação, para aquelas de sintonia com a Única Luz na Qual todas as cores se fundem numa paz repousante, como aqueles que fizeram estes raios sintonizam-se em grupo. Esta é a transição do vermelho para o branco. E por isso aquela luz branca é a mais perfeita de todas e também a mais potente. Aqueles que não têm vontade de entender veem uma porção nevada do ártico, frio e parado. Mas aqueles que naquela luz veem seus matizes componentes, cada um com sua grande beleza, em sua mistura sentem o calor de seu brilho. A estes, sem o branco a luz é fria. A eles, dentro dela está a cintilação do amor e da paz.

Você esteve na luz branca, Arnel?

Não, meu filho, não totalmente, mas apenas no limiar daquele santuário. E ali somente cheguei com muita ousadia e muita força de vontade exercida para este propósito, mas somente por uma vez, e com permissão. Não fui eu que pus a mão na porta, mas um grande a Serviço do Cristo Criador. Ele veio ao meu lado antes que eu falhasse em me sustentar na vontade de ver Sua alta beleza naquele momento. Ele segurou meus ombros e lançou sua capa sobre mim e diante dos meus olhos, e então empurrou a porta um pouquinho e por um momento segurou-a assim. Assim, com meus olhos sombreados e a forma velada por seu manto, vi e senti a radiação dentro daquele tão glorioso Templo da Presença. Aquilo me foi suficiente, meu filho; eu sei o que a espécie humana será um dia, quando Ele tiver dado a todos a lição de Suas energias operativas e tudo estiver consumado n'Ele.

Agora Sua face está voltada para nós, os menores, e a raça humana atrás de nós, de quem somos os celestes escaramuçadores. Naquele dia, Ele Se voltará e levará Suas miríades redimidas em direção ao Trono do Pai, Ele mesmo verdadeiramente unificado com eles. Naquele dia também todo o vermelho no diadema ficará misturado no branco e o branco brilhará um pouco mais calorosamente por esta mistura.

Agora, meu filho, você me desviou e falei tudo isso pelo diadema coronário. Que mais direi do manto azul a mais que isso: que o pano de fundo de essência material mostrava a forma e o contorno d'Ele e de Seu manto e Seu Trono; que o diadema mesclava unindo a humanidade da terra com a emanação do potencial da humanidade para seguir aos céus do espírito; por isso a roupagem cobria todo o Seu Corpo, por meio de Que toda a Criação evoluiu para adiante, desde que saída do Pai: naquela roupagem estavam misturadas todas estas grandes forças que movem, e capacitam, e vivificam a matéria e o organismo. Algumas delas você conhece: eletricidade, éter, que não é somente inércia mas tem uma força própria; magnetismo também, e a força motriz dos raios de luz, e também outros mais sublimados. Todos estes se misturaram em Seu manto para esconder Sua forma e, apesar disso, para delineá-lo e a seu Trono.

Qual é o significado da coroa invertida? Por que invertida?

No lugar da coroa Ele usava aquele círculo vermelho e branco. Um dia Ele usará a coroa em si quando o círculo tornar-se todo branco e tiver sido absorvido no branco sincero de Sua personalidade. Então o manto será elevado, espalhado e assim flutuará em todo o céu e então invertido, será exibido como pano de fundo d'Ele e de Seu Trono no lugar dos raios o material que não será mais visto então. Aí também, quando naquele distante Grande Dia Ele levantar-Se para rever Suas miríades mais uma vez, sobre Ele e em torno d'Ele estas muitas coroas deverão ser vistas, agora não mais invertidas, mas eretas. Elas são de diversos tipos de desenho. Mas todas,

então, em sua posição normal, apontarão para as distantes glórias enquanto o Cristo marechal liderar Seus redimidos e levá-los para frente em sua brava formação.

Arnel +

Quinta, 20 de fevereiro de 1919.

Dali a pouco a Capa Azul tornou-se vaporizada e derreteu-se na atmosfera. Então o Cristo Criador sentou-se em Seu Trono mas mudou de vestimenta. Sobre Seus ombros havia uma capa do mesmo azul profundo, mas caía em Seus dois lados e embaixo d'Ele estava exposta uma vestimenta dourada que batia em Seus joelhos e que caiu um pouquinho dos lados quando Se sentou ali. Estava cingido com uma larga cinta verde e dourada, tendo uma bainha da cor do rubi. O diadema ainda estava sobre Sua cabeça, e no diadema uma faixa de estrelas cintilando muitos matizes sobre Ele. Em Sua direita Ele segurava uma coroa de metal duro e branco. Era a única coisa sobre Ele que não tinha radiação e era para a mesma lembrança ser mais marcada por nós que a vimos.

Agora Ele levantou-se e depositou a coroa sobre os degraus diante de Seus pés e ficou em pé para nos encarar. Por instantes Ele falou de Sua vontade para nós. Disse Ele:

"Apenas recentemente vocês viram o que há em Meu Reino. Entretanto há os que não podem vir para ver suas belezas íntimas como vocês fizeram. Naqueles distantes planos são capazes de pensar em Mim apenas com seus pensamentos escuros, pois ainda não chegaram ainda a seu completo despertar. Digam a estes amigos, bom Lamel, do atual estado e do próximo destino daqueles que estão tão afastados".

Então sobre o primeiro degrau do Trono estava um homem que era daqueles que serviam e que tinham esperado em silêncio no outro lado das escadas. Estava vestido de branco com um cinturão prateado sobre seu

ombro esquerdo e sobre suas costas. Ele então falou a nós estas palavras e, enquanto ele as pronunciava, sua voz parecia ser feita de muitas cordas musicais, não de uma nota apenas, mas de múltiplas. Os tons eram ressonantes, tanto que flutuavam no ar sobre nós e passavam até que atingissem algum fio musical suave e ele respondesse. Uma e outra corrente aérea estavam assim vibrando até que todo o firmamento ficasse tremulando com a música, como se milhares de harpas estivessem em seu trabalho harmônico.

Todavia nem por isso eram suas palavras menos claramente ouvidas, mas tornaram-se mais sintonizadas e descritivas, mais próximas da natureza das coisas e atos que elas significavam, mais cheias de corpo e substância, como se você pegasse um quadro em preto e branco e o pusesse em cores. Portanto havia vida em sua canção e não somente música.

Assim ele apresentou seu tema.

"E se a Sua Presença parecesse estar afastada lá nos altos Reinos de Glória? Ele está aqui conosco, pois somos Sua progênie e em Sua vida vivemos.

"E se fôssemos a eles, tão distantes, naqueles planos onde a luz é escura, como Ele vem a nós? Eles são ainda nossos companheiros, e nós consanguíneos deles.

"E se eles não souberem onde sua vida está escondida, pela qual vivem e vivem extraviados? Sentem, procuram no escuro e agarram apenas uma pequena parte. Mas fazem pelo menos isto corretamente, e estendem suas mãos cegamente com as palmas voltadas para cima.

"Mas em sua noite eles tropeçam e então vagueiam nas pegadas do caminho, enquanto que os que veem um pouco esperam o retorno destes errantes que veem menos ainda, e eles vêm vagarosamente em sua direção, mas como numa única companhia, juntos.

"E se o caminho for longo, não deveremos nós também esperar sua

chegada até aqui, para que eles e nós possamos caminhar juntos para frente, para cima, mas mais grandemente abençoados no amor mútuo, dando e recebendo cada um, ambos?

"Mas deveremos esperar, e somente esperar, enquanto eles em seu caminho tropeçam? Ou deveríamos ir e trazê-los, como o Cristo algumas vezes tirou Sua roupagem de glória e, vestido em roupas inferiores e de trabalho, buscou estas ovelhas que se extraviaram, quando estes se extraviaram, e trouxe para a terra aquilo com o que a terra encontraria alívio, naquele tempo passado?

"Isso seria os poderes do Alto feito maravilha, e eles, que pairam sobre os cosmos maiores que este nosso inclinaram-se profundamente diante d'Ele, em devida reverência, prestando obediência ao Filho de Deus em Sua humildade. Porque eles, que são tão grandes em sabedoria, aprenderam, agora mais profundamente ainda, o quanto o Amor combinava com o Universo, e que todo o Universo é amável e do Amor.

"E se forem fracos seus membros e cegos de visão? Ele é sua força e Ele será seu Luminar para liderá-los a fim de que não mais tropecem mais, nem estejam mais perdidos finalmente.

"E se não sabem destes reinos brilhantes como nós conhecemos para nossa alegria, algum dia estarão em regozijo conosco, e nós com eles, algum dia.

"Mas qual de nós tomará a coroa, com a força designada para esta guerra? Quem ensaiará colocá-la em sua cabeça? Porque é dura e pesada em seu peso de hoje.

"Então deixe aquele, que é forte e simples em sua fé, chegar aqui e pegar a coroa.

"E se estiver sem brilho agora? Será algum dia radiante com a luz que agora está escondida nele, quando a tarefa estiver completa, algum dia".

Havia uma grande silêncio quando ele parou. Somente as vibrações da

música ambiente pairavam sobre nós, ainda nos acariciando saudosa, chamando-nos ao silêncio até que o cantor tenha sido respondido.

Quando nenhum deu um passo à frente, ninguém desafiando esta aventura, o próprio Cristo desceu e tomou a coroa e colocou-a em sua cabeça, afundando-a até a testa, já que é pesada. Sim, meu filho, é pesada sobre Ele hoje, mas está agora começando a mostrar uma luz sobre ela que não havia até então.

Então levantou-se e nos chamou, "E quem de vocês vai comigo, meus companheiros?"

E quando ouvimos Sua voz, nos ajoelhamos todos nós sob Sua Bênção.

Arnel +

Quarta, 26 de fevereiro de 1919.

E o que é esta alta aventura da qual você falou, Arnel?

Estou para lhe falar dela, meu filho, e seja capaz de transcrever, porque é chegado o momento para aqueles que deverão encontrar em seus corações alguma vontade de entender os eventos destes últimos séculos.

Você reparará que a concepção deste empreendimento não veio da Torre dos

Anjos. Não, ele foi concebido eras atrás, nos Reinos mais altos que estes de que falei até agora. Em cada era, no começo, os Mais Elevados, assim são chamados, reúnem-se em conselho. Os resultados obtidos nas eras passadas são agrupados e dispostos diante deles. Os das mais antigas eras são apresentados em forma tabulada e resumida. Os de eras mais próximas são apresentados em maiores detalhes. Os das eras recentemente passadas, por completo. Estes são considerados quanto à sua propensão pelos eventos acontecidos naqueles tempos na terra. Então os planetas cognatos são ouvidos, e em seguida ambos, terra e eles, juntos. Assim o Conselho, reunido e sem pressa, chega a conclusões como se, quando colocada em

forma operativa a próxima idade, estará harmonizada com os atos de outras Hierarquias que têm em seu encargo a tutela de outros planetas além da terra.

Por favor, explique a expressão "planetas cognatos".

Falo dos outros mundos que têm relação mais próxima com a Terra, tanto em grau de evolução quanto em tendência da mesma evolução; estes planetas que seguiram com livre arbítrio uma carreira muito semelhante à da terra, e também chegaram a atingir um grau intelectual e espiritual mais de acordo com o da Terra no presente estágio. Não são somente os que estão mais próximos da terra em termos de distância espacial, mas, como digo, no conteúdo intelectual e espiritual.

Pode nomeá-los?

Poderia, mas abstenho-me, a menos que seja chamado para expor o óbvio. Vejo uma frase em sua mente da qual me aproprio para meu serviço: "para tocar para a galeria". A maioria é de planetas que não são visíveis a vocês, apesar de estarem no alcance solar, que deve ser considerado na matéria. Há também alguns poucos que estão na fronteira deste sistema mas obedecem à atração de outra estrela, e contudo são mais cognatos à Terra. E dois há que não estão no alcance do Solar.

Sistema Solar?

Sistema Solar, sim - não somente nele apenas materialmente em substância, porém também naqueles que sua ciência do presente não detectou, mas fará um dia. Mas isso é profecia, com a qual nada temos a fazer aqui. Portanto estes dados estando bem selecionados, diria eu, a carta para a próxima viagem da terra é determinada, comandos emitidos e lá vai a nave, livre das regiões mais rudes, proa apontada para o mar aberto.

Que posição o Cristo ocupa nestes Conselhos?

Este Conselho, no singular você deveria dizer; somente um Conselho, com encontros de era em era. O pessoal do Conselho não é estático em

absoluto, apesar de que muda, mas pouco no período de eras, de tão altos que são estes Senhores Criadores. Deles, o Cristo é o Presidente.

Rei?

Não escreveria isso, não. Rei dos Céus inferiores àquele Céu no qual toma lugar este Conselho; daquele Conselho, Presidente. Isto é delegado ao meu conhecimento somente, não pelo que tenha atingido empiricamente, mas do que veio a mim e a meus companheiros desta Esfera por transição através das esferas que se estendem acima de nós. Vê agora? Ou devo continuar ainda?

Obrigado, senhor, penso que vejo o quis dizer, tão bem quanto me seja possível.

Bem. Bom que diga assim. Agrada-me. Porque nem eu nem os dos reinos acima de mim de forma alguma somos capazes de entender, apenas fazemos uma ideia do que são aqueles altos Conselhos. Desse jeito repassei para você, e contente-se com isto. Está bom.

Agora deixe-me prosseguir. Você vê agora que Ele, Que é Presidente do Conselho, o filho eleito de Deus, é Ele Que dá a arrancada adiante para ver a aventura. Isto é, aos olhos daqueles que trabalham comigo, como deveria ser: que Ele que têm em Seus ombros a responsabilidade da decisão faz-se audaz para pôr em prática e assistir ao fim. Isto fez o Cristo. Hoje Ele está em seu meio com esta atual Missão apenas cumprida até a metade, tendo tocado a terra e voltado para cima, em marcha para casa. Não divague sobre minhas palavras. Estou quase dando-lhe deste tema mais detalhes. Isto foi uma flechada no touro. Deixaremos assim. Servirá como marca para que atinjamos nossa meta, a menos que nos percamos nos muitos meandros de nossa estrada. Estes têm seu interesse, e não deixam de ter instrução e muita beleza também. Mas o que nos concerne não é isso. Quer dizer-lhe da campanha naquilo que se refere à Terra. Deixamos o efeito dela nos outros mundos de lado e falemos apenas da Terra, pelo menos no que é principal.

Exceto isto somente. Você esteve curioso por saber de outros planetas. Agora mencionarei Marte. Muitos pensamentos foram dirigidos anos atrás para aquele solitário planeta que tornou- se o primeiro lugar em interesse daqueles que não são da ciência, mas simples cidadãos. Não é assim, meu filho?

Sim, penso que não está longe disso.

A razão é reflexo. As pessoas de Marte começaram isto. Eles enviaram uma ampla carga de ondas de pensamentos em sua direção e vocês responderam - não, mais que isso. A razão desta intercomunhão é encontrado no parentesco entre a população da Terra e de Marte. Alguns de seus astrônomos falam deles tão familiarmente que os chamam de marcianos. Isto os divertiria, como também nos dá um gostoso arrepio de alegria. Bem, aqueles que conhecem bem os marcianos dizem que estão bastante à sua frente em desenvolvimento intelectual. Não é assim, meu filho?

Sim, é bem certo. Eles realmente dizem isso.

Estão errados. A população de Marte está, em algumas coisas, na frente de vocês da terra. Em outras coisas, não poucas, mais atrasados que vocês. Estive lá. Sei disso. Mas nestas coisas vocês, com o tempo, deverão alcançá-los normalmente por sua ciência, e então eles serão de vocês, e vocês estarão mais justamente orgulhosos de conhecê-los. É por causa disto que frequentemente a gente se abstêm e temos restrições em nossas línguas para conversação. É por isso que faço isso agora.

Você diz que esteve em Marte?

Tanto quanto os de Marte têm estado conosco e na Terra. Veja, meu filho, fazemos estas coisas aqui com muita eficiência. Eu sou um dos que estão engajados naquele exército do Cristo na Torre. Outros exércitos têm sido formados, e outros ainda serão acrescentados mais tarde. Não é apenas um de todas as miríades que é mais cuidadosamente escolado para uma

única tarefa proposta.

Vocês treinam seus exércitos da mesma maneira. Alguns têm deveres neste campo, outros naquele. Estava na hora de pôr em prática de minha parte aquilo que deveria saber do estado e do progresso de populações outras que não a minha da Terra. Para este fim de uma Universidade a outra, como dizem vocês. Uma destas Universidades era o Templo do Monte Sagrado, uma na Torre e os Cinco Domos, e outra em Marte.

Qual era seu trabalho em especial, posso perguntar, Arnel?

Você fala no passado quando pergunta qual "era". Minha tarefa está no Presente. Estou nisto esta noite aqui com você, meu filho, e agradecendo a você pela sua boa ajuda neste avanço.

Arnel +

Quinta, 27 de fevereiro de 1919.

Os eventos que acabou de relatar ocorreram na Esfera Onze, pelo que entendi. É assim mesmo, Arnel?

É assim mesmo, meu filho, de acordo com a enumeração das Esferas que meu Senhor Zabdiel deu a você. Vejo o todo de sua pergunta: vejo que está mal formada em sua cabeça. Tratarei disto agora e clareará sua mente e, então, minha narrativa.

Já lhe disse que a concepção deste empreendimento tem sua gênese não na Esfera Onze, mas em Reinos muito mais elevados. Você leu da Esfera Crística. É uma entidade real, mas entendida por alguns de uma maneira, e de outra forma por outros. As esferas são constituídas para conter e limitar, e não para serem passíveis de tabulação rígida pelo seu hábito filosófico de pensar. Se nós ou outros falarmos deles, deveremos dividi-los e classificá-los, entretanto; e isto é feito para nosso melhor entendimento. Mas o método de classificação é de aceitação universal. Não há dogmas entre nós. Entretanto se você pesquisa sob uma fraseologia exterior encontrará certa

concordância entre os que transmitiram suas mensagens.

Alguns dizem que há sete esferas e a Sétima é a do Cristo. Bem, que seja. Zabdiel e eu falamos das esferas acima da Décima Primeira. Agora, como nós as demarcamos, a do Cristo seria dois setes e uma. Desta forma: Duas destas esferas nossas fazem uma daquelas, quando se fala em sete somente. Mas parece-me que estes deveriam dizer, não que a Sétima é a esfera que contém o Cristo, mas que a mais conhecida daquelas que o Cristo contém.

Em nossa enumeração a Esfera Quatorze - ou duplo Sete - é a mais alta Esfera da qual nós da Esfera Onze temos real conhecimento. Não somos ainda capazes de assimilar instruções do que se passa nestas Esferas superiores à Décima Quarta. Por isso dizemos que, apesar de que sabemos que o Cristo é onipresente naquela Esfera, deve haver a necessidade de que Ele pessoalmente seja de uma esfera, pelo menos uma, além. Porque não há pedacinho de toda a circunferência daquela esfera onde Ele não seja encontrado em Presença. Se Ele, então, contém aquela Esfera no total em Si Mesmo, Ele mesmo deve também ser produto do além. Assim os dois Setes mais Um. Isto é o máximo que conseguimos alcançar em nossos raciocínios sobre a instrução que temos recebido. Então dizemos que, ao se considerar isto, a esfera do Cristo é a esfera Quinze que inclui em si mesma as quatorze anteriores. Tudo isso dizemos, mesmo assim restringindo da definição da Esfera Quinze tanto em sua fronteira quanto em suas condições, porque delas nada sabemos. Mas onde quer que seja a sua fronteira delimitada, é da Esfera Quinze que são dados aquele poder e a autoridade para aqueles que governam nas esferas abaixo. Este é o limite de nossa imaginação; além disso é para nós o grande Desconhecido. Sou capaz, entretanto, de dizer-lhe uma coisa a mais e não interrompendo minha precaução - devo estar sempre me resguardando de lhe dar suposições à guisa de conhecimento.

É assim. Aquele Conselho dos Altos Poderes do qual lhe falei é o mesmo que se reúne para deliberações de era em era. Seus decretos são registrados às vezes nos registros terrenos, quando a revelação é feita por eles a quem seja capaz de recebê-los.

Assim este Conselho se reuniu quando o Cosmos material foi concebido.

Arnel +

Sexta, 28 de fevereiro de 1919.

Ele se reuniu novamente quando o homem chegou e atravessou a câmara do longo sono e do lento despertar para o amanhecer brilhante da atividade suscetível e, pela primeira vez, vislumbrou os reinos das futuras conquistas para ver o que faria. Este, ou algum Conselho delegado d'Estes talvez, notou a passagem da Atlântida e, nas eras posteriores, estes tempos de tensão quando algum novo elemento da grandeza potencial do homem trabalhou em sua luta pela autoafirmação na contabilidade do progresso futuro da raça. O recente ímpeto que foi dado às suas ciências dos fenômenos veio do mesmo reino distante. Os homens pensaram que esta fase coroava a sabedoria das eras antes deles. Mas não é encontrada uma finalidade neste ordenamento do que é material, e o progresso real ainda continua em seu caminho. Pois não é aqui a Cidade da Coroação, mas longe, nas alturas além. Vocês apenas acabaram de transitar pelo vale e ajuntaram os seixos das correntes por onde passaram. Trazem-nos novamente para a visita ao lapidador. Isto será um dia, e ele polirá aquelas pedrinhas até ficarem brilhantes e lindas para a coroa real. Mas ele não reside no vale, nem entre as escarpas onde está seu caminho agora, mas acima, entre os altos planos onde a luz atinge em cheio e aquece. Aqui é o Pórtico do Palácio Real onde habita o Rei e Sua Corte, mas Ele está em ação no serviço ativo no caminho abaixo, ali embaixo, com Suas miríades

onde Ele mais uma vez anda invisível pela terra, e em sua trilha marchamos, nós os que falamos a você e fazemos o trabalho que nos foi dado para ser feito.

Eu entendo você corretamente, Arnel, quando diz que o Cristo está atualmente no plano da terra e que você e muitos outros recebem ordens d'Ele?

De quem mais receberíamos? Perceba, você, meu filho, as marcantes forças trabalhando, e julgue tudo de forma justa. Sua ciência, intoxicada por sua própria exalação, acaba de dar mais um salto e tornou etéreos os materiais - isto contra estes mesmos preceitos que apareceram. Sinais e maravilhas de diversos tipos são contados, e o que antes era um sussurro, agora dá espaço às exclamações. Olhe em torno e verá, refletidas nas águas sobre a terra, as faces sorridentes de nossas miríades, todos a trabalho e sempre ocupados. Estamos silenciosos, mas vocês nos escutam; somos invisíveis, mas nossos dedos fazem ondular cada onda. Os homens dizem que não nos sentem, mas mesmo assim nossa presença os envolve e ficamos felizes de estarmos cutucando com os seus dedos em cada torta que fazem. Nós não roubamos suas ameixas, não, mas a torta é mais doce por nossa contribuição.

Um funileiro deixou sua vasilha de estanho sobre o assento onde havia comido sua refeição da noite, lá fora na varanda de sua cabana, e foi para a cama, esquecendo-a ali. O velho gato, na escuridão, veio e encontrou a comida que ele deixara e comeu. E usou como cama a vasilha onde havia achado tamanha iguaria. Mas ela estava estranhamente dura e muitas vezes virou e virou para fazer daquilo um lugar mais de acordo para dormir. Mas nada mais fez que polir aquela tigela com seu pelo macio até que brilhasse como nunca. Ao amanhecer, o funileiro saiu e sob a luz do sol o instrumento brilhou como um prato de ouro. "Agora", disse o funileiro, "aqui há acontecimentos estranhos. A carne se foi, mas o instrumento ficou

para mim. Aquela carne indo embora diz 'Ladrão', mas o instrumento fica e, polido brilhantemente, grita 'Bom amigo'. Mas, sendo um homem de mente racional, pareceu-lhe que a solução do fato estava assim colocada: Eu mesmo comi a carne, e enquanto bebi minha caneca de cerveja eu, meditando nas estrelas e em outros altos temas, poli usando a minha jaqueta, ajuntando os fios das nuvens, como um homem de cabeça faria. E aqui vem o gato para verificar. Veja você, gato, não é isto um instrumento brilhante, e não fui eu, seu mestre, que o poli? Ou, se for de sua sabedoria felina, diga-me quem?" E o gato respondeu, "Eeuu", reprimindo o término de seu "miaau", sendo um gato cauteloso. Pois no instrumento já havia visto seu rosto refletido. E o funileiro disse, "Pobre besta muda. Bom, é bom que seu mestre tenha sabedoria e voz para falar".

Então pegou seu instrumento e, com orgulho, colocou-o sobre o canapé para que sua esposa o visse. Mas ela olhou para fora da janela, e somente disse, "O gato se pôs a dormir. Sábio gato; sempre foi".

E suponho, nesta sua parábola, Arnel, que você seja o gato.

Apenas um fio do cabelo do gato, meu filho, mas apenas um cabelo eu sou, nada mais.

Arnel +

Segunda, 3 de março de 1919.

Nosso primeiro tema a tratar, depois do estágio onde fui chamado a tomar parte do empreendimento, era o da clarificação destas esferas inferiores. Todos eles estiveram em contato com a terra recentemente, e foi dado de sua orientação em épocas anteriores. O inverso é também fato, isto é, que receberam em sua composição a contribuição conforme a terra fez de geração em geração. Isto necessariamente, porque as esferas são recrutadas da terra, e estes mais próximos à terra mais imediatamente.

Conforme as pessoas chegam pelo porto da morte são, como sabe,

recolhidos pela mão e ajudados a clarear as visões da vida. Velhos erros são lentamente purgados, uma nova luz é gradualmente aceita e assimilada. Mas tenha sempre em mente que não há leis rígidas conduzindo a vida, nem na terra, nem nos céus. O livre arbítrio é sagrado e operante, contínua e universalmente. Foi em consequência deste elemento, este supremo fator, por sua presença nas esferas, que aconteceu, no processo de purificação destes que chegam, que eles também receberam em si mesmos certo grau de falha. A maioria dos erros assim trazidos tem sofrido um processo de transmutação para elementos beneficentes e bons; mas não totalmente. Este mesmo livre arbítrio, tão fugaz em lógica e em todos os vínculos em qualquer caso, tem permitido que enganosas partículas erráticas misturem-se na vida destas esferas e permaneçam suspensas em suas atmosferas. Este elemento acumulou-se. Não atingiu nenhuma proporção séria e, no curso ordinário das coisas, teria sido deixado para o desenvolvimento das futuras épocas. Mas neste exato momento não era bom fazê-lo. Por esta razão:

A tendência do desenvolvimento humano tem sido para baixo e para cima, para frente e para dentro da matéria. Foi pelo propósito de Deus, a saber, que Ele Se manifesta em detalhes de forma, fenomenalmente. Porque esta maneira foi estabelecida nos baixios, os elementos de erro aumentaram em maior medida que o recebimento dos espíritos que foram despejados da terra era capaz de absorver, assimilar e transmutar. Foi, então, necessário que em nosso caminho para a terra clarificássemos estas esferas. E isto fizemos como preparatório para nossas operações mais intensificadas na própria terra.

Por que "mais intensificadas"?

A terra é sempre operada destes reinos. Serve para uma intensificação destas operações, um acesso de vontade dinâmica de tal grau e ímpeto que poderia servir para mandar um aro girando descer seguramente o mais íngreme declive e dar a ele a partida para o retorno para cima, no seu

caminho para frente em direção aos picos através do vale. Isto foi agora realizado, e a ascensão está bem iniciada.

Por isso agimos como uma película de composição gelatinosa age sobre um barril de vinho. À medida que descíamos cuidadosamente, uma nuvem de trabalhadores firmes, sempre vigilantes e curiosos e muito ligados entre si, penetramos em todos estes elementos discordantes conosco e abaixo de nós, para baixo, sempre para baixo, em direção à terra. Isto continuou por gerações passadas. E enquanto nós, sendo constantes em nosso movimento, e irresistíveis, diminuímos o espaço entre nossa ordem tão distantemente espraiada e o plano da terra; estes elementos entre nós e vocês ficaram cada vez mais concentrados em seu conteúdo. Devagarinho começou a aplainar-se sobre a terra como um vapor denso totalmente em movimento, sempre se tornando mais desvairado e frenético,
como os elementos dos quais foi composto empurram-se um ao outro, querendo espaço.

Esta comoção aumentou e se estendeu à medida que pressionávamos mais fortemente em torno da esfera da terra, e sempre mais e mais eles se misturavam na vida da terra e nas limpezas, até que finalmente extrapolou toda a camada etérea circundante e tornou-se do cômputo do mundo dos homens.

Atrás, sobre nós, nós, olhando para cima, vimos os céus lavados deste vapor que se elevava por eras, e estavam mais brilhantes e mais lindos por causa de sua limpeza.

Abaixo de nós, aonde o mesmo vapor tinha sido compelido - bem, meu filho, preciso alongar o assunto? Aquele que estiver entre os que têm olhos de ver pode ver os efeitos de nossas operações, cada vez mais potentes nestes poucos séculos passados. Seria simplório realmente quem dissesse hoje que não vê nosso trabalho em seus efeitos.

Mas quando estas forças terríveis surgiram no cinturão de sua atmosfera

- para emprestar uma frase de suas ciências - então nós, ainda em busca delas em seus passos, também investimos duramente em seu encalço. E aqui estamos, chegados e de posse do campo finalmente.

Mas, meu filho, meu filho, tem sido uma longa e severa batalha das forças. Ah! Longa e severa, e feroz algumas vezes, meu filho. Nós a temos vencido pela boa camaradagem da humanidade de nossa raça, e suas mulheres, todas tão maravilhosas para nós que temos, em tempos frequentes, nos surpreendido para nossa alegria em achar tal índole na nossa raça feminina. Bem, bem, vocês sofreram, vocês da terra, extremamente, e nós os amamos mais por isso. Mas saiba, meu filho, se atuamos diretamente e pesado na briga, também tivemos nossas feridas, nem poucas, nem desprezíveis. Também sofremos, com vocês. E ficamos felizes pelo que sofremos quando nos aproximamos o bastante para ver como estavam sofrendo, também, e tanto. Isto ajudou- nos enquanto ajudávamos vocês, a ambos. Ajudou-nos muito ver tudo isto.

Você está falando agora da Grande Guerra, Arnel?

Dela como um clímax. Mas sempre numa força crescente, como já disse, esta guerra é continuação dos tempos passados. Seus mártires têm sido muitos, e muitas fases a guerra atravessou. Vocês estranhariam se eu dispusesse todas no total. Menciono apenas algumas destas fases: a fase religiosa e teológica, artística, política e democrática, científica, a fase guerreira que entrou em voga neste último milênio como para absorver quase todas as dinâmicas em sua goela ampla e aberta.

Mas vencemos juntos e agora juntos caminharemos para cima nos caminhos celestiais em direção aos picos iluminados pelo sol, à frente. O vale está para trás de nós na penumbra. Bem. Pegamos nosso pessoal e voltamos nossas faces para cima, e daqueles picos cai nos nossos membros marcados pela guerra uma centelha que faz nossas feridas serem galardões sobre nossos peitos e braceletes em nossos pulsos, e nas nossas vestimentas

rasgadas e sujas laços de filigrana maravilhosamente trançados. Porque nossas feridas são feridas honoráveis, e nosso vestuário testemunho de nossos feitos. E nosso grande e comum Capitão é o Cristo que sabe que batalha é, sempre, e com ferimentos também.

Minhas bênçãos, meu filho. Não estou triste esta noite, mas a batalha ainda é ligeiramente silenciosa para mim hoje, e em mim ainda movimenta-se o lema celeste, e minha mão crispa-se forte nas vezes que penso nisto e no que fizemos, e mais ainda no que vimos, e das lágrimas que enxugamos por vocês na terra, meu filho. Sim, estivemos em pranto, mais vezes que uma nós estivemos, e estaremos mais ainda. Porque tínhamos a visão clara d'Ele Que nos guiou, e sua pobre visão estava turva com a névoa, então viram-No mas de forma obscura, quando não na escuridão total. Lamentamos por vocês todos, meu filho, por causa da mesma coisa.

E apesar de ser através de nossas lágrimas, em resposta às suas, nós os observávamos maravilhados, e não com pouco temor, por vê-los lutarem assim. Mas oh, como lutaram, vocês filhos dos homens! Digo que ainda estamos maravilhados, e ainda pensamos uns com os outros que vocês também foram guerreiros do mesmo Rei e Capitão como nós mesmos. Então entendemos e, ainda lamentando, regozijamo-nos e nos voltamos a Ele onde Ele estava comandando; e fizemos nossa reverência a Ele a seu lado.

Minhas bênçãos. Não posso seguir adiante agora, meu filho. Minhas bênçãos a você; e aos meus irmãos homens da terra meus cumprimentos com grande amor e bênçãos.

Arnel +

Quarta, 5 de março de 1919.

O que lhe passei, meu filho, é uma parte do empreendimento até onde estive por mim mesmo e de meu conhecimento pessoal. Passei-lhe uma

visão geral, e não em detalhes. Vou falar-lhe agora sobre alguns dos eventos dos quais fui testemunha durante o tempo de nossa progressão em direção à terra e na nossa chegada. Mas iniciarei contando-lhe isto:

Nossa descida operativa era contínua e irresistível. Não houve descanso e a tensão não foi afrouxada. A proximidade de nossas fileiras nunca foi destruída. Nada vindo de baixo poderia nos aquebrantar. Mas os detalhes individuais não foram constantes. Falo em palavras terrestres e uso suas ideias quando digo que nossas variadas companhias eram, de tempo em tempo, aliviadas. Então recorriam a seus caminhos para cima, para descansarem em seus próprios lares por um pouco, ou fazerem alguma expedição mais suave ou menos extenuante nos reinos livres dos céus de Deus.

Porque o empreendimento lançado em direção à terra era local e, em comparação espacial, muito pequeno. O campo total de nossas operações apenas preencheu um minúsculo grão no canto mais exterior do cosmo material. O seu significado era espiritual. Eu já disse que o efeito da limpeza da terra foi sentido até mesmo naquelas esferas mais afastadas da terra. Mas este efeito estava começando ter extensão mais ampla, e foi sentido até mesmo em outros planetas, de tal forma que alguns de seus habitantes experimentaram uma sensação de encolhimento, alguns ficaram confusos ou atordoados por esta causa, não sabendo sua origem. Em outros mundos a origem foi sentida e a terra foi tida como problemática e membro problemático da confraria planetária - sendo estes mais avançados espiritualmente. Se nós, que conhecíamos a terra por seus reais habitantes, não tivéssemos tomado a rédea do problema nas mãos, ele teria sido tratado por iniciativa daqueles planetas. Estes que ficaram tão envolvidos e que alcançaram a arte de intercomunicação já tinham começado a troca de conselhos. Seus motivos são muito nobres e espiritualmente elevados. Mas seus métodos são próprios da evolução deles e não são os que a terra

entenderia. Teriam sido tão severos que fariam chegar ao ponto de acontecer uma negação de Deus, que faria vocês serem lançados da volta vários séculos, justamente quando vocês mais precisavam um empurrão para a frente. Pense nisto quando estiver com problemas por pensar no sofrimento daqueles que conduziram o mundo nestas centenas de anos passados e nestes que conduzem hoje.

Mas foi feito saber a estes mundos planetários que o Cristo tomou as rédeas e então eles sumariamente ofereceram-Lhe sua ajuda suplementar. Isto Ele aceitou, e as tem usado com reservas, apenas para dizer isto. Eles têm enviado para nós de suas virtudes numa corrente de poder que reforça a nossa. Assim nos têm sustentado com grande força, e assim também a luta tem sido encurtada.

Tenha estas poucas coisas em mente, entretanto, enquanto lhe conto de nossos afazeres com mais detalhes. Estes eventos são tais que servirão para ajudá-lo a entender algo da história passada do ponto de vista causador. Nos tempos futuros, os homens estudarão a história mais por sua face mais íntima, e então será capaz de correlacionar os eventos exteriores do progresso do mundo de forma mais compreensível que no caso presente.

É tão estranho que os homens tenham dado tão pouca conta de nós e de nossos trabalhos. Porque vocês habitam bem espalhados sobre a terra, e têm amplos espaços inabitados. Ainda assim vocês são ainda poucos no total. Nós rodeamos a terra por todos os lados, e nossas fileiras se espalham para cima, através das estepes e dos céus agrupados em andares. Somos muitos, e cada um de nós de maior poder que a maioria de vocês. Ah, bem, a luz da aurora mandará seus raios para cima e nos buscará em nossos lugares escondidos entre a luz e o brilho das esferas. Então a terra sentirá menos solidão enquanto vagueia na pradaria do espaço. A terra saberá naquele dia que sobre todos aqueles prados fadas brincam e duendes pulam de alegria e que a terra não está só, mas é uma só junto às miríades de redimidos da

terra que alinharam a raça humana com aqueles distantes que habitam em alguns planetas que são vistos numa noite clara, e outros que não são vistos por vocês na terra. Nem serão até que vocês saiam de suas correntezas humildes e naveguem com seus barcos em direção ao mar aberto, para a grande expansão, em direção à região do sol poente.

Arnel +

VI - OS EXÉRCITOS CELESTES DO CRISTO - A GUARDA AVANÇADA - O ARAUTO - A PASSAGEM DO CRISTO EM DIREÇÃO À TERRA

Quinta, 6 de março de 1919.

Para bem longe das estepes celestes os exércitos do Cristo foram enviados. Um após outro, periodicamente subiam para seus planos e graus. Eu e meus companheiros ficamos num terraço que naquela hora parecia suspenso no meio do céu, nem no topo, nem no fundo deste imenso oceano de seres, cada um posicionado como guerreiro com seu próprio quinhão de tarefa. Pois uma maravilha foi preparada que mesmo para nós da Esfera Onze era nova e única.

A preparação de nós todos para a nossa entrada na briga foi feita aceleradamente com diversos efeitos sobre nós. Um deles foi que, enquanto nossa capacidade magnética foi aumentada em cada um de nós pela emanação de virtudes, tanto dos céus sobre nós quanto daqueles governadores planetários de quem já lhe falei, nossa faculdade de visão também foi aumentada além do ordinário, por causa disto fomos capazes de ver mais distante, nas regiões lacradas a nós até então. O propósito disso era a coordenação de forças, vale dizer que nos foi dado uma ampliação de alcance de visão para que pudéssemos observar os movimentos daqueles dos planos abaixo ou acima de nós, e assim combinar os nossos com os deles. Assim trabalharíamos mais perfeitamente juntos para maior vantagem. Os de baixo também intuiriam a provável presença dos que são mais brilhantes e mais poderosos de quem, além disso, receberam diretrizes e uma direção para a luta.

Assim era o que reverentemente se via em visões acima e abaixo e em

todos os meus lados. Vi belezas e muitas grandes maravilhas, mas nenhuma tão grande quanto esta.

Abaixo apareceram camadas de múltiplas cores, uma atrás da outra, à medida que eu olhava para a terra. Eram as cores distintas das esferas entre a minha e a terra. Eram as vestimentas dos exércitos colocados em ordem de batalha, prontos para descer. Abaixo de todos eles, formando uma retaguarda para eles, vi a névoa do vapor que circunda a terra. Escuro, denso e horrendo era como aparecia, com faixas e lançando línguas vermelhas e verdes escuras cortando as nuvens densas que formavam uma cobertura marrom, e movia-se aqui e ali por cima uma substância densa e gelatinosa, como se as serpentes do mal tivessem sido arremessadas para cá em seu trabalho horrível dos infernos.

Não esmorecemos, não tememos quando olhávamos para esta visão. Mas nos demos as mãos um do outro, em amor e amizade, e ficando solenes por instantes. Porque nossa jornada deve ser contra e através daquela massa repugnante. A terra está nela, e devemos vencer em direção a ela, porque nossa ajuda era dolorosamente necessária ali naquele planeta escuro. O pensamento me ocorreu, conforme eu via tudo isto, "Como pode o homem habitar naquela terrível sopa infernal e ainda assim respirar e viver?"

Quanto a nós, nossa tarefa era absorver o que pudéssemos para o nosso cômputo pela transmutação, como eu já falei. O que provasse ser insolúvel deveria ser conduzido aos infernos mais profundos para ali decompor-se por si mesmo, por assim dizer. Bela refeição para nós, diriam vocês, e não muito saborosa. E é verdade. Mas estávamos a salvo para sermos capacitados para a nossa tarefa, a salvo tanto em nossas miríades, e em nosso Líder, o Cristo.

Então nos viramos e olhamos para cima. Lá estavam parados, ou moviam-se suavemente, terraço após terraço, aqueles mais brilhantes. Cada terraço era um céu, e cada céu, conforme estava disposto diante de nós de

forma panorâmica, era um degrau na grande escadaria que subia altas montanhas acima, suspenso num espaço estonteante, até adentrar na radiação impenetrável e o topo estava fora de visão. Somente os de algumas esferas acima de nós, lá dos planos do eterno presente, eram competentes para olharem dentro daquela luz e verem o que lá havia. Para nós era um vácuo de luz, nada mais.

Entretanto nos deu força para vermos aquelas miríades a nosso alcance. Quão encantadoras eram, estes mais próximos de nós, vestidos em roupagem de material brilhante de matizes desconhecidos para os que estão abaixo. Os mais altos, além daqui, estavam envolvidos por uma aura que parecia um leve tecido, seus corpos radiantes com sua beleza de forma e de substância, cada um sugerindo um imponente poema ou uma suave canção de amor e aspirações, cada um sendo um deus em graça e equilíbrio, cada um, com seus pares, perfeitamente disposto diante de nós. Vocês diriam, nas palavras da terra, que eles estavam distantes, muito longe de nós. Na verdade estavam, mas os vimos no todo e em detalhes, tanto em forma quanto em vestimentas, se vestimenta pudesse ser o nome pelo qual chamaríamos aquela radiação que os envolvia.

Mas estes eram apenas intermediários. Havia outras miríades além do raio de nossa visão. Isto nós sabíamos, mas não os víamos completamente; eram sublimados demais para nós, de nosso grau, podermos vê-los. E acima de tudo sabíamos que ali estava o Cristo.

Se estes são tão encantadores, dissemos uns aos outros enquanto observávamos, o que deverá ser Ele em Sua própria glória! Aqui paramos, não poderíamos seguir adiante, assim deixamos o assunto ali. Pois sabíamos que ele viria para nos comandar. E quando Ele viesse, assumiria a visibilidade por nós, condicionando a Si próprio até a capacidade dos habitantes das esferas descendentes, conforme passasse em sua caminhada progressiva em direção à terra. Porque nos foi dado saber que Ele, que

estava acima de todos, iria para baixo até chegar no firmamento da terra para liderar a caravana.

Ah, meu filho, nunca houve líder como Ele. Entre os deuses e principados não pode haver par para Ele em liderança, tanto dos anjos quanto dos homens. Digo isto solenemente, pois estes Poderes Celestes e Príncipes não são feitos segundo um padrão, como você deve saber, mas, como vocês da terra, também aqui cada um expressa uma personalidade própria. Isto fazemos nós, os anjos; assim fazem os que estão acima de nós em grau de santidade; assim fazem os de grau ainda mais alto e assim faz o maior, expressando cada um as excelências do Pai em Sua própria personalidade livre.

Por isso digo que, a respeito de Liderança, o Cristo é ímpar entre eles todos, penso eu, e estes meus companheiros com que estive ali no discurso disseram o mesmo que digo. Mas falaremos disto novamente e então dirá se parecemos Ter julgado acertadamente ou não.

Arnel +

Sexta, 7 de março de 1919.

Esperamos expectantes, olhando para cima ao longo dos céus compactos conforme eles se estendiam além e sobre nós. Lá eles estão como um tapete gigantesco de seda, desenrolado e pendente, todo folheado e pregueado, como uma cascata de águas, prismática à luz do sol celeste. Cada prega era um céu, cada folha uma fronteira fazendo a concordância entre dois deles e misturando suas cores dominantes em uma só.

Cobria os céus desde os mais altos em ondas brilhantes, seus matizes cintilando na radiação celestial como joias num manto real, cada pedacinho de cristal um anjo de poder que, conforme se movia, captava e refletia alguma nova beleza daqueles raios celestes.

Então, enquanto observávamos, a fila mais distante de nossa visão

vagarosamente começou a mudar de coloração. O matiz normal estava ali, mas sobreposto por outro ingrediente, um novo fulgor. Sabíamos que o Cristo e Seu séquito chegaram ao raio de nossa visão. Muito lindo era de se ver, à medida que uma após outra daquelas sedosas camadas pareciam cair sobre a de baixo, toldando-a até que esta também caísse e beijasse a terceira, que da mesma forma inclinaria sua cabeça e deitaria sua face carinhosamente sobre o ombro de seu familiar abaixo.

Este era o aspecto do víamos quando da chegada do Cristo de lá longe, enquanto descia, passo a passo, em direção a nós, cada vez mais perto e mesmo assim numa vasta distância de intervalo, acima dali, emergindo daquela luz impenetrável e lançando-se sobre as esferas a influência de Sua Presença à medida que descia até nós. Finalmente, as ondas de luz que vinham antes d'Ele começaram a se mexer sobre a fronteira superior de uma região a poucas esferas, e então pudemos notar o que estava em torno com mais detalhes. Começamos a ver Sua ampla guarda dianteira conforme eles avançavam e lançavam suas irradiações para frente antes que passassem. Mas ainda não O víamos.

Então, pasmados depois de longo êxtase e em grande elevação pela visão de tanto poder e glória, começamos sentir em nós um brilho que nos banhava com uma sensação de amor e piedade e uma vontade de resolver dar do nosso melhor esforço naquele trabalho que nos esperava. Então soubemos que Ele estava ali próximo, em pessoa.

Mas não posso dizer-lhe como Ele chegou, ou quando passou por nós, meu amigo. Tudo era glorioso demais. Passarei a você o que eu puder.

Aquele brilho aumentou até que nos sentimos muito fortes e capazes, e ficamos eretos e esticamos nosso pescoço para ver Sua chegada. Primeiramente vieram os acompanhantes que chegaram antes para nos prepararem. Pois desta vez Ele veio de forma diferente das que lhe descrevi algumas vezes. Em Sua grande glória e poder intrínseco, desta vez Ele veio

para capacitar dez mil batalhões de Seus escolhidos para esta grande empreitada. Por isso era necessário que absorvêssemos de Sua força em nosso exterior para que, por isto mesmo, pudéssemos estar também sintonizados gradualmente. Portanto eles vieram e, conforme passavam por nós e através de nossas graduações, um deu uma palavra de sabedoria, outro suas bênçãos, outro um beijo de paz, de acordo com a necessidade de cada um. Eles passaram entre nós vagarosamente, os mais fortes, individualizando-nos, e num abrir e fechar de olhos levantaram nossas faltas, supriram- nas e passaram adiante. Os que estavam acima de nós os dirigiram até onde estava a necessidade. Todos trabalharam juntos numa harmonia de trabalho que por si mesma era uma lição sem igual para nós.

O que lhe aconteceu, Arnel?

Havia mulheres com eles, assim como havia entre nós. Vocês mandam mulheres para as guerras da terra, meu filho. Nós também trouxemos mulheres para o socorro em suas próprias esferas de serviço.

Eu fiquei ali distante de meus companheiros, porque haviam sido agrupado juntos por um daqueles que veio, para que pudesse falar a eles. Enquanto estava ali, vieram a mim um homem e uma mulher. Sorriram, e cada um deles tomou uma das minhas mãos. O homem era de maior estatura que eu, e a mulher apenas um pouco mais baixa que ele. Um par gracioso e muito imponente, mas muito simples em sua humildade e amor, como todos eles, os grandes. Então ele pôs sua outra mão sobre meu ombro, e disse, "Arnel, você não é desconhecido por nós, que trabalhamos juntos na maior parte combinando nossas qualidades intrínsecas para o trabalho que temos a fazer de tempo em tempo. Então buscamos você para estarmos juntos no nosso caminho, através disso, para a sua casa. A senhora que é minha acompanhante tem, penso, algo a dizer a você antes que sigamos adiante. Ela mantém dentro dela há algum tempo algo que esperava a oportunidade".

Agora, a mulher era muito bonita; sua radiação unida com a dele me deixava sem graça, e eu nada podia fazer de melhor a não ser olhar em torno, em silêncio. E enquanto eu assim procedia, vi que ela apertava minha mão enquanto a levantava um pouco. Então diante de meus olhos abaixados veio a coroa de sua linda cabeça assim que ela se inclinou para beijar minha mão. Por uns instantes seus lábios permaneceram ali e eu olhei sobre seu sedoso cabelo castanho dourado, onde uma tiara dourada atravessava-o onde estava partido e caía para os lados. Não pude falar, pois o toque dele deu-me uma alegria que me elevou, e tão estranhamente em sua santidade, que não posso transcrever em palavras.

Então levantei meus olhos para os dele, questionando-o em minha perplexidade e, enquanto ela lentamente levantava sua cabeça e olhava para minha face, ele disse, "Ela é a grande mãe, meu amigo Arnel, da garota Miramne".

Olhei para ele e para ela, e ela sorriu dizendo, "Eu lhe agradeço, Arnel, porque você fez por mim o que eu não era capaz de fazer, estando tão distante. Mas, vendo o apuro da garota, enviei a você meu pedido, e você prontamente respondeu ao meu desejo. Agradeço agora a você, depois ela também virá agradecer por ela mesma".

Então ela beijou-me na testa, gentilmente apertando-me em direção a ela, e então eles seguiram seu caminho, sorrindo para mim enquanto me deixavam, então senti que sempre estaria em contato com eles, e nunca afastado. É assim por aqui.

Você está imaginando que seria Miramne de quem ele falou. Assim também estive querendo saber quem era, apesar de conhecê-la bem.

Enquanto eu estava tratando de meus afazeres num tempo não muito atrás, eu, como talvez você também fizesse, parei de repente, sentindo que alguém precisava de minha atenção. Bem, enquanto fiquei passivamente ali parado, veio a mim, não uma voz, mas um impulso ao qual obedeci. Desci

apressadamente ao plano da terra e, por alguma influência exotérica, fui levado a uma jovem que estava por passar para a vida espiritual. A princípio eu mal sabia o que devia fazer. Somente sabia que era ali. Mas logo percebi tudo. Esperando pela passagem dela, ali estava um homem perto de mim. Ele havia sido a ruína dela na terra e estava esperando por ela agora, para clamar por ela e arrastá-la com ele em sua maldade.

Então, para resumir, fui de encontro a ela quando ela veio para cá. Afastei-a dele com muito empenho, e conduzi-a a um lugar a salvo, onde ele não poderia alcançá-la, na Esfera Três. Ela está agora duas esferas adiantada, e tenho guardado e protegido todo o tempo. Ela é uma das minhas tuteladas. Portanto, ais aí. E agora foi uma grande alegria eu saber de onde veio o primeiro pedido, e também saber que servi a quem pediu com sua aprovação.

Tal alegria você não poderá entender enquanto estiver na terra, meu filho. Mas Ele previu isto quando Ele contou a história dos Esmoleres e a graça que os espera conforme fossem confiáveis em seus deveres. "Muito bem feito, bom e fiel, entre em Minha alegria Comigo". Assim eu fiz naquela hora, meu filho. Não falhei naquele pequeno serviço, e agora entrei com muita alegria neste atual e maior empreendimento. Porque soube que as palavras dela eram as que Ele teria dito a mim. E Sua maior alegria é sempre a alegria de servir.

Arnel +

Segunda, 10 de março de 1919.

Agora você deve saber que estas transações se estenderam por muitos anos na contagem de tempo da terra. Enquanto isso cuidamos de nossos trabalhos. Quando a reforma de uma comunidade da terra está em andamento, as pessoas ainda assim trabalham na sua lida do dia a dia. Assim também fizemos. Somente o único grande e dominante pensamento

que permeava nossos afazeres, e tingia qualquer planejamento de serviço que tivéssemos a chance de receber, era a chegada do Cristo e o condicionamento das esferas sobre nós enquanto Ele chegava. Isto podíamos ver à medida que passávamos em nossos caminhos aqui e ali, e às vezes nos reunimos para examinar mais cuidadosamente a mudança esplendorosa de Seu caminho. Nestas vezes, a maioria de nós chegava, quando um arauto entrava no estado de nossa esfera e, ficando algumas vezes num pico de montanha, ou suspenso no meio do céu, proclamava uma assembleia. Então, os que eram chamados iam ao lugar do encontro e esperavam o que aconteceria.

Uma destas ocasiões foi a que lhe narrei na nossa última sessão.

Mas em outras vezes continuávamos em nosso serviço ordinário, ou éramos especialmente treinados para nosso futuro serviço com nosso Príncipe quando Ele os chamasse, ou se fôssemos mandados em missões especiais para outras esferas. Mas neste último caso uma linha mais que perfeita de comunicação era mantida normalmente, assim poderíamos ser localizados se uma súbita chamada fosse feita para o nosso atendimento.

Mas, apesar de que muitas coisas foram feitas durante este tempo que poderiam ser de seu interesse e útil, agora vou passar ao largo, e se for assim ordenado, num tempo futuro retornarei a eles. É meu propósito dizer-lhe da Chegada do Cristo.

Nós chegamos juntos, nós os eleitos para segui-Lo, e agrupados nos parques onde estava a Torre dos Anjos. Enquanto esperávamos, olhamos para a Coroa de Palmas no teto. Gradualmente ali emergiram para a visibilidade, um após outro, vários anjos. Eles estavam ajoelhados, sentados, em pé, reclinados naquele trabalho em filigrana. Não se moveram de suas posições na Coroa. Tornaram-se apenas visíveis diante de nossos olhos. Eles estavam ali antes, invisíveis, e então tomaram sua forma exterior onde estavam. Acabando de fazer isso, não ficaram parados, mas moviam-

se de um lugar a outro conversando. Eram de alto grau e muito belos. Já lhe relatei um acontecimento similar a você. Não acho que muitos destes eram os mesmos que vieram então. Alguns deles eram.

Quando todos estavam ali, outra forma foi vista tomando forma, deste jeito:

Ali apareceu um novo item na Coroa - uma cruz elevando-se no centro dela e sobre ela. O último anjo a vir ficou num braço da cruz e descansou sua mão esquerda contra a posição superior dela. Ele era mais resplandecente que qualquer um deles. Quando ele tornou-se completamente condicionado a nossa Esfera, levantou sua mão direita, olhando para baixo para nós, dando-nos sua bênção. Então falou a nós numa clara voz forte, não alta na tonalidade, mas mesmo assim alcançando-nos embaixo e a todos os que estavam naquela zona. Estavam espalhados longe e nos vales e colinas, e alguns nos tetos dos barcos nas águas. Aí ele fez sua proclamação, dizendo:

"Nós os chamamos, meus companheiros, para que ouvissem uma mensagem d'Ele Que se desloca para perto deste Estado, para que na Sua chegada e na Sua passagem entendam o que será a vocês e não percam as bênçãos.

"Saibam entretanto, quem já O viu em outras vezes, que agora Ele vem de outra maneira. Como O haviam visto até agora, Ele vinha para algum propósito ou outro, conforme houvesse certa necessidade especial. Agora Ele vem, não de Sua forma completa ainda, mas numa grandeza muito maior de majestade que algumas vezes já fez. Pois até então descia a vocês em Seus serviço peculiares. Agora Ele vem com o mandato de Seu Pai para trabalho.

"É um empreendimento para um grande momento, porque a terra está em dolorosa necessidade de seu socorro. Quando portanto Ele passar por vocês, cada um de todos vocês, revelem a Ele quais qualidades realmente

lhes faltam. Desta forma estarão sintonizados à tarefa que se seguirá e fortalecidos para seu cumprimento.

"Não deixem de estar prontos, nem fiquem intimidados demais por Sua glória. Ele a traz a vocês. Ele próprio não precisa disto. É por vocês que Ele vem todo glorioso, e as faixas de Sua radiação são para vocês. Banhem-se nelas, portanto, e apropriem-se delas para seu uso aquilo que de força e dignidade trazem em suas forças magnéticas.

"Agora tenham para si pequenos grupos para conversação amigável. Falem uns aos outros daquilo que eu disse a vocês. Minhas palavras a vocês têm sido poucas. Transformem-nas em muitas. E onde ficarem paralisados, estes meus companheiros vão ajudá-los a resolver suas dificuldades. Portanto vocês vão ficando à vontade enquanto Ele se aproxima cada vez mais para que, enquanto Ele passar, vocês, vendo e ouvindo e sentindo, também entendam".

Então fizemos o que ele nos pedira. E aqueles que estiveram na Coroa de Palmas enquanto ele falava não sumiram na invisibilidade da qual emergiram. Não; desceram entre nós, indo aonde seu socorro era necessário, e grande era a paz que nos trouxeram. Então, quando o Cristo passou não fomos encontrados desprevenidos. Fomos capazes de absorver em nós do rio maravilhoso de águas da Vida que nos banhou em nosso batismo de Seu mais íntimo conselho e propósito.

Esta foi a última das assembleias antes que Ele viesse. Quando terminou, soubemos que éramos um dos d'Ele, e tão inquietos e contentes esperávamos Seu bom prazer.

Arnel +

Terça, 11 de março de 1919.

Fomos agrupados entre os altos planos da Esfera Dez. Era um lugar solitário e com poucos habitantes. O que havia de prédios ali estava

ocupado na maioria com o trabalho de coordenação da grande Torre central onde era mantida contínua a observação sobre uma região ampla.

Isto, claro, foi antes de você se tornar um morador no Templo do qual já me
falou?

Sim, meu filho. Já faz tempo que O encontramos em sua progressão, em Sua descida. Naquele tempo eu tinha subido para a Esfera Dez, da qual fui habitante por um período considerável. Eu estava aqui quando Ele esteve na fronteira daquela região.

Nós observamos do alto da montanha uma longa distância. A luz sobre ela era o brilho do cristal, num matiz verde-dourado. Então começou a mudar, e o verde deu lugar para o róseo, como uma rosa é vista através do âmbar. Seu brilho intensificou-se até que tudo flamejava em vermelho-dourado, com ondas de luz sendo emitidas como se tivesse movimento para cá e para lá em sua progressão. Então começamos a ver as formas deles à medida que vinham em direção a nós. Elas estavam delineadas contra a nuvem de luz na qual o Cristo se movia para adiante. Elas eram muito gloriosas e de grande estatura, como se quisessem emparelhar em poder. Homens e mulheres eram, e alguém aqui e ali era um anjo dual - dois em um - deixo assim; você não entenderia este mistério, nem eu seria capaz de colocá-lo em palavras a você. Eles não eram nem bissexuados nem assexuados. Deixe estar deste jeito. Eram tão encantadores de serem vistos, mas de semblante mais suave que os homens e de porte mais régio que as mulheres suas companheiras. Assim.

Esta companhia passou adiante, então, até a condição de nosso Estado e preencheu todo o firmamento com sua luz e glória. Não desceram entre nós, estes.
Pairaram sobre tudo, jogando sobre nós do orvalho de sua doçura e paz, e assim luzes como beijos flutuavam em nossa direção numa brisa de verão,

mas plena de poder, e carregada de entendimento dos mistérios muito profundos e sagrados. À medida que estes presentes de seu amor caíam sobre nós, tornávamo-nos esclarecidos em assuntos que até então estavam fora de nossa alcance, e assim fomos feitos mais competentes para nosso trabalho.

Alguns permaneceram em lugares no pico mais alto onde poucos de nossa esfera estavam habilitados a ascender, sendo a atmosfera nestas elevações rarefeitas demais para o fortalecimento, e nenhum esteve ali naquela hora. Os recém-chegados tomaram seus lugares em grupos, um aqui, outro distante, sobre outro pico, e assim por diante, até que um círculo foi feito em torno de toda a vasta região, com grupos no meio onde algumas montanhas tomavam seu lugar na circunferência.

Desta forma eles chamavam um ao outro pela música, tanto instrumental quanto vocal, até que toda a abóbada celeste vibrasse com sua harmonia. Nem aquela música deixava de surtir efeito em nós, porque o que nos foi dado para perscrutar estas músicas acrescentava uma doçura toda sua, como uma mamãezinha nina seu nenê, já dormindo, para um sono ainda mais profundo.

Nesta hora o horizonte ficou mais profundo em vermelho dourado, ainda sendo o dourado a cor primária, e o vermelho interpenetrado. E soubemos que o Cristo estava às nossas portas.

Ele chegou. Como contar-lhe da forma que Ele chegou, ou da glória de Sua Presença! Como eu pensava, meu filho, paralisei de temor. Porque seria como pedir ao Bobo da Corte dispor a sequência da Coroação de seu senhor Príncipe; ou para mostrar com o chapéu dele como a coroa estava posta na cabeça real; ou usando seu cajado fazê-lo mostrar de que forma o cetro repousava seguro, ou tocar seus sinos para contar da música do coro - bem, meu filho, seria fazer irreverências ao Rei. E é isso que sinto ao ser impelido a esta tarefa agora.

E contudo, se este pobre Bobo amasse muito a seu mestre real, faria o que fosse possível para mostrar como o Rei se deparou diante de seu povo, e também seria minucioso para certificá-los da indignidade de sua paródia, falha na habilidade da atuação, e de material para atuar. Assim eu agora faço, e Ele, Que mantém a águia para o alto céu e o pardal para a cerca-viva, aceitará meu pequeno voo e gorjeio, pois são oferecidos com humildade e boa intenção.

Sua radiação circundante aumentou em seu brilho e expansão até que todos estávamos envolvidos nela. Podia ver meus companheiros muito claramente mesmo nos locais mais distantes. Mas todo o ar estava tingido de dourado róseo. Nossos corpos também estavam banhados em seu fluir líquido. Desta forma Ele nos envolveu no todo e em parte. Era em Sua Presença e Personalidade que estávamos, e nada mais sentíamos a não ser Ele em nós e em torno de nós. Éramos em Cristo, e partes d'Ele. E entretanto, apesar de Ele assim tornar-se universal a nós, Ele não se esquivou de aparecer em forma exterior.

Eu O vi enquanto se movia em torno, sobre e entre nós. É muito difícil de lhe contar. Ele parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo em Sua forma corporal e localizada, sendo mesmo assim apenas único. Não posso falar melhor, e não está bem dito, é claro. Assim Ele apareceu a nós. Duvido muito que Ele não tenha sido visto identicamente por nós em detalhes de caráter. Para mim Ele apareceu como lhe direi agora.

Era alto de estatura, como da altura de dois homens, mas não parecia ser assim. Para dizer "gigante" seria dizer uma ideia errônea do todo. Era apenas homem, mas enobrecido tanto em aspecto quanto em sua postura. Muito bem. Sobre Sua cabeça usava uma coroa, apenas uma faixa larga de uma mistura contínua de pedras de rubi e o metal ouro alternados. Seus raios eram interpenetrados, mas os raios de rubi eram vermelhos e os raios do ouro eram dourados. Eles iam para cima, sempre em expansão, aos céus

e eram captados pela roupagem daqueles que pairavam ali e que tornaram-se muito embelezados por eles.

Seu corpo brilhava nu, apesar de não estar desvestido - o que é um paradoxo. O quero dizer é que a glória que Seu corpo emitia ia para todas as partes da região e banhava todos em seu fulgor. E entretanto alguns pareciam ser refletidos de volta quando batiam na nossa tela de nossa reverência de forma que eles, retornando, envolviam-No com o nosso amor correspondendo, como uma grande armadura dourada sobre Sua forma. E isto era muito doce, tanto para nós quanto a Ele. Por nós Ele não se omitiu em circundar o santuário com Sua beleza natural. E nós tiramos a única túnica merecedora do serviço e as dispusemos em reverência a Ele, olhos baixos, e O amamos até sentir o coração doer por Sua confiança doce com todos os caracteres primorosos de nosso profundo e reverente amor.

Mas tínhamos visto Sua glória e conhecemos Seu amor oprimido dentro d'Ele, e pronto. Portanto, apesar de Ele não usar armadura, estava vestido numa roupagem dourada, nossa oferta a Ele. D'Ele próprio, como tudo é d'Ele, nós retornávamos a Ele nossa apresentação.

Seus pés estavam descobertos, pois o que demos a ele não chegava à altura pelo que tínhamos absorvido em nós mesmos. Por isso na roupa faltava aquela parte no comprimento e ficou sobre Seus tornozelos.

Sua face era muito solene e piedosa, enquanto ia de um grupo a outro, e mesmo assim nunca pareceu deixar aquele lugar central onde primeiramente o vimos em forma visível. Podíamos ler Seu semblante como um pergaminho desenrolado. A solenidade veio dos reinos inefáveis onde os pecados não são desconhecidos, mas conhecidos apenas como fatos, não como experiência. A piedade vinha do Calvário. E os dois encontrando-se no meio do caminho eram captados pela mão do Divino Filho do Homem Que, elevando Sua mão para sombrear Seus olhos para que pudesse olhar naqueles altos reinos distantes e ver o que fariam com o

homem pelos seus pecados, deixou cair sobre Sua sobrancelha estas gotas de pecado da terra para sombrear Sua face dando uma beleza maior. Portanto a sublime solenidade e a tristeza fundiram-se, e a piedade emergia, nascendo emanada, daqui em diante, para ser um atributo da Divindade.

Ali havia amor, não o que delicia dar ou receber, mas amor que no fundo nos une a todos, e torna todos um, idênticos. Então Ele nos envolveu e nos levou a Ele naquela hora.

A majestade também estava em Sua cabeça, uma majestade que transforma uma constelação numa pulseira para usar no braço, e coloca como Seu lacre um sol com planetas em torno.

Desta forma Ele veio, e assim parecia em Sua chegada. Esta comitiva passou, mas Ele permaneceu numa presença firme. Não O vemos hoje como O vimos então, mas ainda podemos revisualizar aquela cena e substanciá-la quando desejarmos. Isto também é um mistério. Deixe-me pôr desta forma: Ele passou pela terra, mas o rastro de Seu manto encompridou à medida que Ele chegou e cobriu com Sua luz todas aquelas esferas pelas quais passou. Ele continuou descendo, descendo, para baixo em direção àquele inferno terrível de vapor nocivo sobre a terra, e nós, que vimos aquela sombra de piedade sobre a majestade de Sua face, encontramos em nossos corações piedade por Ele também, mas para admirá-Lo e reverenciá-Lo. Por mais que tenha sido terrível a Ele, em sua pureza imaculada de santidade, olhar sobre aquele horror abaixo, nem assim parou, nem Se encolheu diante daquilo que tinha em Suas mãos para ser feito. Calmo e invencível, Ele Se aproximou do conflito para a purificação de um mundo, e soubemos que por Ele prevaleceríamos. Nenhum Líder jamais foi tão grande quanto Ele, meu filho. Ele é o Capitão diretamente, e não seria de menos, porque há muito de materno em Seu coração.

Arnel+

VII - COMO OS BATALHÕES DO CÉU LIDAM COM: CIÊNCIA TERRESTRE-RELIGIÃO-CRISTANDADE. O CRISTO DA TERRA. PARÁBOLA: VOVÓ E OS PLANETAS

Quarta, 12 de março de 1919.

Agora, quando o Cristo passou adiante, nós também, agora em Seu batalhão, O seguimos. Estávamos de prontidão em várias ordenanças, mas sem nenhuma voz de comando exterior. Nossas autorizações vinham de nossos próprios corações, onde eram recebidas tais ordens, através de nosso preparo para entender exatamente onde estavam nossos campos de serviços, e o que era requerido de nós ali. Por isso estávamos à vontade em nossos lugares individuais, inspirados ali pela comunhão de Sua Presença, e mergulhamos em nossa tarefa.

Vou explicar-lhe resumidamente a ordem de nossa marcha em direção à terra. À medida que circundamos a terra por todos os lados e todas as esferas intervenientes, impulsionamo-nos para baixo e para dentro como se fosse em direção ao centro. Isto é para explicar a você em termos de espaço - um espaço de três dimensões. Somente desta forma poderá chegar a uma leve noção do cômputo desta grande campanha.

Bem, O Próprio Cristo, como eu disse, era ubíquo; Ele estava onipresente entre todas as miríades de seus batalhões em todos seus degraus de atuação, desde Seus supremos Senhores, que detinham enorme autoridade, até os mais humildes trabalhadores de Suas fileiras. Mas apesar de que internamente fôssemos inspirados para nossos vários deveres, mesmo assim externamente estava tudo exposto em perfeita ordem para a batalha. Aqueles que eram os mais elevados e mais próximos a Ele transmitiam Seus comandos através dos próximos em hierarquia aos oficiais

abaixo, que os transmitiam a outros novamente, havendo muito poucos a serem alentados. Esta condição nós tratamos pela expansão. Mergulhamos naquela direção, por assim dizer, arremessados amplamente para longe de nossa influência em socorro, ajudamos que este conhecimento se dilatasse ao máximo, e assim fosse obedecido. Sob a nossa pressão assim aplicada, expandiu-se até que as fronteiras da matéria fossem atingidas. Mas o ímpeto que tínhamos dado a esta ciência material não poderia ter ficado ali. Gradualmente pressionou para fora de suas próprias fronteiras e começou a emergir aqui e ali a acolá adiante. Assim aquela linha afiada, tão arbitrariamente colocada entre o material e o espiritual começou a cair e salientar-se, e aqui e ali uma pequena brecha foi feita - pequena a princípio, aumentando mais tarde. Mas pequena ou grande, repare bem, jamais tais brechas foram consertadas. Uma vez o dique rompido, a pressão firme e irresistível do conteúdo espiritual fluiu de forma crescente para a sua ciência da terra, e isto continua hoje em dia.

Desta forma não destruímos sua ciência por cataclismos, como aconteceu em eras passadas, não uma nem duas vezes. Não. Porque restrita e limitada como estava, ministrou ao progresso como um todo, e assim deixamos naquele degrau em reverência. Assim nós a transmutamos pela expansão, e desta forma continuamos hoje.

Este trabalho, no qual a senhorita Kathleen está ajudando a mim e aos meus amigos, pode parecer ter pequena relação com aquilo que acabo de descrever a você. Mesmo assim é um item da mesma operação e, se você reler as mensagens que recebeu de nós, e as que escreveu com a sua mão antes de nós, verá que aquilo que você foi capaz de receber de cunho científico lhe foi dado. Nada a mais, garanto a você, mas naquilo que você falhou, não foi por sua vontade, mas por falta de habilidade. Direi isto a você, entretanto: há aqueles, que agora estão sendo preparados, que são mais capazes que você para esta fase especial de revelação, homens, sim, e

algumas mulheres também, de mente científica, que serão instrumentos mais fáceis para o trabalho. Não serei pretor deles, não, já que isto não é muito de minhas qualidades. Cada um de nós segue aqueles em que o entendimento é feito pela própria simpatia. Desta forma cheguei a você, meu filho. Posso não falar das ciências como outros de meu grau são capazes de falar, sendo tão competentes por seu treinamento. Mas o que sou, eu revelo a você, e o que tenho, eu dou. Você, com sua doce graça, receba minha oferta; assim estarei tão contente quanto satisfeito.

Que a maior paz de Deus esteja com você, meu filho. Falaremos deste tema ainda. Você está um pouco extenuado em suas forças agora.

Arnel +

Segunda, 17 de março de 1919.

Outro elemento a ser tratado era o da religião. Este foi o mais difícil já que, enquanto seus pretores a clamavam como uma ciência, e uma ciência progressiva, eles a tolhiam com uma corda presa a seus fundadores. Para falar amplamente, a você jamais foi permitido, como a mim não foi, fazer carreira muito longe dos caminhos que lhe foram dados, para que não saísse para fora do círculo. Quando distância não ampla da circunferência fosse alcançada, a corda rapidamente relembraria você - e às vezes violentamente, se você tivesse a cabeça muito aberta - que você estava atado ao centro e não deveria de forma alguma perder-se tão longe dele. Este centro era, digo eu, o Fundador da forma da religião professada. Foi muito igual em seu sistema com o Islam e também com o Buda, e não muito diferente com a Cristandade.

Temos muito a fazer então, porque as palavras promissoras dos religiosistas fizeram um alarde muito grande, e ainda têm o mesmo efeito operando quanto as dos velhos rabinos no período de Jesus, nosso Senhor. Em todos os casos nós, olhando de perto e em detalhes estes temas,

encontramos que o erro procedia de uma grande causa. Deixo para trás os fatores menores de ganância por ouro e poder, daquela faceta estranha de sinceridade chamada fanatismo, da hipocrisia que gera tanta cegueira naqueles que pensam que são sinceros. Você pode ler sobre eles todos nas suas Escrituras dos homens bons de Israel e da primordial mãe Igreja, já que os que caíram vítimas dos mesmos erros também as leram através dos tempos. Digo que deixo tudo isto de lado e falo da única causa fundamental.

Estávamos em um só grande exército, nós da campanha na terra, e agíamos e interagíamos juntos. Mas tínhamos também nossos departamentos de serviço onde principalmente concentramos nossas energias. Já que tinha vivido na Cristandade, para este sistema de religião eu fui transferido, e dele falarei agora.

A grande causa do erro de que eu falo é esta:

Os homens falaram do Cristo como o Fundador de seu sistema. Bem. Mas o Cristo de Quem eles falam foi entronado no começo da era Cristã, e desde então viu o progresso de Sua Igreja. Quando o homem perguntava o que deveria fazer neste caso ou naquele, para que não falhasse em coordenar seus próprios atos de acordo com a Sua vontade, a resposta era, "Olhe para Ele e aprenda com Ele". E se qualquer homem inquirisse mais tarde onde poderia achar a vontade de Cristo expressa, a resposta era que tal expressão seria encontrada num livro, o livro dos registros de Seus atos e palavras. Nada além do que ali fosse achado teria que ser crido como Sua vontade. E em Sua vontade, como ali estava expressa, as atos da Cristandade tomaram forma.

E desta forma chegou a acontecer que a Cristandade tornou-se atada com uma corda a um livro. A Igreja verdadeiramente estava viva com Sua vida; Seu Espírito preenchia-a como a passagem vital do sangue no corpo humano. Mas aquela vida estava sendo estrangulada e o corpo começou a parar, e finalmente andar em torno de si muito lentamente, naquela órbita

circunscrita.

Verdadeiramente Suas palavras e atos registrados foram uma herança muito preciosa. Foram feitos para ser uma Shekinah para guiar a Igreja através da selvageria das eras. Mas, repare bem, o Shekinah (*Shekinah: palavra hebraica para* Habilitação *ou* Presença de Deus; *muitas vezes usada no lugar da palavra Deus. No judaísmo, vem do fato que Ele "habitou" ou "descansou" entre Seu povo - Nota da tradutora*) veio antes das Crianças de Jacó e os liderou. O Livro da Nova Concordata não foi adiante, mas estava entronizada antes disso. A luz captada era verdadeira luz, como uma baliza no topo de uma colina. Mas iluminava os homens por detrás, e lançava suas sombras à frente deles. Se eles olhassem para a luz, deviam virar seu olhar em torno dos ombros para trás, Então eles tropeçaram. Não é próprio de um avanço ordenado que se olhe para trás para se saber como se dirigir à frente.

Este foi o erro cometido pelo homem. "Ele é o nosso Capitão", diziam eles, "e Ele vai à nossa frente e nos O seguimos, através da morte e da Ressurreição, ao Seu Céu além". E para avistar seu Capitão indo à frente deles, eles viravam a cabeça e olhavam atrás, que não conduz, digo eu, a um avanço ordenado, nem é compatível com a racionalidade.

Assim começamos a nos achegar dos mais corajosos e ajudá-los. Jesus apontara para frente naquilo a fazer no maior trabalho que Ele havia feito, e para a Sua Presença que lideraria os homens para a verdade, não para dirigi-los lá de trás. Então houve alguns homens que, cuidando disto e entendendo, fizeram por mover os corajosos adiante, confiantes em sua liderança. Sofreram na mão de seus companheiros, mas na geração seguinte, ou na próxima depois desta, a semente que haviam semeado brotou e rendeu sua colheita.

Assim você entenderá, meu filho, que o erro que os homens fizeram foi impedir uma Vida vívida e móvel com um Livro. Eles observaram o Livro não como ele era e é, maravilhoso, belo e acima de tudo verdadeiro, mas como infalível e também completo. Mas a Vida do Cristo continuou no

mundo e ainda hoje continua. As poucas palavras e atos d'Ele no Livro dos quatro evangelistas não são como a fonte de onde flui o rio da Cristandade. Elas são meramente ondulações da maré mais ampla, para mostrar que caminho tomar para ir ao mar.

Os homens estão começando a ver isto agora, e entender que se Ele falou por Seus anjos aos homens bons de antigamente, assim ainda o faz hoje em dia. Estes homens seguem adiante, felizes pela luz-baliza atrás deles, mas com maior alegria por irem para a frente, em direção a uma luz mais radiante adiante. Pois lá Ele está hoje, como Ele estava quando foi para Salém naquele tempo. Ele anda na sua frente. Siga-O sem medo. Ele prometeu que os guiaria. Siga-O. Ele pode não esperar por sua hesitação. Leia o que foi escrito d'Ele no evangelho. Mas leia enquanto caminha para adiante. Não volte ao tempo passado e de novo para o santuário da Autoridade inquirindo, como da pitonisa de Delfos, "Devo fazer isto ou aquilo?" Não. Traga os pergaminhos daqueles apontamentos resumidos com você enquanto segue adiante em sua jornada. Desenrole-os em sua sela enquanto cavalga, porque será um bom mapa para o estágio atual. Se em alguns detalhes é obsoleto, mesmo assim o grande contorno do país ainda está bem desenhado e corajosamente constituído. Há outros mapas de assuntos posteriores. Consulte-os também e acrescente ao antigo os detalhes que lhe faltam. Mas siga em frente o tempo todo. E se alguém procurar amarrá-lo, firme seus tendões e aperte seus joelhos contra os flancos de seu cavalo e, indo adiante, estale a corda que eles usariam para prendê-lo lá atrás. Haverá muitos, aliás, muitos mesmo, daqueles que, não querendo seguir adiante, ficam para trás, chocados com a poeira levantada por aqueles que seguiram - errantes - chocados e caídos pelas estradas estarão, imersos no sono da morte. Você não pode fazer nada por eles, porque o Capitão ainda está na frente encabeçando, e chama com voz clara e brava por voluntários para liderarem a caravana. Ele não clama em vão.

E quanto aos outros, bem, serão suficientes para serem companhia para eles. Os mortos devem enterrar seus mortos, e o passado morto deve pô-los em seu túmulo na calada da noite. Mas adiante a aurora está surgindo. Há verdadeiramente nuvens no horizonte, mas o lindo sol deverá espalhá-las com seus raios - quando estiver completamente elevado. E naquele dia todos os homens verão que, desejando abençoar cada uma de Suas crianças, o Pai colocou apenas um Sol no meio do firmamento de Seu brilho. A visão dos homens em relação ao Sol tem diferentes ângulos de acordo com o lugar de sua habitação, seja ao norte ou sul de Seu celeste caminho, e para alguns Ele é mais brilhante e para outros brilha menos. Mesmo assim é o mesmo Sol, e somente por Sua bondade para as justas bênçãos da terra.

Não que Ele favoreça um povo com mais de Suas bênçãos e a outro dê menos. Ele emana Seus raios em todas as direções igualmente. É o livre arbítrio das pessoas que determina o tamanho de sua porção, uma por uma, ao se escolher a localidade de sua habitação.

Leia direito esta parábola, meu filho, e verá que se o Cristo fosse o Sol de um só credo, Ele deveria necessariamente ser Sol a todos. Porque um Sol não pode ser eliminado da face de um mundo - exceto quando o mundo virar sua face para longe do Sol. Aí então Ele torna-se verdadeiramente escondido, e contudo, mesmo assim, apenas por uma estação.

Arnel +

Terça, 18 de março de 1919.

Falamos a você, meu filho, do Cristo, e apontamos para uma visão mais ampla d'Ele do que aquela que a Cristandade tem estado habituada a aprovar. Vamos então prosseguir neste tema um pouco mais adiante.

Conforme nos aproximamos da terra, nós das companhias cujo trabalho era com a Igreja da Cristandade, pausamos um pouco e fomos chamados a nos agrupar para que pudéssemos entender melhor os vários aspectos de

nossa tarefa. Então o Cristo intensificou Sua Presença e tornou-se pessoalmente visível diante de nós. Ficou, numa visão plena a nós, ali no meio do céu. Agora estávamos mais perto do estado da terra que estávamos quando Ele veio a nós daquela vez, como já lhe relatei. Por isso Sua aparência agora era de um aspecto mais material, e também mais cheia de detalhes. Desta forma, vimos Seu manto completamente. Cobria Seu corpo até os joelhos, mas não Seus braços, que estavam livres. Foi em cima deste manto que tivemos que olhar, porque foi feito para refletir os sentimentos da terra em direção a Ele nos vários credos das Igrejas.

Não posso dizer-lhe como este conhecimento foi mostrado a nós, exceto por dizer que a luz que pairava em cima pela adoração e a pregação das religiões do mundo foi captada nesta roupa. Ela atuava como um espectroscópio e dividia os raios em seus verdadeiros elementos constituintes. Estes nós analisamos e, assim fazendo, vimos que não havia uma verdadeiramente branca entre todas elas. Todas estavam sujas e incompletas.

Estudamos este tema por um longo tempo, e então nos foi dado a entender qual remédio deveria ser aplicado no caso. Era radical. Os homens não haviam somente tirado d'Ele algumas de Suas glórias, acrescentaram também outras glórias que não eram Suas. E ainda estas glórias acrescentadas eram de tipo tão forjado que O desmereciam no total. Havia glórias de títulos e atributos terrestres. Soavam fortes e sonoros, desmerecedores na realidade.

Poderia dar-me, Arnel, alguns poucos detalhes?

Os homens chamam-No de Deus, e disseram que Ele era Divino. Disseram muito, significando muito pouco. Por um lado, o Cristo não é o único Supremo, o Único Ser dos Seres consumados. O Pai, em Si, não é assim, mas é a mais alta expressão de Ser que o homem conhece. E o Pai é Maior que o Cristo, Que é do Pai, Filho do Pai.

Por outra parte, o Senhor Cristo tem poderes e glórias muito maiores que qualquer um dos que os homens atribuem ao Pai Deus. O mais alto de todos os Seres que a Cristandade reconhece é o Pai Todo Poderoso. Estas palavras de atributo soam grandes e poderosas. Mas a ideia que o homem infunde nelas é pobre e pequena em comparação com a real majestade, mesmo a do Cristo, como nós que falamos a você acabamos de conhecer. E somos apenas afastados da terra dez esferas. Qual portanto deve ser a verdadeira majestade d'Ele!

Os homens dizem com um só suspiro que Ele é coigual ao Pai - o que Ele jamais disse. Com o suspiro seguinte os homens dizem que o Pai é Senhor de Todos os Poderes. Quais poderes os homens têm de reserva, portanto, com os quais dotam o Cristo?

Os homens dizem que o Cristo veio à terra em toda a plenitude de Seu Ser. Também dizem que todo o céu dos céus não pode contê-Lo.

Não seguirei mais adiante, meu filho. Pois eu O amo, e o reverencio em tal humildade aos pés de Seu trono Principesco que tal confusão de luzes quebradas focadas n'Ele é desgastante para mim, muito dolorosamente desgastante, meu filho. Seu manto, por causa disto, estava manchado com remendos de cores que se misturavam desarmonicamente. Se fosse possível macular a santidade, eles teriam feito n'Ele. Mas o manto de Sua Santidade protegia Seu corpo e lançava de volta aquele pano estampado aos espaços sobre a terra. Eles não passavam além d'Ele para cima, aos céus superiores ao que estávamos. Eles eram refratados de volta para baixo. Assim nós os líamos e tomávamos nota.

O remédio que nos foi revelado era não menos que isto: A demolição do Cristo da terra. Isto é a verdade exata, mas tem um som temerário. Tem também uma realidade temerária. Deixe-me explicar.

Há alguns prédios muito mal embasados por trabalhadores não muito cuidadosos, mas capazes de uma reconstrução e conserto enquanto

estiverem em pé. Alguns são tão ruins que devem ser demolidos e espalhados, e novo material deve ser trazido para que uma nova casa possa ser construída. A única parte deixada intacta é a fundação abaixo do solo. Esta casa posterior é o Cristo da terra. Não digo o Cristo, mas o Cristo dos credos da terra, o dogmático Cristo da Cristandade. Tal Cristo como ele aparece nos Credos aceitos na Cristandade hoje em dia é desmerecedor d'Ele como Ele é. Deve ser demolido, seu material espalhado - tudo menos as profundas fundações. Então novos materiais serão agregados, e um santuário resplandecente e maravilhoso vai surgir, um santuário que Ele merece, para que seja ali colocado Seu Trono, merecedor de cobrir Sua cabeça enquanto estiver sentado em Seu Trono.

Isto, meu filho, isto que clamo a você de onde estou, um tanto afastado, não é uma ameaça. Este assunto de que lhe falo tem prosseguido por século e meio passado e continua. A demolição ainda não está completa nos países da Europa. Mas segue adiante. Quando Ele tira seu manto de Sua Divindade tecido nos teares da terra, então temos outro, um Manto de Divindade Real tecido nos teares dos Céus, iluminados com raios da luz eterna, feita suave com as linhas de seda do amor divino, entremeado com pérolas das lágrimas dos anjos, captadas enquanto vinham para a terra e inclinavam suas cabeças para ver as atitudes dos homens, captadas e espalhadas sobre o pavimento diante dos degraus do Pavilhão do Pai. Lá estão até que se tornem lindas com o brilho dos raios de Seu amor e adornem a roupagem de Seu Filho. Porque, elas foram lágrimas de um grande amor.

Arnel +

Quarta, 19 de março de 1919.

Assim este despojamento do Cristo continuou e tem certa relação ao progresso materialista da ciência do qual eu já lhe falei. Embora o tratamento disto e deste tema variasse no processo de alguma forma. Mas o

fim e o nosso desejo são idênticos. A relação da qual falo é vista na tendência geral em direção à exaltação do natural e da eliminação do puramente espiritual. A ciência nesta matéria trabalhou de dentro para fora, e extrapola suas fronteiras emergindo no reino das coisas espirituais. No caso do Cristo, os homens têm trabalhado de fora, não preenchendo, mas aparando a casca, e então a polpa, até que somente a semente seja deixada. Mas é aquela semente que é vida, e vai brotar presentemente, e a mais linda fruta surgirá dela.

Mas a mente humana não é para ser medida com um único padrão pelo mundo todo em qualquer período. Porque sempre haverá o livre arbítrio para ser considerado no cômputo. Assim, o que se passa é que um total despojamento do Cristo para Sua Divindade não é de necessidade universal. Vimos que era assim em algumas comunidades onde as pessoas são de tal mentalidade que, se ficassem seguros de que o Cristo era um mero homem, perderiam toda a fé n'Ele que guia o Universo. Assim sua fé é deixada a eles, mas não intocada. Mesmo eles escutariam sussurros das pessoas que dizem que o Cristo foi um mero homem. Eles ficam perturbados e, querendo coragem para encarar esta matéria e procurar achar a verdade real de tudo, ficam de lado a agarram-se à Autoridade, como aos fragmentos de destroços, para fazê-los boiar.

Outros têm coragem demais e dizem que resolveram o enigma do Cristo. A resposta é, dizem eles, "Homem, e meramente homem". Meu filho, nós que falamos a você nesta grave matéria também pesquisamos. Nossos pretores também são muito elevados, e de uma sabedoria muito grande. Ainda assim não resolvemos o problema até aqui, e eles nossos professores dizem-nos que sabem mais deste alto mistério que nós sabemos, mas não todo. Repare, meu filho, que enquanto alguns de seus mestres de teologia sacrificam a natureza e os atributos até do Supremo Ser, precisamente e com decisão, há aqueles acima de nós que não se arriscam

tanto quando falam apenas do Cristo. Bem, bem, o carneiro velho não anda tão vivaz quanto o jovem em suas brincadeiras. Mas ele tem de sabedoria, de dignidade, mais que o jovem.

Agora, embora haja comunidades de pessoas a quem será deixado seu credo, ainda a reabilitação do Cristo não virá deles. Virá dentre os de maior coragem que andaram a estrada toda, para sua surpresa. Poucos virão dos outros, mas a massa virá dentre os que pelo menos tenham lido com mente aberta os ensinamentos daqueles que ensinaram a doutrina aos meramente-homens. Há exceções em ambos lados, falo em linhas gerais.

Eu permaneci nesta questão porque à Cristandade parecia ser de importância primordial. Muita dor é causada a muitos quando ouvem falar de seu Salvador em termos que parecem irreverentes. Isto é por causa de seu amor por Ele. Eu hesitei em contar isso, meu filho, apesar de que direi tudo, porque sou constrangido a fazer assim: seria melhor para eles se seu conhecimento d'Ele fosse grande como é seu amor. Porque muito de sua devoção é prestada a Ele através de nuvens de névoa e vapor que não são parte d'Ele, mas são o resultado de suas próprias imaginações. Apesar de serem sinceras, ainda são imaginações, e seus efeitos nas devoções de quem as cria é diluir tais devoções até seu tamanho ficar bem reduzido. Esta adoração realmente O alcança, sim, mas há um medo mesclado nela que a enfraquece. Seria melhor, entretanto, que esses devotos pudessem afastar este medo de seu amor e pudessem amá-Lo tão verdadeiramente quanto estivessem assegurados de que Ele não ficaria desgostoso com eles se eles pensassem n'Ele bravamente, apesar de que humildemente, mesmo tendo, em alguns pequenos detalhes, chance de errar. Isto nós fazemos, mas não O tememos, porque sabemos que ainda não somos competentes para entendê-Lo no total, e que, se for com humildade e com boa intenção, podemos buscar a verdade como ela está n'Ele sem desastres ou reprimendas.

Meu filho, faça também assim. E esteja seguro de que, como Ele é o de

maior majestade que jamais a Cristandade sonhou, também Ele está bem longe além de nossos sonhos na perfeição de Seu amor.

Alguns dizem que o Cristo encarnou várias vezes, como, por exemplo, Crisna ou Buda. É assim?

Não, meu filho, não em tantas palavras. Antes de ensinar assim, um homem deveria primeiro entender toda a natureza e o conteúdo daquela entidade que é dita como sendo o Cristo. Mas eu tinha dito que isto é, mesmo para nós e para os acima de nós, ainda um mistério. Esta é a razão pela qual, talvez, ao tentar explicar tanto quanto eu saiba, eu caia em paradoxo. Bem.

Não é verdade dizer que o Cristo que Se manifestou, e o Pai através d'Ele, em Jesus de Galileia é o mesmo Cristo que se manifestou em Buda. Mas não é verdade também que há mais Cristos que o único Cristo. Como o Cristo de Jesus é um aspecto do Pai Cristo- manifesto, assim o Cristo de Buda é outro aspecto do Pai Cristo-manifesto. Além disso, Jesus e o Buda são, cada um, um aspecto diferente da manifestação do Único Cristo.

Cada homem é uma manifestação distinta de Seu Criador. Mas todos os homens são consanguíneos. Por isso também as manifestações de Jesus Cristo e o Cristo Buda são ambas distintas e, mesmo assim, consanguíneas. Mas Jesus Cristo foi uma manifestação mais plena do Único Cristo que o Cristo Buda foi. Entretanto ambos foram verdadeiros Cristos manifestos. Falei apenas destes dois, isto é, de Jesus e de Buda. Outras manifestações têm havido e a eles todos as mesmas palavras são aplicáveis em princípio.

É bom, meu filho, que arremesse seus pensamentos para longe, em direção aos céus, sondando encontrar o Coração de Deus. Mas quando se cansar com as perplexidades, como estas do Cristo, então retome um simples registro da vida de Jesus e leia sobre Ele como um irmão e um amigo e, em assim fazendo, verá que mesmo em Sua doce masculinidade há Divindade suficiente para servir de alvo e de adoração. Quando você igualar

aquela perfeição em sua vida, então encontrará, por aqui, que Ele ainda está à sua frente. Então, enquanto você sondar os céus aspirando a isto, não esqueça que você têm maravilhas muito grandes sobre você, e muita doçura para ser achada na terra para seu conforto.

Duas menininhas brincavam na frente da porta de sua cabana numa noite de verão, enquanto sua vovó sentou-se à porta remendando suas roupas à luz da vela colocada ao lado de sua cadeira. Disse uma criança à outra, "Aquele é o meu planeta, lá em cima. É maior que todos os outros e mais brilhante. Qual é o seu, Maria?" E Maria respondeu, "Meu planeta é o vermelho. É também muito grande, e eu gosto da cor dele, porque não é tão frio como os brancos". Assim caíram numa argumentação sobre qual planeta era entre todos o mais digno de sua admiração. E não chegavam a um acordo entre elas. Então chamaram a Vovozinha para que viesse e mostrasse a elas o seu planetas favorito, porque elas pensavam que ela provaria qual era o melhor de todos pela sua própria escolha. Mas ela continuou a remendar, nem levantou seus olhos, mas respondeu- lhes, "Não tenho tempo, minhas crianças. Vovó está ocupada remendando suas roupas. E não há necessidade: estou sentada nele. E muito útil tem sido este planeta para mim".

Arnel +

VIII - POR QUE O CRISTO VEIO COMO HOMEM E NÃO COMO MULHER - O FUTURO DA FEMINIDADE - PARÁBOLA: O OURIVES E O DIAMANTE - A FEMINIDADE DO FUTURO - A MANIFESTAÇÃO CONTINUOU - O JOVEM CONQUISTADOR E SUA AMADA

Sexta, 21 de março de 1919.

Vou seguir por muitos assuntos que seriam de seu interesse, porque não quero fazer minha mensagem ser longa demais. Mencionarei uma grande causa que levou à presente crise de conflito entre os irmãos homens. Foi a tendência a exaltar a manifestação externa na matéria acima das mais íntimas e mais dinâmicas atividades do Espírito. Este elemento entrou em todas as fases de vida do Ocidente, e começou a tingir também o pensamento e as motivações do Oriente. Tornou-se misturado, em maior ou menor medida, com a conduta nos negócios, e teve sua fase social, política e eclesiástica, e mesmo a arte não escapou de sua influência. Do que eu já lhe disse do curso da evolução do cosmos à matéria e forma para fora e para dentro, isto não parecerá estranho a você.

Também já havia falado do Cristo em manifestação. Eu disse que em qualquer planeta em que Ele estivesse encarnado - ou qualquer estado que corresponda ao da encarnação na terra - Ele veio ao Seu trabalho na forma apropriada às pessoas com quem se relacionaria, tanto numa referência a um lugar, como também em referência ao período de Sua manifestação.

Falo agora da última encarnação do Cristo em Jesus da Galileia. Os homens perderam a grande significação do fato que na Mente Divina não há divisão de sexo - tão longe quanto saibamos - nem macho nem fêmea, mas

quando Ele veio naquela época para a terra, como todas as vezes antes daquela vez, Ele veio como Homem. Este é o mistério que quero explicar-lhe.

Até aqui a evolução de todo o cosmos tem sido em direção à autoafirmação, que se expressa em forma. Espírito, essencial e absoluto, não tem forma em nenhum sentido no qual vocês na terra entendam esta qualidade. Neste longo período de evolução, agora terminando, o homem tem tomado a liderança, não a mulher. Isto por necessidade. Autoafirmação é masculino, não é feminino. Um homem afirma sua individualidade e incorpora sua mulher escolhida naquela individualidade. Ele a protege, agasalha-a, clama por ela como sua, contra todos os outros. Seu desejo é o desejo dela, ao seu desejo ela submete o dela. À medida que o homem for se refinando mais em sua natureza, assim esta afirmação de sua vontade sobre a de sua mulher temperar-se-á com doçura e amor, ou mais, ou menos. Mas este refinamento não é em direção ao ideal masculino, mas em direção ao ideal feminino. Repare você nisto: isto tem significação.

Assim, para falar da terra, e não de outros mundos por agora, as eras desenvolveram esta expressão da dominação da força corporal e intelectual. Esta expressão dual de força foi o elemento dinâmico em todos os ramos de progresso, político, científico, social e outros. Foi o princípio guia na vida do mundo até agora. "Homem, o líder", tem sido o emblema a Faixa da Humanidade. É o porquê do cristo ter vindo à terra não como mulher, mas como Homem.

O clímax acabou de passar. Não, está apenas passando. A expressão exterior daquele clímax foi a última Guerra.

Tivemos tanto de Guerra ultimamente, Arnel. Você não vai falar dela, vai?

Não no total, meu filho. Mas se mantivesse silêncio no tema deste evento catastrófico, estaria faltando a culminância de linhas de evolução

muito importantes e convergentes. Elas acharam expressão natural e inevitável na Guerra. Se você enxergar tudo isto sem paixão, verá que, enquanto o melhor lado do princípio de autoafirmação é que o homem deveria em sua própria vida exibir sua semelhança ao Criador, no lado mais geral leva ao monopólio e à absorção. Enquanto o homem de caráter refinado honrará sua mulher, o homem bruto vai dominá-la. Também desta forma uma nação refinada procurará estar a serviço de outras nações e, se outras forem fracas, ajudá-las-á com sua força maior. Mas a maioria de pessoas não fará isto, mas buscará escravizar as nações mais fracas, absorvê-las.

Mas tanto as mais altas como as mais baixas, ainda o ato é masculino, e depende do prazer do homem. O homem bom dará; o homem mau tomará. Mas ambos, dar e tomar, dependem do prazer do homem, não da mulher. Se no homem dar é contado como mérito e graça, na mulher é normal. No homem é uma graça adicionada, é inclusa na unidade da feminidade.

O Cristo exibiu em Si o princípio da autoafirmação que foi o motivo guia da raça por qual Ele veio. Ele clamou tudo, e tomou tudo, como um homem faz, como uma mulher não faz. Tendo afirmado este princípio, Ele renunciou a tudo, e deu tudo como um homem deveria fazer. Mas se Ele fizer isto, Ele não estará agindo de acordo com seu ideal masculino, mas de acordo com o ideal feminino. E contudo, ao fazer isto, é homem mais perfeito que o que falha não fazendo isto. Você verá logo minha justificativa para este paradoxo. Agora relembro-o de alguns dos dizeres de Jesus Cristo, Que em Sua natureza mostrou a Si mesmo enquanto Homem em forma corporal exterior, mas uma expressão muito perfeita da Divindade na Qual ambos elementos, macho e fêmea, persistem conjugados.

"Ninguém tem maior amor do que aquele que dá sua vida por seus amigos". Bem. E ainda há um amor maior que este humano. É o que dá sua vida por seus inimigos. E quando vejo o amor apegado de algumas

mulheres por estes homens que as usam doentiamente, eu poderia representar este maior ato de amor como particularmente dela. Jesus realmente deu Sua vida pelos doentios, e foi, parece-me, pelo estímulo do elemento feminino em Sua natureza, em vez do masculino.

Assim também Suas palavras "é mais abençoado dar, que receber". É difícil a um homem perceber estas palavras em pensamento ou em atos, mas é fácil e natural a uma mulher. O homem concordará com esta verdade e continuará seu receber. A mulher atua e busca suas bênçãos no que dá. Se ela não dá em retorno em medida multiplicada por aquilo que aceitou, ela vai dormir insatisfeita. Pode ler isto com reverência a este mistério pelo qual a raça tem continuidade.

Alimentar o povo com o pão foi uma leitura da Bíblia atuada neste mesmo tema.

Mas não seguirei mais neste tema.

O que tentei mostrar-lhe é isto: O mundo serviu para um estágio no qual o elemento heroico na raça humana deveria ser exibido em todos os seus aspectos. A frase "Força máscula" sintoniza-se naturalmente em nossas mentes e não tem vibração estranha como se disséssemos "força feminil".

Mas o homem é a expressão de um aspecto da Divindade, e de uma somente. Este aspecto tem sido amplamente mostrado durante a longa linha do tempo das eras passadas. Lá está o outro aspecto que vai ser exibido antes que a humanidade complete-se pela experiência. Até aqui era ele que liderava a caravana, e nós vimos o outono de sua liderança. As futuras eras guardam outro dom e mais agradável para a humanidade.

Arnel +

Segunda, 24 de março de 1919.

Escreva o que lhe transmitimos e não pare para questionar. Quando o todo estiver escrito, então leia no total e julgue nossa mensagem toda e não

em partes. Digo isto a você, meu filho, porque o que temos que transmitir-lhe não estará de conformidade com a mentalidade de muitos. Transcreva sem parar, porque temos que dizer o que temos a dizer: e você tem um resumo.

Até o tempo da chegada do Cristo em Jesus de Galileia, a evolução continuava nas linhas de dominação do intelecto e na força de um braço direito de um homem. Este era o elemento masculino no progresso da raça da humanidade. Onde outras noções prevaleceram, estas foram excepcionais para a tendência geral da evolução como regatos tributários da corrente principal. Falamos agora do geral e não do particular.

Jesus veio, e no turbilhão da atividade humana Ele lançou seu frasco de óleo. Ele explicou aos que O ouviram que aquela última vitória não era para os fortes, nem para as armas ou do intelecto, mas que os mansos herdariam a terra - herdar, não tomar. Note que Ele falava do futuro.

Os homens aprenderam Seu ensinamento e reconheceram-no como sendo belo e verdadeiro, se praticável. Por dois milênios chegaram perto de se esforçarem para mesclar os dois juntos; enxertar a mansidão na dominação, misturar os dois juntos nos negócios nacionais, internacionais, sociais e outros. Os dois falharam ao se misturarem; tanto que alguns disseram que o Cristianismo não é possível em negócios públicos. Estão errados em suas conclusões. O ensinamento do Cristo é o único elemento durável e perpétuo na vida da terra.

Por isso os homens, então, admitiram esta violência e a força provou ser falaciosa. Seu remédio até aqui tem sido reter o elemento falacioso e tentar suavizá-lo com o elemento mais suave da mansidão. Eles se esforçaram por reter no homem sua dominância, enquanto tentavam suavizar a dominação com o elemento feminino da mansidão. O resultado foi falha. Você vê a inferência, meu filho? O único caminho deixado é a abjura do elemento falacioso e o emergir gradual para o primeiro lugar na vida do mundo do

elemento da mansidão, que é feminino.

O passado do mundo tem sido o passado do homem; o futuro do mundo será o futuro da mulher.

A mulher tem sentido esta reviravolta nela como uma coisa nova a ser trazida a lume para a salvação de seu sexo. Este é um pensamento injusto, porque parcial, e portanto inadequado. Quando uma mulher deu à luz um Salvador naquele tempo, Ele veio como um Salvador não de um sexo, mas de toda a raça humana. Assim será a consequência da agonia atual da mulher.

Sentindo esta nova coisa revirando dentro dela, ela se colocou em preparação para seu desabrochar. Ela tem feito as roupas deles. Digo as roupas "deles", porque as vestimentas que ela tem feito são para um homem-criança. Por eles, ela tem ido ao mesmo mercado onde os homens compram e vendem suas mercadorias, e tem desafiado para trocas. "Podemos fazer seu trabalho", diz ela. Mas ela não entende que desta forma está pondo vinho novo em odres velhos. Bem, ambos perecerão juntos. Entretanto, a mulher tem que aprender sua lição como o homem teve que fazer com a dele. O homem aprendeu onde está a falha, ainda não sabe onde virar para o sucesso. Com uma mão ele segura fortemente o passado; com a outra ele segura o futuro. Mas aquela ainda está vazia, ninguém está seguro, nem estará até que deixe o passado ir-se com a outra.

A mulher agora está fazendo como ele fez; está procurando ajuntar-se a ele em seu domínio dos negócios. O futuro dela não está neste caminho. A mulher não governará a raça, nem sozinha nem em conjunto. Ela deve guiar a raça daqui por diante, não governar.

Como antes já havia dito, a evolução da terra tem sido para baixo, na direção material. Aqui o homem liderou o caminho, e construiu a armadura necessária para um conflito tão áspero com a matéria que lhe foi conveniente. Agora a curva mais baixa da descida foi contornada, e está

justamente sendo deixada para trás, e a raça começou a trilha de subida do desenvolvimento espiritual. Em espírito não sabemos de tal domínio de governo como o que o homem moldou. Conhecemos o domínio do amor. E aqui a mulher liderará, sendo guia quando tiver aprendido a lição dela sobre falhar ao governar pela dominação.

Meu filho, é muito difícil, como já vi, tornar claro a você, de qualquer maneira, o que será esta liderança futura da mulher. Porque todas as lideranças até aqui entre vocês têm um conteúdo dual na mente humana, isto é, o governante e o governado, o dominante e o subserviente. Esta dualidade não tem lugar na futura liderança. Até mesmo esta palavra "liderança" tem o sentido de uma companhia seguindo na frente e outra companhia seguindo atrás, e por compulsão. Esta não é a liderança que temos mostrado como a que espera a raça humana.

Deixe-me ser mais explícito. Está manifesto no Cristo de Jesus. N'Ele você vê todas as excelências do homem sem o acompanhamento de características não amáveis ou não adoráveis. E n'Ele você vê, também misturada, toda a doçura da mulher, sem a fraqueza. Assim os dois no futuro, homem e mulher, vão se tornar, não dois sexos, embora perfeitamente assimilados um ao outro, mas meramente dois aspectos de um sexo só.

Onde a força governa, a palavra é "Eu lidero: você segue". Onde o amor governa não há palavra necessária, mas o coração bate ao outro coração a mensagem, "Seguimos juntos, querido".

De qualquer forma, você vê nisto o que me esforcei para lhe contar, meu filho?

Penso que sim, Arnel. Mas para alguém que está acostumado à ordem atual das coisas é um pouco difícil captar o fato de que o progresso não pode ser feito a não ser que um lidere e outros sigam.

Bem, meu filho. Você ilustrou muito bem a dificuldade que vocês

sentem em sua formulação de ideias. Porque usam tais frases como pertencentes ao que o mundo entende como organização e regulamentação ordenada, como num exército ou num grande negócio onde tudo é organizado do topo até embaixo.

Agora, arranjo ordenado também se encontra aqui nas esferas celestiais: mas são baseados não tanto no mais poder ou menos poder, mas no que está atrás de todo o poder, e que é o Amor.

Tente conceber, mesmo que bem de leve, o que isto significa nesta operação. Num sentido bem real significa que não há mais alto nem mais baixo, nem maior ou menor no sentido destas palavras. Pois no que concerne à relação entre um arcanjo e um espírito recém-chegado há sempre presente o fator potencial. Aquele Espírito jovem é potencialmente não somente um arcanjo, mas um Príncipe e uma Virtude e um Poder além do grau arcangélico.

Mas no que concerne à relação entre, dizemos, um anjo e o Pai - bem, no sentido da terra, verdadeiramente o anjo é menor; mas na atmosfera dos céus esta relação é absorvida para a única grande realidade: a Unidade de Deus, porque o anjo sabe que é Uno a Deus. Maior ou menor aqui não tem lugar essencial. É de roupagens exteriores, como uma joia ou bainha, não entra no santuário mais íntimo.

Isto é o que é trazido para casa a nós, em cada manifestação do Cristo. Sempre sentimos que, enquanto Ele é o Rei, e nós Seus súditos, também sabemos que Ele é uno ao Seu Reino, e que todos Seus súditos dividem Seu Trono. Ele comanda e Ele nos lidera, e nós obedecemos e seguimos, não tanto no que Ele comanda, mas porque O amamos e Ele a nós. Vê, meu filho? Bem, agora lance um pouco desta luz celeste sobre o futuro da raça humana e talvez chegará a algum relance do caminho à frente como foi mostrado a nós que lhe falamos.

E também lembre-se disto, que a razão é das qualidades masculinas, e

assim um instrumento imperfeito pelo qual avistamos o futuro do qual falo. A intuição é feminina, e será uma lente melhor para seus óculos de espião. Embora me pareça que as mulheres que lerem isto assimilarão o que quero dizer mais facilmente que os homens, estes não ficarão contentes a menos que entendam. A mulher não busca o entendimento avidamente porque lhe faltam valores lógicos. Ela tem muito pouca necessidade deles. Ela tem sua intuição que lhe serve muito bem, e servirá a ela e ao homem melhor ainda que presentemente.

Arnel, não acha que aqui está uma chamada para uma de suas pequenas parábolas?

Um ourives pegou em sua mão duas pedras, um rubi e uma esmeralda, para escolher qual colocaria num bracelete para a esposa de seu Rei. Ele estava mais ou menos confuso, porém, porque o rubi era a favorita do Rei, e a esmeralda a favorita da esposa do Rei. Quando viu que não chegaria a uma conclusão por si mesmo, chamou sua esposa e perguntou-lhe o que ela faria neste caso; e ela disse que poria no bracelete um diamante. "Por quê?", disse o ourives, "já que este não tem nem aquelas cores?". "Faça uma escolha", disse sua esposa. E assim ele fez. Mas quando o levava ao palácio ele seguia temeroso do desgosto do Rei, ou da rainha, ou de ambos. Mas quando o Rei viu o bracelete, disse, "Você fez muito bem, ourives. O diamante é de excelente água, já que emana ricos raios vermelhos. Leve-o para minha senhora, para que ela também os possa ver". E o ourives foi e mostrou-o à Rainha. E a Rainha também ficou muito satisfeita, e ela disse, "Ourives, você tem muito bom gosto para gemas. Este diamante é muito fino porque tem os raios da esmeralda. Complete a joia e traga-me de volta". Então o ourives foi para casa espantado, e perguntou para sua esposa por que ela havia dito a ele para colocar o diamante no bracelete. "Como foram as coisas no Palácio?" ela perguntou, e ele respondeu, "Eles ficaram muito satisfeitos; porque o Rei viu-o cristal e vermelho, e a Rainha viu-o

cristal e esmeralda". "Apesar disso," respondeu a boa esposa, "ambos estão certos, já que emana do branco raios dourados e esmeralda quando levantado, e ali há outras cores também. Porque o Amor tem em sua base todas as virtudes misturadas, e cada virtude separada é apenas um de seus raios de Amor. O Rei e a Rainha ambos viram no brilho do cristal o raios da cor de sua escolha. Por isso não houve inquietude na diferença entre eles. Não, seus raios favoritos misturaram-se juntos no cristal onde sua identidade fundiu-se no brilho nativo. Por que eles amam muito".

Arnel +

Terça, 25 de março de 1919.

E agora, tendo lançado nossa seta para o futuro, devemos retornar ao jogo e modular de alguma forma nossa mensagem que já lhe foi passada. Falei em linhas gerais, pegando os fatos mais expostos no progresso da raça humana. Mas o cômputo no qual a humanidade entrou não ésimples, é complexo. Como uma esfera interpenetra outra esfera, também assim fazem as correntes de progresso mesclando-se juntas no rio amplo da evolução humana.

Assim, quando eu digo a você que a dominância do homem dará lugar à mansidão da mulher, não digo que tal dominância deva ser anulada. Não. A evolução da humanidade para a matéria e para a forma tinha um propósito de Seu Criador, e tal propósito não é atingido meramente para ser deixado de lado. Porque este período de evolução que está acabando foi essencialmente para o benefício espiritual do homem. E assim a autoridade que ele aprendeu deverá ser misturada na nova composição que agora se forma para sua futura exaltação.

Os raios do rubi não serão eliminados do diamante, ou em seu brilho faltaria a sua beleza. Mas estes raios vão se tornar mais subdivididos em sua manifestação, conforme a gema receba sobre suas facetas a luz do futuro

num novo ângulo. Assim, por um período, os raios mais evidentes em sua cintilação não serão rubi, como até então, mas esmeralda.

Assim como houve outros raios que tiveram sua vez de serem percebidos em tempos passados, antes dos raios de rubi, assim também há, dentro do coração do cristal, ainda outros raios que encontrarão seu ambiente normal em manifestações exteriores pelas eternidades à frente, depois que os raios de esmeralda tenham tido sua vez.

Mais ainda, a nova era da mulher não virá catastrófica, mas bem lentamente, conforme vocês, os homens da terra, progridam. Esta era ainda não está por nascer, quero dizer. Mas nascerá em tempo certo. E quando este tempo estiver próximo, bem - o Salvador nasceu à noite, e poucos prestaram atenção a isto. E contudo Ele foi fonte e nascente de Sua própria era. Então o mundo seguiu em seu curso normal de vida, e nenhuma interrupção era aparente aos que reconheciam seus anos A.U.C. Mas hoje, por causa daquele obscuro nascimento do Bebê na noite, toda a Cristandade reconhece A.D., e A.U.C. cessou nos calendários. Leia isto como uma parábola, já que é tão gentil em apreciar minhas parábolas, meu filho, e verá a significação inerente.

Mais adiante, você lembrará como lhe contei de nossa experiência na Manifestação do Cristo Criativo na Torre dos Anjos. Agora, aquilo foi uma parte de nosso treinamento para esta presente missão na terra. E você verá, pelo que lhe contei dele, quão completo foi o treinamento. Ele se baseou na criação dos cosmos, e mostrou-nos a constituição do átomo com o qual eles foram feitos. Foi-nos mostrado a evolução do mineral e do vegetal e do animal e do homem, numa longa e majestosa varredura da progressão da vida. Outras instruções seguiram-se, pelas quais nos capacitamos para avaliar os vários elementos que entram na composição da vida da terra em particular, e, portanto, lidar com eles variada e efetivamente. Então fomos levados a relancear o futuro. E isto me leva ao presente termo de minha

mensagem a você.

Agora, não posso contar-lhe toda a Manifestação pela qual nos mostraram este futuro da espécie humana. São raios internos ao coração do diamante que emergem invisíveis dos ângulos do espectroscópio. Mas aquilo que você puder apreciar daquele grandioso espetáculo, tão cheio de doce beleza, tão cheio de confiança e de alegria por nós, eu vou mostrar a você.

Chegou um tempo quando os vapores sobre a terra tinham sido, através de nossa química celestial, separados em seus elementos nativos. Estes foram segregados e tratados separadamente, cada um por aqueles especialmente treinados para este particular serviço. Eles foram transmutados e, quando o processo de remistura deles numa massa mais saudável estava quase por se completar, fomos chamados de lado para descansar, outros tomaram nossa tarefa naquele instante.

Aconteceu que nós nos reunimos em miríades, fileiras e mais fileiras, nos céus escalonados. Foi uma visão de muito esplendor, encorajando-nos a todos pela unidade de nosso propósito assim exposto. Pois todos daquela vasta ordem tinham sua parte na redenção de nossos companheiros da terra, e aquele propósito estava personificado n'Ele que liderava a campanha.

Lá distante eles chegavam, como mil arco-íris vistos em suas múltiplas cores no arco, todas dispostas e ordenadas. E cada anjo e arcanjo ali era um veterano vindo do campo - não como se ele fosse retornar, mas tingido com matizes mais ricos de roupagem e de corpo, e também enriquecidos pelos muitos despojos em tributo prestado em homenagem ao Amor, e não tomado pelo direito de domínio conquistado.

Então no vazio em nosso meio, uma esfera oca do tamanho do universo, chegou esta entidade de silêncio, da qual eu já lhe falei, onde está a Presença de nosso Príncipe. E quando o silêncio nos cobriu, inclinamos nossas cabeças em reverência, da forma como sempre fazemos nestas horas.

E esperamos muito felizes na doçura de nossa admiração reverente, e na unidade de nosso Amor que encontrou seu foco n'Ele, nosso invisível Convidado.

Arnel +

Sexta, 28 de março de 1919.

Nesta vez nós tínhamos reassumido nossa condição normal, de acordo com nossos céus de habitação. Entretanto, apesar de estarmos colocados como numa esfera oca, todos olhando para dentro em direção à terra, mesmo assim a terra não era visível a nós. Falo de meu próprio estado, e não daqueles cuja habitação era mais próxima da terra, pois a eles penso que havia pelo menos uma sombra do planeta para se ver. Mas o que agora lhe conto está de acordo com a minha visão.

Olhei para dentro naquele grande vazio e tudo era vago, exceto que, enquanto a circunferência brilhou pela nossa presença circundante, conforme a profundidade do interior daquela esfera se mostrava, mais a escuridão aumentava. E bem no ponto central de tudo era realmente muito escuro. Então esperamos, e da escuridão vazia, ali do meio elevou-se um som de lamento que se espalhou para todos os lados, avolumando-se à medida que chegava até nós que formávamos a esfera espacial. Mas conforme vinha em nossa direção, o som ia ficando cada vez mais alto, e então ouvimos outro elemento misturado em sua tonalidade, a ainda outro, até que um acorde de múltiplas notas estava composto. No começo estava em desarmonia, mas também ele, conforme se aproximava de nós, tornou-se claro por completo até que finalmente toda a esfera vibrava com um tom profundo, agora não de lamento, mas de um diapasão viril.

Isto persistiu por mais um pouco, e então vagarosamente começou a mesclar-se com uma tonalidade mais leve até que evoluiu, era baixo e tornou-se tenor. Ainda continuou mudando, até que todo o espaço em

nossos círculos estava preenchido com o som de um coro sustentado por vozes de mulheres.

À medida que esta harmonia se desenvolvia desta forma, as vibrações de luz respondiam ao progresso, e quando foi alcançada a consumação do som, então também todo o espaço interior a nós estava iluminado com uma radiação de muitas tonalidades lindas. E no meio, longe de qualquer um de nós todos, vimos que a manifestação começara a assumir visibilidade.

A terra tornou-se visível como uma bola de cristal, e acima dela estava um menino. E então apareceu a seu lado uma menina, e deram-se as mãos. Suas doces faces estavam voltadas para cima e, conforme olhavam, tornaram-se gradualmente transfigurados em um jovem e uma moça, enquanto que o globo no qual estavam expandiu-se até atingir um bom tamanho. Ali agora aparecia um trono com dossel sobre a mais alta curva do globo, e a jovem conduziu o rapaz aos degraus do trono e, enquanto ela se ajoelhava ali, ele subiu e sentou-se nele.

Uma hoste de servidores veio, parou em torno do trono e presenteou-lhe uma coroa e uma espada, e sobre seus ombros colocaram um manto vermelho profundo ricamente bordado. Então menestréis afinaram seus instrumentos musicais e cantaram a ele esta bênção:

"Emanado do espírito o senhor veio, Mestre de toda a vida da terra.

"Para o universo exterior, onde a forma é, o senhor escalou, e olhou em torno. E estando firme em seus pés, sentiu que era um mundo bom, mesclado com algum desconforto. Desafiando um, proclamou-se mestre do outro. E depois da conquista feita e terminada, encontrou ambos sendo seus.

"Então olhou para si novamente, para a avaliação de suas posses. E o senhor, na mais alta disposição, sussurrou seu amor às coisas mais justas que lá encontrou. Então a mulher tornou-se seu tesouro mais querido entre todas as joias que o Pai de Tudo lhe deu do santuário de Sua casa do tesouro.

"As coisas que cantamos ao senhor são assim, Mestre da terra no direito da conquista realizada?"

E o jovem colocou sua espada junto de suas coisas, enquanto dava sua resposta a estes que cantaram esta bênção.

"É como vocês cantaram, vocês que viram da terra minha longa guerra de muitas batalhas. O que viram é verdadeiro, e falam a verdade, porque são homens e mulheres vassalos de nosso Senhor comum.

"E agora justifiquei e estabeleci o que estava reivindicando, e não há outro igual a mim em coragem sobre a terra. Esta é minha herança. Clamei por ela, e estabeleci meu clamor.

"E ainda não estou completamente apaziguado, porque agora que esta questão desgastante está terminada, onde encontrarei caça para minha mira? A terra, perturbada por tantas eras passadas, está agora composta, mais ainda perturbada. E a terra cansou- se de inquietações, porque anseia por seu descanso para que possa deixar para trás o conflito de hoje e ter um amanhã de paz.

"Por isso vocês que me guiaram em minha humanidade até aqui, meus anjos amigos, mostrem-me que caminho tomar em minha jornada futura, porque ainda não os satisfiz em seus conselhos já que estive mais em lutas que a sabedoria sussurrou que eu estivesse. Isto foi para minha própria dor, mas agora tenho mais sabedoria que aquela, comprada a grande preço, mas minha agora, pela compra.

"Tenho melhor audição para suas palavras de conselho hoje, porque terminei minha luta e estou um pouco cansado pela aspereza de minha subida, a que fiz até aqui a este Trono".

E então todos aqueles ministros ficaram divididos em cada lado dos degraus do Trono, e uma ala abriu-se entre eles, quanto no meio da alameda apareceu uma donzela em seu vestido branco com bainha prateada e azul. Então ela esperou, mãos à frente dela, e com doce mansidão. Mas ela

olhava diretamente à frente, no rosto do jovem rei que sentava mais ao alto e olhava para ela atentamente. Até que, finalmente, ele lentamente pegou sua espada dentre suas coisas, e a coroa de sua cabeça, e desceu os degraus, ficando diante dela. Nos braços dela ele depositou a espada e sobre sua cabeça colocou a coroa. Então inclinou-se e beijou-a na testa, dizendo-lhe:

"Fui até aqui seu guarda e sua força contra os perigos de seu caminho, ao longo da jornada a qual eu e você fizemos juntos. Contra os ventos coloquei meu capote sobre você. Contra as muitas correntezas dos rios pus minha força contra as investidas, por você. Mas agora os perigos da estrada estão para trás de nós, e o vento e a inundação transformaram-se em música na brisa do verão. E eu tenho você, querida, a salvo hoje, e toda minha.

"Mas agora eu lhe dou minha espada e minha coroa. Com a primeira mantive a ordem a salvo contra todas as questões. E achei que elas não seriam doces para mim a menos que eu desse ambas a você, e você, sendo bondosa, aceitasse meu presente. Elas significam um troféu daquilo que alcancei, minha querida, e são minhas, e eu as dou a vocês com todas as lembranças, para sua suave guarda. Seja ainda sempre gentil como foi a mim e, como é com amor que eu as ofereço, assim, com amor, receba-as. Elas são tudo o que posso dar a você, minha querida - um mundo, e elas".

Então ela colocou a espada contra seu ombro esquerdo segurando-a com a mão direita, e tomou a mão dele e levou-o degraus acima, em direção ao trono, até que ficaram no mesmo nível, diante dele. Aqui foi feita uma pausa e, em instantes, depois de ter meditado no que deveria fazer, ele ficou ao seu lado e inclinou-se para ela, e ela, sem se encolher, sentou-se no Trono, enquanto ele ficou ao seu lado olhando-a, muito contente que tudo assim fosse.

Mas quando olhei para baixo, vendo-os agora, percebi que a espada contra seu ombro esquerdo não era mais uma espada, mas um ramo de palmeira com joias das cores do arco-íris. A coroa também havia mudado e,

onde havia antes o círculo pesado de ouro e ferro, havia agora uma tiara de margaridas trançadas sobre seus lindos cabelos castanhos, cintilando com joias semelhantes a estrelas de cores azul, verde, branco e amarelo profundo, mas vocês não têm amarelo na terra como este, pelo brilho.

O jovem rei também mudara. Sua face estava mais plácida e seu semblante mais descansado, e o único manto que usava era um manto que não era para jornadas nem para batalhas, mas rodado e fluido, numa tonalidade dourada, com sombreados róseos em suas dobras.

Então ele voltou-se para ela e disse, "Eu lhe agradeço por ter aceitado o que eu tinha para lhe dar. Mostre-me agora nosso caminho futuro, no qual não mais seremos eu e você, mas você e eu, e seguiremos".

E ela disse, "Não, porque sou para você, como você é para mim, querido. Seremos nós que traçaremos nosso caminho futuro juntos. Mas mapearei o alcance de nosso caminho, e marcá-lo-ei verdadeiro. Mas será você que deve lê-lo, meu querido".

Arnel +

IX - A EVOLUÇÃO FUTURA DA TERRA - PSICOMETRIA CÓSMICA - PLANETAS ETÉREOS - MANIFESTAÇÃO DO CRISTO CONSUMADO - O HINO CÓSMICO DAS COISAS NOS CÉUS, E COISAS NA TERRA, E COISAS DEBAIXO DA TERRA (Filipenses, 2, 10; Apoc. 5, 13)

Terça, 1 de abril de 1919.

Enquanto isso, todo o espaço a nosso alcance ficou preenchido mais uma vez com o silêncio. E eles dois sentaram-se juntos no Trono, já que ela o convidara para que se sentasse ao seu lado.

Então ouvimos a voz de um dos grandes que lideraram aqueles que vieram à Esfera Dez e preparou-nos para nosso avanço para a terra. Ele ficou diante do trono e acima dele, e gritou:

"Eu falo a estes que são meus companheiros, e aos que foram chamados para formar hostes conosco para a descida à terra. Para vocês esta manifestação foi dada para que possam, com este entendimento, atinar com seu próximo trabalho. Nós que viemos para liderá-los, também nos foi dado saber destas coisas. Mas a vocês estão sendo mostradas as novas. Portanto, tomem muito cuidado com elas para que possam pisar sem hesitação na estrada que se abre diante de vocês. Deus nosso Pai manda-lhes de Seu poder para o trabalho comissionado por Seu Querido que nos lidera, e através d'Ele esta Corrente é vertida sobre nós e nos capacitará ao trabalho. A Ele, o Autor, sejam sempre nossas reverências'.

E então veio uma névoa radiante sobre o Trono, e englobou a terra até que não mais fosse vista por nós. E isto lentamente se expandiu e preencheu

uma quarta parte da esfera no espaço e então permaneceu ali expandindo. Começou a revolver-se e pareceu tornar-se algo sólida, mas não era sólida como a matéria é sólida. Se você imaginasse um material terrestre duro, mas mesmo assim etéreo, meio caminho à transparência, então teria tido a aparência daquilo.

Enquanto rodava em torno de seu eixo, ali apareceram formas de continentes e águas sobre sua circunferência exterior. Elas não eram coincidentes em seu mapeamento com o traçado que a terra tem hoje. A nós estava sendo mostrada a nossa futura esfera de trabalho, e as formas estavam mudando como agora estão mudando na superfície da terra, mas mais rapidamente. As eras adiante de vocês foram aceleradas para nós, e nós assistimos a tudo como num modelo móvel.

Ali também apareceram as cidades e seus habitantes e animais também, e as máquinas que os povos fizeram para seus diferentes usos. E enquanto o globo girava mostrando sua superfície para nós, continuamente revolvida, podíamos ver o progresso de tudo aquilo.

Quero dizer isso: tome como exemplo de outros continentes as suas próprias ilhas.

Eu as notei primeiramente como serão poucos anos adiante. Então saíram fora da visão. Quando retornaram diante de nós novamente tornaram-se um pouco mudadas em configuração das linhas costeiras, e também em suas cidades e povos. Assim, conforme o globo girava, estas terras, e toda a raça humana e seu trabalho de construção e máquinas de locomoção e todo seu trabalho manual havia progredido através dos tempos, mas tudo foi condensado de milênios a horas. Devo ajustar minhas palavras para seu modo de pensar, meu filho. Os anos não têm o mesmo significado a nós como têm para vocês.

Agora não seria permitido que eu pescasse para você nas profundezas das eras futuras. Vocês da terra devem cozinhar sua própria sopa. Assim é

como deve ser. Apesar disso, é permitido contar-lhe onde estarão as águas piscosas. Então aqueles que pensarem em mim como um bom almirante acertarão suas navegações de acordo com minhas cartas, fora de questionamentos. Bem.

Agora, a terra tornou-se mais linda enquanto navegava em sua viagem ao longo das eras. A luz ficou mais intensa em sua superfície, e sua massa tornou-se mais radiante de dentro para fora. Os povos não mais se apressam tanto aqui e ali, porque a natureza tornou-se mais unida a eles, e eles renderam-se mais genialmente à sua abundância. Por isso suas vidas eram menos febris e mais dadas à meditação. Assim, eles tornaram-se muito mais harmônicos uns aos outros, e todos eles mais sintonizados a nós os que éramos capazes, por nossa vez, de verter sobre eles um grau maior de nosso poder e de nossa mais doce paz.

Conforme esta sintonia evoluiu, entusiasmou-nos com mais alegria saber que obtivemos, por nós mesmos, depois de muito esforço em luta, estas companhias mais jovens de nossa raça anciã. Isto foi muito doce para nós, meu filho.

E gradualmente a terra por si estava mudada. Deixe-me contar-lhe.

Vocês têm uma nova palavra entre vocês que vi na sua mente e de outros: psicometria. Eu entendo que significa esta faculdade pela qual em coisas sólidas é lido algum incidente passado por causa de certas vibrações deixadas gravadas nestes sólidos por eventos nos quais elas tomaram parte.

Bem, há uma verdade aqui que não será completamente conhecida de vocês até que a substância que chamam de éter tenha dado a conhecer aos seus cientistas os segredos de sua composição e forças inerentes nos seus átomos. Tempo chegará - vimos isso plenamente quando observávamos o globo rodando - quando então serão capazes de tratar, tanto analítica quanto sinteticamente com o lastro cósmico que chamam de éter. Terão que lidar com isto como o fazem agora com os líquidos e gases. Mas não é para

agora, porque seus corpos ainda estão muito grosseiros para que lhes fosse permitido este grande poder com segurança. Enquanto isso, seus homens de ciência irão preparando o caminho.

Arnel +

Quarta, 2 de abril de 1919.

Estas vibrações psicométricas, portanto, são - assim concluímos depois de estudar a matéria - escritas, ou penetradas profundamente, no éter que banha a matéria. Mas não é só isso. O éter atua sobre a substância da matéria, e de acordo com as propriedades inerentes que energizam através deste éter, assim a matéria torna-se transmutada para uma substância mais sublimada. Estas propriedades vêm para o éter vindas de fora dele, invadem-no, e usando-o como médium entre elas mesmas e a matéria, atuam sobre a matéria através do éter. Pois as partículas dos materiais estão em solução no éter, como seus homens da química já disseram. Mas eles não se aventuraram nada a mais do que permanecerem no vestíbulo. Além dele está o Templo, e no Templo, o Santuário. Quando se aventurarem para além do vestíbulo do material para o templo do etéreo então, e não antes disto, começarão a entender que este Santuário é o dínamo pelo qual o éter, e através dele a matéria também, é energizado. O Santuário é a habitação do Espírito.

E assim você tem o esquema deste tema em ordem certa, isto é, o Espírito impõe sobre o éter dinamicamente de fora, ou seja, do reino que é superior, tanto em poder quanto em grau de sublimidade, quanto à sua substância básica. Ele energiza o éter, que, por sua vez, atua nele e refina estas partículas que, com ele mesmo, formam a matéria substancial.

Mas esta ação não é automática: é intencional. Onde a vontade se expressa, está ali implicada a personalidade. São os indivíduos expressando sua personalidade que dão caráter ao éter, e a consequência é fielmente

levada à matéria. O que resulta nisto: de acordo com o degrau de santidade das entidades espirituais que operam na matéria através do éter, assim aquela matéria é mais grosseira ou menos grosseira na substância de sua massa.

A qualidade da matéria da qual a terra e todas as coisas ali são feitas é, portanto, suscetível ao caráter das individualidades espirituais que atuam nela intencionalmente. Estes são espíritos tanto encarnados quanto desencarnados.

E assim se passou que as pessoas da terra progrediram mais para o alto espiritualmente, desta forma a terra em si gradualmente, mas fielmente, respondeu à sua influência, que foi registrada na substância da qual a terra é construída. A matéria tornou- se menos densa e mais etérea. É por isso que se tornou mais brilhante com a radiação vinda de dentro, como a vimos enquanto girava. Era nem mais nem menos que a psicometria cósmica na massa, mas essencialmente idêntica com a que presentemente conhecem manifestada em detalhes.

À medida que a terra e seus povos tornaram-se mais e mais eterizados, assim as hostes espirituais foram ficando competentes para consorciarem-se com estes povos com maior facilidade, e sua conversação foi ficando mais frequente e mais livre do que é hoje. E, para encurtar minha história, chegamos ao período em que o progresso atingiu um grau em que a comunhão de espíritos com as pessoas era normal e contínuo. Então ficou possível que uma grande manifestação acontecesse; dela contarei mais adiante.

Mas isto primeiro: deixo as constelações e falo apenas de nosso sol e de seu sistema planetário, assim...

Estes planetas que seus cientistas mapearam são, dizem eles, materiais.

Eles perceberam depois que a matéria destes planetas é constituída em proporções não-idênticas daqueles ingredientes que concorrem para a

construção de sua massa material. Mas eles ainda não procederam ao registro de outro fator que entra nas causas da diferença de densidades. É o fator espiritual do qual eu lhe falei, e que entrou na evolução de alguns destes planetas de tal forma a colocá-los adiante em sua peregrinação evolucionária, à frente da terra.

Há outros que não são visíveis a vocês da terra porque eles são os que progrediram em sua eterização além do material, e tornaram-se etéreos. Podem ser vistos por aqueles que vivem em planetas de substância semelhante. Não são espirituais, mas estão entre os estados material e espiritual. Seus habitantes são conhecedores dos outros planetas, dos quais a terra é um. E agem sobre estes planetas muito poderosamente, sendo ao mesmo tempo mais adiantados que a população da terra, mas mais próximos deste estado que os espíritos são.

Estes de quem falo são planetas reais em si mesmos. Mas há outros planetas etéreos, por assim dizer. Um destes engloba a terra. Pois é do éter mais denso do qual este planeta etéreo é composto que a terra é banhada. Não é meramente um cinturão de éter somente a serviço da terra. Tem seus próprios continentes e oceanos e povos. A maioria deles morou na terra em eras pretéritas, e alguns jamais foram habitantes da terra, jamais tendo alcançado manifestação material em corpos de carne e sangue.

É o que alguns homens chamam de Plano Astral?

Este nome não é entendido igualmente por quem o usa. Mas, do jeito que você mesmo leu e compreendeu isso, este planeta etéreo de qual falo não é. É o que eu disse dele. Estes de raça humana que vieram para estar aqui são velhos cidadãos, como faláramos, e sua residência ali é incerta como sua futura duração. Eles são uma espécie de produto da humanidade da terra em longas eras passadas.

Você passa através deste planeta etéreo em seu caminho para a terra das altas

esferas?

Localmente devemos fazer isso. Mas não somos suscetíveis ao seu ambiente normal, conforme passamos através dele. Não somos sensivelmente conscientes de sua presença. Não há relação com as esferas um, dois, três, conforme eu havia falado delas em sua graduação em números. É outra ordem de criação, e muito estranha. Está muito distante e afastado dos altos planos de nossas caminhadas, por isso sei pouco dos detalhes concernentes a isto. O que já lhe falei, e um pouco mais, foi explicado a nós para nos ajudar a justificar alguns eventos excêntricos que nos deixavam muito perplexos até que este novo fator foi trazido ao nosso conhecimento. E então entendemos.

Arnel +

Quinta, 3 de abril de 1919.

Agora que clareamos o campo, meu filho, falaremos a você de uma Manifestação que nos foi mostrada. Seu sentido foi de demonstrar a nós para que fim tendia a presente evolução, para que pudéssemos, com a maior segurança, direcionar nosso curso à frente.

A terra, como foi vista diante de nós, chegou a um estágio onde o etéreo e o material quase se igualaram no conteúdo. Os corpos dos homens eram ainda de matéria, mas purificada, e mais sensivelmente abertos aos céus da vida espiritual que nos tempos de formação - estes mesmos tempos em que vocês vivem hoje.

A terra correspondeu ao impulso para cima, e a vegetação que produzia deitava em seu solo tão sensível quanto um bebê no colo de sua mãe.

Não havia mais reinos sobre a terra, mas uma confederação de povos cujas cores não eram tão diversas umas das outras como são hoje.

A ciência também não era a ciência da Europa como é agora, mas sendo entendidos os poderes das dinâmicas etéreas, toda a vida do homem foi

transformada. Não seguirei com mais detalhes. Não é de minha competência. Fico no estágio da preparação do planeta para que você possa mais claramente discernir o que veio a nós para nossa instrução.

A luz tornou-se cada vez mais intensa, vinda de dentro da terra, ainda em seu giro lento em torno de seu eixo, até que brilhou sobre as nossas hostes, e nós ficamos mais brilhantes também por sua radiação. Então, de fora desta luz terrestre, vieram em direção a suas miríades todas estas forças semirracionais que têm seu lugar entre os elementos da terra. Estas eram muito estranhas em suas formas, e também em seus movimentos. Eu ainda não as tinha visto até então, e estava muito interessado em suas maneiras. Estas de quem falo eram aquelas forças impessoais que asseguram a coesão nos minerais, e aqueles pelas quais os vegetais entusiasmam-se por suas vidas, e aqueles que eram guardiães dos animais em suas espécies. As entidades minerais não eram muito conscientes de si mesmas até que eram magnetizadas por aqueles grandes Senhores da criação, cuja providência era sustentar este reino em suas ordens. Mas as entidades vegetais tinham em si mesmas uma faculdade formada e subjetiva de sensação, com a qual respondiam às forças enviadas sobre eles por seus próprios Governadores. É por isso que uma mudança é, substancialmente, uma operação mais rápida nos vegetais que nos minerais, à medida que surge visível em crescimento.

E pela mesma causa o anverso é consequente, quando a personalidade de um homem é introduzida interferindo em seu estado normal de desenvolvimento. Quando dois minerais são opostos, ou dois afins, e são postos em contato em solução, como na química, sua ação em relação ao outro, ou um contra o outro, respectivamente, é imediata e violentamente exposta, porque eles têm muito pouca consciência para se oporem a esta influência exotérica. Mas quando o mundo vegetal é invadido pelo cultivador, a resposta da planta é mais tardia e deliberada, porque se opõe com a sua inerente consciência de tal distúrbio em seu método normal de

crescimento.

As entidades animais, entretanto, tinham sensação plena de si mesmas, e também uma módica personalidade. E seus Senhores eram esplêndidos em seu arranjo.

Estes vieram em direção à terra e, deixando sua superfície, pegaram seus lugares no meio do espaço entre nós e a terra. Então, do vácuo entre nós e eles, seus Governadores emergiram para a visibilidade. Não posso descrever seu aspecto porque não há nada que se compare a eles na terra, apesar de serem eles muito ocupados no meio de vocês, apesar de tudo. Fico contente em dizer-lhe que olhávamos para cada um que conhecíamos, por aquele seu aspecto, aquele departamento da natureza da qual ele era Governador. Fosse ele atmosfera, ou ouro, ou carvalho, ou tigre, seu domínio estava escrito plenamente sobre ele, em toda a sua beleza. A forma, e a substância de seu corpo, e conteúdo, e vestimenta, tudo expressava seu reinado. Alguns tinham vestimenta, outros não. Mas a grandeza destes grandes Senhores é muito majestosa em força e atrativos. Todos tinham seus acompanhantes que estavam ordenados em degraus. Estes eram encarregados das subdivisões de seu reino, e ligados ao seu Senhor com animais ou forças que estes Senhores controlavam.

Agora, como eu poderia contar a você do contato entre eles, quando se misturaram juntos com suas criaturas que emergiram da luz da terra? Direi assim: conforme suas companhias aproximaram-se das criaturas da terra, um movimento foi feito entre eles e cercaram cada um o seu Senhor. Eles não o esconderam, mas o vestiram. Então também as forças da terra, quando se encontraram com estas formações mais elevadas, tornaram-se misturadas com elas, e o resultado foi um manto sobre a terra, que a protegia ao mesmo tempo em que a enchia de tesouros.

Com efeito a terra, agora mais radiante que era antes, estava no meio de um dossel de entidades vivas que formavam drapeados em todos os lados

dela, como cortinados de um pavilhão envolvendo um trono. A terra agora brilhava como uma pérola grande e linda, mas com veios verdes e dourados e vermelhos e âmbar e azuis sobre ela. E dentro dela brilhava sua luz inerente, refulgindo com a chama da reverência sobre a terra, que pulsava com vida e alegria pelos impulsos dos Senhores Criadores e suas miríades que a invadiam e eram presenteados com um sensível e visível encantamento.

Então, embaixo deste dossel vívido, a forma do Cristo apareceu. Era como Cristo Consumado que Ele agora aprecia. Foi muito difícil transcrever sua aparência quando O vi assim anteriormente. E o que dizer a você da aparência d'Ele agora?

Seu corpo era de uma substância translúcida e com perfeito equilíbrio de harmonia misturava em si mesmo todas as cores distintas, tanto da terra quanto das miríades em torno. Ficou sobre a grande pérola radiante. Ela ainda girava embaixo de Seus pés, mas Ele ficou firme ali. Seu movimento não tinha efeito sobre Sua parada ali.

Ele não tinha vestimenta, mas a glória de todos os vários departamentos da vida suspensos em torno d'Ele surgidos através de seus grandes Senhores e estavam direcionados sobre Ele em correntes de reverência. Isto fez a vez de vestimenta sobre Ele, e completava o santuário onde Ele estava, com sua linda radiação.

Sua face era calma e repousada, mas Sua testa tinha um aspecto de grande majestade e poder. A divindade parecia vesti-Lo como um capote sobre Seus ombros, caindo ao Seu lado em ricas dobras de luz violeta.

Agora nós estávamos todos em torno e em cima e embaixo d'Ele, circundando a terra. Mas não havia nem frente, nem a parte de trás, nem nada sobre Ele, nem abaixo d'Ele. Todos nós, e cada um de nós, víamos todo Ele - frente, costas, e através, e através. Você não vai entender isso. Digo, e deixo assim. Foi assim que O vimos então.

Então vieram vozes de todas aquelas ordens de miríades, cada grande companhia agrupada em sua própria ordem, e cada um soando seu próprio hino de adoração, e ainda todos juntos como num grande coro de harmonia criativa que preencheu nossos céus, e todos os espaços sobre os planetas em suas órbitas, e tinham resposta dos de fora do espaço que mantinham a vigília sobre seu encargo planetário especial.

Um hino como este, em seu todo, não posso pôr em palavras de um só povo de seu planeta terra. Mas, usando suas palavras em Inglês, contarei a você, até onde seja capaz, daquilo que nos encantou, misturando nossa reverência com a daquelas ordens do universo numa grande corrente de louvor conjunto.

"O que está além de vocês nas profundezas do espaço não conhecemos ainda, e a terra é apenas um cisco nos raios de seu Sol Celestial. Mas isto sabemos, desde que vimos a Providência de seu Reinado, Cristo do Pai: que o que está além é totalmente bom.

"O que virá ao nosso encontro nas eternidades à frente de nós, na estrada que percorreremos, que pessoas ali moram, que tipo de Príncipe governa - estes, também, não conhecemos. Mas seguimos adiante sem medo, porque seguimos o senhor, o Cristo. Sobre seus ombros sentam o poder e o amor abraçados um ao outro, em sua coroa de majestade.

"Quem é o Pai, sabemos, porque vimos o senhor Seu Amado, e nós o amamos também. Então o nosso amor encontra com o amor do Pai no senhor, como num encontro. Conhecemos Ele no senhor, e nos contentamos.

"O senhor é lindo e magnífico, Amado, mas toda a sua beleza não nos pode ser mostrada, por ser grande demais.

"Mas na empreitada em que nos aventuramos em frente, estamos todos fortes de coração e destemidos e esperançosos. E o senhor, todavia nos lidera, nós o seguiremos, Cristo Consumado de sabedoria, de força e de

amor criador.

"Rendemos nossa justa reverência, ordenada e disposta em graus. Contente-nos com a bênção de sua Paz.

Arnel +

LIVRO V - OS PLANOS EXTERIORES DO CÉU

PREFÁCIO DO LIVRO V

"As crianças do Céu" e "Os planos exteriores do Céu", ambos formando uma só narrativa, são a continuação da série de quatro volumes intitulada "A Vida Além do Véu", e foram recebidas pelo Sr. Vale Owen de um grupo de Espíritos comunicantes, atuando sob a liderança de um deles, que deu seu nome: Arnel.

Arnel, em uma prévia comunicação ao Sr. Vale Owen, disse que em sua vida terrestre foi um inglês que, em consequência de perseguição religiosa, teve que se refugiar em Florença, e viveu lá na Colônia Inglesa durante os primeiros dias da Renascença. Ensinou música e pintura, e morreu à meia-idade, escapando portanto da inimizade do Estado daqueles dias.

Em "O Ministério dos Céus" e "Os Batalhões dos Céus" (Livros III e IV) ele deu muitos detalhes interessantes de sua experiência no curso de seu progresso de um estado, ou esfera, para o superior. Descreveu o trabalho que ele e outros receberam de elevar aqueles seus companheiros, uns que foram incapazes de progredir de suas velhas condições terrenas, e alguns outros que haviam retrocedido.

Os leitores destas mensagens vão perceber, conforme seguirem as narrativas destes dois livros, que seu método de trabalho é familiar a eles, apesar de que o treinamento de crianças e trabalho nos "Planos Exteriores" são amplamente diferenciados quando se contrapõe um ao outro.

O Livro V concerne ao treinamento de crianças para a cidadania nas esferas espirituais. Na forma mais íntima, e com riqueza de detalhes, é mostrado a nós como suas características e poderes são desenvolvidos em um curso de curta duração e aprendizado. Enquanto observamos este panorama do futuro estado desdobrar-se, percebemos o quanto a tonalidade da composição torna-se cada vez mais brilhante e linda. Através da apresentação gráfica de Arnel sobre este tema, somos trazidos diretamente

ao contato com a impoluta alegria da infância.

Muitos exemplos são dados do que poderíamos chamar "física espiritual," e muita luz é lançada sobre as leis espirituais operantes; por exemplo, as leis que governam a Criação. Este e outros temas nos são dados de forma leve, e uma informação muito importante é apresentada pela face simples da vida de uma criança.

Mas não é todo quadro que é tão livre de cuidados.

No fim do Livro V, encontramos a infância e sua música alegre sumindo à distância, deixando Arnel e Wulfhare meditando sozinhos na beleza e alegria que acabaram de testemunhar. Shonar não está com eles, está nos umbrais escuros, preparando e organizando a missão que lhe foi dada. Há um intervalo, como se fosse isso, durante o qual se insinua, numa sugestão de tristeza, uma premonição do que está em pendência.

"Os Planos Exteriores dos Céus" (Livro VI) contém a descrição vívida de Arnel de como aquele trabalho transcorre. Será visto pelo leitor, conforme os fatos se sucedem, que o ministério estabelecido além do Véu para o soerguimento de "crianças adultas" dos Planos exteriores é o mesmo ministério, essencialmente, que treina e desenvolve as crianças inocentes da Esfera Sete. Entre ambos Arnel se move e trabalha, com sua silenciosa confiança e seu humor emitindo luz e alegria aonde quer que vá.

Ele nos dá típicos exemplos das dificuldades que se apresentam aos trabalhadores nos Planos Exteriores, umbrais, e que devem ser suplantados.

Por exemplo, vítimas de um massacre chegaram no Outro Lado, aturdidos pelo tempo passado e cheios de medo e desejos vingativos. Eles devem ser acordados para sua infeliz condição, e contudo deve se prevenir uma onda de pânico; e estes recém- chegados devem também ser restringidos, se possível, para não retornarem ao plano espiritual da terra (na Esfera Um), para que não busquem vingança contra seus inimigos ainda na carne.

O grupo de espíritos trabalhadores, liderados por Wulfhere e incluindo Arnel, é forte o suficiente para controlar estes espíritos vingativos pela força do pensamento, mas a tarefa que têm em mãos é toda feita da forma mais formidável, pois o livre arbítrio dos recém-chegados é sagrado e não deve ser solapado.

Este é apenas um exemplo da espécie de problemas a serem resolvidos pelos espíritos servidores no escuro Plano Exterior, os umbrais. Arnel relata minuciosamente como são administradas estas e outras dificuldades surgidas, e continua a explicação de como os recém-chegados começam sua árdua subida na colina do desenvolvimento e do progresso. Nós seguimos sua ascensão lenta, e observamos o crescimento gradual de seus poderes e influências conforme vão subindo; e no final nós os deixamos - relutantemente, sem dúvida - como cidadãos de esferas mais brilhantes, que retornam constantemente aos Planos Exteriores em busca de espíritos que estejam na forma em que estavam, emaranhados nas condições materiais.

Através desta narrativa, os caracteres e seu ambiente permanecem tão claros diante dos olhos do leitor, que duvidar de sua realidade seria um esforço maior que acreditar que aqui temos realmente uma peça verídica da história.

Mas se, aos que seguiram os Escritos de Vale Owen (como popularmente são conhecidos) desde o início, parece que a elevada ideia fundamental, tão marcante nas características de, por exemplo, "Os batalhões do Céu", não é alcançada neste volume, a razão será entendida prontamente quando as condições diferentes sobre as quais seu tema foi recebido são consideradas.

Os quatro primeiros volumes foram recebidos num tempo em que o Sr. Vale Owen estava cercado pela quietude e privacidade da Sacristia na pequena Igreja de Orford - ali uma obscura paróquia de Lancashire, quase desconhecida do público. Mas quando as fortes luzes da publicidade foram

focadas sobre o amanuense, e sobre a paróquia também, a paz providencial para o retiro foi quebrada pela torrente de cartas e visitantes que vieram a Orford, e pelos pensamentos de milhares cujas atenções estavam focalizadas sobre seu Vigário. Sob estas condições desordenadas estas mensagens posteriores foram recebidas.

A tranquilidade é a principal condição a ser observada por um amanuense em escritos desta espécie; e faltava a tranquilidade.

O Sr. Vale Owen, que sempre se sentou para receber as mensagens na sacristia da Igreja de Orford, onde a forte atmosfera espiritual do lugar ajudava na transmissão, achou que as frequentes interrupções fizeram ser necessário que ele se sentasse no Vicariato. Esta mudança de localidade provavelmente afetou de alguma forma as condições.

O critério mais certo pelo qual se julga uma mensagem é o efeito que esta mensagem tem sobre as pessoas que a recebem. Enquanto estas mensagens estavam aparecendo na imprensa, o Sr. Vale Owen recebeu um grande número de cartas daqueles que haviam "perdido" seus pequeninos. Esta correspondência mostrou claramente que, à parte de conhecimento considerável que estes que as pranteavam tenham adquirido das condições pós-morte das pequenas crianças, eles haviam captado uma nova luz para o Futuro, que trouxe imediato conforto a muitos que haviam pensado que jamais voltariam a ter a alegria que perderam.

Um glossário no final do livro providencia informações dos principais servidores e seus trabalhos, satisfatório para referencial a qualquer hora.
O Editor (da edição inglesa)

* * *

NOTA SOBRE AS ESFERAS

Uma explanação curta sobre a numeração e da natureza das esferas

espirituais, ou estados, pode ser útil para os leitores que não leram os outros quatro volumes desta série.

O sistema de numeração das esferas é a usada pelo Espírito comunicante chamado Zabdiel em suas mensagens (Livro II, "Os Altos Planos do Céu"), e adotado por toda a obra pelos comunicantes subsequentes. Mas as esferas são numeradas desta forma, claro, somente pelo propósito de identificação delas nestes Escritos, e elas geralmente não são conhecidas pelos seus habitantes por estes números.

A terra está incluída na Esfera Um, sobre a qual elevam-se outras, cada esfera envolvendo e interpenetrando as mais baixas e de vibração mais lenta que ela em si. Assim, a Esfera Dois envolve a esfera Um, filtrando através dela tão fielmente como luz em água. A Terceira Esfera inclui em si as Esferas Um e Dois, a Quarta contém os três estados inferiores a ela, e assim por diante. Estados sem conta, ou esferas, elevam-se uns sobre os outros desta forma, cada esfera mais alta aumentando em intensidade de luz e poder, à medida que vão se aproximando, no Grande Horizonte, de Deus.

* * *

AS CRIANÇAS (primeira parte) e OS PLANOS EXTERIORES DO CÉU (segunda parte) PREFÁCIO do EDITOR - LIVRO V

Os Escritos de Vale Owen foram publicados em cinco volumes sob o título genérico de "A VIDA ALÉM DO VÉU". O quinto volume, "As Crianças e Os Planos Exteriores do Céu", assumido por uma casa editora diferente daquela dos outros quatro, e por outro editor, foi omitido em cada reedição subsequente dos Escritos, ficando assim dissociado deles todos.

Olhando para trás, para os últimos quarenta anos, percebe-se o impacto

causado pelos Escritos em todo o mundo, inesquecível e marcante. Muitas pessoas, claro, são incapazes de compartilhar tal lembrança. Mas é mais que provável que, se lerem os Escritos agora, o efeito sobre elas será grande da mesma forma.

Inglaterra, agosto de 1964

PRIMEIRA PARTE

I - AS CRIANÇAS DO CÉU

Quarta, 17 de Dezembro de 1919.

Vamos começar com uma daquelas parábolas que você diz que gosta.

Um Rei cavalgava em suas florestas, e com ele vinham dois Cavaleiros servidores. Disse o Rei ao Cavaleiro mais jovem, "Gostaria de uma estrada aberta através da floresta, para que aqueles que vêm em grupos para me visitar pudessem encontrar um caminho menos cansativo. O que você me diz do plano, Senhor Cavaleiro, e como poderia cumpri-lo?"

E o jovem Cavaleiro respondeu-lhe, "Penso, senhor, que isso seria bom se todos fossem bem intencionados em relação à sua pessoa. Mas uma estrada aberta desde suas fronteiras até os portões de seu palácio poderia ser vantajosa também a outros não tão ligados ao senhor como nós".

"Isto foi muito astutamente exposto", respondeu o Rei, e pensou por instantes. Então, voltou-se para o outro Cavaleiro, e disse, "Você, senhor Cavaleiro, é grisalho de cabelos e barbas. Que pensa a respeito deste plano de se fazer uma estrada?"

"Não, senhor", respondeu ele, "sabedoria melhor que a de meu jovem amigo não posso encontrar para dar-lhe. Se for astúcia que queria, o senhor já a tem".

"Há alguma coisa por trás de seus cabelos brancos", disse o rei. "Exponha, homem, e deixe-nos ver do que se trata".

O Cavaleiro mais velho disse, "Além das fronteiras distantes desta enorme floresta, senhor, habitam as pessoas que estão menos expostas à sua majestade, tanto pessoalmente, quanto em termos de governo. Alguns clãs

são cordiais, e outros, novamente, não são tão cordiais em sua submissão. Mais acolá, as pessoas são rebeldes de coração e ilegais ao agirem também".

"É verdade", murmurou o Rei, "e eles são muito teimosos e duros de se lidar. Não vão se inclinar, e não posso combatê-los, porque somem entre as colinas quando mando uma companhia contra eles. Bem, senhor Cavaleiro, o que me diz?"

"Sou grisalho, como o senhor mesmo diz, senhor; tenho servido ao senhor e ao seu pai e ao pai dele no Reino. Fui Cavaleiro então, e Cavaleiro sou. Não suplantei este posto por outro mais alto, como meu jovem amigo fará. Pois no Conselho não tenho a astúcia que os Reis requerem. Mas, senhor, vivi até meus cabelos branquearem, enquanto muitos de meus amigos caíram pelas mãos da lei ou de seus desgostos com os camponeses. Vivo no meu próprio estado, e tenho vivido em paz e com o beneplácito de meu povo. Meu Rei
também encontra prazer em que eu o atenda, em minha submissão verdadeira e testada. Mas se fosse capaz de acrescentar em minha simplicidade a sabedoria, como seu Conselho gosta, não teria mantido minha cabeça por tanto tempo, nem sua doce confiança".

"Bem, de qualquer forma que esta questão esteja colocada, há sabedoria em suas palavras, meu amigo. E agora, sobre o plano desta estrada?"

"Faça a estrada, meu senhor. Faça-a direta e ampla, tão ampla e bem pavimentada que um exército possa marchar com facilidade lá das fronteiras até os portões de seu palácio. Não a verei pronta e terminada, mas o senhor é jovem, meu Rei, e será uma paisagem para se ver que bem valeu o custo e os anos de trabalho".

"Sim, seria com certeza uma paisagem para se ver - um exército contra mim pela própria estrada do rei. Você disse verdades, senhor Cavaleiro. E o que será quando o saque ao meu palácio começar?" "Eles não saquearão seu

palácio, senhor, nem tocarão sua majestade em sua pessoa. Chegarão empunhando sua própria bandeira ao senhor e à sua casa. DEIXE QUE OS BANDIDOS A CONSTRUAM".

"O Rei não conseguia entender. A lealdade de seu velho amigo ele conhecia, mas suas palavras pareciam para ele as de um tolo. Mas ele não escarneceu de seu Cavaleiro, tendo em vista seus longos anos de serviço. Mas disse, "Bem, agora, como superaria este momento, meu amigo? Duvido que meus leais súditos fizessem esta estrada, pois temem aqueles rudes bandidos dali".

"Então deixe os bandidos construí-la. Decrete que aquela estrada deve ser construída; que seja começada pela extremidade da fronteira, pague altos salários e penhore a segurança de seus trabalhadores com sua honra. A estrada começará de lá até o senhor. Mas o senhor não será ferido, meu senhor".

Assim o Rei decretou, por sua real prerrogativa, que a estrada iria seguir somente sob seu domínio e não em terras comuns. E todos os nobres disseram que ele estava perturbado. Mas ele insistiu nesta atitude, porque o espírito do velho Cavaleiro entrou nele e ele via com outros olhos, diferentes dos deles.

Os bandidos começaram a trabalhar com seriedade, porque pensavam que isso facilitaria a eles no cerco que desejavam fazer para destronar o Rei. Mas as árvores eram muitas, e as alianças eram muitas, e ano após ano trabalharam e receberam seus salários. E conforme o tempo passou, achavam o trabalho mais fácil, e a face do Rei sobre as moedas quando recebiam seus salários parecia cada vez mais bondosa a seus olhos. Ele veio pessoalmente também até ali, e moveu-se livre e sem medo entre eles, e falou com as crianças e suas mulheres, enquanto elas cozinhavam suas refeições para os homens debaixo das árvores da floresta.

E quando a estrada ficou pronta, não havia mais rebeldes em seu reino,

mas onde a inimizade havia estado, ali agora desabrochara uma confiança mútua. Pois seu Rei e eles estiveram unidos num único trabalho ao fazer a estrada, e agora havia também uma estrada do Rei do palácio até as fronteiras, e eles não pareciam distantes um do outro como antes.

Então chegou o dia em que o reino teve seu festival por estar a estrada pronta. E naquele dia o grande exército veio, como profetizara o velho Cavaleiro; e eles vieram com as insígnias reais em suas bandeiras, e lá estavam as mulheres e suas crianças no meio. Mais ainda, os portões do palácio foram abertos a todos eles, e não havia nenhum guarda que lhes opusesse resistência.

Há uma lenda sobre aquele dia que ainda é contada de pai para filho. Diz-se que naquele dia, enquanto a feliz multidão passava cantando pelos portões, o Cavaleiro de barbas grisalhas, que havia morrido muitos anos antes, foi visto à frente deles, indo adiante e liderando-os até os pés do Rei que estava em pé no pórtico do palácio, no alto da escadaria. Ele foi visto, dizem eles, ajoelhando-se lá em cima, no último degrau, prestando reverência ao que um dia havia sido o seu Soberano, e depois disto não mais foi visto.

Quinta, 18 de dezembro de 1919.

Esta parábola que me deu em nossa última sessão - foi meramente fantasiosa, senhor, ou tem alguma base de fato?

O que lhe demos na última noite, meu filho, foi uma fatia da história dos céus colocada em fraseado terrestre. Aquilo realmente aconteceu aqui deste lado, mas não da forma que lhe transmitimos. Havia, na Esfera Dois, uma colônia de uns fora-da-lei - como adotamos a numeração das Esferas - que trouxe da vida terrestre deles algum descontentamento. Cingiram-se à restrição de liderança, e viviam nas fronteiras de sua esfera. Não eram maus Espíritos, por isso habitavam a Esfera Dois. Mas eram de mente confusa, e sua recém descoberta liberdade das restrições vindas de fora foi mal

interpretada, e voltaram-se para ideias de anarquia. Por isso viviam apenas nesta Esfera. A história, em que colocamos disfarce terrestre para você, tinha o empenho de mostrar o que democracia deveria representar, aos olhos de quem governa. Os fatos que aconteceram aqui levaram a lição de outra forma. O governador não precisou palpites sábios de seus oficiais. Ele os chamou em Conselho e disse-lhes o que faria. A construção da estrada foi sua ideia unicamente. Seus subordinados levaram adiante o plano e supervisionaram a construção da estrada.

Um dia - para usar palavras terrestres - o Governador visitou os trabalhadores. Alguns tentaram colocá-lo contra eles, mas não conseguiram. Ou mesmo se suas mãos pudessem tocá-lo, eles as retirariam de volta, impotentes e dolorosas. Fizeram isto mais de uma ou duas ocasiões. Ele sempre sorria para eles, bondosamente, não escarnecendo deles, deixando-os perplexos por suportar tudo isto. As crianças, a princípio, estavam tímidas pela sua presença. Mas um pequenino tocou sua roupa para senti-la. Quando ele retirou sua mãozinha, ela brilhava transparente, e raios de cor azul-real emanavam da palma e dos dedos. Ele se retirou encantado mas, não se sentindo ferido, correu para seus companheiros e mostrou-lhes a maravilha que lhe acontecera.

Por algum tempo ficaram distantes dele mas, finalmente, mais um ousado novamente chegou perto e tocou sua roupagem. Os raios elétricos eram emanados como antes, mas não brilhavam tanto quanto antes. Então os pequeninos vieram em duplas ou em trios, e ele esperou que todos tocassem sua roupa. Finalmente não havia mais raios nas mãos dos que o haviam tocado. Desta vez, os mais amadurecidos dentre os mais velhos mostraram mais cortesia em relação a ele, por sua gentileza com as crianças. Eles haviam curiosamente observado as visitas e os atos das crianças.

Então, puseram uma das mães à frente, que disse, "Poderia nos dizer,

senhor, qual é o significado desta luz que sai do senhor para estas crianças?"

E ele respondeu, "Boa mãe, aquilo de luz que você tinha na obscura vida terrena, você deu para sua criança quando ele nasceu e mamou em seu peito. A luz mais intensa que tenho em mim, dou também".

"Mas, senhor Anjo", prosseguiu ela, "por que então ela diminuiu nestes últimos dias quando as crianças tocaram sua roupa? A luz no senhor agora está mais escura que antes?"

"Não, boa mãe", respondeu ele, "Não emito mais escuridão, apenas mais brilho a cada vez que venho a vocês. É porque as crianças, tendo absorvido mais luz em si mesmas, já não mostram mais tanta diferença entre eles e eu".

"Mas mesmo assim percebemos isto. A nós, seu Dom não nos parece mais brilhante do que quando veio aqui pela primeira vez até nós".

"Por que vocês, sem quererem, brilharam também. E seus homens já não olham para mim tão obscuramente agora, como antes o faziam. Mais ainda, vocês se afastaram da fronteira onde o trabalho iniciou, e a região aqui é mais clara que aquela. Perceberam isto?"

"Não senhor, porque andamos, mas vagarosamente, junto com a construção da estrada, e suponho que nos condicionamos à atmosfera rarefeita enquanto subíamos. Mas o senhor disse verdades, porque aqui as árvores são mais cheias de folhas, e há flores e grama por toda parte".

"Assim é o Reino dos Céus, em todas as partes e províncias. E assim é com as pessoas que habitam nestes lugares todos. E agora, boa gente, todos vocês", continuou ele para a multidão que ajuntou para ouvi-lo falar com a mulher, "guardem isto em seus corações, e também em suas mentes. As crianças foram seus pioneiros. Ousaram fazer o rastro brilhar por vocês, quando vocês falharam. Sejam como elas são: usem seus métodos de inquirir e confiar, e todos irão para um brilho maior em menos tempo. Eles os lideraram bem, estes pequenos. Deixem que eles os liderem ainda, e

sigam-nos. Eles não vão liderá-los para a dispersão".

E a aparição do velho Cavaleiro quando a multidão veio ao palácio, Arnel?

Isto, meu filho, também aconteceu, mas não como no parábola escrita para uso terreno. Deixe-me contar-lhe.

Dia chegou em que o Governador chamou o povo no meio da estrada, ainda não completamente construída. Ele os liderou de volta até o ponto mais distante e as condições dali eram tão pesadas que mal podiam suportá-las, o que antes faziam com facilidade. Isto ele fez para mostrar-lhes o progresso que já haviam feito. Então, voltaram-se, e ele os liderou de volta ao longo da longa estrada em direção ao Palácio. E enquanto faziam a jornada, ele indo sozinho à frente deles, perceberam que ele brilhava mais ainda, tanto na roupa quanto seu corpo.

Quando chegaram às portas do palácio ele brilhava transparente, todo em brilho e luz, quase invisível. Eles o viram entrar e, no meio do caminho entre os portões e a frente do palácio, ele ficou mais invisível e saiu do brilho desta Esfera até a sua própria e não foi mais visto. Seu trabalho com eles estava terminado e completo.

Mas nos degraus em cima estava o novo Governador deles, sorrindo dando-lhes boas vindas, convidando-os a entrar para a música de agradecimento ao Pai de Todos. Todos olharam para ele, que era apenas um menino, cuja face era muito bela e muito sábia.

Então aceitaram-no, lembrando do que se passou, e de como por caminhos improváveis foram liderados até então, sem entender, mas desejando que algum dia este novo mistério fosse esclarecido a eles.

Então, todos em grande silêncio, inclinaram suas cabeças e seguiram-no para dentro, e ali participaram do Festival.

Isto, meu filho, foi o que se passou primeiramente.

A versão terrestre disto, eu lhe transmiti com nenhum propósito a

menos. A leitura disto eu transmito a você a seus leitores ainda na terra.

II - ÉPOCA DE NATAL: UM SANTUÁRIO CELESTE

Véspera de Natal de 1919.

É véspera do Natal, meu filho. Estou pensando em quantos há, na vida da terra, que têm alguma ideia das forças tremendas que se agrupam na época de Natal, em estações como esta. Claro, você sabe que a interação entre a esfera terrestre e esta da vida espiritual é contínua. Varia em intensidade, também em tamanho, o montante de poder que vocês geram por sua devoção. Nesta palavra eu incluo não apenas suas orações estabelecidas, tanto públicas quanto privadas, mas todo o conteúdo de sentimentos que, em certas estações, pairam sobre a terra.

Na época de Natal é muito grande, e somos capazes de corresponder por outro lado. As duas correntes de aspirações e respostas encontram-se no meio do caminho, mesclam-se, e o resultado não é limitado à soma de suas duas quantidades separadas e agora adicionadas. Há um outro fator que entra também em operação: o da geração. O conteúdo total consequente da mistura é aumentado além da soma das duas.

Nem a qualidade é estática. Vocês poderiam considerar que nossa resposta, completando suas aspirações, poderia elevá-las ao nível do mérito. Mas este não é o resultado final. Porque, novamente, um terceiro ingrediente que entra chega de acima de nós ambos, e faz todo o poder criador e gerador. Então, o sentimento desta devoção mesclada é elevado acima de nosso nível, como os nossos são acima dos seus, e ambos - vocês e nós - somos abençoados por nossa elevação.

Nós que nos inclinamos em direção a vocês, meu filho, somos como a multidão de pessoas que desceu da Cidade Sagrada e foi em direção ao encontro da multidão que veio em regozijo, de outras partes. Eles agruparam suas forças, e o primeiro grupo virou-se, e viu que eles vieram

da Capela Santa onde Deus tinha Seu lugar, entretanto o Senhor seu Libertador estava com estes camponeses também e assim, em companhias, e com Ele no meio, subiram em direção a Zion, e Jerusalém naquele dia foi preenchida de muito mais riquezas que seus comerciantes ou seus religiosos conheciam.

E agora para falar em mais detalhes.

Nós aqui deste lado mantemos nosso Festival do Cristo Menino como fazem vocês, e com mais certeza pelo conhecimento e menos ensejo de especulação. Pois aqui temos o Cristo-Criança em nosso meio - não mais certamente ou mais poderosamente que vocês - mas nesta época, como em outras vezes, Ele manifesta a nós Sua Presença visível; enquanto que na Terra Ele é visto assim apenas por poucos. O tempo está chegando, quando então tal visão poderá ser aberta a muitos mais que agora é possível ser, mas ainda não é tempo.

Você deve saber, meu filho, que o Cristo se manifesta em todas as Esferas, e com frequência. Cada Manifestação é também apropriada, em caráter e em apresentação, ao trabalho em pauta. Ele não assume sempre a mesma forma nem o mesmo caráter.

Sei disso, Arnel, porque você já havia me dito isso antes mais de uma vez.

Isso é bem verdade, meu filho, mas agora escrevo, como antes, não apenas para você, mas para os muitos que lerão o que você escreveu sob minha influência. E alguns podem não ler os outros Escritos, ou podem ler este primeiro. Por isso faremos tudo completo, com o risco da repetição, a qual também não será inútil a você, e a eles será de grande benefício. Assim, continuando:

Quando chega esta Época Sagrada, Ele vem como Cristo-Criança, e Se manifesta em muitas esferas ao mesmo tempo. O número não importa; Ele tem este poder.

Em Forma-presente ("Uma Forma-presente é uma forma pela qual uma pessoa torna-se localizada e visível em forma, distante de si mesma. A forma não é vazia de signo ou símbolo, mas é vívida com a vida da pessoa que assim se manifesta, sendo as ações expressões suscetíveis ao pensamento, desejo, ações e estado espiritual de seu original." - *Os baixos planos do céu,* Livro I desta série."A Forma-presente pode ser projetada pelo operador para algum lugar distante de si mesmo. Ou pode ser afastada à distância por uma ou mais pessoas operando em uníssono." As *Crianças do Céu,* Livro V desta série.), percebo.

Em Forma-presente que, veja bem, é Presença Real. Bem.

Quando as multidões chegam juntas para a reverência, então Ele é visto ganhando visibilidade diante deles em tal forma que é muito procurada para uma ajuda e soerguimento. E nestas Assembleias nesta noite, e amanhã à noite, e através de toda esta época de Natal, muitos serão persuadidos em sua hora de sono - e uns poucos enquanto acordados - e serão levados ao céu apropriado ao seu grau de espiritualidade atingido. Ali estarão reunidos com seus companheiros desencarnados em adoração ao Cristo, seu Rei.

Arnel, tem estado em minha mente nos últimos dias a lembrança de um lindo hall duplo que vi durante o sono algumas semanas atrás. Eu tinha afastado isto de mim e tem retornado persistentemente, de tal forma que chego a pensar que há alguém empurrando esta lembrança em minha cabeça. Ela está diante de mim todo o tempo em que estou escrevendo hoje. Que me diz disto?

Posso ver isso ali, meu filho. Eu já havia visto enquanto estive com você de tarde. Conheço bem o prédio. Mas não o pus em sua mente desta vez. Um momento, meu filho, enquanto pergunto.

(pausa de um minuto)

Meu filho, quem tem impressionado você com esta cena e que a trouxe à sua cabeça três dias atrás, quando você quase a esquecera, é aquele que estava com você quando visitou este templo. Ele está aqui agora e falará com você, se quiser.

É também de sua vontade, Arnel?

Mas é claro que é, ou não teria permitido sua entrada neste recinto. Não, eu fiz com que ele entrasse aqui.

Permitiria, amigo, tomar a tarefa de meu senhor Arnel por um curto espaço de tempo? Vim pela vontade dele e falarei pela sua também.

Se ele sancionou sua chegada, certamente.

Eu lhe agradeço, amigo e explicarei. Foi pelo convite de Zabdiel que o levei até aquele santuário no qual esteve pensando.

Como é que Arnel não sabia disso?

Ele sabia de sua ida para lá, e ia lhe contar uma cerimônia que ele testemunhou ali. Quando você falou disso por sua própria iniciativa, ele chamou-me para que pudesse guiá-lo na descrição do local. Há muitas coisas ali que você não trouxe na memória ao voltar à terra. Quando eu acabar de descrever o lugar, ele retomará a narrativa dele. Paremos por agora, e retomaremos amanhã.

Amanhã é dia de Natal. Não pretendia fazer uma sessão amanhã.

Se for capaz, faça. Veremos em sua mente ao decorrer do dia e esperaremos você aqui se seus negócios permitirem sua vinda.

Por favor, diga seu nome.

Sou Castrel, de quem sua boa mãe escreveu anos atrás. (*Veja o glossário*)

Castrel?

Este, sem dúvida, é o nome pelo qual me conhece, amigo. Serve como passaporte para sua confiança?

Sim, senhor. Tentarei sentar para você amanhã. Obrigado por ter vindo.

Vou lhe passar a minha narrativa, amigo, do jeito da nossa visita àquele lugar, quando você e eu fomos juntos.

Aproximamo-nos do prédio por uma subida, porque fica nos altos da Esfera Sete. Passamos uma ampla estrada que fica no pico das colinas e encostas, sempre para cima, em direção ao Santuário. Aos poucos chegamos a um espaço plano, semicircular, e circundado em seu lado mais distante, e nos lados direito e esquerdo, por terras inclinadas cobertas com árvores floridas e árvores da floresta. Aqui e ali uma trilha sobe circulando,

no meio das árvores. Estas trilhas levam aos planos mais altos, além.

O Santuário fica no meio deste cercado. Da escadaria que sobe para sua fachada, nós nos viramos e olhamos para longe, sobre esta região de onde viemos. A paisagem é encantadora. As ondulações de vários matizes de verde sobem e descem pelo horizonte. Aqui uma cascata cai com seu barulho, ali uma alameda leva para alguma habitação. O topo de alguma capela, ou lugar de estudo, ou estação científica, ou colônia de arte, cintila rosa, ou azul, ou violeta, ou branco brilhante. O horizonte não é uniforme. Uma alta montanha está à direita e mergulha sua extensão no oceano que cobre somente sua metade, e à esquerda perdem-se de vista mais uma vez as elevações suaves onde a cidade de minha atual ocupação está localizada. É a Cidade Capital, como vocês dizem, da região da qual estou encarregado como Senhor de Tudo.

Nós nos voltamos e olhamos o prédio liso, sem muita decoração. Não há colunata ou pórticos. A principal entrada está na parede no alto da escada. Há janelas, mas com poucos ornamentos. Esta pureza e pobreza de planta tem seus objetivos, que são para dar ênfase, pelo contraste, à sua grandeza interior. Vi que você observou a longa e reta silhueta do prédio na frente, estendendo-se para a esquerda e para a direita umas cento e cinquenta jardas para cada lado, e de altura cento e sessenta pés, exceto em cada terminal e no centro, onde se elevam três torres pequenas, a maior no meio, sobre a porta.

Passamos para dentro e vimos que a galeria tem cinquenta pés de largura em toda a sua extensão ao longo de todo o prédio, através de seu caminho à esquerda e à direita. Atravessamos este. Vai até o vestíbulo do Santuário. Também dá para saguões menores e quartos, e quando os devotos vêm ao santuário, é aqui que são organizados e esperam pelos oficiantes. Quando eu e você estivemos aqui, não havia cerimônia em curso, e as pessoas que encontramos eram na maioria os que, como você, estavam

em uma breve visita da terra, e seus guias, como eu fui o seu naquele dia.

Voltamos nossos olhares diretamente à nossa frente, cruzando o vestíbulo, e vimos uma abertura de cinquenta pés de largura. Isto continuava por quinhentos pés, onde terminava numa abside e é a largura completa do Santuário propriamente dito. Não há portas para este hall. É completamente aberto à vista em toda sua largura e altura. Somente na entrada há cortinas penduradas, presas em cada lado para dar passagem aos visitantes. Elas estão penduradas do teto bem do lado de fora da entrada. Quando se deixa que caiam, elas fecham o final do hall, que tem cento e vinte pés de altura, sendo este também o tamanho das cortinas. Você não as percebeu porque eram de uma cor que não é conhecida por você na terra.

E, sendo assim, ficaram invisíveis para mim, não é?

Não é bem isso, mas passaram desapercebidas por você por esta razão. Você poderia tê-las visto, mas não teria entendido o esquema cromático. Por esta razão eu não pressionei você a percebê-las.

Eu não o vi lá, Castrel. Não estava consciente de ninguém estando comigo, embora, apesar de tudo, tivesse uma ideia de que minha mãe estava lá, ou esteve de alguma forma em contato comigo.

Sua mãe, meu amigo, está sempre lá, mas não estava pessoalmente então. Mas ela soube de sua visita. Por estas duas razões você sentiria a influência dela. Minha presença, eu a restringi em sua radiação para que sua mente pudesse estar nos prédios que algum dia teria que descrever em palavras da terra. É somente por causa do que guardou em sua mente daquilo que viu que agora sou capaz de reproduzir e construir sobre isso.

No meu cérebro?

No cérebro de seu corpo espiritual, que fornece de sua capacidade de armazenamento de tempo em tempo, tanto quanto a capacidade menor de seu cérebro físico pode captar e usar. A maioria das cenas que você descreveu nos seus escritos anteriores foram assim guardados no seu

cérebro espiritual e reproduzidos desta forma. Sobre este material, como uma fundação, seus comunicantes dos reinos espirituais elevaram a superestrutura deles.

Atravessamos o vestíbulo e adentramos o Hall. Um terço de seu comprimento é chamado de Arcada Dourada. Você estava tão embevecido com a grandeza da Abside, bem diante de você, que apenas relanceou os olhos para os lados desta construção enquanto caminhava ao longo de seu comprimento. Pensou que à esquerda havia janelas. Não eram janelas. Alguns eram nichos, outros corredores estreitos. Isto no lado esquerdo. No lado direito também havia nichos e corredores, mas em luz mais suave, levando para a parte mais interna do prédio, enquanto que os da esquerda conduzem aos jardins. Todos estes corredores são cobertos com cortinados sedosos amarelo-profundo - não de seda, mas de aparência sedosa. Sua composição não é de tecido, mas elétrica. Mais sobre isso, depois. As paredes que aparecem entre os cortinados eram douradas, opacas. Um corredor se divide em sua estrutura num terceiro ao longo de seu comprimento, que passa por ele no mesmo lado. Este termina na Câmara Dourada e é sua única linha demarcante. Não há nem um degrau entre ele e o próximo e maior aposento. Mas à medida que se aproxima dele, há uma sensação de elevação até a Abside. Esta sensação de subida não vem da diferença de nível, mas da atmosfera do lugar, que aumenta em intensidade dinâmica conforme se aproxima dele, até seu ponto mais interno. Também a Câmara Dourada está em luz suave, em dois terços do poder da luz que banha a Câmara irmã.

E sobre o teto?

Que você falhou em observar? Como você entende por telhado ou cobertura, a Câmara Dourada não tem nenhuma. Você realmente olhou para cima uma vez, mas não entendeu. Às suas vistas, ele se abria para o vácuo e era todo escuro. Isto foi pela mesma razão que você não olhou para as

tapeçarias da entrada. A Câmara foi coberta no topo por uma substância de coloração e caráter não conhecidos na terra. Tem mais massa que uma nuvem e menos inércia que o mercúrio. Mas, como o mercúrio, está em movimento contínuo, sendo sensível aos impulsos do pensamento impostos a ele de todas as regiões daquela Esfera tão extensa. É por esta razão que é inconstante em tonalidade de cor também, e varia de momento a momento.

Terça, 30 de dezembro de 1919.

A Câmara maior além da transversal termina em uma Abside. Ela tem um esquema diferente de coloração. Em cada lado elevam-se pilares que são estriados e revestidos com outro. Entre eles, cortinas em azul real profundo. O todo é brilhantemente rico e, mesmo assim, tão harmonioso no conjunto que há uma dignidade imponente informando sobre este Santuário e o Coro interior. Somado a isto, há uma atmosfera de mistério, já que enquanto as pessoas passam pelas Câmaras Dourada ou Amarela, elas conversam à vontade umas com as outras, ou agrupam-se para uma agradável conversa, mas chegando ao Coro ficam em silêncio. Não há janelas, mas mesmo assim sempre está com luz em seu interior. Mas a luz não procede de um centro visível. Tudo é banhado por ela.

Quando você esteve lá, meu filho, você não foi muito longe ao entrar, mas parou para olhar, por causa da beleza imensa daquela Capela. E então você voltou para a Câmara menor, onde você sentiu maior conforto. Pois você não estava sintonizado para as mais altas vibrações do Coro. Foi por isso que não percebeu que a Abside estava num recesso no lado direito, além do arco principal da estrutura. Este recesso dá para um balcão para fora, onde também há uma capela. Nesta, apenas poucos podem entrar, porque é o lugar de chegada dos que vêm das Esferas superiores e que têm compromissos no Santuário. Está condicionada para vibrações muito mais refinadas e de intensidade dinâmica maior que o Coro. É aqui que os

visitantes que descem na Esfera Sete param, para se condicionarem ao ambiente normal antes de entrarem em seus afazeres.

Em tais ocasiões, todo o Templo fica eletrificado e seu aspecto e sua influência mudam. Uma vez, quando um alto Senhor veio, eu vi o Templo assumir um aspecto nublado, e as duas Câmaras tornaram-se iridescentes. Suas cores misturaram-se quando se encontraram na transversal onde uma luz verde, brilhante e cintilante, pairou. Relembrei- me naquela hora, conforme me lembro, do sol atravessando com seus raios dourados a expansão azul do espaço etéreo. A faixa neutra da transversal, interceptando e absorvendo o éter e o brilho do sol, tomou o aspecto verdejante da fertilidade. Você vê, bom amigo, eu vim até aqui vindo da terra, e talvez foi pressa de minha parte por causa do meu passado, pois nem toda fertilidade, mesmo na terra, é verde, e em alguns planetas é menor em extensão que a área coberta.

Agora, meu bom amigo Arnel tem em mente reassumir sua narrativa. Agradeço a ele e a você, meu amigo, pela cortesia nesta permissão a fim de que eu pudesse escrever através de sua mão. Deus lhe dê Sua bênção e a todos que nos recebam, como você fez. Não é sempre assim, e sempre nos regozijamos quando nossos companheiros da terra recebem- nos com boas vindas. É doce para nós, e esforçamo-nos para que a doçura não seja levada de volta, mas que possa estar sobre você e permanecer ali.

Antes que se vá, Castrel, poderia dizer-me se ainda tem ao seu encargo aquela cidade onde estava quando minha mãe visitou-o?

Sim, amigo, ainda trabalho ali e tenho a mesma casa por residência. É por isso que vim até aqui. O Templo que descrevi a você, e ao qual o guiei pouco tempo atrás, está em minha jurisdição. Não está em minha paisagem, mas fica dentro dos limites territoriais.

É a Esfera Sete.

Conforme Zabdiel numerou-as a você, sim. Não a nomeamos assim ali.

Obrigado.

E agora, meu filho, retomo minha narrativa. Um grande número de pessoas reuniram-se no Corredor e foram levadas para a Arcada Amarela. Alguns foram além da transversal, para o Coro. Depois de um tempo de silêncio, o espaço começou a tomar uma coloração violeta que se mesclava nas roupas da Assembleia também, e mudava-as para uma nuvem luzente de material leve. A Abside começou a brilhar, e um número de formas apareceu e ficou em intervalos em torno do arco da parede na extremidade mais distante. Então, pelo balcão, chegou um grupo de visitantes. Eram de ambos sexos e estavam vestidos em cores variadas. A cor dominante estava entre vermelho profundo e púrpura. Deles, uma radiação era emitida que invadia as cortinas e faziam com que brilhassem e cintilassem como se fossem de fogo. Verdadeiramente eram, mas o fogo não as consumia como o fogo da terra o faria. A radiação dava a elas certa vida e sensibilidade que você não entenderia. Aqueles cortinados imponentes não tanto absorviam os raios, mas transmutava-os, refletindo-os de volta para o Coro, onde banhavam as pessoas ali agrupadas numa operação quase inteligente. Era como se a personalidade destes elevados e poderosos Anjos-visitantes penetrasse nos materiais e, dali, para os que estavam no espaço que eles delimitavam de cada lado.

O propósito desta Assembleia era o de instruir e, para os que foram promovidos ao Coro, o de iniciação para algum alcance mais elevado de serviço dentro da Esfera. Não era para sua promoção para a próxima Esfera, mas para convocá-los a algum ofício definido naquela mesma Esfera, para as obrigações pelas quais estiveram treinando longamente.

Agora, quando tal convocação é feita na terra, também é dada autoridade ao convocado para que exerça seu ofício em nome do Estado. Mas aqui, o iniciando tem seu poder aumentado, a fim de conduzir o trabalho com sua própria habilidade inerente. Ele é mudado em sua

capacidade pessoal. A circunferência de forças a seu comando é ampliada. Resumindo, ele se torna maior, não somente em autoridade executiva, mas também em força de espírito. Paro com as palavras, meu filho, mas você suprirá de significado onde faltou aptidão para expressá-lo.

III - FESTIVAL DO CRISTO CRIANÇA

Quarta, véspera de Ano-Novo, 1919.

Quando esta Assembleia agrupou-se, era Véspera do Natal na terra. Nosso pessoal, portanto, fazia suas devoções ao Cristo Criança, e com sua intenção dirigida para a Cristandade. Em várias Esferas, serviços semelhantes estavam acontecendo. O poder de bênçãos de todas estas congregações é agrupado por aqueles cujo trabalho é fazer isso: coordenar e misturar e então projetar as bênçãos para o plano da terra. Aqui também há estações em variados centros onde a massa deste poder é novamente tratada, desta vez analiticamente. As miríades das congregações celestes incluem as de diferentes sistemas de Cristandade. Nas esferas mais altas, elas são mudadas em suas características meramente temporais, e levadas a se aproximarem mais, como filhos do Pai Único. À medida que se aproxima do plano da terra, entretanto, os traços sectários persistem. Naquelas esferas mais próximas da terra, onde também persistem, prejudicam também. Tudo isso é misturado na soma das muitas contribuições oferecidas. Assim, são tratadas pela mescla e refino, e então pela divisão em correntes de influência, variando de intensidade e composição, mas é retirado dali qualquer ingrediente de inimizade ou rivalidade. Assim, elas alcançam as pessoas da terra, para ajudá-las em suas devoções.

Este ministério é continuamente operativo. Mas ao tempo das Festas grandes, assimilam o sentimento de adoração dominante nestas épocas.

Não é somente a Cristandade a receptora de tais bênçãos. Mas conhecendo-O pelo nome de Cristo, ou outro Nome, ou nenhum nome, todas estas bênçãos vêm a eles através d'Ele, que chamam de Cristo. Por esta razão: Todo o poder de vida e movimento origina-se do Único Pai. Acima de nós, e entre nós e Ele, está a Esfera Crística, plena da Presença do

Cristo. Esta esfera é o ambiente que circunda todas as Esferas entre ela e a terra, que está incluída nela. A corrente de vida e de poder vindo do coração de Deus precisa atravessar a Esfera Crística em seu caminho. Alcança-nos acrescentada em seu caráter de Sua Presença e Personalidade. E assim, reciprocamente, todos os povos da terra, ou de qualquer sistema de religião que tenham, devem em sua adoração alcançar o Pai através do Cristo.

Não importa por qual nome seja conhecido, se Islamita ou Budista, todos estando unidos potencialmente n'Ele, chamam-No também pelo nome que desejarem. A divisão em religiões parece concernir muito a vocês da terra. Aqui apreciamos as coisas sob outro ângulo. Haveriam duas religiões somente, meu filho, como as consideramos: Uma é obedecer a Deus, e a outra é obedecer a nenhum deus. E esta última não é religião. Então, depois disso, dois é demais. Há apenas uma religião, e uma família no Único Pai; é o que aprendemos à medida que progredimos para a frente e para cima, em direção à Única Fonte de tudo. Assim, naquele templo fizemos nossa oferta de reverências a nosso Pai e ao Seu Filho o Cristo.

Você poderia contar a respeito do Serviço, se quiser.

De algumas partes posso contar-lhe, meu filho, mas algumas outras são demais
indefiníveis para serem transcritas na linguagem da terra. Bem.

Iniciamos em Silêncio. Conforme ele se intensificou, começamos a escutar as emanações de várias reverências. Primeiramente vinham da terra. Então, conforme nós mesmos vibramos mais intensos e elevados, escutamos as emanações das Esferas sobre a terra. Gradualmente, o hino mudava e adquiria mais doçura e volume, à medida que vinha das esferas mais próximas do Templo em que estávamos. Então ouvimos as exaltações desta esfera, e a elas nos juntamos.

A assembleia aspirava ainda às vibrações de harmonia que receberíamos da Esfera Oito e das de cima. Mas conforme o foco de nossa concentração

ia subindo de esfera em esfera sobre nós, o número dos que eram aptos em captar plenamente o tema, e em ler e interpretar tudo, diminuía. Outros captavam o silêncio e recebiam as vibrações através das companhias mais evoluídas que, por sua vez, captaram, assimilaram e projetaram novamente para baixo, em direção aos demais, e em direção à terra. Estes que vieram nos visitar podiam enviar mais longe a harmonia ou, para expressar o que quero dizer, para receber a corrente de preces daqueles céus mais próximos da esfera do Cristo e passar para nós e para os de evolução menor que a nossa. Assim é, meu filho, que todo o sentimento de amor e bons desejos e paz de uns aos outros, que chamam de espírito de Natal, é ampliado de volume por causa das contribuições destas Esferas enviadas a vocês. São absorvidas e gozadas por vocês, e são tão poucos de vocês que sabem o quanto próximos de vocês estamos, nas horas de suas orações, como esta época. Mas estamos tão próximos a vocês como estiveram aqueles que contaram as novidades aos pastores. Eles estiveram "com" os pastores, diz a Bíblia. Nós também estamos com vocês, assim, atuando verdadeiramente. Paremos por agora e começaremos novamente amanhã, meu filho. Continuarei a descrição do Serviço.

E que tal uma pequena parábola aqui, Arnel?

Você me faz feliz, meu filho, por seu gosto por minhas parábolas. Bem, que seja.

Um menino estava na beira do rio e olhou para uma árvore cheia de folhas, porque escutara ali um barulho. Ali, olhava para baixo, observando-o, uma velha coruja que piscava aos raios de sol. Disse o menino, "Mestre coruja, por que não vem para baixo, sobre a grama? Acabei de ver um musaranho e poderíamos caçar juntos para pegá-lo". A coruja não tinha palavras humanas. Mas usou seus olhos, suas asas e pés para ajudar a voz que tinha, por isso ele e o rapaz foram capazes de manter uma conversa. Então ela disse, "Meu menino, o musaranho não está em minhas vistas

neste momento. Mas quando seu sol descer então também descerei e irei caçar". "Mas nesta hora não estarei aqui para ajudá-la, Mestre coruja. Estarei deitado nesta hora". "Verdadeiramente", disse a Coruja. "E esta é a razão e o por quê. Um musaranho é suficiente para mim; e entre um menino e um musaranho, escolho o menor. Mas um menino humano não pensa assim. Entre uma coruja e um musaranho, ele escolheria de acordo com sua espécie. E sua espécie é gananciosa. Ainda mais, corujas, como os humanos, têm apenas um pescoço na vida - e um tipo bem pobre de pescoço".

E qual é a moral da parábola, Arnel?

Não, meu filho, corujas não têm grande moral; e os meninos humanos menos ainda - pelo menos quando a caça está em jogo. Não há moral para a minha parábola, a menos que possa me auxiliar colocando uma nela.

Dia de Ano-Novo, 1920.

Ele primeiro apareceu chegando ao templo ao longo do caminho entre a Câmara
Amarela e o Coro à esquerda de onde eu estava.

Em qual parte do templo você estava?

No Coro, perto do cruzamento dos caminhos, e contra o primeiro pilar, no mesmo lado pelo qual Ele entrou. Escutei um suave e doce sinal, e virei-me involuntariamente. Fiquei algo surpreso com o que vi. Não havia crianças presentes ainda na reunião. Mas aqui um lindo menino, de seis ou sete Primaveras, estava parado a umas poucas jardas para dentro do prédio, como se alguma criança que tivesse escapado de sua babá e, tendo vagueado até aqui, ficou repentinamente abatido por se achar na presença de tantos adultos. Então ele suspirou.

Mas justamente quando olhei para Seu caminho, Seus olhos voltaram-se para o chão e ali Ele viu uma flor e, com alegria, deu um sorriso, correu e

colheu-a. Nesta hora eu percebi que aquele cruzamento não era mais pavimentado de pedras, mas transformou-se num amplo gramado aveludado, e outras flores foram espalhadas ali por alguma mão invisível, e de uma para outra Ele corria, até que ficou com Seus dois braços cheios delas.

Apertando-as contra Seu peito, Ele veio ao centro do cruzamento das duas ruas, e então voltou-se e andou mais sobriamente até o Coro e entrou no Santuário além dele. Toda a timidez se foi, e Ele sorria enquanto chegava, mas olhava de lado a lado, procurando alguém que Ele não podia encontrar.

Virando-se agora e encarando a Câmara Amarela do outro lado do Coro, Ele colocou o ramo de flores diante d'Ele, sobre o chão. Então levantou Suas duas mãos em direção ao teto e gritou, "Venha, bom Israel, para que possamos dar de nossas dádivas para os bondosos - nossos presentes de aniversário, bom Israel. Para nosso prazer, eles nos deram seu amor, e devemos dar bênçãos a eles também, você e Eu".

Então Ele abaixou Seu olhar para o Cruzamento das ruas onde havia o vazio até então, vi ali um homem muito alto, imponentemente parado. Ele era muito maduro, tanto de estatura quanto de idade. Mas havia nele a majestade da idade avançada. Sua face era mais amável e bela em força e intelecto. Não usava roupas, exceto uma túnica nebulosa; nenhuma joia também, ou nenhuma que eu pudesse ver. Seu corpo brilhava com a pureza da saúde e da santidade e, à medida que respirava, emitia raios de luz em vários matizes pelo leve movimento de seu peito. Lembrei da sensação de temor que recaiu sobre mim, por causa de sua santidade que, apesar de conquistada e registrada nos escritos, parecia que a qualquer momento estouraria em nossa direção, consumindo-nos. Temi que pudesse mover-se em direção à Criança e que o brilho dele encobrisse meus olhos.

Mas quando ele fez isso, os variados matizes de sua luz tornaram-se

bem mesclados como para neutralizar um ao outro e emergir num brilho opalino.

Ele veio, ajoelhou-se diante da Criança em um joelho e içou-O sobre Seu ombro direito. Então, tomando as flores em sua mão esquerda como a um cetro, assim eles levantaram-se. Ele ficou ereto e vagarosamente andou pelo Coro, carregando a Criança; e foram pela Câmara Amarela adentro, até o final.

Só foi lá, quando ele colocou o Menino sobre seus belos ombros, como se fosse entroná-lo ali, que então percebi que o Cristo Criança havia chegado a nós. E quando fez isso, meu primeiro pensamento foi que eu deveria ajoelhar-me e abaixar-me em reverência. Mas não pude. Esta Criança era uma criança real, uma feliz, risonha e amável criança, cuja alegria e inocência misturavam-se em tal simplicidade encantadora que, quando se Ele sentou ali em cima, eu quis ir até lá e beijar Seu pescoço e peito e braços e pés, pela doçura que emanava e pela Sua beleza. Mas nada disso pude fazer. Ninguém poderia tocar Seu corpo que parecia pérola, se não fosse ele também pérola pura. Este estado, meu filho, não atingi ainda.

À medida que vinha vindo, tirava flores do ombro de Israel e dava uma para cada um da assembleia. Agora, estas flores eram de diferentes espécies, e a cada um era dada justamente a flor que daria mais bênçãos. Deixe-me tentar dizer-lhe sobre o que isso significa isso para nós.

Quando Ele veio a mim, Ele me deu um amor-perfeito, a mais conhecida das flores. Conforme peguei o cabinho da flor entre meus dedos, Ele segurou-a ainda por alguns momentos, e olhou em meus olhos naquele instante. O efeito em mim foi este: senti que Ele me conhecia e me amava à parte do resto. Havia entre Ele e eu uma linha que não estava entre Ele e ninguém mais. Pois por algum tempo passado, eu tinha trabalhado extenuadamente num problema cuja solução fugia de mim, vez ou outra. Neste momento eu obtive a resposta. Quando a Criança olhou nos meus

olhos, vi nos dele um conhecimento de toda a minha paciência e das longas indagações em detalhes; simpatia pelas minhas falhas, aprovação à minha perseverança e amor a mim, porque eu era eu, e ninguém mais.

Isto, que descobri mais tarde em conversas, foi o que aconteceu com todo o resto. E as flores que recebemos eram simplesmente usadas, primeiramente como canais de sua graça e bênçãos, e em segundo lugar como isoladores entre Ele e nós. Ninguém naquela multidão poderia ter tocado Sua forma. Teoricamente, fazer isso significaria anulação. Praticamente, para chegar tão perto d'Ele, a ponto de tocá-Lo, é impossível. Nenhum de nós era de frequência tão alta que se sintonizasse a Ele. Nenhum exceto um, e este era Israel.

O que foi Israel, por favor? Quero dizer em sua vida terrena - isto é, se ele viveu na terra.

Ah, agora você me pegou, meu filho. Eu não sei. Alguns dizem que ele é uno ao Cristo Total, uma Manifestação de certos ingredientes de Sua natureza. Alguns dizem que ele é um daqueles elevados Senhores Criadores que trabalharam subalternos ao Cristo quando o Cosmos material foi feito. Outros dizem que ele mesmo é o Cristo, e a Criança Sua Manifestação. Por que você hesitou, meu filho? - escreva da forma que impressiono a você. Outros dizem que ele é Judas de Quiriot.

É porque é o que chamamos de Judas, o Traidor, Arnel. É por isso que hesitei.

Assim eu o chamei um dia, meu filho.

Você me disse que gostava de minhas parábolas. Bem, aqui está mais uma. Quando tiver acabado de escrevê-la, releia vagarosamente e pense.

Há uma lenda que contava de um dos poderosos Príncipes que governava os elementos quando a terra era jovem. Ele veio um dia ao encontro de outros que estavam à beira de um precipício sobre o mar, para se reunirem em conselho. Ele perguntou o que havia os deixado em dúvida.

Eles contaram que haviam trabalhado para arrumar a órbita da terra e também sua revolução axial. Mas houve problemas com a sombra que cobria metade de seu tamanho continuamente. Eles haviam feito um grande globo opalescente que, se pudessem colocá-lo no éter além da atmosfera da terra, tornar-se-ia iridescente e daria luz àquela metade da terra que ficava escurecida quando, em sua volta, se afastava dos raios de sol. Mas o globo era grande e pesado pela sua escavação, e não achavam uma forma pela qual pudesse estar pairando lá em cima.

Então, ele lhes disse que tomaria a si a tarefa, e eles largaram o problema aos seus cuidados. Ele solicitou uma visita ao fundo do oceano profundo, distante de toda luz e todo em escuridão. Ele conversou ali com aqueles Senhores escuros que governam a escuridão abaixo, e alistou-os neste serviço.

Então retornou, e pediu aos outros Senhores que trouxessem a grande pérola para flutuar sobre as águas; e assim foi feito. Mas conforme observavam, perceberam que ela começou a perder sua brancura e tomou um matiz fosco. E também começou a afundar. Quando estava quase abaixo da superfície, eles viraram aos companheiros pedindo ajuda, alarmados. Mas ele respondeu, "Não perturbem suas mentes, meus irmãos.
O globo está descendo às profundezas, puxado por aqueles poderes escuros debaixo. Vai afundar vagarosamente e vagarosamente, mas sem o perigo de que algum mal lhe aconteça".

Assim, o globo afundou cada vez mais, puxado para baixo pelos poderes escuros dali, até o fim, onde repousou todo coberto de limo e lodo sobre o fundo do oceano, longe da luz e do calor do Sol, fundo, fundo, lá embaixo.

Mas, quando os Senhores da Escuridão foram até lá, viram que, para manter o prêmio, eles deveriam continuar usando seus poderes sem descanso, a fim de prendê-lo lá embaixo, no fundo do oceano, de tão

flutuante que era. Pois dentro era cheio de ar puro e luz do sol da superfície da terra, e era demais trabalhoso mantê-lo entre eles. Aquilo parecia ser de um princípio estranho, natural, insuportável e que não podiam entender. E este princípio trabalhava constantemente e sem esforço, enquanto eles, rapidamente, estavam chegando à exaustão de tanto esforço. Então chegou o dia em que todas as suas forças foram despendidas, e eles deixaram de impor suas vontades, deixando o globo subir. Milha após milha, ele subiu em direção à superfície e, enquanto subia, sua velocidade foi acelerando até que, quando entrou na última faixa de água entre ele e a luz do sol, estava correndo como um cometa no céu.

O Senhor que planejara isto estava sozinho no precipício, certo dia. Olhava sobre as águas e, finalmente, viu algo surgir perto do horizonte. Então, enquanto olhava, emergindo para fora do oceano surgiu uma enorme bola branca que brilhava como pérola, conforme a luz do sol batia nela. Ela subiu e subiu, distanciando-se da superfície da terra e, pelo ímpeto de sua corrida, foi levada além do cinturão atmosférico, para o oceano etéreo e, ali, encontrou sua órbita apropriada, em plena luz do sol nos céus.

Naquele instante, os outros Senhores retornaram e, encontrando seu companheiro trabalhador ali parado e quieto no precipício, um deles disse, "Meu irmão, estivemos sobre muitos mares e correntezas, procurando por nossa lâmpada, que o senhor disse que se elevaria de volta das profundezas, mas não pudemos encontrá-la. Procuramos em riachos e não está por ali, nem em quaisquer águas pudemos encontrá-la flutuando. Tememos que a tenhamos perdido para sempre, irmão".

Então ele disse, "Não, ela está apenas banhada e limpa, meu irmão. E de acordo com a profundeza de seu afundamento, assim foi sua elevação. Quanto maior o puxão sobre o globo, maior o rebote, e mais prontamente saiu o voo da flecha. Quanto mais profundo uma bola oca puder ser colocada abaixo das águas, mais alto subirá acima da superfície do mar.

Vocês procuraram baixo demais, meus irmãos. Sua lâmpada está ali, nos céus, e sua luz ajudará os muitos que vagam, tanto no mar, como na terra. Pois sua luz é a luz do Sol refletida, e é luz verdadeira afinal de contas".

E devo interpretar isto assim; que Judas, por afundar em profundezas tão profundas do pecado como fez, quando arrependido, rebateu, por assim dizer, e subiu para um lugar elevado nos céus?

Para uma luz como a de Israel, meu filho, deveria dizer que seria uma subida muito longa.

Quanto a Judas - bem, não sei.

Não achei traço dele em nenhum lugar ao longo do caminho que fiz até onde estou agora. E viajei muito. Nem tenho notícias de que outros viajantes tenham encontrado com ele pelo caminho. Quanto a identificar com Israel, não sei. É uma das coisas que se imagina por aqui, nada mais. E quem foi o primeiro a debater isso, não sei. Foi uma conversa atrevida arriscar pela primeira vez, e o que mais me deixa perplexo é que achariam alguém de mente tão ativa que desse vida a isto, e de coração tão forte que verbalizasse - um coração assim como o de nosso Senhor o Cristo, meu filho.

IV - ADORAÇÃO E SERVIÇO

Terça, 6 de janeiro de 1920.

Quando chegou ao corredor, Israel deixou a criança no chão. Então ouvimos um som distante de vozes de crianças chegando do Corredor, para a direita se olhássemos em direção à entrada. Eles pararam, e a música foi tocada por outro Coro invisível à esquerda. Aí eles cantaram em coro como se ambos estivessem próximos. Surgiram juntos e percebi que os que vieram pela direita eram meninas, e os outros eram meninos. Eles misturaram seus dois grupos em um só e, assim, saíram pela entrada até os jardins, o Cristo Criança ainda na frente deles, com Israel.

Todos nós os seguimos então, para ver o que aconteceria lá fora. Encontramos todos ainda cantando como vieram. Eles seguiram a Criança que os liderava para a direita, ao longo de uma alameda que há entre duas colinas. Ela saía num local plano coberto com uma floresta. Seguiram uma avenida e, à medida que passavam, as árvores ficavam com um aspecto mais transparente e tornavam-se vivas com as luzes de muitas cores que vieram para cá e para lá do meio da folhagem. Pássaros chegaram também, até onde a luz alcançava, e cantaram seu hino de alegria que se ajuntava ao das crianças. A mim parecia, enquanto eu os escutava andando entre eles, que as crianças e os pássaros tinham muito em comum juntos, na inocência de sua alegre melodia.

Finalmente chegaram a uma clareira no mato. Era de bom tamanho, mas o espaço todo estava ocupado com galhos de árvores muito altas que formavam um teto no alto. Quando a Criança entrou, as crianças ficaram na avenida. Ele andou para o meio do espaço aberto, onde se elevava uma pequena colina coberta com flores. Aqui Ele parou, e Israel sentou-se na colina e pegou a Criança em seus joelhos.

Então, vagarosamente todo o espaço começou a se encher com uma luminosidade como se milhares de lâmpadas multicoloridas tivessem sido espremidas pelas mãos dos anjos e a radiação espalhada no ar. As árvores em torno foram invadidas com isto, até o tronco e a folhagem cintilaram e brilharam como alabastro colocado contra a luz do sol, e da lua, e das estrelas - já que todo este esplendor parecia estar presente naquele brilho. Isto é o que aparecia para nós que observávamos. Mas a causa real era que estavam apresentando-se muitos anjos de tão alto estado que não eram visíveis a nós pessoalmente. Só o que víamos era a sua luz.

Então do teto da clareira desceu um grande barco, como aqueles que estão nas águas da Torre dos Anjos. Mas brilhava muito mais e era mais translúcido que eles, e pedras preciosas brilhavam e cintilavam sobre ele, fora e dentro, enquanto ele descia e estacionava perto da Criança e de Israel.

Agora, isto foi uma coisa estranha indubitavelmente, e fico imaginando qual seria seu significado. Pois não havia água para flutuar, e ele ficou na relva verde. Mas eu iria entender mais tarde.

Ali estava sentada na popa do barco uma jovem Donzela, e estou por falar dela. Havia outras garotas no barco e eram de um estado muito elevado, pela sua beleza de face, e forma, e a textura de seus corpos, que eram mais radiantes que os nossos. Mas a donzela brilhava além delas todas, pela beleza e pelo brilho de sua pessoa. Sua sobrancelha era arqueada e seu cabelo era castanho suave, sua forma magnificamente moldada. Sua roupagem era branca com uma radiação rósea misturada. Através dela, seu lindo corpo brilhava cintilante, e quando olhei para ela, o único pensamento em minha mente era de suave e profunda reverência de amor, por causa de sua santidade.

Ela desceu do barco entre suas amigas e a Criança pulou do joelho de Israel e correu ao seu encontro. Ela pegou-O em seu peito e beijou-O enquanto Ele a acarinhava em retorno. Eu estava tão embevecido com esta

cena que não tinha olhos para nada mais. Mas repentinamente percebi que eu estava em pé diante de água. Eu havia andado na floresta e chegado na Clareira a umas poucas jardas da alameda pela qual seguíramos as crianças. Elas ainda esperavam ali na avenida, e por isso dei a volta por trás deles, para ver de mais perto a Clareira.

A água em meus pés não estava ali, logo quando cheguei àquele ponto. Agora eu vi que eram um arco de canal de umas seis jardas de largura, em torno da Clareira entre as árvores, algumas cobrindo sua superfície. Mais adiante havia uma calha deste canal um quarto de circunferência além da entrada da avenida, e vinha em direção à colina do centro para que o barco no qual vieram a Donzela e suas amigas descesse, agora flutuando nas águas. Ela e a Criança entraram a bordo e o barco por sua própria ação planou até o final daquela calha que dava para o canal circular, e lá ficou.

Ali então apareceram outros barcos sobre as águas, e neles entraram as crianças, cantando e rindo numa alegre folia. Cada um deles tinha dois remadores, um na proa e outro na popa, que usavam seus remos para guiarem e impulsionarem estas espaçosas naves em torno da Clareira. Primeiramente tomaram o curso mais interno e assim, enquanto passavam pela calha, chegaram perto, ao lado do barco no qual estava o Cristo Criança na proa. Ao seu lado estava a Donzela que segurava a mãozinha esquerda dele com a sua mão direita.

Agora, ao ver isto fiquei tão próximo da tristeza quanto é possível ser triste nestes reinos brilhantes onde a glória é tão real. Sobre nós, enquanto estivemos no Templo, Ele não impôs Sua mão. Mas agora, conforme barco após barco de crianças passavam em direção ao Seu lugar e vinham parando ao longo das margens eles, um por um, vieram para a amurada com as mãos dadas lado a lado, com seus lindos olhos escondidos pelos cílios abaixados, e Ele individualmente impôs Sua mão cheia de covinhas sobre cada cabeça abaixada e abençoou-os todos, enquanto se ajoelhavam diante d'Ele.

Meu filho, há pessoas estranhas de mentalidade estranha, que pensam que anjos não choram. Nós choramos, meu filho, algumas vezes de tristeza, e algumas vezes porque as lágrimas são a única oferta que podemos fazer pelo êxtase. Em tributo à santidade de sua doçura imensa em beleza, como vi e senti, meu filho, meus olhos ficaram banhados de lágrimas. Eles eram tão doces de se ver, a Criança e as Crianças, e a Donzela. Tão lindos eram em sua santidade que chorei pela alegria e pela paz que emanavam a nós mais velhos, que estávamos aqui e ali entre as árvores sobre a Clareira circundada por águas, estávamos ali silenciosos, desejosos e não sem alguma ansiedade.

Então foram-se mais uma vez, desta vez tomando a saída entre as árvores. Elas haviam brilhado e vi que de seus galhos muitas frutas penduravam-se sobre as águas e sobre a beirada também havia flores. As crianças pulavam para pegá-las, à medida que seus barcos passavam, apoiados na proa ou em pé no barco. E conforme pegavam flores ou frutas em suas mãos, elas cresciam mudadas, e cada criança então ficava segurando uma coroa cravejada e brilhante, para grande deleite de todos eles. Então, coroados com elas sobre seus lindos cabelos, eles seguiram adiante cantando e rindo de alegria.

Israel tinha ficado perto da pequena colina, com as damas acompanhantes da Sagrada Donzela. Ele agora, com elas, começou a cantar uma canção rica em melodia e elevação. Servia de modelo para as crianças que aqui ou ali juntavam-se a ele da forma que podiam. À medida que a canção prosseguia, eles conseguiam pegar o tema mais e mais completamente, e finalmente puderam contribuir na harmonia. Então o hino atingiu sua plenitude. As doces vozes das crianças eram enriquecidas pelos demais timbres das moças e o tenor profundo de Israel firmava todos na harmonia.

Eu esperava para ver o final daquele encontro. As crianças todas

desceram no banco mais interno do canal, e o Cristo Criança disse adeus a eles, e disse-lhes que viria a eles novamente com algumas novidades, quando eles aprendessem a lição desta Sua chegada. Então, Ele ficou sobre a Colina com a Donzela e as outras, Israel no meio, e eles sumiram para sua própria esfera mais elevada.

E a água e os barcos?

Estes ficaram, para que as crianças pudessem ser levadas até ali de tempo em tempo, para lhes ser ensinado o real significado daquela manifestação. Seria parte de seus estudos para o tempo a vir. Não sei se ainda está lá, aquele canal. Mas se não for encontrado um uso apropriado para ele, então será reabsorvido ao ambiente, assim com os barcos.

Mas de qualquer forma permanecerá por muito tempo, enquanto os pequenos não tenham dominado todo o significado que lhes trazia o Cristo Criança e Sua chegada a eles em Seu Dia de Natalício.

Quarta, 7 de janeiro de 1920.

Da clareira repisamos nossos passos até o Hall dos Pilares, como é chamado de vez em quando o Santuário daquele templo. Ali nos agrupamos em Conselho, e ali chegou até nós um visitante para nos auxiliar com sua sabedoria, e que veio de uma esfera mais alta e estava no Santuário menor, no balcão, esperando por nós. Ele veio a nós pela entrada lateral da qual lhe falei, e foi a um ou outro de nós enquanto ficávamos conversando em grupos sobre o suave Festival que tínhamos testemunhado na Clareira.

Sei que você sempre está ávido pelo aspecto de qualquer um que trago ao palco de nossa narrativa, e você também tem necessidade de ter o nome. Portanto darei ambos a você. Seu nome será Shonar. Ele não era alto como são as estaturas por aqui. Ele era da altura do mais alto de nós. Isto seria na medida da terra alguns seis pés e um quarto. Sua pele era amadurecida, mais que branca ou rosa, mais dourada que a nossa, como se fosse

bronzeada por tempestades ou raios de sol. Ele usava uma faixa clara de ouro avermelhado sobre seu cabelo castanho escuro, que caía ondulado sobre seus ombros em ambos lados de sua cabeça. Sua túnica não era da seda usual, mas mais semelhante a uma armadura folheada, mas não com a dureza dos metais; apenas assim ela brilhava e tinha aquela cintilação. Chegava apenas ao meio das pernas e era bordejada com uma faixa vermelha. Seu cinto era de ouro velho. Este era seu único enfeite. Seus braços e pernas estavam nus.

Todas as suas maneiras e aspecto falavam de uma magnífica mistura de ternura e força quase rude. Eu não entendi à primeira vista. Quando ouvi sua história, eu soube que a respeito dele não poderia ser de outra forma. Ele tinha muitos séculos de serviço sob sua responsabilidade, e este serviço era prestado em várias eras extenuantes, a maioria de eras de revoluções sanguinárias na terra e na carreira de tiranos.

O quê?

Ele foi ativo nos negociações que aconteceram sob Ivan das Rússias, ele cujo nome era "O Terrível"; e havia dado uma ajuda na maioria das brutais selvagerias daqueles povos, daquele tempo até aqui. Ele também misturou-se com o povo da França em sua orgia antes da chegada de Napoleão. Ele também esteve com os ingleses nos tempos do oitavo Henrique e em seguida. Seu trabalho é um trabalho terrível. Todos estes movimentos mostraram aos historiadores da terra seu aspecto mais exterior de sangue e crueldade. Há um outro significado, mais profundo, em todos estes temas, e que são estudados por nós pelo lado mais íntimo, e ele tratou deles sob este ponto de vista. O trabalho de Shonar tem sido segurar o leme e guiar o barco sobre o mar de sangue. O sangue deve fluir e os ventos da blasfêmia devem rugir em tempos como estes. É a única forma de flutuar o barco, e a única forma para forçar seu curso para frente. Há vezes, meu filho, nos negócios do livre-arbítrio da raça humana, em que nada mais servirá.

Com o mar sangrento e com o vento forte de inferno Shonar não negocia. Estes são concernentes a quem os criou. Seu encargo era o barco do progresso humano, apenas isso. O mar que tinha que navegar e o vento ao qual abria suas velas eram fornecidos por homens e demônios. Shonar tinha que pegá-los e usá-los; para usar o fogo do inferno para acender sua lâmpada de santidade. Esta era sua tarefa. Entendi seu aspecto mais claramente quando cheguei a saber de tudo isto. E também entendi mais claramente quão poderoso é o poder inerente na vontade da espécie humana.

Deixe-me tentar contar-lhe mais uma coisa dele. Ele era maior que sua posição. Quero dizer que, se tivesse abdicado de seu trabalho especial como eu lhe contei, e assumisse sua dignidade normal, ele subiria para uma esfera muito elevada. Seria, e é, por seu mérito, direito ficar ali por sua própria intenção. Ele poderia tomar seu lugar por direito e sem culpas de forma alguma. Mas até agora ele não quis clamar seus direitos. Então continua a fazer contato com os vilões e tudo que é horrível, pelo bem dos homens, e adianta-se às felicidades dos altos céus onde, por causa de tal contato, não pode entrar. Não que ele não seja merecedor, mas porque não está ajustado e por causa dos deveres que tem que assumir.

Citarei outro caso para exemplificar melhor. O Cristo é de Divindade próxima à do Pai. Quando Ele veio para a terra, Ele precisou condicionar-Se à esfera terrestre. Isso também pelo fato da Encarnação. Encarnado, não poderia retornar para Casa. Ele primeiramente deveria deixar a carne, e então subir as Esferas pela ordem, ganhando cada condição à medida que Ele sairia de uma para outras mais elevadas, até que alcançasse a esfera Crística, que é Seu próprio domínio.

Assim, expus esta Ascensão do Cristo para explicar a você o caso de Shonar por similaridade. O Cristo fez na forma principal o que eu lhe disse. Mas, de fato, sua Ascensão foi mais veloz e direta que pareceria ser. Sua

descida para a terra já condicionou a estrada como a Autoestrada do Rei.

Suficiente por hoje, meu filho. Reassumirei para contar-lhe de nosso Conselho amanhã.

Quinta, 8 de janeiro de 1920.

Shonar esteve ausente por longo tempo da Esfera Sete, pois seus trabalhos mantiveram-no próximo à terra. Somente em longos intervalos ele subia para as altas esferas para descansar, e em uma destas ele agora veio até nós. Poucos de nós tinham se encontrado com ele antes. Observei-o enquanto ia de grupo em grupo, e percebi que suas palavras vinham contraídas, e suas sentenças eram concisas e diretas, conforme ia se apresentando a cada membro individualmente. Ele media cada um de nós, até que abriu o Conselho geral. Essencialmente era um homem de ação e de decisões rápidas, e incansável. Não, sua confiança, calada, forte e serena deu-nos uma sensação de energia sensível que, em si, era repousante.

Quando eu disse que ele falou, foi para usar fraseado terrestre. Está mais próximo da realidade, entretanto, dizer que eu o fiz por telepatia; o que atualmente não é muito penetrante, estando ainda em sua infância de desenvolvimento. É usada aqui, especialmente nas esferas mais altas, muito extensivamente, mas não tão amplamente que se exclua outro método. Ele a usava agora, e servia a ele melhor que expressar palavras pela boca, para conseguir atingir nosso calibre mental e espiritual. Eu, interpretando, falarei em palavras e vozes para melhor entendimento seu e dos que lerão tudo isto.

Quando ele, então, passou pelo nosso grupo, apartou-se no meio do Santuário e disse, "Meus irmãos, estejam descansados, peço a vocês, enquanto eu, quando da sua saída, também estarei".

Era uma estranha maneira de dizer-nos que nos sentássemos. Era um eco de sua longa jornada perto da terra e num átimo deu caráter ao tema que

tínhamos em vista. Sentamo-nos no canapé entre os pilares de ouro, abaixo das cortinas azuis. Shonar jogou- se ao chão perto do cruzamento das ruas e apoiava-se em um braço ou outro, conforme conversava com o que estava à sua direita ou à sua esquerda.

"Foi-me permitido vir a vocês, meus irmãos", disse ele, "para pedir sua ajuda. Meus bons batalhões estão no plano da terra, deixados ao encargo de meu tenente Latimer. A eles devo retornar, pois lá, daqui a pouco, trabalho haverá que necessitará de mim. Eu trouxe para a Esfera Três um grupo de pessoas, coletados no plano terrestre, que estão muito necessitados de reforço e instrução. Eles saíram do redemoinho da terra e seus tormentos, e não podem equilibrar-se novamente sem socorro. Poderiam me ajudar, meus irmãos, neste trabalho, e dou meu coração por contente quando eles tiverem seu bem- estar, para que eu possa sentir-me livre para retornar para a luta lá embaixo na terra?"

"Quantos de nós todos o senhor necessita, meu senhor Shonar?" perguntou um; e ele respondeu: "Trinta e cinco - cinco setes; cada sete de dois três, com um líder".

"E quem liderará a companhia como um todo?"

Shonar ficou em pé prontamente, com muita graça, e disse, "Você me chamou de 'Senhor', meu irmão. Não me chame Senhor, peço a você. Estou aqui, não para liderar, mas como suplicante a vocês. Seu líder conduzirá vocês, com sua boa partida".

E, inclinando-se levemente, voltou-se e andou pelo Cruzamento à direita. Muito rapidamente reapareceu, e ao seu lado caminhava uma mulher. Era quase da altura de Shonar, e de perfeita compleição. Seus olhos eram escuros, com o azul profundo do céu à noite. Seus cabelos eram muito escuros mas não negros, e estavam trabalhados em tranças que foram arrumadas em cima e atrás de sua cabeça e sobre suas orelhas. Davam a ela a aparência de estar cingida para o trabalho; uma personalidade forte, mas

doce. Ela parecia misturar em sua pessoa a doce devoção de Maria de Betânia com o coração guerreiro de Boadiceia - uma mistura forte, mas graciosa. Ela devia ser gêmea de Shonar.

Ela caminhava num andar gracioso para o meio do Cruzamento e ali parou, armas dos lados, e olhou para o grupo, Shonar a seu lado esquerdo.

Então ela disse, "Senhores do Cristo e, para mim, todos meus irmãos, pediram-me que trabalhasse com os senhores neste bom trabalho. Poderiam, então, tomar-me como companheira neste empreendimento em comum?"

Nós nada dissemos, mas um de nós levantou sua mão em assentimento, e todos fizemos então como ele.

Então ela disse, "Agradeço-lhes, camaradas e colegas, todos vocês. Há aqui sessenta e três, e alguns de vocês deverão ser observadores daqui, enquanto estivermos lá embaixo, atuando ao nos substituir de vez em quando, quando precisarmos de descanso. Shonar agrupará nossa primeira companhia a serviço agora".

Enquanto isso, Shonar fez a ronda em torno de nós conforme vinha vindo, e tocou um e outro de nós, e ao completar o semicírculo já tinha justamente trinta e cinco, nem mais, nem menos. Por isso fiquei sabendo que ele já fizera sua escolha de quais de nós teria. E eu estava entre eles.

Então um de nós endereçou à mulher uma pergunta, "Por qual nome deveremos chamá-la, senhora, já que não é conhecida entre nós aqui?"

E ela respondeu, "Vão me chamar pelo meu nome de coração, meu irmão, enquanto esta tarefa estiver em andamento, que é Wulfhere**.** Como dizem, sou estrangeira nesta região. Meu trabalho tem se baseado, na maioria deles, em outros rumos, entre os povos de outra evolução. Por esta razão fui chamada para este empreendimento que, como verão, não é ordinário, e a respeito do qual ordinários métodos, como os conhecidos aqui, não terão proveito. Venham, senhores, e buscarei minhas mulheres e então poderemos ir em direção à terra, vocês e nós".

Então Shonar beijou-a em cada face e sobre sua testa, e ela tomou-o em seus braços e abraçou-o apertando-o em seu peito, face a face, acariciando-o profundamente. Mais tarde contaram-nos que ele fora filho dela na terra.

Assim Shonar foi ao Balcão, e nós seguimos Wulfhere pela rua do Cruzamento até que chegamos ao seu quartel, onde suas moças esperavam por sua chegada.

V - O EPISÓDIO DA FONTE

Terça, 13 de janeiro de 1920.

Conforme atravessamos a rua do Cruzamento, estive imaginando quantas novas experiências estariam por acontecer. Eu havia visto muitas fases da vida e as atividades de variadas esferas até a Décima Primeira. Mas estas regiões são tão vastas em extensão e tão variadas em caráter, tanto em cenários quanto em seus habitantes, que sempre está próximo algum interesse novo para ser descoberto. A cada nova fase parece ter um charme de novidade maior que qualquer outro anterior. A vida aqui, meu filho, nunca é monótona para aqueles na luz e no progresso.

A rua do Cruzamento tinha uma parede no lado esquerdo, conforme vínhamos vindo. No lado direito, quando já tínhamos andado um pouco, era aberta a jardins. O teto era suportado por pilares delgados de bronze, e de trabalhos em treliça. Sobre esta Pérgola subiam e desabrochavam lindas plantas trepadeiras. Mas nos jardins havia campos de gramados, canteiros de flores, canais e fontes.

Na nossa esquerda, a parede continuava e era de bronze, como os pilares, mas almofadada e desenhada com uma magnífica decoração. Eu reparei especialmente num grande painel. Tinha oito pés de altura e vinte de comprimento. Era uma paisagem em metal de uma fonte da Esfera Oito. A pintura não era estática como são as suas, mas todas estão em movimento. A água caía branca da fonte e dali saía para quatro caminhos. Estas quatro correntezas eram azuis, amarelas, vermelhas e verdes; e as terras para as quais cada uma fluía tomavam a característica própria daquela correnteza fertilizante. O rio verde banhava um país onde as terras principais eram dadas a pastagens. Aqui havia cabanas, pastores e fazendeiros com suas ovelhas e cavalos e o gado, e tudo fazia com que fosse uma região ideal

para a agricultura. Tudo isto, lembre-se, tinha um semblante de vida e de movimento. Os pomares de maçãs balançavam com a brisa e, quando olhei para as florestas, pude escutar o som dos pássaros. Até as nuvens planas moviam-se no céu e davam sombra nos prados abaixo.

A correnteza azul caía de um alto platô em direção ao oceano; e aqui havia barcos de todos os países e de muitos períodos, caiaques, canoas, galeões, fragatas e navios. Todos eles estavam em movimento, como também o mar sobre o qual navegavam.

A correnteza vermelha foi para uma região de trabalho onde homens forjavam suas máquinas de locomoção e comércio, e também outros instrumentos de metal pelos quais a humanidade estendeu o uso de suas duas mãos através de metálicos substitutos artificiais de trabalho. Mesmo essa correnteza era linda, já que a nota dominante era a luz e o fogo, e o artista tratou a matéria somente pelo ponto de vista do progresso. Nenhum instrumento de guerra ou destruição estava sendo aqui fabricado. Nenhum monte triste de cinzas, nem desperdícios desengonçados de entulho. Na terra, isso é consequência da cobiça pelo ganho. Na pintura, a ideia não interessava por si, mas o tema inerente era o desejo de servir a raça. E porque era assim, o artista foi capaz de fazer esta paisagem muito bonita também.

A correnteza amarela ia para o espaço. Agora você vai imaginar como foi feita, e temo que não poderei dar a não ser uma pobre ideia dela. Repito, tudo não era estático, mas em movimento, nestas pinturas. Agora, esta correnteza, à medida que seguia, tornava- se transmutada, primeiramente em vapor, e depois em névoa, e depois em luz. Mas era luz em sua essência, seu princípio. Incluía em si o que chamam noite, e também o dia. Como vocês sabem, a escuridão de sua noite terrena é esmaecida pelos raios de sol, só que não são luminosos para vocês quando olham para eles por detrás deles, enquanto formam uma corrente espaço afora. Vocês estarão olhando

na mesma direção na qual eles viajam. Somente quando opuserem sua linha de visão na direção de sua passagem, quando ficarem neste lado da terra que faz face em direção do sol, realmente dirão que estes raios são doadores de luz.

Naquele quadro, os raios de luz são retratados em todos os seus aspectos. O resultado foi que vimos aqui o universo como de fato o vemos do lado espiritual da vida. Não há escuridão, mas somente luz em seus diferentes aspectos e fases. E através destas grandes profundezas de luz e radiação, eu podia ver os sóis e seus mundos em seus cursos celestes, movendo-se na majestade de sua graça firme. Era muito informativo, como também eram todos os temas naquela pintura; e eu fiquei ali por algum tempo para poder assimilar seu significado.

Descrevi esta experiência em alguns detalhes com um objetivo, meu filho. É para que pudesse lhe contar sobre o uso para o qual tais pinturas são feitas. São usadas como modelos para que alunos os estudem. Estes mostraram o trabalho mais íntimo, na terra, daquelas correntezas de influência geradas aqui por nossos químicos, biólogos e outros grupos de trabalhadores. Se os homens estivessem sintonizados adequadamente a nós, então as várias atividades da terra trabalhariam como aqui retratadas, sempre como os céus declaram a Glória de Deus; a qual era o motivo do rio amarelo, ou dourado, do painel. A humanidade está andando neste caminho, mas ainda está longe do ideal. Mas tempo chegará em que esta pintura arderá e cintilará em toda sua alegria, a luz celeste sensível à alegria da terra no perfeito serviço do homem no Reino de seu Deus.

Quarta, 14 de janeiro de 1920.

Quando acabei de ver este quadro, percebi que estava sozinho na Pérgola. Então fui adiante, até chegar num arco à minha direita e um lance de escadas além, que levavam para o jardim abaixo. Podia ouvir as risadas e

as vozes de meu grupo. Então desci e andei ao longo das alamedas em sua direção. Em ambos os lados havia cerca viva, moitas floridas e árvores em flor. Cheguei finalmente por um caminho em curva que, do meu lado direito, dava para um Jardim de Recreio. Era uma área grande, de quarenta e cinco jardas de diagonal, um círculo irregular bem cercado de verde como nos passeios. No meio havia uma Fonte com sua bacia embaixo, cuja beirada ficava na grama que atapetava este anexo.

Perto desta Fonte estavam os meus companheiros em grupos e algumas mulheres, em um número de aproximadamente o dobro do nosso. Wulfhere estava conversando com outra mulher perto das bordas do círculo, ela também uma líder, como rapidamente pude perceber pelas roupas e pelo aspecto geral.

Agora voltei-me em direção às águas caindo, buscando a causa de tanta alegria. Era algo que me deixou perplexo. Eu escutei as gargalhadas e, como havia percebido quando estava chegando pelo jardim, como agora também, entre aquelas vozes de homens e mulheres também estavam misturadas vozes de crianças. Disto não havia dúvida. Mas onde as crianças estariam, isso me confundia muito, pois não havia crianças à vista em todo o Jardim de recreio. Suas vozes vinham de onde a Fonte funcionava, e fui até lá.

Quando cheguei perto dos grupos, os membros viraram-se e olharam para mim, e seu divertimento aumentou quando viram minha expressão de perplexidade.

"Arnel, meu irmão", disse um de meus amigos, "aqui está o que se fazer. Estas jovens senhoritas são culpadas de um sério lapso em suas tarefas. Talvez possa vir ajudá- las a se emendarem".

"Joseph", respondi a ele - ele era um dos mais jovens irmãos - "você me dá, partindo de seu bom coração, uma tarefa tão agradável que você mesmo, garanto-lhe, avidamente tentaria. Isto não lhe daria méritos por uma recusa.

Além do mais, Joseph, meu filho, estas jovens senhoritas parecem-me encarar seus problemas muito bravamente. Qual é o crime de vocês, minhas jovens pecadoras, que nem Joseph pode remediar, e do qual também vocês mostraram sinais tão incomuns de penitência?"

Então uma delas veio me minha direção e, colocando sua mão em meu braço, virou seu lindo rosto cheio de ironia, e disse, encenando choro, "Por favor, senhor, incorremos em uma grave falta. Perdemos as crianças".

"Que crianças são estas?" eu disse, zombando com severidade.

"As que tínhamos ao nosso encargo, senhor". disse ela. "Estavam brincando por aqui depois das aulas. São boas crianças e não desobedecem. Então, quando passeávamos em volta deste jardim, descobrimos que elas não nos seguiram. Corremos para cá e não as achamos".

"Mas, quando vinha para cá escutei suas vozes muito claramente", eu disse.

"Isto é verdade, senhor", respondeu ela, também nós escutamos. Mas onde estão as crianças?"

Desde que havíamos começado nossa conversa, nenhuma risada de criança interrompera-nos. Mas eu sabia que elas estavam perto e estavam escutando tudo que dizíamos. Indubitavelmente, depressa percebi que de vez em quando um sussurro abafado vinha da direção da Fonte e, agora e novamente, uma risada de criança, baixa e irresistível, rapidamente sufocada.

Então eu disse, "Com sua licença, boa senhorita, este problema me agrada e sinto- me desejoso de tentar uma solução. Por isso, dê-me tempo para pensar um pouco sobre isto e farei o que possa, já que seria uma vergonha para minha idade madura se não fosse capaz de desvendar este mistério, como penso que fizeram".

Então, enquanto ela voltou para suas companheiras, eu me aproximei da base da bacia para tentar minha sorte neste jogo. A Fonte, você deve saber,

foi projetada e mantida pela instituição da qual este anexo fazia parte. Um dos departamentos ocupava-se em ensinar crianças de alguma forma mais adiantadas. Era o que chamariam, um Colégio misto. O desenho da Fonte, então, expressava uma fase de seus estudos. Era feita para representar uma colina em miniatura encaixada em um gramado e uma pequena floresta, onde se escondiam grupos de animais e pássaros.

Conforme inclinei-me para ficar mais próximo, pude examinar de mais perto este santuário. Era bem concebido, mas a execução carecia de acabamento. Verdadeiramente, eu poderia nomear a maioria dos animais que o escultor esforçara-se por expressar; mas foram rudemente feitos, e alguns eram quase que grotescos, e a parecença ao original era sofrível.

Mas fiquei cauteloso em tirar minha conclusão. Eu sabia que um trabalho tão mal feito na Esfera Sete era, no mínimo, incomum. Devia haver uma razão para isto.

Justamente quando eu estava pensando bem profundamente, veio da boca de um jacaré bem em frente de mim, do outro lado da água, um alto e terrível urro. Mas a voz não era de nenhum lagarto jamais criado. Era uma imitação passável do urro de um tigre.

"Ai, há cinco neste um aqui, dizem-me eles, e pelo estrondo que saiu quase posso acreditar nisto", disse Joseph em meu cotovelo.

Antes que ele me dissesse, eu já havia desfeito meu enigma. As crianças estavam dentro daqueles monstros de pedra. Virei para o interlocutor com um sorriso. "Joseph, meu jovem amigo", disse-lhe eu, "você disfarça mal. As que lhe disseram isto, percebo, são as que tão tristemente lamentam a perda de seus jovens encarregados. Então há cinco jovens tigres dentro deste pobre jacaré? É? Bem, e quantos há, pense, naquele avestruz?"

"Irei agora mesmo perguntar para o senhor", ele respondeu com mansidão perfeita demais para ser real, e voltando-se, andou sisudo para um dos grupos de moças um pouco apartadas.

Bem, tudo foi satisfatório, mas não resolveu meu enigma. Também aqui faço minha confissão que fiquei estancado naquele ponto; porque não tinha dados para trabalhar neste assunto. Isto foi superado quando o grupo voltou a mim com Joseph e, ficando com pena de meu espanto, explicaram o caso desde o começo.

Parecia que estas crianças, um grupo de uns cento e cinquenta, tinham, como seria a contagem na terra, idades entre dez e dezesseis, meninos e meninas. Nesta idade, se as crianças vieram para cá na época de bebês, ou se vieram mais tarde e são de excepcional habilidade, são evoluídas o suficiente para começarem o curso mais intrincado de estudos da criação. Em outras palavras, tendo sido ensinados a eles, nas escolas inferiores, os princípios criadores da grama, árvores e, finalmente, flores e frutas, eles começam a aplicar seus conhecimentos no mundo animal.

Este grupo de estudantes tinha trabalhado nos mamíferos e tinham tido uma lição prática dos métodos criadores, antes de serem mandados para sua demonstração no Jardim de recreio.

Aqui eles tinham arquitetado um projeto audacioso e puseram-no em execução imediatamente. Era nada menos que a desmaterialização de toda a Fonte e a recriação dela com eles mesmos dentro dos animais.

Na primeira parte saíram-se maravilhosamente bem, porque todos eram bem habilidosos e práticos. Mas quando a tarefa de reconstrução começou, viram que tinham se esquecido de uma dificuldade. Teriam que recriar estes animais, eles mesmos estando em seus interiores. Isto foi o que os incomodou. Eles perseveraram, contudo, e focaram seus esforços evidentemente muito orgulhosos de seu empreendimento. Porque os barulhos destes pobres animais que emitiam de suas bocas, seja lá o que se dissesse a respeito de sua verossimilhança, não falhava em vigor nem no tom de completa satisfação por tudo estar bem, e também de orgulho pelo empreendimento. Você vê, meu filho, estando dentro dos animais, eles não

tiveram noção de que cada animal não era uma peça perfeita de trabalho, como desejaram que fosse.

Este fato, entretanto, somou muito em divertimento a nós, seus adultos, e também foi adotado e usado mais tarde em seus próprios estudos para somar em conhecimentos e habilidades.

Quinta, 15 de janeiro de 1920.

Outro contratempo nos esperava para aumentar de tamanho o nosso divertimento. Quando as crianças se fartaram de se divertir e percorreram todo a gama vocal dos mamíferos, e outros do reino animal, pararam para descansar. De um barulho como o que eles fizeram, penso que aquele ponto de recreio nunca tinha tido notícia antes. Tendo realmente nos entretido com seus duetos ou quartetos, ou um ocasional solo, de acordo com sua própria ideia peculiar de que voz de algum animal em particular teria, eles nos deram um longo e alto acorde em concerto, para reunir todos os procedimentos.

Isto terminado, para o pesar deles mas não o nosso, iniciaram ali o próximo ato. Era de desmaterializar o conjunto de bichos para saírem dali, por assim dizer, e então recolocar o grupo na ilha pela rematerialização. A primeira parte foi facilmente realizada.

Os animais começaram a derreter e sumir na invisibilidade.

O primeiro a ir-se foi o jacaré. Havia cinco dentro dele, concentrados em sua destruição, e tinham que ser os mais velhos, e, portanto, os mais adiantados nesta ciência. Por isso ele dissolveu rapidamente, em obediência às suas vontades. Todos nós estávamos em torno da Fonte, próximos à base, esperando pela saída destes jovens cientistas. Bem, como eu disse, o jacaré foi o primeiro a ir. Mas quando os jovens levantaram-se livres - eram dois meninos e três meninas - olhamos pasmados e boquiabertos de espanto por alguns momentos. Então, percebendo a razão de seu apuro, caímos na

risada. Eles estavam nus, sem nenhum trapinho, nem um pedacinho de pano sobre suas formas ossudas.

A princípio eles nos sondaram com alguma hesitação, imaginando o que estaria errado. Mas, quando olharam uns para os outros, entenderam a fonte de nossa surpresa. Apesar disso, embora perplexos pela aparência, participaram de nossa risada ao saberem que o que acontecera logo poderia ser remediado. Por isso ajuntaram-se a nós com suas gargalhadas e assim, tendo substituído os mais velhos no lugar de vítimas, ficamos todos muito alegres.

Aqui devia ensinar-lhe muitas lições, meu filho, tomando todo o acontecimento como se fosse uma parábola. Mas não o farei, entretanto, apenas passarei duas que o ajudarão em seu conhecimento da vida e da ciência por aqui nos céus, aonde chegará um dia.

Deixe-me reproduzir a cena para você. Havia uma Fonte no meio do Parque. Em torno da beira da água estava agrupado um bom número de jovens e moças com alguns mais velhos entre eles. Sobre a ilha ficaram cinco jovens de idades entre dezesseis ou dezessete anos. E eles estavam nus.

Provavelmente a primeira palavra que vem à cabeça do leitor comum da vida terrestre seria "Vergonha". Quero falar disso bem clara e enfaticamente. Não ficou enrubescido nem pensou em vergonha nenhum de todo o grupo dos dois lados da água. Não há pecado aqui na esfera Sete. Onde não há o pecado, a vergonha não tem base e não é encontrada. Não temos pessoas pudicas na Esfera Sete. Não; quando estes cinco viram o que havia acontecido em seu experimento atrevido numa ciência há pouco aprendida, eles primeiramente ficaram atônitos e um pouco chocados, depois divertiram-se muito. E então, vendo que foram os primeiros a se livrarem de suas prisões, sorriram e fizeram sinais uns aos outros para ficarem em silêncio. Assim observaram os outros saindo para a luz do dia

enquanto os animais viravam nada, um por um. Enquanto cada grupo chegava, cada criança no mesmo estado de nudez, eles esperavam ansiosos pelo olhar de assombro que denunciaria as mentes de seus companheiros neste infortúnio quando eles dessem nossa reprimenda aos seus amigos. Eles não ficaram desapontados. Enquanto grupo após grupo vinham voltando, eles esperaram cada um e primeiro deram uma pausa, mas depois irromperam em gargalhadas, uma mais alta que a outra, conforme a fila dos mais adiantados era aumentada pelos retardatários a cada instante.

Finalmente estavam todos livres, uns cinquenta ou mais deles. Então as crianças mais velhas levaram os menores pelas mãos e vadearam pela água e vieram até o nosso lado.

E agora ficaram pouco à vontade por causa da perda de sua roupagem. Você pode ficar imaginar o por quê, já que eu eliminei da contagem uma das razões que seria obtida na terra. Explico-me.

Você sabe que o vestuário aqui não é o que é para vocês. É parte de nossa personalidade; é, num sentido muito real, nosso caráter, expresso e visível. Mas é mais que isso. Naquele Jardim, com lazer com sua única ocupação, estas crianças seriam desvestidas quase completamente, ou nuas como estavam. Mas quando um trabalho mais sério estivesse sendo realizado, ou se suas obrigações levassem todos para fora, então descobririam esta falta de cobertura como sendo um obstáculo bem real. Não posso explicar adequadamente isto a você, é uma das coisas que diferenciam em condição entre nós e vocês que fica inexplicável. Pense nisto, entretanto, depois desta colocação.

Cada um de vocês no corpo de carne têm uma aura. Se ela fosse tirada, logo sentiriam sua falta. Ficariam confusos em sua consciência, e sua atividade mental seria mais retardada. Também sentiriam uma indiferença esquisita em relação às outras pessoas, como se elas e vocês não estivessem juntas na mesma esfera de atividade.

Ou, para falar em materiais mais densos: Imagine sua epiderme sendo removida de seu corpo. A perda de uma cobertura externa não seria agradável de se contemplar, mas, se seu ambiente fosse suficientemente quente, e compatível em outras formas, nenhum dano mais grave atingi-lo-ia. Pois a derme serviria. Mas se você tivesse que realizar alguma tarefa mais rude num clima diferente, isto seria seriamente inconveniente.

Em algumas formas, entretanto, a condição de desvestidos destas crianças da mesma forma afetá-los-ia. Por esta razão nosso primeiro cuidado foi arrumá-los diante de nós e, somando nossas vontades às deles, tornamos a revesti-los como estavam antes de se aventurarem nesta tão grandiosa empreitada.

O outro fato que vou lhe explicar é como esta involuntária perda de roupa aconteceu. Posso fazer isto com muita rapidez. A tarefa a que se propuseram estava na vergência da circunferência de seus poderes. Ela requereu esforços tão extenuantes e sustentados que eles extrapolaram seus recursos normais e, em sua intensa preocupação de continuarem em seus esforços, pressionaram suas vestes espirituais também. Pois, como já disse, estas roupas são uma extensão de nossas corpos e inerentes à sua composição.

A próxima coisa a ser levada em conta era a rematerialização - ou, como você diria, a reereção - do grupo na ilha. Não vou detalhar isto a você. Foi feito com a nossa ajuda, dos mais velhos. Mas não foi feito na sua perfeição anterior, em linhas e curvas. Então chamamos o escultor original e ele suprimiu nossas falhas.

VI - CRIAÇÃO E CRESCIMENTO

Terça, 20 de janeiro de 1920.

Há um caramanchão naquele Jardim de Recreio, muito repousante e aconchegante. Nele, Wulfhere então chamou suas moças e elas sentaram nos lugares gramados que havia em três lados do quadrado, o quarto era aberto para o Jardim. Ela mesma sentou-se próxima ao lado aberto, e do lado direito, se visto de dentro. As crianças deitaram-se sobre a grama da entrada, na extremidade do limite.

Ela dirigiu-se desta maneira a eles, "Vocês se comportaram regiamente, meus pequenos. Invadiram o Reino de outra pessoa, desmancharam e demoliram o seu trabalho manual, e reconstruíram-no a seu bel prazer. Tão gentilmente o perigo trabalhou em seu encalço, que segurou acorrentados os seus desejos e, apesar de que a experiência trouxe- lhes conhecimento, os desastres não puderam se aproximar de vocês esta noite. Agora vou dar-lhes mais outras interpretações e, quando o problema estiver resolvido diante de vocês, escutarei de sua sabedoria então.

"Há muito, muito tempo atrás, um grupo de senhoritas veio até aqui de uma região distante, desta mesma esfera. Tinham sido mandadas para que pudessem procurar por um local onde estabelecer uma nova colônia de estudantes exatamente como vocês. Disse uma delas, quando chegaram, 'Penso, minhas irmãs, que a beira da praia seja o lugar mais adequado, porque o que estes jovens têm que aprender é sobre o começo da Ciência da Criação. E em primeiro lugar, foi dali, para fora das águas, que saíram os primeiros seres viventes que, evoluindo, povoaram a terra com a humanidade'.

"Então foram para a praia. Mas embora tivessem feito buscas cuidadosas, nenhum bom lugar pôde ser descoberto. Porque não poderiam

construir sua escola sobre o fundo do mar, já que os jovens que tutelavam não eram animais das profundezas onde aquele início poderia ser estudado com facilidade e perfeição.

" 'Entretanto', disse outra, 'aconselho que busquemos as florestas onde há águas de riachos e tanques nos quais a vida aquática pode ser encontrada e estudada. Pois lá também as árvores mostram a vida de sua espécie, e pássaros e animais silvestres acrescentarão algo aos seus estudos das águas'.

"Então elas foram para a floresta, e viram que, para construir sua escola e casas, teriam que derrubar as árvores e desviar os cursos d’água para perto das clareiras. A colônia deveria ser grande e destruiria tanto o crescimento da floresta, que o toda a vida florestal seria perturbada e as características principais seriam modificadas.

"Então elas sentaram-se ali, entre as árvores, para falar de tudo aquilo e, enquanto estavam sentadas ali, veio um passarinho que, parando num galho de árvore, começou a cantar. E, enquanto ele cantava, a forma daquilo que cantava formou contornos em suas mentes, na hora em que elas ficaram em silêncio para escutá-lo cantar. Seria alguma coisa como estas palavras, em vocabulário humano:

A canção do passarinho

Não é para a sabedoria da terra que cantamos,
Pois de sabedoria tem o suficiente;
Ou, na falta dela, deixam de saber
Que a sabedoria não é nada
A menos, a menos que seja mesclada
Com o agradável silêncio de essência.

"Não é para os grandes em poder mundano

Que nossa música muito oferta;
Apesar de serem parentes de tudo isso,
Diferentes valores para tudo designam;
Não podemos cantar sobre riquezas ou armas
Que são para eles seu único encantamento.

Mas, quando abaixo de nossos ninhos de folhas
O trabalhador cansado se deita,
Nós aliviamos seu coração, campestre ou urbano,
E preenchemos sua alma com suave repouso,
Preenchemos sua alma com graciosa leveza,
Sussurramos a ele, abençoando-o: PAZ

"Assim ele, que busca a dominação
Pela força das armas ou do poder mundano,
Achará seu lugar solitário e duro,
Pois ninguém com ele alegremente ficará;
Assim, agarrando-se a tudo, tudo perderá,
Porque é grandioso demais.

"Tomem-me como exemplo todos vocês.
Posso vibrar apenas de uma forma,
Um tema, e único, dia após dia,
Mas o que posso fazer, faço
E, tendo feito, quem poderá dizer,
Que não cumpri com minha obrigação?

"E agora, boa gente, todos vocês,
Façam apenas aquilo que podem fazer bem,

Evitem o quase impossível;
E assim dando-lhes adeus,
Vou a outros enganados cumprimentar,
E assim, piu-piu, piu -piuar.

(**Observação:** "A canção do Passarinho" foi transmitida para o Sr Vale Owen na forma de prosa, e foi dividida em estrofes e versos pelo Editor inglês).

Quarta, 21 de janeiro de 1920

"Bem, minhas crianças, aquelas senhoritas entenderam a lição daquela canção no fundo de seus corações, e moldaram seu método por ela. Qual foi, pensem, o curso das atitudes delas? Como esta colônia foi construída?"

Não vou trabalhar para lhes dar as respostas delas, meu filho. Darei apenas a solução que foi levada adiante na fundação, apesar de que você provavelmente já tenha chegado a ela.

Eu diria que elas primeiramente estabeleceram uma espécie simples de escola e, conforme o necessário, foram aumentando.

Bem, sim, meu filho, isto sem dúvida foi assim, como você diz, simples o suficiente. Mas, realmente se soubesse de todas os múltiplos departamentos de instrução daqui, você se maravilharia de como o simples pode se transformar em tal complexidade.

Seria algo nas linhas de evolução, como nós da terra as entendemos? Quero dizer, desde a célula única até, digamos, o corpo do ser humano?

Quase, quase. E não é uma má ilustração, se a entendermos como sendo meramente geral e não verdadeiramente detalhada. Você vê, meu filho, sua teoria da evolução é verdadeira em suas linhas principais, mas superficialmente o tema mal se desenvolve. Não falaremos até o fim neste tema para que não saiamos de nossa tese principal.

Vou apenas relembrar que o corpo humano, se fosse composto de células iguais umas às outras, se ele crescesse somente da forma unicelular inicial, cresceria pela aglomeração consequente da expansão e da subdivisão. Mas se cada célula primária fosse como cada uma das outras, de onde viria a variedade de estruturas nos organismos complexos e diversificados de, digamos, uma amoreira, um sapo ou um cavalo?

Não, há um outro fator externo a ser levado em conta. Esta fator é externo não em matéria de lugar, mas de condição. É a personalidade inerente de Seus Senhores Criadores. Este princípio de personalidade é continuamente diversificado entre os Senhores Criadores menores, e assim por diante, descendo através da hierarquia de ordens angélicas, cada ordem manifestando uma quantidade menor em cada individualidade, até que finalmente atinjamos a partícula unicelular de vida. Aqui a personalidade parece ter se tornado extinta. Mas não é assim: quando comparada com a mais alta manifestação de Deus - a do Maior dos Senhores Criadores - a personalidade dinâmica é mais externa e a entidade, a célula, é mais de natureza passiva que portadora de iniciativa. Em outras palavras, o círculo aqui é visto na metade do caminho em direção à sua plenitude. O processo, tendo passado através de todos os degraus, foi ultimado, na direção externa, na simples célula. Agora a célula deve ser tratada do outro lado do arco do círculo e lançada de volta ao longo da Segunda metade da circunferência, não sozinha por um curso inverso - inverso quanto a sua direção - mas também por um processo inverso.

Eu não entendo isso, Arnel. Captei de forma certa?

Tão certa quanto a linguagem da terra pode conter tudo isso, meu filho, penso eu. Escute intensamente, enquanto eu continuo.

Sim, estou escutando.

Havia dois garotos que se sentaram para descansar nas terras montanhosas da Suíça. Falavam da criação e do processo pelo qual ela

continuava. "Evolução" era, claro, a palavra que eles usavam. Mas eram garotos maiores, e numa idade de raciocinar em tais temas. Tais mentalidades maduras são frequentemente originais, e estas eram assim. Eles cogitavam se o processo de criação e evolução poderia ser considerado em paralelo no concreto; se por algum curso de ação deles o principal princípio pudesse ser exemplificado. Postulavam que, como Deus é Único, tudo emanando d'Ele deve, no fim, retornar a Ele novamente. Por isso fizeram este teste no dia a dia.

No primeiro dia saíram da base da montanha, escalaram seu cume e desceram até a base do outro lado. "É óbvio", disseram eles, "que não há um curso verdadeiro para direcionar o progresso das eras. Estamos num nível tão baixo quanto quando começamos, e com uma montanha entre nós e nosso objetivo".

No dia seguinte eles foram ao cume, desceram a montanha e subiram a montanha que estava em frente a eles no vale. Eles disseram que estariam dispostos para estudar o tema aqui, pois estavam em alta altitude, e de fato um pouco mais altos que quando começaram, já que o cume estava mais alto que os dois. Também tinham uma visão clara de todo o caminho de cume a cume. Mas não retornaram ao ponto de partida - havia um oceano de atmosfera no meio.

Quando escalaram na manhã seguinte, a filha do estalajadeiro estava fazendo bolhas de sabão. Eles observavam o crescimento de uma grande e linda bolha e, conforme ela crescia, as veias coloridas eram vistas num movimento circular no globo.

Disse um ao outro, "Aqui está nossa solução do problema".

O outro disse, "Menininha, o que é que há dentro desta bolha?"

E a criança respondeu, "Quando faço minhas bolhas, senhor, sempre penso que cada uma é o céu".

"Mas se essa bolha é o céu, pense, então onde está Deus?"

"Dentro", disse a garotinha.

"Mas esta bolha, pense, grande o suficiente para conter Deus?"

"Não", disse a garota. "Você vê, é o porquê de sempre estar cada vez maior, maior.
Olhe!"

Ela fez um esforço poderoso e a bolha expandiu ainda mais e - estourou.

"Agora", disse o menino, "sua linda bolha, com todos os seus continentes e oceanos e árvores nela, tornou-se nada. Quando você a inflou mais, você viu, ela estourou".

"Sim; mas Deus não", respondeu a pequenina.

Quinta, 22 de janeiro de 1920.

E qual é o significado de sua parábola, Arnel? Como ela se encaixa na fundação daquele Colégio?

Não, meu filho, prefiro que você dê a interpretação. É o porquê de eu lhe dar estas parábolas.

Bem, parece que vagueamos um pouco, não é? Foi aquela via à evolução que fez tudo, não acha?

Quando as mensagens são mandadas destas esferas até a sua, estamos sempre sob esta limitação, isto é, que não podemos pensar por vocês. Fazemos os tijolos, vocês constroem o prédio. Por este método vocês obtém mais benefício. Não obstante, desde que o que eu tenha escrito a você esteja obscuro em seu significado, então pode estar também a outros. Então vou dar-lhe a pedra angular e deixá-lo erigir o arco no qual deverá ser colocada.

Quando eu falei da Escola Secundária, eu tinha em mente, basicamente, a instituição em si e não os prédios nos quais deveria ser instalada. O erro daquelas garotas foi o erro que está em sua mente: elas estavam planejando uma enorme planta de construção, e escolhendo o mais apropriado local onde erigir os prédios do Colégio. Este erro delas foi realmente o tema da

canção pela qual o passarinho as reprovou. Elas estavam confundindo exteriores com essenciais.

A matéria aqui é muito mais plástica à ação da vontade, elas deveriam ter isto em mente e não tinham. O método delas deveria ter sido muito mais simples. Indubitavelmente ao final chegaram a isso, depois de muito raciocinar. Quando descobriram, puseram em execução rapidamente.

Este método era congregar a escola toda, colocá-la na região escolhida, e começar a instruir. Os edifícios são meros acessórios. Seriam levantados conforme surgisse a necessidade deles, independente da evolução do conhecimento dos alunos.

Tão fortes são a vida e o poder da mente aqui, que não é bom ou útil que se construa o prédio primeiro, para depois moldar e formar os escolares naquelas proporções e planejamento. Não, pois, como eu e outros explicamos a você, árvores e construções, e todas as coisas aqui que correspondem ao que vocês chamam de material na terra, são responsivas e muito sensíveis à personalidade daquelas pessoas que se aproximam delas. Também esta resposta sensível é mútua entre estas coisas e as pessoas. Estes Senhores Criativos que planejaram e desenvolveram o caracol não adequaram o animal à sua casa, mas em outro sentido. Nos caracóis ou humanos é a mesma Vida Divina que é operativa, somente qualificada diferentemente em graus de poder e métodos de expressão.

Por esta lembrança, meu filho, retomo em sua mente a bolha, e por que ela estourou, e o Quê não estourou quando a bolha cumpriu seu desastre.

Isto deveria ser suficiente para a pedra angular, penso eu.

Agora construa seu arco e deixe a pedra angular bem no meio, em cima - bem no meio, meu filho, ou seu arco nem será verdadeiro, nem estável. Bem.

Eu agora estou pensando em ir a campo com você e restabelecer nossa função.

Você quer dizer a missão que esteve por iniciar?

Mas claro, este é o nosso objetivo, não é?

Suponho que sim; mas parece que estamos em um lugar agradável naquele jardim de Recreio. Estou gostando de lá. Aquilo me lembra bastante "Alice no País das Maravilhas". Não tem nada a me dizer a mais de lá, Arnel?

(Pausa de quase um minuto)

Devo apagar isto? Quero dizer "Alice no País das Maravilhas". É isto que o preocupa, Arnel? Desculpe-me se for assim.

Não, não, meu filho. Conheço o livro e parei para relembrar a história. Já sei dela. É um livro muito bom, porque força a imaginação e treina-a. Você se surpreenderia se eu lhe dissesse que, com poucos detalhes de diferença, nós a tivemos algum tempo atrás encenada algum tempo atrás. Não, eu não assisti. Mas alguém que viu contou-me dela. Foi um experimento relativo à mesma série de leis que lhe mencionei em relação ao prédio da Escola Elementar, aquelas que agem entre a pessoa e seu ambiente.

Resumidamente o caso foi este: Foram feitos muitos experimentos nos diferentes elementos que fazem parte do ambiente - vegetação, vida animal e então a atmosfera. O grupo que estava na experiência então buscava o ambiente mais próximo, e alguém sugeriu seus próprios corpos, onde o individual, o espírito, funcionava.

Isto era ousado, mas amamos empreendimentos ousados por aqui. Bem, a execução tinha um plano bem cuidadoso. Os atores foram selecionados e conduziram, depois de algumas falhas, a elaboração de quase todo o âmbito de maravilhas naquela narrativa. Foi meramente uma maneira pitoresca de dar uma lição objetiva para uma grande escola infantil de poder de mente sobre o que é exterior. Muitas das crianças sabiam da história e ficaram extasiadas quando tudo foi visto, não num livro, mas na vida real, com as

personalidades atuando diante de seus olhos.

Quando tudo terminou, os atores revisualizaram a si próprios em suas próprias personalidades, e gradualmente as reassumiram.

Fizeram a representação do pescoço comprido, e Alice ficando enorme e encolhendo até ficar pequenina?

Sim, sim, estas partes foram muito fáceis. Foram os animais que trouxeram maior dificuldade. Pararemos por agora, e penso que alguns de seus leitores murmurarão, "basta". Ah, bem, meu filho - algum dia...

VII - COMO SÃO TREINADAS AS CRIANÇAS

Terça, 27 de janeiro de 1920.

Como você me disse que quer continuar brincando naquela região agradável da qual lhe falei por último, seguirei seu rumo, desta vez, para obsequiá-lo, pois tantas vezes seguiu o meu. Também o faço porque, quando me coloco em suas condições, acho que há muitos a quem os elementos mais simples de nossa vida celestial são estranhos e, para estes, uma narrativa mais leve, como esta que acaba de terminar, é confortante e útil para a instrução.

Naquele mesmo conjunto de edificações dos quais o Hall dos Pilares é o principal, há outros de menor magnificência, onde os estudantes recebem instruções. Em um destes, dedicado principalmente aos mais jovens de nossos alunos, aqueles do episódio da Fonte foram agrupados logo depois de sua magnífica experiência nos reinos da ciência criadora.

O Salão de Conferências era retangular, e o Pretor tomou seu lugar no meio entre os dois arcos centrais da arcada que dá para os jardins abaixo. Era como uma secção de uma Pérgola seria, se tivesse parede no final. Pois a arcada era aberta para os jardins, com um terraço acompanhando pela direita e pela esquerda, além dos arcos, e descendo em degraus toda a extensão do terraço para os jardins abaixo.

Aqui, então, sentou-se a professora, e os escolares sentaram-se em grupos sobre os divãs colocados aqui e ali, diante dela. Ainda mais, na parede oposta a ela e nas duas paredes menores, como acabamento, havia quadros como os que eu descrevi a você na Pérgola.

Outros estudantes mais velhos e professores sentaram-se ou ficaram aqui e ali espalhados pela sala, e davam sua ajuda fácil e silenciosamente quando viam uma oportunidade de serviço secundário ao da Pretora.

Disse ela, em prelúdio, "Meus queridos jovens exploradores, vocês retornaram do reino do mistério no qual foram audazes o suficiente para entrarem sem guia para lhes mostrar os passos seguros, e estou novamente aqui para dar-lhes sua lição ordenadamente, para que futuramente estejam armados de antemão para quaisquer projetos que empreendam com estas leis inflexíveis que governam o Reino de Deus".

Então ela explanou a eles, em detalhes, aqueles pontos que já lhe coloquei resumidamente. Não vou enumerá-los detalhadamente, para que não me torne prolixo demais, mas concluirei contando-lhe da parte experimental que serviu para ajudar digerir os diversos pratos de carnes que compunham a refeição.

Havia um grande pássaro sentado sobre um dos arcos, assim como também outros pássaros estavam e que, de tempo em tempo, vinham dos jardins e voavam aqui e ali sobre o Salão de Conferências. Alguns pousavam sobre o pavimento, entre as crianças, ou sentavam-se sobre seus bancos, ou sobre seus ombros, ou ainda em seus colos. Este era maior de todos os outros.

A professora, apontando para ele, disse, "Agora que vocês podem pôr à prova o que lhes explanei e assim colocar os princípios em prática, vou lhes passar um problema. Este grande pássaro avalia que sua dignidade seja maior que a de seus primos menores,
penso eu. Pois ali ele se sentou durante toda a explanação, em sua solene e encantadora pose lá no alto, enquanto estes pequeninos fizeram companhia a vocês e uns aos outros. Agora eu os deixo, em breve retornarei, quando então espero vê-lo, se não com orgulho menos exaltado, pelo menos mais fraterno em seu comportamento. Vocês devem trazê-lo para baixo, minhas crianças, aqui entre seus companheiros que cantaram canções alegres e fofocaram entre vocês, como se vocês pudessem ser seus avôs ou avós, ou mesmo primos. Mas, reparem, crianças - pois este jogo tem suas regras -

vocês devem fazer isto, mas sem gritos ou chamados a ele, nem qualquer incentivo com gestos, mas apenas com suas vontades em concentração criadora".

E assim, com uma feliz risada de felicidade por um nó tão cego tê-los amarrado para que se desamarrassem, ela beijou um ou outro que encontrou em seu caminho, e passou através da Arcada para os jardins adiante.

A maioria dos alunos mais velhos saiu com ela. Eu fiquei para trás, para ver o divertimento resultante, e assim fizeram quase a metade deles.

Há mais de um método de se proceder, pelos quais aquilo pode ser feito. Não é meu propósito agora contá-los, mas somente como foi que estes jovens estudantes desembaraçaram-se deste encargo. Você deve ter em mente que seus estudos foram, nesta época, principalmente dirigidos para a esfera da faculdade criadora, e também que eles estavam ainda no estágio inicial daquele departamento de ciência. Para alguém mais adiantado, o problema não teria apresentado dificuldade maior. Mas estes impetuosos jovens cientistas ficaram, por momentos, paralisados, por causa da qualificação proposta pelo problema dado pela Pretora. Eles deviam usar criativamente sua vontade. Este, e somente este, era o ardil, já que seria fácil eles desejarem a descida daquele pássaro e clamar por obediência. Mas aquilo não combinava com a qualidade criadora. Vê, meu filho? Percebe claramente este ponto, não é?

Por instantes estiveram em silêncio, impotentes e desesperados. Oh! Era bonito vê-los, aqueles queridos e doces meninos e meninas na liberdade de sua desenvoltura uns com os outros, e tudo em envolvente amor. E quando quebraram o silêncio, a desordem irregular da melodia de suas vozes era, por si, um Te Deum espontâneo e inconsciente a Ele Que, penso, delicia-Se muito com a liberdade, tão alegre como esta.

Tomarei a liberdade de confessar, meu filho, que quando revi o problema por todas as facetas, uma por uma, e todos os estágios pelos quais

avançaram em seus estudos, fiquei muito em dúvida de seu sucesso. Mas pensei, com rigoroso prazer, que minha vingança agora estava chegando em defesa do que suportei quando falhei em resolver o problema de seus atos na Fonte. Mas não, foi-me negado este benefício. Eles realmente encontraram o caminho. Não foi o método que os mais adiantados teriam empregado. Mas foi um bom método. Observava as condições propostas e atingiu o objetivo colocado.

Disso, meu filho, falaremos amanhã.

Quarta, 28 de janeiro de 1920.

Foi uma das garotas que propôs o método, que veio a ser adotado depois de muita discussão barulhenta. As crianças fizeram um círculo de sofás que foram colocados de forma irregular na sala. Então, cada um e todos, arrumaram-se em ordem, com as crianças menores distribuídas entre eles, e dedicaram-se a sua tarefa com a correta seriedade.

O primeiro estágio de seus procedimentos era agrupar todos os passarinhos pequenos dentro do círculo. Isto foi fácil. Eles vieram, um depois de outro, em número de sessenta, ou mais. Então estes passarinhos começaram a se agrupar no meio, respondendo à vontade dos alunos.

Quando eles estavam agrupados desta forma, havia muito gorjeio de um para outro e arrumação de plumagem. Mas, gradualmente, eles começaram a ficar quietos e parados, até que ficaram todos dispostos a dormir.

Eu estava observando curioso, e agora notei uma mudança acontecendo sobre eles. Suas penas multicoloridas vagarosamente mudaram de natureza e tornaram-se de coloração acinzentada, não feia, mas pura, e de coloração neutra. Logo entendi o que estas crianças estavam fazendo. Eles tinham retirado de cada pássaro a sua aura, não inteiramente, mas deixando talvez uma oitava parte que, entretanto, não era visível externamente, mas internamente estava distribuída através do corpo do pássaro.

Então as crianças da direita, conforme eu as observava estando embaixo da Arcada, quieta e vagarosamente deixaram seus lugares e, indo para o fundo e à esquerda da sala, tomaram lugares embaixo dos outros que ainda se reclinavam sobre seus canapés. Enquanto isso uma nuvem luminosa formou-se na frente deles, e entre eles e os pássaros. Isto era a aura de todos os pássaros, compostas e misturadas em uma só. Aquilo lentamente concentrou-se sobre si mesma até que deitou no solo, no formato de um ovo enorme. Este foi levantado lentamente sobre sua base. Seu tamanho aumentou no raio de sua concentração.

Seu formato foi mudado até que ficou ali em seu lugar uma réplica do grande pássaro que ainda estava sentado no arco acima, muito atento às estranhas atitudes que aconteciam abaixo dele. Finalmente, um pássaro fêmea recém-nascido moveu levemente sua cabeça, e alguns dos pequenos alunos começaram a bater palmas de alegria. Mas foram calados instantaneamente pelos mais velhos, pois uma distração na vontade poderia estragar seu trabalho, agora quase perto de terminar.

O pássaro fêmea ficou ali parado e silencioso, mas logo houve um leve levantar de asas; então seus olhos abriram; então ela andou uns poucos passos em direção às crianças. Eles ainda aplicaram suas vontades em ação unida sobre ela, e finamente ali estava um pássaro vivo, companheira de sua majestade acima.

Ela correu para uma criança, e então para outra, recebendo seus carinhos onde quer que fosse. Depois disso ser feito por instantes, ela se afastou umas jardas deles e proferiu seu chamado amoroso, e o pássaro do telhado veio para baixo e ajuntou-se à sua companheira sobre o solo.

Então, estes jovens criadores emitiram um grito alegre e começaram a conversar com a real consciência de sua vitória. E acariciaram estes dois pássaros tão avidamente que finalmente ambos correram para o outro lado do grupo silencioso de seus primos menores e pousaram sobre o encosto de

um dos bancos.

Eu lhe adiantarei que, à medida que este processo continuou, foi ficando cada vez mais extenuante para os jovens operadores, a cada estágio. O item mais difícil de todos foi o de construir a garganta do pássaro para que pudesse dar voz às notas corretas de seu trinado. Se isto falhasse, seu companheiro não teria vindo e o trabalho deles seria todo feito em vão.

Eles fizeram tudo muito bem, conforme nos apressamos a dizer-lhes. Também enviamos uma mensagem à Pretora, que veio e elogiou-os dizendo que nenhum erro foi cometido por eles, como os muitos que deixaram para trás.

Agora ficou para eles a incumbência de reverterem o processo, pelo qual o pássaro seria novamente dissolvido na nuvem composta das auras, e esta novamente dispersa para seus donos originais.

Isto foi efetuado, mas não pela concentração de suas vontades sobre o pássaro em si, mas sobre os pequenos pássaros ali parados, insensíveis e inconscientes. Este é o porquê de não terem absorvido toda a aura deles. Ou uma das razões. Outra era que não teria sido bom para os pássaros se fossem privados de suas auras totalmente. Era, portanto, em cima da aura remanescente deixada neles que as crianças agora operavam e, através dela, extraíam da nuvem composta, para cada pássaro, sua própria aura. Foi mais fácil deste modo, do que se tivessem assumido operar diretamente sobre a nuvem e separar as auras ali misturadas.

E este foi o problema proposto a eles; e o método pelo qual chegaram a uma solução dele.

VIII - JOGOS QUE AS CRIANÇAS JOGAM

Quinta, 29 de janeiro de 1920.

Estou pensativo em contar-lhe mais, meu filho, sobre a vida destas jovens pessoas deixadas aqui no Eterno Presente de Nosso Pai. Servirá para o conhecimento dos que lerem estes escritos, e também para confortá-los. Destes dois fatores verdadeiramente há pouca coisa armazenada entre vocês. Pela mesma lembrança, além disso, eu bem sei que o que tenho a dizer-lhe será recebido, do seu lado do Véu, por cada um, de acordo com seu degrau de evolução espiritual, e de acordo com o conhecimento pessoal de pessoas muito boas, e que não é muito grande. Mas o tempos estão chegados, e não muito adiante as pessoas olharão para trás e maravilhar-se-ão com dois aspectos desta geração.

Um deles é o tremendo acesso à força motriz por trás desta fase atual da evolução do mundo. O outro é a ponderabilidade das naturezas daqueles que não eram capazes de aceitarem o movimento progressivo, ou de estimá-lo em sua verdadeira avaliação. Isto, entretanto, não pareceria estranho demais pois, apesar do Véu ser tênue, ainda está pendurado no lugar onde o materialismo o pôs, desde os velhos tempos; e a luz do Santuário de Sheckinah (*Shekinah: palavra hebraica para Habilitação ou Presença de Deus; muitas vezes usada no lugar da palavra Deus. No conhecimento judaico, vinha do fato que Ele "habitou" ou "descansou" entre seu povo*) somente pode brilhar obscuramente, como ainda o faz, ainda.

Não é, entretanto, e eu devo deixar isto conhecido, para a atual geração somente que estou dando voz às minhas mensagens, mas para os que seguirão você e que agora estão começando escalar as encostas da Montanha de Deus, no topo da qual Eles estão, e nos chamam, nós os que estamos no meio, que devemos expor suas inspirações, nós mesmos que estamos mais próximos de vocês que Eles, porque suas luzes eclodiriam e suas vozes fariam a terra tremer, e o terror espalhar-se-ia no meio da

humanidade em razão da enorme beleza e poder na santidade d'Eles que clamam.

Portanto vou contar-lhe tão bem quanto possa e tão completo quanto for capaz, e deixo para as suas crianças, talvez, para entenderem mais profundamente o que pode parecer estranho a vocês nestes tempos atuais. E também isso, mesmo que eles, lendo minhas palavras, as rejeitem como insensatas ou vãs, mesmo assim, tendo sido lidas, servirão neles como base de avanço quando chegarem aqui, conosco. Apesar de que primeiramente deverão reconhecer que havia loucura em tudo, mas não em nós, mas neles, naquilo que não acreditaram, e naquele dia verão o que é verdadeiro.

Vou contar, em primeiro lugar, algumas das brincadeiras de que estes Espíritos jovens participam.

Uma é aquela que eles se agrupam em diferentes partes do Jardim de Recreio. Um deles fica em cima da Fonte, na borda onde o desenho termina numa árvore. Ele chama um dos companheiros, ordenando a ele certa posição na Fonte. O que foi chamado fecha os olhos e se eleva, pelo que vocês chamam de processo de levitação, e flutua até sua posição. Um após outro é chamado até que cada um esteja em sua posição. Então o outro desce ao solo, e os chama de volta, e eles têm que descer da mesma maneira, olhos fechados, no mesmo local de onde saíram no começo do jogo. Se você seguir este jogo em sua imaginação, e pensar nos erros que são passíveis de serem cometidos, você verá quanta farra estes alegres jovens fazem com ele.

Outro jogo é aquele em que alguém fica em pé no meio de duas filas de jogadores, afastadas umas dez jardas uma da outra. Ele deve segurar um bastão na mão, sobre o qual uma grande bola de opala balançará em sua ponta. As duas filas em oposição desejam que a bola aproxime-se ou que se afaste. O que segura o bastão deve mover o bastão para a direita ou para a esquerda para mantê-la balançando. Um truque é que uma fila deve, com os

olhos, sinalizar para a outra, e então uma empurra e a outra puxa com rapidez. Se o segurador for pego de surpresa, a bola perde seu balanço e flutua para o solo. Então, ele é penalizado em sua posição e sai do jogo. Isto continua até que somente três restem, e então dois, e estes serão proclamados parceiros na vitória.

Outro jogo é este. Um quadrado é formado e para o centro vai um dos jogadores. Eles preferem que este seja uma das crianças menores, porque são mais espontâneas em seus gritos de alegria, enquanto que os mais velhos, entendendo melhor o processo, sendo mais estudiosos do tema, anotam cada efeito e vão julgando a força requerida para algum movimento em especial, e a direção de seu foco, e assim por diante. Os pequenos apenas aceitam a alegria e gritam de deleite.

Assim, os jogadores estando colocados, começam as operações. Direi a você, do jogo, da forma como eu o vi na última vez que brincaram. A criança do centro era uma menininha. As crianças mais velhas puseram suas vontades a trabalhar, e eu a vi lentamente elevar-se do chão. Numa altura de aproximadamente vinte pés, ela gradualmente assumiu uma posição horizontal. Este movimento continuou até pusesse os pés no lugar mais alto, e então completasse o círculo e ficasse na posição normal novamente. Ela gostou muito, e quando começou o movimento circular ela ria feliz e gritava alto, enquanto os membros mais jovens entre os operadores batiam palmas e davam risada de felicidade.

Em seguida deixaram-na direita, parada alto no ar. Então dobraram seus joelhos, até que ela sentou num trono invisível, mas no ar lá em cima, e inclinava-se de um lado para outro, como se fosse alguma rainha-nenê e seus vassalos.

Então, nesta posição, obedecendo às vontades dos de baixo, eu a vi planar através do ar e ir além dos confins do Jardim e, olhando para lá, eu a vi pousada na copa de uma árvore enorme. Bem em cima do topo da

plataforma de folhagem ela ficou, braços esticados para os lados, rindo feliz.

Pois então este é outro de seus jogos, e tem muitas possibilidades, como vê. E todos estes jogos têm um motivo principal de educação. Os menores são ajudados desta forma em seu desenvolvimento, pela associação com os meninos e meninas mais velhos em sua manipulação das forças naturais que impulsionam a serviço desta forma. E os garotos e garotas mais velhos acuram suas faculdades por exercícios como estes, que suplementam seus estudos mais sérios. Estes jogos são jogos verdadeiros e são jogados pelo prazer deles, primariamente. Somente secundariamente o aspecto científico entra.

Terça, 3 de fevereiro de 1920.

Jogos como estes que lhe descrevi são do tipo simples, apesar de não destituídos de instrução intrínseca. Pois é este o nosso jeito de ser aqui. Sem dúvida, todo nosso trabalho, exceto o que nos leva às esferas de trevas e angústia, é assim, mesclado com a alegria de viver e o prazer da ação que não é, em essência, diferente dos jogos que as crianças brincam.

Não obstante, alguns jogos têm mais do elemento de esporte, e outros mais do elemento de ciência, e alguns também misturam com estes dois fatores o da devoção. O que tenho a contar-lhe em seguida é sobre esta última espécie e, sem dúvida, não sei muito bem por qual nome devo chamá-lo. Mas eu nomeei os outros jogos, e você pode transcrever este item se assim desejar, não importa, portanto tome minhas ideias como eu as mando a você.

Este passatempo ou jogo é para os mais velhos que são mais evoluídos na mesma ciência da qual estive falando, a ciência da criação. Saiba você, meu filho, que a criação não é, primordialmente, de natureza concreta como se manifesta na matéria. Indubitavelmente muita atividade criadora nunca

emerge para o material, e é verdadeiramente criadora, apesar de tudo. E toda a criação, como você rapidamente entenderá, se encontra sua ultimação na matéria ou não, mas, em seus princípios, é ideal; isto quer dizer, é somente de conteúdo espiritual, e somente quando ela progride para frente, ela se torna formulada em formato concreto.

As crianças mais velhas, entretanto, são acostumadas a serem agrupadas de vez em quando em algum lugar escolhido. Elas aqui conversam, transformando suas belezas mentais em amor. Assim elas se tornam mais unidas nos propósitos e nos focos de suas energizações. Quando isso é atingido, então silenciosamente são postas a trabalhar.

Contarei a você de uma destas ocasiões em que estive presente, como algumas vezes é de hábito de um Diretor de uma esfera mais alta.

A paisagem era de um vale onde colinas, cobertas de arvoredos e com clareiras, aqui e ali ao longo das trilhas, que formavam um recanto agradável e impediam a visão mais distante dos que estavam ali reunidos. Na parte mais alta surgia um córrego entre dois altos cumes de rochas com variadas cores, e descia para o vale com muita música e nuvens degotículas que brilhavam como joias.

Quando o grupo de uns trinta estava sintonizado, reclinaram-se à vontade sob um círculo formado de árvores floridas no vale, e então o Diretor (*O Diretor é o próprio Arnel, como veremos mais adiante*) falou a eles numa maneira muito suave, para que qualquer distúrbio não encontrasse lugar num exercício como esse. Ele disse, "Deixem a paz estar em vocês, minhas crianças - assim - assim - assim. Paz e silêncio, silêncio e amor. Agora deixem que seus pensamentos aspirem por estes reinos, minhas crianças, nos quais vocês penetram agora e que são reinos de paz, e nada de desassossego ali é encontrado. Bem".

Ele deu uma pausa e somou a potência do silêncio desejado por ele à deles por instantes. E então olhou para cada um deles, sem pressa, mas

observando-os com muito prazer, até que os avaliou um por um. Agora voltou seu olhar para uma moça que não estava reclinada como a maioria de suas companheiras jovens e maduras, mas estava ajoelhada, sentando em cima de seus calcanhares, mãos espalmadas nas pernas, acima dos joelhos. Seus olhos estavam extasiados olhando para cima, nada vendo do vale, mas o foco estava ajustado para grandes distâncias, para se dizer assim.

Bem, o Diretor, falando baixinho e vagarosamente para não quebrar a magia, disse ao menino, chamando-o pelo nome, "Raul, meu filho, diga-nos agora, qual é a sua visão, a região onde está localizada".

E o menino respondeu-lhe, vagaroso e silente como ele, "Sobre uma rocha de pedra púrpura, plana em seu topo, e solitária, da altura de cinquenta homens, vejo alguém. É um homem. Sua roupa é azul até a metade dele, e sombreada de verde e âmbar até seus joelhos. Seu cinto é escarlate e branco, entremeados. A joia de seus ombros é um rubi no esquerdo e uma safira no direito. Sua coroa não é vista bem em cima de sua cabeça. Está ligeiramente pairada acima de sua cabeça. Ela tem estrelas que juntam suas cintilações e fazem uma outra coroa consecutiva, uma peça circular, e elas são de matiz dourado e verde alternados, de maior brilho do lado direito. Por sinais como esses, e pelo último sinal da coroa principalmente, sei que ele é de um estado de hierarquia elevada. Quem é ele e seu propósito aqui, eu não sei. Penso que a posição onde ele está olhando tudo do topo da rocha em atenção firme, fica perto da segunda esfera acima de nós, ou na fronteira mais adiantada da esfera próxima da nossa" (*Esfera Nove, ou no limite entre a Esfera Oito e a Esfera Nove*).

"É assim que também o vejo", disse o Diretor, "exceto que com ele vejo uma criança em seu ombro. Também eles olham para cá, mas passam por nós, para as esferas entre esta sua e a terra. Eles são Israel e o Cristo Criança, Raul. Como você os viu no bosque na época de Natal, eles estavam condicionados para esta Esfera Sete e menos sublimes em sua aparição.

Você os vê agora com a glória com que podem se revestir na Esfera Nove. Você contou a distância certa até ali. Mas você não viu a Criança, Cujo corpo e roupagem são mais sublimados que os de Israel."

"Eu vi o brilho d'Ele, meu senhor", respondeu o menino, "mas não Sua forma, e pensei que fosse apenas irradiação das estrelas da coroa de Israel".

"Bem", respondeu o Diretor. "Bem, meu filho, lá estão, a Criança e Israel. pediremos bênçãos a eles, ambos, e para a Criança, prestaremos homenagem. Assim os deixamos ali. Para o propósito que temos pela frente, eles são muito evoluídos, meu Raul. Vamos ouvir o que uma moça pode ver em outras esferas que não seja esta de vocês. Você foi muito bem, Raul, e está fazendo bastante progresso. Sem dúvida, sua visão ampliou seus limites; você alcançou ver coisas grandes demais para serem usadas em nossa atual aventura. Deus esteja com você, meu filho. E agora, escolhamos a moça que deverá nos contar o que vê. Venha, Raul; fique comigo, meu menino, e ajude-me nesta escolha. Você as conhece como colegas, e eu como alunas. Assim misturaremos nosso conhecimento, e talvez cheguemos a uma combinação de tipo mais prático do que apenas a minha".

Quarta, 4 de fevereiro de 1920.

No meio do vale, havia uma pequena piscina onde um afluente do rio parava para ponderar, e então continuar, seu caminho mais caudaloso em direção ao mar. Aqui havia uma casa rústica, construída em pedra, e ali também havia uma mocinha de treze verões - falo da contagem da terra, e não na nossa - que tinha ali se acomodado. Ela estava afastada, mãos cruzadas em seu colo, e assim, à vontade, absorvia a beleza da cena que viu além das fronteiras de sua própria esfera.

Raul apontou para ela e murmurou, "Senhor, aquela garota está mais relaxada que algumas de suas companheiras. Deveríamos perguntar a ela que maravilha abriu-se para ela, para que esteja tão extasiada?"

"Vá você até ela, Raul", disse o Diretor, "e chame-a à atenção. Pode ser que prontamente ela venha nos trazer de sua sabedoria simples, Raul. Você está mais sintonizado com ela por causa das idades que eu".

O garoto sorriu pela genial brincadeira, e andando macio aproximou-se da garota. Pôs a mão em sua testa mas não falou em voz alta, apenas pelas mentes. Quando sua mensagem de pedido alcançou a disposição dela ao cochilo, ela moveu-se, tomou sua mão dentro da dela e, colocando-a em seu colo, disse, "Raul, você veio prazerosamente e também com cuidado. Seguro você assim, Raul, para que possamos nos sintonizar em um só para vermos, eu e você, juntos. Pois, realmente vejo muito claramente minha visão, mas não sou sábia para entendê-la. Por isso ajude-me, querido, já que sua idade e a minha são iguais, mas sua sabedoria anda à frente da minha".

Assim estas duas crianças contaram ao Diretor o que viram, ela ainda reclinada, e ele ajoelhado ao seu lado, sua mão direita presa nas dela, e as dela em seu colo.

Arnel, você está falando como se tivesse estado lá e os visse por si mesmo. Era você?

Meu filho, mas claro. Eu era o Diretor naquela hora. A história deles foi como lhe conto agora - a história da cena que eles viram juntos:

Havia uma grande estrada que corria ao longo da lateral de uma floresta, e do outro lado da estrada havia um rio. Em um lugar ali, descendo rio abaixo, havia uma larga escadaria, e dentro da floresta no lado oposto havia uma casa grande. Uma por uma, as pessoas desembarcavam dos barcos que vinham parar abaixo dos degraus. Estas pessoas subiam para a estrada e, atravessando-a, passavam pelos portões e entravam na rua, que era bordejada por uma floresta nos dois lados. Perto da casa, a rua já não tinha árvores, e a casa se estendia da direita para a esquerda, numa clareira de frente para a floresta.

As pessoas entravam, algumas para a casa e outras para os jardins ou

para a floresta. Outras ficavam em grupos conversando.

Tudo isto era muito simples e nada espantoso. Mas havia outra coisa e era o que a mocinha não podia interpretar. Era isso:

Nos portões estavam dois homens. Eles eram de grande força e beleza. Olhavam do outro lado do rio e, vez ou outra, um ou outro levantava suas mãos num sinal. Quando ele fazia isso vinha uma coluna de luz através das águas, e permanecia por um momento na casa, ou rua ou floresta. Sua chegada e sua saída era rápida e decisiva, como se quem a mandasse tivesse perfeito conhecimento de onde acharia seu lugar, que lugar deveria ser, e também o por quê. Isto, portanto, deixou a mocinha espantada.

Eu vi tudo e entendi. Note, meu filho, que agora falo pessoalmente. Sua pergunta e minha resposta fizeram-me voltar de Diretor para mim mesmo. Portanto o diretor em pessoa desaparece. Bem.

Eu estava esperando para ver o que o garoto Raul faria daquilo; ele tinha sabedoria acima de sua idade, como a mocinha havia dito. Mas ele observava e não disse uma palavra sequer.

Eu portanto fui até o jovem casal e, como ele fizera, assim eu coloquei minha mão sobre a cabeça da garota, e também pus minha outra mão sobre a cabeça dele. Então eu soube o que barrou o menino de tal forma que ele, avançando até a porta do mistério, não pôde abri-la e entrar. Então expliquei o problema a eles.

A cena foi captada, não em uma daquelas esferas à frente de nós, mas duas esferas para trás. Isto quer dizer que o rio era o limite entre as Esferas Quatro e Cinco. Aqueles que vivem ali, mesmo sendo boas pessoas, não estão bem livres das influências que de tempo em tempo invadem a Esfera Quatro, vindas da Esfera Três, onde frequentemente os distúrbios chegam, por sua vez, vindos das regiões próximas da Terra.

Nada muito prejudicial pode invadir a Esfera Quatro desta maneira. Aquelas influências que são capazes de chegar ali não prejudicam, apenas

impedem ou retardam. Elas têm a capacidade de circunscrever a liberdade daqueles que, tendo avançado, ainda têm uma certa afinidade com a Terra. Tal afinidade é consequência de terem ainda entes queridos na carne, ou algum empreendimento em curso no mundo que ainda seja de seu interesse, ou outra causa ainda.

Quando aquelas pessoas, portanto, atravessavam para a Esfera Cinco, tinham a necessidade da observância de guardiães colocados em diferentes partes onde elas primeiramente andariam. Estes nos portões eram dois destes observadores. Vendo algum sinal de fraqueza ou angústia entre estes recém-chegados, eles rapidamente sinalizavam, e recebiam instantaneamente informações quanto ao caráter, progresso ou atual estado de tal pessoa sobre a qual fizeram a pesquisa. Também um raio forte era mandado sobre a pessoa em questão. Estes raios eram visíveis apenas aos observadores, e não para quem eram dirigidos. Foram visíveis também para as duas crianças porque eles eram de esfera superior. Eles não entenderam transações como estas que testemunharam porque pensaram que a esfera em que olhavam era mais alta que a deles. Mas era de grau inferior que a deles mesmos.

Mas como fizeram esta asneira, Arnel? Não seria fácil a eles saberem se estavam olhando para frente ou para trás deles?

Claro, meu filho, com certeza. Você me questiona cruelmente, meu filho, e tenho humor para me suster, como bem sabe. E você ainda está sério, quando deveria estar rindo comigo.

Mas não vou mais ralhar com você. Apenas visualize nosso ambiente, não tão materialmente. Eu talvez deva contar-lhe minha história na linguagem terrena. E devo agora dizer "acima", e agora "para baixo", e novamente "para frente" e ainda de novo "atrás". Mas não são adequadas para conter as mais sutis de nossas condições, como sabe.

O espanto destas crianças não estava nas duas direções "na frente",

"atrás". Pois quando olharam para outras esferas, olharam para o infinito, ou em direção do infinito através destas esferas. Veja bem, meu filho; a operação que lhe descrevi não era exterior ao ambiente para eles. Eles não foram chamados para cima ou para longe, a esta ou àquela Esfera. Isto conosco, como com você, seria escolher ir por aqui ou para ali - para frente ou para trás, como assim desejar. Mas o caminho que eles estavam fazendo agora, era por um processo diferente. Era o inverso do outro. Porque ao invés de se moverem sobre um ambiente exterior a eles mesmos, fizeram outra coisa. Absorveram o que lhes é de atividade externa, mental e intencional, para dentro deles mesmos, e ali encontraram, naquela hora, seu próprio ambiente. Sua ação foi, note, dirigida para dentro deles mesmos. Ali não há limites tão claros de reinos e esferas como se têm ordinariamente. Foi o reverter do processo que criou o espanto. Eles pensaram que tinham penetrado na esfera Oito ou Nove, e acharam ali condições que fossem estranhas a estas esferas. Assim foi que erraram.

Terça, 10 de fevereiro de 1820.

Bem, tudo foi instrutivo, e foi registrado para que estas crianças pudessem receber de seus Pretores, depois, algum conhecimento através de ensino objetivo. É assim: quando estes jovens escolares fazem tais exercícios de visualização, eles são reproduzidos de alguma forma nos seus salões de reuniões, e o ensinamento é dado ali. Mas ainda não encontrei o que serviria adequadamente para o meu propósito atual.

Então andei em torno deles, impondo minha mão sobre a cabeça de um e outro, até que cheguei aonde queria. Havia três deles sobre quem pairava uma formação de névoa cuja coloração era diferente da dos outros, mas bem próxima.

Suas auréolas, é isso?

Não precisamente. Isto não era um ingrediente permanente de suas

auréolas, mas um acréscimo puxado por eles daquele ambiente no qual penetraram pela visão. O instrumento que eles usaram para este fim foi o halo. A névoa era de uma substância parecida, mas não idêntica. Foi um fenômeno transitório que, em as crianças reassumindo a normalidade, automaticamente gravitaria para sua própria esfera da qual havia sido puxado.

Chamei a mim estes três e, o resto do grupo estando completamente desperto e atento, falei a eles, desta forma:

"Minhas crianças, nestes três eu encontrei o que nos servirá agora para nosso exercício da ciência criativa. Eles visualizaram a mesma cena juntos. Agora devem reproduzi-la e, quando assim eles fizerem, vocês devem agregar sua vontade à deles em uníssono. Sejam sérios em suas atitudes, minhas crianças, e façam as coisas tão perfeitas quanto possam".

Convidei estes três, portanto, a tomarem seus lugares no círculo, um em cada extremidade de um triângulo. Então começamos a trabalhar, o círculo todo concentrando- se sobre o foco onde fiquei, no centro da clareira.

Conto a você, em seguida, o que aconteceu na ordem certa e nesta sequência:

Ali elevou-se sobre mim uma nuvem que gradualmente se condensou, até que assumiu propriedades maleáveis de substância. Vagarosamente o topo tornou-se mais denso e mais opaco e aí, do topo, a massa de nuvem caiu em oito correntes até que atingiu o solo, quando então, continuando o processo, cada uma adensou-se até transformarem-se em oito pilares sólidos eretos, suportando o domo acima.

Embaixo de meus pés senti o chão subir até que estivesse no nível de um pé e meio acima do chão deste pequeno pavilhão. Aqui ficou e, olhando para cima, vi que aquele domo era agora de ouro por dentro, e com cinco pés acima além da minha cabeça.

Não era minha ideia inicial, quando os pus a trabalhar, que eu me

transformasse em estátua elevada num pedestal. Não. Mas, quando os três foram colocados num triângulo, logo senti uma mensagem circulando em torno do círculo e então centralizada em mim. O que ela dizia era, "Fique firme, bom Arnel, onde agora você está. Nós temos um uso para fazer de você. Dê-nos, portanto, este prazer". E então estes jovens palhaços acrescentaram, graças a seu humor, "Não vamos machucá-lo, gentil Arnel, enquanto estiver firme e destemido. Trataremos carinhosamente de você, por nosso amor a você, bom Arnel".

Este é o jeito deles, meu filho. Pegam um velho para ensiná-los a ciência criadora, e então protegem-no maternalmente na primeira oportunidade que aparece. Algumas vezes fico pensando se não sou aficionado demais para conduzi-los ordenadamente. Mas ainda, meu filho, novamente penso que o amor é tão forte que não se pode errar muito se for usado em excesso. E duvido que o nosso Pai, e o deles, ama-os menos um pouquinho, só pela brincadeira. Mas, por isso ou por aquilo, assim foi. Acabo aqui com meu palrar e continuo com minha história. Mas foram muito doces, estas crianças, e tão maravilhosas também, tanto dentro como fora deles. Mas de novo isto não é a narrativa. Continuando:

O processo continuou, já que eles eram um grande grupo em ação, e logo tudo estava completo.

Lá estava o pavilhão de pedra translúcida. Os oito pilares eram desenhados e os desenhos eram em alto relevo e em ouro. Dentro, lá estava eu, transfigurado de minha figura para um homem vestido em malha prateada, protegido com capacete e amadura completa. Um cinto estava sobre minha túnica, mais ou menos na cintura, e um espada em minha mão direita. Um Cavaleiro Grego, certamente; isto é o que fizeram de mim, estes jovens galhofeiros, e colocaram-me num pedestal.

Bem, bem, Deus os abençoe, foi uma noção alegre apesar de tudo. Porque, veja, meu filho. Isto foi uma reprodução do que aqueles três

tiveram na visão, trazida por eles da Esfera Oito. Lá, numa clareira na floresta, está erigida uma estátua do Cavaleiro da Inglaterra, mas na panóplia de armas da Grécia. Isto, então, eles chamaram para ser duplicado aqui na Esfera Sete, de acordo com as leis da ciência criadora que, operando desta forma, chegou à produção de uma Forma Presente.

Isto me lembra, de alguma forma, a Nova Jerusalém na Revelação de São João.

Verdadeiramente, verdadeiramente. Como você observará, a Forma Presente pode ser projetada pelo operador em algum lugar distante dele. Ou pode ser puxada de uma distância por uma ou mais pessoas, operando em união. Isto foi alcançado pelo segundo método.

Aquela Cidade Modelar de Jerusalém, como que aperfeiçoada nos céus, foi também reproduzida por algum grupo de operadores por este mesmo meio, isto é, pelo exercício da vontade em energia criadora. Mas o Vidente não seguiu sua descida quando a cidade veio para baixo, vinda do céu no qual está. Você devia ler aquilo assim: que ele viu a cidade Salém em Forma Presente, enquanto ela descia da esfera acima para onde ele estava. É bem óbvio que eu acabo de descrever a você, agora, uma peça elaborada num processo de menores e menos detalhes. Foi, como direi, materializada para a visibilidade na esfera onde foi vista, uma reprodução da Salém permanente, cuja localização está na esfera próxima na ordem acima.

E os Anjos que ele viu nos portais?

Estes são também anjos vivos, mas na Forma Presente; por seu próprio consentimento e cooperação intencional, reproduziram-se com a cidade em si, em réplica.

E qual era o significado da estátua de São Jorge na Esfera Oito?

Foi colocada em resposta aos que rezaram pedindo ajuda aos que foram mandados para o Oriente na Primeira Cruzada. Estava nos jardins de uma colônia de pessoas cuja missão especial era junto a estes Cruzados. Eles

erigiram o ideal de um Cavaleiro, como foi concebido pelos soldados da Inglaterra. Não era somente para ornamento. Era sensitivo de uma maneira que não posso explicar a você. Mas transcreverei em palavras assim: que os pensamentos e os apelos que os soldados cruzados endereçavam ao Cavaleiro eram atraídos até aqui, onde eram testados e tratados, como é feito com todas as orações. E o foco deste trabalho era a Estátua do Cavaleiro da Inglaterra.

E agora, para que é usada?

Bem, meu filho, seu uso não está inteiramente no passado até agora. Há ainda alguns destes Cruzados, ligados lá embaixo nas esferas mais escuras. E estes, em algumas ocasiões, ainda clamam por seu Patrono. Tais orações não têm os méritos que alcançam as oferecidas aos que estão nos planos mais altos, e têm menos virtude de poder que um suspiro em Nome do Cristo. Mas são orações, apesar de tudo. E nenhuma oração a Deus, Pai de Todos, ou ao Seu Cristo, ou ao Seu Espírito Operativo, ou ao Seu Príncipe Angélico, é jamais feita em vão.

E São Jorge é uma pessoa real - o Santo Patrono da Inglaterra?

Eu não diria isso, meu filho. Eu o mencionei sem nomes. Mas, se quer, não estarei em falta ao fazê-lo. Mas tenha em mente que Jorge não foi sempre o patrono da Inglaterra. Há outros cujo trabalho era esse, de tempos em tempos.

Este grupo de quem lhe falei, e que erigiu aquela estátua - chamo-a de estátua, mas era mais do que palavras possam traduzir a você - este grupo era o que foi autorizado na Esfera Oito, estando em contato com eles, por aqueles cujo encargo especial nas Altas Esferas era a Inglaterra e a bênção da Inglaterra. Não um Anjo Cavaleiro somente, mas formam um grupo brilhante, meu filho, e penso que sustentaram o encargo bem regiamente, e não com pouca força de propósito e de habilidade.

Eu avalio este tema justamente, não pensa assim? Bem, deixemos isto

de lado. Por Jorge da Inglaterra, ou pelos Cavaleiros de outros nomes, a Inglaterra tem sido muito favorecida em bênçãos. E Amém a isso digo eu, seu narrador Arnel. +

IX - O PORTAL DO REINO DE CRISTO

Quarta, 11 de fevereiro de 1920.

Você agora, meu filho, verá o que quis dizer quando lhe contei de como o elemento lúdico e instrutivo, e também de reverência, entram nos exercícios aos quais estas crianças são enviadas. Contarei agora mais um evento, já que sinto em sua mente uma relutância em deixar os campos nos quais estas crianças se divertem tão alegre e docemente. Mas será um no qual o elemento da reverência predomina sobre todos.

Nos prédios do Hall dos Pilares há um saguão onde, quando o número de crianças é grande, nós os agrupamos. É uma grande rotunda. Tem seu domo, e não é aberto, acima, como é o Hall dos Pilares e a Arcada Dourada. Mas o domo não é contínuo nem intacto sobre toda a sua superfície. Há quatro cortes que, saindo das paredes circundantes, sobem para cima e para dentro, e dividem o teto em quatro folhas pontudas. E estas não se tocam umas às outras na parte mais alta no centro acima. Elas chegam a ter uma ponta pontiaguda cada uma, a quatro pés do meio do domo acima. E, sendo de ouro, e não muito espessas, elas ondulam para cima e para baixo conforme as vibrações das adorações sobem ou descem, correspondentes. Elas respondem, como quero explicar, à música da reverência, e tingem com sua ressonância vibrante, e assim somam à sua profundidade de doçura. Pois sobre estas quatro folhas douradas são dirigidas as vibrações mentais dos que estão fora da rotunda, alguns da esfera Sete, próximos ou distantes, e alguns de esferas superiores, para nos ajudar na reverência e para nos abençoar.

Os lugares são dispostos em círculo em torno do espaço aberto que está bem embaixo do meio do domo, e elevam-se até as paredes circundantes, com caminhos em galerias aqui e ali, como muitas construções na terra

teriam. Mas no espaço aberto, e algo fora do centro, há um dossel azul, prateado e vermelho, todo estampado de amarelo e verde. Ele está apoiado em cinco pilares feitos de uma liga de bronze. Mas toda a substância é opalescente, tanto o dossel quanto os suportes. É também altamente magnético e de aspecto mutante, tanto em coloração quanto em substância. Eu os vi, em ocasiões, tornarem-se invisíveis em algumas partes, ou totalmente desaparecidos da visão. Então reaparecem novamente ao estado visível, como se suas partículas tivessem estado suspensas na atmosfera e chamadas de volta mais uma vez ao lugar.

Meu filho, paro para responder a alguma dúvida surgida em sua mente. Não seja curioso em prover aos que indevidamente exaltam o que é material. Transcreva sem hesitação o que lhe coloco em sua mente. Pode ser encarado com desprezo por aqueles que ainda estão imersos profundamente na matéria. Mas há outros que realmente compreendem tanto destes reinos, que não colocarão tudo de lado, mas raciocinarão sobre isso, se talvez puderem receber instrução sobre quais leis dominam isto que, para nós, é como é a matéria para vocês.

A substância das coisas nestes reinos é de conteúdo mais vivaz que na terra. É menos inerte e mais próxima de uma sensibilidade que vocês veem na vida vegetal. Tanto é assim que, sem dúvida, é capaz de responder às vibrações de nossas vontades, assim como tornar-se dotada com o que na terra estaria na vida animal e quase de movimento consciente. Resume-se em se dizer que, ao habitante da terra, vendo alguma de nossas operações com a substância básica desta esfera, ele certamente gritaria "Está vivo!" Não é assim nas Esferas próximas da Terra. Falo agora da esfera Sete somente.

Agora, estando as crianças agrupadas ali, tudo estava pronto. Portanto, dos quatro portões colocados nas paredes correspondentes às quatro folhas no domo acima vieram seus professores, em torno de cem, mais ou menos.

Eles foram ao espaço circular e fizeram uma roda, olhando para fora, em direção às crianças.

Quando tomaram suas posições desta forma, veio e ficou embaixo do pálio sua líder, uma mulher, e perto dela ficou Wulfhere. Wulfhere já lhe contei quem é. Como deveria contar-lhe desta outra? – O Anjo-Mãe das Crianças da Esfera Sete?

Desculpe-me, Arnel. Sentaremos novamente amanhã.

Terça, 12 de outubro de 1920.

UMA INTERRUPÇÃO DAS MENSAGENS:

NOTA EXPLICATIVA, pelo Reverendo G. V. O. - Antes de reassumir meu trabalho sinto-me na obrigação de explicar por que as mensagens cessaram tão abruptamente em 11 de fevereiro.

O nome do Anjo-Mãe das Crianças foi dado a mim como sendo "Afrelda". Eu me recusei a transcrevê-lo, já que duvidei de sua autenticidade. Pensei que o meu processo mental estivesse interferindo e tivesse se imiscuído entre meus comunicadores e minha mão.

A razão de minha dúvida foi esta: O nome "Afrelda" é aquele pelo qual conhecemos a mãe de minha esposa, que havia passado para lá há uns quinze anos atrás.

Eu não acreditava que ela pudesse ter atingido tão alta posição quanto a mensagem parecia querer dizer. Eu, portanto, interrompi as comunicações com a promessa de sentar-me novamente na noite seguinte.

Eu mantive esta promessa, mas nada aconteceu. Então resolvi suspender as sessões conjuntas, a menos que, e até que, recebesse uma solução satisfatória deste obstáculo.

Foi somente algumas semanas mais tarde que uma tentativa para lançar luz neste tema foi feita com sucesso. Outras se seguiram, e, como estas

foram anotadas em nosso livro de anotações de nossas experiências, não é necessário que eu as coloque nesta nota. É suficiente dizer que finalmente eu estava inteiramente convencido de que o nome "Afrelda" estava corretamente dado e, minhas dúvidas quanto ao tema estando devidamente esclarecidas, eu então, estando de acordo com várias intimações dadas a mim através de minha esposa e outros, resolvi sentar-me para as mensagens durante este inverno, como fiz no último.

G. V. O .

Quinta, 14 de outubro de 1920.

Se Wulfhere era a força e o poder incorporados, então esta outra era a doçura incorporada. Ela emanava para a atmosfera um sentido de graça, perfumado com humildade e santidade. Enquanto ela ficou no Pavilhão, ele primeiramente tomou uma forma de maior solidez pelo contraste com a sua delicadeza, pois ela aqui, e não Wulfhere, dava o tom dominante ao seu ambiente. Mas, aos poucos os pilares e o dossel acima absorveram estes fatores ambientes em sua substância, e tornaram-se mais translúcidos que antes.

O nome desta outra era Afrelda. Sua face era mais oval e de matiz mais clara que a de Wulfhere, e seu cabelo era de um castanho mais claro, e também era talhada com menos seriedade. Ela era de compleição mais leve e um pouco mais baixa em estatura.

Enquanto elas ficavam ali em silêncio, o círculo de mulheres, mãos cruzadas no colo e olhos velados, entraram em êxtase pela meditação. Então lentamente elevaram-se do chão até que ficaram acima do dossel. Então vagarosamente dividiram-se, até que se formaram três círculos concêntricos em cima, e o menor em diâmetro foi disposto exatamente sobre o Dossel. Conforme sua disposição tomou esta tripla forma, suas roupas mudaram de coloração. O círculo maior era dourado, o do meio prateado e rosa, e o mais

baixo azul.

Isto feito, Afrelda elevou sua mão, e as crianças começaram alegremente uma música e, conforme cantavam, ali formou-se sobre os três círculos uma nuvem de luz tinta de rosa que, subindo, tocou as folhas douradas acima, que vibravam em resposta à melodia e lentamente elevaram-se como pétalas de uma flor aberta à carícia do sol, até que ligeiramente curvaram-se para dentro, deixando um espaço aberto sobre a Arena abaixo.

Então outra nuvem flutuou sobre o anel dourado e ficou sobre as cabeças das mulheres até que, pela concentração, pareceu ficar sólida, e uma plataforma foi feita.

Sobre esta, as crianças, observando, viram uma cidade, modelada em forma circular e feita da substância ouro, vagarosamente emergindo à visibilidade. Havia torres e muros e portões e amplas avenidas, uma cidade completa.

Agora esta cidade estava quase sólida no aspecto, e mais propriedade era inspirada a ela, até que permitiu que ficasse translúcida de tal forma que as paredes não eram mais obstáculo à nossa visão. As crianças abaixo podiam ver em detalhes tudo o que havia dentro. Perto do centro da Cidade havia um enorme espaço aberto no qual uma grande fonte jorrava coloridas águas. Estas águas, passando pela base, misturavam suas cores e fluíam para as ruas e caíam pela plataforma circular numa chuva dourada.

Eu era testemunha de tudo isso, ao tomar meu lugar numa porta de um dos corredores-galerias atrás, onde as crianças estavam cantando seu hino de alegria. Então eu as observei, e digo-lhe, meu filho, como aquilo me parecia, do meu ponto de vista de observador.

Esta correnteza dourada saindo da plataforma transformava-se em nuvens de garoa que flutuavam sobre as crianças, caindo sobre elas como uma chuva de orvalho. Era de natureza muito dinâmica, e o efeito de seu

contato sobre as crianças era para elevá-las em suas aspirações e também sublimá-las corporalmente.

Outro fator entrou em ação e teve o efeito de recondensar a garoa, mas agora não mais como substância líquida, - como poderia dizer? - contraiu-se até que formou duas calçadas de material elástico e vibrante, porém forte e coesivo, que veio de duas saídas da ampla rua que atravessava a Cidade, indo da Fonte central e saindo do outro lado nos portões mais largos.

Assim estes caminhos em galeria esticaram desde o lado oposto da plataforma onde estava a Cidade, assim como sua base, até bem na arena diante das crianças em círculo.

Eu estava muito interessado em ver o que sucederia, e também as crianças. Mas algumas das mais velhas, como pude observar em suas faces, traíam o fato de que já tinham sido escolados nesta parte do que participariam. Estes irradiavam sua alegria pela surpresa e maravilhas que apareciam na face dos menores, ficando orgulhosos, sem dúvida, de sua superioridade em sabedoria e idade. Eles amavam proteger os pequeninos, e notei que os meninos não eram menos ávidos por este prazer que as meninas.

Muito bem. O que sucedeu foi isto. Afrelda deixou o Pavilhão e veio até o fim de uma destas calçadas inclinadas, então notei que havia com ela também outra mulher, a quem eu não havia visto antes. E para o outro caminho-galeria vieram duas jovens mulheres e tomaram seus lugares aos pés da subida na Arena. Então as quatro começaram a subir e, conforme subiam, as crianças ficaram em filas atrás delas e seguiram-nas para cima, através dos dois grandes Portais da Cidade.

Preciso parar por aqui para explicar algo, se for capaz. Repare, meu filho, tudo isso foi encenado na Esfera Sete, como numeramos as esferas nestas mensagens. Agora o elemento básico da matéria terrestre é o éter, como vocês o nomearam. Mas a substância básica da qual a matéria da

esfera Sete é feita é de uma textura muito mais sublimada, e tem propriedades de manipulação que não entram na matéria do universo de vocês. Assim aconteceu que, embora toda a Cidade ficasse espacialmente dentro do Hall, tinha propriedades de distância que eram bem reais, mas não normais naquela esfera. Eles ficaram infusos numa esfera superior que também dera gênese à Cidade em si. Bem.

Então, as crianças, entrando na ampla avenida e continuando em direção ao Espaço da Fonte, apresentaram-se à minha visão, enquanto isso fiquei na galeria perto da parede do prédio, e uma aparência de distância foi aumentando sempre, à medida que eles continuavam afastando-se de mim. Eles ficaram visualmente menores, exatamente como seria se tivessem se afastado milhas em campo aberto. Vejo que a palavra "ilusão" toma forma em sua mente. Mas, não, meu filho, não é bem o que você entendeu como ilusão de óptica, a qual gradualmente depende da lei da comparação. Não foi isso; foi uma qualidade não normal da Esfera Sete que desceu sobre os que estavam nesta esfera, transmutando-os na aparência de seus corpos até uma condição não normal a eles ordinariamente. Sinto muito, meu filho, não posso atingir mais porque não tenho registro mental armazenado em você para que pudesse acomodar meu propósito.

Então a dupla procissão encontrou-se no Espaço Aberto na Fonte e, misturando- se, passou como uma só coluna pelo portal de um grande prédio. Era muito belo este Templo, muito brilhante com as luzes das esferas acima e, portanto, mais brilhante que todas as coisas em torno. E sobre o portal através do qual a procissão passou estava escrita a legenda de seu propósito, isto é, "O Portal do Reino de Cristo".

Li isto e entendi então o significado de tudo o que tinha visto. Estas crianças foram chamadas juntas, foram borrifadas com a garoa dourada de Sua graça para condicioná-las para a Sua Presença, e agora foram para a Sua Esfera para prestar a Ele sua reverência, e para receberem d'Ele Suas

bênçãos.

E certamente foi assim como escrevi, já que a Cidade toda, gradualmente, reassumiu sua condição de invisibilidade e saiu de minha visão com todas aquelas mulheres e crianças, e ninguém mais era visto.

Você quer dizer que o Grande Hall, no qual eles estiveram, era uma espécie de vestíbulo para a esfera do Cristo?

Eu não diria desta forma, meu filho. Preferiria dizer que foi uma espécie de veículo de transmutação. Não fui com eles, subindo aos céus acima. Eu, então, não digo transporte, mas transmutação. Porque ele desapareceu de minha vista e, isto feito, eles também não mais foram vistos. Eu sabia que seu condicionamento para o ambiente da esfera do Cristo começara na Rotunda, foi completada no templo diante do qual a Fonte jorrava. Aquela Fonte, como outras que conheço nas diferentes Esferas, tem sua fonte na esfera do Cristo, e era carregada com Sua graça e poder.

E como as crianças e suas líderes voltaram para a Esfera Sete de novo, Arnel?

Vieram ao longo de um dos rios que atravessam a atmosfera destas esferas.

Imagine um canal, ou um rio, de um líquido correndo através de um fluido como o cinturão da atmosfera sobre a Terra. Há uns condutos de substância feitos mais densos que a atmosfera dos Céus por precipitação. Estes são feitos e dispostos por certos estudantes de química nas Esferas mais altas conforme aparece uma ocasião. As crianças foram mandadas para casa em barcos ao longo de um destes rios, e aportaram em um lago da Esfera Sete aonde dava este rio. Lembre-se, eles eram crianças, muitos um pouco maiores que bebês, e a eles foi dado o que mais lhes agradaria. Eu os vi em sua chegada pela água e testifico a você, meu filho, suas faces gorduchas estavam iluminadas por sorrisos. Eu tinha como ter uma ideia de suas aventuras, já que muitas correram para mim gritando sobre seus fatos

maravilhosos e de muito deleite.

Mas todos tinham um semblante recatado em amor e reverência quando falavam da maior de todas as belezas e maravilhas. Pois eles tinham visto a Criança em Sua Própria Casa.

Terça, 19 de outubro de 1920.

Lá, naquele grande espaço, ficou comigo mais alguém deixado de lado. Wulfhere sentou-se no degrau do Pavilhão, silenciosa e em profunda meditação.

Não me aproximei dela, não; confesso a você, meu filho, eu também estava muito extasiado pela beleza do que tinha acontecido desde que entrei ali.

A inocência e a doçura destas queridas crianças foi acumulada na pessoa de seu Anjo-Mãe, e tudo se dissolveu da substância para a memória. Para os que são como eu, a conversação virginal estava entre estas pequeninas flores de Reino do Senhor Cristo; era como o tocar de uma oitava da harpa de algum grande anjo, e meu lugar no diapasão mais profundo parecia não combinar com suas belezas mais etéreas em harmonia. Sua música soava lá em cima, a minha era básica e agregada a alguma escuridão das esferas mais baixas em seu timbre mais sombrio.

E, contudo, meu filho, ninguém é mais belo apenas pelo contraste com alguém, mas por atingir tonalidades pela mistura. Isto pelo menos me conforta, por causa de minha idade mais avançada. E uma coisa mais, um homem bonito é uma alegria para aqueles que observam seu semblante, mas a prata precisa ser muito bem polida, para que sempre seja possível observar prazerosamente seus atrativos plenamente. E assim é com estas pequenas ovelhas de nosso Pastor. Os de mais idade podem gostar de levar em conta sua doce ternura, enquanto que eles mesmos nem percebem o quanto doces e ternos eles próprios são.

Sua mente não se apresenta plácida com as minhas palavras, meu filho. Mas saberá um dia que nós, que descemos às profundezas para fazer o recolhimento de almas, não o fazemos sem nos ferir. Preste bem atenção a isto, para saber que nossas feridas têm ainda uma beleza própria. Nós que tivemos ferimentos na grande batalha e aqueles pequenos cujas feridas são luz ou nenhuma, somos Ele em Sua variada riqueza de conteúdo espiritualmente. Eu O vi Criança, e O vi como o Real Capitão nos confrontos com os poderes das sombras dos mais profundos infernos, austero e inflexível, e muito grande em Seu papel, e não sei em que desempenho Ele era mais magnífico. Sim. Ele é para elas e para nós como Um. Bem.

Mas agradeço a você, meu filho, pois aquela sombra de tristeza toldou seu espírito quando respirei no espelho de sua mente com o hálito de meu suspiro por um momento. Era um tributo de seu desabrochado amor por mim, que amadureceu pelos tempos em que estamos conversando juntos assim. Deus o abençoe, gentil amigo, pela sua bondosa simpatia.

Mas não nos alonguemos nisto, meu filho. Porque há trabalho a fazer, e o trompete rompe o véu e permite ver as esferas abaixo, e devemos ir para lá, já que há trabalhos sobre quais devo lhe contar; pois esta é a pauta que me foi dada no Conselho. E eu a aceitei, devo cumpri-la. Basta apenas que eu não seja lento neste tema. Pois lá estava Wulfhere, aquela rainha indômita de rara força, sem dúvida tecendo pensamentos tão desanimados quanto os meus.

Mesmo assim, entretanto, ela se levantou e chamou-me para perto, acenando suas mãos. Quando me aproximei, ela apontou para onde as quatro folhas ainda estavam levantadas, deixando o espaço exterior exposto aos nossos olhos.

E ela disse, "Bom Arnel, elas são muito encantadoras, estas grandes asas douradas vibrando ali como se fossem levantar e flutuar na companhia

de quem, há pouco, esteve movendo seu brilho amplo com a emoção de sua música alegre; penso que são muito lindas, estas aqui".

Logo percebi que sua mente não estava focada na visão daquelas folhas, mas alcançava um raio mais distante. E pausadamente chegou a isso, pois disse, "Mas, meu amigo, poderia bondosamente olhar adiante e dizer-me se os vê, aqueles pequeninos, e suas madrinhas, onde estarão eles com seu encanto? Você os vê, Arnel, e o que estão fazendo onde estão agora?"

Mas eu não pude ver nada. Realmente olhei para cima através do buraco acima e penetrei nos espaços afora, esforçadamente. Nada pude ver, e eu disse isso a ela.

"Não", respondeu ela, mas falando mais para seu próprio coração que de fato para mim, "Não, estivemos misturados demais com os afazeres nas trevas e nas tarefas sobre a Terra e estes reinos exteriores do Reino, este é o porquê. Mas aquilo de materno em mim, que me agitou nas épocas idas e passadas, ainda está em mim. Meus próprios bebês estão crescidos e têm limpado poderosamente, para cima e para baixo, as profundezas daquelas vastas regiões entre as extensas constelações nos confins do espaço. Não tenho mais pequeninos como estes mais, há tempos. Mas meu colo está pronto para aconchegar cabecinhas castanhas claras, e estas minhas mãos que romperam férreos poderes muitas vezes, abraçá-los-iam profundamente, muito carinhosamente. Bem, bem, um dia meu atual trabalho concluirá por estas mesmas mãos, e então talvez um descanso ser-me-á dado, e terei para mim um bando destes pequeninos, então..."

Ela não terminou seu discurso. Ela continuou num tom monótono e depois ficou em silêncio. Em sua face estavam os sinais de quem sofreu, mas de quem, enquanto sofreu, mesmo assim comandou. Sim, era régia em qualquer coisa em que tocasse as mãos. Mas agora, enquanto estava ali, silenciosa, tive um relance de Wulfhere, a mulher, em seus anos virginais de juventude, saudosa do doce instinto feminino da maternidade em seu

coração. E era uma mulher muito adorável a que eu estava vendo. E, contudo, quando o filme das épocas passadas saiu de diante de sua face e ela tornou-se mais uma vez Wulfhere, a líder e a realizadora de tantas coisas, pensei o quanto graciosa ainda era.

SEGUNDA PARTE

I - O PODER DE WULFHERE - SUBJUGA UMA REBELIÃO

Quarta, 20 de outubro de 1920.

Penso que não eram menos de dez mil, ou aproximadamente isso, o número dos que se agruparam abaixo das escadas diante da Casa das Ordens. Wulfhere tinha seu posto sobre o topo da escadaria, e esperava enquanto chegavam a algum acordo, pelo qual poderiam apresentar diante dela seu apelo comum. É assim na Esfera Três, já que aqui não estão completamente afastados das influências da terra, estando apenas dois estágios adiantados além dela, e este avanço não é tão grande para resultar em um acesso a um poder maior para educar certos elementos de fraqueza. Não é apenas um progresso para frente, mas uma preparação para o tempo em que o chamado lhes seja feito para seguirem em seus caminhos.

Assim, é por isso que a Esfera Três é dividida em muitos departamentos de pessoas, cada um com uma linha especial de treinamento. Muitos dos que são admitidos nesta esfera precisam passar por muitos deles, e alguns por todos eles. É a esfera que ainda é muito sensível à terra e aos pensamentos dos que ainda lá estão encarnados, porque, primeiramente, épouco afastada; em segundo lugar, muitos desta esfera têm amigos ainda na vida terrena. Entre estes e aqueles há muitos sentimentos correspondentes, apesar de que nem são muito claramente capazes de entender a causa de tal efeito, nem onde nem como chegam a eles.

Bem, em um destes departamentos Wulfhere foi colocada, e esta Casa das Ordens era de onde os direcionamentos eram enviados como obrigações a serem cumpridas por aqueles daquela colônia em particular. Mas nem

sempre estavam contentes em levar adiante tais tarefas que lhes foram dispostas, e aqui estavam, neste momento, dez mil deles para nos dizer por quê.

Sua Senhora estava sozinha no topo da escada, e nós do grupo, em número de vinte e um, estávamos juntos abaixo do pórtico cujas arcadas uniam-se acima de nós, mantendo-nos afastados de alguma forma, não sendo vistos pela multidão.

Finalmente ela lhes falou desta maneira: "Agora que se aquietaram um pouco, minhas crianças, eu gostaria de conhecer a sua parte e, quando acabarem, tentarei ajudá- los. Contenham-se portanto, enquanto estes tentam dizer-me o que está errado".

Então ao topo da escadaria veio um alto e agradável homem, e ficou ali por uns momentos, afastado de seus companheiros. Depois disso, levantou a cabeça e falou com ela.

"Nós viemos até a senhora para colocar o que sentimos estar, não só errado, como também injusto. O que sentimos estar errado é que a senhora, uma mulher, seja colocada acima de nós que não estamos acostumados a uma liderança como a sua, porque temos seguido a liderança de homens, e também de homens que foram eleitos por nós para nos liderarem e, mais ainda, para nos liderarem no caminho que nós mesmos indicamos. Esta é a nossa reclamação em primeira forma. É o que chamei pelo nome de 'erro'.

"A injustiça que atenta dolorosamente nossa paciência, madame, é que não fomos escolhidos para melhores locais. Isto não é uma reclamação justa de todos nós, porque há alguns aparentemente ainda não ajustados para serem elevados, nem pela extensão de trabalho, nem por terem atingido qualificações no trabalho deste reino. Mas a maioria de nós está bem ajustada e muito merecedora da promoção, e esta é a nosso clamor a respeito de injustiça, e esta é a nossa reclamação".

"Penso", disse Wulfhere, "meu pequeno, que você..."

Mas ele cortou rapidamente suas palavras e disse, "Não quero trocar palavras com você, você sendo uma mulher, madame, mas protesto por assumir sua maternidade em relação ao meu comportamento. Não sou seu pequeno, madame, e peço que me trate como o delegado escolhido destes meus camaradas que não podem obter o que gentilmente viemos pedir-lhe. Não sabemos quem a colocou aqui, nem de onde veio. Mas quando nosso Senhor Shonar nos deixou, descobrimos que você tinha sido colocada na Casa das Ordens. Portanto, é por isso que viemos a você, esperando falar claramente. Mas somos homens maduros e capacitados, e com vontades todas nossas para usarmos. Se conseguirmos o que queremos por sua vontade, tudo estará bem. Se escolher não nos ouvir..."

"E se eu escolher não ouvir, sim?"

"Madame, peço sua resposta, e espero que elabore esta resposta sabiamente."

"Responderei a você, meu pequeno", disse ela, "e eu não uso o termo de forma indelicada. Você é o delegado de seus companheiros aqui, e é um dos mais fortes de todos. É por isso que escolheram você para falar comigo. Sua força de vontade e de mente não é pequena, e isso é bom. Mas você as usa com falta de humildade. Pelo seu próprio bem, mas mais pelo bem dos que estão atrás de você, a quem você está enganando, é necessário que eu lhe mostre o limite de seus poderes.

Ele ficou parado. Mas ela olhava para baixo, diretamente sobre ele, nem seriamente nem brava, mas quase casual. E, contudo, eu logo vi sua face ficar intranquila, e uma sombra de espanto passando por ela, e então um leve tremor de medo. Então, ele subiu os degraus, um por um, muito lentamente, e finalmente posicionou-se diante dela.

Ela então falou às pessoas, "Meus pequenos," disse, "se eu os chamo assim, vocês têm o direito por sua vez de saberem que tenho força para governar vocês, e guiá-los como uma mãe poria ordem em sua família de

bebês. Este homem é o seu líder escolhido, e nisto mostraram sabedoria, porque realmente ele é o maior entre vocês todos. Mas ele não está, de jeito nenhum, ajustado em todas as partes. Eu, portanto, vou mostrar a ele e a vocês que ele é para mim, como vocês são, uma criança que necessita de liderança sábia para que possa seguir seu caminho sem infortúnios".

Então ela se voltou para ele e colocou suas mãos em seus ombros e, assim que fez isso, ele se tornou mudado em seu aspecto. Seu cabelo ficou branco e seus joelhos começaram a falhar. Suas roupas ficaram de uma tonalidade pálida, e seus olhos parados e com olheiras. Ela tirou suas mãos e falou a ele, sem deixar de ser gentil, "E agora, meu pequeno, considera-me forte e poderosa, e seguirá minha orientação?"

E numa voz fraca ele disse, "Madame, a senhora é o que diz ser. Ajustada para nos liderar. Mas não a seguirei por sua ordem. Reconheço a mensagem de sua mente sobre mim, madame, irei para onde me aconselhar ir, madame".

"Agora, minha criança, você tem em si mais doçura e mais dignidade do que tinha quando veio falar a mim com mais palavras e menos sabedoria. Você já vê que é bom que trilhe o caminho que já fez mais uma vez, mas desta vez mais cuidadosamente. Por esta razão seu progresso será acelerado. Portanto, de coração, vou mandar-lhe minha vontade e de meu poder, e quando vier novamente a mim, será capaz de me ajudar no governo destas pessoas, e valorizarei seu serviço".

Ele ajoelhou-se diante dela, e ela impôs suas mãos sobre sua cabeça inclinada com longos cabelos grisalhos. Então ele a deixou, e andando vagarosamente, e quase parando, desceu as escadas, passou pela multidão que se abriu à sua passagem em jornada para a Esfera Um, para a qual ele fora reduzido em suas condições.

Você vê, meu filho, ele não podia ficar na Esfera Três estando condicionado ao ambiente da esfera Um. Portanto, por sua própria vontade,

partiu.

É um conto bem estranho, não é, Arnel? Tem um toque de magia oriental. Você não acha?

Meu filho, você tem razão. Mas desta mesma mágica eu lhe direi:

Havia, e há, certos poderes que os países orientais sabem usar. Mas tais contos de magia, como transformar um homem num animal, ou o outro fim em primeiro lugar, ou o envelhecer de um homem, ou o tirar idade de um velho para que se torne um belo jovem, estes eles não fizeram, e não fazem, na carne. São versões dos homens, e das mulheres também, das faculdades psíquicas que traduzem para a linguagem da paisagem do Oriente que coisas foram mostradas a eles lá. É a mágica das esferas que fala, e fala na linguagem de palavras com as quais estão familiarizados.

Vejo o que quer dizer. Mas ainda está em dúvida. Bem, meu filho, a palavra "magia" foi sua. Eu preferiria outra palavra como "processo" ou "ciência". O que lhe repassei não é sempre feito com colocações tão dramáticas. Foi necessário, neste caso, como uma lição para uma multidão de pessoas de alguma forma vãs e descontentes, imaturas na sabedoria que lhes cabia pela idade. Mas, apesar de excepcional, ainda assim não é raro que um homem seja rebaixado de volta para uma esfera para, desta forma, fazer um avanço mais seguro. Isto é especialmente verdadeiro nas primeiras três esferas, onde frequentemente se misturam numa esfera acima de seu ambiente normal. É permitido que seja assim, como aconteceu com esse, por ser a melhor forma de ensinar a necessária lição quando são vãos e teimosos como ele era.

Este é o ir e vir de tudo, meu filho, - um processo da ciência das esferas - um processo da ciência das esferas, neste caso atado pelas algemas do ator aos olhos daquela multidão que pôde aprender dessa forma, onde o raciocínio amplo teria sido em vão.

Quinta, 21 de outubro de 1920.

Dos eventos acontecidos eu tenho uma lembrança vívida, já que foi um dos trabalhos nos quais a faca do cirurgião foi introduzida rapidamente. Ela tem duas pontas, uma para a doença e uma para o curandeiro.

Wulfhere falou a eles quando seu líder já havia partido. Ela disse, "Nas esferas mais altas, minhas crianças, a sabedoria é de tal qualidade que capacita o líder e os seguidores a trabalharem em harmonia. A dominação do líder não é percebida, já que ambos estão sintonizados, um ao outro, em amor e confiança. Mas aqui vocês têm pouca evolução nesta mesma sabedoria que é necessária para que o comando e a obediência sejam definidos e pronunciados. Vocês têm necessidade, nem tanto de uma liderança de um Capitão em Armas, mas dos cuidados do coração forte de uma mulher. É por isso que fui escolhida e mandada a vocês. Se perguntarem quais seriam as minhas qualidades para tal tarefa, responderei de boa vontade. Estou diante de vocês agora como uma simples mulher. Mas tenho em minha idade séculos de trabalho extenuante aqui e acolá no universo.

"Há muito tempo fui mãe na terra, como algumas de vocês foram recentemente. Desde então tenho dado pouca importância em atender aos pensamentos tão cheios de ternura como os que preenchem o coração de uma mamãe. Mas há pouco isso voltou em mim novamente - minha anterior maternidade, e agora entendo quão profundo dentro da rocha é construído este estado tão doce - a maternidade. Fui a virago - pelo amor às almas, mas sou, como percebo agora, mais mãe que qualquer outra coisa. E essa, como reconheço, é a razão de minha missão aqui entre vocês.

"E agora, minhas crianças, convido-os a confiarem no amor de mãe e na minha sabedoria, e farei o melhor por vocês para que possam seguir adiante para a luz radiante além destas colinas que limitam seu atual reino.

"E seu treinamento tem algo de dor, saibam que cada mãe também entende da dor que sua criança sofre, já que desde a chegada delas a dor

torna-se para ela uma coisa sagrada, uma oferta de amor à criança que está a seu cuidado.

"Fiquem parados, meus pequenos, e façam silêncio um pouco de tempo, e entenderão melhor o que lhes digo e um pouco da doçura que está na dor".

O que se seguiu, eu vou lhe contar como foi sentido por estas pessoas, e então contarei a causa intrínseca de tudo.

Eles estavam muito tocados pelo poder exposto por Wulfhere sobre o mais forte entre eles, a quem haviam elegido seu líder. Estavam, portanto, a ponto de render reverências a ela, e fazer o que ela dissesse a eles. Também ela não contou vitória sobre o delegado deles, mas falou firmemente a todos, mas ainda com alguma humildade diante deles, e certamente com calma e sabedoria. Todos eles, portanto, exceto alguns rebeldes, tomaram as palavras em seus corações e inclinaram suas cabeças em silêncio.

Estes que ainda estavam rebeldes deram sinal dos poderes misteriosos que desceram sobre a multidão. Eles começaram a bater suas cabeças, ou sair de seus caminhos sem permissão, ou ainda alguns começaram a gritar seus desafios contra aquela influência que sentiam sobre eles.

Repentinamente, todos estes ficaram parados e mudos. Ficaram parados como muitas estátuas entalhadas no meio da multidão, tolhidos da fala e do movimento e dominados por um sono profundo. Nenhum de seus vizinhos notou isso, já que cada um estava interessado em sua própria introspecção.

Em seguida, um e outro lamentaria como se uma faca tivesse sido espetada neles. Um choraria, "Ah, minha esposa, e ah para mim, que a tratei tão duramente. "Outro, "Mas, meu bebê, você vai olhar para mim com pena quando nos encontrarmos, não vai? Não fiz com você o que deveria ter feito como mãe, meu pequeno, mas ai, meu coração de mãe está agora rasgado e sangrando, até que me chame de mamãe mais uma vez em minha aflição, meu bebê, bebê meu". Outro, "Se eu vier a tratá-la assim, coração querido, para pô-la de lado quando aquela face, que eu pensava ser mais limpa que a

sua, parecia amor líquido aos meus olhos. Não, a luz neles e nos meus não foi acesa pelo amor dos céus, mas pelo reflexo dos infernos. Mas, agora, você se lembre de nosso velho amor, e esqueça todas a coisas, doce pedaço meu, e diga que não me prenderá ao seu desprezo".

Outro, "Se eu pudesse mudar mais uma vez o curso de minha jornada da terra... Pensei que era bom metal, o ouro, e que valia a pena lutar por ele; sim, lutei a luta do homem pelos seus pertences, e vi que não valia a pena, nem pelo que uma criança pudesse usar para seus trocos em seus jogos do jardim da infância. Fui um idiota, e idiota sou, mas, sabendo disso, sou menos idiota hoje. Deus me leve para algum lugar a serviço de meus companheiros, dos que pensei em governar com o que para mim era de tão grande valia". Outro da mesma forma, "Mas onde achei tudo isso, quando vim para cá? Não, não eram mais meus, todos aqueles campos e suas construções e casas, eles evaporaram transformando-se em nada, e fiquei sem propriedades ou chalés em meu nome. Hoje sou um pobre homem, por ter tido aquelas coisas. Atrapalhei a tantos, e a mim não menos, no final das contas".

Assim se seguiu, eles murmurando tais frases, enquanto a muitos uma lágrima, ou a outros um soluço, testemunhava a angústia dentro deles que, preenchendo seus corações, não deixavam espaço para mais nada, mas explodiram desta forma, numa expressão exterior. Mas ninguém ouviu ou cuidou de outro em sua busca, já que cada um tinha o que fazer para que pudesse sustentar seus próprios assuntos nestas relembranças.

Depois de muito tempo, Wulfhere falou-lhes. Ela disse, "E agora, meus pequenos, eu os chamo de volta do passado, onde estiveram semeando o trigo para a presente colheita. Bem, prometo que terão bons frutos em suas mãos. Mas façam seus caminhos agora, para suas casas, e pensem mais naqueles que sofreram pelos seus erros, e então nos encontraremos novamente para um conselho mais tarde. Vocês não ficarão sem resposta

enquanto prestarem reverência ao silêncio, pois os que lhes concernem serão certificados de suas necessidades, e trarão conforto a vocês. Mas poucos de vocês vão ouvi-los ou vê-los, mas farei isso por vocês, por isso sejam diligentes em manterem-se de mente clara e sejam bondosos aos seus companheiros".

Assim eles se foram em silêncio para suas casas e deixaram a vontade de Wulfhere estar sobre eles na Casa das Ordens. Pois agora acabaram de acreditar que ela era capaz de fazer o que prometera que faria.

E agora, meu filho, contarei o significado intrínseco deste fenômeno. Houve três grupos no Pórtico da Casa. Cada um tinha seis, com seu líder, homens e mulheres. A um sinal de Wulfhere, nós nos movemos, pois a nós foi dado saber o que tínhamos a fazer, e cumprimos silenciosamente, sem nenhum movimento.

Começamos por mudar nosso condicionamento, da Esfera Três para o da Esfera Cinco. Por esta operação, tornamo-nos invisíveis a esta multidão, e também ficamos capazes de entrar mais facilmente em seus íntimos, os mais altos. Desta forma invisíveis, um Sete avançou para o topo da escadaria e ficou em fila; outros dois Setes foram em direção à multidão e circundaram-na pelos três lados.

Assim posicionados, cada um selecionou um homem ou mulher cuja alma parecesse oferecer campo apropriado para um ou outro de nossas variadas personalidades. Rapidamente escolhemos as faltas que ainda estavam amarrando seus pés e fazendo-os parar na rota do progresso. Isto feito, mandamos prontamente um jato de luz para aquele local. Esta luz não era da Esfera Três, mas da esfera Cinco. Era, portanto, muito pungente, e deu-lhes uma punhalada de dor aguda. O efeito, entretanto, foi instantâneo, e podia ser testemunhado externamente pelo olhar em suas faces, e frequentemente, como lhe contei, por alguma confissão íntima e murmúrios de arrependimento. Fomos de um a outro, e nossas operações foram

conduzidas com grande rapidez. Portanto, em pouco tempo tínhamos tocado todos eles, e nosso trabalho estava pronto.

Isto foi difícil de explicar a você com precisão, meu filho. Contei de forma que entendesse?

Penso que sim, Arnel, obrigado.

Sim, penso que entendeu, conforme estou vendo em sua mente, sob o meu ponto de vista. Você vê, meu filho, da mesma forma com que lidamos com a multidão, assim lidamos com você, no essencial. Trabalho diretamente em sua mente, estando, desta forma, em vantagem, isto é, posso chegar a você desta esfera interior.

Agora devo lhe dizer mais uma coisa, e então meu conto estará completo. Aqueles rebeldes foram deixados, um aqui, outro lá, quando a multidão se dispersou.

Quantos ficaram?

Algo como vinte e dois de todos eles. Destes, penso que a metade era de mulheres. Ficaram ali, parados e inconscientes. Assim os pegamos como estavam, e os levamos para a Esfera Um. Ali procuramos pelo delegado que chegara antes, e os entregamos a seu encargo, para ensiná-los e conduzi-los de tal forma que, quando chegasse a hora, pudessem ser readmitidos na Esfera Três. Ele ficou grandemente comovido por esta primeira marca de nossa confiança nele, e está fazendo seu trabalho muito bem. Também, ele mesmo está aprendendo tão bem que um dia será um grande líder, acho.

Uma palavra minha a mais, meu filho, e está pronto. Eu lhe falei de uma série de acontecimentos da vida espiritual, e da parte que tomamos nela, nós, socorristas de esfera mais alta. Eu lhe contei isto para lhe mostrar as condições de vida aqui obtidas, onde um dia também você será colocado a servir a seus companheiros. Mas eu tenho outro objetivo para minha narrativa. Tanto acima, quanto abaixo. Nós não fomos vistos por aqueles aos quais enviamos nossa influência, para ajudá-los. Da mesma forma

lidamos com vocês que ainda estão em seus caminhos na vida terrena. Quando vocês estão em grupos, lidamos com vocês desta forma, e quando estão sozinhos, em silêncio, também. Tanto fora quanto em casa, cuidamos muito de você e mantemos vigilância. E como lidamos com estes, assim fazemos diariamente com vocês.

II - O HOMEM E O SEU AMBIENTE

Quinta, 28 de outubro de 1920.

Esta mesma Esfera Três é aquela para a qual tantos de vocês vêm tão logo passam pela morte, e seria talvez de muito interesse de vocês se eu pudesse explicar algo mais com detalhes concernentes a ela.

Primeiramente a razão pela qual passam diretamente para a Esfera Três, e tantos mais atravessam pelas duas esferas abaixo rapidamente para esta.

Considere a Terra como é presentemente constituída e condicionada. A respeito do planeta Terra, você tem muitas fases de beleza e de feiura dispostas; também há partes nas quais estes dois termos não se apresentam na totalidade. Nós devemos encontrar outros termos para serem usados, tais como ferocidade, grandeza, solidão, e os semelhantes. Seus filósofos admitirão que todos os efeitos são perfeitos espelhos de suas causas peculiares. Bem. Então estes efeitos fenomênicos, nas condições cênicas do planeta, devem ter causas apropriadas para as condições que exibem.

Estas causas não são encontradas nos fenômenos, nem entre eles. Eu diria que não são encontradas dispostas. E, contudo, estas mesmas causas estão nestes efeitos fenomênicos, e entre eles: neles, em sua causa ou dinamicamente; entre eles, na coesão.

Estas exposições vistosas na natureza são apenas uma extensão do mesmo processo pelo qual o átomo é feito ou usado. É feito pela projeção do princípio de movimento no éter, de tal forma a estabelecer uma certa agitação naquele elemento operativo, ao mesmo tempo, em duas fases. Estas duas fases podem ser grosseiramente chamadas de espiral e centripetal, as quais, combinando-se dinamicamente, produzem como resultado o átomo. A agitação, da qual lhe falei, tem criado alguma perplexidade em sua mente, meu filho. Não sei se meu inglês vai servir

muito bem. Você vê que sou limitado por suas limitações mentais, e também você não é tão maleável quanto eu desejaria que fosse. Tenho que agarrá-lo quando enquanto se eleva, e ai, mais ainda, você frequentemente desliza e...

Arnel...

Não, meu filho, não escreva isto. É exatamente como eu digo. Agora, usei a palavra "agitar" para descrever o efeito, no seu reino de manifestações exteriores, da projeção deste reino mais íntimo do espírito, de ondas mentais mais refinadas e sublimadas que, mergulhando no material mais denso que vocês chamam de éter, produz esta agitação por causa da fricção consequente pela oposição oferecida pelo mesmo éter.

Não há duas coisas iguais em potencial. Estas ondas mentais são de maior potencial que o éter inerte, que, então, é compelido a estar em conformidade com a operação do elemento mais poderoso. O resultado na forma é o átomo - não o átomo etéreo, mas o átomo da matéria.

Agora, isto é a substância básica da qual o seu planeta é feito. Por aquilo que eu já lhe falei, você verá que esta substância está continuamente correspondendo à energia espiritual dirigida sobre ela, vinda dos reinos íntimos e superiores. Em sendo assim, então segue-se que o todo do planeta Terra, em todas as suas partes e detalhes, é também continuamente levado a expor externamente os efeitos das causas espirituais.

Os seres que dispõem estas ondas mentais são compostos do todo da grande multidão que está em contato, de uma forma qualquer, com a Terra. E entre estes, há aqueles Espíritos encarnados que habitam na face do planeta.

Nós?

Também isso, meu filho, vocês, população da Terra. Agora, prenda sua mente nos continentes da Terra e verá várias coisas.

Algumas regiões são lindas, e algumas não são bonitas. Mas quase todas as regiões da Terra são belas de uma forma ou outra, onde o homem não

tenha interferido no trabalho daquilo que chamam de Natureza. É onde o homem pôs suas mãos nesse processo formador, que achamos que a Natureza assume um aspecto menos bonito.

Vejo seu espanto - explicarei. Você acha que o selvagem médio da África Central vive sua vida num nível espiritual mais baixo que o europeu médio. E, contudo, o país dele é mais belo e mais genial no clima que o seu. Bem, esta última estimativa teria que ser modificada para ser correta. Mas deixemos passar como material para argumento; servirá.

Seu espanto sumirá se aplicar ao problema apenas uma verdade. O africano é espiritualmente de menor potencial dinâmico que o irmão mais desenvolvido europeu. Ele é, então, menos capaz de afetar o ambiente para o bem ou para o mal, para o belo ou para o feio. Um monte de escória, ou uma rua suja, são coisas maravilhosas. São testemunhos do progresso espiritual de seus criadores, e também do fato de que seus poderes espirituais apenas foram imperfeitamente aplicados. Enquanto o monte de escória impele o motor da locomotiva, também impele um motivo na mente de seus criadores, dominando-os em direção a desejarem beleza, e que isto é um grande e forte motivo de ganância - o instinto aquisitivo levado ao excesso.

Os resultados a seguir são também observados; são acidentes aos corpos das pessoas, a dor causada para estes que são despojados, a ruína consequente da Terra pelos rastros das ferrovias, e assim por diante. Falo apenas desta máquina. Você deve aplicar o princípio na sequência.

É mesmo assim. E, contudo, tudo isso testemunha o fato de que o Europeu atingiu um estado mais alto de desenvolvimento que o africano. Digo "espiritualmente" porque seu desenvolvimento é, por último, espiritual, se o poder espiritual, assim adquirido, for direcionado para propósitos de bem ou mal.

Assim vocês têm esta diversidade de exposições sobre a Terra, em

consequência da resposta dada ao assunto da energização do Espírito.

Assim é na Esfera Três. Eu expus estes fatos elementares para que você pudesse mais rapidamente captar as condições da Esfera Três. Delas, falarei quando sentar para mim novamente, para uma nova sessão.

Terça, 2 de novembro de 1920.

Agora, as condições que se obtêm na economia da Terra, como eu já lhe explanei sobre elas, podem ser traduzidas aqui, mas com uma modificação muito importante.

Vamos expor da seguinte forma: o livre arbítrio opera do centro para fora, em direção à circunferência da criação. No centro está Deus, diremos. Ele é a Fonte de todo o Livre Arbítrio, e de Seu armazenamento provê o estofo de que são feitos todos os que são seres com menos livre arbítrio. Estes, apesar de tudo livres, são competentes para modificarem Sua operação intencional e, em degraus, torná-las conformes à sua própria medida. Em outras palavras, cada ser de livre arbítrio cria seu próprio ambiente.

Conforme vamos indo em direção ao centro, a liberdade será exercitada cada vez mais e mais, de acordo com a Mente de Deus. É por isso que o ambiente destes Altos Seres torna-se mais subjetivo, quanto mais alto subamos, ou torna-se mais objetivo, quanto mais baixo se vá, ou quanto mais nos aproximemos da circunferência.

Na Terra, o ambiente é muito grandemente objetivo. Conforme se eleva para esferas mais e mais próximas da Energia Central, a Quem chamamos Deus, o ambiente torna-se mais sublimado em substância. É, por isso, mais facilmente moldado na conformidade das vontades dos habitantes. Assim, diria eu, o ambiente torna-se mais e mais subjetivo, quanto mais alto se vá. Esta é uma outra forma de se dizer que estes Seres Elevados, porque absorvem mais de seus ambientes em si mesmos, tornam-se, *ipso facto*,

mais universais. Abarcam em si mais conteúdo de espaço, ou seres, ou qual contagem queira usar para considerá-los acima em vários degraus de poder.

O Criador soma, e inclui em Si, todo o espaço, os seres, e assim torna-se universalmente subjetivo. Ele é Seu próprio ambiente. Considerando do mais íntimo para fora, isto é Onipresença e, inversamente, é Unidade.

Aqui, e somente aqui, o Ser é elevado à sua mais alta intensidade de silêncio e imobilidade. Aqui reside, onde o calor branco da energia estática é continuamente operativo. Isto é paradoxo, pois só o paradoxo é capaz de expressar a você, e a nós que falamos a você, a Onipotência do Um Que nem é subjetivo nem objetivo, mas persiste eternamente, o Único Grande Ser de Todos os Seres; o único Eu Sou.

Agora você verá que, quanto mais para fora vamos do espírito em direção à matéria, mais objetiva se torna a substância da qual nosso ambiente é feito. No planeta Terra é francamente material. Na região mais próxima, acima da Terra, é menos material e mais etérea; depois então é etérea; e depois é mais espiritual que etérea, depois então é espiritual; e então é espiritual mas mais sublimada. A modificação da qual falei é a remoção do ambiente material, ou sua reposição pelo espiritual. Tente imaginar o que isto significa entre o livre arbítrio e sua expressão exterior em forma. Pense em todos os processos intermediários que acha necessários para materializar um pensamento na Terra.

Um homem move em seu mais íntimo ser, e o efeito é um pensamento. Ele se impõe ao cérebro material. O cérebro é usado como uma câmara de mistura. Então quando os elementos são misturados na proporção certa, uma mensagem é enviada para a mão, ou pés, ou olhos, ou todos eles ao mesmo tempo. Eles, trabalhando em conjunto, produzem a planta de um prédio. Ela é entregue para outro homem, e ele agrupa especialistas, e eles, por sua vez, juntarão madeira, e ferro, e pedra, e outras coisas materiais. Então farão construir sua casa.

Todos estes procedimentos são necessários em razão do ambiente no qual eles movimentam o ser material. Mas, ao atravessarem para cá, através da morte, em apenas uma operação desprende-se do ambiente da matéria e começa logo a operar num ambiente espiritual. Todos esses processos intervenientes são eliminados, e a mente atua diretamente sobre o ambiente e toma a expressão de forma.

O efeito é, por isso, mais imediato em resposta e também mais claramente aparente. Tão aparente é, de fato, que não é possível habitarem juntos os que são diferentes em temperamento. Tudo seria confusão.

Não, pela mesma lei, e pela interação gravitacional normal, cada um vai para seu próprio lugar.

Não é verdadeiro dizer que as esferas mais próximas da terra são mais materiais que as mais distanciadas dela. Isto é somente dito para explicar o ambiente mais denso, em contraposição ao mais refinado. Mas mais próximo à Terra o ambiente realmente parece, para os que acabaram de chegar, muito mais material, porque ainda não aprenderam completamente a grande mudança que lhes sobreveio em seu estado subjetivo. O novo estado responde ao seu novo ambiente tão naturalmente que, até que comecem a fazer novas coisas, não percebem quão mais responsivas que as da Terra são as substâncias básicas daquela esfera à qual acabaram de chegar. Eles encontrarão isso então, e muito frequentemente com choque, como criança e fogo.

Mas, por umas três esferas próximas à terra, as condições são bem misturadas e somente à medida que se avance é que vai se encontrar mais harmonia entre os membros de uma esfera, e isto quanto mais e mais alto se subir.

Na Esfera Três, portanto, há lugares que, respondendo aos que têm vontades mais harmonizadas com a Unidade Central que outros, são mais belos por causa desta resposta. Também vale o inverso.

Agora, meu filho, vocês, população da Terra, têm estado preocupados nas últimas gerações em classificar pessoas como boas, aquelas que vão para os céus, e como más, as que vão para os infernos. Mas pense. Se estas duas regiões são encontradas ali, e nenhuma outra mais, onde fica a terra em relação a estas duas?

Digo-lhe que a Terra nem é céu nem é inferno no total, mas tem em si algo de ambos. E isto já lhe falei nas mensagens anteriores. Nós aqui, olhando para seus corações, achamos que há algo mais próximo que tudo do céu, e outras que são completamente do inferno, e outras que são meio a meio. É assim, portanto, nestas três primeiras esferas do Espírito.

Não há limites marcantes para os infernos. A descida para lá é gradual, e no caminho são encontradas pessoas de todos os graus de baixezas.

Assim, tendo dito a você algo da Esfera Três e sua espantosa constituição, posso, continuando, expor a você alguns dos acontecimentos que testemunhamos ali. E isto será feito através de seu próximo bom serviço de escrever por mim, meu filho.

III - O RESULTADO DE UMA TRAGÉDIA NA TERRA

Quarta, 3 de novembro de 1920.

Tenha em mente o que escrevi com sua mão nestas duas últimas vezes, meu filho, e interprete o que resultou na linguagem que lhe dispus.

Arrependimento é, nem mais nem menos, um reajustamento da personalidade ao seu novo ambiente. É verdadeiramente científico. Mas na ciência do Espírito - sim, e toda ciência é espiritual - aqui entra outro fator que marca com o mesmo selo: livre arbítrio. Isto faz a recompensa da evolução valer bastante o risco, pois eleva aquele que consegue para um nível mais alto, e a subida é frequentemente muito íngreme, e muito cercada de perigos.

Eu estava perto da fronteira entre as Esferas Três e Dois. Determinaram-me para que observasse ali a chegada de alguns a quem eu poderia ser benéfico.

Agora, nestas esferas mais baixas, nós, socorristas, raramente chegamos visíveis, como fazemos naquelas esferas que são um pouco mais elevadas em grau. Podemos fazer melhor o nosso trabalho desta maneira. Por isso fiquei ali, sem ser visto.

Era um agradável caminho naquela região, com grama, árvores e canteiros de flores, não luxuriantes, mas bem repousantes.

Um desvio saía da lateral florida em direção aos planos mais baixos da Esfera Dois, e mergulhava abruptamente algumas jardas além da encosta; depois mais abruptamente ainda, atingindo o vale embaixo onde, como era visto desta elevação, estava escuro e nublado.

Invisível, portanto, fiquei nesta encosta perto do final deste desvio, porque eu já conhecia um dos que deviam chegar lá de baixo até este

caminho. Uma longa distância, em cada lado, era de precipícios. Aqui só havia caminhos bem difíceis de se achar apoios para os pés.

Logo vi aquele a quem fui mandado até aqui ajudar. Ele era um homem que escalou vagarosamente e com muito esforço, parando para descansar muitas vezes nesta subida.

Fiquei ali e o analisei. Ele havia passado da vida terrena na meia idade. Foi para um dos infernos e trilhou seu caminho para frente dolorosamente, até que alcançou este lugar escuro. O magnetismo que o envolvia era remorso pelo que fez de errado, e amor por alguém que passara para cá um pouco antes que ele. Esta pessoa, louca por tanta angústia, jogou-se nas águas, e sua vida saiu dela. Ela veio então para a Esfera Um, mas foi especialmente guardada, já que havia sofrido muito nas mãos dele, e logo estava apta para direcionar sua mente para um avanço em direção à luz.

Eu o observei, enquanto ele parava para descansar um pouco. Semicerrou seus olhos e olhava firmemente para cima, e vi que estava procurando esta mulher. Ela sentou- se no topo da encosta e ele, ao olhar para cima, viu seu perfil. Mas ela não o viu porque, do lugar onde ela estava, a forma menos evoluída dele seria muito escura para que ela o enxergasse. E entre as rochas do local ele se moveu; para ela, ele estava quase invisível.

Eu vi que havia em seu rosto uma certa ânsia, um olhar de amor e piedade e tristeza. Sim, havia alguma evidência de um aumento de bondade nele agora. Assim ele se dirigiu em direção a ela, e pude ver um pedido de perdão em seus lábios. Então algo aconteceu.

Ao longo da estrada abaixo da encosta, vinham duas pessoas. Uma era uma mulher de muito brilho e a outra, um menino de uns dez ou doze verões, era de uma forma ainda mais etérea. Eles pararam a um boa distância e a mulher largou a mão dele. Então o vi tomar um aspecto mais sólido e, quando ele assumiu a visibilidade completa, veio correndo pela

estrada até a garota e, arremessando-se, ajoelhou-se e envolveu-a com seus braços e beijou sua face. Ela olhava espantada para tudo, em dúvida do que poderia significar. Ela retomou a posição de seus ombros e olhou para o rosto dele, e gritou apavorada. Mas, num impulso de grande amor, lançou de lado seu medo e, aconchegando-o para mais perto em seu colo, começou a chorar.

Finalmente ele disse: "Não, minha mamãe, não chore assim. Tudo foi dito para mim, minha mamãe, e sei que não foi por sua mão que fui lançado da terra para cá, nestes reinos espirituais. Foi muito mau que ele tivesse feito isso. E isso, querida mamãe, é apenas um de seus vários pecados. Mas você, eu e meu anjo vamos ajudá-lo, mamãe, e em um longo tempo, talvez ele venha até aqui, bom e bonito, querida, como outros já fizeram antes".

Mas ela ainda lamentava com a cabeça em seus joelhos, agora envergonhada e em grande tristeza. Então ele, libertando-se, olhou em torno de si. Justamente acima de onde ela estava sentada, havia uma árvore florida. Então ele ficou em pé na encosta e, espichando-se, colheu um lindo ramo de flores. Teceu-o numa grinalda e, indo até sua mãe, beijou-a nos cabelos e circundou o beijo com a coroa de flores.

Quando o menino ficou em pé no topo da encosta, o homem viu-o pela primeira vez. Observou-o muito curiosamente. Parecia atento a alguma afinidade com o garoto que ele não podia definir bem. Mas quando viu o garoto beijar sua mãe e coroá-la com flores, sua dúvida foi dissipada rapidamente e sem muito esforço de sua parte. Um olhar de horror e medo desvairado dominou-o, sua face ficou lívida e ele, em colapso, caiu morro abaixo. Ele bateu nas pedras, uma após outra, e finalmente jazia inerte e imóvel no fim do caminho onde a neblina chegava. E onde ele caiu, ela tornou-se mais densa que em outros lugares, atraída na direção dele pelas condições do espírito. Eu sabia que seria um homem difícil de se lidar, já que em seu medo vi um repentino ódio acrescentado.

A garota não o viu, nem o menino. Quando o homem gritou, ela ficou quieta por instantes para escutar, como se estivesse escutando alguns ecos abafados e distantes. Mas ela não fez nada mais que isso.

Assim, o menino estendeu suas mãos para ela e convidou-a a levantar-se e vir com ele para uma clareira, em algum lugar mais bonito que qualquer um por ali. Então ela foi com ele, e eles se aproximaram da mulher mais velha.

Ela havia visto tudo a que eu assistira. Ela viu o homem subindo e o viu cair. Notei isso em seus olhos, havendo lágrimas de piedade onde antes brilharam pérolas de amor, e ela suspirou pelas memórias de ontem que se derreteram na luz do amanhã.

Eu notei o quão bela ela ficou com a doce saudade daqueles espíritos puros que sofreram tanto e pecaram pouco. Ela havia passado para cá vinda da terra uns quinze anos antes que o menino, o qual cresceu na vida espiritual, chegando da Terra bebê, mal tendo dado meia dúzia de suspiros, lançado para cá pelas mãos de um assassino.

À medida que ela ficou mais visível, ao tomar as condições da Esfera Três, a moça chegou mais perto. Quando viu a mulher, ficou muito pálida e, ajoelhando-se, encostou sua cabeça no chão soluçando se cessar. Sua linda cabeça ruiva abaixou-se e foi de encontro a ela e percebi então que o menino, e também o homem, tinham a mesma cor de cabelos. Mas a mulher mais velha tinha-os castanhos, muito belos.

Bem, isto não era de minha conta. Eles poderiam fazer o que tinham que fazer, sozinhos.

Desci ao vale onde o homem ainda jazia em estupor. Não o levantei, mas carreguei-o a um lugar de repouso onde, quando estivesse descansado, ser-lhe-ia dada sua próxima tarefa a cumprir. Esta tarefa seria eliminar toda mancha de si e o ódio de seu coração, e preenchê-lo novamente com humildade. Isto levaria um longo, longo tempo. Pois quando um homem

odeia quando devia penitenciar-se e clamar por piedade, bem, é uma situação angustiosa de muito arrependimento a se alcançar, e difícil de consertar. Ele fará isso; terá que fazê-lo antes que se movimente para cima mais uma vez. Mas levará muitos e muitos anos ainda.

Suponho, Arnel, que você e a mulher mais velha podiam vê-lo quando ele caiu, porque eram ambos de uma esfera mais alta que a moça?

Do que a moça mais jovem, que ainda era da esfera Três. É assim, meu filho. Mas eu lhe dei duas mensagens antes desta de hoje, como Chave para tais detalhes como este. Sim, a mulher mais velha e eu tínhamos um campo de visão mais amplo, em correspondência com o ambiente que a mulher mais jovem, ou o menino que naquela hora estava condicionado para a Esfera Três. E o homem, claro, tinha o menor campo de qualquer um de nós.

Quinta, 4 de novembro de 1920.

Havia um brilho jovial nas águas que ondulavam gentilmente como ouro líquido. O bater das ondas na areia era macio e repousante como beijos de uma criança sonolenta na mão de sua mãe enquanto ela lhe canta canções de ninar. Tudo era repouso, e o ar parecia exalar suspiros de ternura. Verdadeiramente, sabíamos, aqui neste plano, como tais coisas como estas realmente respondiam às presenças benignas, que das esferas acima enviavam para baixo, para informá-los com sua influência ativa.

Um pouco afastado da orla estava uma floresta. Ela se estendia para o interior por muitas milhas. Mas aqui havia uma alameda entre as árvores que saía da costa indo para uma ampla clareira onde estavam muitas casas. Elas estavam todas em seus próprios jardins, e algumas eram muito grandes, mas a maioria era de pequenos chalés. Mas, pequenas ou grandes, quase todas estavam numa encosta com um terraço à frente, e as águas ali deslizavam plácidas. Era uma colônia muito linda, e sobre ela pairava um

senso de retiro, um descanso que envolveria em paz os corações cansados. Para cá realmente acorriam pessoas para repousarem e, tendo ali absorvido vitalidade e recuperado algum equilíbrio, saíam pela doce clareira uma vez mais em direção aos seus compromissos.

Nosso grupo havia chegado de uma longa jornada, pois isto estava nas regiões mais brilhantes da esfera Quatro. Eu, tendo conduzido o homem aos seus guardiães na esfera Dois, vim no encalço deles e cheguei na clareira da floresta quando eles vinham pela alameda da costa.

Fui até a mulher e cumprimentei-a. Disse, "Então aqui nos encontramos, boa Ladena, e penso que foi bem na hora. Iremos, se for do seu gosto e do deles, para o final da clareira para olhar a casa, e então voltar para a costa para cumprimentar o jovem James, pois penso que já está chegando no nosso alcance de visão".

Assim fomos até a casa. Não era das mais amplas, nem das menores. A arcada era quase escondida por flores de muitas cores e formas que cresciam em ramos sobre ela. Era uma das mais lindas abóbadas dali, e dava uma visão de frescor que expressava a vitalidade do proprietário.

Então nos voltamos e seguimos pela alameda para a costa. Aqui chegando, nosso pequeno amigo Habdi gritou de alegria e, puxando a saia da jovem mulher gritava, "Ali ele está, minha mamãe. Veja, sua vela está enfunada mas nenhum vento há nestas paragens, e contudo ele chega com muita velocidade, mamãe, como sempre o faz".

"E quem é ele que vem, Habdi?" inquiriu a garota.

"É James, querida mamãe, e ninguém mais que ele, que vem a nós. Ele vem, muito frequentemente, mamãe. E todas as pessoas daqui ficam muito felizes quando ele chega, porque ele é muito bondoso e de grande poder para ajudá-los, e está sempre procurando prestar serviços em sua companhia".

"Ele é um anjo, Habdi?" ela perguntou.

O menino encarou-a perplexo. Você entenderá, meu filho, que as palavras aqui não são tão importantes quanto o significado atado a elas. É a palavra íntima, isto é, o significado traduzindo as palavras faladas que imprimem em nossos ouvidos, não somente a forma da palavra em si. A moça havia trazido com ela da Terra suas próprias ideias daquilo que um anjo deveria ser, e isto foi o que deixou perplexo o garoto.

Mas ele logo conferiu o significado que ela dera, e respondeu, "Ele é jovem em idade, minha mamãe, e chegou a ser espírito depois de mim. Mas ele já era um anjo, ainda na vida terrena, pois ele foi muito bom, e muito bravo em fazer grandes sacrifícios por amor. Por isso, quando ele chegou aqui, ele progrediu rapidamente, querida mamãe".

E nesta hora a face do menino ficou tomada de uma ternura profunda e uma grave reverência, e ele acrescentou, "Mas eu o amo muito e ele me ama muito também, minha mãe, e ele fala comigo e me diz coisas".

"De que coisas, Habdi, ele lhe fala, querido?"

"De muitas coisas, mamãe. Ele me fala sobre o Cristo e os do Cristo acima de tudo, porque ele diz que temos nossas faces voltadas para lá, e devemos saber muito deles, o quanto possamos, para andarmos na estrada à frente com firmeza e direção segura. Então ele me diz que os corações das árvores trabalham para uma árvore ser verde e outra marrom, e uma reta e outra ampla. E algumas vezes, minha mamãe, ele me fala de você".

"De mim? Habdi querido, o que está me dizendo, minha criança!"

"Oh, mas claro, minha mamãe, ele sabe de muitas coisas sobre muitas pessoas, mais do que as pessoas desta esfera sabem. E por isso ele sabe de você também".

"Mas ele conhece todo mundo da Terra e seus compromissos?"

"Nunca pensei nisto desta maneira", respondeu o menino, hesitando. E então ele continuou, mais vagarosa e pensativamente. "Penso, querida mamãe, que é porque ele ama seu pequeno amigo Habdi, e você é a mamãe

de Habdi. James me ama muito bondosamente, querida, e ele e Ladena ensinaram-me como amar você também. Há muito amor nestes reinos, querida, mais do que na vida terrena; eles me disseram isso. Em algumas partes eles não amam muito, mas estes estão distantes além das montanhas, e estas pobres pessoas não podem chegar até aqui, a esta região. Ladena ama você, mamãe. E James está chegando, e ele vai amá-la porque você algumas vezes chora, e você é gentil comigo, e você é linda - mas você ainda não é tão linda quanto Ladena ainda, mamãe, ou é?"

Em resposta, ela parou e beijou-o nas sobrancelhas, onde seus lindos cachos de cabelos chegavam aqui e ali em sua pele clara e brilhante como mármore. Então eu intervim e disse, "Bem, Habdi, meu pequeno filho, sua galanteria não lhe foi ensinada na terra, e não há nada pior que aquilo deveras. Mas agora devemos ir para a costa, a fim de nos encontrarmos com James, ou ele vai desencontrar de nós, e então nos repreenderemos uns aos outros pela nossa demora".

E desta forma fomos embora. Ele havia acabado de encostar o barco na praia, e veio diretamente para nós, que o esperávamos embaixo da arcada da alameda da floresta.

Seu passo era firme e constante. Seu corpo era esguio, mas muito poderoso, e balançava relaxadamente conforme movimentava-se para frente. Seus cabelos eram castanhos escuros e seus olhos eram quase violeta em sua cor profunda. Realmente era muito bonito.

O que o garoto havia dito dele era verdadeiro. Ele era recém-chegado à vida espiritual, da forma como a medida de serviço vale nestes reinos. Mas ele era uma das grandes almas, tão pouco discernidos entre as rudezas e turbulências da terra, e que passam para cá para serem avaliados em seu completo merecimento. Eles podem fazer muito pouco do que os homens podem considerar realização. Mas a terra deve a espíritos como esses, muito mais do que sabem seus residentes.

Assim, quando ele chegou aqui, aceleradamente foi elevado à esfera Sete, que era seu próprio lugar. Ali ele tomou conhecimento das coisas e logo requisitou que lhe fosse dado trabalho perto da terra, entre aqueles que estivessem atribulados em suas condições.

Ele raciocinou que poucos agem assim, rapidamente avançando para uma esfera tão alta como a dele e, quando chegam para cá, muito do contato com a terra fica perdido para eles, e a terra em si fica parecendo um outro período. Mas a ele, tendo absorvido em si os poderes inerentes da Esfera Sete, eram recentes ainda os alcances de pensamento da terra, e os tempos na terra ainda não tinham mudado, pois ele tinha apenas há alguns meses feito sua travessia, e neste tempo subira para aquele alto plano. Então, ele trazia todas estas qualidades para ajudar, a serviço de sua gente ainda encarnada. E uma em especial, ele não poderia deixar para trás: a garota Mervyn.

A jovem mamãe?

Ela mesma. Não lhe dou os nomes terrenos aqui. Sem dúvida não achei necessário investigar quais seriam, e estes servirão muito bem.

Então, isto era o que eu devia falar sobre ele, por agora. Nesta Esfera Quatro, ele tinha um posto onde cumpria suas obrigações quando estas o levavam para estas paragens. Muitas vezes, em seu caminho a estas regiões mais próximas da terra, ele parava em uma casa ou outra nas esferas intervenientes, já que ele tinha uma casa em cada uma das esferas, da Sete até a Quatro. Desta última, ele fazia suas saídas para os infernos, mas não residia ali.

Faça suas perguntas agora, meu filho. Eu as vejo em sua mente.

Como o barco andava, já que não havia vento?

Ele tinha uma instalação de velas. A vela não era a propósito do vento, mas como uma tela. Nela, a corrente do poder da vontade é dirigida pelo velejador, e a tela, estando em oposição, move o barco para a frente. Esta é

a melhor maneira que encontro para lhe dizer disso. O processo é um dos mais usados naquela esfera. Há outros. Algumas vezes, em lugares mais rudes, há vento. Mas não é frequentemente usado para a locomoção.

Há quanto tempo James e o menino se conheciam?

James viera para cá quatro anos depois da garota. Habdi, alguns meses antes dela. Foi o conhecimento da forma da morte dele que acelerou a chegada dela para cá. Tudo foi escondido dela naquele momento. Mas ela descobriu, e isto a desvairou.

James, como lhe disse, foi quase direto para a Esfera Sete. A garota Marvyn permaneceu longo tempo na esfera Um, e mais ainda na Dois. Ele a ajudava através de Ladena, até que ela pudesse encontrá-lo na metade do caminho, a saber, na Esfera Quatro. Antes disso, ele não poderia lidar com ela como ele gostaria. Ele a amara muito na vida terrena. Então a sombra desceu sobre ela. Ele não sabia por quem a sombra foi lançada. Mas ela esfriou pela necessidade, apesar de que seu coração estava partido por amor a ele ainda. É melhor não prolongar mais, meu filho. É uma das muitas tragédias da vida que aguardam um foco de luz destas esferas. Isto é onde o inferno está localizado para muitos, mesmo dentro dos raios da luz que, sendo para eles como escuridão, mesmo assim mostram cada mácula e cada vergonha secreta e pensamentos doentios. Pois nada aqui pode ser escondido. Você sabe de que forma Ele disse, "Por causa das más ações eles odeiam a luz".

Luz e Deus, meu filho, estão próximas aqui.

A casa na clareira, que mostrou à garota, era a casa de James; acertei, Arnel?

Sim. Era a casa dele na Esfera Quatro, e as pessoas daquela colônia nunca estão completamente felizes quando a luz de sua presença não é vista ali. Disto direi mais em seguida.

IV - DIAGNOSTICANDO RECÉM-CHEGADOS DA TERRA

Terça, 9 de novembro de 1920.

À medida que James chegava perto de nós, Mervyn observou-o com uma ansiedade cada vez maior, mesclada com perplexidade. E quando ela percebeu que este era realmente aquele em quem estava pensando, um olhar de medo cobriu sua face e ela se virou, envergonhada diante dele. Mas ele sorriu dando suas boas vindas para nós todos e, indo direto para a garota, colocou suas mãos em seus ombros e, gentilmente virando-a de volta, tomou-a em seus braços. Enquanto ela estava ali aninhada e lamentava sua longa angústia, não falavam, mas ficaram em silêncio, apoiados um no amor do outro, dando e recebendo em perfeito entendimento.

Então todos nós tomamos a alameda da floresta, e ele a conduzia pela mão e nós vínhamos atrás, em passos mais lentos, para a Casa de James.

Nenhuma palavra era dita, nenhum choro era ouvido nesta chegada. E, contudo, à medida que ele entrou pelo portal da casa dele, a clareira recebeu um e outro dos habitantes dali. Eles vinham para lá sorrindo ao afirmarem, respondendo a outros, que James estava em sua casa, e eles estavam felizes pela grande alegria de sua presença.

Ele se agruparam no espaço aberto e, enquanto ficaram ali olhando a casa, a intuição deles recebeu a confirmação. As paredes lentamente ficaram mais translúcidas e com uma radiação cintilante, emitindo em direção a eles no lado de fora, tocando a folhagem e as flores, e mesmo toda a atmosfera em torno da habitação, até que tudo brilhou com a luz de sua presença ali.

Ele saiu e foi em direção a um e a outro deles, perguntando de seu progresso, e de como evoluíra o assunto de sua última advertência a eles em

sua última vinda. Ele sabia das necessidades e das condições de cada um em geral, e todos ficavam felizes pela silenciosa energia e competência para progredir que irradiava dele a cada vez que vinha. Por isso eram cordiais e todos felizes, porque sabiam que ele tinha ido para lugares mais brilhantes na frente deles, portanto tinha o avanço deles também no coração.

Assim ele fez o que tinha a fazer e foi para o interior, para os que estavam nos locais onde era necessária a sua ajuda. Para estas jornadas Habdi sempre pedia permissão para acompanhá-lo, e frequentemente este benefício era concedido ao menino, para seu grande deleite. Mas Marvyn ficou dentro da casa, contente por descansar e receber as novidades quando eles voltassem. Ladena também estava por perto para conduzi-la em sua nova esfera de progresso. Ladena tinha muito trabalho nestas paragens onde ela e James faziam esforços mútuos para instruir as pessoas naquela região da Esfera Quatro.

Enquanto isso, retornei para perto de Wulfhere, para ajudá-la em suas difíceis tarefas, já que me cabia fazê-lo.

Um dia, sentei-me com ela no pátio central da Casa das Ordens. Era um local bastante agradável, escondido no meio do grupo de prédios que correspondiam a esta denominação. Era um parque todo ajardinado, como um pátio isolado das condições daquele local da Esfera Três, de uma forma que sabemos como usar aqui, quando necessário. Neste pátio, com suas agradáveis fontes, árvores, flores e gramado, o condicionamento era mais para o da Esfera Seis, na sua melhor parte, que o da Esfera Três. Para cá acorríamos quando um descanso, ou o silêncio para pensar, era necessário. E aqui éramos capazes de comungar mais efetivamente com a Esfera Quatro e adiante, e para nossas avaliações para a ajuda neste reino de certa forma tumultuado.

Agora vou tentar explicar o que se passou quando ali nos sentamos juntos, conversando de vez em quando entre os intervalos de silêncio

quando cada um fica ocupado em comungar com o reino que esteja nos chamando.

Finalmente eu disse, "Wulfhere, eu tenho conhecimento de que James está me chamando, mas não consigo entrar em sua mente. Você, talvez, poderia olhar para lá com sua visão?"

"Não", ela respondeu, "não consigo. Diga-me, Arnel, o que lhe parecem os pedidos dele?"

"Não acho que ele esteja precisando de algo; mais parece que ele está oferecendo sua ajuda, que ele sente que é necessária aqui. Também o menino Habdi está em seus pensamentos, para levá-lo com ele."

"Você disse para trazer o menino Habdi para cá, Arnel?"

"Parece que sinto isso, sem muita certeza."

"Se você estiver incerto, é porque ele não está requisitando, nem está com uma oferta definida, mas envia uma pergunta."

Então fiquei silencioso para escutar James, e então descobri que Wulfhere estava certa.

"É isso", disse a ela. "Ele não está oferecendo ajuda. Ele foi requisitado para que a ajuda dele fosse dada. Ela é definitivamente necessária. A do menino Habdi também. Sua indagação era, onde descerei na Esfera Três?"

Então ela respondeu, "Arnel, bom filho, fique quieto enquanto eu desvendo este assunto".

Depois de um tempo ela continuou, "Agora se faz claro para mim aquilo que me punha em dúvida um pouco antes de que você me falasse, Arnel. Eu estava arriscando uma resposta a um chamado de lá de baixo, mas não conseguia entender. Agora está tudo claro para mim. É Shonar quem me chama. Ele chamou, em primeiro lugar, além daqui, passando o recado através de nós para James, para que ele trouxesse o garoto. E ele nos chama para encontrarmos estes dois e ele próprio no limite desta Esfera, onde pessoalmente deliberará conosco sobre sua comissão. Envie sua palavra

para James, para que nos encontre no Porto Pedregoso. Bom. Agora vamos nós para lá. Este assunto tem realmente um quê de urgência".

O Porto Pedregoso era um lugar inóspito na fronteira extrema da Esfera Três. Havia muitas pedras grandes, e entre elas havia umas marcas ou algo que fez uma passagem irregular sobre a encosta da colina em direção à região abaixo. Era um lugar de certa forma escuro e de atmosfera pesada, com uma sensação depressiva de uma presença infeliz por ali.

Aqui chegamos, não pelas estradas nem pelas planícies, mas diretamente pelo ar. James também chegou, mas o menino não estava presente. A ele, Wulfhere dissera, "O que você acha, jovem amigo, que seja o propósito deste encontro?"

"Não sei", disse James, "não sei de nada, a não ser que o menino está nisso. Mas eu não o traria nestas condições. Deixei-o no jardim da Casa das Ordens".

"O comando para você veio de Shonar?"

"Sim, e era de alguma urgência".

"Assim penso eu, bom James. Quanto ao menino, você pode ter feito bem, ou não. Não posso dizer. Devemos esperar pela chegada de Shonar".

Logo vimos, distante na terra deserta da Esfera Dois, o movimento de pessoas. Vinham lentamente em nossa direção. Finalmente pararam no topo da colina onde estávamos; para fora da névoa saiu Shonar e, aproximando-se, ficou diante de nós.

Ele disse, "Eu agradeço a você, mamãe, e a você, meus amigos, por sua reposta tão gentil ao meu chamado. O assunto é este: Estas pessoas foram desencarnadas pelos seus opressores, e vieram da terra para cá atordoados e com violentos clamores de vingança em seus corações. Eu os fiz atordoados e então os puxei de lá. A maioria deles tem um sentido entorpecido do que lhes aconteceu antes de sua saída, e querem retornar para incitar seus compatriotas para atuarem em represália. Isto não pode ser. Não há lugar

naquele pobre país para mais sangue e ódio. O chão já está mais que saturado para absorvê-los. Levem estes para adiante, e eu retornarei, sem mais delongas por aqui, para o cenário de todo este horror. Ainda há algum trabalho diabólico ali, e sou necessário".

Por que você se vai, Shonar?" respondeu Wulfhere, com alguma severidade, e eu podia ver o espírito da velha loba brotando dela, dificilmente controlado.

"Por que são de mentalidade violenta e difíceis de controlar. Nenhum outro poderia tê-los trazido para tão longe além de sua atmosfera normal, e para este lugar, Wulfhere. Se permitir, minha mamãe, entrego-os para você. Você encontrará a força da coragem dos velhos tempos de que necessita a tarefa. Eu certifico a você disto. Aceita este trabalho?"

"Vou pegá-lo," disse ela, e eu vi as sobrancelhas largas dela levantando mas só um pouco, e sua cabeça parecia colocada um pouco mais firme entre seus ombros.

"Siga adiante, meu filho; eles precisam de nossa proteção pelos caminhos lá embaixo. Eu aqui, você lá, faremos tudo juntos e terminaremos também. Você fez bem, Shonar, em mandar sua comissão em direção a nós para James. E o menino, Shonar, foi uma boa ideia sua chamar o menino. Agora vá, e que o Grande Poder possa ajudá-lo, porque você precisa, e vejo isto em seus olhos."

Shonar estava muito tenso naquela hora. Cada fração de poder de dentro dele foi usado para a tarefa em curso. Ele não tinha nenhum para desperdiçar em palavras. Andou a passos largos até sua mãe, colocou suas poderosas mãos na cabeça dela, sobre seu lindo cabelo trançado, inclinou-a para sua direção, beijou-a onde era a risca dos cabelos e, levantando a mão em adeus para nós, os dois homens, foi embora colina abaixo, passando pela multidão que se movia desordenadamente, mas não se espalhava, apenas mantendo- se unida pelo desamparo. E assim partiu para a escuridão

ainda mais profunda além dali.

Wulfhere observou seu perfil até que não fosse mais visto, e murmurou, "Ah, eu já o vi assim em ocasiões anteriores. Será duro com seus adversários".

Quarta, 10 de novembro de 1920.

Enquanto isso ela ficou sentada numa pedra, em silêncio, profundamente imersa em pensamentos. Seus olhos nunca deixavam a massa de pessoas, indo a eles aqui e ali, e avaliando seu estado de espírito em geral, enquanto eles ondulavam como águas perturbadas por ventos de muitos quadrantes. Ali pairava sobre eles, e entre eles, uma nuvem de neblina na qual fluíam o vermelho e o verde escuro. Eu observava seu número, até onde eu podia vê-los naquela massa e na escuridão envolvente. Penso que eram perto de três mil homens, e duas mil e quinhentas mulheres, e umas mil crianças.

Eu, como Wulfhere, concentrei-me sobre suas mentes e finalmente cheguei a uma ideia do nosso problema. Em resumo era esse, como se apresentou a nós naquela hora:

Estas pessoas foram vilmente levadas à morte. Elas não eram altamente sintonizadas espiritualmente, exceto algumas delas. Se fossem acordadas repentinamente de seu estado de torpor, sua morte súbita e violenta seria arremessada contra eles, haveria uma explosão de raiva frenética da parte de três quartos deles. Isto envolveria os outros, e o resultado final seria um pânico e a deflagração do medo, atirando-os de volta para a cena do seu massacre. Ali chegados, eles, por sua vez, enfureceriam seus compatriotas ainda encarnados, e a matança seria por eles retomada, contra seus doentios contendores. Estes seriam vingados, e assim a horrível história de desgraça seria prolongada. Tínhamos nossos assuntos a tratar nesta trama. Nosso objetivo estava claramente demarcado para nós. Era prevenir esta

catástrofe. Mas os meios para tal fim não estavam claros. Cada uma destas vítimas era um ser de livre arbítrio. Livre arbítrio é sagrado, e não pode ser contestado. A cada um deles deve ser dada a oportunidade de escolher qual o caminho pelo qual seguiria, e o que faria. E esta escolha deve ser feita com pleno conhecimento do que se passa com ele e seus afins. Não podemos impedir tal escolha, e de jeito nenhum podemos defletir a sua linha de liberdade.

Tudo o que podíamos fazer seria assegurar que a escolha seria feita em condições favoráveis à sabedoria. No seu estado atual, estas pessoas não seriam capazes de usar seu raciocínio livremente, pois seriam cegados pela raiva e terror. Pois se estivessem completamente recuperados em seus domínios neste momento, as últimas emoções sentidas na carne quebrantariam o espírito, e a este distúrbio seria acrescentada sua surpresa por acharem-se em novo ambiente, um deserto onde se sentiriam perdidos e sentenciados à morte pela sede. Não entenderiam a mudança de estado. Então aquele arrebatamento de emoções profanas iria transferi-los rapidamente de volta para o plano da Terra que, causando estranheza, os apavoraria. Pois seria muito estranho a eles verem tudo, pela primeira vez, pelo lado do espírito. Contudo, sentiriam seus assassinos e todos os feitos que fizeram estas localidades tão conspurcadas. Isso resultaria em uma daquelas cenas infernais na terra que, atuadas por um apenas, ou por um grupo, tanto assustam os homens, de tempos em tempos, pela motivação, pela extensão da crueldade diabólica presente ali. Nós, deste lado, vemos a origem de tais acontecimentos.

Em seguida, eu lhe darei a forma pela qual amarramos esta besta, arreamos e deixamos na baia, onde poderia encontrar lazer em pensar nas coisas.

Eu transcrevi o problema em alguns detalhes, meu filho, porque servirá como chave para você em outros casos. Pela mesma razão, também serei

tão preciso quanto possível ao lhe passar minha narrativa da solução.

Wulfhere e eu levantamos nossos olhos juntos e olhamos um para o outro, inquirindo. Ambos vimos que, repentinamente, chegamos juntos à mesma ideia de como deveríamos começar. Eu anuí, e fui para James que, não tão iluminado neste assunto assombroso, tinha ficado à parte e estava observando a multidão à vontade. Eu disse a ele, "James, meu amigo, há um trabalho extenuante por aqui. Não deixe que se cometam erros, ou iniciaremos um desastre. Marque bem o que lhe digo, e esteja pronto para cumpri-lo, meu filho. Você entenderá melhor quando as coisas tomarem rumo.

"Vá, portanto, para a Casa das Ordens, mande para cá quinze pessoas de nosso grupo; eles saberão que composição o grupo deverá ter. Mande que venha com eles o garoto Habdi também.

"Vá depois até Ladena. Diga a ela para adequar as mentes das pessoas da clareira para servirem. Ela entenderá. Deus esteja com você, meu filho; nós estaremos por aqui a Seu serviço".

Pus minhas mãos sobre seus ombros, e ele olhou sério nos meus olhos e então, virando-se, foi velozmente para o alto, até o local de sua incumbência.

Logo chegou o grupo. Wulfhere viu que eu entendera seu pensamento e deixou que fizesse as ordenanças, enquanto ela usava todos seus poderes sobre a multidão de tal forma que nossos companheiros fossem capazes de cumprirem seu trabalho mais eficientemente.

Desta forma trabalhamos juntos, ela e eu, e o grupo funcionou como se fossem nossos dedos para desenrolarmos esta meada emaranhada. Eles eram sete homens e sete mulheres, e uma mulher para liderar, e Habdi.

Distribuí as tarefas e prontamente começaram a trabalhar.

A multidão lentamente começou a se recompor, até que tomou a forma de longas filas de homens e mulheres, por onde os socorristas passavam.

Wulfhere e eu nos sentamos perto um do outro, e lançamos nossa influência sobre as pessoas. Para este efeito: seus corpos começaram a tomar um aspecto semitransparente, e dentro deles podia ser vista uma réplica mental de seus corpos de carne recentemente arrebatados. Suas feridas eram vistas, a roupagem que usavam e seus ornamentos, e também a cena de onde exatamente haviam caído - cada detalhe de seu estado terreno na hora de sua passagem podia ser visto como fora registrado em suas mentes. Tudo foi avaliado pelo grupo e, feito isso, foram separados em grupos de acordo com a avaliação.

Então veio a tarefa de acordá-los, e para isso nós dois também enviamos nossas mentalizações. Puxamos as crianças e trouxemo-las para a colina, para um lugar ligeiramente distante, na Esfera Três. Aqui, rapidamente fizemos um cenário agradável para elas, tratando as condições do local de forma a neutralizar os males e potencializar os benefícios. Por isso foi feito um agradável e amplo prado cortado por um rio, e então banhamos tudo com a luz do sol. Mas somente aqueles para os quais nós preparamos o lugar veriam tudo daquela forma; de forma alguma alguém fora disto seria capaz de achá-lo, passaria ao largo sem ver tudo isto.

Por isso trouxemos as crianças e as acordamos. Primeiramente levantamos uma e levamos para Habdi, que o levou dali e mostrou as árvores e as flores, e respondeu suas perguntas. Quando este ficou à vontade, acordamos mais três. Então, gradualmente, nós os tínhamos todos acordados e à vontade, quase mil deles.

Quando tinham recuperado seus poderes e puderam pensar prazerosamente, perguntaram onde este lugar estava situado, como tinham chegado ali, e onde estavam seus pais e seus outros entes queridos. Habdi, indo no meio deles, fez muito ao ajudá-los com seu sorriso e sua alegre sabedoria de menino. E ele, tendo se colocado como habitante daquela região que devia ser consultado para informações, ficou feliz pelo nosso

pedido de nos apresentar para as crianças. Nós, ao ganharmos a confiança deles, dissemos a eles que conhecíamos seus amigos e os traríamos para aquele lugar dentro em breve. Esta foi a fase inicial de nossas operações, mas estávamos bem contentes que tudo tivesse corrido tão bem. Mas as crianças são mais facilmente recompostas em tais circunstâncias, mais que os adultos. Esta era a nossa próxima obrigação, a que estava diante de nós, portanto, deixando-os ali aos cuidados de Habdi, voltamos ao Porto Pedregoso.

V - O POVO DA CLAREIRA

Quinta, 11 de novembro de 1920.

Voltamos agora nossas atenções sobre os milhares que estavam ou permaneceram na planície ao pé da montanha. Eu peguei os Sete homens e Ladena chegou para comandar as Sete mulheres socorristas. Nós percorremos as filas, para cima e para baixo, por um longo tempo. Estávamos testando-os e sondando para ver se encontraríamos alguns que servissem para o nosso propósito, aqueles em cujos corações não remanescera amargura demais. Estes, nós acordaríamos e conversaríamos com eles, e então os convidaríamos para nosso grupo, para nos ajudarem com a multidão. Mas eu não achei nenhum, exceto alguém que tinha sido pastor entre eles. Este eu despertei e levei-o à parte.

Mas Ladena conseguiu três mulheres, e mais tarde havia mais oito delas acrescentadas ao número dos selecionados de toda aquela multidão. Realmente era uma ocorrência lastimável, quando tanto ódio tomara conta de seus corações. Mas deve-se considerar um fator, meu filho, que era este: Estas pessoas estavam agora como estavam no momento de seu assassinato. Nós sabíamos que muitos, quando acordados em suas consciências, e quando lhes explicássemos o que lhes acontecera, sairiam de seu ódio desenfreado e tornariam sua mente mais amável. Mas o que nós não sabíamos era quais fariam isso e quais seriam mais renitentes. Esta era uma questão para se prever, e a nós era difícil de se prever sua linha de atividade mental e espiritual. O elemento problemático era o mesmo livre arbítrio que faz um homem de fato um homem, e o leva a cavaleiro da divindade. Isto foi deixado por agora, deverá esperar nossas operações mais leves. Voltamos com nosso grupo até Ladena, portanto, e a seguimos com sua busca mais promissora.

Primeiramente eu ajudei o pastor.

Como você o acordou, Arnel? O que ele fez quando foi acordado?

Ele estava sentado sobre um pequeno outeiro na planície, a cabeça nas mãos. Mais de uma vez ele levantara os olhos, mas eles lhe diziam pouco, estando mal focados sobre o ambiente. Ele suspirava sem saber e pensava estar dormindo, sonhando, e que acordaria logo. Ele não errou muito nisto.

Fiquei diante dele e emiti minha vontade numa corrente sobre a dele, meus companheiros ajudando-me. Num instante ele acordou e espichou seus braços para cima, e suspirou mais de uma vez. Olhamos então para seus olhos, e os seguramos pelo menos nos nossos. Vagarosamente ele chegou ao foco, então uma carranca surgiu em seu rosto gracioso, e num instante, estando completamente acordado, veio em nossa direção e dirigiu-se a nós.

Ele disse, "Peço que me perdoem, senhores, dormi por um pouco. Mas - pouco sei - sim, realmente dormi, mas nem aqui estava - não creio, senhores, que sejam da companhia daqueles outros. Vieram em meu socorro, senhor? Estou algo confuso..."

Ele interrompeu-se abruptamente, pois viu os milhares de seus compatriotas contemporâneos deitados, quase desacordados, alguns intranquilos, alguns andando vagarosamente umas poucas jardas e novamente sentando para fecharem seus olhos em torpor.

Ele olhou para eles, firmemente e destemido. Era um nobre companheiro, e muito me regozijei pois logo seria um de nossos companheiros. Ele disse, "Agora isto volta para mim. Meus pobres companheiros e meu povo. Deus os ajude a suportar, como eu os aconselhei tanto a fazerem; a suportarem, pobres ovelhas, e perdoarem. Mas como vocês," ele continuou, apontando para nós novamente; e parou, continuando mais vagarosamente, "E contudo vocês não parecem os que nos fizeram este desserviço, nem há qualquer arma à vista em suas mãos".

Então respondi a ele, "Não, nem temos nenhuma conosco. Senhor, vejo que já entendeu seu atual estado, que passou através da porta da morte." Ele anuiu. "Vejo que é de uma ordem religiosa".

"Pastor e bispo, mas isto não é nada".

“Você, com estes de seu rebanho, foi morto por seus inimigos. Você perdoou estes inimigos".

"Tudo isso é verdadeiro, senhor, porque fiz disto minha regra na outra vida, de perdoá-los diante de qualquer coisa que pudessem fazer a mim, convivendo sempre na presença de sua vontade doentia e intenções doentias. Mas, por obséquio, quem são vocês, senhores?"

"Somos anjos ministrantes numa busca muito difícil", eu disse, e contei-lhe toda nossa tarefa e nossos temores por aquela multidão. Este era uma grande alma, e ele rapidamente sentiu nossa seriedade, nosso objetivo e muitos detalhes, por intuição.

Então ele disse, "Posso ajudá-los nisso, se quiserem colocar-me a seu serviço e, ajudando vocês, estarei ajudando também aqueles pobres pequeninos; porque, senhores, são pouco mais que bebês, e vocês terão que ser pacientes com eles por serem assim".

Então fizemos um conselho, e ele foi, de fato, de muita valia para nós. Ele apontou um e outro que foram pastores e ministros; e então outro de seus compatriotas a quem ele sabia ser de bom coração. Também nos mostrou quais eram mais perigosos e truculentos - estes eram uns setecentos, e de todos, novamente no mesmo número, os que eram do sacerdócio.

Os mais espiritualizados nós acordamos um por um, e eles falou com eles, explicando-lhes com muita paciência tudo o que havia acontecido e como eles poderiam ajudar os outros da melhor maneira. Então os agrupamos de lado para descansarem um pouco.

Ladena, enquanto isso, lidou com as mulheres da mesma maneira.

Primeiramente, ela separou aquelas que tinham filhos, e levou-as para o prado onde eles estavam começando a se acostumar, sentindo-se mais à vontade.

Aqui as mulheres acharam o que fazer, tendo tempo para aconchegarem e cuidarem de seus bebês. E assim Ladena deixou-as, e voltou para o próximo grupo, na sequência. Assim tudo continuou até que tínhamos reduzido aquelas filas às setecentas almas violentas, e duas vezes isso daqueles que era difícil de se considerar: eram os incertos. Destes, umas cinquenta eram mulheres.

Dos acordados, nós ajuntamos um grupo de cento e oitenta homens e vinte e três mulheres que nos ajudariam no trabalho. Os outros não eram fortes de coração. À sua frente colocamos o Bispo e um Vereador, seu amigo e protetor na vida terrena, e conduzimos este grupo através dos dois.

Mas tínhamos uma dificuldade. Ali estavam aqueles mais violentos, dormindo. Eles deviam ser acordados. Mas temíamos fazer isso com eles, pois sabíamos que uma explosão de violência entre eles poderia ser calamitosa. Conversamos muito, e meus companheiros da casa de Ordens e estes recém chegados da terra não achavam uma saída para isso. Então ficamos em silêncio para pensarmos. Conforme nos sentamos assim, veio de uma pequena distância uma voz profunda e alta, mas muito forte e cheia de melodia, "Que lição você aprendeu com o Cristo Criança, meu filho Arnel?"

Fiquei de pé e olhei em torno. Lá na encosta da montanha sentava-se Wulfhere, da forma como eu a vira antes, tranquila e composta, como podia ver, pronta para agir. Seu queixo estava em suas mãos, cotovelo na coxa, olhos diretos nos meus, sondando-me.

Quando olhei para ela, da cena do Hall dos Pilares (*"As Crianças do Céu", capítulo IX*) veio a visão em minha mente, e na Clareira, e na Rotunda de onde as crianças tinham partido para a Cidade. E suspirei muito fundo pelo

contraste entre estas cenas tão doces e esta. Mas soube finalmente a resposta que Wulfhere esperava, e dei-a: "Uma criança os conduzirá, como disse o velho profeta. Sim, em todas estas ocasiões com as crianças, foi a Criança que veio na frente".

"Não conheço seu profeta, Arnel. Mas ele falou a verdade. Cuide deste ensinamento - do ensinamento da Criança".

"Ele os liderou pela doce beleza de Seu amor", eu disse, ainda buscando a maneira pela qual ela aplicaria este princípio neste caso em andamento.

"Ele assim fez", ela respondeu, "Sim, ele assim os conduziu, enquanto eu perdi a arte de fazê-lo, tanto tempo atrás, pelo trabalho extenuante e violento como aquele ao qual eu e Shonar fomos enviados para cumprirmos. Mas vem do meu coração o que minha mente dificilmente admitiria, isto é, que a suavidade da liderança de uma criança é mais evidente para mim, em sua força impulsora, que para você, bom Arnel. Porque, veja, esta é a solução para seu problema, e você não a acha, meu filho".

Então fui em direção a ela colina acima e, ficando perto dela, disse, "Mas Wulfhere, não podemos evocar a Criança a estas partes. Sua alta sublimidade não se sustentaria nestas condições malignas".

"Mesmo nestes lugares, eu oraria por Sua doce Presença se fosse necessária. Mas tamanha coisa não é necessária agora. Há outro".

Repentinamente entendi o que ela queria dizer, e falei, "Habdi!"

"Ele será suficiente. Traga-o até aqui entre nós, e trataremos disso mais tarde, Arnel. Eu não chamaria por seu nome primeiramente, senão pensaria que sou irracional. Mas você tinha que chegar a isto, bom Arnel".

"Você acha que ele será forte o suficiente para estar a nosso serviço, Wulfhere?"

"Como lhe aconselhei antes, ele servirá."

Assim me apressei em buscar o menino Habdi e, chegando novamente

com alguma velocidade, coloquei-o diante dela.

Terça, 16 de novembro de 1920.

Com a ajuda daqueles melhores, voltamos às filas. Os que conheceram na vida terrena estes que ainda dormiam nos disseram o que sabiam, tanto quanto eram capazes, para somarmos suas características. Usamos este conhecimento para nos ajudar no diagnóstico. Por este meio pudemos agrupar umas centenas deles de melhores qualidades em um só lugar. Estes foram arrumados em círculo, e acordados até estarem em plena consciência.

Observamo-los bem de perto, ficando um tanto afastados, fora do círculo, invisíveis. Podíamos ler o processo mental de cada um, ao abrirem os olhos em seu novo ambiente. A ideia geral entre eles era de que seus inimigos os haviam transportado para o exílio, deixando-os neste tristonho local abandonado e, talvez, para padecerem de fome.

Realmente era este o tema de sua conversação quando quebraram o silêncio.

Mas um e outro, em seguida, caíram logo em silêncio. Era uma visão triste a que havia ali para eles verem.

No meio do círculo ficou o jovem menino, sozinho e aprumado. Ele sorria para eles e então, indo até um que ele considerou ter uma aparência mais inteligente que seus companheiros, disse, "Eu vou tratar o senhor com bondade, senhor, porque tem um olhar de ternura em seu rosto. Poderia me tratar agradavelmente, senhor, por favor?"

O homem olhou espantado para ele. Então levantou-se e ficou em guarda com alguma suspeita de deslealdade ou conspiração trazida da terra.

"Quem é você, jovem", disse ele, "que fala comigo tão audaciosamente? Você não é das nossas crianças. E você anda sozinho nestas paragens".

"Eu não sou precisamente destas paragens", respondeu o garoto Habdi, "Vivo a algumas léguas de distância. Mas de alguma forma me foi dado conhecer estas partes e, se puder ajudar aos que são estrangeiros aqui, isso

me daria muita alegria".

"Você tem segurança, menino, e não gosto disso nem um pouquinho. Mas o que acontece que você não teme a nós, homens rudes, já que está sozinho e é apenas uma criança?"

"Senhor, já lhes evidenciei alguma sabedoria, pois que cheguei ao que buscava e fiz com que me desse além disso".

"E o que é que buscava que eu lhe dei sem saber?"

"Eu queria achar o que havia em seu coração, se é duro ou bondoso, e sei agora que não é nem um nem outro, totalmente, mas ainda há alguma bondade a mais que ódio ali, e por esta razão eu vou favorecê-lo".

O homem, apesar de todo seu espanto e dos pensamentos amargos por causa do que passara recentemente nas mãos de seus companheiros, começou a rir.

Nesta hora ele disse, "E ainda, jovem, você aparenta ter algo de estranho, tem mesmo. Quem é você, e de que tribo é? Diga-me agora".

Habdi parou por instantes, mas não pediu nossa ajuda, nem nós mandamos. Finalmente ele respondeu, "Agora você não está sendo gentil somente, mas observador também. Talvez sejamos amigos algum dia, você e eu. Bem, senhor, dê-me sua mão e ficarei mais sábio ainda".

O homem deu sua mão sorrindo, e Habdi tomou-a em suas mãos firmemente. Num instante o olhar na face do homem mudou. Não era medo, nem dor, nem espanto, mas composto de tudo isso, um pouco de cada. Ele buscava, com alguma hesitação, puxar sua mão, mas não conseguia. Ainda Habdi segurava-a com seu olhar e, por seu turno agora, sorriu. E enquanto eles dois ficavam ali, o garoto gradualmente tomou uma aparência mais translúcida. Não atingiu o condicionamento à sua própria esfera, nem de nenhuma esfera além da qual estávamos. Mas efetivou uma transmutação parcial de seu corpo de tal forma que, ainda visível ao homem, aparecia mais radiante, mais frágil, e mesmo assim seu aperto era firme como no

início.

Então, lentamente, reassumiu sua condição e, ainda sorrindo, afrouxou seu aperto na mão do homem. O resto deles olhava para aquilo com a maior perplexidade.

Então Habdi falou a eles todos, e explanou-lhes completamente sobre o que lhes acontecera, disse-lhes onde estavam seus companheiros e as mulheres e as crianças, e convidou-os a segui-lo, já que ele os conduziria até ajuntarem-se aos demais.

Nem todos, mas quase todos foram com eles, porém alguns ficaram para trás. Estes logo caíram em torpor novamente, e vagaram de volta até os que deixáramos desacordados.

A próxima operação era a penúltima das filas. Vou contar-lhe agora.

Todas estas primeiras etapas ocuparam um considerável espaço de tempo de duração. Se eu fosse contar em termos terrestres de tempo, eu diria que duraram mais ou menos umas três semanas. Mas estes que foram salvos em primeiro lugar condicionaram- se rapidamente à sua nova vida, especialmente as crianças.

Agora tínhamos que tratar dos piores deles.

Novamente adotamos a formação circular, mas deixamos um espaço na direção da passagem onde ficavam as pedras na encosta de subida. Novamente Habdi ficou no meio, mas com ele estavam umas doze crianças do prado. Estas estavam bem felizes e brincavam o jogo de "Seguir o pato". Para dentro e para fora das pedras, eles ficaram em fila, rodeando o círculo. Os que dormiam não os atrapalhavam porque não estavam nas condições deles, e por isso não eram muito aparentes para as crianças, apesar de serem não totalmente invisíveis. Quero dizer que as crianças não podiam reconhecê-los se conhecessem algum deles, pois suas faces e formas ficaram, como devo dizer, sombreadas, e não com as características acuradamente delineadas. Isto é o mais próximo que posso trazer a você,

meu filho.

Então os acordamos. Esperei até que a crianças voltassem novamente a serem vistas num alegre andar de passinhos rápidos seguindo Habdi que, por sua vez, levou-os em volta do círculo, a poucos passos à frente dos homens. Na segunda volta, um deles, que estava observando as crianças muito cuidadosamente, piscou seus olhos pelas vibrações delas, que não estavam sintonizadas ao estado mais bruto deles, e chegou à conclusão que uma destas crianças realmente era sua. Então ele esticou a mão e pegou a criança em seus braços.

Repentinamente, ao contato, ele emitiu um grito, pela dor. Caiu ao chão e ficou ali olhando, selvagem e também temerosamente.

Você poderia explicar isto um pouco mais, senhor, se puder, por favor?

Quando você tem uma dor no corpo, ela é consequência de uma série de vibrações adentrando no cômputo da parte afetada que não está em concordância com o sistema de vibrações já estabelecidas ali. A nova série não combina nem com a velocidade nem com a qualidade das outras. Tanto a velocidade quanto a direção de seu movimento vibracional estão anormais. Obliteram também o fluido vital que seria coerente entre o corpo etéreo e o sangue. Há mais em matéria de dor física do que os homens de sua ciência já descobriram. E muito mais também do que acabei de lhe contar.

Muito bem. A ação entre o homem e a criança quanto a seus corpos, foi de certa forma da mesma natureza. O contato dos dois corpos foi doloroso a ele, porque o seu estava mais lento em vibração e não podia acomodar-se à corrente mais alta de vibrações que lhe foi imposta vinda do corpo do menino.

Mas se ele tivesse perdoado e fosse de coração bondoso, tudo teria saído bem?

Assim é, meu filho. O toque da criança teria agradado a ele, em vez de

lhe causar dor.

Bem, o fim disso foi que os outros acorreram em torno deles e quebraram o círculo para ver o que aconteceu ao seu companheiro neste desastre. Pois era o medo de um desastre o que lhes preenchia as mentes, como o ódio e a ânsia de vingança estavam em seus corações.

Agora fomos em frente, eu e o Bispo e o Vereador, deixando os outros nossos socorristas no meio das pedras. Nós puxamos as crianças, e o Vereador pediu silêncio. Ele explicou, como Habdi havia feito aos seus outros companheiros, de que forma haviam chegado ali, e seu atual estado.

Isto resultou numa explosão de perguntas dentre eles, enquanto arguiam sobre o tema. Alguns se ajuntariam a nós e permitiriam ser conduzidos pela nossa liderança. Outros partiriam e explorariam a região com seus próprios poderes. Outros nada fariam, a não ser voltar para a terra e procurar meios de se vingarem de seus invasores.

Então nós, com paciência, separamos todos em três grupos. O primeiro grupo, deixei com líderes de nossa companhia. O segundo, designei ao Bispo e ao Vereador. Eu disse aos dois, e a alguns poucos dos melhores, que me manteria em contato com eles enquanto vagassem, e que estaria com eles de vez em quando novamente, e poderíamos socorrê-los quando a necessidade aparecesse. Eles eram grandes e fortes almas, aqueles dois, meu filho. Farão um bom trabalho aqui, e penso que a terra vai senti-los ainda no curso de suas operações.

Tendo assim disposto estes dois grupos, aproximei-me dos restantes. Eles estavam amaldiçoando seus inimigos e uns aos outros, e estavam numa situação bem angustiosa.

Nenhuma mulher entre eles?

Mulheres, não poucas, e alguns pastores também. Não tenho gravado o número deles em minha mente. E pouco importa, ou pesquisaria em nossos arquivos para você. Sim, havia mulheres, e algumas eram mães cujos filhos

estavam esperando por elas no prado. Sentimos muito, meu filho. Talvez não se arrependam de sua loucura até que seus doces bebês estejam além de suas aspirações, bem nas esferas superiores, e fora de seu alcance. Ou talvez jamais desejem estes bebês para cuidarem até que tenham se passado eras. Nós deixaremos assim, meu filho. É, como digo, uma história triste para entristecer o coração de um anjo.

Então quando uns, menos que uma dúzia, tinham se apartado deles, e isto com alguma dificuldade, deixamos os restantes partirem. Mandamos um despacho para Shonar, para fazê-lo ciente de nossas atitudes e da chegada até a sua esfera de ação daqueles que não se arrependeram. Ele lidaria com eles ali, e quando tivessem praticado o que queriam, e tivessem feito a maldade que podiam sobre o plano da terra, eles gravitariam para seus próprios infernos, para joeirarem e refinarem. Alguns deles insistiriam em visitar a terra de vez em quando, e isto não pode ser admitido. Somente aqueles de mente semelhante à deles em termos de maldade é que podem ser atingidos por eles. Estes são os que fazem de sua terra um lugar de dor, meu filho, onde poderia ser um lugar agradável.

O que estava fazendo Wulfhere nesta hora, Arnel?

Ela, tendo feito o que podia, deixou-nos e foi primeiramente para o prado, e de lá para a Clareira. Uma seleção foi mandada para lá, um por um, e a colônia cresceu rapidamente, e a floresta tinia com os gritos das crianças; e elas e as mulheres e os homens foram escolarizados na nova vida, e suas leis e maravilhas.

As crianças de Barnabas[10], meu filho; você lembra das Crianças de Barnabas?

Sim, Arnel; oro por elas desde que me pediu para fazê-lo.

Deus esteja contigo, meu filho, você faz bem, saberá disso um dia. Ore por estas pessoas e assim um dia verá a alegria delas, como também terá a alegria de receber boas vindas do Povo de Barnabas por seus pensamentos

bondosos, meu filho. (*Veja volume III, "O Ministério do Céu".*)

VI - AS RELIGIÕES DA TERRA: Uma cena num leito de morte

Quarta, 17 de novembro de 1920.

Foi num tempo subsequente a estes eventos que acabo de lhe contar, que o Povo da Clareira foi agrupado para instruções. Foram misturados todos juntos e, sob a tutela bondosa e sábia de James, aprenderam a tolerar com boa vontade as diferenças entre eles, em termos de religiões, opiniões e costumes. Estas diferenças ainda remanesciam, e remanesceriam ainda por um tempo. Mas James buscou mostrar-lhes que eram muitas as grandes verdades que elas tinham em comum, e como as pequenas verdades deveriam aqui ser misturadas entre si, para então completarem-se em uma verdade maior. Assim a dimensão terrena passou, e deu lugar a um senso real de comunidade.

Mas nenhuma diferença foi ultrapassada. Foi encarada genialmente e com franqueza, e desta forma as pessoas encontravam muito prazer nestes encontros.

Agora James estava no terraço na frente de sua casa, e Habdi sentava-se nos degraus da frente, enquanto Ladena e Mervyn encostavam-se num lindo telhado que tomava a frente da casa.

Sim, meu filho, deste jeito, sim. Eu me encostei num dos pilares desta varanda, um pouco atrás e do lado esquerdo de James. Vou dar-lhe um episódio destes acontecimentos. James disse, "Penso que aquele homem ali tem algo que gostaria de nos dizer".

Ele apontou um homem a meio caminho da Clareira, que estava encostado num banco embaixo de uma árvore grande, no lado esquerdo da clareira, se olharmos do ponto onde estávamos para ver as pessoas.

Aquele que foi apontado estava um pouco hesitante, mas olhava para o

rosto bondoso do jovem líder e, levantou-se dizendo, "O que tenho em mente não é nada de importante, senhor. Queria fazer uma pergunta. Estive pesquisando por que fomos feitos tão diferentes que não somos capazes de, com o passar do tempo, entrar em concordância nestas diferenças todas, embora devêssemos ser competentes de vermos tudo de forma igualitária".

James estava quase respondendo quando uma leve pausa nos foi dada a todos. Desta forma. As árvores que estavam paradas começaram a vibrar e suas folhas balançaram, como se uma brisa estivesse atravessando a Clareira. Mas não havia brisa. Também as trepadeiras sobre as casas, e as casas em si tremeram levemente. Pela nossa roupa passaram tremores também, dando a impressão de que um passarinho passou voando por nós e encostou suavemente em nossos corpos com suas asas. Mais ainda, leves sombras de cores ondularam através do material de que foram feitas nossas roupas e então, vagarosamente, foram embora findando o tremor das casas, árvores e atmosfera. Então tudo ficou parado.

Foi uma agradável experiência, e fez nossos corpos formigarem com um vigor que era muito revitalizador. Mas muitos dali não entenderam. Nem nós os esclarecemos naquele momento. Em vez disso, acenei com a cabeça para James que olhava para mim, e sorri aquiescendo a seu pedido e então prossegui.

Eu disse, "Um homem decidiu limpar seu trecho de floresta para que pudesse construir uma casa neste novo local. E ele deveria fazer um jardim ali. Assim, chamou seus filhos e convocou-os para completarem o plantio do jardim com as árvores e plantas que escolheriam entre as mais proveitosas em frutos. Mas eles não entravam em acordo. Disse um, "Plantarei macieiras, pois a fruta é saudável e abundante". Disse o outro, 'Mas no inverno a fruta não é gostosa. Plantarei azevinho, o qual dará um aspecto alegre durante o ano inteiro". Disse o terceiro, 'Mas a fruta do azevinho não é saudável para ser comida. Plantarei couve, que é bom e

abundante na colheita".

Então todos foram ao pai e cada um expôs sua escolha. Mas ele não recomendou uma em detrimento das outras. Mandou que plantassem o jardim, cada um de acordo com sua vontade.

"E assim aconteceu que, ao final do ano, ele os chamou a todos, e disse, "O jardim foi plantado, meus filhos, e o jardim foi colhido. E percebi que quem plantou a maçã não desdenhou comer a couve em sua época. E o que plantou a couve não teve escrúpulos em admirar o azevinho quando a neve chegou. E quem plantou o azevinho ficou feliz com o cesto de couves e maçãs".

"Vocês agiram muito bem, cada um em sua própria forma. Mas eu demonstrei uma sabedoria mais amadurecida que a de qualquer um de vocês, por causa de minha idade. Pois, tivesse prevalecido de cada um de vocês a sua própria vontade, este teria plantado o jardim inteiro com a sua escolha. E, vejam, teríamos sentido falta de algo, da mesma forma que a cada um faltou plenitude de sabedoria. Eu aconselho, portanto, que depois disso ajudem-se uns aos outros, e plantem e colham juntos. Desta forma sentirão o trabalho mais leve ao ser executado, e, paralelamente, mais prazeroso".

"Assim, meus bons filhos, vocês também estão colocados aqui no jardim de seu jovem líder James, e não duvido que ele encontre prazer na variedade de suas ofertas vindas da comunidade em geral."

Fiz uma pausa e continuei.

"Vocês notaram um leve distúrbio vibrante momentos atrás, boa gente. Também percebi que vocês ficaram espantados e também agradados conforme aquilo passou por nós. Tocou-nos em cada um e a todos da mesma forma, como se estivéssemos unidos em coração e mentes. É assim quando por momentos aspiramos à nossa mais alta destinação. As coisas menores então se encaixam facilmente, e os elementos mais elevados de

dentro de nós palpitam em união e alegria, como foi vivido por nós há apenas pouco tempo atrás.

"Vocês não sabiam, minhas crianças, o que estava sendo enviado para nós naquela onda agradável de paz e boa vontade. Aqueles que plantaram o jardim enxergavam somente com visão parcial. O pai deles era capaz de visualizar o todo, da forma que funcionaria nas estações. Então foi o que vi, enquanto cada um de vocês plantou uma ou outra verdade neste jardim de almas, contudo, como num todo, vocês foram um jardim muito lucrativo e unido em suas aspirações mais profundas. Somente para tais grupos é que os altos anjos são capazes de enviar os raios brilhantes de seu amor e bênçãos.

"Então quando um grupo destes ministrantes brilhantes passou sobre a Clareira instantes atrás, todo o lugar, e vocês, foram capazes de receber da corrente de amor deles, quando eles pararam por momentos e olharam para baixo, e sorriram, e emanaram o doce orvalho de suas bênçãos sobre vocês, e continuaram a caminho da terra em alguma tarefa que tinham a cumprir.

"Tenham coragem, portanto, e continuem no caminho que iniciaram, e a Clareira brilhará conforme seu amor comunitário aumentar".

Quinta, 18 de novembro de 1920.

Estando terminada esta lição a estas crianças grandes, pois não eram nada mais que isso, fiquei observando-os com certo interesse misturado com prazer. Eles estavam discutindo as diversas visões que deveriam ser estudadas do tema sobre o qual lhes falei, e estavam muito atentos em seus argumentos. Parecia ser quase que uma nova luz para se ver as coisas, que outras pessoas de outros modos de pensar e praticar pudessem ter fé única em um Criador único. É estranho como estes que vieram para cá, mesmo no presente estágio, ainda estejam obcecados com a ideia de que todos os outros além deles mesmos estejam fora da trilha, e somente eles tenham o

amor pleno de Quem os criou.

Nós não tratamos do tema daquela maneira aqui e, contudo, veja bem, meu filho, não dizemos que todos os sistemas de fé sejam iguais. Não. Mas sabemos que de todos os atuais sistemas, alguns são fortes em um aspecto da verdade, e alguns fortes em outro, e nenhum tem, em si, a verdade total. Mas todos olham em direção ao único Trono Central de todos os Céus, e daquele Centro vem para eles todos os raios de sabedoria que fazem o mundo, no qual seu espaço está, apontar para um estudo muito interessante para nós, dos reinos espirituais.

Agora deixe-me seguir adiante desta forma:

Nós, apesar disso, não desdenhamos nenhum sistema de fé. Usamo-los todos, de acordo com o que poderiam ser de mais úteis uns aos outros. Assim foi que eu, que na vida terrena tentei buscar e achar o Cristo em Jesus, para amá-Lo e servi-Lo de alguma forma, cheguei aqui ainda apressado em indagar. Bem, continuei minha especulação e cheguei a saber d'Ele desta forma muito mais do que quando, ao achar que a ideia da terra a respeito d'Ele era falha e inadequada, recuei na minha jornada e retomei em outra direção. Não, fui advertido a continuar como havia começado desde que, mesmo ainda na terra, tinha sido quase um Cavaleiro errante correndo atrás da verdade, não tendo escrúpulos em desconsiderar aqueles que nos diziam ter um vicariato de Deus para guardar, para tratar das verdades da forma com que os homens de menor conteúdo espiritual eram capazes de recebê-la. Nisto foi onde investi furiosamente, meu filho. Ainda é assim que eu, embora de maior força e sabedoria, conduzo os pensamentos dos homens para um âmbito mais amplo. Eles chamavam a mim e aos meus amigos de heréticos. Mas o maior Herético de todos os tempos, eles reverenciavam como Cristo, enquanto a nós eles condenavam.

Mas não devo seguir mais adiante por este caminho.

Quando Habdi veio para cá, ele foi, em primeiro lugar, familiarizado

com a verdade de acordo com a faceta dela que se achava no Credo de seu batismo. Ele fora batizado como uma criança cristã, e foi instruído na fé como é transmitida aqui - não com seus erros, mas naquilo que tem de verdade. Assim ficou capacitado da melhor maneira para ajudar sua mãe quando ela para cá veio. Também ele foi melhor preparado para tratar com crianças como aquelas que foram colocadas a seu encargo em seu recente nascimento para a vida espiritual. E naquilo sobre o que vou contar agora.

Enquanto eu estava ali parado, chegou uma mensagem para mim. Escutei atentamente porque havia alguma insistência na maneira pela qual chegava a mim. Vinha da parte do mesmo grupo de viajantes angélicos que tinham acabado de passar sobre a Clareira, de quem lhe falei. Eles estavam me chamando para ir, e trazer o garoto Habdi comigo, para o serviço.

Então fomos sem delongas e chegamos a eles onde estavam reunidos, sobre a cama de uma garotinha. Ela tinha uns seis verões. Eu podia ver que ela estava quase por vir para este lado. A casa era de um homem de situação moderada. Não era rico, pois trabalhava para obter o pão. Quando cheguei ali, o quarto estava cheio de luzes de muitas cores.

Você quer dizer luzes espirituais, é claro...

Falo como aparecia para nós deste lado. Sim, eram luzes espirituais, como você conhece. Mas não vinham todas de nós, os desencarnados. Parte daquela iluminação era gerada pelo pai e pela mãe da criança. Examinei estas luzes cuidadosamente. Por elas, eu li estas duas pessoas. Havia umas poucas faixas de embotamento em suas auras. A mulher não era tão espiritualizada quanto o homem. Mas ambos eram boas pessoas. Somente, à medida que a criança ficou mais fraca e eles começaram a entender que ela estava escorregando de suas mãos, ali formaram-se sobre eles colorações mais sombrias, e a irradiação ficou mais escurecida. Sua fé começou a diminuir um pouco, sua fé na divindade de Deus.

Eles eram almas sérias, entretanto, e por isso estes seres elevados

desceram para ajudá-los nesta hora difícil.

Eles eram um homem e duas mulheres, aconchegando a criança. Eles estavam ali para que tudo saísse bem com ela em sua passagem. A eles eu conduzi Habdi. O grupo que havia me chamado, enquanto isso, ficou de lado, concentrados sobre o homem e sua esposa, para ajudá-los.

Finalmente, a pequenina respirou profundamente, e não respirou mais. Enquanto isso, seu corpo espiritual elevou-se para fora do corpo de carne, e estava quase liberto. Assim as duas ajudantes tomaram-na em seus braços e deixaram-na descansar por alguns minutos. Então acordaram-na e Habdi veio, tomou-a pelas mãos e sorriu para ela, beijando sua testa e chamando-a alegremente. Logo ela sorriu em resposta e assim, mãos dadas, as duas crianças foram embora, o homem e as duas mulheres seguindo em sua esteira, e logo estavam na Casa de James na Clareira.

Quando o último suspiro profundo foi dado, os dois pais estavam quase se jogando sobre o corpo inerte e caindo em pranto, e talvez pronunciariam palavras amargas em seu tão doloroso pranto. Mas, em vez disso, a mulher pôs sua mão esquerda sobre seu peito e, voltando-se para trás, colocou sua mão direita sobre o ombro de seu marido, e olhou firmemente para um lugar sobre a cabeceira da cama, e um pouco à esquerda do centro de sua visão. Ali ela viu sua pequenina olhando avidamente para cima, para os olhos risonhos de um menino que parecia estar conversando com ela sobre uma coisa muito agradável de ser pensada. Ele vestia uma túnica cor de creme com um cinto de ouro, e a garota estava muito parecida com ele em sua roupagem. O garoto havia dado a ela um lindo ramo de flores brancas e azuis, as quais ela segurava com uma só mão, estando a outra segurando fortemente a de seu jovem companheiro para lhe dar força. Lentamente eles se foram, ele falando, ela sorrindo o mais lindo sorriso. Então, elevaram-se das laterais um homem e duas mulheres radiantemente vestidos que seguiam as crianças.

Isto foi o que a mãe viu e, ao ver a cena, ela não mais se sentiu com vontade de chorar. Apesar de lágrimas encherem seus olhos, elas não eram de tristeza totalmente, mas de uma alegria inesperada no meio da sensação de perda, para tingir tudo com misericórdia.

Então eu a vi virar-se para o marido e dizer, "Querido, você viu isso? "Ele a tomou em seus braços e a beijou, mas não respondeu nada. Foram até a cama e acariciaram o corpo de sua pequena. Ele nada respondeu até que isso estivesse terminado e tudo estivesse composto naquela hora.

Estavam sentados juntos na sala de visitas, quando ele disse, "Agora o que você viu, querida, quando nossa pequenina nos deixou? Percebi que você estava olhando muito intensamente para alguma coisa perto do travesseiro. O que era?"

Então ela lhe contou o que havia visto, e ele disse, "Bem, eu não vi aquilo. Mas pode valer pelo que experimentei. Enquanto você estava tão absorta com sua visão, senti uma forte brisa sobre mim. Não era como vento, mas uma espécie de influência - uma correnteza de influências, posso chamá-la assim. Parecia atravessar todo o meu ser e levar embora toda a amargura e sensação de perda. E escutei, ou parece que escutei, algumas vozes falando juntas. Um disse algo parecido com, "O garoto sabe bem a forma certa e não errará nisto. Deixaremos que ele a guie, e nós os seguiremos e os ajudaremos com nossos poderes na jornada." Era numa linguagem que não conheço, querida, mas mesmo assim entendi tudo bem claramente. Mas nada pude ver exceto uma nuvem esmaecida de luz, exatamente no lugar para onde você olhava. Pareceu primeiro formar-se onde estava nossa garota, então elevou-se acima da cama e flutuou para a esquerda, enquanto eu olhava para ela. Este é o lugar onde você viu sua visão, não é?"

"Sim, querido", respondeu ela, e agradeço a Deus por isso, porque se não tivesse me dado esta visão, não gosto nem de imaginar os maus

pensamentos que estaria pensando neste momento".

Então ela veio até ele e, ajoelhando-se perto da cadeira dele, colocou sua face contra seu peito e irrompeu em lágrimas. Eram um casal de mentalidade simples, aqueles dois, mais ainda, seu modo de vida foi tal que permitiu que estes anjos elevados viessem e servissem a eles. Eles realmente nem julgaram isso de pouca importância, como isso não estava em suas preocupações. Não, meu filho, nós não consideramos os assuntos maiores ou menores pela medida que os homens usam. Nós temos nossas próprias medidas, e são mais verdadeiras que as da terra.

VII - COMO UMA COLÔNIA PROGREDIU

Terça, 7 de dezembro de 1920.

De vez em quando visitava o pessoal do Bispo na selva, como prometi que faria. Uma vez James ia junto comigo, e em outra vez o garoto Habdi, ou outro qualquer. Isto também para ajudar, ou para instruir. Pois havia muito a aprender para estes estudantes naquela multidão heterogênea.

Então chegou uma ocasião em que vim a eles sozinho. A maioria deles, depois de muita inquietude e muito vagarem, chegaram a perceber que esta forma de vida levou-os a lugar algum à frente. Fizeram então um plebiscito e, como a maioria suficiente determinou, os dois líderes planejaram a instalação de uma colônia. Acharam uma planície aberta, com montanhas um pouco distantes, e um rio que vinha das colinas e atravessava o vale. Começaram a construir edificações rudes e cultivar o chão, plantaram seus canteiros e começaram a se sentir finalmente no esboço de um lar.

Então, à medida que a terra produziu o justo, eles reformaram seus abrigos, transformando-os em cabanas e, mais tarde, em chalés muito bonitos. Também árvores cresceram ao lado das margens do rio e em seus jardins, e agora víamos aquelas plantações de árvores aparecerem em várias partes da planície, e as colinas, aqui e ali, começaram a se vestir de grama e de arbustos adiante. Então vários bosques, ampliando seus limites, cresceram juntando-se, e formou-se uma floresta.

Eles estavam muito orgulhosos do que haviam construído. Não era totalmente trabalho manual, mas muito daquilo foi mental, ou da vontade, energia que tomou formato em forma exteriorizada. E nisto eu e meus companheiros ajudamos invisivelmente e sem levantarmos suspeitas, exceto nos melhores deles.

Habdi cresceu, ficando um robusto e gracioso rapaz. E para ele

determinamos uma pequena tarefa, exclusiva dele. O Vereador e o Bispo falaram comigo no conselho. Também havia outros três. Estes eram os mais evoluídos ali, e que podiam exercer uma liderança entre seus companheiros. Estes eram um pastor e dois leigos.

Vieram junto comigo e sentamo-nos na encosta do rio, onde um pequeno tronco havia caído. Perguntei-lhes a respeito do assunto em pauta. O Vereador apontou um dos leigos, que nos explicou assim:

"Nós, por áridos caminhos, chegamos a nos estabelecer neste local, e as pessoas não são ingratas por sua ajuda bondosa, bom senhor e amigo. Pois agora eles têm tido prazer em recordar, e as condições mais acuradas de coração e mente têm estado um pouco mais palpitantes, e não é somente em alguns deles. Eles perguntam onde estarão aqueles seus amigos e parentes que, como acham, mas não estão certos disso, vieram para cá com eles naquele massacre."

"E o que você lhes disse?" perguntei.

"Nós três fomos primeiramente entre eles para saber quantos tinham estes pensamentos, e descobrimos que era assunto geral entre eles; pois poucos deles não têm alguém querido que estivesse próximo deles quando foram massacrados. E agora percebem que estes não estão todos com eles neste momento, neste lugar. Mas, 'Onde estarão morando?' dizem eles, e estão assustados.

"Ouvimos de sua boca, senhor, sobre o Prado, mas nada dissemos a eles sobre isso, temendo que pudessem partir em busca deles, vindo a se perder. Por isso nós os aconselhamos e dissemos a eles que fossem pacientes por uns tempos, e nós nos aconselharíamos com os senhores a respeito de um plano que nós três fizemos para a melhora deles."

Ele parou e eu disse, "Isto foi muito sábio, e agradeço muito a vocês, meus filhos. Também não duvido de que o seu plano seja sábio. Deixem-me escutar sobre ele, e aconselharei vocês no que é certo com muita

satisfação."

Falou então o pastor. Ele disse, "Senhor Arnel, há dois planos elaborados por nós. Estes meus companheiros imaginaram um plano muito bom de construir o Hall de Assembleias, onde poderiam estar juntos para discutir a questão de acharem seus parentes e amigos desaparecidos. Isso poderia ser, para eles, como uma casa de força de onde, chegando a um acordo único, poderiam enviar mensagens na busca dos pedidos.

"Meu próprio plano é que construamos, não um Hall de Assembleias, mas a Igreja Catedral. Pois temos aqui nosso bom padre, o Bispo, e ele nos lideraria por uma inspiração de reverência. Desta forma um direcionamento seria mandado para nós, para iluminar nosso caminho futuro."

Virei-me para estes dois bons amigos, governadores adjuntos desta colônia, como há tempos tinham conjuntamente governado sua cidade e seu povo na terra. Eles haviam captado o ponto primordial, e ficaram muito satisfeitos por isso. Estavam sorrindo uns aos outros de tão alegres. Deus havia abençoado tanto seu trabalho com estas pessoas, que eles dois estavam muito felizes. E agora aqueles três tenentes haviam se tornado rivais. Porque enquanto os dois leigos construiriam um Hall de Assembleias como o lugar de autoridade regedora, o pastor construiria uma Igreja Catedral onde entronariam seu amado Bispo.

Olhando por trás destas faces radiantes destes dois líderes, eu fiquei tocado por algo na aparência apreensiva e na consciência ferida nos semblantes daqueles três, e comecei a rir. Então eles começaram a rir também.

Nenhuma dissensão havia interrompido o conselho daqueles cinco até então. E a predileção humana que os impeliu, agora eles se esforçavam por esconder de nós. Mas ela se mostrava por si mesma, sem mais nem menos, e eles foram traídos por ela.

Portanto eu disse, "Meus filhos, vocês aqui estão três esferas afastados

da terra - e mais que isso. Pois, desde a sua chegada até aqui, seu povo progrediu muito. Aqui nós não dividimos a autoridade em uma parte sagrada e uma parte profana. Pois, embora as ideias da terra não sejam cruelmente desmanchadas nestes reinos inferiores, mesmo assim elas irão gradualmente sumindo, conforme vocês forem progredindo em direção ao mais alto, como se os raios de um espectro do arco-íris, traçado para fortalecê-los, ficassem todos brancos.

"Vocês chamam este amigo de seu Bispo, e assim ele o é, enquanto assim o chamarem. E este seu Vereador, também é assim com ele. Mas agora penso que já progrediram ao liderarem de forma segura seu povo a um degrau acima. Não estou pedindo que o regular e o secular seja anulado em sua vida comum. Não estão prontos para tal. Mas penso que podem mesclar tudo junto de alguma forma, e liderarem seu povo desta forma, em degraus lentos".

"Penso que vejo o que quer dizer, senhor," disse o Bispo. "Vamos construir uma justa e espaçosa Casa da Associação, e meu bom amigo Vereador e eu lideraremos ali o povo, num conselho conjunto."

E assim foi feito, como o Bispo sugeriu. Eles erigiram uma ampla e muito agradável casa onde se encontravam conjuntamente, tanto para conselhos quanto para adoração, e o povo ficou muito agradado e foi muito beneficiado.

Quarta, 8 de dezembro de 1920.

A construção da Casa da Associação deu ocupação para aquela colônia por um longo período. E enquanto construíam a casa, estavam também sendo construídos espiritualmente. Pois havia pretores invisíveis para inspirar em suas mentes alguns pensamentos das coisas elevadas. Assim foi que, quando a casa estava terminada, a textura de suas paredes era de material mais brilhante do que era quando começaram a obra. No decorrer

deste tempo, a colônia aumentou em número, por causa daqueles que se agregavam à sua comunidade. Estes vinham de diversas paragens. Alguns eram dos de seu próprio povo que antes estiveram vagando. Outros eram os que vagaram na selva em torno deles, e alguns chegaram ali no decurso de seu avanço normal da Esfera Dois em direção aos reinos mais elevados.

Você pode descrever o prédio, Arnel?

Era parecido com um teatro dos estados gregos, todavia com telhado. Os departamentos subiram em semicírculo, e na parte aberta havia uma plataforma na qual se sentariam os líderes e o Conselho de pessoas. As paredes curvas eram, quando terminadas, de cor marrom clara. Mas, quando algumas poucas assembleias aconteceram, elas mudaram para um delicado heliotrópio que brilhava em luz quando um encontro estava em curso. Pois estas pessoas, sob a chefia de seus dois principais governadores, haviam progredido um bocado.

Agora o jovem Habdi havia se tornado um jovem muito agradável com, como diriam vocês, uns dezessete verões de idade. E o especial trabalho e ofício que lhe demos foi o de Profeta. Vou explicar, porque vai ajudá-lo a entender como nosso trabalho é realizado aqui, meu filho.

O Bispo e o Vereador eram potencialmente de uma esfera superior àquela onde estava sua área de trabalho. Mas, para realizarem aquele trabalho, permaneciam condicionados à Esfera Três até que, subindo, pudessem levar seu povo junto com eles. Por isso, ao jovem Habdi foi dada a tarefa de sentar com eles no Conselho para que, quando um contato com alguma Esfera entre essa e a Esfera Sete necessitasse ser feito, ele pudesse ser o intermediário para transmitir a eles a mensagem que precisassem receber, por vidência ou audição.

Entendi, ele era clarividente e clariaudiente.

Também isso, meu filho. Mas ele era mais do que vocês na terra geralmente entendem por esses termos. Da forma que entendo, seus

videntes e auditivos têm suas faculdades sem consideração à elevação espiritual. Eles podem ser, ou não, elevados no que atingiram de santidade espiritual. Agora Habdi, sendo da esfera Sete naquela época, era capaz não só de ver e ouvir os que desceram à Esfera Três. Era, a todo e qualquer tempo, capacitado, por esforço de vontade, a estar conscientemente presente nas Esferas adiante da Esfera Três, e diretamente, e não simbolicamente ou pela boca de algum mensageiro, para transmitir às pessoas o que recebia diretamente.

Muito bem. Chegou o dia em que as pessoas estavam reunidas com seus líderes, e Habdi sentou-se ali com o Bispo e o Vereador sobre o tablado.

Levantando-se, o Vereador dirigiu-se à assembleia, e disse, "Estamos reunidos, meus amigos e companheiros, pelo assunto decidido em Conselho em nossa última reunião. Vocês então sentiram que a hora chegou para que, pela Vontade de Deus, pudéssemos estudar a forma de buscar onde estejam nossos parentes que perdemos nestes reinos. Peço a você, jovem senhor, que explique a estas boas pessoas os detalhes do que aconteceu desde que falamos a eles no Conselho anterior".

Então Habdi levantou-se e adiantou-se.

Você disse, Arnel, que ele agora estava crescido. Poderia me dizer alguma coisa de sua aparência?

Agora você me pegou, meu filho. Você pode pensar que eu estou fazendo rodeios. A aparência dele na sua própria esfera não era a mesma na Esfera Três. Mas você quer saber como ele aparecia para as pessoas na Casa da Associação. Sim, é isso.

Ele era alto, mas não muito, e esbelto, bem atraente. Seu cabelo era castanho e ondulado, e caía pelo pescoço, sendo preso em sua cabeça por um filete azul. Sua túnica era leve e de seda azul. Em seu peito, onde o colar caía baixo, estava uma pedra de ouro branco, cravejada em torno com rubis. Esta era o único sinal exterior de sua esfera normal, exceto que seu

corpo e sua túnica eram de brilho mais intenso que o daquelas pessoas. Mas ele suprimia este brilho, e somente se tornava um pouco aparente quando ele se elevava no exercício de suas obrigações, para ajuizar, tendo as vidências e audições num plano mais alto que o da Esfera Três. Então, seu corpo e sua roupagem cintilavam com a luz inerente a eles, mas era involuntário da parte do jovem Habdi. E esta cintilação tornava-se mais aparente, algumas vezes, em sua joia de ordem, e no cinto de prata que usava nos quadris. Vejo a palavra "sandálias" em sua mente, meu filho. Não, ele não tinha calçados nos pés. Quando em descanso, como quando se sentava silencioso enquanto os outros conversavam, sua carne era um pouco mais escura que o normal, mas não tão escura como a das pessoas da Casa da Associação.

Ele disse, "Eu tenho me preocupado a respeito do assunto que discutimos juntos no nosso último Conselho, boa gente. Também falei com seus benfeitores, os senhores Arnel, James e a senhora Wulfhere. Eles viram sua condição atual e estou aqui para lhes dizer que é hora de se ajuntarem aos outros, seus parentes e aparentados que, por sua cultura, tiveram a necessidade, durante este tempo, de serem isolados até que vocês tivessem progredido de certa forma a aproximarem-se, até chegarem, ao atual estado deles.

"Tenho muito prazer em dizer-lhes que o Senhor Arnel e a Senhora Wulfhere, com outros de seus ajudantes, estão agora mesmo nas portas desta sua Casa da Associação, e dirão mais a respeito deste assunto".

Então entraram aqueles de quem ele havia falado.

Você mesmo e Wulfhere.

Sim, meu filho. Nós caminhamos ao longo do corredor diretamente ao semicírculo vazio diante da plataforma. Aqui havia um espaço aberto, os bancos subindo em fileiras em torno dele.

Eu os saudei da plataforma, e elevei minha mão sobre as pessoas,

estando Wulfhere ao meu lado.

Poderia explicar, por favor, "elevei minha mão sobre as pessoas"?

Lembre-se de Moisés quando Aaron e Hur mantiveram suas mãos elevadas, meu filho. Esta é uma história primitiva de matança. Essa foi uma pacífica. Mas as duas são quase primas no efeito. Elevei minha mão na direção dos líderes sobre a plataforma e, virando-me vagarosamente, apontei minha mão sobre as cabeças da multidão até que completei a volta novamente na plataforma. Não era meramente um sinal. Através de mim, ali jorrou poder vindo da minha esfera. Conforme passava pelo filtro de meu corpo, tornava-se sintonizado às condições daquelas pessoas, e caía sobre eles espargindo uma suave radiação. Poucos poderiam ver isso irradiando, à medida que saía de meus dedos. Penso que somente Habdi veria tudo. Tornou-se aparente aos olhos deles somente quando, chegando sobre eles, misturou-se com as suas próprias irradiações mais densas, como uma corrente de eletricidade, ou de vapor, que também são invisíveis até que atinjam as partículas da atmosfera e, misturando-se novamente, voltam a ser invisíveis. Mas os sorrisos brilhantes em suas faces mostravam que a bênção caiu sobre eles.

Isto feito, Wulfhere falou-lhes. Disse ela, "Estou feliz hoje, boa gente, porque aquilo que meu senhor Shonar iniciou, por uma alta graça nós completamos. Vocês se esforçaram bastante e venceram. Vocês, em lentos passos, progrediram tanto que mereceram o avanço para a próxima esfera. Desde que vieram para cá, para esta Casa, sem que soubessem que esta transmutação foi transmitida a vocês, agora vocês estão na Esfera Quatro.

"Fiquem em silêncio mentalmente por agora, boa gente, e no momento propício ajuntar-se-ão aos seus queridos, e seus amigos, e suas crianças, a quem tanto se esforçaram por achar".

Então ela, eu e nosso grupo formamos um círculo, olhando para fora; mas o círculo não estava completo, havia um intervalo na direção da

plataforma. Percebendo o que estava acontecendo, o querido jovem Habdi chegou e aproximou-se a nós, e, pondo minha mão na sua, expressou seu amor a mim e seu agradecimento pelo povo que se tornou de certa forma o seu próprio.

Enquanto estávamos ali, silentes e atenciosos aos nossos assuntos, as paredes ficaram com sua substância menos densa, até que finalmente tornaram-se translúcidas, e então invisíveis. O campo aberto estava diante da multidão e eles viram uma linda pradaria, e árvores, e flores, e fontes de águas que não estavam ali quando entraram na Casa.

Mas estavam muito perplexos. Então fui a eles e lhes disse que as terras em torno daquela Casa da Associação estavam todas mudadas agora, e que eles deviam seguir procurando, pois já estavam nas terras onde habitava seu povo a quem procuravam; e outros também, que se tornaram seus amigos e que, portanto, tornar-se-iam amigos da atual assembleia.

Quinta, 9 de dezembro de 1920.

Quando as paredes mais uma vez se materializaram, a multidão rapidamente saiu de lá. Aqui pararam para ver quais mudanças de aspecto havia no lugar. Aos seus olhos, acostumados a uma luz escurecida da esfera Três, aqui era sem dúvida um Paraíso de brilho. As árvores, as flores e a grama tinham um matiz mais brilhante, e a luz era mais suave. Nem havia terra deserta para ser vista, já que a floresta cobria o horizonte em todos os lados com uma rica cortina de cores. Mas aqui estava o grupo a ser encontrado e pelo qual buscavam. Então seguiram na direção da floresta e adentraram pelos caminhos em todas as direções. Não pararam para considerar qual seria a direção pela qual deviam seguir. Não viram o grupo dos que vieram das esferas mais altas para guiá-los. Mas, um ou outro acharam seus amigos e estavam muito contentes. Desta forma uma colônia mais ampla desenvolveu-se ali. As pequenas cabanas, que tinham sido as

habitações das mulheres e das crianças e dos homens que ficaram em sua companhia quando o prado foi atribuído a eles, foram reformadas, aumentadas e embelezadas.

Agora, meu filho, devo dizer-lhe duas coisas, porque devo fazê-lo entender tanto quanto possível as formas pelas quais conduzimos nosso trabalho, e das forças reinantes nestes reinos, e como as usamos.

A mudança que aconteceu nestas pessoas não foi de tipo repentino, como possa parecer através de minha narrativa. Foi uma longa preparação. Eles, por seu próprio esforço, e por nossas orientações, foram avançando em direção ao estado da Esfera Quatro por um longo tempo. A Casa da Associação serviu como focalização onde as suas aspirações eram ajuntadas. Ali dirigimos, principalmente, as correntes de nossos poderes. Entrosando-se e misturando-se ali, seu conteúdo de condição superior lavou e banhou a todos, à medida que faziam o trabalho de construção. Sem que soubessem, exceto uns poucos, como o pastor e os dois leigos e mais alguns, avançaram para uma elevação espiritual até que ficaram realmente adiante da Esfera Três em personalidade, mas ainda, residentes nela com seu ambiente aparente. A iniciação que trouxemos para dentro da Casa da Associação foi meramente para selar o que já havia chegado para eles, nada mais que isso.

E o segundo fato é esse. Nós não os transferimos de uma localidade para outra.

Isto eu encontro dificuldade para me fazer claro a você, a quem a distância é uma coisa real. Ela não é, para nós, da forma que é para vocês. Você poderia, digo a você como exemplo, dizer que você e eu neste momento estamos distantes um do outro. Pois você não pode me ver, e você me ouve apenas interiormente, como uma voz longínqua de alguém. Mas não é assim. É apenas que seu estado e o meu são diferentes. Nosso ambiente é diverso pela razão de nossa condição estar em dois planos

diferentes de atividade. E mesmo assim, não somos diferentes totalmente, pois, veja você, você escreve o que lhe transmito para que seja escrito, e não poderia ser assim se não houvesse alguma semelhança de natureza entre eu e você, ambos.

Assim foi com aquele povo da Casa da Associação. Não foi sua residência que foi mudada localmente, mas seu ambiente em torno deles foi transmutado, e eles tornaram-se, por aquela transação, não mais correspondentes às condições da esfera Três, mas às da esfera Quatro.

Tenho muita vontade, meu filho, que este tema esteja claro a você o tanto quanto possa. Para este fim ser atingido, falo desta forma:

Quando Jesus veio para a casa onde Seus amigos estavam reunidos para aquela primeira Páscoa, Ele veio invisível. Bem. Então ele reuniu deles a substância de que tinha necessidade e, pelo processo que agora chamam de materialização, Ele criou para Ele um corpo de carne. Então ficou visível a eles. Também seu ambiente ficou mudado. Quando Ele se desincumbiu da tal tarefa que era Sua naquela hora, Ele desmaterializou novamente aquele corpo de carne e, ao fazê-lo, Ele mudou Seu ambiente mais uma vez, de volta ao espiritual. Mas durante todo este processo, do primeiro ao último, presença e ausência não faziam parte disso. Antes e depois de Sua aparição em forma de corpo a eles, Ele estava ali, invisível. Percebeu, meu filho? A mudança era apenas de condição, não de localidade.

Sim, penso que entendo o que quer dizer. Mas nossos amigos em espírito algumas vezes nos dizem que depois que terminamos de conversar com eles, usualmente ficam mais um pouco conosco. Aí, nisto parece estar alguma ideia de chegar e ir. Ainda suponho que realmente significa que esperam um pouco antes de mudar de estado, do da terra para aquele seu próprio.

Você poderia colocar desta forma, sim. Mas embora os espíritos frequentemente conversem com vocês da terra sobre ir e vir, isto é assim

por causa de nossas limitações. Vemos que é necessário usar a linguagem da terra quando falamos para os habitantes da terra, e aquela linguagem contém seu conhecimento tridimensional. No caso de seus amigos, como você acaba de escrever, eu preferiria dizer que eles ficam um pouquinho mais enquanto vão revisualizando o ambiente deles.

Vocês da terra não são todos da esfera espiritual da terra. São de diferentes esferas, algumas baixas, algumas mais elevadas. Alguns são capazes, às vezes, de elevar-se às condições de esferas muito elevadas. Quando chegamos a entrar em comunhão com estes, não achamos necessário mudar nosso estado através da diminuição de nossas vibrações. É necessário somente que nos envolvamos num ambiente temporal para alcançar o dele que, elevado em estado espiritual, é ainda um habitante da terra.

Por este processo de cultura, entretanto, lideramos aquelas pessoas para frente, até que toda a multidão estivesse integrada com o Povo da Clareira. Aqui estavam organizados em comunidades, e mais adiante o assentamento espalhou-se pela floresta e sobre as planícies e pelas colinas. Nós delegamos James e Habdi para governá-los e ensiná-los, e disto tenho mais o que lhe contar mais adiante.

VIII - AMPLIANDO E CONSTRUINDO

Terça, 14 de dezembro de 1920.

Agora o Povo da Clareira havia crescido, até se estabelecerem bastante além do limite anterior. Mas nós ainda os nomearemos da mesma forma, já que a Clareira era o seu centro, e era aqui o lugar onde seus governadores tinham suas Casas de residência.

Estes eram James no comando e, auxiliar dele, o jovem Habdi que agia como delegado de sua autoridade quando James estava ausente. Ele também era o porta-voz de James para aqueles a quem servia de mensageiro. Ladena sempre tinha obrigações nos arredores. Ela gastava bastante tempo na Clareira com Mervyn e, em tais ocasiões, encontrava oportunidades de servir.

Mas agora aquela colônia tinha se tornado tão grande que o equipamento não era mais suficiente como até então. Decidiram uma reconstrução para proverem a atual necessidade, e sobre isso passo a lhe contar.

Primeiramente deram atenção à sua Casa da Associação. Esta seria agora um Colégio onde os que chegassem naquele lugar receberiam instrução. Pois esta Colônia tinha agora se tornado, em estado, a primeira da esfera Quatro, e seria por aqui que as pessoas deveriam, normalmente, passar para seguirem para a esfera Cinco.

Por isso escolheram a Casa da Associação e erigiram vários edifícios que seriam usados para o treinamento das pessoas em diversos assuntos nos quais encontrassem necessidade para seu aperfeiçoamento.

Que departamentos eram esses, por favor?

Um era para condicionar os recém-chegados para a atmosfera mais avançada e refinada daquele distrito. Isto era necessário para que não

sentissem nenhum desconforto que os distraísse de seus estudos. Este era um amplo local sem edifício central, mas pequenos arvoredos e recantos, e alguns pequenos lugares de habitação onde eles poderiam descansar e ter lazer em meditar, ou conversar, como gostassem. James e outros socorristas ficavam entre eles, mas não muito frequentemente, e ali conversavam com qualquer um com quem tivessem a chance de encontrar. Mas para treinamento não havia nenhum. As pessoas descansavam e faziam o que lhes aprouvesse.

Outro departamento foi projetado para ensinar a linguagem. Não encontro palavra adequada para expressar o significado em seu vocabulário, meu filho. Não gosto muito de "telepatia", e "discurso" não é o que me serviria. Vou rodear o assunto, portanto, para expressar a você o que quero dizer.

Nós falamos uns com os outros de mais de uma maneira aqui. Falamos por palavras pela boca nas esferas inferiores. Isto é como lhe descrevo isto em sua forma exterior. De qualquer forma, estas palavras são vibrações, como são as suas; e portanto o termo servirá. Então, falamos por quadros apresentados. Um quadro mental é projetado de um cérebro para outro, próximo ou distante; estas projeções podem ser vistas às vezes como uma espada de luz arremessada dos lábios e olhos para a atmosfera em torno, onde perde a visibilidade. Quando alcança seu destino, o quadro é apresentado diante da mente do receptor e, de acordo com o caráter da mensagem, é invisível para um companheiro próximo, ou ele é sensível à sua chegada pelo ambiente luminescente sobre a pessoa a quem a mensagem foi enviada.

Então falamos também diretamente, espírito a espírito. Mas isso é usado entre os mais desenvolvidos, e raramente nas esferas inferiores.

Aqui estão três formas, distintas cada uma em seu método operativo. Mas há também outros; e também há formas pelas quais estas podem ser

compostas. Desta forma, deixe-me exemplificar-lhe: Habdi está na esfera Dois, e eu na esfera Sete, e eu quero mandar a ele uma mensagem. Ele, estando condicionado para aquela Esfera inferior naquela hora, seu ser íntimo estaria latente. Para que, portanto, não errasse no exato significado, eu projetaria a mensagem para ele e também projetaria uma forma pictórica, e ele verificaria uma pela outra, e nenhum erro aconteceria.

Outro departamento era o da ciência das esferas. Aqui era ensinado com precisão o que atingiram na áspera caminhada em seu progresso através das esferas abaixo. A especial constituição de cada esfera era explicada e eles, e também o significado das experiências pelas quais passaram em seu caminho. Feito isso, a Esfera era explicada em todas as suas partes, e os poderes inerentes em seu atual estado espiritual eram explicados também.

Você está imaginando se a Esfera Cinco é mostrada aqui. Não, meu filho. Dela, só daqui por diante. Os reinos à frente da Quarta eram apenas vistos brevemente, nada mais que isso.

Outros departamentos eram os da Música, Cores, Ciência Criadora, e o que você intitularia de Economia Social. Mas estes eram meramente elementares. Era aqui que eles começavam a entender o que estava adiante deles, nesta forma de ensinar. Eles não eram iniciados nas suas dinâmicas porque não eram competentes para entendê-las em seu atual estágio de progresso.

Mas agora devo focar meu ponto de vista para a Clareira em si. Ela foi tratada depois do estabelecimento das escolas e de seu funcionamento pleno. A última foi para os que chegam nesta região e que estão um tanto fracos e precisam ser tratados. Era uma espécie de enfermaria. Foi construída bem além do local de descanso do qual lhe falei antes. Era nos limites daquele estado em direção à Esfera Três. Era aqui a enfermaria onde se fortaleciam e passavam para os locais de descanso.

Então veio a Clareira.

Era necessário que fosse ampliada. Pois ali reuniam-se os mais avançados de outras partes. Estes eram selecionados pelos seus companheiros estudantes, os que realmente os honravam desta forma, por causa de sua diligência em aprender e de sua conduta amistosa. Este método foi adotado a princípio pelos próprios eleitos, para treinamento nas virtudes do amor e humildade.

Com eles veio o Vereador e o Bispo: James e Habdi estavam lá também. Quando estavam todos reunidos, entraram em comunhão de propósitos e então dirigiram juntos seus poderes sobre a parte da fronteira que era à esquerda da casa de James. Lentamente eles conduziram sua corrente de poder fluido ao longo da fila de árvores e cabanas, e foram em torno dos três lados do espaço aberto. Quando terminaram, com muitas pausas, já que não era feito em apenas uma operação, a Clareira estava ampliada em suas fronteiras de forma a ter três vezes mais área do que antes.

Este recanto foi coberto com grama, e então uma colunata foi feita em cada lado, em ângulo reto em relação à casa. Na outra extremidade da Clareira, em frente à Casa, havia um arco erigido em proporções nobres, e duas torres, uma em cada lado dele. Além deste arco, foi construída uma ampla estrada a partir do vão. Ela descia desde o arco e ia através do parque que se estendia amplo para bem longe, até que se encontrava nos locais onde estavam instalados os departamentos de treinamento dos quais lhe falei.

Os trabalhadores estavam verdadeiramente deliciados com o sucesso de sua labuta e, parando com suas atividades, aproximaram-se para examinar seu trabalho.

Quando se reuniram novamente, o Bispo falou-lhes desta forma. "Bom povo, tenho em minha mente, e está na mente de meu irmão nosso Vereador, que agora nós temos mais uma obrigação a cumprir, antes de irmos cada um para seu próprio distrito especial, para continuarmos lá

nosso treinamento. A Casa de nosso jovem Líder James está ainda da forma que era antes, quando esta comunidade não era tão numerosa. Não é um aumento de serviço tratarmos do acúmulo maior de forças centralizadas sobre ela, vindas das várias partes da colônia, da forma que ela está agora.

"Deixe-nos portanto, com sua licença, senhor, que nos reunamos mais uma vez, e construiremos para o senhor uma casa para residir, quando estiver aqui neste lugar, de tal forma que será digna das obrigações mais ampliadas que agora o senhor tem de sustentar."

A isto James respondeu, "Agrada-me muito, meus bons amigos, que tenham em mente fazer isso. Vocês construirão esta nova Casa, da forma que permitam seus poderes para tanto. E para aquilo que não tiverem forças, faremos uma petição aos das esferas superiores que observam o seu progresso. Eles designarão e terminá-la-ão, dando o desfecho ao seu trabalho com o deles. Agradeço a lealdade de vocês até aqui, e pelo seu bom trabalho. Sua atual fase de evolução será, portanto, coroada com a construção de nossa Casa."

Quarta, 15 de dezembro de 1920.

A construção da Casa de James seguiu-se desta forma. Buscamos um direcionamento de procedimentos junto aos que tinham o conhecimento deste assunto, e das esferas mais elevadas veio uma delegação de cinco arquitetos e mestres de obra. Dois deles eram da Esfera Oito. Eram os projetistas do edifício. Dois eram da esfera Cinco. Tinham um conhecimento profundo das substâncias básicas da Esfera Quatro, já que se mantinham em contato constante com a ciência deste reino. Eles estavam, portanto, capacitados para lidarem com a construção da casa. O outro era um residente habitual da Esfera Quatro, mas residente por sua própria escolha, já que por merecimento verdadeiramente era mais elevado. Ele permaneceu aqui pelo propósito de ficar cuidando de assuntos como esse,

que se apresentam de vez em quando.

A razão desta combinação era que os arquitetos, sendo de esfera superior, fariam o projeto mais sublimado do que faria algum habitante da região onde a casa seria construída. Os artífices desejariam, com seus artesãos, igualar o desenho. Não abrangeriam o total, não, mas concluiriam a estrutura como pudessem - por causa dos elementos das esferas acima da Esfera Quatro que usariam entremeados nela - levando os observadores a perceberem que, intrinsecamente, havia um ingrediente místico. Assim, eles seriam levados a desejarem isso também. É um dos usos de nossas residências que colocamos, quando a ocasião aparece. São lições visíveis ao povo, das qualidades invisíveis que esperam por se desdobrar, conforme progridam de uma altitude para outra, de grau mais elevado.

O quinto trabalhador seria o que acompanharia a construção do prédio a cada estágio das operações, para verificar que nada exceda a competência nem dos trabalhadores, nem da maleabilidade dos materiais daquela região que seriam usados na estrutura.

Primeiro veio a planta da Casa. Não é como as que vocês usam na terra, meu filho. Para mostrar-lhe como fazemos este trabalho por aqui, vou narrar-lhe os procedimentos de certa forma detalhados.

Quando a velha Casa foi desintegrada e o espaço limpo, o Quinteto veio até a Clareira, e chamamos os trabalhadores também. Eles alinharam as duas colunatas, e a frente do arco. Os Cinco ficaram no platô, agora mais espaçoso, onde tinha estado a Casa do jovem governador.

Ele estava lá, e Habdi?

Esteja certo disso. Sim, todos nós viemos ver este lindo trabalho. Ficamos sobre a plataforma com os trabalhadores.

Então iniciaram seu trabalho com a correta seriedade, e logo no meio da Clareira vimos a grama tomando um aspecto luminoso num espaço de umas doze jardas por três. Então o retângulo projetou de si mesmo seis

quadrados, três em cada lado. Esta forma era a planta básica da casa a ser construída. Lentamente as paredes subiram e os arcos tomaram forma, desde a base até em cima. Era uma realização muito lenta, porque subia polegada por polegada, completa em todos os detalhes de ornamentação e estrutura, tanto internos quanto exteriores. Então, finalmente ficou pronta.

Fomos todos até lá inspecionando, e podíamos ver tudo, e cada linha dela. Estava banhada por uma luz cintilante que a fazia translúcida. Desta forma os compartimentos interiores ficavam aparentes para nós, como já estavam as partes de fora.

O trabalho de construção não foi retomado por um tempo, mas os trabalhadores gastaram sua folga discutindo o modelo ponto por ponto, e como fariam no tratar de variadas partes, ou se este pilar, ou arco, ou escadaria poderiam ser feitos neste modelo com o material que tinham à mão. Então, eles, grupo após grupo, retornariam ao modelo e encontrariam outros artífices ali para o que determinava aquele propósito. Retomariam a discussão novamente, e a ajuda poderia ser pedida ou dada, mutuamente. Assim, tudo continuava, e havia um grande prazer em todos, e para nós também, que observávamos seu comportamento alegre e semblantes brilhantes. A maioria deles eram, meu filho, os que trouxemos para cá vindos do Porto Pedregoso. Você poderá imaginar nossos corações, nós que cuidamos destas pobres crianças da terra em sua fraqueza. Agora estavam fortes e bonitos, e cheios de propósitos corretos. Era uma coisa abençoada de se ver.

Bem, a casa foi começada, e terminada, peça por peça. Eles a levantavam até certo ponto, paravam e consultavam o projeto, comparando detalhes com os detalhes mostrados. Aqui havia uma pilastra levantada uns dois pés da base. Mas os dois lados não estavam bem na projeção reta, ou a coloração talvez estivesse ligeiramente alterada. Então começavam tudo novo, até que tudo estivesse perfeito. Então procediam à construção da

próxima polegada. Mas estavam muito cuidadosos, na verdade, para que tudo fosse tão bem feito quanto eles fossem capazes de fazer. Pois esta seria a Casa de James, seu jovem e gracioso governador, e seu amor por ele era grande e sincero.

A Casa estava completada em sua estrutura. Vou descrevê-la a você.

Nós nos aproximamos dela, vindos do Parque além da Clareira. Na frente está uma linda arcada arredondada com uma cornija em cima, como o lábio de uma criança, de tão leve e suave que era. Em cada lado, com uma parede conectando, havia uma torre com compartimentos para os que esperavam os visitantes vindos de terras distantes, e também por mensagens dos estabelecimentos espalhados aqui ou ali. Passamos pela arcada e entramos na Clareira. Ela é coberta de grama, e em cada lado há uma colunata onde, em torno de seus pilares, vemos arbustos e flores, e além deles a região arborizada, com caminhos e avenidas. Havia paz em todos os lugares, na Clareira e fora dela também.

Diante de nós, na extremidade mais afastada, subia um aclive que tinha continuidade numa escadaria de alabastro. Ela passava quase que por toda a extensão da Clareira e, além da balaustrada, em cada ponta há uma pérgula com uma fonte de águas diante dela, e flores em canteiros e subindo em trepadeiras.

A fachada é uma série de nove arcos que partem do chão até dois terços da altura total. Os dois maiores arcos destes estão cada um do lado do arco central, que está comprimido numa forma ogival. Acima desta arcada há sete arcos menores, e a cornija formando curvas sobre o todo, determinando sua silhueta.

Esta silhueta é interrompida por outros arcos e domos que se elevam atrás deles, dos compartimentos centrais. Isto é uma elevação lateral da Casa que se alonga para trás partindo da Clareira. Nas duas longas laterais projetam-se três torres em cada. Mas elas não são vistas da Careira, exceto

seus topos. Pois projetam-se além da largura da Clareira e são escondidas pelas árvores. Mas seus topos são vistos, e são circulares. Estas seis torres tomaram muito dos esforços dos trabalhadores, já que as curvas não são comuns e difíceis de serem executadas pelo fato de que, apesar de saírem quadradas de suas bases, terminavam circulares. Mas eram muito belas de se ver do plano que se estendia dos dois lados da Casa.

Dentro dela havia um amplo hall central de encontros, e este era quadrado. Saindo dele havia corredores, e diante dele havia um espelho d'água como vestíbulo.

Qual era o propósito destas torres, Arnel?

Eram para o uso dos visitantes. As da esquerda eram para os visitantes das esferas mais altas, e as da direita para as pessoas da Esfera Quatro e Três, e a outra para os que chegavam aqui vindos da terra na hora do sono. Elas foram construídas com um desenho certo e com material especial. Eram sempre servidas por um grupo cuja obrigação era permitir que estes visitantes se condicionassem ao ambiente daquela Clareira.

Chame-as de "Câmaras de Vestir", meu filho. Isto descreverá bem seu uso e propósito. Você escutou falar sobre a roupagem de casamento, e aquele que não a tinha, na parábola. Retomo-a, estas torres tinham o propósito de assegurar que esse incidente não aconteça na Clareira.

Isso seria possível?

Com certeza, meu filho. Soube que muitos teimosos temerários se intrometem nas regiões aonde não estão corretamente sintonizados. O livre arbítrio aqui é como entre vocês, e é sempre usado livremente. Alguns têm força para suplantar a sua sabedoria. Bem, eles encontram sabedoria para se retirarem para sua própria atmosfera. Alguns aprendem sua lição desta forma, os que não o fariam de outro jeito. Mas sempre são exceções. E eles não vêm frequentemente para um local tão avançado como é a Esfera Quatro, e ainda numa parte tão avançada como a Clareira.

Seria possível, para esses de esfera bem inferior, quero dizer os espíritos malignos, forçarem seu caminho numa esfera mais elevada e prejudicarem seus habitantes?

Eu hesitei um pouquinho, meu filho. Na teoria não vejo por que não fariam, exceto que o prejuízo que seriam capazes de trazer não seria nem permanente, nem sério. Se tal contratempo acontecesse de fato, o resultado aos habitantes não seria tanto de injúria, mas de tensão. Seria ocasionado por dois fatores, isto é, o testemunhar da agonia dos invasores quando a loucura de sua fuga passasse com o tempo, o que aconteceria rapidamente, e também pela razão da proximidade do elemento inferior e estas vibrações sem amor que colidiriam com as suas durante o curto espaço de tempo em que os invasores pudessem sustentar seu intento. Isto em teoria. Na prática nunca soube de uma intrusão da parte de um grupo de necessitados.

Não há tradição em tais ataques?

Parece-me, meu filho, que você tem em mente a tradição terrena de guerra no céu. Mude esta palavra "céu" para "esferas", e estas, em esferas mais baixas, e eis aí. Eu já havia dito sobre esta guerra, e que é apenas uma de muitas que têm acontecido, à medida que as eras vêm passando. Mas isso são altas políticas, e não da Clareira e da Casa daquele santo jovem nobre que os liderava.

Quando tudo estava terminado, os trabalhadores descansaram, olhando para sua obra com muito prazer e bastante orgulho. Começaram a ver que seu extenuante esforço para progredirem em merecimentos espirituais não era sem benefício prático também. Seus talentos poderiam ser colocados em uso de tal forma que se tornariam visíveis em algum trabalho permanente para a comunidade, como no caso da Casa de James.

Mas enquanto descansavam, outros se ocupavam com a obra. Conforme as pessoas andavam na Clareira agora, e de novo, viam uma forma semivisível passando através dos arcos, ou permanecendo sobre o telhado

ou sobre o platô. Então sumia das vistas, ou entrava na Casa, sumindo assim das vistas deles. Eram trabalhadores das altas esferas. Eles vinham para consolidar a construção, ou para introduzir em sua estrutura algo de seu próprio ambiente e desta forma elevar suas influências, tão alto quanto fosse possível fazer a respeito de uma casa, mesmo que localizada na Esfera Quatro, e também criada por aqueles que eram cidadãos dali.

Quando eles terminaram seu trabalho, toda a estrutura tornara-se aumentada em sua beleza. Mas ninguém poderia dizer em que particular ela tinha agora o que antes lhe faltava. Apesar disso, de alguma forma indefinida todos estavam conscientes de uma sensação mais refinada, tanto em cor como em traçado. Também, de maneira suave, ela tinha uma aparência de estar dotada da faculdade de sensação, mas não num grau pronunciado como nas regiões mais avançadas.

Uma coisa devo lhe dizer aqui, antes de continuar com minha narrativa. É concernente à maquete que estava no meio da Clareira. Ela não foi desmaterializada quando a Casa acabou. Não servia mais em seu uso primordial. Mas foi deixada ali para ser um toque na área grande de gramado verde, onde estava colocada.

Como foi feita por aqueles nossos arquitetos, bons ajudantes, foi cuidadosamente pintada como a Casa seria. Eles cuidaram dela da forma que ela não podia ser, ou seja, uma réplica do prédio maior. Seria deixar com que um derrotasse o outro em interesse e graça artística. Portanto reduziram a sua coloração até que foi deixada com uma aparência de alguma substância entre pedra de alabastro e marfim esmaecido, com os topos das torres tingidos de um leve dourado, e da mesma forma as curvas dos arcos. Assim, o modelo tornou-se para eles uma capela e um indicador em um só.

Ela estava ligada à Casa por certo sistema vibratório, mutuamente sensível.

Se algum visitante viesse por aquele caminho, ou se qualquer um dos que tivessem trabalhos normais estivesse naquelas paragens, estes saberiam o que estava acontecendo ali dentro da Casa: os atendentes da Clareira poderiam olhar naquela capela e poderiam saber tudo o que queriam saber. Isto evitava que muito tempo e trabalho fosse desperdiçado, já que a Casa era muito ampla, e tinha muitos departamentos nela, e também além, nos jardins e nos arredores. Aqui na Capela poderia ser lidos, sumarizados em epítome, todos os assuntos em pauta a qualquer momento em toda a casa e em torno dela.

E era uma capela porque sempre que as pessoas sentissem a necessidade de alguma força extra para cumprirem suas tarefas, a qualquer hora poderiam ir até ali e, repousando na Clareira ou estando próximo ao modelo, cairiam em meditação. Então seriam atendidos com os grandes poderes na Casa em si, e os de sua comunhão com seu Governador e seus ajudantes. Desta forma, a ajuda era dada sem que invadissem o tempo de seus líderes. Eles iam para a Clareira como o seu povo vai à igreja, pelo silêncio e aspirações e, para eles ali, ela era seu altar de oferenda e de alívio.

Agora, quando a Casa estava quase completa, tivemos uma assembleia de inauguração. Uma nova era estava se abrindo, e era necessário que tudo, lugar e pessoas, fosse ajustado à próxima nova perspectiva.

O interior do grande hall estava cheio de pessoas. Num lugar elevado, numa extremidade, estava James. Então veio em sua direção um homem de aspecto muito bonito. Usava uma longa roupagem branca, e sobre ela um manto azul profundo e dourado. Sobre seus quadris havia um cinturão largo vermelho debruado em branco. Sua face brilhava de tal forma que parecia haver, em seu semblante e sobre seu cabelo, um halo dourado de uma garoa quase invisível de alguma esfera distante, acima dali.

Ele disse, "Vim até vocês, que são chamados o Povo da Clareira, para transmitir- lhes as palavras de cumprimentos dos que, invisíveis a vocês,

observam, de lá daqueles céus, o seu progresso neste, onde estão cumprindo seu caminho. Vim a vocês como delegado daquele que desceu da Esfera Crística até a minha, para que eu lhes entregasse esta mensagem. É esta: O Cristo nosso Líder não está desatento em relação a vocês e o que têm feito até aqui. Como Ele foi retirado da terra violentamente por Seus contemporâneos, também vocês foram. Lembrem-se disso, porque nisto vocês são companheiros d'Ele. Ele sabe das suas discussões quando pensamentos malignos eram sugeridos a vocês, e destes pensamentos vocês se afastaram, virando seus rostos e olhando em direção aos céus, com tristeza e corações ansiosos. Assim Ele fez; e aqui novamente estão vocês e Ele relacionados: O brilho que atingiram aqui neste ponto mais alto da Esfera Quatro; nele, Ele se abrigou quando ascendia das Oliveiras em direção à Casa do Pai naquela época. Esta radiação vocês atingiram, e ela tem brilhado sobre vocês, e sobre suas moradias, condensada por atração, estando vocês mesmos sempre brilhando.

"Agora caminhem em frente, bons filhos da Clareira, e do Cristo, já que Ele os espera lá, onde podem vê-Lo na majestade de Sua Santidade e na simplicidade de Seu amor.

"E agora deixo a vocês, como líder, aquele a quem vieram a amar pela sabedoria e pela bondade que são dele. Enquanto esta Casa estava sendo construída, ele adentrou em uma esfera mais adiantada daquela em que ele estava quando os encontrou lá na escuridão, para os liderar até aqui. Ele os guiará bem, e muito serviço prestarão aos seus companheiros que têm muita necessidade de ajuda, como ele lhes mostrará.

"Que Deus, e o Cristo de Deus, guiem-nos sempre, bom Povo da Clareira. Elevem agora seus corações num cântico da alegria, e deem ao seu jovem senhor suas bênçãos".

E assim realmente fizeram, sim, meu filho, ardentemente. Pois eles amavam o nobre líder com um amor incalculável.

E então ele falou a eles. Ele estava mais solene do que eu já havia visto até então. Também a dignidade desempenhava ali seu papel, na sua pessoa e nos seus movimentos. Era inconsciente da parte dele, mas não podia ser de outra forma. Ele havia sido transferido para uma esfera superior, e isto não significa apenas um grau mais elevado de autoridade, mas também um inerente acesso a poderes pessoais. Ele era simples e humilde como sempre foi. Mas teve sua nobreza aumentada. Eles viram seu aspecto modificado, estas pessoas, e entenderam. Viram tudo, e isso fez com que o amor ficasse não menor, nem menos íntimo, mas sua reverência por ele aumentou um pouquinho mais.

Ele disse, "Por todo o seu companheirismo, meus amigos, eu agradeço. Esta Casa, onde deverei estar quando residir entre vocês, está consoante com os sussurros de seu doce amor por mim. Bem, nós realizamos algo juntos e faremos mais ainda; pois há os que esperam por nossa ajuda, ajuda esta que ninguém pode fazer melhor que vocês. Isto me foi mostrado enquanto estive lá em cima, naquela esfera que agora é meu lar.

"Nosso Pai nos deu uma terra maravilhosa, para nela construirmos nossa colônia atual. Mas há os que vocês deixaram para trás, próximos à terra, porque não estavam prontos para a subida que completaram. Devemos ir em seu socorro, e o que pudermos fazer em sua ajuda, faremos".

Então virando para o Anjo que atuara como seu Responsável naquela ocasião, ele disse, "E a ti, meu senhor, damos todas as nossas bênçãos em gratidão, e aos que trabalham contigo, naquela esfera elevada, por nós. Enviamos, através de tuas mãos, os nossos cumprimentos. Por favor, senhor, dize a eles que estamos indo pelo caminho, mas primeiramente retornaremos sobre nossas pegadas, pois há quem não conheça a estrada até aqui, e devemos mostrar-lhes, senão continuarão perdidos.

"Por isso, abençoa-nos, meu bom senhor, e enviaremos com o senhor o nosso amor e gratidão como seus companheiros em seu caminho".

Então James ajoelhou-se diante do Anjo, que colocou sua mão esquerda sobre sua cabeça inclinada. A direita, ele estendeu às pessoas e abençoou-as, enquanto também elas inclinavam suas cabeças diante do brilho de sua pessoa na plenitude de seus corações.

IX - TRABALHO NOS PLANOS UMBROSOS EXTERIORES

Terça, 21 de dezembro de 1920.

Encontramos Shonar em sua residência principal, naqueles reinos inferiores. Era uma fortificação, solidamente construída e assentada, ao lado das encostas de uma montanha. Você deve perceber, meu filho, que o que lhe conto não é como eu faria num grupo de amigos neste lado do Véu. Por aqui eu seria capaz de usar termos exatos e naturais em nossas operações mais variadas. Mas, falando a você no outro lado, devo colocar minha pintura na tela, e delinear uma obra de forma que vocês da terra possam apreciar.

Por isso digo que esta casa de Shonar era uma fortaleza. Ele a elevou durante os muitos anos de trabalho entre os diabos encarnados, entre os quais sua tarefa era determinada. E quando passavam para cá pela morte, ele então ainda os encontrava e lidava com eles, e a primeira lição que lhes ensinava era que ele era o Mestre. Algumas vezes isto era rapidamente aprendido e guardado. Mas, frequentemente, os que eram conferidos à sua guarda eram grandes almas que agiram desencaminhados. Estes eram teimosos e afrontavam sua autoridade por um longo tempo. Mas até que o aceitassem como o dominante, eram seguros ali com correias, tanto quanto possível, para que o malefício que continuassem a fazer a seus companheiros fosse limitado à menor medida possível. Isto não seria eliminado totalmente enquanto, ainda encarnados na terra, fossem chamados aos seus como em espírito. Mas Shonar fazia o que era possível.

Por fora, este bloco de pedra era de cor bem escura. Ficava ali numa claridade quase menor que a do crepúsculo, contemplando uma grande planície. Esta era interrompida por ravinas e rochas e, aqui e ali, uma

corrente escura de águas fétidas. Em torno, altas e escarpadas montanhas elevavam seus pináculos nos compartimentos escuros acima. Havia muitas cavernas entre essas montanhas.

Viajando através de um país como esse, um recém chegado primeiramente diria que era desabitado. Então, numa pesquisa mais cuidadosa, encontraria um grande número de escondidos nas fissuras ou ao longo das ravinas, com um andarilho perdido aqui e ali nas planícies.

Ele acharia que aqui era uma terra de ninguém, sem ordem e sem ninguém para registro das pessoas. Não era assim. Escondidos entre os picos das montanhas, ou dentro das cavernas mais profundas, onde quer que se perdessem, cada um dos perdidos era contado, e tabulado, e classificado naquela Fortaleza.

O prédio em si tinha um duplo propósito. Foi feito forte contra assaltos, e foi feito forte para a cura. Forte contra os que, tanto sós como em grupos, viessem para cá e freneticamente procurassem adentrar estas paredes; e forte na influência que lançasse sobre os que fossem admitidos ali, inválidos, para fortalecimento. Isto quando tivessem
chegado até onde seus próprios crimes e desejos permitissem um destino melhor do que haviam tido nas terras escuras lá fora.

A grande arcada estava sempre aberta, já que ninguém poderia passar por ela, a menos que os que ali trabalhavam permitissem. Alguém poderia invadir até três ou quatro passos, mas então rapidamente pararia pasmado, respirando com dificuldade, viraria e apressadamente retornaria pelo mesmo caminho mais uma vez. A razão era que o pequeno espaço cúbico embaixo da arcada estava condicionado à Esfera Quatro. Se você tivesse aprendido as lições que já tentei ensiná-lo, entenderia que ninguém poderia passar esta barreira se não fosse de mais elevado grau de evolução que os daquela região, ou sem a ajuda enviada dos que administram o lugar.

Passando por ali, segue-se um longo corredor para cima e, saindo dele

há muitos compartimentos, alguns amplos, outros pequenos. Estes estão, cada um, preparados para um propósito diferente. Estão condicionados em diversos graus e variadas influências. Aqui ficam os que são tratados de acordo com sua necessidades particulares.

No centro do corredor está um amplo hall, com passagens e quartos localizados nestas paredes. Este hall é coberto com ricos cortinados e é um lugar muito agradável, não majestoso, mas pleno de conforto aos olhos, aos ouvidos e ao corpo. Ao olho, porque se a luz não é brilhante, é suave. Ao ouvido, porque as cortinas são de tal forma feitas que emitem sons musicais suaves quando tocadas; também pode-se ouvir águas, e na extremidade fica uma grande bacia com o fundo de mármore e peixes dentro. Também dali verte, do alto da parede, uma queda d'água que é muito agradável aos olhos e aos ouvidos. Ao corpo, porque este é o lugar aonde os trabalhadores vêm de vez em quando para descanso, e naquele hall há uma atmosfera de descanso, e bondade, e pureza e, para alívio, uma mistura de todos os opostos aos sentimentos malignos endereçados para eles pelos pobres espíritos enegrecidos de fora, sobre as montanhas e planícies.

Aqui encontramos Shonar. Ele estava sentado perto do viveiro de peixes, e com ele estava uma jovem garota que se sentou ao lado dele sobre a lateral de pedra. De vez em quando ela olhava para ele com amor e gratidão. Eu a conhecia, pois encontrei-a em minhas visitas anteriores.

Conforme eu ia chegando, ela levantou-se e, correndo para mim, pôs sua mão em meu peito e, olhando feliz em meus olhos, disse, "Oh, meu senhor Arnel, novidades, novidades!"

"Que, para uma jovem mocinha, são como açúcar para uma égua," disse eu,
sorrindo.

"Não", disse ela, "verdadeiras notícias desta vez, querido Arnel. Finalmente ele está dentro destas paredes; realmente aqui, Arnel. Agora

mostre-me sua alegria por minhas notícias!"

Ela me segurou com ambas mãos no meu peito, e manteve-me num abraço enquanto olhava firmemente em meu rosto com um olhar de triunfo. E sem dúvida baixei minhas defesas. Tomando-a em meus braços com ternura, deitei sua cabeça em meus ombros e disse, "Claire, minha pequena, são de fato novidades, e as bênçãos de Deus. Valeu a pena todo o trabalho na estrada para que eu chegasse até aqui, neste lugar longínquo, para ouvir isso. E agora, minha querida, vai me levar até ele, porque eu também vou dar as boas vindas. Não, mais, vou cumprimentá-lo bastante, pequena Claire, por sua mais esplêndida luta, e a vitória em seu final. Mas, primeiro, ao meu senhor Shonar, já que por causa de sua doce ânsia de contar-me tudo isso, fez-me esquecer a arte gentil da cortesia".

Ele nos cumprimentou alegremente, e conversamos por instantes sobre trabalhos que iniciamos. E daquilo agora. Estou com vontade de contar a você sobre esta garota, e o tema sobre o qual ela me falou.

O homem, sobre quem ela havia me contado estas novidades, era seu irmão. Eles eram duas crianças de nobre linhagem e abastados na terra. Para a própria proteção, pois ela soube algo de seu comportamento maligno, ele a matou. Quando ela soube que ele também havia passado para cá, sendo morto numa luta à qual chegara por seu modo de ser, ela pedira para retornar para perto de seu lugar de expiação, para ajudar o quanto pudesse, e dar-lhe as boas vindas quando se arrependesse. Mais vezes que apenas uma, eu a encontrei esperando, esperando por ele que ainda habitava lá adiante, na escuridão. Ela era solene e quieta, mas cheia de doce resignação e fé em que suas orações valeriam no tempo devido. E agora ele chegou ao Forte, e estava colocado num daqueles quartos escurecidos, um pouco próximos das paredes externas da cidadela.

Então ela me levou até ele. Estava sentado num banco contra a parede, e falei com gentileza, e disse-lhe de como todos nós tínhamos ajudado a

encontrar seu caminho até aqui, ele todo o tempo inconsciente. Contei-lhe do propósito de sua irmã em estar por ali, e de sua paciência em esperá-lo.

Quando terminei, ele estava em pranto, com seu rosto em suas mãos sobre os joelhos. Era ele que na vida terrena tinha sido um jovem zombeteiro de tudo que era bom, um seguidor de tudo que era maligno e, através disso, de comportamento arrogante, e nisto era de bom gabarito e de velha linhagem. Atrás de mim, nas sombras do corredor, estava James, uma vez um escrivão num escritório de contabilidade, de berço humilde e pobre em bens mundanos. E aqui estava ele agora, um jovem nobre da cavalaria celeste com gabaritos e riquezas além do que sonhou na terra este pobre jovem caído e arruinado.

Pensei naquilo tudo enquanto estava ali, em silêncio, por instantes. Então Claire falou, "Foi permitido a mim vir até aqui, Arnel, muito antes que agora. E já contei a ele que agora ele não é mais daqueles que precisam se desesperar por qualquer coisa, porque chegou vitorioso nesta casa".

"Isto é verdade", disse eu, "e agora que chegou tão longe, continuará. Seja bravo, querido rapaz, e Claire vai ajudá-lo, e nós o ajudaremos também".

Então ele levantou sua face, lentamente ficou em pé, ficando ali pensando por momentos, então lentamente andou em nossa direção. Sobre nós a escuridão não era tão profunda, porque não podíamos diminuir nossa condição brilhante no total. Ele disse, "Eu sei senhor, porque minha irmã disse o seu nome - Senhor Arnel. Eu agradeço-lhe, senhor, por tudo o que fez por mim, um estranho. Pelos horrores e quanta tortura que pratiquei, eu bem mereci. Mas que a gentil Claire, minha irmã, desse seus sorrisos para mim, eu que lhe fiz tanto mal, é para mim, ao mesmo tempo, angustiante e doce. E quem é este, senhor, por gentileza? Não havia visto este jovem senhor por aqui antes".

Eu lhe contei a história de James, e ele se voltou para o jovem líder e

disse, "Se nos encontrássemos na vida da terra, senhor, eu o teria desprezado como tolo e muito inferior a mim. Encontro-o aqui, e almejo que permita que eu toque sua mão".

A isso, James rapidamente andou em sua direção e segurou a mão do outro na sua, num ardoroso aperto de mão. Então, olhando gentilmente para o jovem, disse, "Meu irmão, o seu sangue nobre não fez com que seu curso na terra fosse bom. Mas há em você algum merecimento verdadeiro e alta nobreza. Encontramos isso aqui, meu irmão, em pessoas improváveis. Você é um desses. Mantenha-me em sua mente, pois você e eu podemos fazer grandes coisas ainda".

Senti que ali havia uma simpatia mútua de entendimento entre estes dois que eu não podia alcançar. Era, como pude ver, um desses casos onde duas almas encontram quem nunca haviam encontrado antes e, sem mais, buscam um ao outro por instinto. Pois eles perceberam, sem raciocínio, que no fundo de seus corações eram família.

Quarta, 22 de dezembro de 1920.

Num grupo com Shonar, fizemos a ronda dos muitos departamentos onde os assuntos daquela região eram decididos. Fomos com um propósito definido. Era para examinar cuidadosamente os registros mantidos ali. Nisto encontramos detalhes das condições, progressos e falta de progresso, a atual habitação de todas as numerosas almas que estavam espalhadas nas vizinhanças. Não tínhamos nenhum propósito a tratar com outros, exceto os do grupo que havia chegado com o Vereador e o Bispo. Mas, se surgisse ocasião, estaríamos preparados para conduzir isso em pauta também.

Vou contar-lhe como demos andamento em uns poucos casos. Estes servirão de exemplo para que possa ver de que maneira estes trabalhos são feitos por aqui.

Terminei com os admitidos na Fortaleza, e contarei um pouco dos de

fora.

Tendo em mente os detalhes que aprendemos dos registros, seguimos adiante. Éramos eu, Shonar, Habdi e James. Fomos pela planície até que chegamos num lugar onde uma pequena cabana foi erigida. Entramos, e encontramos lá dentro três homens e uma mulher. Os três estavam deitados no chão, mas a mulher estava em pé. Ela era uma das trabalhadoras sob o comando de Shonar. Ela fora prevenida de nossa presença, mas os outros não.

Ela estava falando, e agora um dos homens estava respondendo, "De onde você veio, senhorita? Suas palavras são justas e sua voz é bondosa. Mas aqui temos estado longos dias, e não vemos nada das coisas alegres de que você fala".

Ela respondeu a ele, "Não, mesmo assim elas são para vocês, se continuarem em seu caminho de progresso com coragem. Porque a palavra chegou até nós, de lá do Forte para o qual querem se mudar, saindo deste lugar monótono em direção à luz onde seus queridos habitam".

"Por que eles não vêm mais aqui até nós, agora que passamos a porta da morte? Você diz que eles ainda nos amam. Por que não trazem de seu amor para nós?"

"Meu irmão, recorde-se um pouco. Sua esposa e seu filho vieram ultimamente?"

Então ele pensou no assunto. Diante de sua mente espocavam cenas de blasfêmia que ele lançou em seu desespero; o caminho louco que fizera nas terras trevosas, quando até a luz sombria do Porto Pedregoso doeu-lhe nos olhos; os raios de maldade que ele mais tarde lançou, e as companhias dos homens e das mulheres que ele tomou para si, de aspecto vil e de coração também trevoso. Então respondeu, "Senhora, para minha vergonha digo que senhora diz a verdade. Eu não os faria vir pelos meus caminhos por onde passei, nem aguentaria que testemunhassem aquele modo de vida que

mantive desde que ultimamente os vi. Não, estão melhor onde habitam. E diz você que posso ir até eles, senhora, eu e meus amigos?"

"Se eles têm vontade de alcançarem seus parentes, eles e você podem vir. Mas não iremos diretamente. Há ainda muita necessidade de treinamento para ir à luz. Mesmo assim o caminho é um caminho seguro, desde que me aceitem como guia e aqueles com quem trabalho, meu irmão".

O homem levantou e chamou seus dois amigos. Eles tinham estado em meditação profunda. Agora estavam completamente acordados e levantaram-se também".

Um deles disse, "Há uma moça perto de lá, a quem devo obrigações. Quando aquele tirano, chamado Ferreiro, quis me derrubar uma vez, ela veio entre nós e tomou o baque por mim. Senhora, diga-nos se vai nos levar para as nossas mulheres e nossas crianças. Eu gostaria de levar aquela garota conosco, para que minha esposa possa manifestar-lhe seus agradecimentos pelo que ela fez por mim".

A mulher assentiu, e eles saíram pela planície para buscar a garota. Fomos também, estando invisíveis para eles, mas ela sabia de nossa presença.

Depois de um certo tempo, eles chegaram a uma floresta de árvores nuas, sem folhas. Algumas delas foram tecidas juntas, com cipós, para formarem um abrigo.

Havia uma fogueira diante da entrada, e em torno dela sentavam-se alguns homens e mulheres. Quando se aperceberam da aproximação dos quatro, riram com desprezo, e um gritou, "Eu disse a vocês antes, meus prezados companheiros. Então, voltaram a nós, não é? Bem, por que não? O que mais poderiam ter achado para fazer nesta maravilhosa região? Não é bom estar sozinho nesta localidade, com certeza." E com uma risada cínica, ele voltou a esquentar suas mãos na fogueira.

Mas dali levantou-se outro, de aspecto diferente. Ele era alto, de grande compleição e de semblante feroz. Ele veio na direção deles e, ficando com os pés afastados, colocou seus punhos nos quadris, e em sua mão direita havia um bastão cheio de nós. Primeiramente dirigiu-se aos três homens. Ele disse, "Agora o que significa isso, meus prezados companheiros? Vejo que têm uma mulher em sua companhia. Bem, já a vi antes, e ela não se dá bem em nossa companhia. Madame, estes três homens não são homens, mas corações moles. Responda por eles. Qual é o propósito que os traz até aqui?"

Ela contou-lhe resumidamente, e ele retrucou, "A desleixada está em seu abrigo de folhagens. Se a quer, leve-a e caia fora para seu caminho!"

A mulher se aproximou do abrigo e, quando parou de chamar a garota lá dentro, o Ferreiro levantou seu bastão para atingi-la. Mas os três homens se apressaram em pegá- lo, antes que pudesse fazê-lo. Eles o empurraram de volta, e ele caiu sobre o fogo e rolou algumas jardas, para dentro da escuridão. Então, mais uma vez ele se levantou e veio correndo em direção aos seus assaltantes, quando três mulheres e dois homens saíram do círculo e postaram-se em seu caminho.

Um destes homens disse, "Não, Ferreiro, você já tiranizou esta garota por muito tempo, e a nós também. Aqui estão três que rompem com isso, e há mais cinco, e uma no abrigo para aumentar o número. Fique fora, porque nós estamos todos cansados da vida que aqui levamos, e iremos com eles e a senhora que os guia. Nós não somos brilhantes, nós não; mas encontraremos algum lugar para morar, e não será pior que este local com a sua companhia".

Então Shonar assumiu visibilidade e foi em frente. Ele disse, "Quanto tempo ainda, meu irmão, você continuará se enganando, e a estas suas vítimas? Você não é o homem poderoso que tenta aparentar. Você nem tem força em seu corpo, nem a força de vontade que demonstra. Pare com este

escárnio e com sua própria loucura. Somente desta forma cumprirá seu destino, que não é ser procurado neste lugar lúgubre, como bem sabe".

Então o homem mudou. Estas pessoas da região que eram observadas lá do Forte eram os que haviam recebido um pequeno apoio em direção à luz. Alguns deles tinham vindo de lugares mais escuros. Alguns haviam achado seu caminho pela gravitação normal, depois de passarem pelo portal da morte. O único do grupo que foi rebaixado foi o Ferreiro.

Mas agora cada palavra pronunciada por Shonar encontrava lugar em seu coração. Ele sabia que as palavras eram verdadeiras. Mas ele não podia, naquela hora, minorar sua ostentação totalmente. Mas disse, "Sim, mestre, estas suas palavras são boas palavras, mas por enquanto não são para mim. Mas se estes outros escolherem ir, não mais os deterei. Eles irão, e ficarei sozinho com minha própria tarefa de decifrar o enigma do meu enigmático coração. É melhor assim. Estão me escutando, seus fracos? Saiam desta porcaria de fogueira, e preparem seus corações com mais forças. Estes cavalheiros vão levá-los para algum local menos assustador e mais adequado a seus pensamentos".

Shonar levantou sua mão, mas o outro continuou, "Não, senhor, tenha paciência comigo, peço-lhe. Verdadeiramente, minhas palavras tem algo de escárnio nelas. Mas são verdadeiras, pois estes são fracos e precisam de tratamento suave, como eu disse. Mas desejo que não sofram mais. Leve-os, pois não são boa companhia para alguém como eu; pois, se eu fosse mais amargurado nas palavras e de coração, ainda não teria dito toda a verdade que é concernente a mim. Aqui e agora, é verdadeiro que não sou forte. Mas a força, eu a tenho em mim, presa por correia. Deixem-me, e eu virei a vocês quando estiver pronto. Agora sigam, e me darão alívio".

Então Shonar agrupou todo o resto, e os levamos para o Forte onde seriam atendidos e fortalecidos para sua jornada à frente. Alguns deles foram transferidos para a Clareira, outros para outros lugares. Mas todos

tinham entrado na trilha em direção à luz, e agora que estavam aos cuidados de guias amistosos, não se espalhariam mais.

X - O FERREIRO FAZ REPARAÇÕES

Quinta, 23 de dezembro de 1920.

Pouco depois, enquanto Shonar descansava após um período de trabalho mais extenuante que o normal, um dos jovens de sua casa chamou-o e disse, "Há um homem fora do portão que gostaria de falar ao senhor".

"O assunto dele é tal que você não pôde dispensá-lo?", indagou Shonar; e o jovem homem respondeu, "Qual é o assunto dele, meu senhor Shonar, eu não posso dizer, já que ele tem em mente não dizer nada a não ser ao senhor".

"E quem é o homem?"

"Ele acaba de chegar ao portão, e ainda não pegamos os registros na procura de seus dados, senhor".

"lrei até ele", disse Shonar, e foi ao portão. Era a arcada da qual eu lhe contei na última sessão em que nos falamos, meu filho. O homem estava em pé a algumas jardas, bem no centro do círculo de treva. Shonar chamou-o, ficando em pé bem embaixo da arcada, "Aproxime-se de mim, meu amigo, para que eu possa ver como se apresenta".

"Senhor", replicou o visitante, "Não posso me adiantar até onde o senhor está. Aquela luz ali me traz desconforto. Apesar disso ..." E ele, apertando seus lábios, deu cinco ou seis passos à frente. Era como se ele estivesse subindo numa correnteza. Então ficou parado e disse, "Não posso ir mais adiante que isso, meu senhor Shonar. Isto deve ser suficiente para o senhor".

Esteve lá, Arnel?

Estava atrás e à esquerda de Shonar, que respondeu, "É suficiente, amigo. Vejo-o agora mais claramente. Você tem estado numa contenda com você mesmo desde que nos encontramos, meu irmão".

Era verdade, como eu podia ver. Ele não estava tão alto como quando o vi da última vez, e seu tamanho estava diminuído. Estava de certa forma magro, e muito humilde. Era verdade o que Shonar havia dito a ele na fogueira de seu campo. Enquanto manteve sua mente no papel de tirano, foi capaz de manter uma máscara de força e aparência de vigor. Mas tão logo se pôs a buscar a verdade sobre sua condição, ele tomou a resolução de ressarcir seus atos, então toda a ilusão de grande força e valor começou a esvair, e ele apareceu exatamente como era: nenhum herói, nem líder de homens, mas apenas um pecador em sua fraqueza, e alguém que deveria seguir humildemente os que eram melhores e mais fortes que ele, se encontrasse condições de corpo e mente.

Então Shonar falou novamente, "Qual é o seu desejo em relação a mim, meu amigo? Não buscamos seu registro deste tempo decorrido. Não sei, portanto, nada a não ser o que leio no livro aberto de sua própria pessoa. Está buscando sua admissão aqui?"

"Não, isso não, pois não estou pronto. Em conformidade com o que o senhor enunciou do meu caso, tenho realmente que lidar em mim com algumas partes mais profundas do passado, naquilo que formalmente pensava fazer. Eu era um louco que exultava com minha loucura. Agora sou um louco que ainda carrega sua loucura, mas sem exultação. Também sou louco o suficiente, meu senhor Shonar, para recusar seu convite gentil de entrar e retornar para minha cabana escura dentro da floresta".

Ele mudava de posição de vez em quando, como alguém que não está à vontade. Suas palavras eram pronunciadas com alguma hesitação, como se lhe faltasse a vontade de dizer o que tinha desejo de dizer. Shonar viu isso, e, para aliviá-lo, disse, "Agora, Ferreiro, descanse onde está por instantes. Retornarei quase imediatamente. Eles farão música para você, enquanto espera".

Então voltou-se, e ambos subimos à sala na qual ele sabia que estava

sendo feito o registro dos feitos deste homem. Eu não pude lê-los, mas ao fazer isso, ele se virou para mim num sorriso e disse, "Arnel, meu irmão, nosso irmão lá fora está virando um cavaleiro galante e está tímido por nos contar. Ele tinha apenas uma mulher em sua guarda quando fomos para lá pela última vez. Agora, lá estão quatro".

"Quatro mulheres naquela choupana esquálida? O que está acontecendo aqui, Shonar?" perguntei.

"Não, não li tudo ainda. Apenas marquei os pontos mais salientes, e deles este é o principal. Será o suficiente para abrir seus lábios sobre suas futuras aventuras. E, Arnel, penso que ele dará alegria a você e a mim com o que ele tem em mente para nos dizer".

Então voltamos e o encontramos deitado embaixo de uma árvore que cresceu bem no limite da luz diante do portão. A música que vinha das paredes era cantada por um coral de mulheres trabalhadoras, e soava como uma suave canção de ninar. Isto ele não ouvia desde que deixara a terra, e suavizou-o para que sua melhor parte correspondesse. Assim, ele foi capaz de vir mais perto da arcada e de sua irradiação.

Shonar, como sempre, foi diretamente ao coração do assunto. Ele disse, "Descanse onde está, Ferreiro; é melhor assim. A música o ajuda. Agora, diga-me, o que podemos fazer por você e suas quatro companhias que fazem seu lugar de santuário na sua cabana das florestas?"

"Foi por isso que vim ao senhor, meu senhor. Estas quatro, eu encontrei sendo mal tratadas e cruelmente judiadas por um pequeno grupo de vadios. Então eu as abriguei. Se lhe agrada, venha e leve-as, pois assim posso seguir no meu caminho de chegar à verdade das coisas pela meditação".

"Iremos", disse Shonar, e fomos com ele e encontramos as quatro mulheres. Três eram do grupo do Bispo, e uma era forasteira.

Quando elas estavam prontas para virem conosco, Shonar virou-se para o homem e disse, "E agora, meu amigo, viria também conosco? Você é bem

vindo na Casa, dou-lhe garantia disso; seja bem vindo e tenha seu tempo de lazer para descanso e meditação. Este é o seu propósito aqui; por que não levá-lo a efeito em melhores condições?"

"Não", disse ele. "O senhor tem boas intenções a meu respeito, senhor, e eu agradeço por isso, e pelo benefício que me oferece. Mas penso em fazer algo útil para contrapor ao que fiz por tanto tempo. Morarei aqui por perto e, talvez, se eu ficar atento com olhos abertos e ouvidos, serei capaz de trazer ao senhor mais peixes para sua rede de vez em quando. Não tenho a força de corpo que tinha há tão pouco tempo atrás; contudo minha mente está mais voltada à ação, e minha vontade está mais poderosa. Isto me bastará. Faça de mim, portanto, seu observador por aqui, e farei o que for capaz com o total de pequenos méritos que alcancei."

Shonar olhou para ele em silêncio por algum tempo. O homem olhava para o chão. Finalmente ele levantou sua cabeça e, voltando-se, olhou para a planície que havia saqueado e toda região em torno como comandante dos salteadores antigamente.

Vi seus olhos marejarem um pouco. Então ele se virou para Shonar, e disse baixinho, "O que faço não é nada. Não é nada, meu bom senhor, para que o senhor possa olhar desta forma tão bondosa por mim. O senhor me diz que tem meus registros lá. Não entendo bem o que quer dizer, mas sei que é verdade, se o diz. Leia aqueles registros, portanto, e talvez pensará em mim de forma mais justa e menos bondosa. Então agora despache-me e, quando for ocasião, voltarei aos seus portões e virei cumprimentá-lo".

Shonar foi até ele, colocou sua mão esquerda sobre o ombro direito do homem, e tomou sua mão direita na dele. Não falou nada. O Ferreiro olhou para baixo, mas com a cabeça ereta; apenas suas pálpebras estavam abaixadas. Shonar olhava diretamente para seu semblante, apertando firmemente sua mão naquele instante, mas ninguém disse nada. Então nos voltamos e saímos, levando as quatro mulheres conosco através da planície.

Andamos um pouco em silêncio, e então meu amigo virou-se para mim e, em voz baixa, disse vagarosa e pensativamente, "Arnel, meu irmão, no tempo em que Deus fez o Homem, Ele fez um enigma poderoso - como um num jardim em labirinto - difícil de resolver. Mas quando se chega ao centro, e há uma fonte agradável, cheia de beleza como um pássaro é cheio de música, então valeu a pena chegar lá".

Quarta, 29 de dezembro de 1920.

Estávamos sentados no grande hall no interior da Casa de James, quando o jovem Governador veio a nós e disse, "Acabo de receber notícias de meu Senhor Shonar, dizendo que necessita de mim no Forte. Comissiono à sua jovem sabedoria, meu irmão Habdi, o Povo da Clareira, para que os guie, e ao Senhor Arnel o aconselhamento a Habdi em qualquer assunto que talvez seja mais difícil que ordinariamente. Faria esta gentileza, Arnel, meu bom pai?"

Eu vi que o chamado era urgente e disse-lhe que cuidaria de seu povo enquanto estivesse distante. Vi-o sair em direção à Arcada, enquanto fiquei na porta da Casa. Ele não foi sozinho, já que com ele foram dois meninos de uns catorze e dezesseis verões, e duas jovens mulheres. Uma delas teria a idade de dezenove, e a outra uns vinte e oito pela sua aparência.

O que sucedeu eu soube um tempo depois. Vou contar-lhe agora, pois refere-se a eventos recém acontecidos, e servirá para enfrentá-los de alguma forma.

O grupo chegou ao Forte. Foram recebidos no portão por Shonar. Ele recomendou aos outros o cuidado com suas mulheres, e a James disse, "Vou contar-lhe nossa tarefa enquanto andamos, meu filho. Venha, porque somos necessários por lá".

Por um bom tempo, o Ferreiro tinha trabalhado seu abrigo, conforme ele escolhera. Tinha em sua mente seus planos e os levava adiante. Shonar

deixara-o assim aos seus próprios cuidados, considerando que seria vantajoso desta forma para o progresso do homem. Quando o Ferreiro efetuava um socorro, fazia sua aparição diante dos portões e despachava sua carga com poucas palavras. Somente um cumprimento e um adeus ele dava, e ia embora novamente a seus negócios, na escuridão do Plano exterior em torno.

Uma vez Shonar foi lá, para ver como ele se saía, e foi invisível. Viu que o homem trabalhara para erigir uma humilde residência de pedra, e ali recolhia seus socorridos. Ele os socorria ali, e os trazia para se fortalecerem um pouco. Mas a velha cabana ainda estava lá, e era consertada de vez em quando. Era um testemunho de seu antigo tempo de degradação, e um mentor para ele que impulsionava a compensar seus crimes passados por boas ações atualmente.

Quando Shonar e James chegaram ao lugar, pararam um pouco para perceberem o estado real dos fatos mais claramente. Pois de uma forma estranha, os registros do Forte cessaram repentinamente. Nenhum detalhe ou atitudes adicionais chegaram na câmara de registros. E isso era muito incomum e difícil de ser explicado. Ficaram lá por instantes, e então Shonar disse a James, "Meu filho, temos que lidar com alguém aqui que um dia subirá alto para governar altos reinos, e eles os guiará seguramente e com muita devoção.
Você é capaz de sentir o significado desta empreitada?"

"Algo de mal veio à sua porta, meu senhor. Não passo disso".

"Por que cessaria o registro de suas atitudes tão repentinamente, já imaginou?"

"Não, aquilo que alcanço em nada ajudará".

"Meu filho, este Ferreiro saltou para outro telhado, sobrepujou estes que trazia para nós. A menos que levemos ajuda para seus socorros, ele pôs na cabeça cortar todas as correntes externas de informação. É por isso que

nada foi transmitido ao Forte dos acontecimentos subsequentes àquilo que aconteceu neste lugar. Ele trouxe seu trabalho sob seu próprio cuidado, e encarregar-se-ia de tudo por sua própria força de vontade. Por isso cortou toda a comunicação conosco. É uma grande alma, esta aqui".

"Ele está na busca do coração de Shonar", disse James, "para ser amado pela semelhança de atitudes e métodos de aplicação, senhor. Mas onde estão os que ele abrigou?"

"Estão na outra casa que ele construiu. Agora iremos até lá. Mas mal consigo pensar em como lidar sabiamente com este problema. Ele tem que ter sua vontade nisto, pelo menos até certo ponto. Por que, por ele ter se determinado a uma enorme tarefa para ser concluída, isso é uma boa coisa, e que seja recomendado. Mas devemos medir suas forças e a dos seus inimigos quando pesarmos ambos. Pode ser que nossa ajuda seja necessária, pode ser que não".

Assim, eles se aproximaram da casa e entraram, estando invisíveis primeiramente, e então, assumindo as condições gradualmente, ficaram na porta de um quarto amplo, e esperaram. Estavam num hall de área não muito grande. Fora deste hall, havia mais quatro compartimentos. Três eram pequenos, e o da extremidade mais distante era a sala principal da casa. Não havia portas, por isso olharam para dentro. Havia uns quarenta homens e mulheres agrupados ali. Estavam sentados em bancos em torno da sala enquanto, no meio do espaço aberto, meia dúzia deles estavam dançando para seu prazer. Não era uma bela visão, porque enquanto tentavam imitar a graça de um minueto, suas mentes doentias interpretavam tudo sem graciosidade nenhuma. Estavam no auge do aplauso quando Shonar e James entraram e ficaram perto da porta. Logo foram vistos, e um deles, o que parecia ser o líder, gritou, "Venham, bons camaradas. Vocês estão cansados, como nós estamos, daquela escuridão lá fora, sem dúvida. Bem-vindos à alegria que puderem encontrar aqui em nosso meio".

Havia um verdadeiro sinal de bondade em sua voz, pois nem todas as pessoas nesta região eram malignas, mas apenas carecentes ainda do desejo de progredir. Ali eles eram capazes de perceber, e alcançar para seu conforto, as condições mais brilhantes daquele interior provindas da residência do Ferreiro.

Portanto os dois vieram e Shonar disse, "Isto é uma coisa esquisita de se ver, boa gente. Seu contentamento é grande pelas evidências, mas falho em algo na substância. Isso não ajudará a impulsioná-los no empenho de progredir naquilo que são convidados a fazerem".

Um deles respondeu, "Estamos cansados do caminho, forasteiro, e queremos descansar um pouco. Além do mais, perdemos nossos guias e perdemos o caminho em que nos colocaram. Vão nos procurar, sem dúvida, por aí. Enquanto isso nós descansamos".

"Vocês não descansam, meu irmão", disse Shonar. "Isso não é descanso. Deste jeito apenas acrescentam cansaço ao cansaço. E onde está o Mestre desta Casa?"

Eles tinham quase se esquecido do Ferreiro. Quando Shonar falou dele, uma mulher gritou, "Bela falha, mas ele está descansando também! Nós os amarramos por um pouco, porque ele queria impedir que dançássemos".

"Ele fez muito bem, como sabem. Agora, boa gente, todos vocês deem-me sua atenção e sua boa vontade também. Este homem é seu amigo, e ficará no lugar dos guias que perderam por sua própria tolice. Eu mesmo não moro nestas redondezas, mas um pouco mais adiante. Pode ser que nos encontremos novamente. Enquanto isso, recordem-se de seu amigo de quem abusaram, e desamarrem-no. Ele vai ajudá-los mais ainda, se o seguirem como líder".

Então os dois, a fim de tornarem a multidão apreensiva, exortaram suas vontades e reassumiram a invisibilidade. Naquele estado ficaram ainda observando mais um pouco e, quando tudo estava bem, voltaram para a casa

de Shonar.

As pessoas ficaram pasmadas quando os visitantes ficaram invisíveis em seu meio. Um deles, que estava sentado silencioso num canto e, pela aparência, não muito contente com as atitudes destes pouco evoluídos companheiros, ficou em pé e disse, "Somos idiotas, todos nós. Aqui brincamos, enquanto o bom homem poderia nos ter contado qual o caminho a seguir. Vamos nos apressar em desamarrá-lo, antes que falhemos novamente no propósito. Aqueles dois não eram como nós somos. São homens de fora, digo-lhes. Vejam como nos deixaram. Também seu aspecto não era desagradável, e o que falou a nós era decisivo em suas atitudes. Vamos embora, digo eu. Se brincarmos, falharemos no propósito, como muitas vezes já falhamos".

Ninguém achou coisa melhor para sugerir. Desde que chegaram os dois forasteiros, toda a alegria cessou e a dança ficou sem sabor. Foram então ao Ferreiro. Quando ele os viu, disse, "Bem, meus amigos, vieram em vingança para desafogarem a malignidade sobre mim, ou vieram arrependidos para me libertar destes laços?"

O homem (*Mais tarde conhecido como "O Doutor"*) que os havia exortado disse então, "Bom amigo, não queremos machucá-lo. Já fizemos nosso passatempo, e agora estamos prontos para seguir adiante, se nos guiar.

Ele ajoelhou e libertou o Ferreiro de seus laços e, ao fazê-lo, cochichou, "Leve-os adiante rapidamente, e vou ajudá-lo como puder. Eles são fracos, estes aqui, mas não há maldade em seus corações. Eles o seguirão, se os liderar".

Então ele se levantou e os liderou em direção às terras escuras, para fora daquele oásis. Pois a casa e seu ambiente em torno tinham uma cintilação irradiante que gradualmente havia se formado sobre ela, resultante do progresso do Ferreiro em direção à luz, e também de seus trabalhos fora e dentro dela.

Conforme saíram, ele foi à frente deles no longo, longo caminho que teriam que viajar em direção ao seu destino. Pois eles iam muito lentamente, sendo fracos de propósito e de membros. E enquanto ele ia à sua frente, eles perceberam, no meio da escuridão, que sobre ele havia uma pálida irradiação de luz. Desta forma seguiram adiante, e o número deles aumentou, aqui e ali ao longo da trilha, com alguns outros que também haviam perdido o caminho

XI - A VIDA NO FORTE

Quinta, 30 de dezembro de 1920

Dentro do Hall do Forte estava reunido um grande grupo de pessoas. Eles eram, na maioria, trabalhadores do Grupo de Shonar. Com eles estavam alguns recolhidos que o progresso tinha sido tal que os capacitou assim, a virem a este brilho com conforto. Havia um número deles reunido embaixo das árvores perto da água que caía numa bacia e à esquerda dela. Diante deles ficou metade do grupo, que estavam num exercício de canto. Aqui e ali, no hall, havia pequenos grupos em conversa ocasional ouvindo a música do coral.

Perto da entrada principal estava James. Ele estava conversando com Claire e seu irmão, de quem já lhe falei. Ali entrou um jovem homem que era um dos que guardavam a porta da frente. James viu que ele estava observando os vários grupos, e soube que ele estava procurando por Shonar. E a ele disse, "Meu irmão, nosso senhor Shonar está um pouco ocupado lá adiante da fonte. O que está acontecendo, permite que eu vá em sua ajuda?"

"Se vier comigo lá fora, o senhor mesmo avaliará, senhor", disse o jovem. Então seguiram para a porta exterior da Casa. Ali James teve uma estranha visão. Havia um grande grupo de pessoas que se estendia na frente e nas laterais na escuridão, e pareciam cansados. Vieram de uma longa e extenuante jornada, e suas roupas estavam cobertas de poeira e muito rotas, e seus corpos esquálidos e ofegantes.

À frente deles, e no local iluminado diante do portão, estava o Ferreiro. Era uma pessoa que dava dó de se ver. Todo o seu brilho pessoal, que tinha quando começou a liderar estas pessoas até aqui, foi absorvido por eles, já que suas forças não era suficientes para atendê-los na longa peregrinação através do deserto. Então ele lhes dava de sua própria força, de vez em

quando. E agora ele aqui estava, exaurido e exausto, mas com sua carga pesada bravamente conduzida, trazida a salvo ao seu destino.

Ele não falou, e parecia meio apagado em entorpecimento. E por um pequeno intervalo James também ficou no portão em silêncio, olhando para ele e para os atrás dele. Em enquanto olhava, entendia, e seus olhos marejaram com lágrimas de pena, nascidas em suas memórias de quando também sofreu desta forma por outros, e talvez ainda o faria novamente.

Meu filho, há alguns impulsos do espírito Cristão nestas paragens áridas, e de uma índole tão pouco provável, que algumas vezes nos fazem parar por suas virtudes insuspeitas.

Finalmente James moveu-se. Foi em direção a eles, tomou seu atormentado líder pelas mãos, e levou-o gentilmente para dentro do portão. Aqui, sendo as condições de valores mais elevados, o Ferreiro sentiu uma emoção súbita e saiu com alguma pressa, tendo sido pego de surpresa por ela. Isso o fez acordar de seu entorpecimento, e olhou em volta, questionando com seus olhos o que sua língua não poderia pôr em palavras.

Então James disse, "Está bem, meu irmão, está tudo bem. Você não deve ter mais medo deste grande brilho, nunca mais. Você progrediu mais do que pensa. Venha agora para dentro, e entregarei estas suas companhias ao encargo de trabalhadores deste lugar. Eles farão tudo certo. E você, quando estiver descansado, vou levá-lo ao nosso bondoso pai Shonar".

Então ele levou o homem ao longo do Corredor, lentamente, parando de quando em quando. E enquanto seguiam, o Ferreiro cresceu ainda mais em seu corpo, e sua roupagem perdeu seu aspecto sombrio e tornou-se mais decente.

Quando eles chegaram na entrada do grande Hall, pararam. Shonar estava vindo em sua direção, tendo entrado por uma porta no muro mais distante, atrás da cortina de águas.

Ele deu um forte aperto de mão no Ferreiro e disse, "Você é bem-vindo

aqui, meu bom tenente. Entre e descanse, porque o que tenho para lhe contar vai agradá-lo.

Foram imediatamente para dentro do Hall e sentaram-se num canapé à direita de sua entrada. Então o recém-chegado disse, "Eu lhe agradeço, meu senhor Shonar, por sua grande paciência comigo. Este jovem cavaleiro aqui disse-me que meus pobres andarilhos seriam muito bem cuidados. Isto está bem, com certeza. Por isso, se me permite, descansarei por um tempo, como me deram a licença de fazê-lo, e então retornarei ao meu trabalho novamente".

"Ferreiro", disse Shonar, "você, por muito trabalho, já alcançou avanços. Temos aqui trabalhadores que se encarregarão dos assuntos dos quais você se encarregou até aqui. Eles farão de sua casa lá, o ponto de partida, e você estará em outros trabalhos, em lugares mais brilhantes, como é de seu galardão".

Mas ele respondeu, "Não, apenas continuarei... continuarei..." e parou. Havia visto quatro pessoas que estavam conversando ali perto do meio da sala. Eles eram os que tinham ido até lá com James.

"Então o senhor conhece estes quatro?", perguntou Shonar; e ele respondeu.

"Os dois jovens têm o semblante de meus dois filhos. Mas de filhas eu apenas tive uma. Mesmo assim, aquelas duas são certamente irmãs, porque são rostos de irmãs. Não consigo resolver este enigma, senhor, mas estou espantado".

"E contudo uma tem mais idade que a outra, Ferreiro".

"Não, apenas alguns anos de diferença entre elas".

"Meu amigo, você gastou seu tempo até aqui em regiões onde a juventude é raramente vista. Estes quatro vieram para cá para uma visita, vindos de uma esfera onde a infância salta para a juventude, e a velhice toma a mesma condição. Pais e filhos preservam seu parentesco, e também

encontram expressão exterior. Mas nenhum diz que aquele é idoso ou o outro é jovem, da forma como a idade é contada na terra".

O Ferreiro olhou intensamente para o grupo e então lentamente levantou-se e, voltando-se para Shonar disse, "Tenho sua permissão, meu bom Senhor?"

Shonar anuiu, sorrindo, e o homem foi em sua direção. A garota saltitou em sua direção e enlaçou seu pescoço com seus braços. Então vieram os dois meninos, e cada um tomou uma de suas mãos e, levando aos lábios, seguraram-na longa e carinhosamente. Então afastaram-se, e a outra mulher veio até lá. Havia lágrimas de alegria nos olhos dos dois, quando tocaram peito a peito e ficaram ali, contentes assim por encontrarem-se e cumprimentarem-se depois de tantos anos.

Quantos anos fazia, Arnel, que haviam se separado?

Não posso dar-lhe a contagem exata dos anos, meu filho. Eu diria que havia sessenta ou setenta anos que a morte havia chegado entre eles.

Então ficaram juntos, e o Ferreiro sentou-se com sua esposa em um dos bancos ao longo da parede, e as três crianças ficaram diante deles.

Por um tempo conversaram seriamente, e então o homem levantou-se, e abraçando a cada um, beijou-os e, com um aceno de mão e um sorriso, veio até onde Shonar estava conversando com outros, perto das águas. Ele viu o Ferreiro e convidou-o a juntar-se a eles. O homem então disse, "E agora, meu senhor Shonar, devo agradecer-lhe por sua grande bondade comigo, e também com estes meus queridos. E também agradeço ao senhor, meu jovem senhor James, porque eles me contaram de sua grande generosidade dispensada a eles na Clareira. Eu pediria mais uma graça, bom Shonar, se puder ser concedida a mim. Seria que, quando eu vier para cá, de tempo em tempo, nos meus trabalhos, eu pudesse encontrar estes meus queridos por um curto espaço de tempo, como aconteceu agora. Isto me dará algum alívio em contraposição ao novo turno de trabalho".

"Meu irmão", disse Shonar, "está ordenado que você se vá com eles agora mesmo para a Clareira, que é seu lar. Nós recebemos palavras de autorização para que lhe fosse dado isso".

"De quem?"

"Dos que têm observado lá das esferas superiores o seu trabalho evoluindo nesta região".

"Eles podiam me ver e saber das coisas que fiz e por que, e como as fiz?"

"Nas formas que eles têm que comandar, eles podem fazer tudo isso".

"Então eles também saberão, bom Shonar, por que eu voltarei para meu trabalho lá longe, e vão me dar licença para ir."

Shonar olhava para o homem agora, da forma que já olhara para ele uma vez. Aqui estava um homem de seu próprio calibre. Não, num mesmo momento Shonar esteve no mesmo caso que este outro, porque ele, de sua vontade própria, permanecera nesta região, quando pelo direito de merecimento verdadeiro, ele poderia ter encontrado trabalho a fazer numa esfera distante no Eterno Presente, nas alturas.

"Deus lhe dá, meu irmão", foi tudo o que poderia falar e, apertando seus braços nos ombros de seu companheiro, andou com ele até o Hall e ao longo do Corredor ao portão, e desejou-lhe as bênçãos de Deus para a sua jornada.

Então voltou e, olhando para os quatro, ele disse, "Boa mãe, leve estas crianças com você para a Clareira, e diga-lhes quão felizes são por serem filhos de seu pai. Há um lugar para você e as boas vindas aqui, sempre que quiser vir para cá. E ele virá encontrá-los aqui, para descansar entre seus trabalhos."

Quarta, 5 de janeiro de 1921

O Forte ficava diante de um campo aberto. À esquerda de quem se

aproxima, ele desce, e a Casa tinha continuidade num muro alto que se estendia para a colina até atrás. À direita, a fachada era contínua, num muro de trezentos passos. Este muro não era tão alto como o prédio. Ele então descia até atrás, como o prédio também o fazia em seu lado esquerdo, em ângulos retos, e dava continuidade na colina, um pouco afastado da parte de trás. Desta forma temos uma área de forma retangular, com a Casa em si formando um dos cantos. O restante era de jardins, o que era de muita ajuda para os que foram recolhidos ali porque tinham progredido, até que aguentassem o ambiente mais brilhante dos jardins.

Esta terra próxima ao Forte era condicionada à Esfera Dois, e adiante, em direção à colina, à Esfera Três, e então à Esfera Quatro. Por isso era possível, dentro de seus domínios, ir aclimatando os residentes gradualmente, até que alcançassem o estágio de evolução de quando fossem mandados para adiante. Alguns foram para a Esfera Dois. Mas frequentemente julgavam que seria melhor, em vários casos, prolongar o tratamento para que outros pudessem ir direto, ou com pequenos intervalos, nas Esferas intervenientes, para a Esfera Quatro, outros para a Esfera Três. Não há regras férreas. Cada caso é tratado de acordo com seus méritos peculiares e constituintes.

Estendendo-se desde a parede traseira do edifício, do lado de dentro dos muros, há uma série de arcos. Ela tem uma calçada e, no meio desta calçada, um canal. Esta estrutura segue direto para as montanhas. É aqui onde os que estão quase partindo para a Esfera Quatro são condicionados para o ambiente mais rarefeito que lá existe. Pois quando se alcança esta rua, as condições são como as que existem naquela Esfera. Este também é o canal pelo qual a água é trazida das montanhas para o grande Hall. Ele alimenta a queda dágua da qual já lhe falei.

O Ferreiro fez várias visitas ao Forte, sempre ligadas ao seu trabalho de recolhimento de almas. Ele vinha até aqui, despachava seu encargo para

Shonar ou então, se ele estivesse ausente, para um ou outro de seus auxiliares. Ficava apenas um pouco de tempo no local e, nestas ocasiões, sua mulher, ou os filhos, ou todos eles, vinham encontrá-lo ali para alegrar-lhe o coração.

Mais tarde, de acordo com seu progresso, ele capacitou-se a ir com eles em passeios em torno das regiões da montanha. Ele se deliciava e descansava nestes jardins. Voltava depois ao seu trabalho novamente, nas regiões inferiores onde estava sua casa. Ele era uma grande alma que havia se extraviado, como ele disse. E ele e Shonar encontraram muita afinidade um com o outro. Tornaram-se muito bons amigos.

Uma vez, o homem jovem Habdi estava andando nestes jardins, como os mais brilhantes costumavam fazer, para que pudessem ajudar os que precisassem da ajuda através de um conselho. Ele estava andando devagar, com a cabeça abaixada, ao longo de uma trilha que tinha uma cerca viva verde e dourada nos dois lados. Ali, chegou a ele uma voz de alguém chamando-o, que dizia, "Bom jovem senhor, poderia olhar o meu trabalho? Estou me esforçando nele, mas o trabalho que manuseio não está bom. Este trabalho é novo para mim."

Habdi procurou e viu que aquele que lhe falara estava podando a cerca viva no lado direito do caminho em que ele estava. Aqui havia uma encruzilhada de caminhos, e ele estava trabalhando em uma das quatro esquinas. Ele imediatamente reconheceu este podador de cercas como sendo um dos ajudaram o Ferreiro em uma de suas visitas para conduzir seus recolhidos ao portão. Era do grupo que o amarrara, e este trabalhador era o homem que soltara suas amarras enquanto ele estava no abrigo.

Então Habdi respondeu a ele, "Apesar disso, esta esquina envergonha as outras três. Isto dá muito crédito ao seu senso artístico, meu irmão."

"Sim, senso artístico eu tenho, ou um dia tive... ou um dia tive. Agora, jovem senhor, esta sua frase leva-me a mais um dos meus problemas que

devo resolver, antes de tantos outros. Este é um lugar estranho, estranho lugar passageiro, difícil de se entender. E, verdadeiramente, talvez também nós sejamos estranhamente educados e difíceis de compreender."

"Qual é a sua dúvida?"

"Na vida da terra eu era escritor, e dos que era notado por dar forma excêntrica às palavras e frases. Mais ainda, meus amigos diziam que eu tinha alguma inclinação às qualidades das artes, tanto pictórica quanto plástica. Boa inclinação, resumindo. E aqui estou, nem escritor, nem homem mortal tampouco, e duvido que nestas esferas minha inclinação às artes conte muito. Mas, realmente sinto dentro de mim que a razão pela qual eu tenha gostado tanto de aparar esta cerca seja por causa do mesmo senso artístico do qual acabou de falar. Muito estranho, eu diria. E o que me diz, meu jovem senhor?"

"Você deve saber, Doutor," - já que assim eles, seus companheiros, haviam-no catalogado com um nome - "todos estes tratos que são manifestados na vida terrena são simplesmente a manifestação externa de um conteúdo mais profundo da alma. Este senso de proporções corretas, como você diria, podem encontrar respaldo em um homem através da arte da música, em outro pela pintura, em outros pela escultura, ou literatura, ou desenho de roupas, ou em outras muitas maneiras. Mas o traço é incidente em todos, e encontra expressões tão variadas por causa dos outros traços que possuem, ou oportunidades alcançadas, ou outros fatores diversos. O esforço que você mostrou na poda é o que uma vez você expressou em letras. Em outras ocasiões, Doutor, expressou-se de outra forma."

Habdi parou, e o Doutor esperou, e então disse, "Expressei-me de outra forma. Agora vou parar de segui-lo, bom jovem senhor. Não posso lembrar-me das coisas muito acuradamente ainda. E quando posso lembrar das coisas, não consigo vê-las de forma clara. Meu cérebro está ainda de alguma forma tumultuado."

"Sim, eu me lembro daquilo muito bem. Deus sabe. O êxodo da escuridão Egípcia, com certeza. Sim, lembro-me disso certamente."

"Fizemo-nos companhia, sim."

"Mas ainda não somos companheiros. Não, esse é o ponto. Ouvi falar sobre os acontecimentos pelos quais você foi levado a ajuntar-se àquela pobre multidão. Mas você sempre esteve apartado deles, não foi?"

"Eles foram bondosos comigo, na rudeza deles e nas maneiras desajeitadas. Mas eu, não, eu não era capaz de me juntar a eles como camarada."

"Por quê?"

"Bem, quase não posso considerar isso justo, senhor. Penso que se me pusesse naquela maneira de viver e também na maneira de pensar, não haveria correspondência de minha parte."

"Aí fala o escritor das palavras e das frases," disse Habdi, e sorriu ao outro: "esta dádiva também tem vida nela. Mas por que não dizer a palavra "inclinação" e colocá-la num período?"

"Inclinação, sim, é isso, inclinação."

"Bem. E foi a mesma inclinação que o levou a ajudar o Ferreiro."

Ele viu o olhar de assombro na face do outro e continuou, "Meu amigo, esta inclinação, ou senso de proporção, como você pode preferir chamar, tem uma ligação bem longa que se estende de seu exterior até o meio de seu coração. Lá nasceu. Pense bem nisto, e sinto que concordará comigo."

O que Habdi queria dizer era que a grande incongruência de amarrar daquela forma o libertador da sua escravidão tinha tocado em seu senso inato do que era certo, e colocou nele um sentimento de vergonha e de irritação por causa da irracionalidade de todo o acontecido. Desta forma ele foi levado a tomar a atitude que tomou. Mas não explicou mais nada, quando viu que seria melhor deixar o Doutor sair da confusão por si só. O que ele realmente disse foi, "Mas quero elogiá-lo, meu irmão, pelo seu

progresso desde que adentrou por estas paredes."

"Pouca coisa, penso, meu jovem senhor; e penso que também tenho que agradecer seus bons amigos e meu senhor Shonar por tanta generosidade."

"E a Outro também, meu irmão."

"E quem seria?"

"Você acabou de falar d'Ele, Doutor. Disse que Ele sabia da luta mental e espiritual que tem travado desde que chegou aqui. Não só pronunciou isso, mas o que disse implica em tudo isso, e mais também."

"Bem, veja como minha memória está sempre pregando peças, pois não tendo ninguém assim em minha mente sobre quem tenha falado ao senhor desde que começamos a conversar."

"Então devo ajudá-lo. Você O chamou pelo nome de 'Deus'."

O outro retomou, ruborizado, e disse algo veementemente, "Nunca, desde que havia deixado a vida na terra, havia chamado este Nome, meu jovem senhor. Na terra usei este Nome, nem sempre com a reverência devida. Aqui não mais me aventurei a prosseguir com isso."

"Você disse, 'Deus sabe'."

O outro parou e olhou seriamente para os olhos de Habdi por um longo tempo, enquanto sua mente trabalhava retrocedendo, então disse, "Diga-me senhor, como o senhor é chamado?"

E ele respondeu, "Chamam-me Habdi."

Então o outro disse uma coisa estranha, " 'Habdi', sim, ouvi-o sendo chamado desta forma... 'Habdi'. Mas aqui falta alguma coisa que um dia deverá ser completada. Não sei o que possa ser, nem quem inspira estas palavras para falar ao senhor. O senhor pensa que sejam palavras estranhas para que eu as diga, bom senhor? Que significado têm nelas, imaginou?"

"Tenho falta do que dizer para explicar ao senhor, Doutor."

"Não. Como no outro assunto, o senhor fala verdadeiramente, senhor, e eu peço seu perdão. Eu estava errado. Foi minha memória que me serviu

mal. Eu realmente disse aquele Nome; sim, e não o disse com irreverência. Eu agradeço, senhor, por chamar-me à atenção."

Assim partiram, com umas palavras de boa vontade de um ao outro. E enquanto continuou em seu caminho, o jovem Habdi pensou muito sobre as estranhas voltas e torções que vieram a formar o caráter do homem. Depois, desde que aquela conversa começara, ele ficou sabendo que na personalidade do Doutor, enterrado e profundamente atolado em recusas, havia um espírito sensível às altas influências que apenas por momentos, mesmo naquela esfera inferior onde haviam conversado, emergiam e tocavam algum belo espírito familiar.

Pois, enquanto o homem pronunciou aquele estranha conversa naquele caminho, Habdi havia captado um relance de um brilho luminoso que saltou sobre ele. Por esse brilho, naquele curto instante, ele soube quem o homem era, comunicador, não de seus pensamentos, mas dos de alguém mais, cuja casa era bem além dali.

XII - FORA DE LAÇOS

Quarta, 6 de janeiro de 1921.

Além da encruzilhada para a Alameda Verde, da qual lhe falei quando relatei a conversação que Habdi teve com o Doutor, há um jardim circular. É circundado por uma cerca alta que ali se abre e enclausura este local, fazendo do jardim um refúgio afastado para quem busca algum lugar assim, para uma conversa silenciosa ou para a meditação. Aqui há uma fonte e canteiros floridos e bancos. É um pequeno santuário muito agradável. Aqui sentavam-se Shonar e Habdi quando para lá veio um dos jovens homens do Forte, para conversar com Shonar. Ele contou que o Doutor havia deixado a Casa, e com ele havia ido o jovem Jean, que era irmão de Claire, a moça de quem já lhe falei.

Ninguém os havia visto sair, mas os registros mostravam que não fazia muito tempo que estavam ausentes, e que haviam seguido em direção à casa do Ferreiro.

Shonar pensou por um momento, então levantou-se e disse, "Habdi, meu filho, isto é para eu e você encararmos. Venha."

Assim seguiram. Passaram para fora daquele estado por uma porta na parede da esquerda; quando se olha em direção às montanhas, é a parede que vai do lado do Forte para as montanhas. A alguma distância dali estava a região onde trabalhava o Ferreiro.

Ele não estava em Casa, nem estavam os dois que deveriam ser encontrados pelas redondezas. Então Habdi disse, "Meu senhor Shonar, sinto-os a alguma distância daqui, cada um dos três. Mas há uma divisão entre eles; dois e um."

"É assim," respondeu Shonar, "os dois fugitivos ainda não chegaram ao seu amigo, mas estão indo com alguma pressa em direção a ele."

Então eles saíram novamente e vieram sobre os dois apressados ao longo da ravina. Eles estavam silenciosos a maior parte do tempo, mas de vez em quando um falava algumas poucas palavras para apressar o companheiro. Shonar e Habdi foram com eles de forma invisível, e rapidamente, tendo captado algo do que sucedia, seguiram em frente, deixando os dois apressados em seu caminho em frente.

Logo chegaram a um espaço aberto. Era uma planície ampla, e à esquerda havia um mar de águas salgadas. A luz aqui era muito mais escura que sobre a casa do Ferreiro.

Foram diretamente ao longo da margem e, enquanto iam, Shonar disse, "Meu filho, o Ferreiro permitiu que seu zelo sobrepujasse a sua sabedoria. Ele foi além dos limites em que o coloquei a trabalhar, e está em perigo lá, fora de suas condições e em lugar estranho."

"Por que ele agiu tão estranho, bom Shonar?" disse Habdi, e Shonar respondeu- lhe: "Eu já disse, meu filho. Foi por ter visto trabalho a ser feito lá, e não parou para considerar suas chances. Há mais uma questão ainda, Habdi meu filho, e que é mais trabalhosa para a sua solução. Como souberam, o Doutor e seu jovem companheiro, que o Ferreiro tinha necessidade de socorro?"

Eles seguiram algum tempo em silêncio. Finalmente Habdi disse, "meu bom pai, vem à minha mente que talvez eu possa ver luz neste problema."

"Somente talvez?"

"Estou ainda perplexo, bom Shonar. Posso colocar a chave na fechadura, mas ainda não posso virá-la."

"E que chave é essa que serve, e, contudo, não serve?"

"A chave é esta. Encontrei algo estranho entremeado nos elementos da composição do Doutor. Ele tem a faculdade da intuição. Por ela, ele me disse palavras estranhas enquanto andamos juntos pouco tempo atrás. Esta é a minha chave."

"Uma boa chave também, e feita para esta fechadura, digo eu. Mas o que a prende que não pode girar?"

"Penso que a sua intuição está voltada para as altas esferas, e não em direção a estas regiões mais escuras onde o Ferreiro trabalha."

"E nisso é onde a chave está presa? Meu filho, pode virá-la rapidamente se virar para a direita, em vez da esquerda. Se o Doutor tem contato de alguma intensidade com as esferas acima, então foi de lá que o comando de perigo veio a ele. Lembre-se, meu filho Habdi, que o Ferreiro tem na Clareira sua esposa e filhos. Há muito amor entre eles todos, e ela sentiu sua necessidade. Desta forma enviou uma palavra ao seu amigo, o Doutor."

Agora Shonar chegara à verdade do tema em geral. Mas se perdeu em um detalhe. A mensagem de socorro e cuidado de fato havia sido mandada por sua esposa e seus filhos, que reforçaram os poderes de transmissão com a ajuda de um grupo de amigos. A esposa havia sentido que seu querido estava tenso, e rapidamente enviou sua ajuda. Eles, porém, projetaram a mensagem dirigida diretamente ao Ferreiro. Mas a simpatia de espirito entre ele e o Doutor, seu amigo, favoreceu que este último interceptasse a mensagem ainda no ar. Ele pegou o sentido de "Ferreiro", "perigo", "ajuda" e coisas assim, e, buscando o jovem Jean, lançou-se em pronto socorro e partiu. Como fez Shonar, também eles saíram pela porta lateral, e portanto não foram vistos deixando a Casa.

Shonar veio até o Ferreiro, que estava em pé com suas costas em algumas rochas que estavam entre ele e o mar. Diante dele havia uma grande multidão de pessoas. Algumas estavam deitadas no chão, algumas em pé, e algumas subiram em outras rochas para vê-lo melhor.

Ainda invisível, eles se lançaram para perto e observaram o que estava acontecendo. O Ferreiro estava falando. Ele disse, "Vocês são muito numerosos, meus amigos, mas tenho um bom propósito. Vocês podem me machucar, verdadeiramente, mas não podem me matar."

"Também digo-lhes, quanto mais maldade fizerem, mais aumentarão o tamanho do caminho que há entre vocês e aqueles céus brilhantes dos quais lhes falei. Há agora mesmo três de vocês no Santuário, esperando por vocês."

Havia um homem em pé, à frente da multidão. Ele tinha a face mais escura que a maioria deles. E tinha mais força de caráter e de intelecto. Foi ele quem respondeu ao Ferreiro.

Ele disse, "Sim, nós já o tivemos como companhia antes, meu bom homem. Naquela vez, você me roubou aqueles três submissos meus. Mas isso foi quando nós vagávamos dentro dos limites consignados à sua jurisdição pelo Senhor no Forte. Aqui é você que deve ter se perdido e tem poderes menores por aqui. Também nem conhece bem por aqui."

O Ferreiro arguia e exortava com muita paciência. Ele lhes contou de como havia chegado tão longe, tendo os visto de além da ravina enquanto eles caminhavam para o mar. Ele os havia seguido para poder contar-lhes do progresso realizado por aqueles que tinham seguido antes deles.

Ele pediu que viessem com ele, e ele obteria uma saída para os três, para que viessem do Forte por algum caminho através da planície, e eles mesmos poderiam dar testemunho destas verdades. Alguns deles tinham em mente segui-lo. Mas seu líder segurou-os laçados pelo medo, e eles ficaram quietos, exceto por uma furtiva exclamação aqui e ali.

Então o líder falou novamente, "Agora estamos indo atravessar as águas para lá, porque nos falaram que além dali há uma terra de liberdade onde nenhum Senhor do Forte tem influência, e podemos fazer o que queremos, sem permissões ou proibições. E você deverá vir conosco como garantia."

"O que quer dizer, garantia?"

"A terra nos é estranha. A embaixada que veio até aqui falou-nos bastante e deu- nos uma boa descrição de seu país e povo. Mas nós não vamos mais nos aventurar. Pode ser que achemos perigo lá adiante. Se isso

acontecer, então mandaremos para seu poderoso Senhor certas palavras que vão apressá-lo em socorrer você, nosso provável socorrista. E quando isso acontecer, então tomaremos cuidado para que não vá sozinho."

Ele se virou e deu algumas ordens para os que estavam próximos a ele, e então se aproximou do Ferreiro e laçou-o. Ele poderia tê-los derrubado, já que eram todos fracos, exceto o seu líder, e somente ele era forte. Mas ele não opôs resistência a eles. Submeteu-se com mansidão à sua captura, e disse meramente:

"Meus amigos, devo fazê-los desistir desta grande tolice. A terra lá adiante é uma terra temível, e as palavras que lhes trouxeram aqueles que de lá vieram são falsas. Não obstante, se vão para lá, irei com vocês, porque pode ser que eu possa ajudá-los. Vocês são fracos de sabedoria e fracos de amor, mas não são totalmente maldosos. Pela mesma razão serão fracos lá, no meio dos que são, em sua própria região, fortes em maldade."

Habdi pôs sua mão sobre o braço de Shonar e disse: "Meu senhor Shonar, este sacrifício não pode ser feito. É grande demais. Vamos nos condicionar ao estado deles e detê-lo?"

Mas Shonar não se moveu. Ele estava olhando na direção da ravina. Habdi continuou, "Meu bom pai, eles já o têm no barco, e ele não faz resistência. Vão levá-lo embora, bom Shonar."

Shonar ainda não se movia, nem dava um sinal. Então Habdi disse, "O senhor não olha para cá, bom Shonar. Vejo como o colocaram a bordo, e os outros barcos estão se enchendo agora. Logo começarão a velejar. Não deveríamos socorrê-lo, Shonar?"

Então Shonar respondeu, "Não há necessidade de forma alguma, meu filho. Veja, estão chegando os outros dois. Tiraremos esta boa ação de quem busca por ela? Bravos companheiros, também, eles são. Veja como chegam correndo, e não temem o perigo."

Da direção da ravina, as duas figuras estavam avançando rapidamente.

Logo eles viram o que estava acontecendo, e apressaram-se ainda o que podiam. Não pensavam no perigo. Queriam dividi-lo com seu amigo. Mas quando chegaram mais perto, Habdi viu o que Shonar tinha em mente. Estes dois, o Doutor e Jean, haviam progredido muito desde a chegada ao Forte. Eram agora potencialmente da Esfera Três. Desta forma não acharam possível tomar rapidamente as condições desta região tão mais escura. O Ferreiro, por causa de sua moradia na Casa, foi capaz de fazê-lo, porque ali não era tão afastado das condições de sua terra além da ravina. Por isso ele apareceu como seus captores, e não estava mais brilhante que eles.

Mas estes outros dois, que vieram com tanta pressa para lá, estavam em outro aspecto. Eles estavam brilhantes o suficiente para serem vistos facilmente nesta região escura.

Quando se aproximaram, as pessoas saíram de todos os cantos e correram direto para os barcos. O Ferreiro viu, mas não os reconheceu logo, porque sua visão estava restrita, como era a de seus captores. Ele somente via dois homens de aspecto mais brilhante que os outros. Mas quando o Doutor falou, então ele o reconheceu e a seu companheiro.

O Doutor disse, "Venha do barco, bom amigo. Não mais será ferido. Mas por que permitiu tamanha afronta sobre si, o senhor que deveria ter deixado tudo de lado e voltar ileso?"

"Tenho um plano para agir assim, meu amigo," replicou o Ferreiro, "mas pensei um pouco, e disse para mim mesmo que não ajudaria estes pobres fracos desta maneira. Então parei. E, bom Doutor, e você, jovem senhor, saibam disso também... apesar de que, ao dizer isso, firo quem veio até aqui com seu bom intento. Não posso ir com vocês; somente com a licença deste homem ali, porque prometi ir com estas pessoas."

Nesta hora o líder foi capaz de endurecer-se para ser resoluto o suficiente no propósito e enfrentar o brilho maior dos recém chegados. Ele se aproximou até estar a três jardas de onde eles estavam. Ai ficou, porque a

proximidade da presença deles causou muito mal estar de corpo e mente. Então eles falaram que ele deveria soltar o Ferreiro por sua palavra, pois ele era amigo deles.

"E se eu não fizer o que desejam, senhores?"

"Então nós também iremos com vocês, em sua companhia na pesquisa que faz nas terras para lá," disse Jean; e o Doutor acrescentou, "Eu, no barco com você, e este meu jovem amigo no barco com o seu cativo."

Ambos aproximaram-se dele e seguraram-no com as mentes para que ele não se movesse. Sua face ficou distorcida pela dor, e suas costas dobraram-se de tanta tensão. A corrente de suas vibrações mais elevadas era como uma corrente de hidromel sobre uma ferida aberta. O hidromel é doce e agradável a um paladar saudável. Para um machucado aberto traz muita agonia.

Finalmente eles afrouxaram suas vontades um pouco, e ele pôde andar para se afastar deles alguns passos. Então o Doutor disse, "Agora vá lá para o barco, e afaste-se um pouco da margem."

Quando ele acabou de fazer isso, o Doutor falou à multidão que se encolhera de medo pelo que estava acontecendo, e pela visão da vergonha de seu tirano. Então o Doutor falou-lhes:

"Meus amigos, o que viram não precisa de palavras para explicar. Estamos indo, e estaremos no Chalé do Ferreiro por um tempo. Deixem os que têm coragem de seguir."

Assim os três amigos começaram a andar ao longo da margem em passos lentos.

Então Shonar disse, "Habdi, meu filho, aquele Doutor tem uma segurança de si mesmo que dá prazer de ver. Aqui, ele é um fugitivo de minha guarda e, por isso, reprovável. E aqui, ele prova a si mesmo ser um mestre de homens, para ser muito recomendado por sua habilidade e suas decisões rápidas. Aquele jovem Jean também se mostrou um bom seguidor

de seu amigo. Ademais, o Ferreiro está qualificado, da mesma forma, para uma reprimenda naquilo que se aventurou além dos limites que lhe demarquei. Uma bela escapada, esta, Habdi, meu filho. E eles três não parecem doentes de jeito nenhum. Veja você, agora, onde andam ali, os três com os braços despreocupadamente entrelaçados pelos ombros, parecendo três artigos defeituosos amarrados para uma feira. Sim, Habdi, um belo grupo esse. Bem, devemos achar ocupação que convenha aos seus poderes ampliados. Eles estão tolhidos em seu atual estágio de trabalho. Isto pelo menos posso ver com visão segura."

Agora, meu filho, você vai querer saber o que aconteceu até aqui. Contarei apenas alguns detalhes agora, porque suas forças estão exauridas esta noite, e você começa a amolecer um pouco no trabalho.

De toda aquela multidão, apenas metade seguiu a marca da sola dos sapatos do Ferreiro e seus amigos. Mas, daquela época em diante, o líder nunca mais foi capaz de impor sua autoridade sobre eles como antes. Eles pararam de temê-lo, e os que gostaram disso, seguiram seus caminhos. Alguns atravessaram o longo caminho através da ravina, e o Ferreiro os encontrou e os levou para cuidar. Outros vagaram por outros lugares. Somente alguns ficaram ainda na companhia daquele que foi um dia seu líder, os que eram espíritos afins a ele.

E do Doutor e Jean, eu falarei que ficaram apenas mais um pouco de tempo com o Ferreiro em sua Casa. Eles sabiam que haviam quebrado as regras e, com alguma vergonha, agora que sua ansiedade por seu amigo havia passado, apressaram-se em seguir até o Forte. Não reentraram nos jardins pela porta lateral. Sentiram que ficariam mais contentes por encarar o assunto de frente. Então, voltaram os gazeteiros prontos para assumirem suas faltas e levarem suas reprimendas. Desta forma entraram pelo caminho do Grande Portão.

Fim

GLOSSÁRIO

Shonar - que tem um papel principal nesta narrativa, é apresentado e descrito como sendo normalmente de uma estação mais elevada da esferas espirituais; mas ele renunciou esta dignidade a que tinha direito, para trabalhar entre os recém-chegados da terra, particularmente entre os que pelas próprias faltas encontram seu lugar dentro das regiões de escuridão dos "Planos Exteriores". Ele tem muitos séculos de serviço em sua conta, mas tem estado muito ativo especialmente nas épocas de distúrbio e revoluções da Terra - como, por exemplo, no reinado de Ivan, o Terrível, na Rússia; durante a Revolução Francesa; e no tempo de Henrique VIII, da Inglaterra. Seu trabalho consiste em lidar com as vítimas que são arrebatadas drasticamente para o próximo mundo, com suas mentes cheias de ódio e terror e pleiteando vingança.

Suas maneiras e aspecto, enquanto engajado neste trabalho, mostram uma mistura quase rude de ternura e força. Ele é alto, quase seis pés e três polegadas, e sua pele é como queimada pelo sol. Sobre seu cabelo, que é castanho escuro e cai cacheado até os ombros pelos dois lados de sua cabeça, ele usa uma faixa lisa de ouro velho. Sua túnica, não da seda usual, mas mais parecida com armadura em seu brilho, vai até o meio da perna, e é orlada com uma faixa vermelha. Exceto pelo cinturão de ouro velho, este é seu único enfeite, e seus braços e pernas são nus.

Arnel relata como Shonar visitou a esfera Sete para pedir trinta e cinco voluntários para ajudá-lo a lidar com algumas pessoas na esfera Três, que haviam acabado de chegar da terra por uma morte violenta.

Wulfhere - mãe de Shonar, foi posta como encarregada deste grupo de trabalhadores da esfera Sete, que voluntariamente ajudaram a multidão de recém chegados na Esfera Três que, tendo sido massacrados por seus opressores, retornariam ao plano terrestre e clamariam vingança de seus

inimigos ainda na carne, se deixados por si mesmos.

Ela é descrita como sendo quase da altura de Shonar. Sua face é de formato bonito e de bela compleição, seus olhos são azuis escuros, seus cabelos são quase negros e arrumados em tranças presas em sua cabeça. Sua personalidade é forte, e ela tem a aparência de estar pronta para a ação, mas seu caráter é lindo e doce.

James - um Espírito recém-chegado na vida espiritual, como a força de trabalho é contada lá, é, não obstante, uma das grandes almas que, não sendo contado como um dos grandes na terra, são avaliados em seu merecimento completo quando passam para o Futuro Estado. Por esta razão, ele foi rapidamente conduzido para a Esfera Sete, e logo pediu para que lhe fosse dado trabalho para cumprir perto da terra, entre os que estavam em condições tumultuadas. Ele, entretanto, trabalhou em todas as esferas entre a Sétima e a Quarta, senda a Quarta ponto mais baixo de saída, de onde ele partia para jornadas de recolhimento e socorro nos Planos exteriores escuros, e aonde retornava para descansar e aliviar as forças.

Ele estava com Wulfhere e Arnel quando encontraram Shonar no Porto Pedregoso, na Esfera Três, e recebeu dele as entorpecidas vítimas de um massacre na Terra. Tomou parte numa tarefa extremamente delicada de ajudar estas pessoas a desistirem da vingança que desejavam infligir sobre seus assassinos, e a voltarem-se aos seus futuros brilhantes. Isto foi cumprido sem riscos, exceto em poucos casos, e estas vítimas do ódio e da violência começaram a construir uma comunidade, organizada e conduzida pelo amor e tolerância. A Colônia rapidamente se desenvolveu, e mais tarde foi incorporada ao Povo da Clareira, governados e guiados por James, assistido pelo jovem Habdi, nas Esferas Três e Quatro.

Habdi - pela primeira vez mencionado como um pequeno menino de dez a doze verões, foi trazido por Ladena, uma senhora que trabalha no grupo de James, para a Esfera Três para encontrar sua mãe Mervyn, que finalmente

havia atingido esta condição, depois de experiências dolorosas da Terra e suas consequências. Ele a levou para as regiões mais brilhantes da Esfera Quatro, e para a Casa de James.

James e Habdi eram amigos chegados, e o menino foi motivo para reunir seu amigo e sua mãe, que amavam um ao outro agora como antes amaram-se na Terra, antes que as sombras da tragédia caíssem entre eles por um tempo.

Habdi desempenhou um papel importante no trato com as vítimas do massacre, porque ele recebeu as crianças quando elas foram acordadas, e também explicou aos espíritos mais turbulentos o que havia acontecido a eles, e o que deveriam fazer. Mais tarde, quando sua Colônia foi incorporada ao Povo da Clareira, ele serviu como Profeta, ou Intérprete, e neste tempo cresceu até ser um robusto jovem.

Enquanto trabalhou na esfera inferior aos seus, ele suprimiu seu brilho natural. Para o Povo da Clareira, na Esfera Quatro, ele aparece sendo alto, mas elegante de silhueta, seu cabelo é castanho e ondulado, e cai até seu pescoço, sendo preso na cabeça por um filete azul. Sua túnica azul de seda é tênue, e ele não usa sandálias. Em seu peito, onde o colar cai até embaixo, está colocada uma pedra cintilante como ouro branco, incrustada com rubis ao seu redor.

Castrel - que intervém para descrever para o Sr. Vale Owen o Santuário que acabara de visitar durante o sono, atua bastante no capítulo IV de "Os planos inferiores do Céu". Ele é referido como estando encarregado de um distrito e sua cidade Capital - cujo nome não é dado - situada entre as montanhas da esfera Sete. Pontos variados dos Escritos indicam que ele é de grau elevado.

Ele supervisiona várias faculdades de arte e ciência que circundam esta cidade, um centro de sabedoria e conhecimento. Ele e seus oficiais são descritos enquanto analisam as reportagens destes colégios, tabulando-os e,

quando necessário, testando-os nos laboratórios sob sua jurisdição.

www.luzespirita.org.br

Table of Contents

Índice
PREFÁCIO
COMO VIERAM AS MENSAGENS
    INTRODUÇÃO
LIVRO I - OS BAIXOS PLANOS DO CÉU
    I - OS BAIXOS PLANOS DO CÉU
    II - CENAS MAIS BRILHANTES
    III - DA TREVA PARA A LUZ
    IV - A CIDADE E O REINO DE CASTREL
    V - MINISTÉRIO ANGÉLICO
    VI - AS MENSAGENS DE ASTRIEL
LIVRO II. - AS ALTAS ESFERAS DO CÉU
    Amor Angélico
    I - INTRODUTÓRIO
    II - HOMENS E ANJOS
    III - O TERRENO E O CELESTE
    IV - TERRA, O VESTÍBULO DO CÉU
    V - A CIÊNCIA DOS CÉUS
    VI - O DIVINO ETERNO PRESENTE
    VII - OS ALTOS PLANOS DO CÉU
    VIII - VINDE, VÓS ABENÇOADOS, E HERDAI
LIVRO III - O MINISTÉRIO DO CÉU
    I - O MINISTÉRIO ANGÉLICO PARA A TERRA
    II - O SAPATEIRO
    III - COMUNICAÇÃO CONCERNENTE
    IV - O MINISTÉRIO ANGÉLICO NAS ESFERAS INFERIORES
    V - O SACRAMENTO DO CRISTO, DO CASAMENTO E DA MORTE
    VI - CHEGADAS À VIDA ESPIRITUAL E UMA MANIFESTAÇÃO DO CRISTO VENCEDOR
    VII - A DESCIDA E A ASCENSÃO DO CRISTO

VIII - EM DIREÇÃO À TERRA DA ESCURIDÃO. UMA MANIFESTAÇÃO DO CRISTO PIEDOSO E GLORIFICADO. UM CRISTO MENOR.
A CIDADE DAS MINAS
X - O RETORNO AO TEMPLO DO MONTE SAGRADO. UMA MANIFESTAÇÃO DO RÉGIO CRISTO. O POVO DE BARNABAS.
LIVRO IV - OS BATALHÕES DO CÉU
I - O TEMPLO DO MONTE SAGRADO
II - ANJOS GÊMEOS - CRIANÇAS NATIMORTAS
III - A UNIVERSIDADE DAS CINCO TORRES
IV - ALGUNS PRINCÍPIOS DA CIÊNCIA CRIADORA
V - AS HIERARQUIAS CRIADORAS E O CRISTO CRIADOR - O HINO DE LAMEL: TERRA, MARTE E OUTROS PLANETAS - A ESFERA CRÍSTICA - PARÁBOLA: O GATO E O FUNILEIRO - O PURGAR NAS ESFERAS INFERIORES
VI - OS EXÉRCITOS CELESTES DO CRISTO - A GUARDA AVANÇADA - O ARAUTO - A PASSAGEM DO CRISTO EM DIREÇÃO À TERRA
VII - COMO OS BATALHÕES DO CÉU LIDAM COM: CIÊNCIA TERRESTRE-RELIGIÃO-CRISTANDADE. O CRISTO DA TERRA. PARÁBOLA: VOVÓ E OS PLANETAS
VIII - POR QUE O CRISTO VEIO COMO HOMEM E NÃO COMO MULHER - O FUTURO DA FEMINIDADE - PARÁBOLA: O OURIVES E O DIAMANTE - A FEMINIDADE DO FUTURO - A MANIFESTAÇÃO CONTINUOU - O JOVEM CONQUISTADOR E SUA AMADA
IX - A EVOLUÇÃO FUTURA DA TERRA - PSICOMETRIA CÓSMICA - PLANETAS ETÉREOS - MANIFESTAÇÃO DO CRISTO CONSUMADO - O HINO CÓSMICO DAS COISAS NOS CÉUS, E COISAS NA TERRA, E COISAS DEBAIXO DA TERRA (Filipenses, 2, 10; Apoc. 5, 13)
LIVRO V - OS PLANOS EXTERIORES DO CÉU
PREFÁCIO DO LIVRO V
PRIMEIRA PARTE

I - AS CRIANÇAS DO CÉU
II - ÉPOCA DE NATAL: UM SANTUÁRIO CELESTE
III - FESTIVAL DO CRISTO CRIANÇA
IV - ADORAÇÃO E SERVIÇO
V - O EPISÓDIO DA FONTE
VI - CRIAÇÃO E CRESCIMENTO
VII - COMO SÃO TREINADAS AS CRIANÇAS
VIII - JOGOS QUE AS CRIANÇAS JOGAM
IX - O PORTAL DO REINO DE CRISTO
SEGUNDA PARTE
I - O PODER DE WULFHERE - SUBJUGA UMA REBELIÃO
II - O HOMEM E O SEU AMBIENTE
III - O RESULTADO DE UMA TRAGÉDIA NA TERRA
IV - DIAGNOSTICANDO RECÉM-CHEGADOS DA TERRA
V - O POVO DA CLAREIRA
VI - AS RELIGIÕES DA TERRA: Uma cena num leito de morte
VII - COMO UMA COLÔNIA PROGREDIU
VIII - AMPLIANDO E CONSTRUINDO
IX - TRABALHO NOS PLANOS UMBROSOS EXTERIORES
X - O FERREIRO FAZ REPARAÇÕES
XI - A VIDA NO FORTE
XII - FORA DE LAÇOS
GLOSSÁRIO